desenho | eurico | 1958

Eurico-58

HISTORIA

ORIENTAL

DE LAS PEREGRINACIONES DE FERNAN MENDEZ PINTO PORTVGVES, ADONDE SE ESCRIVEN muchas, y muy estrañas cosas que vio, y oyò en los Reynos de la China, Tartaria, Sornao, que vulgarmente se llama Siam, Calaminam, Peguu, Martauan, y otros muchos de aquellas partes Orientales, de que en estas nuestras de Occidente ay muy poca, ò ninguna noticia.

CASOS FAMOSOS, ACONTECIMIENTOS ADMIRABLES, leyes, gouierno, trages, Religion, y costumbres de aquellos Gentiles de Asia.

TRADVZIDO DE PORTVGVES EN CASTELLANO POR el Licenciado Francisco de Herrera Maldonado, Canonigo de la santa Iglesia Real de Arbas.

AL EXCELENTISSIMO SEÑOR DON DVARTE, MARQVES de Flechilla, y Villarramiel, Marques de Malagon, señor de las villas de [illegible], la Porcuna, y Hernancauallero, Alferez mayor de la Orden y Caualleria de Alcantara, y Comendador de Castilnovo.

Año 1620.

CON PRIVILEGIO.

En Madrid, Por Tomas de Iunta, Impressor del Rey nuestro señor.

Impresso a costa de Manuel Rodriguez, Mercader de Libros. Vendese en su casa, frontero de San Basilio, y en Palacio.

frontispício da primeira edição castelhana | 1620
biblioteca nacional, madrid

LES

VOYAGES

ADVANTVREVX

DE

FERNAND

MENDEZ PINTO.

FIDELEMENT TRADVICTS DE
Portugais en François par le Sieur BERNARD
FIGVIER Gentil-homme Portugais.

ET DEDIEZ A MONSEIGNEUR
LE CARDINAL DE RICHELIEV.

LE CONTENV DE LA PRESENTE
Histoire se verra à la page suiuante.

A PARIS,
Chez MATHVRIN HENAVLT, ruë Clopin, deuant
le petit Nauarre: & à sa boutique en la Cour du
Palais, à costé de la Chappelle sainct
Michel, proche la Fontaine.

M. DC. XXVIII.

Auec Priuilege du Roy.

frontispício da primeira edição francesa | 1628
bibliothèque nationale, paris

DE WONDERLYKE

REIZEN

VAN

FERNANDO MENDEZ PINTO,

Die hy in de tijt van eenëntwintig Jaren in *Europa*, *Asia* en *Afrika*,
in de Koninkrijken en Landen van *Abissyna*, *China*, *Iapon*, *Tartarien*,
Siam, *Calaminham*, *Pegu*, *Martabane*, *Bengale*, *Brama*, *Ormus*, *Batas*, *Queda*,
Aru, *Pan*, *Ainan*, *Calempluy*, *Cochinchina*, en byna ontellijke
andere Landen en plaatsen gedaan heeft.

DAAR IN

Hy beschrijft de schriklijke noden en gevaarlijkheden, die hy ter
Zee en te Lant uitgestaan heeft, en verhaalt dat hy dartien malen
gevangen heeft geweest, en zeventien malen verkocht is, en
veel schipbreuken geleden heeft.

Met een naaukeurige Beschrijving van de wonderen en vreemdigheden
van die Landen, de Wetten, zeden en gewoonten van die Volken,
en de grote Macht en Heirkrachten der Inwoonders.

Nieuwelijks door J. H. GLAZEMAKER vertaalt, en met eierlijke
kopere Platen verciert.

t'AMSTERDAM,

Door JAN RIEUWERTSZ. en JAN HENDRIKSZ.
Boekverkopers. 1652.

frontispício da primeira edição neerlandese | 1652
koninklijke bibliotheek, haia

THE

VOYAGES

AND

ADVENTURES,

OF

Fernand Mendez Pinto,

A *Portugal*: During his

TRAVELS

for the ſpace of one and twenty years in
The Kingdoms of Ethiopia, China, Tartaria, Cauchin-china, Calaminham, Siam, Pegu, Japan, and a great part of the Eaſt-Indiaes.

With a *Relation* and *Deſcription* of moſt of the Places thereof; their Religion, Laws, Riches, Cuſtoms, and Government in time of Peace and War.

Where he five times ſuffered Shipwrack, was ſixteen times ſold, and thirteen times made a Slave.

Written Originally by himſelf in the Portugal Tongue, and Dedicated to the
Majeſty of Philip King of Spain.

Done into Engliſh by *H. C.* Gent.

LONDON,
Printed by *J. Macock*, for *Henry Cripps*, and *Lodowick Lloyd*, and are to be ſold at their ſhop in *Popes head Alley* neer *Lumbar-ſtreet*. 1653.

frontispício da primeira edição inglesa | 1653
instituto britânico, lisboa

Die wunderliche Reisen
FERDINANDI MENDEZ
PINTO
so er in ein und zwantzig Jahren durch
Europa, Asia und Africa gethan/
und auf denselben dreyzehen mahl
gefangen und siebenzehen mahl
verkaufft worden.

Amsterdam
bey Henrich und Dietrich Boom, Buchhändlern 1671

frontispício da primeira edição alemã | 1671 | impr. em amsterdam
hessische landesbibliothek, fulda

Licenças.

E [illegible] peregrinação de Fernão Mendes Pinto não tem cousa alguã contra a nossa santa Fé ou bõs costumes [illegible] historia muyto boa, chea de muyta variedade & nouidades, por as quais partes he [illegible] porque a nouidade (segundo [illegible] philosopho) deleita, & a variedade como afirma S. Augustinho [illegible] se pode imprimir. Em S. Domingos de Lisboa a 15. de Mayo de 613.

Fr. Manoel Coelho.

Vista a informação podese imprimir este liuro cujo titulo he Peregrinação de Fernão Mendez Pinto, & depois de impresso tornara a este conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella não correrà. Em Lisboa 11. de Iunho de 613.

Marcos Teixeira. *Ruy Pirez da Veiga.*

Podese imprimir este liuro da Peregrinação de Fernão Mendez. E depois de impresso nam correrà sem tornar a esta mesa pera se taxar. Em Lisboa a 16. de Iunho de 613.

Sebastiam Barbosa. *Luys Machado de Gouuea.*

Podese imprimir vista a licença do santo Officio a 25. de Agosto de 613.

Sarayua.

PRIVILEGIO.

EV el Rey faço saber aos que este aluara virem que o Prouedor & Irmãos da casa pia das penitentes desta cidade me enuiarão dizer por sua petição que eu lhes fizera merce de licença para se imprimir o liuro da historia da perigrinação de Fernão Mendez Pinto que hũas filhas suas deixarão à ditta casa por ja estar approuado & reuisto pelo sancto officio & pelo ordinario, & porque se estaua imprimindo me pedião lhes fizesse merce de lhes conceder priuilegio na forma costumada, paraq̃ nenhũa pessoa nem liureyro o possa imprimir sem licença delles supplicantes, & visto seu requerimento & por fazer merce por esmolla à ditta casa ey por bem, & me praz que por tẽpe de dez annos, imprimidor, liureiro, nem outra algũa pessoa de qualquer qualidade q̃ seja possa imprimir, nem vender, em todos estes reynos & senhorios, nem trazer de fora delles o dito liuro, senão os impressores, liureiros, ou pessoas que para isso tiuerem licença dos dittos Prouedor & Irmãos da ditta casa, & qualquer impressor, liureiro, ou pessoa que durando o dito tempo de dez annos, imprimir, ou vender o dito liuro, nos ditos meus reynos & senhorios, ou o trouxer de fora delles sem a dita licença, perderà para elles todos os volumes que assi imprimir, vender, ou trouxer de fora, & alem disso encorrerà em pena de cem cruzados, a metade para o dito Prouedor & Irmãos, & a outra ametade para quem o accusar, & mando ás justiças, officiaes, & pessoas a que o conhecimento disto pretencer que cumprão & guardem este aluarà como se nelle contem, o qual serà impresso & encadernado no principio de cada volume do dito liuro, & quero que valha, tenha força & vigor, posto que o effeito delle aja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação encontrario. Miguel d'Azeuedo o fez em Lisboa a seis de Nouembro de mil seiscentos & treze. Ioão da Costa o fez escreuer.

REY.

DEDI-

licenças e privilégio real da primeira edição | 1614
biblioteca nacional, lisboa

versão para português actual de
MARIA ALBERTA MENÉRES

comentários de
ALMEIDA FARIA
ARMANDO CASTRO
ARMANDO M. JANEIRA
EDUARDO LOURENÇO
EDUARDO P. COELHO
VÍTOR SILVA TAVARES

maqueta da colecção de
PAULO - GUILHERME

arranjo gráfico do volume de
JOSÉ MARQUES DE ABREU

edição e direitos
FERNANDO RIBEIRO DE MELLO/
/EDIÇÕES AFRODITE
novembro 1979

FERNÃO MENDES PINTO

peregrinação 2

2.ª EDIÇÃO

EDIÇÕES AFRODITE
fernando ribeiro de mello

126

do caminho que fizemos desta cidade de tuymicão até chegarmos ao terreiro das caveiras dos mortos

Partidos nós aos nove dias do mês de Maio do ano de 1544, desta cidade de Tuymicão, fomos aquele dia já quase noite dormir a uns estudos que se chamavam Guatipanor, em um pagode de nome Naypatim, nos quais os embaixadores ambos foram bem agasalhados pelo tuyxivau da casa, que era o reitor deles. E quando ao outro dia foi manhã clara, seguiram seu caminho pelo rio abaixo, cada um em sua embarcação, fora outras duas em que levavam sua fardagem. E sendo passadas duas horas depois da tarde, chegámos a uma cidade pequena de nome Puxanguim, bem fortalecida com torres e baluartes ao nosso modo, e cavas largas com três pontes de cantaria muito fortes, e grande soma de arti-

lharia de pau, como bombas de navios; sòmente os vasos dos leitos em que se atacavam as câmaras eram chapeados de ferro e atiravam pelouros como de falcões e meias esperas. E perguntando nós aos embaixadores quem inventava aquele modo de tiros, nos disseram que uma gente que se chamava alimanis, de uma terra de nome Muscó, que por um lago de água salgada muito grande e fundo ali viera ter em nove embarcações de remo, em companhia de uma mulher viúva, senhora de um lugar a que chamavam Guaytor, a quem um rei da Dinamarca diziam que lançara fora da sua terra; e vindo ali ter fugida com três filhos seus, o bisavô deste rei tártaro os fizera grandes senhores e os casara com parentes suas, dos quais agora procediam as principais casas daquele império.

Ao outro dia pela manhã nos partimos desta cidade, e fomos dormir a outra muito mais nobre, de nome Linxau. E seguindo mais cinco dias nossa viagem por este rio abaixo, fomos um sábado pela manhã ter a um grande templo de nome Singuafatur, o qual tinha uma cerca que seria de mais de uma légua em roda, dentro da qual estavam fabricadas cento e sessenta e quatro casas muito compridas e largas, a modo de terecenas, todas cheias até aos telhados, de caveiras de gente morta, os quais eram tantas e em tanta quantidade que receio muito dizê-lo, tanto por ser coisa que se poderia mal crer, como pelo abuso e cegueira destes miseráveis.

Fora de cada uma destas casas estavam os ossos das caveiras que estavam dentro dela, postos em rimas tão altas que sobrepujavam o cimo dos telhados, mais de três braças, de maneira que a mesma casa ficava metida debaixo de toda esta ossada, sem aparecer mais que sòmente a frontaria em que estava a porta. Sobre um teso que a terra fazia para a banda do sul, estava feito um terreiro alto, fechado todo com nove ordens de grades de ferro, para o qual se subia por quatro entradas. Dentro deste terreiro estava posto em pé,

encostado a um cubelo de cantaria muito forte e alto, o mais disforme e espantoso monstro de ferro coado que os homens podem imaginar, o qual tomado assim a esmo, julgava que seria de mais de trinta braças em alto e seis de largo, e nesta tamanha disformidade era muito bem proporcionado em todos os membros, salvo na cabeça que era um pouco pequena para tamanho corpo, o qual monstro sustentava em ambas as mãos um pelouro do mesmo ferro coado, de trinta e seis palmos em roda.

A significação desta estranha monstruosidade perguntámos nós ao embaixador tártaro, o qual nos respondeu:

— Se vós outros soubésseis a conta deste Deus forte, e quão necessário vos será tê-lo por amigo, haveríeis por bem empregado dar-lhe tudo o que tendes, antes que aos vossos próprios filhos, porque haveis de saber que este grande santo que aqui vedes é o tesoureiro de todos os ossos de quantos nasceram no mundo, para no derradeiro dia de todos os dias, quando os homens hão-de tornar a nascer de novo, dar a cada carne os ossos que deixou na terra, porque conhece todos, e sabe particularmente de que carne foi cada ossada daquelas; e àquele triste que nesta vida foi tão mofino que lhe não fez honra nem lhe deu esmola, dar-lhe-á os mais pobres ossos que achar no chão para que viva sempre enfermo, ou lhe dará um osso ou dois menos, para que fique manco, ou aleijado, ou torto, e por isso vós outros, por meu conselho, fazei-vos aqui seus confrades e oferecei-lhe alguma coisa, e vós vereis o bem que daí se vos segue.

Também lhe perguntámos para que era aquele pelouro que tinha nas mãos, e nos respondeu que para dar com ele na cabeça à serpe tragadora que vivia na côncava funda da casa do fumo, quando os quisesse vir roubar. Após isto, lhe tornámos a perguntar pelo nome daquele monstro, e nos disse que era Pachinarau dubeculem pinanfaqué, o qual havia setenta e quatro mil anos que nascera de uma tarta-

ruga de nome Mijanga, e de um cavalo-marinho de cento e trinta braças de comprido, que se chamava Tibrenvucão, que fora rei dos gigauhós de Fanjus. E destas patranhas e bestialidades nos contou outras muitas que têm para si, com que o demónio os leva todos ao inferno a que eles chamam côncava funda da casa do fumo.

Afirmou-nos também este embaixador que sòmente das esmolas dos seus confrades, passava de duzentos mil taéis de renda cada ano, fora as propriedades das capelas dos jazigos nobres, que, separadas por si, faziam outra muito maior quantidade de renda que esta das esmolas, e que tinha de ordinário doze mil sacerdotes a que se dava de comer e vestir, que, como merceeiros eram obrigados a rezar pelos defuntos daqueles ossos, os quais não saíam fora daquela cerca sem licença dos seus chisangués a quem obedeciam; mas que de fora ainda havia seiscentos servidores que lhes negociavam o necessário; aos quais sacerdotes, uma só vez no ano se lhes permitia quebrarem a castidade dentro daquela cerca, mas que fora dela o podiam fazer sempre e com quem quisessem, sem incorrerem em pecado, e que para isso tinham também seus encerramentos onde tinham muitas mulheres reservadas para isto, as quais com licença de suas libangus, que são as prioresas, se não negam aos sacerdotes desta bestial e diabólica seita.

127

do caminho que fizemos até chegarmos à cidade de quanginau, e do que nela vimos

Seguindo nosso caminho deste pagode para diante, fomos ao outro dia ter a uma cidade muito nobre que estava à borda do rio, de nome Quanginau, na qual estes embaixadores ambos se detiveram três dias, provendo-se de algumas coisas de que já vinham faltos, e vendo umas festas que se faziam à entrada, do Talapicor de Lechune, que é entre eles como papa, o qual ia visitar el-rei e consolá-lo pelo mau sucesso que tivera na China. Este Talapicor, entre algumas honras e mercês que fez aos moradores desta cidade para lhes satisfazer o muito que gastaram no recebimento que lhe fizeram, foi conceder-lhes que pudessem ser sacerdotes e ministrar sacrifícios onde quer que se achassem, para lhes darem por isso seu estipêndio, como aos outros que foram feitos por exame, e que pudessem também passar escritos como letras de câmbio, para no céu darem dinheiro aos que lhes cá fizessem bem. E ao embaixador da Cochinchina, por ser estrangeiro, concedeu que na sua terra pudesse legitimar por novos parentescos os que por isso lhe dessem dinheiro, e dar nomes de títulos honrosos aos senhores da corte, assim como el-rei o fazia, de que o triste embaixador se houve por tão honrado, e a vaidade que tomou por isto o fez tão alheio de sua condição (porque naturalmente era apertado) que o fez ali gastar em esmolas que deu aos sacerdotes, tudo quanto levava de seu, e, não contente ainda com isto, nos tomou também a câmbio os dois mil taéis que

el-rei nos tinha dado, de que depois nos deu de interesse quinze por cento. E querendo-se estes embaixadores partir, foram visitar o Talapicor a um pagode onde estava aposentado, porque por ser grandioso e tido em reputação de santo, não podia pousar com nenhum homem senão com el-rei sòmente. Porém ele lhes mandou que se não fossem aquele dia porque havia ele de pregar em um templo de religiosas, da invocação de Pontimaqueu, o que eles tiveram por muito grande honra, e dali se foram logo para o pagode onde se havia de fazer o sermão, onde era tanta a gente, em tanta maneira, que foi necessário mudar-se o agrém, que era o púlpito, para um terreiro muito grande, o qual em menos de uma hora foi todo cercado, em roda, de palanques toldados de panos de seda, em que estavam as mulheres e filhas dos nobres, ricamente vestidas, e doutra parte estava a Vangueneräu, que era a prioresa, com todas as menigrepas do pagode, que eram mais de trezentas; e subido o Talapicor no agrém, depois de mostrar no exterior muitos gostos e meneios de santidade, pondo de quando em quando os olhos no céu, com as mãos levantadas, começou seu intróito dizendo:

—Faxitinau hinagor datirem, voremidané datur natigão filau impacur coilouzaa patigão, etc.,—o que quer dizer:—Assim como por natureza a água lava tudo, e o Sol aquenta as criaturas, assim é próprio em Deus, por natureza celeste, fazer bem a todos. Pelo que uns e outros somos muito obrigados a imitarmos este Senhor que nos criou e nos sustenta, com fazermos, geralmente aos faltos do bem do mundo, aquilo que queríamos que nos fizessem a nós, visto que nesta obra lhe agradamos muito mais que em todas as outras, porque assim como o bom pai folga quando vê que lhe convidam seus filhos, assim folga este Senhor, pai verdadeiro de todos, quando com zelo de caridade nos comunicamos uns com os outros. Pelo que está visto e claro que o avarento que fecha a mão para aqueles a que a necessidade obriga a pedir o que lhes falta e lhes é necessário,

e torce o focinho para outra parte sem lhes dar remédio, assim há-de ser torcido por juízo de Deus no charco da noite onde continuamente bradará como rã, atormentado na fome de sua avareza. Pelo que vos admoesto e mando a todos que, pois tendes orelhas, que me ouçais, e façais o que a lei do Senhor vos obriga, que é dardes do vosso sobejo aos pobres a quem falta o remédio para se sustentarem, para que Deus vos não falte no derradeiro bocejo da vida. E seja esta caridade em vós tão vista e tão geral que até os passarinhos do ar sintam esta vossa liberalidade a que a lei do Senhor vos obriga, para que a falta do vosso sobejo os não constranja a tomarem o alheio, em cujo pecado vós sereis tão culpados como se matásseis um menino no berço. E recomendo-vos que vos lembre o que está escrito nos volumes da nossa verdade acerca dos bens que haveis de fazer aos sacerdotes que rogam por vós, para que se não percam à míngua do que lhes não dais, o que será ante Deus tamanho pecado como se matásseis uma vaca branca estando mamando na teta da mãe, em cuja morte morrem mil almas que, nela, como em casa de ouro, estão sepultadas esperando o dia da sua promessa, em que serão tornadas em pérolas brancas para bailarem no céu como os argueiros nas réstias do Sol.

E assim com estas ruins razões e outras muitas tão ruins como elas, se veio a afervorar de tal maneira e a dizer tantos desatinos que nós os oito portugueses estávamos pasmados da devoção daquela gente e de como todos estavam prontos e com as mãos alevantadas, dizendo de quando em quando: «Taximida», que quer dizer: «Assim o cremos».

Um dos da nossa companhia, de nome Vicente Morosa, quando estes ouvintes em certos passos diziam «Taximida», dizia também «Tal seja tua vida», e isto com tanta graça nos meneios e com um semblante tão sisudo e sem nenhum movimento de riso, que não havia nenhum de quantos estavam no auditório que se pudesse ter com o riso, e só ele

não fazia de si nenhuma mudança, mas ficava sempre muito seguro fingindo que chorava com devoção, e sempre com os olhos postos no Talapicor, o qual quando olhou para ele, não se pôde ter que não fizesse também o que os outros faziam, de maneira que no fim da pregação, tanto no que pregava como nos ouvintes, se soltou num riso com tanto gosto que até a Vanganarau, com todas as menigrepas da religião, não havia coisa que as pudesse tornar a meter na autoridade com que primeiro estavam, tendo todos para si que o português fazia aquilo com devoção e em todo seu siso; porque na verdade se entendessem que o fazia zombando ou por desprezo, quiçá que fora muito bem castigado.

Após isto, se recolheu o Talapicor para o pagode onde pousava, acompanhado de toda a gente honrada e dos embaixadores, e de caminho foi gabando a devoção do português, dizendo:

— Até estes, ainda que bestiais e sem conhecimento da nossa verdade, não deixam de sentir que é coisa santa o que me ouviram.»

A que todos responderam que era assim, sem falta nenhuma.

128

do caminho que fizemos desta cidade de quanginau, até à cidade de xolor, e do que nela vimos

Logo ao outro dia nos partimos desta cidade de Quanginau e seguimos nosso caminho por este rio abaixo, por espaço de quatro dias, vendo em todos eles muitas povoações e lugares grandes que estavam ao longo da água, e no fim dos quatro dias chegámos a uma cidade que se chamava Lechune, que é cabeça da falsa religião desta gentilidade, como o é Roma entre nós, na qual está um templo muito sumptuoso e de edifícios muito notáveis em que estão sepultados vinte e sete reis ou imperadores desta tártara monarquia, em jazigos de capelas muito ricas, tanto por serem lavradas de obra muito custosa, como por serem todas forradas de prata, onde havia uma grande quantidade de ídolos de diferentes naturezas, também feitos de prata.

Para a parte do norte, um pouco afastada deste templo, estava uma notável cerca, tão grande como forte, dentro da qual estavam edificados duzentos e oitenta mosteiros dedicados aos seus pagodes, tanto de homens como de mulheres, nos quais nos afirmavam que havia quarenta e dois mil sacerdotes e menigrepos, fora os ministros que serviam de fora, de que também era uma grande quantidade. Por entre estas duzentas e oitenta casas, havia infinitas colunas de bronze. e em cima de cada uma delas estava um ídolo do mesmo bronze dourado, e alguns destes ídolos eram de prata, que são as estátuas dos que eles nas suas seitas tive-

ram por santos, e de que contam grandes patranhas; e segundo os quilates das virtudes em que cada um exercitou a vida, assim lhe fazem a estátua mais ou menos dourada e rica, para que os vivos que os virem assim honrados, se incitem e animem a os imitarem, para que depois de mortos lhes façam a eles outro tanto.

Num destes mosteiros que digo, da invocação do Quiay Frigau, Deus dos átomos do Sol, em um rico aposento estava uma irmã de el-rei, viúva, que fora mulher do Rajá Benão, príncipe de Pafuá, a qual por morte de seu marido se metera ali em religião com seis mil mulheres que trouxera consigo, e por grau mais honroso que todos, se intitulava «vassoura da casa de Deus». A esta mulher foram ver os embaixadores, e lhe beijaram o pé como a santa, e ela os recebeu afàvelmente, e com palavras discretas lhes perguntou miùdamente por algumas coisas de que eles lhe deram razão. Olhando então para nós, que ficámos um pouco mais afastados, e entendendo que éramos gente nova naquela terra, perguntou aos embaixadores de que nação éramos, a que eles responderam que de uma terra do cabo do mundo, a que se não sabia o nome, de que ela fez um grande espanto. E mandando-nos chegar junto de si, nos perguntou muitas coisas, a que respondemos como era razão, o que ela e todas as mais que estavam presentes, folgaram muito de ouvir; e espantada a rainha, das respostas que um dos nossos lhe dava, disse:

— Falam como homens que se criaram entre gente que viu mais do mundo que nós.

E depois de se deter connosco um pequeno espaço, em algumas perguntas, nos despediu com boas palavras e nos mandou dar cem taéis de esmola.

Despedidos os embaixadores, dela, seguiram sua rota por este rio abaixo, e ao cabo de cinco dias chegámos a uma

grande cidade de nome Rendacalem, que estava no extremo do reino da Tartária, e dali por diante começa o senhorio de Xinaleygrau, pelo qual caminhámos mais quatro dias até chegarmos a uma povoação a que chamavam Voulem, onde os embaixadores ambos foram bem recebidos do senhor da terra, e providos do necessário para sua viagem e de pilotos para aqueles rios. Daqui seguiram sua rota mais sete dias, sem em todos eles vermos coisa de que se pudesse fazer caso, no fim dos quais abocámos por um esteiro a que chamavam Quatanqur, pelo qual os pilotos entraram, tanto para encurtarem o caminho como para se arredarem de se irem encontrar com um famoso corsário que tinha roubado a maior parte daquela terra. E correndo por este esteiro a leste e a lés-nordeste, e em partes a lés-sueste, conforme as quedas por onde a água fazia sua evasão, chegámos ao lago de Singapamor, que os naturais da terra nomeiam por Cunebeté, que segundo a informação que nos deram, tinha em roda trinta e seis léguas, no qual vimos tanta diversidade de aves de toda a sorte, que me não atrevo a podê-lo dizer.

Deste lago de Singapamor, que a natureza por obra admirável abriu no coração desta terra, saem quatro rios muito largos e fundos, um de nome Ventrau, que corta direito a oeste toda a terra do Sornau de Sião, e faz sua entrada no mar pela barra de Chiamtabu, em vinte e seis graus; outro, que se chama Jangumá, cortando ao sul e ao sueste, e atravessando muito grande parte da terra, como é o reino do Chiammay, os Laos, os Guéus, e alguma parte do Dambambu, entra no mar pela barra de Martavão, no reino de Pegu — e há de distância de um ao outro, pela graduação de seus climas, mais de setecentas léguas; o terceiro rio, de nome Punfileu, corta pela mesma maneira todo o Capimper, e Sacotay, e voltando por cima deste segundo rio, corre todo o império do Monginoco, com alguma parte do Meleytay, e Sovady, e vai fazer sua entrada no mar pela barra de Cosmim, junto de Arracão; e do quarto rio, que também é do teor de cada um destes, nos não souberam

dar razão os embaixadores, mas presume-se, segundo a opinião dos mais, que é o Ganges de Sategão, no reino de Bengala. De modo que estes quatro rios se tem que são os maiores de quantos até agora se sabem, em tudo o que é descoberto naquelas partes orientais. E deste lago para diante é a terra já menos povoada que toda a outra por onde passámos.

Seguindo daqui nosso caminho para diante, por espaço de mais sete dias, chegámos a um lugar, de nome Caleypute, no qual os moradores dele nos não consentiram sair em terra, e querendo os embaixadores porfiar na desembarcação, os trataram tão mal com pedradas e arremessos de saligues e paus tostados, que já quando nos vimos livres deles, houvemos que nos fizera Deus muita mercê. E partindo-nos daqui assaz enfadados e maltratados, e sobretudo muito faltos do necessário, navegámos por conselho dos pilotos por outro rio mais largo que o esteiro que tínhamos deixado, por tempo de nove dias, no fim dos quais prouve a Deus que chegámos a uma boa povoação a que chamavam Tarem, cujo senhor era súbdito do Cauchim, que recebeu este embaixador com mostras de grande amizade, e o proveu de todo o necessário em muito abastança.

Daqui nos partimos logo ao outro dia já quase sol-posto, e continuámos nosso caminho por este rio abaixo mais sete dias, até que chegámos a uma boa cidade chamada Xolor, na qual se faz toda a porcelana adamascada que vai ter à China. Aqui estiveram os embaixadores cinco dias, nos quais mandaram varar as quatro embarcações que levavam, por já a este tempo irem muito zorreiras e cheias de busano. E enquanto se estendeu em se prover o necessário, foram os embaixadores ver umas minas que o rei do Cauchim aqui tem, das quais se tirava grande quantidade de prata, que em carretas levavam para a fundição, em que trabalhavam mais de mil homens, fora os das minas, que eram muito

mais. E perguntando ali os embaixadores que cópia se tirava ali de prata cada ano, lhes foi respondido que seis mil picos, que fazem oito mil quintais da nossa moeda.

129

do que passámos depois que partimos desta cidade de xolor até que chegámos onde estava el-rei da cochinchina

Desta cidade de Xolor, continuámos nossas jornadas mais cinco dias por este grande rio, vendo sempre em todos eles muitos e muitos nobres lugares que ao longo dele estavam, porque já aqui neste clima é a terra muito melhor, mais povoada, rica e abastada, e os rios muito frequentados de grande multidão de embarcações de remo, e os campos cultivados de trigos, arrozes, e de toda a sorte de legumes e canaviais de açúcar muito grandes, de que toda esta terra é muito abundante. A gente nobre anda vestida de seda, em cavalos bem ajaezados, e as mulheres são muito alvas e formosas.

Estes dois esteiros e o rio de Ventinau de que atrás fiz menção, passámos com muito trabalho e perigo, por causa dos muitos corsários que havia neles, e chegámos à cidade de Manaquileu, que está situada ao pé dos montes de Comhay na raia dos reinos da China e do Cauchim, na qual estes embaixadores foram bem recebidos pelo capitão dela. Daqui se partiram logo ao outro dia pela manhã cedo, e foram dormir a uma cidade a que chamavam Tinanquaxy, na

qual foram ambos visitar uma tia de el-rei, senhora dela, que lhes fez bom gasalhado e lhes deu por nova que el-rei seu sobrinho era já vindo da guerra dos tinocouhós, e muito contente do bom sucesso que nela tivera, e outras particularidades que folgaram muito em saber, principalmente quando lhes disse que el-rei depois de despedida toda a gente que trouxera consigo, se passara aforrado a Fanaugrem, onde havia já quase um mês que estava ocupado em caças e pescarias, e com tenção de ir invernar a Uzangué, que é a metrópole deste império cauchim. E havido entre ambos conselho sobre esta nova, assentaram em mandarem as embarcações todas quatro a Uzangué, e eles ambos com poucos dos seus irem-se por terra a Tanaugrem onde tinham por novas que el-rei estava, o que logo se pôs em efeito, com o parecer também desta princesa, a qual lhes mandou dar todas as cavalgaduras que houveram mister para si e para os seus, e oito badas para levarem o seu fato.

E partindo-se dali a três dias, depois de serem andadas oitenta e seis léguas, em que puseram treze dias com assaz de trabalho, por causa de alguns montes agros e serranias muito grandes que atravessaram, foram ter a um aposento grande a que se chamava Taraudachit, que estava à borda de um rio, onde se agasalharam aquela noite. E quando ao outro dia foi manhã, se partiram para uma vila a que chamavam Lindau panó, onde foram bem agasalhados do capitão dela, que era parente do embaixador da Cochinchina, o qual havia só cinco dias que chegara de Fanaugrem onde el-rei ficava, que era dali a quinze léguas.

Este capitão, depois que contou a este embaixador seu parente, algumas novas da corte e dos sucessos da guerra, lhe deu também por novas que um seu genro era falecido, por cuja morte sua filha, que era mulher do morto, se queimara também logo, de que seus parentes todos estavam muito consolados por ela mostrar nesta fineza que fizera, quem

sempre fora. E o mesmo embaixador, pai da morta, se mostrou também disto muito satisfeito, dizendo:

— Agora, filha, que sei que és santa e estás servindo teu marido no céu, te prometo e juro por essa fineza em que mostraste o real sangue donde procedes, te mandar fazer em memória de tua bondade, uma casa de nome tão honroso que tu desejes vir de lá onde estás, a recrear-te nela, como aquelas almas que temos para nós que já antigamente fizeram o mesmo.

E com isto se deixou cair em terra, de bruços, com o rosto no chão, onde esteve até ao outro dia, em que foi visitado de todos os religiosos daquela terra, que o consolaram com muitas palavras, afirmando-lhe que sua filha era santa, e como a tal lhe podia mandar fazer estátua de prata, porque todos eles lhe davam licença para isso, o que ele estimou grandemente e lhes deu por isso muitos agradecimentos, e os proveu com dinheiro, e assim também a todos os pobres que havia na terra.

Neste lugar nos detivemos nove dias, celebrando ele as exéquias desta defunta, e ao cabo deles nos partimos, e ao outro dia fomos ter a uma abadia chamada Latiparau, que quer dizer «remédio de pobres», na qual os embaixadores ambos se detiveram três dias esperando por recado de el-rei, a quem já tinham mandado dar conta da sua vinda, o qual lhes mandou que fossem para uma vila mais adiante três léguas, que era a uma só de Fanaugrem, a que chamavam Agimpur, onde os mandaria buscar a ambos, quando fosse tempo.

130

do recebimento que este rei da cochinchina fez ao embaixador da tartária na vila de fanaugrém

Sendo el-rei avisado pelo seu embaixador, como trazia consigo estoutro do rei da Tartária, o mandou logo ao outro dia buscar a esta vila de Agimpur onde estava alojado, por um seu cunhado, irmão da rainha sua mulher, príncipe muito valoroso e de muita renda, que se chamava Passilau Vacão, o qual vinha em uma carreta de três rodas de cada banda, toda forrada de prata, com quatro cavalos brancos, guarnecidos todos de jaezes de ouro, e ao redor daquela fiambra, que assim se chama naquela terra, vinham sessenta homens a pé, os quais postos em duas fileiras, a cercavam toda em roda, e vinham vestidos de couro verde, e todos com terçados às costas, com as bainhas chapeadas de ouro, e, juntamente com estes, doze porteiros de maças.

Por fora destas fileiras, com a mesma ordem delas, vinham outros muitos homens com alabardas guarnecidas de prata, e com quimonos e calças de seda verde e parda, e seus terçados em talabartes quase ao nosso modo, e eles todos muito bem dispostos e de aspectos soberbos e carrancudos, os quais assim com isto, como com os mais meneios exteriores que em tudo se conformavam com a sua natural soberba, não deixavam de causar algum temor.

Adiante desta guarda, cerca de trinta passos, iam oitenta elefantes muito bem concertados, com cadeiras e castelos guarnecidos de prata, e nos dentes suas panouras de guerra, e campainhas aos pescoços, de bom tamanho; e adiante

destes elefantes, que se dizia que eram da guarda de el-rei, ia outra muita gente a cavalo, com bons vestidos e jaezes. E na dianteira de todo este aparato, iam doze carretas com atabales de prata, com suas gualdrapas de seda.

Chegando este príncipe com este aparato e majestade ao embaixador da Tartária que já o estava esperando, depois de se fazerem todas as cerimónias de cumprimentos e cortesias que se costumam entre eles, as quais duraram quase um quarto de hora, o príncipe deu ao embaixador a fiambra em que vinha, e montou num cavalo à sua mão direita, e o outro embaixador de el-rei que vinha connosco, à mão esquerda.

E caminhando assim com a mesma ordem que trouxera, com muitos estrondos de tangeres de diversas maneiras, chegaram ao primeiro terreiro do aposento de el-rei, onde o broquém, capitão da guarda do paço o estava esperando a pé, acompanhado de muita gente nobre, fora a guarda a cavalo que posta em duas fileiras tomava todo o comprimento do terreiro. E depois que com outra nova cerimónia todos fizeram suas cortesias, se foram assim a pé até à entrada do paço, onde acharam um homem velho que diziam que era tio de el-rei, de nome Vuemmiserau, de mais de oitenta anos de idade, acompanhado de muitos senhores e gente nobre, ao qual os embaixadores ambos, por outra nova cerimónia beijaram o terçado que tinha na cinta, a que ele por honra suprema satisfez com lhes pôr as mãos nas cabeças, depois de ambos se lhe prostrarem por terra.

Ele, levando o tártaro quase a par de si, abalou por uma sala muito comprida até uma porta que na frontaria dela estava, e batendo nela três vezes, lhe responderam de dentro que era o que queria, a que ele respondeu com voz mesurada:

— «É chegado, por costume antigo de verdadeira amizade, um embaixador do grão Xinarau da Tartária, para ser aqui

ouvido do prechau Guimião que todos temos por senhor de nossas cabeças» — com a qual resposta as portas ambas foram de todo abertas, e entraram para dentro. Diante de todos, este príncipe com o embaixador da Tartária, pela mão, e outro de el-rei com o broquém, um pouco mais atrás, e após ele, os outros de que vinham acompanhados, postos todos por sua ordem, de três em três; e passando esta casa, em que não havia mais gente que homens da guarda postos em joelhos com suas alabardas nas mãos, entrámos noutra muito maior e mais nobre que se chamava Naguantiley, onde vimos sessenta e quatro estátuas de bronze e desanove de prata, presas todas pelos pescoços com cadeias de ferro.

Espantados nós disto, e perguntado o que era, nos foi respondido por um dos orepos que ali estavam, que era um sacerdote, que o que tínhamos visto e de que nos espantávamos, eram os oitenta e três deuses dos timocouhós, que el-rei, quando os desbaratara no campo, lhes tomara em um grande templo onde estavam, porque a maior honra de que el-rei fazia maior caso, era triunfar dos deuses de seus inimigos, que a seu despeito trazia cativos. E perguntando-lhe nós para que os tinham ali presos, nos responderam que para quando entrasse na cidade de Uzangué, para onde estava de caminho, os mandar levar arrastando por aquelas cadeias com que estavam presos, para triunfo da vitória que alcançara sobre eles.

Passando esta casa dos ídolos, entrámos noutra onde vimos muita soma de mulheres muito formosas que ao longo das paredes estavam sentadas, umas lavrando e outras tangendo e cantando, que muito folgámos de ver; e noutra casa mais adiante, a cuja porta estavam seis mulheres com maças de prata como porteiras, estava el-rei acompanhado de alguns homens velhos, ainda que poucos, e a mais companhia eram mulheres moças tangendo em seus instrumentos musicais, e algumas meninas que cantavam acompanhadas por eles.

El-rei estava numa tribuna de oito degraus, a modo de altar, a qual tinha por cima um tecto que descansava sobre uns balaústres, e este tecto e balaústres eram todos forrados de pastas de ouro. Junto dele estavam seis meninos em joelhos, com ceptros nas mãos, e mais afastada um pouco estava uma mulher já de dias que o abanava de quando em quando, a qual tinha um ramal de contas grossas ao pescoço.

Ele seria de idade de trinta e cinco anos, bem assombrado, os olhos grandes, a barba bem posta e loura, o rosto grave, a fisionomia severa, e o aspecto de príncipe grandioso, tanto no estado como no mais que apresentava.

Entrando os embaixadores nesta casa, se prostraram ambos por terra três vezes, e da terceira ficou o dele debruçado no meio da casa, e o tártaro passou adiante e chegou até junto da tribuna onde ele estava, e subindo ao primeiro degrau lhe disse em voz que todos ouviram:

— Ó Otinão cor Valirate, prechau companó das forças da terra, o bafo do alto Deus que tudo criou, prospere o ser da tua grandeza para mil anos as tuas alparcas serem cabelos de todos os reis, com te fazer semelhante aos ossos e carne do grande príncipe das serras de prata, por cujo mandado aqui sou vindo a te visitar em seu nome, como por esta mutra do seu selo real podes ver.

El-rei, olhando para ele com rosto alegre, lhe respondeu:

— No seu desejo e no meu, conforme o Sol, com a doce quentura dos seus raios, este verdadeiro amor até ao último bramido do mar, para que o Senhor seja louvado na sua paz para sempre.

A que todos os senhores que estavam na casa, responderam a uma voz:

—Assim o conceda o que dá ser ao dia e à noite.

E tocando então as mulheres os instrumentos que antes tangiam, el-rei por então não falou mais, sòmente ao recolher lhes disse:

—Eu verei a carta do Xinarau meu irmão, e responderei a ela conforme o teu desejo, para que te partas alegre de diante de mim.

A que o embaixador, sem responder nada, se tornou a prostrar ao pé da tribuna, pondo por três vezes a cabeça no degrau em que estava sentado. Então o tomou o broquém pela mão e o levou consigo para sua casa, onde pousou todo o tempo que ali esteve, que foram treze dias no fim dos quais el-rei se partiu para Uzangué.

131

como el-rei se passou de fanaugrém para a cidade de uzangué, e do triunfo com que nela entrou

Passados treze dias depois que chegámos a esta vila de Fanaugrém, estando já el-rei a este tempo, de caminho para Uzangué, não teve este embaixador da Tartária mais encontro com ele que só duas vezes, em uma das quais lhe falou em nós, conforme a um dos capítulos que trazia no seu regimento, a que ele com semblante alegre, dizem que respondeu:

—Assim se fará, e tu não te esqueças de mo lembrares quando vires que os ventos o pedem, para que lhes não

falte monção para chegarem onde desejam —, de que o embaixador veio muito contente, e nos pediu de alvíssaras de tão boa nova, que lhe escrevêssemos num livro que tinha, algumas orações do nosso Deus, porque desejava ardentemente ser seu escravo, pelas muitas excelências que nos tinha ouvido dele, pela qual nova, que para nós foi de grandíssimo contentamento, lhe demos todos muitas graças, porque isto era o que pretendíamos sòmente e que desejávamos muito mais que o grande interesse com que algumas vezes fomos acometidos por el-rei dos tártaros para ficarmos em seu serviço.

Partido el-rei desta vila de Fanaugrém, um sábado pela manhã, fez seu caminho por jornadas de só seis léguas, por causa da muita gente que levava consigo. No primeiro dia em que partiu, foi jantar a uma vila pequena a que chamavam Benau, e nela esteve até bem tarde, e foi dormir a uma abadia de nome Pongatur, e ao outro dia pela manhã cedo se partiu para Mecui, de onde aforrado com só três mil de cavalo seguiu seu caminho por espaço de nove dias, passando por muitos e muito nobres lugares, segundo mostrava a aparência de fora, sem querer aceitar recebimento nem festas em nenhum deles, dando por razão que festas de povo eram ocasião para oficiais tiranos roubarem os pobres, do que Deus se havia por muito mal servido.

Desta maneira, chegou à cidade de Lingator, situada ao longo de um rio de água doce, muito largo e fundo, frequentado de muitas embarcações de remo, onde se deteve cinco dias por vir mal disposto do caminho. Daqui se partiu uma antemanhã com só trinta a cavalo, sem querer levar mais companhia. E assim desviando-se da comunicação de gente, se foi desenfadando em muita caça de altanaria, a que se dizia que fora sempre muito afeiçoado, e nestes passatempos e em outros de montarias e de outras caças que os povos lhe tinham aparelhados, passou a maior parte deste caminho,

dormindo as mais das noites, por fragueirice, no mais espesso dos matos, em tendas que para isso levava.

E chegando ao rio de Baguetor, que é um dos três que atrás disse que saem do lago de Fanstir, no reino da Tartária, o passou para a outra parte em laulés e jangás de remo que lhe já ali tinham prestes, e nelas seguiu seu caminho pelo rio abaixo até um lugar grande que se chamava Natibasoy, onde desembarcou já quase noite, sem fausto nenhum; e daqui fez o caminho por terra, e ao cabo de treze dias chegou a Uzangué, onde se lhe fez um grande recebimento, levando por triunfo diante de si todos os despojos que tomara na guerra, de que a principal parte e de que se ele mais jactava, eram doze carretas carregadas dos ídolos de que atrás fiz menção, os quais eram de diversas maneiras como eles os costumam ter nos seus pagodes, e destes, sessenta e quatro eram gigantes de bronze, e dezanove de prata do mesmo teor e grandeza, porque como já por vezes tenho dito, o de que esta gente faz mais caso é de triunfar com estes ídolos, dizendo que, apesar dos seus inimigos, lhes cativaram os seus deuses. Em torno destas doze carretas ia uma grande quantidade de sacerdotes, presos de três em três com cadeias de ferro, os quais todos iam chorando. Após estes sacerdotes, mais atrás um pequeno espaço, iam quarenta carros com duas badas em cada carro, cheios até acima de infinidade de armas, com muitas bandeiras a rasto, e noutros vinte carros que atrás destes iam pela mesma maneira, vinham umas arcas muito grandes chapeadas de ferro, em que se dizia que vinha o tesouro dos timocouhós, e nesta ordem ia tudo o mais de que eles costumam fazer caso nos triunfos destas entradas, como foram duzentos elefantes armados com castelos e panouras de guerra, que são as espadas que levam nos dentes quando pelejam, e uma grande soma de cavalos com sacas de caveiras e de ossos de gente morta. De maneira que nesta entrada mostrou ao povo tudo o que ganhara por sua lança aos inimigos, na batalha que tivera com eles.

Depois de haver quase um mês que estávamos nesta cidade, vendo muitos jogos e festas notáveis, e outras muitas maneiras de desenfadamentos que os grandes e o povo continuamente faziam, com banquetes esplêndidos todos os dias, o embaixador tártaro que nos trouxera, falou a el-rei sobre a nossa ida, a qual lhe ele concedeu muito levemente e nos mandou logo dar embarcação para a costa da China, onde nos pareceu que acharíamos navios nossos em que nos fôssemos para Malaca, e daí para a Índia, o que foi logo posto em efeito, e nós nos fizemos prestes do necessário para a partida.

132

como nos partimos desta cidade de uzangué, e do que nos aconteceu até chegarmos à ilha de tanixummá, que é a primeira terra do japão

Com o alvoroço e contentamento que se pode imaginar que teríamos ao cabo de tantos trabalhos e desventuras como até então tínhamos passado, de que por então nos víamos livres, nos partimos desta cidade de Uzangué, aos doze dias do mês de Janeiro, e fizemos nosso caminho por um grande rio de água doce, de mais de uma légua em largo, levando a proa a diversos rumos por causa das voltas que o rio fazia, vendo sempre por espaço de sete dias que por ele corremos, muitos e muito nobres lugares, tanto vilas como cidades, que, segundo o aparato de fora, parecia que deviam ser povos muito ricos, pela sumptuosidade dos edifícios que neles se viam, tanto de casas particulares como

de templos com coruchéus cobertos de ouro, e pela grande multidão de embarcações de remo que ali se viam com toda a sorte de mercadorias e mantimentos em muita abundância.

Chegando nós a uma cidade muito nobre a que chamavam Quangeparu, que teria quinze ou vinte mil vizinhos, o naudelum, que era o que por mandado do rei nos levava, se deteve nela doze dias, fazendo sua veniaga com os da terra, a troco de prata e de pérolas, em que nos confessou que de um fizera catorze, mas que se levasse sal, se não contentaria com dobrar o dinheiro trinta vezes. Nesta cidade nos afirmaram que tinha el-rei de renda todos os anos, só das minas de prata, dois mil e quinhentos picos, que são quatro mil quintais, e fora esta renda tem outras muitas de muitas coisas diferentes. Esta cidade não tem mais força para a sua defesa, que um só fraco muro de tijolo de oito palmos dos meus, de largo, e uma cava de cinco braças de largo e sete palmos de fundo. Os moradores dela são gente fraca e desarmada, nem tem artilharia nem coisa que possa prejudicar quaisquer bons soldados que a acometerem.

Daqui nos partimos uma terça-feira pela manhã, e continuámos por nossa rota mais treze dias, no fim dos quais chegámos ao porto de Sanchão, no reino da China, que é a ilha onde depois faleceu o bem-aventurado padre mestre Francisco, como adiante se dirá. E não achando ali já a este tempo navio de Malaca, por haver nove dias que eram partidos, nos fomos a outro porto mais adiante sete léguas, de nome Lampacau, onde achámos dois juncos da costa do Malaio, um de Patane e outro de Lugor. E como a natureza desta nossa nação portuguesa é sermos muito afeiçoados a nossos pareceres, houve aqui entre nós oito tanta diferença e desconformidade de opiniões sobre uma coisa em que o que mais nos valia era termos muita paz e concórdia, que quase nos houvéramos de vir a matar uns aos outros, de maneira que por ser assaz vergonhoso contar o

que se passou, não direi mais senão que o necodá da lorcha que ali nos trouxe de Uzangué, espantado deste nosso barbarismo, se partiu muito enfadado, sem querer levar carta nem recado nosso que nenhum de nós lhe desse, dizendo que antes queria que el-rei por isso lhe mandasse cortar a cabeça, que ofender a Deus em levar coisa nossa onde ele fosse.

E assim diferentes e mal-avindos, ficámos aqui nesta pequena ilha mais nove dias, em que os juncos ambos se partiram, sem também nenhum deles nos querer levar consigo, pelo que nos foi forçoso ficar ali metidos no mato, arriscados a muitos e grandes perigos, dos quais ponho em muita dúvida podermos escapar, se Deus Nosso Senhor se não lembrasse de nós, porque havendo já dezassete dias que aqui estávamos em grande miséria e esterilidade, veio ali por acaso surgir um corsário de nome Samipocheca, que vinha desbaratado, fugindo da armada do aitau do Chinchéu, que, de vinte e oito barcos que tinha, lhe tomara vinte e seis, e ele lhe escapara com sòmente aquelas duas que trazia consigo, nas quais trazia a maior parte da gente muito ferida, pelo que lhe foi forçoso deter-se ali vinte dias para que a curasse. E a nós os oito, constrangidos pela necessidade, nos foi forçoso assentarmos partido com ele para que nos levasse consigo por onde quer que fosse, até que Deus nos melhorasse noutra embarcação mais segura e que nos fôssemos para Malaca.

Passados estes vinte dias em que os feridos se curaram, sem em todo este tempo haver entre nós reconciliação da desavença passada, nos embarcámos ainda assim mal-avindos, com este corsário, três no junco em que ele vinha, e cinco no outro de que era capitão um seu sobrinho, e partidos daqui para um porto que se chamava Lailó, adiante de Chinchéu sete léguas, e desta ilha oitenta, seguimos por nossa rota com ventos bonançosos ao longo da costa de Lamau, por espaço de nove dias. E sendo uma manhã quase noroeste-sueste com o rio do sal, que está abaixo do Chabaqué cinco

léguas, nos acometeu um ladrão com sete juncos muito alterosos, e pelejando connosco das seis horas da manhã até às dez, em que tivemos uma briga assaz travada de muitos arremessos, tanto de lanças como de fogo, por fim se queimaram três barcos, dois do ladrão e um dos nossos, que foi o junco em que iam os cinco portugueses, a que por nenhuma via pudemos ser bons, por já a este tempo termos a maior parte da gente ferida. E refrescando-nos sobre a tarde a viração, prouve a Nosso Senhor que lhes fugimos e escapámos das suas mãos.

E continuando a nossa viagem assim destroçados como íamos, mais três dias, nos deu um temporal de vento esgarrão por cima da terra tão impetuoso que naquela mesma noite a perdemos de vista, e como então já a não podíamos tornar a tomar, nos foi forçoso arribarmos em popa à ilha dos léquios onde este corsário era muito conhecido, tanto do rei como da outra gente da terra; e navegando nós com esta determinação por este arquipélago de ilhas adiante, como neste tempo não levávamos piloto, por nos ter sido morto na briga passada, e os ventos nordestes nos eram ponteiros, e as águas corriam muito contra nós, bordejámos às voltas de um rumo no outro vinte e três dias com assaz de tratrabalho, no fim dos quais prouve a Nosso Senhor que vimos terra, e chegando-nos bem a ela para vermos se dava de si alguma mostra de angra ou porto de bom surgidouro, lhe enxergámos da parte do sul, quase ao horizonte do mar, um grande fogo, por onde imaginámos que devia ser povoada de alguma gente que por nosso dinheiro nos provesse de água, de que vínhamos faltos. E surgindo nós no rosto da ilha, em setenta braças, nos saíram da terra duas almadias pequenas em que vinham seis homens, os quais chegando a bordo, depois de nos fazerem suas salvas e cortesias a seu modo, nos perguntaram donde vinha o junco, a que se respondeu que da China, com mercadorias para se fazer ali veniaga com eles, se para isso nos dessem licença. Um dos seis nos respondeu que a licença, o nautarel senhor daquela

ilha Tanixumá, a daria de boa vontade se lhe pagássemos os direitos que se costumavam pagar no Japão, que era aquela grande terra que defronte nos aparecia.

E com isto nos deu relação de tudo o mais que nos convinha, e nos mostrou o porto onde havíamos de ir surgir. Nós, com este alvoroço, levantámos logo as amarras e nos fomos com o batel pela proa, meter em uma calheta que a terra fazia da banda do sul, onde estava uma grande povoação a que chamavam Miaygimá, da qual logo nos vieram a bordo muitos paraus com refresco que lhes comprámos.

133

como desembarcámos nesta ilha de tanixumá, e do que passámos com o senhor dela

Não havia ainda bem duas horas que estávamos surtos nesta calheta de Miaygimá, quando o nautaquim, príncipe desta ilha de Tanixumá, veio ao nosso junco acompanhado de muitos mercadores e de gente nobre, com grande soma de caixões cheios de prata para fazer fazenda. E depois de se fazerem de parte a parte as cortesias costumadas, e ele ter seguro para se poder chegar a nós, se chegou logo, e vendo-nos aos três portugueses, perguntou que gente éramos, porque na diferença do rosto e barbas, entendia que não éramos chins. O capitão corsário lhe respondeu que éramos de uma terra que se chamava Malaca, para onde havia mui-

tos anos tínhamos vindo de outra a que chamavam Portugal, cujo rei, segundo nos tinha ouvido algumas vezes, habitava no cabo da grandeza do mundo. Do que o nautaquim fez um grande espanto e disse para os seus que estavam presentes:

— Que me matem, se não são estes os chenchicogis de que está escrito em nossos volumes que voando por cima das águas, têm senhoriado ao longo delas os habitadores das terras onde Deus criou as riquezas do mundo, pelo que nos cairá em boa sorte se eles vierem a esta nossa com título de boa amizade.

E chamando então para junto de si, sua mulher léquia, que era a intérprete por quem se entendia com o capitão chim, senhor do junco, lhe disse:

— Pergunta ao necodá onde achou estes homens, ou com que título os traz consigo a esta nossa terra do Japão.

Ao que respondeu que sem falta nenhuma éramos mercadores e gente boa, e que por nos achar perdidos em Lampacau, nos recolhera para nos ajudar com suas esmolas, como tinha por costume fazer a outros que já assim achara, para que Deus permitisse livrá-lo a ele das adversidades impetuosas que cursavam por cima do mar, com as quais se perdiam os navegantes.

Ao nautaquim pareceram tão boas estas razões do corsário. que entrou logo no junco e mandou aos seus que por serem muitos não entrassem mais que os que ele dissesse. E depois de andar vendo todas as particularidades do junco, tanto da popa como da proa, se sentou numa cadeira junto da tolda, e nos esteve inquirindo de algumas coisas particulares que desejou saber de nós, a que respondemos ao gosto que nele enxergámos, de que ele mostrava muito contentamento. Nestas práticas se gastou connosco um grande es-

paço, mostrando em todas as suas perguntas ser homem curioso e inclinado a coisas novas, e se despediu de nós e do necodá chim, que dos mais não fez muito caso, dizendo:

— Amanhã ide ver-me a minha casa, e levai-me um grande presente de novas desse grande mundo por onde andastes e das terras que tendes visto, e como se chamam, porque vos afirmo que essa só mercadoria comprarei mais a meu gosto que todas as outras.

E com isto se tornou para terra.

E quando ao outro dia foi manhã clara, nos mandou ao junco um grande parau de refresco, em que entravam uvas, peras, melões, e toda a sorte de hortaliça que há nesta terra, com cuja vista demos muitas graças e louvores a Nosso Senhor. O necodá do junco lhe mandou pelo mensageiro algumas peças ricas e brincos da China, em retorno do refresco, e lhe mandou dizer que quando o junco ancorasse no surgidouro onde estivesse seguro do tempo, o iria logo ver a terra e levar-lhe as amostras da fazenda que trazia para vender. E ao outro dia, logo que foi manhã, desembarcou em terra e nos levou consigo a todos três, com mais dez ou doze chins, os que lhe pareceram mais graves e autorizados em suas pessoas, quais os ele queria para o ornamento desta primeira visita, em que esta gente costuma mostrar-se com muita vaidade.

Chegando nós a casa do nautaquim, fomos todos muito bem recebidos por ele, e o necodá lhe deu um bom presente, e após isto lhe mostrou as amostras de toda a sorte de fazenda que trazia, de que ele ficou satisfeito e mandou logo chamar os principais mercadores da terra, com os quais se tratou do preço dela, e concertados nele se assentou que ao outro dia se trouxesse a uma casa que mandou dar ao necodá, em que se agasalhasse com a sua gente até se tornar para a China.

Isto ordenado, o nautaquim tornou de novo a praticar connosco e a perguntar-nos por muitas coisas miùdamente, a que respondemos mais conforme ao gosto que nele víamos, que não ao que realmente era verdade, mas isto foi em certas perguntas em que foi necessário ajudarmo-nos de algumas coisas fingidas, para não desfazermos o crédito que ele tinha desta nossa pátria. A primeira foi dizer-nos que lhe tinham dito os chins e léquios, que Portugal era muito maior em quantidade tanto de terra como de riqueza, que todo o império da China, o que nós lhe concedemos. A segunda, que também lhe tinham certificado que tinha o nosso rei subjugado por conquista de mar, a maior parte do mundo, o que também dissemos que era verdade. A terceira, que era tão rico o nosso rei, de ouro e de prata, que se afirmava que tinha mais de duas mil casas cheias até ao telhado, e a isto respondemos que do número de duas mil casas, nos não certificávamos, por ser a terra e o reino em si tamanho, e ter tantos tesouros e povos, que era impossível poder-se dizer-lhe a certeza disso. E nestas perguntas e em outras desta maneira, nos deteve mais de duas horas, e disse para os seus:

—É certo que se não deve de haver por ditoso nenhum rei de quantos agora sabemos na terra, senão só o que for vassalo de tamanho monarca como é o imperador desta gente.

E despedindo o necodá com toda a sua companhia, nos rogou que quiséssemos ficar aquela noite com ele em terra, porque se não fartava de nos perguntar muitas coisas do mundo, a que era muito inclinado, e que pela manhã nos mandaria dar umas casas em que pousássemos junto com as suas, por ser o melhor lugar da cidade, o que nós fizemos de boa vontade, e nos mandou agasalhar com um mercador muito rico que nos banqueteou muito largamente, tanto nesta noite como em doze dias mais que pousámos com ele.

134

da honra que o nautaquim fez a um dos nossos por o ver atirar com uma espingarda, e do que daí sucedeu

Logo ao outro dia seguinte, este necodá chim desembarcou em terra toda a sua fazenda como o nautaquim lhe tinha mandado, e a meteu numas boas casas que para isso lhe deram, a qual fazenda toda se vendeu em três dias, tanto por ser pouca como porque estava a terra falta dela, na qual este corsário fez tanto proveito que de todo ficou restaurado da perda dos vinte e seis barcos que os chins lhe tomaram, porque pelo preço que ele queria pôr na fazenda, lha tomavam logo, de maneira que nos confessou ele que com só dois mil e quinhentos taéis que levava de seu, fizera ali mais de trinta mil.

Nós os três portugueses, como não tínhamos veniaga em que nos ocupássemos, gastávamos o tempo em pescar e caçar, e ver templos dos seus pagodes que eram de muita majestade e riqueza, nos quais os bonzos, que são os seus sacerdotes, nos faziam muito gasalhado, porque toda gente do Japão é naturalmente muito bem inclinada e conversadora. No meio desta nossa ociosidade, um dos três que éramos, de nome Diogo Zeimoto, tomava algumas vezes por passatempo atirar com uma espingarda que tinha de seu, a que era muito inclinado, e na qual era assaz destro. E acertando um dia de ir ter a um paul onde havia grande soma de aves de toda a sorte, matou nele com a munição, umas vinte e seis marrecas.

Os japões, vendo aquele novo modelo de tiros que nunca até então tinham visto, deram rebate disso ao nautaquim que neste tempo andava vendo correr uns cavalos que lhe tinham trazido de fora, o qual espantado desta novidade, mandou logo chamar o Zeimoto ao paul onde estava caçando, e quando o viu vir com a espingarda às costas, e dois chins carregados de caça, fez disto tamanho caso que em todas as coisas se lhe enxergava o gosto do que via, porque como até então naquela terra nunca se tinha visto tiro de fogo, não sabiam determinar o que aquilo era, nem entendiam o segredo da pólvora, e assentaram todos que era feitiçaria.

O Zeimoto, vendo-os tão pasmados e o nautaquim tão contente, fez perante eles três tiros em que matou um milhano e duas rolas, e para não gastar palavras no encarecimento deste negócio, e para escusar de contar tudo o que se passou nele, porque era coisa para se não crer, não direi mais senão que o nautaquim levou o Zeimoto nas ancas de um cavalo em que ia, acompanhado de muita gente, e quatro porteiros com bastões ferrados nas mãos, os quais bradando ao povo que era neste tempo sem conto, diziam:

— O nautaquim, príncipe desta ilha de Tanixumá e senhor de nossas cabeças, manda e quer que todos vós outros, e assim os mais que habitam a terra de entre ambos os mares, honrem e venerem este chenchicogim do cabo do mundo, porque de hoje por diante o faz seu parente, assim como os facharões que se sentam junto de sua pessoa, sob pena de perder a cabeça o que isto não fizer de boa vontade.

A que todo o povo respondia:

— Assim se fará para sempre.

E chegando o Zeimoto com esta pompa mundana ao primeiro terreiro dos paços, descavalgou o nautaquim e o tomou pela

mão, ficando nós os dois um bom espaço atrás, e o levou sempre junto de si até uma casa onde o sentou à mesa consigo, na qual também para lhe fazer a maior honra de todas, quis que dormisse aquela noite, e sempre dali por diante o favoreceu muito, e a nós por seu respeito, em alguma maneira.

E entendendo então o Diogo Zeimoto que em nenhuma coisa podia melhor satisfazer ao nautaquim alguma parte destas honras que lhe fizera, e que nada lhe daria mais gosto que lhe dar a espingarda, lha ofereceu um dia que vinha da caça com muita soma de pombas e rolas, a qual ele aceitou por peça de muito preço e lhe afirmou que a estimava muito mais que todo o tesouro da China, e lhe mandou dar por ela mil taéis de prata, e lhe rogou muito que o ensinasse a fazer a pólvora, porque sem ela ficava a espingarda sendo um pedaço de ferro desaproveitado, o que o Zeimoto lhe prometeu e lho cumpriu. E como dali por diante o gosto e passatempo do nautaquim era no exercício desta espingarda, vendo os seus que em nenhuma coisa o podiam contentar mais que naquela de que ele mostrava tanto gosto, ordenaram mandar fazer, por aquela, outras do mesmo teor, e assim o fizeram logo. De maneira que o fervor deste apetite e curiosidade foi dali por diante em tamanho crescimento que já quando dali nos partimos, que foi dali a cinco meses e meio, havia na terra passante de seiscentas. E depois a derradeira vez que me lá mandou o Vice-Rei D. Afonso de Noronha, com um presente para o rei do Bungo, que foi no ano de 1556, me afirmaram os japões que naquela cidade do Fuchéu, que é a metrópole deste reino, havia mais de trinta mil. E fazendo eu disto grande espanto, por me parecer que não era possível que esta coisa fosse em tanta multiplicação, me disseram alguns mercadores, homens nobres e de respeito, e mo afirmaram com muitas palavras, que em toda a ilha do Japão havia mais de trezentas mil espingardas, e que eles sòmente tinham levado de veniaga

para os léquios, em seis vezes que lá tinham ido, vinte e cinco mil.

De modo que por esta só que o Zeimoto aqui deu ao nautaquim, com boa tenção e por boa amizade, e para lhe satisfazer parte das honras e mercês que tinha recebido dele, como atrás fica dito, se encheu a terra delas em tanta quantidade que não há já aldeia nem lugar por pequeno que seja, donde não saiam de cento para cima, e nas cidades e vilas mais notáveis, não se fala senão por muitos milhares delas. E por aqui se saberá que gente esta é, e quão inclinada por natureza ao exercício militar no qual se deleita mais que todas as outras nações que agora se sabem.

135

como este nautaquim me mandou mostrar ao rei do bungo, e do que vi e passei até chegar onde ele estava

Havendo já vinte e três dias que estávamos nesta ilha de Tanixumá, descansados e contentes, passando o tempo em muitos desenfadamentos de pescarias e caças a que estes japões comummente são muito inclinados, chegou a este porto uma nau do reino de Bungo, em que vinham muitos mercadores, os quais desembarcando em terra foram logo visitar o nautaquim com seus presentes, como têm por costume. Entre estes, vinha um homem velho e bem acompanhado, e a quem todos os outros falavam com acatamento, o qual posto de joelhos diante do nautaquim, lhe deu uma

carta, e um rico terçado guarnecido de ouro, e uma boceta cheia de abanos, que o nautaquim tomou com grande cerimónia. E depois de estar com ele um grande espaço perguntando-lhe por algumas particularidades, leu a carta para si e entendendo a substância dela, ficou algum tanto mais carregado, e despedindo de si o que lha trouxera, mandando-o agasalhar honradamente, nos chamou para junto de si e acenou ao intérprete que estava um pouco mais afastado, e nos disse por ele:

— Rogo-vos muito, amigos meus, que ouçais esta carta que me agora deram, de el-rei do Bungo, meu senhor e tio, e então vos direi o que quero de vós.

E dando-a a um seu tesoureiro, lhe mandou que a lesse, a qual dizia assim:

«Olho direito do meu rosto, sentado a par de mim como cada um dos meus amados, Hyascarão goxo Nautaquim de Tanixumá, eu, Oregendó, vosso pai no amor verdadeiro de minhas entranhas, como aquele de quem tomastes o nome e o ser de vossa pessoa, Rei do Bungo e Facatá, senhor da grande casa de Fiancima, e Tosa, e Bandou, cabeça suprema dos reis pequenos das ilhas do Goto e Xamanaxeque, vos faço saber, filho meu, pelas palavras de minha boca ditas a vossa pessoa, que em dias passados me certificaram homens que vieram dessa terra, que tínheis nessa vossa cidade uns três chenchicogins do cabo do mundo, gente muito apropriada aos japões, e que vestem seda e cingem espadas, não como mercadores que fazem fazenda, senão como homens amigos de honra, e que pretendem por ela dourar seus nomes, e que de todas as coisas do mundo que lá vão por fora, vos têm dado grandes informações, nas quais afirmam em sua verdade que há outra terra muito maior que esta nossa, e de gentes pretas e baças, coisas incríveis ao nosso juízo, pelo que vos peço muito como a filho igual aos meus, que por Fingeandono, por quem mando visitar minha

filha, me queirais mandar mostrar um desses três que me lá dizem que tendes, pois como sabeis, mo está pedindo a minha prolongada doença e má disposição, cercada de dores, e de muita tristeza, e de grande fastio, e se tiverem nisto algum pejo, os segurareis na vossa e na minha verdade, que logo sem falta o tornarei a mandar a salvo; e como filho que deseja agradar a seu pai, fazei que me alegre com sua vista, e que me cumpra este desejo. E o mais que nesta deixo de vos dizer, vos dirá Fingeandono, pelo qual vos peço que liberalmente repartais comigo de boas novas de vossa pessoa e de minha filha, pois sabeis que é ela a sobrancelha do meu olho direito, com cuja vista se alegra meu rosto. Da casa do Fuchéu, aos sete mamocos da lua.»

Depois de lida esta carta, nos disse o nautaquim:

— Este rei do Bungo é meu senhor e meu tio, irmão de minha mãe, e sobretudo é meu bom pai, e ponho-lhe este nome porque o é de minha mulher, pelas quais razões me tem tanto amor como aos seus mesmos filhos, e eu, pela grande obrigação que por isto lhe tenho, vos certifico que estou tão desejoso de lhe fazer a vontade, que dera agora grande parte da minha terra para que Deus me fizera um de vós outros, tanto para o ir ver como para lhe dar este gosto que eu entendo, pelo muito que sei da sua condição, que ele estimará mais que todo o tesouro da China. E já que de mim tendes entendida esta vontade, vos rogo muito que conformeis a vossa com ela, e que queira um de vós ambos ir a Bungo ver este rei que eu tenho por pai e senhor, porque estoutro a que dei nome e ser de parente não o hei-de apartar de mim até que de todo me não ensine a atirar como ele.

Nós os dois, Cristóvão Borralho e eu, lhe respondemos que beijávamos as mãos de sua alteza pela mercê que nos fazia em se querer servir de nós, e já que nisso mostrava gosto, ordenasse qual de nós queria que fosse, porque se iria

logo fazer prestes, ao que ele depois de estar um pouco pensativo na deliberação da escolha, apontando para mim, respondeu:

— Este, que é mais alegre e menos sisudo, para que agrade mais aos japões e desmelancolize o enfermo, porque gravidade pesada como a destoutro, entre doentes não serve de mais que para causar tristeza e melancolia, e acrescentar o fastio a quem o tiver.

E gracejando com os seus sobre esta matéria, com alguns ditos e galantarias a que naturalmente são muito inclinados, chegou o Fingeandono, ao qual me ele logo entregou com palavras de muito encarecimento acerca da segurança de minha pessoa, de que eu me tive por muito satisfeito, e fiquei fora de alguns receios que antes se me apresentavam, pelo pouco conhecimento que até então tinha desta gente, e me mandou dar duzentos taéis para o caminho, com os quais me fiz prestes o mais depressa que pude, e nos partimos, o Fingeandono e eu, em uma embarcação de remo a que eles chamam funce. E atravessando em uma só noite daqui desta ilha de Tanixumá, fomos amanhecer no rosto da terra, em uma angra de nome Hiamangó, e daí a uma boa cidade a que chamavam Quangixumá, e, velejando assim por nossa rota com monção tendente de ventos bonançosos, chegámos ao outro dia a um lugar nobre de nome Tanorá, e deste fomos ao outro dia dormir a outro que se chamava Minato, e daí a Fiungá. E fazendo assim nossos pousos em terra cada dia, onde nos províamos de bons refrescos, chegámos a uma fortaleza de el-rei do Bungo, chamada Osquy, a sete léguas da cidade, na qual fortaleza este Fingeandono se deteve dois dias porque o capitão dela que era seu cunhado, estava muito doente.

Aqui deixou a embarcação em que tínhamos vindo e nos fomos por terra para a cidade.

Chegámos ao meio-dia, e por não ser tempo de poder falar a el-rei, foi descer à sua casa onde da mulher e dos filhos foi muito bem recebido, e a mim me fizeram muito gasalhado. E depois que jantou e descansou do trabalho do caminho, se pôs de vestidos de corte, e com alguns parentes seus se foi ao paço e me levou consigo a cavalo. El-rei, sabendo da sua vinda, o mandou receber ao terreiro do paço por um seu filho moço, ao que parecia, de nove até dez anos, o qual vinha acompanhado de muita gente nobre, e ele vinha ricamente vestido, com seus porteiros de maças adiante; e tomando o Fingeandono pela mão, lhe disse com rosto alegre e bem assombrado:

— A tua entrada nesta casa de el-rei meu senhor, seja de tamanha honra e contentamento para ti, que merecerão teus filhos, por serem teus filhos, comer à mesa comigo nas festas do ano.

A que ele, prostrado por terra, respondeu:

— Os moradores do céu, de quem, senhor, aprendeste a ser tão bom, respondam por mim, ou me dêem língua de réstia de sol para gratificar com música alegre a tuas orelhas, esta grande honra que me agora fazes, por tua grandeza, porque sem isso pecarei se falar, como os ingratos que habitam no mais baixo lago da côncava escura da casa do fumo.

E com isto, arremetendo ao terçado que o menino tinha na cinta, para lho beijar, ele lho não consentiu, mas tomando-o pela mão, acompanhado daqueles senhores que com ele vieram, o levou consigo até o meter na casa onde el-rei estava, o qual, ainda que jazesse na cama doente, o recebeu com outra nova cerimónia de que me escuso de dar relação, para não fazer a história prolixa. E depois que leu a carta que ele trouxe do nautaquim, e lhe perguntar por algumas novas particularidades de sua filha, lhe disse

que me chamasse, porque a esse tempo estava eu um pouco afastado atrás. Ele me chamou logo e me apresentou a el-rei, o qual fazendo-me gasalhado, me disse:

— A tua chegada a esta terra de que eu sou senhor, seja ante mim tão agradável como a chuva do céu no meio do campo dos nossos arrozes.

Eu, achando-me assaz embaraçado com a novidade daquela saudação e daquelas palavras, lhe não respondi por então, coisa alguma. Ele, então, olhando para os senhores que estavam presentes, lhes disse:

— Sinto turvação neste estrangeiro, e será por ver tanta gente, de que pode ser que venha desacostumado, pelo que será bom deixarmos isto para outro dia, porque se fará mais à casa e não estranhará ver-se no que agora se vê.

A isto respondi eu então pelo meu intérprete, que levava muito bom, que quanto ao que sua alteza dizia de me sentir turvado, lhe confessava, mas não por causa da muita gente de que me via cercado, porque já outras vezes tinha visto outra em muito maior quantidade, mas que quando eu imaginava que me via diante dos seus pés, isso só bastava para eu ficar mudo cem mil anos, se tantos tivera de vida, porque os que estavam à roda eram homens como eu, porém sua alteza o fizera Deus em tão alto grau avantajado a todos, que logo quisera que fosse senhor e os outros fossem servos, e que eu fosse formiga tão pequena em comparação da sua grandeza, que por ser pequeno nem ele me enxergasse nem eu soubesse responder a suas perguntas.

Da qual tosca e grosseira resposta, todos os que estavam presentes fizeram tamanho caso que batendo as palmas a modo de espanto, disseram para el-rei:

— Vê vossa alteza como fala a propósito? Não deve este homem ser mercador que trate em baixeza de comprar e

vender, senão bonzo pregador que ministre sacrifício ao povo, um homem que se criou para corsário do mar.

A que el-rei respondeu:

— Tendes razão, e a mim assim mo parece, mas já que largou os fechos à covardia, vamos adiante com nossas perguntas, e ninguém fale nada, porque eu só quero ser o que pergunte, que vos afirmo que tenho gosto de falar com ele, tanto que quiçá comerei daqui a um pouco, qualquer bocado, porque não sinto agora nenhuma dor em mim.

De que a rainha e suas filhas que estavam junto com ele, com grande contentamento e com os joelhos em terra, levantaram as mãos ao céu e deram a Deus muitas graças por aquela mercê que lhes fizera.

136

de um desastre que nesta cidade aconteceu a um filho de el-rei, e do perigo em que eu por isso me vi

El-rei me mandou logo chegar para junto da camilha em que estava deitado assaz enfermo e atribulado de gota, e me disse:

— Rogo-te que te não enfades de estar junto de mim, porque folgo de te ver e de falar contigo, e que me digas se sabes alguma mezinha lá dessa terra do cabo do mundo, para esta enfermidade que me tem aleijado, ou para o fastio, porque vai em dois meses que não posso comer coisa nenhuma.

A que respondi que eu não era médico nem aprendera essa ciência, mas que no junco em que eu viera da China, vinha um pau cuja água curava muito maiores enfermidades que aquela de que se ele queixava, e que se o tomasse teria logo saúde, sem falta nenhuma, o que ele folgou muito de ouvir. E querendo pôr em efeito curar-se com ele, o mandou buscar a Tanixumá onde o junco estava, e se curou com ele, e foi logo são em trinta dias, havendo já dois anos que daquela enfermidade estava entrevado na cama sem se poder bulir nem mandar os braços.

Vinte dias contínuos depois que cheguei a esta cidade Fuchéu, passei muito a meu gosto, ora em responder a várias perguntas que el-rei, a rainha, o príncipe e os senhores me faziam, como gente que não tinha notícia de haver mais mundo que Japão, e não me detenho em dar relação do que eles perguntavam e eu respondia, porque como tudo eram coisas de pouca substância, parece-me que não servirá de mais que de encher papel com coisas que dêem mais fastio que gosto; ora em ver as suas festas, as suas casas de oração, os seus exercícios de guerra, os seus navios de armada, e as suas pescarias e caças a que são muito afeiçoados, principalmente às de altanaria com falcões e açores ao nosso modo, e algumas vezes passava também o tempo com a minha espingarda matando muitas rolas, e pombos, e codornizes, de que a terra era bem abastada.

Os desta terra, para quem este modo de tiro de fogo foi coisa tão nova como para os de Tanixumá, vendo uma coisa que até então não tinham visto, foi tamanho o caso que fizeram disso, que o não sei encarecer. O segundo filho de el-rei, de nome Arichandono, moço de dezasseis até dezassete anos, e a quem ele era muito afeiçoado, me requereu algumas vezes que o quisesse ensinar a atirar, de que me eu escusei sempre, dizendo que havia mister muito tempo para o aprender. Porém ele não aceitando esta minha razão, fez queixume de mim a seu pai, o qual, para o

comprazer, me rogou que lhe desse um par de tiros para lhe satisfazer aquele apetite; a que respondi que dois, e quatro, e cento, e quantos sua alteza mandasse. E porque ele neste tempo estava comendo com seu pai, ficou para depois que dormisse a sesta, o que ainda aquele dia não teve efeito porque foi aquela tarde com a rainha sua mãe a um pagode de grande romagem, onde se fazia uma festa pela saúde de el-rei.

E logo ao outro dia seguinte, que foi um sábado, véspera de Nossa Senhora das Neves, veio pela sesta à casa onde eu estava, sem trazer consigo mais que só dois moços fidalgos, onde me achou dormindo sobre uma esteira; e vendo estar a espingarda pendurada, não me quis acordar, com o propósito de atirar primeiro um par de tiros, parecendo-lhe, como ele depois dizia, que naqueles que ele tomava não se entenderiam os que lhe eu prometera. E mandando a um dos moços fidalgos que fosse muito caladamente acender o morrão, tirou a espingarda donde estava, e querendo-a carregar como algumas vezes me tinha visto fazer, como não sabia a quantidade de pólvora que lhe havia de lançar, encheu o cano em comprimento de mais de dois palmos, e lhe meteu o pelouro, e a pôs ao rosto e apontou para uma laranjeira que estava defronte; e pondo-lhe o fogo, quis a desventura que rebentou por três partes, e deu nele, e lhe fez duas feridas, uma das quais lhe decepou quase o dedo polegar da mão direita, de que o moço logo caiu no chão como morto, o que vendo os dois que com ele estavam, foram fugindo a caminho do paço, e, gritando pelas ruas, iam dizendo: «A espingarda do estrangeiro matou o filho de el-rei!» — a cujas vozes se levantou um tamanho tumulto na gente, que toda a cidade se fundia, acudindo com armas e grandes gritas à casa onde o pobre de mim estava, e já então como Deus sabe, porque acordando eu com esta revolta e vendo jazer o moço no chão junto de mim, ensopado todo em sangue, sem acudir a pé nem a mão, abracei com ele já tão desatinado

e fora de mim, que não sabia onde estava. Neste tempo chegou el-rei debruçado sobre uma cadeira que quatro homens traziam aos ombros, e ele tão coado que não trazia cor de homem vivo, e a rainha a pé, abraçada a duas mulheres, e ambas as filhas da mesma maneira, em cabelo, cercadas de grande quantidade de senhoras e gente nobre, as quais vinham todas como pasmadas, e entrando todos na casa, e vendo jazer o moço no chão como morto e eu abraçado com ele, ensopados ambos em sangue, assentaram todos totalmente que eu o matara, e arremetendo dois dos que ali estavam, a mim, com os terçados nus nas mãos, me quiseram logo matar; porém el-rei bradou rijo, dizendo:

— Ta, ta, ta, inquiramos primeiro, porque suspeito que vem esta coisa de mais longe, porque pode ser que peitassem este homem alguns parentes dos tredos de que o outro dia mandei fazer justiça.

E chamando então os dois moços fidalgos que se acharam ali com seu filho, os inquiriu com grandes perguntas, a que responderam que a minha espingarda o matara com uns feitiços que tinha dentro do cano, a que os circunstantes disseram com uma grita muito grande:

— Para quê, senhor, ouvir mais? Dê-se-lhe logo, cruel morte.

Com isto, mandaram logo a grande pressa chamar o Jurubaca, que era o intérprete por quem eu me entendia com eles, que neste tempo também era fugido com medo, e o trouxeram preso diante de el-rei, e perante ele e toda a justiça lhe fizeram um preâmbulo de muitos ameaços se não falasse verdade, a que ele tremendo e chorando respondeu que ele a diria. Então fizeram logo vir três escrivães e cinco algozes com terçados em ambas as mãos desembainhados, e eu já neste tempo estava com as minhas atadas, e posto em joelhos diante deles. E o bonzo Asquerão teixe, que era o presidente da justiça, com os braços arregaçados

e uma gomia tinta no sangue do mesmo moço na mão, me disse:

— Eu te esconjuro como filho do diabo, que és, e culpado neste crime tão grave como os habitadores da casa do fumo metidos na côncava funda do centro da terra, que aqui em voz alta que todos te ouçam, me digas qual foi a causa por que quiseste que a tua espingarda com feitiçarias matasse este inocente menino que todos tínhamos por cabelos de nossa cabeça?

A que eu por então não respondi palavra, por estar tão fora de mim, que ainda que me matassem, cuido que o não sentiria. Porém ele com semblante feroz e irado me tornou a dizer:

— Se não responderes às minhas perguntas, te dou por condenado à morte de sangue, e fogo, e água, e assopro de vento, para nos ares seres despedaçado como pena de ave morta que se divide em muitas partes.

E com isto me deu um grande coice para que despertasse, e me tornou a dizer:

— Fala, confessa de quem foste peitado, quanto te deram, e como se chamam, e onde vivem?

Ao que eu, algum tanto já mais desperto, respondi que Deus o sabia, e a ele tomava por juiz desta causa. Ele, contudo, não contente com o que tinha feito, me fez outros muitos ameaços de novo e me pôs diante outros muitos espantos e terribilidades, em que se gastou espaço de mais de três horas, dentro das quais prouve a Nosso Senhor que o moço tornou a si, e vendo seu pai e sua mãe junto de si banhados em lágrimas, lhes disse que lhes pedia muito que não chorassem, nem demandassem a ninguém a sua morte, porque só ele fora a causa dela, e que eu não tinha

culpa nenhuma, pelo que lhes tornava a pedir muito pelo sangue em que o viam banhado, que me mandassem logo soltar, e senão que tornaria a morrer de novo; e el-rei me mandou tirar logo as prisões com que os algozes me tinham atado.

Neste tempo chegaram quatro bonzos para o curarem, e vendo-o da maneira que estava, e com o polegar pendurado, fizeram tamanho caso disto que o não sei dizer, o que ouvindo o moço, começou a dizer:

— Tirem-me esses diabos de diante, e tragam-me outros que me não digam da maneira em que estou, pois foi Deus servido que estivesse eu desta maneira.

E despedindo logo estes quatro, vieram outros, os quais se não atreveram a curar as feridas, e assim o disseram a seu pai, de que ele ficou assaz triste e desconsolado, e tomando sobre isto o parecer dos que estavam com ele, lhe aconselharam que devia mandar chamar um bonzo de nome Teixe andono, muito afamado entre eles, que estava então na cidade de Facatá, que era dali a setenta léguas, a que o moço ferido, respondeu:

— Não sei que diga a esse conselho que dais a meu pai, estando eu da maneira que todos vedes, porque quando haveria já de ser curado para se me estancar o sangue, quereis que espere por um velho podre que está daqui a cento e quarenta léguas de ida e vinda, que primeiro que cá chegue se passará um mês. Desafrontai esse estrangeiro e segurai-o do medo que lhe tendes posto, e despejem esta casa, que ele me curará como souber, porque antes quero que me mate um homem que tanto tem chorado por mim, como esse coitado, que é o bonzo de Facatá, de 92 anos e sem vista nos olhos.

137

do que mais passei no negócio deste moço, e como me embarquei para tanixumá, e daí para liampó, e do que me aconteceu depois que aí cheguei

O desconsolado rei que a esse tempo estava como pasmado de ver seu filho daquela maneira, voltando para mim o rosto, me disse com muita brandura:

— Rogo-te que vejas se me podes valer neste perigo em que vejo meu filho, porque te afirmo que se assim o fizeres, eu te terei também como a filho, e te darei quanto me pedires, se mo deres são.

Eu lhe respondi que mandasse sua alteza àquela gente que se fosse, porque me turvava com medo da vozearia que fazia, e eu veria que tais eram as feridas, e se me atrevesse a curá-lo, o faria de muito boa vontade, o que el-rei logo fez. E chegando-me eu então ao moço, lhe olhei as feridas e vi que não eram mais que duas, uma acima da testa, a qual ainda que fosse comprida, não era perigosa, e outra na mão direita, que não tinha mais que sòmente o dedo polegar meio dependurado. E dando-me ali Nosso Senhor um novo esforço, disse a el-rei que se não agastasse sua alteza porque eu esperava em Deus que lhe daria seu filho são, em menos de um mês.

E começando eu logo a me pôr em tom de o curar, foi el-rei muito repreendido pelos bonzos por consentir nisso, e

lhe disseram que sem falta nenhuma seu filho morreria naquela noite, pelo que lhe seria melhor a ele mandar-me cortar a cabeça, que querer que lhe tornasse outra vez a matar seu filho, porque se assim fosse, como estava claro que havia de ser, ficava a sua morte muito infamada, e el-rei tido em muito má conta por todos os seus. El-rei lhes respondeu que bem via quanta razão tinham no que lhe diziam, pelo que lhes rogava que lhe aconselhassem o que então devia fazer, a que eles disseram que esperasse pelo bonzo Teixe andono e não tomasse outro conselho, porque por ele ser mais santo que todos, lhe afirmavam que só com lhe pôr a mão lhe daria saúde, como já fizera a outros muitos, de que eles eram testemunhas.

Determinado já el-rei em aceitar este maldito conselho destes servos do diabo, o moço se começou a queixar que lhe doíam muito as feridas, e que em todo o caso lhe acudissem logo de qualquer maneira que quisessem, porque não podia sofrer as dores.

El-rei, com isto, tornou de novo a tomar os pareceres dos que ali ficaram com ele, e lhes rogou a todos muito que, vista por uma parte a contradição dos bonzos, e por outra o grande perigo em que seu filho estava e as grandes dores que sentia, lhe aconselhassem o que fariam nesta perplexidade em que se não sabia determinar; e eles todos lhe disseram que muito melhor era ser curado logo, que esperar o tempo que os bonzos diziam. El-rei lhes aprovou este conselho por melhor e mais acertado, e como tal lho aceitou e agradeceu. E tornando a continuar comigo, me fez de novo muitos afagos e me prometeu me fazer muito rico se lhe desse saúde a seu filho. A que eu, com as lágrimas nos olhos respondi que eu o faria com tanto cuidado como sua alteza veria.

E encomendando-me a Deus, e fazendo (como se diz) das tripas coração, por ver que não tinha ali outro remédio, e

que se assim o não fizesse me haviam de cortar a cabeça, preparei tudo o que era necessário para a cura, e comecei logo pela ferida da mão, por me parecer a mais perigosa, e lhe dei nela sete pontos, mas se fosse curado por mão de cirurgião quiçá que muitos menos lhe bastariam; e na ferida da testa, por ser mais pequena lhe dei cinco sòmente e lhe pus em cima suas estopadas de ovos, e lhas atei muito bem, como algumas vezes vira fazer na Índia; e aos cinco dias lhe cortei os pontos, e continuando assim com a minha cura, quis Nosso Senhor que dentro de vinte dias ele foi são, sem lhe ficar mais mal que só um pequeno esquecimento no dedo polegar, pelo que el-rei e todos os senhores dali por diante me fizeram sempre muito gasalhado, e muita honra, e o mesmo me fizeram a rainha e suas filhas, as quais me deram muitas peças de vestidos de seda, e os senhores me deram terçados e abanos, e el-rei me deu seiscentos taéis, de maneira que ainda a cura me montou a mais de mil e quinhentos cruzados que de lá trouxe.

Neste tempo, sendo eu avisado por carta dos dois portugueses que ficaram em Tanixumá, que o corsário chim com quem ali viéramos, se fazia prestes para partir para a China, dei conta disso a el-rei e lhe pedi licença para me tornar, a qual me ele deu muito levemente e com palavras de muitos agradecimentos pela cura de seu filho.

E mandando-me logo equipar uma funce de remo, apercebida de todo o necessário, e com vinte criados seus, e um homem nobre por capitão dela, me parti desta cidade do Fuchéu um sábado pela manhã, e à sexta-feira seguinte, sol-posto, chegámos a Tanixumá onde achei os meus dois companheiros que me receberam com assaz de alegria.

Aqui nos detivemos mais quinze dias, em que o junco de todo acabou de se fazer prestes, e nos partimos para Liampó, um porto de mar do reino da China, de que atrás fiz larga menção, onde os portugueses naquele tempo tinham seu

trato; e velejando por nossa rota, prouve a Deus que chegámos a ele em salvamento, onde pelos moradores da terra fomos muito bem recebidos, os quais havendo por coisa nova virmos nós daquela maneira entregues à pouca verdade dos chins, nos perguntaram de que terra vínhamos e onde nos embarcáramos com ele, a que respondemos conforme à verdade do que se passava, e lhes demos conta de toda a nossa viagem e da nova terra do Japão que tínhamos descoberto, e da grande quantidade de prata que nela havia, e do muito proveito que se fizera nas fazendas da China, de que todos ficaram tão contentes que não cabiam em si de prazer, e logo ordenaram uma devota procissão para darem graças a Nosso Senhor por tamanha mercê, e nela foram da igreja maior que era de Nossa Senhora da Conceição, até outra de Santiago, que estava no cabo da povoação, onde houve missa e pregação. Acabada esta tão pia e tão santa obra, começou logo a cobiça a entrar nos corações dos mais dos homens daquela povoação, de tal maneira, por querer cada um deles ser o primeiro que fizesse esta viagem, que vieram uns e outros a se dividirem e se porem em bandos, e com as armas na mão atravessar cada um as fazendas todas da terra, donde nasceu que, vendo os mercadores chins esta tão nova e desordenada cobiça, onde o pico de seda valia naquele tempo quarenta taéis, veio em só oito dias a subir ao preço de cento e sessenta, e ainda assim a tomavam à força e de muito má feição. E com esta sede e desejo de interesse, em só quinze dias se fizeram prestes nove juncos que então no porto estavam, e todos tão mal negociados e tão mal apercebidos que alguns deles não levavam pilotos mais que só os donos deles, que nenhuma coisa sabiam daquela arte, e assim se partiram todos juntos um domingo pela manhã, contra o vento, contra monção, contra maré, e contra razão, e sem nenhuma lembrança dos perigos do mar, mas tão contumazes e tão cegos nisto, que nenhum inconveniente se lhes punha diante; e num destes ia eu também.

Desta maneira velejaram assim às cegas aquele dia por entre as ilhas e a terra firme, e à meia-noite com uma cerração de grande chuveiro e tempestades que lhes sobreveio, deram todos por cima do parcel de Gotom, que está em trinta e oito graus, com o que, dos nove juncos escaparam só dois por grande milagre, e sete se perderam todos sem de nenhum deles se salvar uma só pessoa, a qual perda foi orçada em mais de trezentos mil cruzados de fazenda, fora outra maior de seiscentas pessoas que neles morreram, em que entraram cento e quarenta portugueses, todos honrados e ricos. Os dois juncos que escapámos milagrosamente, seguimos por nossa rota e ambos em uma conserva fomos tanto avante como a ilha dos léquios, e ali com a conjunção da lua nos deu tamanho contraste de vento nordeste, que nunca mais nos vimos um ao outro, e lá quase sobre a tarde nos saltou o vento a oés-noroeste, com o que os mares ficaram tão cavados, e com escarcéu e vagas tão altas que era coisa espantosíssima de ver.

O nosso capitão que se chamava Gaspar de Melo, homem fidalgo e muito esforçado, vendo que o junco ia já aberto de popa e com nove palmos de água no porão da segunda coberta, assentou com parecer dos oficiais, cortar ambos os mastros, porque nos abriam o junco, e conquanto isto se fizesse com todo o tento e resguardo possível, não pôde ser tanto a nosso salvo que a árvore grande não levasse debaixo de si catorze pessoas, em que entraram cinco portugueses, os quais ficaram ali amassados, rebentando cada um deles por mil partes, que foi uma coisa lastimosíssima de ver, e que a todos nos derrubou os espíritos de tal maneira que ficámos como pasmados.

E crescendo contudo a tormenta cada vez mais, nos deixámos ir com assaz de trabalho, ao som do mar até quase ao sol-posto, em que o junco acabou de se abrir de todo.

Vendo então o capitão e toda a mais gente o triste estado

em que os nossos pecados nos tinham posto, nos socorremos a uma imagem de Nossa Senhora, à qual pedimos com muitas lágrimas e muitas gritas que nos alcançasse do seu bento filho, perdão de nossos pecados, porque da vida não havia já quem fizesse conta. Desta maneira passámos a maior parte da noite, e com meio junco alagado corremos até ao quarto da modorra rendido, em que varámos por cima de uma restinga, na qual logo às primeiras pancadas se fez em pedaços, em que morreram sessenta e duas pessoas, uns afogados e outros esborrachados debaixo da quilha, coisa de tanta dor e lástima, quanta os bons entendimentos podem imaginar.

138

do que passámos esses que escapámos deste naufrágio, depois que fomos em terra

Os poucos que escapámos deste miserável naufrágio, que não foram mais que vinte e quatro, fora algumas mulheres, logo que a manhã foi clara conhecemos que a terra em que estávamos era do Léquio grande, pelas mostras da ilha do fogo e a serra de Taydacão, e ajuntando-nos todos assim feridos como estávamos, de muitas cutiladas das ostras e das pedras que havia na restinga, encomendámo-nos a Nosso Senhor com muitas lágrimas, começámos a caminhar metidos na água até aos peitos, e alguns lugares atravessámos a nado; e desta maneira caminhámos cinco dias contínuos com tanto trabalho quanto a mesma coisa dá a entender, sem em todos eles acharmos coisa que comêssemos senão alguns limos do mar, e no fim destes dias prouve

a Nosso Senhor que chegámos a terra, e caminhando pelo mato nos deparou a divina providência o mantimento de umas ervas que nesta nossa terra se chamam azedas, de que comemos três dias que ali estivemos, até que fomos vistos por um moço que andava guardando gado, o qual logo que nos viu, correndo pela serra acima foi dar rebate de nós a uma aldeia que estava dali a um quarto de légua, o que, sabido pelos moradores dela, apelidaram logo toda a comarca com grande vozearia de tambores, e búzios, de maneira que no espaço de três ou quatro horas, se juntaram passante de duzentas pessoas, de que catorze eram a cavalo; e logo que houveram vista de nós, se dividiram em dois magotes, e vieram direitos a nós. O nosso capitão, vendo este triste e miserável estado em que a desventura nos tinha posto, se sentou em joelhos e com muitas palavras nos começou a animar e a lembrar-nos que nenhuma coisa se movia sem a vontade divina, pelo que, como cristãos devíamos entender que Nosso Senhor se havia por servido de ser aquela a nossa hora derradeira, e que pois assim era, nos conformássemos todos com a sua vontade, tomando com muita paciência de sua mão aquela tão desastrada morte, pedindo-lhe de todo o nosso coração e com muita eficácia, perdão dos pecados da vida passada, porque ele confiava em sua misericórdia que gemendo nós todos, como a sua santa lei nos obrigava, se não lembraria deles naquela hora.

E levantando com isto as mãos e a voz ao céu, disse por três vezes, com muitas lágrimas: «Senhor Deus misericórdia!» — com as quais vozes se levantou em todos uma grande grita de um cristão e devoto pranto, que com verdade posso afirmar que o que então menos se sentia, era aquilo que naturalmente mais se teme.

E estando assim todos neste trabalhoso lance, chegaram a nós seis a cavalo, e vendo-nos assim nus, e sem armas, e e com os joelhos em terra, e duas mulheres mortas diante

peregrinação peregrinação peregrinação

de nós, houveram tamanha piedade que voltando quatro deles para a gente a pé que vinha atrás, os fizeram parar a todos, sem consentirem que nenhum nos fizesse mal, e tornaram logo trazendo consigo seis daqueles a pé que pareciam ser ministros de justiça, ou pelo menos daquela que então cuidávamos que Deus queria que se fizesse de nós, e estes, por mandado dos a cavalo, nos ataram a todos de três em três e com mostras de piedade nos disseram que não houvéssemos medo, porque el-rei dos Léquios era homem muito temente a Deus, e inclinado por natureza aos pobres, aos quais fazia sempre grandes esmolas, pelo que nos afirmavam em verdade, e juravam por sua lei, que nos não havia de fazer nenhum mal, as quais consolações, ainda que nas mostras de fora nos parecessem algum tanto piedosas, contudo não nos satisfizeram nada, porque já a este tempo estávamos tão desconfiados da vida, que ainda que no-lo dissessem pessoas em quem tivéssemos muita confiança, piedosamente lha crêramos, quanto mais gentios cruéis, e tiranos, e sem lei nem conhecimento de Deus.

Logo que nos tiveram atados, a gente a pé nos fechou a todos no meio, e os a cavalo iam adiante correndo de uma parte para a outra, a modo de rondas. E começando nós a caminhar, umas três mulheres que ainda levávamos vivas, ou para melhor dizer, mais que mortas, se não puderam dali bulir, de pasmadas, com muitos desmaios, tanto de fraqueza como de medo, pelo que foi forçoso aos a pé levarem-nas ao colo, revezando de uns nos outros; e antes que chegássemos ao lugar, expiraram duas delas, que ficaram ali no mato nuas, e sujeitas a serem comidas pelos bichos e pelos adibes, e lontras, de que ali tínhamos visto grande quantidade. E já quase ao sol-posto chegámos a um grande lugar de mais de quinhentos vizinhos, chamado Sipautor, no qual fomos logo metidos dentro de um pagode, que era um templo da sua adoração, cercado em roda de parede muito alta, e vigiados por mais de cem homens, que com

gritas e estrondos de muitos tangeres, nos velaram toda aquela noite, em que cada um de nós teve o repouso que o tempo e o estado em que estávamos, de si nos davam.

139

como fomos levados à cidade de pongor, e apresentados ao broquém da justiça do reino

Ao outro dia, depois de ser manhã clara, nos vieram visitar as mulheres honradas daquele lugar, e por obra de caridade nos trouxeram muito arroz e peixe cozido, e algumas frutas da terra para que comêssemos, mostrando nas palavras que diziam e nas lágrimas que derramaram, condoerem-se muito da nossa triste miséria. Estas, vendo também quão faltos todos estávamos de vestidos, porque naquele tempo tínhamos sobre nós muito pouco ou nada mais que o que trouxéramos dos ventres de nossas mães, foram seis delas, que todas entre si escolheram, a pedir com grandes vozes por todas as ruas, dizendo:

— Ó gentes que professais a lei do Senhor cuja condição é (se se pode dizer) ser pródigo para connosco, em nos comunicar seus bens, saí do encerramento de vossas paredes a verdes carne da nossa carne tocada por ira da mão do Senhor poderoso, e socorrê-la com vossas esmolas, para que a misericórdia de sua grandeza vos não desampare como a eles.

A cujas vozes foi tanta a esmola que a gente lhes dava, que em menos de uma hora fomos todos providos do necessário em muita abastança.

Passadas as três horas depois do meio-dia, chegou correndo a grande pressa um correio a cavalo, que deu uma carta ao xivalém do lugar, que era o capitão daquela gente, o qual logo que a leu, mandou tocar dois tambores a modo de repique, com o que se juntou todo o povo em um grande templo do seu pagode, e ele de uma janela lhe fez uma fala em que lhe deu conta do que mandava o broquém, governador do reino, e que era que nos levassem à cidade de Pongor, que estava dali a sete léguas, o que os mais deles recusaram por seis ou sete vezes, e sobre isso tiveram grandes debates, de maneira que naqueles dias se não tomou assento em coisa nenhuma, mais que sòmente tornar-se a mandar o correio ao broquém, com recado do que se passava, pelo que foi forçoso terem-nos ali metidos até ao outro dia às oito horas, em que vieram dois peretandas, que são como corregedores, com muita gente da cidade, em que entravam vinte a cavalo, e entregando-se de nós com grandes assentos que fizeram sobre isso por escrivães públicos, se partiram logo aquele mesmo dia, no qual, já quase noite chegámos a uma vila que se chamava Gundexilau, na qual fomos metidos em uma masmorra feita como cisterna debaixo do chão, onde estivemos aquela noite com grandíssimo trabalho em um charco de água em que havia infinidade de sanguessugas, das quais todos ficámos assaz ensanguentados.

Ao outro dia, já manhã clara, nos levaram para a cidade, à qual chegámos às quatro horas depois do meio-dia, e por ser já tarde nos não viu então o broquém, nem nos viu senão dali a três dias, em que assim presos nos mandou levar perante si, pelas principais quatro ruas da cidade, em que havia grandíssima cópia de gente, a qual, no que de fora parecia, mostrava ter piedade e compaixão de nossa miséria e desventura, principalmente as mulheres.

Desta maneira chegámos à casa da audiência, em que estava a guarda dos ministros da justiça, onde nos detiveram um

grande espaço, porque ainda a este tempo não eram horas de fazer negócio, mas chegada a hora se deram três pancadas num sino e se abriu outra porta que estava defronte, pela qual nos mandaram entrar em uma grande casa onde estava o broquém sentado em uma tribuna ornada de panos de seda com um dossel de brocado, e seis porteiros de maças ao redor, postos de joelhos, e em baixo ao longo das paredes de toda a casa, estavam muitos homens armados com alabardas tauxiadas de ouro e prata; e em todo o mais corpo da casa, muita outra gente de diversas nações que até então não tínhamos visto naquelas partes.

E feito silêncio no rumor que esta gente fazia, nos prostrámos assim como íamos, diante da tribuna em que estava o broquém, ao qual dissemos chorando:

—Pedimos-te, senhor, pelo Deus que fez o céu e a terra, debaixo de cujo poder todos estamos, que por ele te movas à piedade da nossa triste fortuna, porque já que as ondas do mar nos puseram neste estado de tamanha desventura, nos ponha a tua boa inclinação em outro melhor diante de el-rei, para que se mova a ter piedade de nós, porque somos pobres estrangeiros a quem faltou o favor e o remédio do mundo, por assim o permitir Deus, por nossos pecados.

Ao que ele, olhando para os que estavam à roda, depois de fazer alguns meneios com a cabeça, lhes disse:

—Que vos parece a vós outros, esta gente? Fala de Deus como quem tem notícia da sua verdade. Algum grande mundo deve haver neste criado, de que não temos ainda notícia, e pois conhecem a fonte dos bens, razão será que se use com eles conforme às lágrimas com que o pedem.

E virando-se então para nós, que a este tempo estávamos

todos prostrados no chão, e com as mãos levantadas como quem adora a Deus, nos disse:

—Hei tamanha piedade da vossa miséria, e tenho tamanha dor da vossa pobreza, que vos certifico em boa verdade, e assim me ela valha diante de el-rei, que mais quisera agora ser cada um de vós outros, com ter em mim o que vejo em vós, que este cargo que por meus pecados agora tenho, porque temo muito escandalizar-vos, o que por nenhum caso queria fazer; porém, já que há-de ser de necessidade, porque há-de ser forçoso cumprir eu com o que devo, vos rogo como a amigos que vos não espanteis de vos eu fazer algumas perguntas necessárias ao bem da justiça. E quanto ao mais que competir à vossa soltura, se Deus me der vida, vós a tereis, e podeis descansar nesta minha promessa, porque sei de el-rei meu senhor, quão real condição tem para os pobres como vós outros.

As quais promessas lhe nós então agradecemos com uma grande quantidade de lágrimas, porque neste tempo estávamos todos tais, que de nenhuma maneira lhe pudemos responder por palavras.

140

das perguntas que nos fizeram e do que a elas respondemos, e do mais que então sucedeu

O broquém mandou vir logo diante de si quatro escrivães e os dois peretandas da corte, que são como corregedores, como já disse, e outros dez ou doze ministros da justiça, e levantando-se em pé com semblante colérico e um terçado

nu na mão, nos começou a perguntar com voz isenta e um pouco alta para que todos o ouvissem, dizendo:

— Eu, o Pinachilau broquém desta cidade de Pongor, por vontade daquele que todos temos por cabelos das nossas cabeças, rei da nação léquia e de toda esta terra de ambos os mares, onde as águas doces e salgadas dividem as minas dos seus tesouros, vos admoesto e mando com rigor e força da minha palavra, que me digais com coração limpo e claro, que gente sois ou de que nação, e qual é a vossa terra e como se chama.

A que respondemos toda a verdade: que éramos portugueses naturais de Malaca. E ele nos disse:

— Pois quem vos trouxe a esta nossa terra, ou para onde íeis quando vos perdestes?

E nós lhe respondemos que por sermos mercadores e termos por ofício tratar com nossas fazendas, nos embarcáramos no reino da China, do porto de Liampó para Tanixumá, onde já tínhamos ido algumas vezes, e que sendo tanto avante como a ilha do fogo, nos dera uma tamanha tormenta que não podendo pairar o mar, nos fora forçoso correr em popa ao som do vento, três dias com suas noites, no fim dos quais varáramos com o junco por cima da restinga de Taydacão, onde de noventa e duas pessoas que éramos, se afogaram logo sessenta e oito, e nós os vinte e quatro que ali via diante de si, nos salvara Deus milagrosamente, sem outra coisa mais que só aquelas chagas que via nos nossos corpos. A que ele replicou dizendo:

— E a que título possuís tantas riquezas de sedas e peças, quantas o mar deu às nossas gentes, desse vosso junco? que segundo tenho sabido, valem mais de cem mil taéis, pelo que me parece incrível poderem homens adquirir bem tanta soma de riqueza, sem intervirem nisso roubos, os quais,

pela ofensa grave que com eles se faz a Deus, são mais ofício dos servos da serpe da casa do fumo, que dos da casa do Sol, onde os justos e de coração limpo se banham com cheiros suaves no tanque das águas do alto Senhor.

E nós lhe respondemos a isto que sem falta nenhuma éramos mercadores, e não ladrões, como por tantas vezes nos tinha apontado, porque o Deus em que críamos, nos vedava em sua santa lei, o matar e o furtar. A que ele, olhando para os circunstantes, disse:

— Se estes falam verdade, podemos dizer que são como nós, e o seu Deus muito melhor que todos os outros, pelo que parece que assim será como dizem.

Então tornando a olhar para nós, prosseguiu adiante com suas perguntas, e sempre com rosto grave, e mostras irosas, como ministro inteiro em seu ofício, nas quais se deteve quase uma hora, e já por derradeiro nos disse:

— Pois qual foi a causa por que as vossas gentes no tempo passado, quando tomaram Malaca pela cobiça das suas riquezas, mataram os nossos tanto sem piedade, de que ainda agora há nesta terra algumas viúvas?

A que respondemos que seria por sucesso de guerra, mas não por cobiça de os roubar, porque o não costumávamos fazer em parte nenhuma. E ele tornou:

— Pois que é isto que dizem de vós? Negareis que quem conquista, não rouba? Quem força, não mata? Quem senhoreia, não escandaliza? Quem cobiça, não furta? Quem oprime, não tiraniza? Pois todas estas coisas se dizem de vós, e se afirmam em lei de verdade, por onde parece que largar-vos assim Deus da sua mão, dando licença às ondas do mar que vos afogassem debaixo de si, muito mais foi inteireza de sua justiça, que sem razão que usasse convosco.

E levantando-se então da cadeira em que já estava sentado, mandou aos peretandas que nos tornassem à prisão, da qual seríamos ouvidos conforme à piedade que el-rei quisesse ter de nós, com o que todos ficámos bem tristes e desconsolados, e sem nenhuma esperança de vida.

Logo ao outro dia foi el-rei avisado por cartas do broquém, tanto da nossa prisão como do que pelas perguntas tinha sabido de nós, e lhe apontou algumas coisas em nosso favor, as quais o moveram a não mandar logo fazer justiça de nós, como diziam que tinha determinado por alguns mexericos que os chins de nós lhe tinham feito.

Nesta prisão estivemos quase dois meses, com assaz de trabalho, sem em todo esse tempo nos falarem a feito. E desejando el-rei ter mais alguma informação de nós que a que o broquém lhe tinha escrito, mandou um homem de nome Raudivá, que secretamente viesse à prisão onde estávamos, e fingindo ser mercador estrangeiro, soubesse miùdamente a verdade da nossa vinda àquele lugar, porque segundo a informação que este lhe desse, determinaria ele nisto o que lhe parecesse justiça.

E ainda que isto se fizesse com todo o segredo possível, não faltou quem no dia antes nos avisasse da vinda deste homem, para a qual nos armámos das mais tristes e miseráveis mostras de fora, que, em meio de quanta miséria então passávamos, soubemos ainda fingir, porque depois de Deus, estas foram sempre as que mais nos aproveitaram neste negócio, que quantos outros meios para ele buscámos.

Este homem entrou um dia pela manhã, bem acompanhado, no viléu, que era a masmorra onde nos tinham presos, e depois de nos andar vendo a todos, um e um, chamou o jurubaça que consigo trazia, que como já disse, era o seu intérprete, e lhe disse:

—Pergunta a estes homens qual foi a causa por que Deus os

desamparou tanto da sua mão poderosa, e permitiu no juízo da sua divina justiça, que viessem suas vidas a ser julgadas por pareceres de homens a quem o remordimento da consciência não porá diante dos olhos o espanto da visão temerosa com que a alma na derradeira hora da vida se sói afrontar? Pelo que é de crer que pecados sobre pecados foram os que causaram isto que neles vejo.

Nós lhe respondemos que tinha muita razão, porque claro estava que os pecados dos homens eram a principal causa dos seus trabalhos, mas que nem isso tirava a Deus, que era pai e senhor de misericórdia, o condoer-se daqueles que com lágrimas e gemidos chamavam por ele de contínuo, em cuja bondade tínhamos posto nossas esperanças, para que despertasse no coração de el-rei querer-se informar da nossa verdade, e prover-nos com justiça, porque éramos pobres estrangeiros, e sem aderência nenhuma, que era o meio principal e de que os homens nesta vida faziam mais caso. A que ele respondeu:

—Muito bom é isso, se vossos corações estão conformes com vossas palavras; e se assim os tendes como dizeis, não hajas dó de vós, porque claro está que quem pintou o que os nossos olhos estão vendo na formosura da noite, e em tudo o mais que o dia nos mostra, na sustentação dos bichinhos da terra, que a vós não negará o remédio de vossa soltura, pois com tantos gemidos lhe pedis tantas vezes, pelo que vos rogo muito que não tenhais pejo de me confessardes com verdade o que agora pretendo saber de vós, que é: que gente sois, de que nação, e em que parte do mundo habitais, e como se chama a terra ou senhorio do vosso rei, se o tendes, e a causa por que viestes ter aqui onde agora estais, e para onde íeis com tanta soma de fazendas ricas quantas o mar tem lançado nas praias de Taydacão, de que toda esta gente ficou tão pasmada que sem dúvida tem para si que sois vós senhores do trato da China, que é o maior de todo o criado.

Às quais perguntas e a outras muitas que então nos fez, respondemos conforme ao que naquela conjunção nos era necessário, de que ele se mostrou tão satisfeito que fazendo--nos por vezes muitos oferecimentos de si, se ofereceu também para falar a el-rei na nossa soltura, sem nos descobrir nunca a verdade do a que fora mandado, antes fingindo sempre que era estrangeiro e mercador como qualquer de nós; e quando se despediu, nos recomendou muito ao carcereiro, e lhe pediu que sempre nos provesse de tudo o necessário, porque ele lho pagaria muito à sua vontade, o que todos lhe agradecemos com assaz de lágrimas, que também o moveram a ter compaixão de nós, e nos deixou uma manilha de ouro que tinha de peso trinta cruzados, e seis fardos de arroz, e nos pediu ainda muitos perdões do pouco que nos dava.

Tornando-se este homem dali para el-rei, lhe deu conta do que se passara connosco, e lhe afirmou que sem dúvida nenhuma não éramos o que os chins lhe tinham dito de nós, e que a isso poria mil vezes a cabeça, de que el-rei dizem que por então ficou algum tanto mais descarregado das más suspeitas que lhe faziam ter de nós.

E tendo já determinado de nos mandar soltar, tanto pelo que este homem lhe tinha dito, como pelo que o broquém lhe escrevera, chegou ao porto um chim corsário, com quatro juncos, a que el-rei dava acolhimento em sua terra, por lhe dar a metade das presas que trouxesse da China, e por esta causa era muito valido com ele e com todos os grandes da terra, o qual por nossos pecados era o maior inimigo que os portugueses tinham naquele tempo, por uma briga que os nossos tiveram com ele no ano antes, no porto de Lamau, na qual foi capitão um tal Lançarote Pereira, natural de Ponte de Lima, em que lhe queimaram três juncos e lhe mataram duzentos homens. Este perro, quando soube da nossa prisão, e como el-rei estava determinado a nos mandar soltar, embrulhou o negócio de tal

maneira, e disse de nós tantas mentiras a el-rei, que quase lhe fez crer que sem dúvida perderia muito cedo o reino por nosso respeito, porque lhe disse que era nosso costume espiarmos uma terra sob a capa de mercancia, e depois a tomarmos como ladrões, matando e assolando toda a coisa que nela achávamos, a qual informação pôde tanto com el-rei que o fez tornar de todo atrás no que tinha determinado, e, mudando a sentença, mandou que visto o que novamente lhe tinham dito de nós, nos fizessem a todos em quartos, os quais seriam postos nas ruas públicas para que pùblicamente se soubesse quão merecedores éramos daquela justiça.

141

como el-rei mandou esta sentença ao broquém da cidade onde estávamos presos, para que a executasse, e do que nisso sucedeu

Dada esta cruel sentença contra nós, mandou el-rei um peretanda que a levasse logo e a entregasse ao broquém da cidade onde estávamos presos, para que em termo de quatro dias a executasse em nós, o qual se partiu logo com ela, e chegando à cidade permitiu Nosso Senhor que se fosse agasalhar em casa de uma sua irmã viúva, e mulher muito honrada, da qual tínhamos recebido muitas esmolas, a quem ele em muito segredo deu conta do a que vinha, e que havia de levar certidões da justiça que se fizesse em nós, como el-rei lhe mandava.

Esta nobre mulher disse isto a uma sua sobrinha, filha do broquém, governador da cidade, em cuja casa se agasalhava uma mulher portuguesa que era casada com o piloto que também estava preso connosco, com dois filhos seus. E querendo-a esta já consolar, lhe descobriu o que tinha sabido, a qual pobre portuguesa, logo que esta senhora lhe deu esta nova, dizem que caiu sùbitamente no chão como morta, onde esteve sem fala grande espaço, e quando tornou em si, se feriu com as unhas no rosto tão cruelmente que ambas as faces foram desfeitas em sangue, a qual coisa tão nova e tão desacostumada entre esta gente, espalhando-se logo por toda a cidade, causou em todas as mulheres dela tamanho espanto, que as mais delas saíram de suas casas assim como naquela hora se achavam, com os filhos e filhas pelas mãos, sem porem diante as repreensões que lhes podiam dar seus maridos, nem recearem as más-línguas da gente praguenta e ociosa que movida pela sua má inclinação e natureza, tem por costume falar mal de muitas coisas que pela singeleza e boa tenção com que são feitas, as aceitaria Nosso Senhor muitas vezes em serviço.

E chegando assim todas a casa da filha do broquém, onde esta mulher então estava mais para morrer que para dar razão do que umas e outras lhe perguntavam, elas movidas pela causa primeira e principal que é Deus Nosso Senhor, autor de todos os bens, o qual movido pela sua infinita bondade e misericórdia, quando os trabalhos e os infortúnios são maiores, então acode com remédio mais certo àqueles que se acham mais atribulados e mais desconfiados do remédio da terra, ainda que fossem gentias, se enterneceram tanto e houveram tamanho dó das lágrimas e desacostumado sentimento que viram naquela mulher, que determinaram todas entre si escreverem uma carta à mãe de el-rei, em nosso favor, a qual escreveram ali logo, em que lhe davam conta de toda a verdade de nós, e do que por dito do povo tinham sabido, e quanto contra justiça se

dera aquela sentença contra nós; e também lhe diziam o que essa portuguesa fizera, e a grande dor e lástima com que derramando sangue de todo o seu rosto, lamentava com altas vozes a morte de seu marido e de seus filhos, e lhe afirmaram que tinha Deus tomado à sua conta o castigo da sem-razão deste crime. E as palavras da carta diziam assim:

«Pérola santa congelada na ostra maior do mais fundo das águas, estrela esmaltada de raios de fogo, madeixa de cabelos doirados entretecida em capela de rosas, cujos pés de tua grandeza se aposentam no principal de nossas cabeças como rubi de jóia sem preço, nós, as somenos formigas da tua despensa, aposentadas no esquecido de suas migalhas, filhas e parentas da mulher do broquém, com todas as mais tuas cativas aqui assinadas, te fazemos, senhora, queixume do que os nossos olhos hoje nos mostraram, que foi uma pobre mulher estrangeira sem semelhança de carne no rosto, alagada toda num charco de sangue, com seus peitos feridos com tão admirável crueza que aos brutos do mato faria espanto, e a toda a gente temor muito medonho, gritando em vozes tão altas que te afirmamos todas em lei de verdade que se Deus lhe inclina a cabeça, como temos para nós que há-de fazer por ela ser pobre e desprezada do mundo, que grande castigo de fogo e de fome virá sobre nós, pelo que receosas nós disto, que todas grandemente tememos, te pedimos num grito como crianças esfaimadas que choram à mãe, que postos os olhos na alma de el-rei teu marido, por respeito do qual te pedimos isto de esmola, te queiras fazer da natureza dos santos, e pores de todo à parte os respeitos da carne, porque quanto te mais moveres por Deus, tanto mais serás metida na casa de Deus, onde temos por certo que acharás el-rei teu marido cantando ao som da harpa dos meninos que nunca pecaram, a cantiga desta piedosa esmola que por Deus e por ele, todas te pedimos, que é pedires com eficácia grande a el-rei teu filho, que se mova por Deus e por ti, e por

nossos gritos e lágrimas, a haver piedade destes estrangeiros e a perdoar-lhes livremente toda a culpa que tiver deles, pois como sabeis, não os acusou nenhum santo do céu, senão homens torpes e de mau viver, a quem não é lícito inclinarem-se as orelhas. Conchanilau, donzela formosa e bem inclinada, e sobretudo mais honrada que todas as desta cidade, pela criação que sua mãe fez em ti, te certificará da parte de Deus e de el-rei teu marido, por cujo amor te pedimos isto, das mais particularidades deste negócio, tanto das contínuas lágrimas e gemidos em que todos estes pobres agora ficam, como do grande medo e tristeza em que toda esta cidade está posta, cujos moradores todos com jejuns e esmolas te pedem que apresentes seus gritos diante de el-rei, teu sobre todos muito querido filho, a quem o Senhor de todos os bens dê tanto bem que dos seus esquecidos se fartem as gentes que habitam a terra e as ilhas do mar.»

Esta carta ia assinada por mais de cem mulheres das principais de toda a cidade, e foi mandada por uma donzela filha do mandarim Comanilau, governador da ilha de Banchá, que jaz ao sul desta dos Léquios, a qual donzela partiu no mesmo dia em que chegou a sentença, já com duas horas de noite, por ser assim necessário, acompanhada de dois irmãos seus, e de outros dez ou doze parentes, todos gente muito nobre e dos principais da cidade.

142

como esta donzela deu a carta à rainha, mãe de el-rei, e da resposta que trouxe dela

Chegada esta donzela ao lugar de Bintor, onde então estava el-rei e a rainha sua mãe, que era a seis léguas desta cidade de Pongor, se foi apear a casa de uma sua tia que era camareira-mor da rainha, e muito sua aceita, à qual deu conta do a que vinha, e lhe pôs diante quanto cumpria à sua honra e ao seu crédito para com as outras que a escolheram para este negócio, levar de sua alteza este perdão que todas lhe pediam.

A tia, depois que a agasalhou com as circunstâncias que o verdadeiro amor lhe insinuava, lhe disse que pois afirmava que lhe ia nisso sua honra, ela trabalharia todo o possível para que se não tornasse dali descontente e mal satisfeita no seu requerimento, principalmente pois a coisa em si era tão justa como dizia, fora ser pedida de esmola por tantas senhoras e tão principais como na carta vinham assinadas; a que dizem que a donzela depois de lhe dar as devidas graças, pediu com nova mercê que lhe desse toda a pressa possível, pois não havia de termo para a justiça que tanto contra razão se queria fazer de nós, mais que só dois dias, os quais também ela trazia de espera sòmente.

A tia lhe respondeu a isto:

— Muito bem vejo a necessidade que há dessa pressa, pela muita que de cá foi, para se executar nesses tristes, esse castigo em que el-rei, pelo dito dos chins, mostrou tanta

vontade, mas quando a rainha acordar, que pode ser daqui a uma hora, ela me achará aos seus pés, para que esta novidade seja causa para me ela perguntar pela razão dela, porque há mais de seis anos que não fiz outro tanto por minha má disposição.

Então deixando sua sobrinha agasalhada no seu aposento, abriu uma porta de um passadiço de que ela só trazia a chave, e se recolheu para a câmara onde a rainha jazia deitada, e dizem que sendo já passado meio quarto de lua, acordou a rainha, e sentindo-a a seus pés, lhe disse:

— Que é isto, Nhay Meicamor (porque assim se chamava esta sua camareira-mor), como vos deixastes cá esquecer esta noite? Alguma grande novidade deve isto ser.

Ao que ela respondeu:

— Sim, é, senhora, por certo, e cuido que será tão nova nas orelhas de vossa alteza, quanto foi para mim ver agora chegar minha sobrinha da cidade com tamanha afronta de sua pessoa, que não acerta palavra que diga.

E a rainha lhe disse:

— Se está para isso, chamai-a cá.

E ela a fez logo entrar dentro, a qual chegando diante da rainha, que ainda a este tempo estava na cama, se prostrou ante ela e fazendo-lhe o devido acatamento, lhe disse chorando a que vinha, e lhe deu a carta que levava, a qual lhe ela mandou que lesse, e beijando-lhe a donzela por isso a mão, lha leu como convinha à sua tenção, de que a rainha dizem que ficou tão sentida, que, não sendo ainda acabada de ler de todo, lhe disse muitas vezes com as lágrimas nos olhos:

— Não mais, não mais, baste por agora o que tenho ouvido,

e pois é como me tendes dito, não queira Deus nem a alma de el-rei meu marido, por cujo respeito todas me pedem isso de esmola, que esses coitados percam a vida tanto sem causa, porque bem basta, por pena do que os chins disseram deles, a execução que o mar neles fez, e deixai-me com isso, porque eu tomo à minha conta esse vosso requerimento, e ide-vos repousar um pouco até que seja manhã, e iremos todas três tomar el-rei meu filho antes que se erga, e ler-lhe-eis essa carta assim como ma lestes a mim, para que se mova à piedade e nos conceda levemente isto que com tanta razão lhe vamos pedir.

Logo que a manhã foi clara, a rainha se levantou logo, e levando consigo esta sua camareira-mor e a donzela sòmente, sem mais outra pessoa, se foi por dentro de um passadiço à câmara onde seu filho ainda então jazia na cama, e dando-lhe conta do que dele queria, mandou à donzela que lhe lesse a carta, e por palavras dissesse tudo o que sobre isto era passado, o que a donzela fez tudo muito inteiramente, e, segundo soubemos, com muitas lágrimas suas e de sua tia.

El-rei, dizem que olhando para sua mãe, lhe respondeu:

— Certo, senhora, que toda esta noite sonhei que me via preso diante de um juiz muito irado, o qual me dizia, pondo três vezes a mão no seu rosto, como que me ameaçando:

— Eu te prometo que se sangue destes estrangeiros chega diante de mim, ou dá bramido nas minhas orelhas, que tu e os teus o satisfaçais à minha justiça! E por isso tenho sem dúvida que veio isto por Deus, por cujo amor digo que de esmola feita em seu louvor, lhes concedo a todos as vidas e as liberdades, para que livremente se possam ir para onde quiserem, e à custa de minha fazenda lhes

mandarei logo dar embarcação e tudo o mais que houverem mister.

A rainha sua mãe lhe deu por isto as graças, e mandou à camareira-mor e a sua sobrinha que lhe beijassem ambas por isso os pés, as quais o fizeram assim, e com isto se recolheu a rainha para o seu aposento. E el-rei mandou chamar o chumbim que estivera no dar da sentença, e lhe deu conta de tudo o que se passava, tanto do que ele sonhara, como do que sua mãe lhe pedira e lhe ele concedera, pelo qual todos lhe beijaram a mão e lhe louvaram muito o que tinha feito; e mandando logo revogar a sentença que era dada, e dar outra em que nos perdoava, escreveu uma ao broquém da cidade, que dizia desta maneira:

«Broquém da minha cidade de Pongor: eu, o senhor das sete gerações, e cabelos da tua cabeça, te envio o riso da minha boca, para que a tua honra seja acrescentada. Pela informação que os chins me deram, do mau viver destes estrangeiros, certificando-me com juramento solene na fé que tinham em todos os seus deuses, que eram eles, sem falta, corsários do mar e roubadores na terra, de fazendas alheias, trazendo continuamente seus braços tintos do sangue daqueles que com justa causa defendiam o seu, como era notório por todo o universo, ao qual por cobiça tinham dado mil voltas, sem deixarem ilha, nem terra, nem porto, nem rio que não abrasasem, com males tão feios e criminosos que temo dizê-los por honra de Deus, me pareceu serem isto causas justas para eles serem castigados por justiça, e conforme às leis do meu reino o pus em pareceres dos chumbins do governo, que todos perante mim juraram em suas almas que eram eles merecedores não sòmente de uma morte, mas de mil, se tantas se lhes pudessem dar, pelo qual me fui com os seus pareceres, e mandei ao Nhay peretanda que da minha parte te notificasse que em termo de quatro dias pusesses em efeito a execução deste castigo, conforme a minha sentença.

E porque agora me foi pedido por todas as mulheres nobres dessa cidade, que eu tenho em conta de minhas parentes, que pela alma de el-rei meu senhor lhes fizesse esmola de suas vidas, apontando-me na sua carta razões que me moveram a não lho negar, houve por bem conceder-lho, porque temi que se lho negasse, chegassem os seus brados ao mais alto dos céus, onde vive reinando aquele senhor cuja natureza e propriedade é condoer-se de lágrimas derramadas com tenção virtuosa, pelas boas que zelam sua lei.

E livre eu já da cega paixão a que a carne me tinha inclinado, quis que não prevalecesse minha ira sobre o sangue desses coitados. Pelo que te mando que logo que esta formosa donzela, de geração nobre e parenta minha, te apresentar esta por mim assinada, e em que confesso levar muito gosto pelo respeito de quem ma pediu, te vás à prisão onde puseste esses estrangeiros, e sem mais dilação os mandes soltar, e de minha fazenda os provejas de embarcação, com as mais esmolas que a lei do Senhor te mandar que faças, sem que a avareza te feche a mão. E quanto a verem minha pessoa antes de sua partida, o hei por escusado, tanto pelo trabalho que nisso podem levar, como por não me ser dado, por ter o ofício de rei, ver gente que conhecendo muito de Deus, usa pouco de sua lei, tendo por costume tomar o alheio.

De Bintor, às três chavecas do primeiro mamoco da Lua, na presença da sobrancelha do meu olho direito, mãe minha, e senhora de todo o meu reino.»

E o sinal de el-rei, dizia assim: «Hirapitau Xinancor Ambulec, esteio forte de toda a justiça.»

A donzela, logo que teve a carta de el-rei na mão, não se deteve mais que enquanto se despediu de sua tia, e caminhou com tanta pressa que em pouco tempo chegou à cidade e deu a carta ao broquém, o qual logo em a vendo,

ajuntou todos os peretandas e chumbins da justiça, e se foi à prisão, na qual já naquele tempo estávamos a muito bom recato.

Nós, em o vendo entrar, demos uma muito grande grita de «Senhor Deus misericórdia!», por três ou quatro vezes, de que ele com todos os mais de que a casa estava cheia, ficaram tão espantados que alguns deles choraram com lástima que tinham de nós.

O broquém nos consolou então com palavras notáveis e de muita caridade, e nos mandou logo ali tirar as prisões dos pés e das mãos, e tirando-nos para um pátio que estava mais adiante, nos relatou tudo o que era passado sobre o nosso negócio, de que nós até então não tínhamos sabido coisa alguma, pelas muitas guardas que nos eram postas.

E depois de mandar publicar a carta que el-rei lhe mandara, nos disse:

— Rogo-vos muito por amor de mim, que já que Deus vos fez tamanha mercê, lha saibais agradecer, com lhe dardes muitas graças e louvores por ela, porque se vos achar agradecidos, comunicar-vos-á de lá de cima donde tudo procede, um descanso alegre para sempre sem fim, que é o que nos convém mais que vivermos quatro dias nesta miséria mundana, em que não há descanso senão trabalhos, dores, e aflições grandíssimas, e sobretudo pobreza, que é o remate de todos os males, e por onde comummente as nossas almas se consomem de todo na côncava funda da casa do fumo.

143

do que mais passámos até chegarmos a liampó, e da informação desta ilha léquia

O broquém mandou logo ali trazer duas canastras cheias de vestidos já feitos e os repartiu por nós conforme a falta que via em cada um, e dali nos levou consigo para sua casa, onde sua mulher e todas as mais senhoras léquias nos vieram logo ver, e além de mostrarem contentamento pelo bom sucesso da nossa soltura, nos consolaram com muitas boas palavras, e isto lhes nasce de serem as mulheres desta terra, naturalmente bem inclinadas. E não contentes ainda com isto, repartiram tembém todas entre si o agasalharem--nos em suas casas o tempo que ali estivéssemos até à nossa partida, que foram quarenta e seis dias, nos quais fomos sempre muito bem providos por elas, de tudo o necessário, em tanta abastança que não houve nenhum de nós que não trouxesse de cem cruzados para cima, e a portuguesa em dinheiro e peças trouxe mil, com o que seu marido em menos de um ano se restaurou do que tinha perdido.

Passados com bem de descanso nosso estes quarenta e seis dias, e sendo já chegado o tempo da monção, o broquém nos mandou dar embarcação num junco de chins que ia para o porto de Liampó, no reino da China, conforme o que el-rei lhe tinha mandado; e ao capitão do junco se tomaram grandes fianças acerca da segurança de nossas pessoas, para que nos não fizesse traição no caminho. E desta maneira nos partimos desta cidade de Pongor, metrópole desta ilha léquia, da qual aqui brevemente quis dar alguma informação, como costumei fazer nas outras terras de que atrás

tenho tratado, para que se em algum tempo, Deus Nosso Senhor for servido de inspirar na nação portuguesa, que primeira e principalmente pela exaltação e acrescentamento da sua santa fé católica, e, após isso, pelo muito proveito que daí pode tirar, queira intentar a conquista desta ilha, saiba por onde há-de pôr os pés, e o muito que pode ganhar no descobrimento dela, e quão fácil lhe será conquistá-la.

Esta ilha léquia jaz situada em vinte e nove graus, tem duzentas léguas em roda, sessenta de comprido, e trinta de largo. A terra em si é quase do teor do Japão, algum tanto em partes, montanhosa, mas no interior do sertão é mais plana, e fértil, e viçosa de muitos campos regados de rios de água doce, com infinidade de mantimentos, principalmente de trigo e arroz. Tem serras de que se tira muita quantidade de cobre, o qual por ser muito, vale entre esta gente tão barato que de veniaga carregam juncos dele para todos os portos da China, e Lamau, Sumbor, Chabaqué, Tosa, Miacó, e Japão, com todas as mais ilhas que estão para a parte do sul, de Sesirau, Goto, Fucanxi, e Polém. Tem mais toda esta terra do léquio, muito ferro, aço, chumbo, estanho, pedra-ume, salitre, enxofre, mel, cera, açúcar, e grande quantidade de gengibre muito melhor e mais perfeito do que o da Índia. Tem também muita madeira de angelim, jatemar, poitão, pisu, pinho manso, castanha, souro, carvalho, e cedro, de que se podem fazer milhares de navios.

Tem, para a parte do oeste, cinco ilhas muito grandes, em que há muitas minas de prata, pérolas, âmbar, incenso e seda, pau-preto, brasil, águila brava, e muito breu, ainda que a seda seja algum tanto menos que a da China.

Os habitadores de toda esta terra são como os chins, vestem linho, algodão, e seda, com alguns damascos que lhes trazem de Nanquim. São muito comedores, e dados às delícias da carne, pouco inclinados às armas, e muito faltos

delas, por onde parece que será muito fácil conquistá-los, tanto que no ano de 1556 chegou a Malaca um português, de nome Pêro Gomes de Almeida, criado do mestre de Santiago, com um grande presente e cartas do nautaquim, príncipe da ilha Tanixumá, para el-rei D. João III, que santa glória haja, e toda a substância do seu requerimento vinha fundada em lhe pedir quinhentos homens para com eles e com a sua gente conquistar esta ilha léquia, e ficar-lhe-ia por isso tributário em cinco mil quintais de cobre, e mil de latão, em cada um ano, a qual embaixada não houve efeito por vir este recado a este reino no galeão em que se perdeu Manuel de Sousa de Sepúlveda.

Jaz mais ao noroeste desta terra léquia, um grande arquipélago de ilhas pequenas, donde se traz muito grande quantidade de prata, as quais segundo parece, e eu sempre suspeitei pelo que vi em Maluco, nos requerimentos que Rui Lopes de Vila Lobos, general dos castelhanos, fez a D. Jorge de Castro, capitão que então era da nossa fortaleza de Ternate, devem ser as de que esta gente tem alguma notícia, as quais nomeavam por ilhas platárias, ainda que não saiba com quanta razão, porque segundo o que temos visto e lido, tanto em Ptolomeu como nos mais que escreveram da geografia, nenhum destes houve que passasse do reino de Sião e da ilha Samatra, senão só os nossos cosmógrafos, os quais do tempo de D. Afonso de Albuquerque para cá, passaram um pouco mais adiante, e trataram já dos Celebes, Papuas, Mindanaus, Champás, China, e Japão, mas não ainda dos Léquios, nem dos mais arquipélagos que na grandeza deste mar estão ainda por descobrir.

Desta breve informação que tenho dado destes léquios, se pode entender, e assim o cuido eu pelo que vi, que com quaisquer dois mil homens se tomaria e senhorearia esta ilha, com todas as mais destes arquipélagos, donde resultará muito maior proveito que o que se tira da Índia, e com muito menos custo, tanto de gente como de tudo o mais, porque

sòmente do trato nos afirmaram mercadores com quem falámos, que rendiam as três alfândegas desta ilha léquia, um conto e meio de ouro, fora a massa de todo o reino, e as minas de prata, cobre, latão, ferro, aço, chumbo, e estanho, que rendiam ainda muito mais que as alfândegas.

Das mais excelências particulares que pudera dizer desta ilha, não tratarei agora, porque me parece que isso só bastará para despertar e incitar os ânimos dos portugueses a a uma empresa de tanto serviço de Nosso Senhor, e de tanta honra e proveito para eles.

144

como de liampó me parti para malaca, donde o capitão da fortaleza me mandou a martavão, ao chaubainhá

Chegando nós a salvamento ao porto de Liampó, fomos todos bem recebidos e agasalhados dos portugueses que então aí estavam. E daqui me embarquei para Malaca, em uma nau de um português chamado Tristão de Gá, com tenção de tornar de lá a tentar de novo a fortuna que tantas vezes me fora contrária, como se tem visto do que atrás deixo contado.

Esta nau chegou a salvamento a Malaca, onde achei ainda Pêro de Faria por capitão da Fortaleza, o qual desejando me aproveitar antes que acabasse o seu tempo, me acometeu com a viagem de Martavão, de que então se tirava proveito, em um junco de um mouro, de nome necodá Mamude,

o qual aí na terra tinha mulher e filhos; e que a minha ida havia de ser tanto para assentar pazes com o chaubainhá, rei de Martavão, como para por via de comércio, virem os seus juncos com mantimentos à fortaleza que neste tempo estava muito falta deles, pelo sucesso das guerras de Jaoa. E outra causa da minha ida, não menos importante que esta, era ir também chamar um tal Lançarote Guerreiro, que então andava nas costas de Tanauçarim, com cem homens em quatro fustas, com nome de alevantado, para que acudisse à fortaleza, porque se tinha por nova certa que vinha o rei do Achém sobre ela. Pelo qual, vendo-se Pêro de Faria muito desapercebido de tudo o necessário para este cerco, e com muita falta de gente, quis tentar valer-se destes cem homens, tanto por estarem mais perto, e poderem acudir mais depressa, como também por terem, como quem andava naquele ofício, muito grande soma de munições necessárias a este cerco que esperava. E a terceira causa por que me mandava, também assaz importante, era ir dar aviso às naus de Bengala, para que viessem todas juntas a bom recato, e apercebidas para o que no caminho lhes sucedesse, para que o descuido não fosse a causa de algum desastre. Eu lhe aceitei a viagem de boa vontade, e me parti uma quarta-feira, aos nove dias do mês de Janeiro do ano de 1545, desta fortaleza de Malaca, e segui minha rota com ventos bonançosos até Pulo Pracelar, onde o piloto se deteve por respeito dos baixios que atravessam todo este canal, da terra firme à ilha de Samatra, e depois de sermos fora deles, ainda que com trabalho, velejámos por nossa rota até às ilhas de Pulo Sambilão, onde me meti numa manchua bem equipada que levava, e navegando sempre nela por espaço de mais de doze dias, conforme o regimento que levava de Pêro de Faria, espiei toda a costa deste Malaio, que são cento e trinta léguas, até Junçalão, entrando em todos os rios de Barruhás, Salangor, Panagim, Quedá, Parlés, Pendão, e Sambilão Sião, sem em nenhum deles achar nova certa destes inimigos. E seguindo pela mesma rota, por espaço de mais nove dias, que era aos vinte e três da nossa viagem, sur-

gimos em uma ilha pequena a que chamavam Pisanduré, no qual foi necessário ao necodá, que era o mouro capitão do junco, fazer uma amarra, e tomar água e lenha. E desembarcado em terra com esta determinação, se deu ordem ao efeito dela com toda a pressa possível, e se repartiu a gente pelos serviços mais necessários, em que se gastou aquele dia quase todo. Enquanto isto se fazia, um filho deste capitão mouro me acometeu a que fosse com ele matar um veado, de que havia muitos por aquela ilha, a que eu respondi que de boa vontade, e tomando uma espingarda fui com ele a terra, onde metendo-nos pela espessura do mato, não caminharíamos por ele pouco mais de cem passos, quando descobrimos num descampado uma grande banda de porcos monteses que andavam fossando junto de um charco de água. Alvoroçados nós com a vista desta montaria, nos fomos chegando para o mais perto deles que pudemos, e disparando ambos as espingardas no corpo de toda a banda, derrubámos dois deles. Com o alvoroço disto, demos uma grande grita e fomos correndo até ao descampado em que fossavam, onde achámos nove homens desenterrados, e outros dez ou doze meio comidos, com a qual vista ficámos assaz pasmados e confusos, e nos afastámos um pouco para trás por causa do grande fedor destes corpos mortos. O mouro que ia comigo, que se chamava Çapetu, me disse então:

— Parece-me que será bom conselho irmos dar conta disto a meu pai que está na praia fazendo a amarra, para que mande logo rodear esta ilha, e ver se se descobrem algumas lancharas de ladrões que podem estar detrás daquela ponta, e temo que nos possa acontecer aqui algum desastre, como já algumas vezes aconteceu a alguns navios em que houve matarem-lhes muita gente por descuido dos seus capitães.

Eu, parecendo-me bem o seu conselho, me tornei logo com ele à praia, onde ele deu conta a seu pai do que tínhamos

visto. E como o necodá era homem sisudo, e estava escaldado destes desastres, mandou logo com muita presteza rodear a ilha toda, e fez embarcar as mulheres e os moços pequenos com a roupa meio lavada assim como estava, e ele com quarenta homens de espingarda e lanças, foi demandar a fossa donde nós tínhamos vindo; e chegando ao lugar dos mortos, os andou vendo, com as mãos nos narizes por causa do grande fedor que se mal podia sofrer, e movido à piedade deles, mandou pelos marinheiros fazer uma grande cova em que os enterrassem, e revolvendo-os para os meterem nela, a uns acharam alguns crises guarnecidos de ouro, e a outros manilhas nos braços. O necodá entendendo o mistério disto que via, me disse que despedisse logo dali a embarcação de remo que tinha, e mandasse recado ao capitão de Malaca, porque sem dúvida nenhuma me afirmava que aqueles mortos eram achéns que vinham desbaratados de Tanauçarim, onde as suas armadas continuavam por causa da guerra que tinham com el-rei do Sião, porque aquelas manilhas de ouro que achara, eram dos capitães do achém, que costumavam enterrar-se com elas nos braços, e que a isso poria a cabeça. E que para mais prova disto, queria mandar desenterrar alguns, o que logo fez, e desenterrando mais trinta e sete que ali estavam, lhes acharam dezasseis manilhas de ouro, e doze crises ricos com muitos anéis, de maneira que ainda montaria este despojo passante de mil cruzados, que o necodá levou, fora o de que se não soube parte. Mas não foi isto tanto a nosso salvo que nos não custasse adoecer-nos a gente quase toda, do grande fedor dos mortos.

Eu despedi logo daqui para Malaca o balão de remo que levava, pelo qual escrevi a Pêro de Faria todo o sucesso da viagem, e o caminho que fizera, e os portos e rios e angras em que entrara, sem em nenhuma parte achar nova nem recado destes inimigos, mais que suspeitar-se estarem em Tanauçarim, donde por estes corpos mortos que aqui

acháramos, se podia crer que vinham desbaratados. E que da mais certeza que tivesse disto, lhe escreveria logo donde quer que me achasse.

145

como chegámos a uma ilha a que chamavam pulo hinhor, e do que o rei dela passou comigo

Despedido este balão para Malaca com cartas a Pêro de Faria, e estando já o junco apercebido de tudo o necessário, nos fizemos à vela na volta de Tanauçarim, onde (como tenho dito) eu levava por regimento que fosse surgir, para negociar com o Lançarote Guerreiro, que ele e os mais portugueses que andavam em sua companhia, viessem socorrer Malaca, pela nova que havia de virem os achéns sobre ela.

E velejando por nossa rota, chegámos a uma ilha pequena, de pouco mais de uma légua em roda, que se chamava Pulo Hinhor, donde nos saiu um parau em que vinham seis homens baços, todos com barretos vermelhos, mas pobremente vestidos, e chegando a bordo do junco, que ainda neste tempo ia à vela, nos salvaram com mostras de paz, a que nós respondemos da mesma maneira, e após isso nos perguntaram se vinham ali alguns portugueses, a que foi respondido que sim. Porém, eles não se fiando no que os mouros lhes diziam, lhes rogaram que lhes mandassem mostrar um ou dois, porque revelava ser assim. O necodá me pediu então muito que quisesse subir acima, porque neste tempo jazia eu em baixo da câmara, mal disposto, o

que eu fiz logo para lhe fazer a vontade, e aparecendo em cima no convés, chamei pelos que vinham no parau, os quais logo que me viram e conheceram que era português, deram uma grita, e tangendo as palmas a modo de alegria, entraram dentro do junco, e um deles que no aspecto parecia de mais autoridade, me disse:

— Antes, senhor, que peça licença para falar, te rogo que vejas essa carta, para por ela me dares crédito ao que disser, e saibas que sou esse que ela diz.

E com isto, me meteu uma carta na mão, embrulhada num trapo bem sujo, a qual eu tomei e vi que dizia desta maneira: «Senhores portugueses e verdadeiros cristãos, este honrado homem que esta mostrar a vossas mercês, é rei desta ilha, agora de novo feito cristão, de nome D. Lançarote, do qual todos os aqui assinados e outros muitos mais que andamos por esta costa, temos recebido grandes avisos de traições que achéns e turcos contra nós ordenaram, e por meio deste bom homem soubemos tudo, e também por seu respeito nos deu Nosso Senhor agora uma muito grande vitória contra eles, em que lhes tomámos uma galé, e quatro galeotas, com mais cinco fustas, nas quais lhes matámos mais de mil mouros, pelo que pedimos a vossas mercês, pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo e pelas dores da sua sagrada paixão, que não consintam fazer-se-lhe mal nem agravo algum, mas antes o favoreçam em tudo, como bons portugueses, para que seja exemplo, para que os outros que isto souberem, façam o mesmo que este fez.

Beijamos mil vezes as mãos a vossas mercês, hoje, três de Novembro de 1544.»

Esta carta vinha assinada por mais de cinquenta portugueses, em que entravam os quatro capitães que eu buscava, que

eram Lançarote Guerreiro, António Gomes, Pêro Ferreira e Cosme Bernardes.

Eu, vendo esta carta e a eficácia de suas palavras, fiz ao pobre reizinho alguns oferecimentos de minha pessoa, ainda que a minha possibilidade fosse então tão pequena que não chegava a mais que a um fraco jantar, e a um barrete vermelho, o qual, conquanto fosse velho, ainda era melhor que o que ele trazia.

Ele, entre algumas contas que me deu de si e de suas misérias, levantando as mãos para o céu, e chorando muitas lágrimas, me disse:

— Sabe Nosso Senhor Jesus Cristo e sua mãe Santa Maria, cujo escravo eu sou, quanta necessidade eu tenho agora do favor e ajuda de alguns cristãos, porque por eu ser também cristão, de quatro meses a esta parte, me pôs um escravo mouro neste estado em que me agora vejo, sem ter por mim mais que pôr sòmente os olhos no céu, e com grande dor e pouco remédio chorar minha desventura, e te afirmo na verdade desta santa e nova lei que agora professo, que só por ser cristão e amigo de portugueses, me vejo perseguido desta maneira. E já que por ti, por seres um só, não posso ser ajudado, te rogo, senhor, que me leves contigo para que não perca esta alma que Deus em mim pôs, e eu te prometo te servir como cativo enquanto viver.

E tudo isto que disse, foi acompanhado sempre de tantas lágrimas que era coisa piedosa de ver.

O necodá, como de sua natureza era bem inclinado e brando de condição, houve muito dó dele, e lhe deu um pouco de arroz e um pano para se cobrir, porque de tudo vinha tão falto que nem as carnes trazia de todo cobertas, e depois que se informou dele, de algumas coisas que lhe relevava saber, lhe perguntou também pelo seu inimigo, onde estava,

e que poder tinha, a que ele respondeu que estava dali a pouco mais de um quarto de légua, em uma casa de palha, com só trinta pescadores consigo, e os mais deles, ou quase todos, sem armas nenhumas.

O necodá então, pondo os olhos em mim, e vendo-me estar triste porque eu só não bastava para poder dar remédio a este pobre cristão, e parecendo-lhe que nisto me fazia muita amizade, me disse:

— Se agora, senhor, foras capitão deste junco assim como eu, que farias às lágrimas deste coitado, de que os teus olhos também têm sua parte?

E eu lhe não respondi palavra nenhuma, por estar tão melancolizado e triste quanto a proximidade cristã me obrigava. O filho do necodá, que como já disse, era mancebo de bom espírito, e criado entre portugueses, vendo a dor e vergonha em que este aperto me tinha posto, pediu a seu pai que lhe desse vinte marinheiros do junco, para com eles restaurar aquele pobre reizinho, e lançar aquele ladrão fora daquela ilha, a que ele respondeu que se lho eu pedisse, o faria de boa vontade. Eu, arremetendo-lhe aos pés para lhos abraçar, por ser a mais humilde cortesia que se costuma entre eles, lhe disse chorando que se isso me fizesse, toda a minha vida seria seu escravo cativo, e lhe reconheceria aquela tamanha amizade, e a todos seus filhos, como ele veria, porque assim lho jurava em minha verdade, e ele mo concedeu muito levemente.

E mandando surgir o junco junto da ilha, se fez prestes com todos os seus em três embarcações de remo, com um falcão e cinco berços, e sessenta homens jaus e lusões, com muito boas armas, em que havia trinta com espingardas, e os mais com lanças e flechas, e muita soma de panelas de pólvora e outros artifícios de fogo convenientes a nosso propósito.

146

do que sucedeu aos nossos contra os inimigos deste reizinho, e de uma grande vitória que uns portugueses houveram nesta costa contra um capitão turco

Seria às duas horas depois do meio-dia, quando desembarcámos todos em terra e nos fomos logo caminhando para a trincheira onde os inimigos estavam. Na dianteira ia o filho do necodá com quarenta homens, dos quais vinte eram de espingardas, e os mais de lanças e flechas, e o mesmo necodá ia na retaguarda com trinta homens, e levava uma bandeira de Cruz que Pêro de Faria lhe dera quando partiu de Malaca, para por ela ser conhecido por vassalo de el-rei nosso senhor, se no mar encontrasse alguns navios nossos. E seguindo com esta ordenança nosso caminho por dentro da ilha, e levando o pobre reizinho por guia, chegámos onde o levantado estava com sua gente toda posta em campo, fazendo muitas algazarras e dando mostras de muita ufania, como quem nos não tinha em conta, os quais, por todos, podiam ser até cinquenta, mas nas mostras, gente fraca e desarmada, e mal provida do necessário para sua defesa, porque não tinham mais que paus, e dez ou doze lanças, e uma espingarda.

Os nossos, logo que houveram vista deles, deram fogo ao falcão e aos berços, e disparando vinte espingardas arremeteram a eles, que já neste tempo iam fugindo, quase todos feridos, e sem ordem nenhuma, e os seguiram com tanta pressa que os alcançaram em cima, no alto de um outeiro, onde em menos de dois credos foram todos mortos, sem escaparem mais que só três a que se deu vida por dizerem que eram cristãos. E chegando a uma povoação de vinte casas de palha, térreas, se não achou mais nelas que só sessenta e quatro mulheres e crianças pequenas, as quais todas em um grito diziam chorando:

«Cristão, Cristão, Jesus, Jesus, Santa Maria», e alguns diziam «Padre nosso que estais nos céus, santificado seja o teu nome», sem mais outra coisa.

E parecendo-me a mim que na verdade eram cristãos como diziam, pedi ao necodá que mandasse retirar seu filho, e não consentisse que se matasse nenhum, pois eram cristãos, e ele o fez logo com muita presteza. Contudo, as pobres casas foram saqueadas, e em todas elas se não achou valia de cinco cruzados, porque toda esta gente é tão pobre que nem um só real tem de seu, nem se mantém de outra coisa mais que de algum peixe que tomam à linha, que comem assado nas brasas; e sem embargo disto, são tão vãos, tão presunçosos, e tão cheios de opinião, que não há nenhum deles que se não chame rei de qualquer pedacinho de terra em que tem uma choupana de palha, sem mais outra coisa. E nem os homens nem as mulheres têm coisa alguma de seu, de que se vistam.

Morto este mouro alevantado, com todos os mais da sua companhia, e sendo o pobre reizito cristão entregue de sua mulher e de seus filhos, que este inimigo lhe tinha cativos, com mais sessenta e três almas cristãs, e ordenada ali uma igreja para se doutrinarem os novamente convertidos, nos tornámos ao junco, onde embarcados demos logo à vela e seguimos nossa rota na volta de Tanauçarim, onde esperava achar o Lançarote Guerreiro e os seus companheiros para tratar com eles o negócio que atrás tenho dito.

Mas porque na carta que este reizinho me mostrara, dos portugueses, faziam eles menção de uma vitória que Deus lhes dera contra os turcos e os achéns desta costa, determinei declarar aqui como ela se passou, tanto porque me parece que nisso darei gosto aos leitores, como para que se entenda que os bons soldados, no tempo da necessidade não há coisa que não levem a cabo, e que por isso importa muito terem-nos muito mimosos e muito favorecidos.

Havendo já quase oito meses que estes nossos cem homens andavam nesta costa embarcados em quatro fustas muito bem concertadas, em que tinham tomado vinte e três naus de presas muito ricas, e outros muitos navios pequenos, as gentes que costumavam navegar por aquela costa, andavam já tão assombradas do nome português, que de todo deixaram o comércio de suas viagens, e vararam os seus navios em terra, por onde as alfândegas destes portos de Tanauçarim, Junçalão, Merguim, Vagaru, e Tavay, perdiam muito dos seus rendimentos, pelo que foi forçoso a estes povos darem conta disso ao imperador do Sornau, rei de Sião, que é senhor supremo de toda esta terra, para que prouvesse neste mal, de que todos geralmente se queixavam, o qual proveu logo, da cidade de Odiá onde então estava, com muita presteza, mandando vir da fronteira dos Lauhós, um seu capitão turco, de nome Heredim Mafamede, o qual no ano de 1538 viera de Suez na armada de Soleimão Baxá, vice-rei do Cairo, quando o grão-turco o mandou sobre a Índia, e desgarrando este, em uma galé, do corpo da armada, veio ter a esta costa de Tanauçarim, onde aceitou partido deste Sornau, rei de Sião, e o serviço de fronteiro-mor na raia do reino dos Lauhós, com doze mil cruzados de soldo por ano. E porque el-rei, por ele ser turco, o tinha em conta de homem invencível e para mais que todos os seus, o mandou então vir da fronteira onde estava, com trezentos janízaros que tinha consigo, e fazendo-lhe uma grossa mercê de dinheiro, o fez general da costa deste mar, com provisões de rei absoluto sobre todos os oyás,

que são como duques, para desafrontar estes povos, das anexações que os nossos lhes faziam, e lhe prometeu o fazer duque de Banchá, que é um estado muito grande, se lhe trouxesse as cabeças dos quatro capitães portugueses. Este soberbo turco, ufano e cheio de vaidade com as novas mercês e nova promessa que el-rei lhe fizera, se partiu para Tanauçarim com muita pressa, onde chegado fez logo uma armada de dez barcos para ir pelejar com os nossos, e tão confiado em ter vitória, que, em resposta de algumas cartas que o Sornau lhe escrevera da cidade de Odiá, lhe respondeu ele uma que dizia estas palavras:

«Do dia que a minha cabeça se apartou dos pés de vossa alteza, para este pequeno feito em que mostrou gosto que eu o servisse, a nove dias, cheguei a Tanauçarim onde logo com toda a presteza provi na falta de barcos que aqui achei, de que não quisera levar mais que dois, porque, sem falta, para mim tenho que essas só bastavam para enxotar estes formigueiros, mas para ser em tudo obediente ao regimento que me deu o combracalão, governador do império, selado com a mutra do selo real, aparelho a galé grande, e as quatro pequenas, e cinco fustas, com as quais determino partir-me logo, porque receio que saibam estes cães, da minha vinda, e que Deus, por meus pecados seja tanto seu amigo que lhes dê tempo para fugirem, o que para mim seria tamanha dor que só a imaginação dela temo que me consuma a vida, ou por desesperação me faça semelhante a cada um deles. Mas eu confio no profeta Mafoma, cuja lei professei de pequeno, que se não mostre tanto meu inimigo que consinta pecados poderem tanto.»

Chegado, como digo, este Heredim Mafamede a Tanauçarim, fez logo prestes esta armada de cinco fustas, quatro galeotas, e uma galé real, e embarcou nela oitocentos mouros de peleja, fora a chusma de remo, em que entravam trezentos janízaros, e os mais eram turcos, gregos, malabares, achéns, e mogores, gente toda muito escolhida e exercitada na guerra,

em que parecia que a vitória estava muito certa, e com ela saiu do porto de Tanauçarim em busca dos nossos, que neste tempo estavam nesta ilha de Pulo Hinhor de que este cristão era rei, o qual nesta conjunção em que esta armada se fazia, acertou de estar lá na cidade vendendo um pouco de peixe seco. E sentindo o que se ordenava contra os nossos, largou a veniaga e veio com muita pressa a esta sua ilha, na qual os achou muito descansados, sem saberem parte de nada, e com todas as quatro fustas varadas em terra. E dando-lhes conta do que se passava, ficaram eles todos tão sobressaltados quanto a qualidade do caso requeria, e logo naquela noite e no dia seguinte espalmaram os navios e os lançaram ao mar, e embarcaram mantimentos, água, artilharia, e munições, e se puseram com remo em punho, com tenção, segundo me eles depois contaram, de se irem para Bengala ou para Racão, por se não atreverem a pelejar com armada tão grossa.

E estando assim vacilando em diferentes pareceres, apareceram todos os dez barcos juntos, e nas costas deles, cinco naus grossas de guzarates, cujos senhorios tinham dado ao Heredim Mafamede trinta mil cruzados para os segurar dos nossos.

A vista destes quinze barcos meteu a nossa gente em muita confusão, e por já a este tempo se não atreverem a se fazerem na volta do mar, por lhes ficar o vento muito ponteiro, se meteram detrás de uma calheta que a ilha fazia da banda do sul, cercada de recifes, porque já não tinham outro remédio, e ali determinaram esperar o que a fortuna lhes oferecesse.

As cinco naus dos guzarates se fizeram na volta do mar, e os dez barcos de remo se foram direitos à ilha, onde chegaram quase às Ave-Marias, e o turco mandou logo espiar o porto onde tinha por novas que os nossos estavam, e veio a remo pôr-se na boca da angra, por lhe ficar assim a

presa mais segura, e com tenção de logo que fosse manhã, tomar todos os nossos às mãos, e, atados com cordas, como ele dizia, os apresentar ao Sornau de Sião, porque isso era o porque tinha prometido o estado de Banchá, como atrás fica dito.

A manchua que fora espiar o porto, tornou à armada com duas horas da noite, e deu por novas ao Heredim que os nossos eram já acolhidos, de que dizem que ficou tão pasmado que dando bofetadas em si e depenando as barbas, disse chorando:

— Bem me temi eu sempre que pecados meus haviam de ser causa que Deus neste feito se mostrasse mais cristão que mouro, e que Mafamede havia de ser tal como cada um destes perros que eu vinha buscar.

E com isto se deixou cair no chão como morto, onde esteve sem fala por espaço de mais de uma grande hora. Porém, quando tornou em si, proveu logo como capitão no que convinha, mandando logo as quatro galeotas em busca dos nossos a uma ilha a que chamavam Taubasoy, que estava no mar daquela de Pulo Hinhor, a sete léguas, tendo para si que lá deviam estar por ser muito melhor refúgio que aquela em que estava; e as cinco fustas dividiu em três partes, duas mandou a outra ilha de nome Sambilão, e outras duas a outra que estava mais junto da terra firme, por serem todas de bons refúgios, e a outra fusta, por ser mais ligeira, mandou atrás das quatro galeotas para que antes da manhã lhe trouxesse recado do que achasse, prometendo de alvíssaras cinco mil cruzados.

Os nossos, que estavam bem alerta, vendo que o turco se tinha desfeito da maior força do poder que trazia, se determinaram em o acometer, e saindo da calheta com o remo em punho, vieram muito caladamente a ela. E como os inimigos estavam seguros, e fora de lhes parecer que podia

haver alguma coisa que os acometesse, e ser já passante da meia-noite, tinham em si fraca vigia. As nossas quatro fustas deram todas juntas na galé, com grande ímpeto e esforço, e lhe lançaram dentro sessenta homens, os quais antes que os inimigos entrassem em seu acordo para se valerem das armas, que seria o espaço de dois ou três credos, lhes mataram à espada, passante de oitenta turcos, e todos os mais se lançaram ao mar, sem na galé ficar homem vivo nem pessoa a quem se conservasse a vida, onde também morreu o perro do Heredim Mafamede. E tanto favoreceu Deus Nosso Senhor os nossos neste grande feito, que lhes deu esta honrosa vitória tão barata que não custou mais que um moço nosso e nove portugueses feridos, e na galé me afirmaram eles que morreram à espada, e afogados, muito perto de trezentos mouros, de que a maior parte foram janízaros de cercola de ouro, que é divisa de nobreza entre os turcos.

E já quando isto acabou de se concluir, seriam duas horas depois da meia-noite. E descansando o que restava da noite com muito contentamento e com boa vigia, em vindo a manhã quis Nosso Senhor, por sua misericórdia, que chegaram duas fustas da ilha onde foram mandadas, que sem saberem parte do que era passado, vinham algum tanto descuidadas, as quais em dobrando a ponta da angra onde estava a galé, os nossos todos quatro arremeteram a elas e em muito breve espaço foram tomadas com muito pouco custo dos nossos. E havendo eles este próspero sucesso por mercê grande, dada pela mão de Deus, fizeram todos uma devota salva em que lhe deram muitas graças e muitos louvores, e lhe pediram com muitas lágrimas que os não desamparasse, porque por honra do seu santo nome se lhe ofereciam todos em sacrifício, para no mais que com seu favor esperavam fazer, darem as vidas pela sua santa fé católica.

Após isto, provendo com muita pressa na fortificação das

duas fustas e da galé que tinham tomado, as abalroaram com a ribanceira da parte do sul, e lhes assestaram cinco peças grossas que defendiam a entrada da angra. E sendo já quase pela tarde, chegaram as outras duas fustas que foram mandadas à terra firme, com o mesmo descuido das outras, e ainda que houvesse algum pequeno trabalho em abalroá-las, todavia foram ambas rendidas, mas com morte de dois portugueses, dos quais um foi Lopo Sardinha, feitor de Ceilão. E tornando-se os nossos a fortificar de novo com estas outras duas fustas, determinaram esperar ali as quatro galeotas que eram mandadas à ilha do mar; porém, a estas, deu lá Nosso Senhor ao outro dia tanto vento norte, que deu com duas delas à costa, de que se não salvou pessoa nenhuma. As outras duas, vindo já sobre a tarde, destroçadas de toda a apelação dos remos, distantes uma da outra, mais de três léguas, uma delas chegou ao porto às Ave-Marias, que também teve a fortuna das outras, sem se dar vida a mouro nenhum.

Ao outro dia, uma hora antemanhã, sendo o vento calmo de todo, viram os nossos a outra galeota que andava manca, por ter alijado toda a equipagem de remo ao mar, e que não podia tomar o porto senão sobre a tarde, com o vento oeste, e determinando-se de a irem buscar, se chegaram a ela e lhe deram duas surriadas de artilharia, com que lhe mataram a maior parte da gente, e após isso a abalroaram e a tomaram sem nenhum trabalho, por ter a gente quase toda morta e ferida, e a trouxeram à toa para dentro da angra onde as outras estavam. De maneira que dos dez barcos da armada, ficaram aos nossos a galé, duas galeotas, e quatro fustas; e dos outros três navios, duas galeotas deram à costa na ilha de Tobasoy, como já disse, e da outra fusta se não soube nenhuma nova, mas suspeitou-se que a comera o mar, ou dera à costa em alguma das outras ilhas. E esta gloriosa vitória que Nosso Senhor deu aos nossos, foi no mês de Setembro do ano de 1544, na véspera e dia do Arcanjo São Miguel, com a qual o nome

português ficou tão celebrado e tão temido por toda esta costa, que em mais de três anos se não falou noutra coisa. O que, sabido pelo Chaubainhá, rei de Martavão, os mandou logo buscar com promessas de grandes partidos, para o ajudarem contra o rei de Bramá, que naquele tempo se fazia prestes na cidade de Pegu, para o vir cercar com setecentos mil homens.

147

do que mais passei até chegar à barra de martavão

Partidos nós, como já disse atrás, desta ilha de Pulo Hinhor, continuámos por nossa rota na via do porto de Tanauçarim, ao negócio que já atrás disse algumas vezes, e quando foi noite, receoso o piloto dos muitos baixos que tinha por proa, se fez no bordo do mar com tenção de logo que fosse manhã tornar a demandar a terra com os ventos oestes que já neste tempo cursavam da Índia, por monção tendente. E havendo cinco dias que navegávamos por esta rota, correndo com assaz de trabalho por rumos diferentes, permitiu Nosso Senhor que acaso víssemos uma manhã uma embarcação pequena, e parecendo-nos que era de pescadores, a fomos demandar para nos informarmos deles da paragem em que estávamos, e que léguas haveria dali a Tanauçarim. E passando por junto dela, lhe bradámos, porém ninguém nos respondeu, pelo que foi forçoso mandar lá o batel bem apercebido de gente, para constranger os que achasse, a virem a bordo. O nosso batel chegou com muita pressa à embarcação que tínhamos visto, e sem nenhuma dificuldade o trouxe à toa, a qual em chegando a nós me meteu em assaz de

confusão, porque era um batel em que vinham cinco portugueses, dois mortos e três ainda vivos, e um cofre com três sacos de tangas, larins, e um envoltório em que vinham muitos copos e jarros de prata, e dois pratos muito grandes, o que tudo logo eu fiz pôr a bom recato, e os três portugueses meti dentro do junco, e fazendo-lhes todo o gasalhado que pude, os tive dois dias sem fala, e, com gemas de ovos e caldos de galinha que lhes lançava pela boca, tornaram a si e prouve a Nosso Senhor que em seis ou sete dias convalesceram para poderem dar razão de si. E um destes portugueses era um tal Cristóvão Dória, que nesta terra foi depois mandado como capitão a São Tomé, e os outros dois eram Luís Taborda e Simão de Brito, todos homens honrados e mercadores ricos.

Eles me contaram que vindo da Índia numa nau de Jorge Manhoz, casado em Goa, para o porto de Chatigão, no reino de Bengala, se perderam nos baixos de Racão, por má vigia que tiveram, e salvando-se no batel dezassete pessoas sòmente, de oitenta e três que vinham na nau, caminharam ao longo da costa cinco dias, com tenção de se irem meter no rio de Cosmim, no reino de Pegu, para daí se embarcarem para a Índia, na nau do lacre de el-rei, ou doutro qualquer mercador que no porto achassem. E vindo com esta determinação, lhes dera um vento leste do lado da terra, tão impetuoso que numa noite e num dia a perderam de vista. E andando assim emaranhados sem vela nem remos, nem quem entendesse que rumo lhes demorava, continuaram neste trabalho dezasseis dias, em que de todo lhes faltou a água, que foi a causa das suas mortes; e destes dezassete que escaparam no batel, só três ficaram vivos, da maneira que aqui os achei.

Daqui desta paragem velejámos por nossa rota mais quatro dias, em que prouve a Nosso Senhor que uma manhã nos achámos entre cinco naus portuguesas que iam de Bengala para Malaca, às quais todas mostrei o regimento

que levava de Pêro de Faria, e lhes fiz requerimento que fossem juntas todas por causa da armada dos achéns que andavam na costa, para que o descuido não fosse causa de algum desastre, e disso lhes pedi um certificado que todos me deram, e me proveram de tudo o que me era necessário, em muita abastança.

Feita esta diligência, seguimos daqui nosso caminho, e passados nove dias chegámos à barra de Martavão, uma sexta-feira de Lázaro, vinte e sete de Março do ano de 1545, tendo passado por Tanauçarim, Tovay, Merguim, Juncay, Pulo Camude e Vagaru, sem em nenhum destes portos achar nova destes cem portugueses que ia buscar, porque a este tempo eram lançados lá dessa parte do chaubainhá, rei de Martavão, o qual (segundo ouvi dizer) os mandara chamar para o ajudarem eles contra o rei do Bramá que o tinha cercado com um campo de setecentos mil homens, como atrás fica dito. Porém eles já então não estavam em seu serviço, como logo se verá, mas a razão porquê, eu a não soube.

148

de algumas coisas particulares que aqui em martavão sucederam

Já seriam duas horas da noite quando chegámos à boca do rio, e ancorámos nela com tenção de pela manhã irmos surgir à cidade. E depois de estarmos quietos, ouvimos por vezes muitos tiros de artilharia grossa, com o que algum tanto ficámos embaraçados e duvidosos no que faríamos. E quando o dia foi claro, o necodá chamou toda a gente

a conselho, por ser assim seu costume em semelhantes casos, e lhe disse que pois todos haviam de participar do perigo, todos também dessem nele seu voto, e a todos geralmente fez uma fala em que lhes pôs diante o que aquela noite ouvira, e o receio que por isso tinha de ir surgir na cidade, sobre o que houve alguns pareceres e opiniões diversas, por fim das quais se concluiu que todavia se fosse ver com os olhos o de que se temiam. E para isso se fez à vela para dentro do rio, com conjunção de vento e maré, e dobrámos uma ponta a que chamavam Mounay da qual descobrimos a cidade cercada toda em roda de uma grande quantidade de gente que ocupava grande parte da vista, e no rio quase outra tanta de barcos de remo, e conquanto suspeitássemos o que isto podia ser, pelas atoardas que já trazíamos de mais longe, não deixámos de velejar até dentro do porto, onde surgimos com muito recato. E fazendo por cerimónia de paz nossa salva costumada, nos saiu da terra um batel bem equipado em que vinham seis portugueses, cuja vista nos alegrou em extremo, os quais subindo acima, onde foram bem recebidos de toda a gente, nos declararam tudo o que convinha à segurança de nossas pessoas, e nos aconselharam a que por nenhum caso fizéssemos dali mudança, como lhes dissemos que tínhamos determinado, que era fugirmos aquela noite para Bengala, porque sem dúvida nos perderíamos e seríamos tomados pela armada que o rei de Bramá ali tinha, que era de mil e setecentos barcos de remo, em que entravam cem galés todas bem providas de gente estrangeira; mas que me fosse eu logo com eles a terra ver João Caeiro, que ali estava como capitão dos portugueses, a quem daria conta do a que vinha, e faria o que me ele aconselhasse, se não queria errar, porque ele era homem bem inclinado, e grande amigo de Pêro de Faria, em quem lhe tinham ouvido falar muitas vezes, gabando-lhe sempre a nobreza de sua pessoa e condição, e que também lá acharia Lançarote Guerreiro e os outros capitães para quem trazia cartas, e que numa

coisa e noutra se praticaria o que fosse mais serviço de Deus e de el-rei nosso senhor.

Parecendo-me a mim bem êste conselho, fui logo com eles a terra a ver o João Caeiro, do qual, e de todos os mais que estavam com ele na sua trincheira, fui muito bem recebido, que eram setecentos portugueses, gente toda muito limpa e rica, e mostrei ao João Caeiro as cartas e o regimento que trazia de Pêro de Faria, e pratiquei com ele o negócio a que vinha, e ele fez sobre isso logo um grande requerimento aos quatro capitães a quem eu vinha dirigido, os quais lhe responderam que eles estavam todos muito prestes para servirem el-rei nosso senhor em tudo o que se oferecesse; porém que pois a carta de Pêro de Faria, capitão de Malaca, vinha toda fundada no receio que tinha dos achéns, e a armada dos cento e trinta barcos que esperava, de que era general o Bijayá Fora, rei de Pèdir e almirante do Achém, virem a Tanauçarim, a qual já aí viera e fora desbaratada pela gente da terra, com perda de setenta lancharas e de cinco mil homens, haviam a sua ida então por desnecessária, porque segundo o que eles tinham visto, ia este inimigo tão quebrado das forças, que lhes parecia que em dez anos se não poderia tornar a refazer do que tinha perdido. E fora esta razão, se deram neste caso outras muitas, por onde se assentou que era escusada a sua ida a Malaca. E eu pedi a João Caeiro, que de tudo o que era passado neste caso, me mandasse passar um documento, para com ele se me dar crédito em Malaca, porque em o havendo à mão, determinava de me tornar logo, pois ali não tinha mais que fazer. E assim me deixei ali ficar em companhia do João Caeiro, com fundamento de ir no junco quando fosse tempo, e continuei com ele no trabalho deste cerco por espaço de quarenta e seis dias, que foi o tempo que este rei Bramá aqui mais se deteve, do qual aqui brevemente direi um pouco, porque me parece que os curiosos folgarão de saber o sucesso que teve nesta guerra o chaubainhá, rei de Martavão.

Sendo já passados seis meses e treze dias que durava este cerco, dentro do qual tempo a cidade foi acometida cinco vezes, à escala vista, com mais de três mil escadas, sempre os de dentro a defenderam valorosamente e mostraram ser homens de muito ânimo, mas como o tempo e os sucessos da guerra os foram consumindo pouco a pouco, e de nenhuma parte lhes veio socorro e os inimigos eram sem comparação muitos mais que eles, o chaubainhá se viu tão falto de tudo que se afirmou que não tinha em toda a cidade mais que só cinco mil homens, porque os cento e trinta mil que havia mais nela, eram já mortos à fome e a ferro, pelo que havido conselho no remédio que isto podia ter, se assentou que tentasse el-rei o inimigo por interesse, o que ele logo pôs em obra, e lhe mandou dizer que levantasse o cerco e que lhe daria por isso trinta mil biças de prata, que era um conto de ouro, e lhe ficaria tributário em sessenta mil cruzados por ano. Ao que foi respondido pelo rei bramá que nenhum partido lhe havia de aceitar se não se entregasse primeiro em seu poder. Outra vez o acometeu o chaubainhá a que o deixasse sair em duas naus com o seu tesouro e com sua mulher e seus filhos, para se passar ao Sornau, rei de Sião, e que lhe largaria a cidade com tudo quanto nela estivesse, o que também lhe não quis conceder. Terceira vez o mandou acometer a que se retirasse com o seu campo para Tagalá, que era dali a seis léguas, para que ele pudesse sair livremente com os seus, e lhe largaria a cidade e o reino com todo o tesouro que fora do rei passado, ou lhe daria por ele três contos de ouro, o que também lhe foi negado. Pelo que, desesperado o chaubainhá de poder ter já paz ou concerto algum com este cruel inimigo, revolvendo no pensamento que meio teria para se poder salvar de suas mãos, por fim tomou por derradeiro remédio valer-se dos portugueses, parecendo-lhe que por seu meio poderia ser salvo do perigo em que se via, e mandou acometer a João Caeiro que se embarcasse de noite nas quatro naus que ali tinha, para que o salvasse com sua mulher e seus filhos, e lhe daria por isso a metade do seu tesouro.

E este negócio mandou tratar com muito segredo por um tal Paulo de Seixas, natural da vila de Óbidos, que tinha consigo dentro da cidade, o qual em trajo de Pegu, para não ser conhecido, veio ter uma noite à tenda onde estava o João Caeiro e lhe deu uma carta do chaubainhá, a qual dizia assim:

«Esforçado e leal capitão dos portugueses, por mercê do grande rei do cabo do mundo, leão forte e de bramido espantoso, com coroa de majestade na casa do Sol, eu o mal-afortunado chaubainhá, príncipe que fui e já não sou, desta mal afortunada e cativa cidade, te faço saber por palavras ditas da minha boca, na firmeza fiel de minha verdade, que eu me rendo desta hora para sempre, por vassalo e súbdito do grande rei português, senhor soberano de meus filhos e meu, com reconhecimento de párias e de tributo rico, qual ordenar a sua vontade, pelo que te requeiro da sua parte que logo que Paulo de Seixas te der esta minha carta, sem fazeres nenhuma detença venhas logo com essas naus para junto do baluarte do cais da varela, onde me acharás em pé esperando por ti, para logo sem mais outro conselho, me entregar em tua verdade com todo o tesouro que tenho comigo, de pedraria e ouro, e da metade dele faço livremente serviço a el-rei de Portugal, contando que me conceda licença que à custa do que me fica, arme no seu reino ou nas fortalezas da Índia, dois mil portugueses a que prometo dar grossos soldos, para com eles me restituir do que agora me é forçoso largar por minha grande desventura. E quanto a ti e aos mais que estão contigo, que forem de ajuda em me eu salvar, prometo na fé de minha verdade, repartir tão largamente com todos, que se hajam por muito satisfeitos. E porque o tempo não sofre carta mais comprida, Paulo de Seixas, por quem ta mando, te certificará tanto do que viu, como do mais que com ele passei.»

Lida esta carta por João Caeiro, mandou logo com grande

segredo chamar a conselho os mais honrados e de melhor nome que tinha consigo, e mostrando-lhes a carta, lhes relatou por palavras quão importante e proveitoso era ao serviço de Deus e de el-rei nosso senhor, aceitar este partido com que o chaubainhá os acometia. E dando sobre isto de novo juramento ao Paulo Seixas, lhe disse que dissesse o que disto entendia, e se era verdade que o tesouro do chaubainhá era tamanho como tinha a fama; a que ele respondeu que pelo juramento que tomava, ele não sabia, de certa certeza, de que tamanho o tesouro era, mas que ele vira cinco vezes por seus olhos uma grande casa do tamanho de uma igreja meã, cheia de pães, e de barras de ouro até ao telhado, em que lhe parecia que poderia haver carregamento de duas naus grandes, e vira mais vinte e seis caixões fechados e liados com cordas, em que o chaubainhá lhe dissera que estava o tesouro que fora do Bresagucão, passado rei de Pegu, e que da quantidade do ouro lhe disse que eram cento e trinta mil biças, de quinhentos cruzados cada biça, que ao todo vinham a ser sessenta e cinco contos de ouro; e que dos pães de prata que também vira na brala do Quiai Adocá, Deus dos trovões, não sabia a quantidade certa, mas que com seus olhos vira tamanha cópia dela, que quatro boas naus a não esgotariam. E que também lhe mostrara a estátua de ouro do Quiai Frigau, que se tomara em Dagum, toda coberta de pedraria, tão rica, de tanto esplendor, e de tamanho preço que tinha para si que em todo o mundo não havia coisa igual a ela.

De maneira que do que este homem declarou ali em público, pelo juramento que lhe deram, ficaram os ouvintes todos tão espantados que aos mais deles pareceu ser aquilo coisa impossível. E mandando-o sair para fora da tenda, se praticou sobre a resolução desse feito, em o qual, por pecados nossos, se não tomou nenhuma, por haver nesta junta tantas diversidades de opiniões e de pareceres, que Babilónia em seu tempo não lançou de si mais variedades de línguas, que a principal causa, segundo se disse, foi a inveja de

seis ou sete homens que queriam presumir de fidalgos, que se acharam ali presentes, os quais tendo para si que se Deus permitisse que este negócio sucedesse como se esperava, o João Caeiro só (a quem os mais não tinham boa vontade), facaria daqui com tamanho nome e tanta honra, que seria pouco, como eles depois diziam, fazê-lo el-rei, marquês, ou quando menos, governador da Índia.

De modo que estes ministros do demónio, depois de porem diante algumas impossibilidades, que eram o rebuço de sua fraqueza e más inclinações, e o temor que tinham de perderem suas fazendas e de lhes o rei bramá cortar por isso as cabeças, se limitaram a totalmente não consentirem neste feito, antes o descobrirem se João Caeiro insistisse em levar avante o que determinava, que era aceitar o que chaubainhá lhe pedia, o que João Caeiro então dissimulou por lhe ser assim forçoso, porque receou que se fizesse nisso força, o descobrissem ao rei bramá, como já diziam, sem temor de Deus nem vergonha dos homens.

149

da determinação que tomou o chaubainhá depois que entendeu que não podia ser socorrido dos portugueses

Vendo João Caeiro quão pouco lhe aproveitara toda esta diligência, e que nenhum remédio tinha para efectuar o que tanto desejava, escreveu uma carta ao chaubainhá, em que lhe dava muito fracas desculpas de não fazer o que

lhe pedira, e dando-a a Paulo de Seixas, o despediu para que se tornasse com a resposta, o qual se partiu logo, que seria então às três horas depois da meia-noite.

E chegando à cidade, achou o chaubainhá que o estava esperando no lugar onde dissera na sua carta, e lhe meteu na mão a resposta que levava, o qual depois que a leu e entendeu por ela que não podia ser socorrido pelos nossos, como sempre lhe parecera que fosse, dizem que ficou tão fora de si que com a grande dor e tristeza caiu em terra como morto, onde depois de jazer algum espaço, tornando em si se deu por vezes muitas bofetadas no rosto, lamentando sua triste sorte, e com muitas lágrimas e suspiros disse:

— Ah portugueses, portugueses, quão mal pagastes ao desventurado de mim o muito que por muitas vezes tenho feito por vós, parecendo-me que em o fazer assim, fazia tesouro de vossa amizade, para que como leais me valêsseis numa tamanha necessidade como esta em que agora me vejo, da qual coisa eu não queria nem pretendia mais que vida para meus filhos, e enriquecer o vosso rei, e ter-vos comigo em minha terra, de que vós todos houvéreis de ser os principais, e prouvera àquele que vive reinando na formosura de suas estrelas, que merecêreis vós ante ele fazerdes-me este bem, de que meus pecados foram o inconveniente, porque vós teríeis aumentado por mim a sua lei, e eu me salvaria nas promessas de sua verdade.

E despedindo então de si o Paulo de Seixas, com uma moça de que tinha dois filhos, lhe deu, por o acompanhar nos trabalhos do cerco, dois braceletes que tinha nos braços, e lhe disse:

— Rogo-te que te não lembre este pouco que te dou, senão o muito que te sempre quis, e que te não esqueça dares conta aos portugueses desta dor com que lamento a sua in-

gratidão, a qual protesto apresentar no dia da conta de todos os mortos, e os acusar criminalmente diante de Deus.

Este Paulo de Seixas tornou a vir na noite seguinte com dois filhinhos seus e uma moça, mãe deles, formosa e muito fidalga, com a qual depois se casou em Choromandel, onde vendeu os dois braceletes que lhe dera o chaubainhá, por trinta e seis mil cruzados, a Miguel Ferreira, e Simão de Brito, e Pêro de Bruges, lapidário, aos quais o Trimila Raja, governador de Narsinga, os comprou depois por oitenta mil.

Passados cinco dias depois que este Paulo de Seixas veio da cidade ao arraial onde contou todas estas coisas que tenho dito, vendo-se o chaubainhá já de todo sem remédio, tomou conselho com os seus sobre estes males e desventuras que cada dia se sucediam umas sobre as outras, no qual assentaram darem a morte a toda a coisa viva que não pudesse pelejar, e fazer-se de todo este sangue um sacrifício ao Quiai Nivadel, deus das batalhas do campo Vitau, e lançarem ao mar todo o tesouro para que seus inimigos se não aproveitassem dele, e após isso porem fogo à cidade, e os que pudessem tomar armas, se fazerem amoucos e morrerem todos no campo, pelejando com os bramás. Este conselho aprovou então o chaubainhá como o melhor de todos, e este sòmente se seguisse. E com esta determinação mandando logo desmanchar as casas e juntar muita lenha para se efectuar isto que estava determinado, uns dois capitães dos três principais da cidade, temendo o que ao outro dia havia de ser, se lançaram naquela noite com quatro mil homens no arraial do bramá, cuja fugida e deslealdade quebrou tanto os ânimos aos que ficaram, que não havia já nenhum que quisesse acudir aos repiques nem vigiar as estâncias como antes faziam, mas diziam todos a uma voz que se o chaubainhá se não determinasse em algum concerto com o bramá, haviam de abrir as portas, porque por muito menos mal teriam morrer pelejando, que consumi-los ali o tempo

a pouco e pouco, como gado enfermo. A que o chaubainhá, para aquietar o motim que já se começava a levantar, respondeu que assim seria como diziam, e para isto mandou fazer de novo resenha da gente que podia pelejar, e não se acharam mais que só dois mil homens, e esses todos já tais e tão quebrados do ânimo, que nem a mulheres fracas resistiriam.

E chegando ele com isto à última desesperação, tratou esta sua desventura com sua mulher sòmente, porque já neste tempo não havia outrem com quem se pudesse aconselhar, nem quem lhe falasse verdade, e tomou por derradeiro remédio entregar-se nas mãos de seu inimigo, à condição do que quisesse fazer dele. E ao outro dia, às seis horas da manhã, apareceu no muro uma bandeira branca em sinal de paz, a que logo do arraial responderam com outra, e o xemimbrum, que era o mestre do campo, mandou um homem a cavalo ao baluarte onde a bandeira estava, e lhe disseram de cima que o chaubainhá queria mandar uma carta a el-rei, e que lhe mandassem seguro para isso.

O xemimbrum lho mandou logo por dois bramás a cavalo, homens ambos muito principais, o qual seguro ia numa folha de ouro batido, em que estava o sinal de el-rei.

E ficando estes dois bramás como reféns na cidade, o chaubainhá lhe mandou uma carta por um seu religioso de idade já de oitenta anos, que entre eles era tido por homem santo, a qual dizia assim:

«Pode tanto o amor dos filhos nesta casa de nossa fraqueza, que não há nenhum de nós os que somos pais, que por respeito deles não desça mil vezes ao fundo lago da casa da serpe, quanto mais pôr por eles a vida na mão de quem tanta clemência usa com todos, pelo que assentei esta noite comigo e com minha mulher e filhinhos, por me tirar de opiniões contrárias a este bem que tenho por maior que

todos os outros, me entregar nas mãos de vossa alteza, para que de mim e deles faça o que for mais sua vontade. E quanto à desculpa que posso alegar por mim ante teus pés, essa, senhor, quero que me não valha, para que fique maior ante Deus o merecimento da misericórdia que usares comigo. Vossa alteza mande logo tomar posse de minha pessoa, de minha mulher e de meus filhinhos, e assim também da cidade, do tesouro, e de todo o reino, porque desde esta hora lho hei por entregue, como a rei e senhor verdadeiro e natural, com lhe pedir de joelhos, e prostrado por terra, que a eles e a mim, imitando pobreza, deixe acabar em religião, onde protesto chorar sempre com arrependimento profundo a culpa do crime passado, porque honras e estados do mundo com que vossa alteza me pode enriquecer, como senhor da maior parte da terra e ilhas do mar, eu as hei todas por renunciadas ante seus pés, com lhe fazer de novo perpétua homenagem e juramento solene no Deus maior de todos os deuses, que move as nuvens do céu com ímpeto suave de mão poderosa, de nunca enquanto viver, sair da religião onde, senhor, vossa vontade me mandar que professe, e seja em parte onde Deus queira que tudo me falte, para que assim esfaimado das promessas da terra, fique mais aceita a minha penitência ante aquele que tudo perdoa. Este santo grepo talapoi-mor da casa dourada do santo Quiai, que por sua autoridade e austera vida leva poder de minha pessoa, relatará ante seus pés tudo o mais que nesta lhe poderia dizer do que convém à minha entrega, para que seguro eu na realidade da sua palavra, se aquietem as alterações que continuamente combatem minha alma.»

Vista esta carta pelo rei bramá, lhe respondeu logo com outra cheia de muitas promessas e juramentos, que tudo o passado poria em esquecimento, e que a ele proveria com um estado de tantas terras e rendas que ficasse bem contente, o que depois lhe cumpriu bem mal, como adiante direi.

Passado este dia com grande alvoroço de todos para se ver esta entrega, logo ao outro pela manhã, o dopo de el-rei, que era a sua estância, apareceu com oitenta e seis tendas de campo, muito ricas, cada uma das quais rodeava trinta elefantes postos em ala de duas fileiras a modo de guerra, com seus castelos embandeirados, e panouras nas trombas, que por todos eram dois mil quinhentos e oitenta, e doze mil bramás a cavalo, com jaezes e cobertas ricas, que também por sua ordem fechavam todo o dopo em quatro fileiras, e estes todos armados de cossoletes, e couras, e saias de malha, e com lanças, terçados, e cofos dourados. E por fora desta gente a cavalo, estavam outras quatro fileiras de gente a pé, também de bramás, em que havia mais de vinte mil homens; e tudo o mais que restava no campo, que era gente sem conto, estavam postos por sua ordem em suas capitanias com muita soma de guiões e bandeiras ricas, e muita diversidade de instrumentos que se tocavam, a qual vozearia toda junta fazia tamanho estrondo que além de causar grandíssimo terror e espanto, não havia ninguém que se pudesse ouvir nem entender com ela. E por fora de todo este exército, andava outra grande cópia de homens a cavalo, correndo de uma parte para a outra, com suas lanças nas mãos, que com grandes apupos e brados metiam a gente em ordem.

E querendo este rei bramá, por grandeza de estado festejar esta entrega do chaubainhá, mandou que todos os capitães estrangeiros, com sua gente armada e vestida de festa, se pusessem em duas fileiras, a modo de rua, para vir por ela o chaubainhá, o que logo foi feito, e esta rua tomava desta porta da cidade até à sua tenda, que seria distância de dois terços de légua, na qual rua estavam trinta e seis mil estrangeiros de quarenta e duas nações, em que havia portugueses, gregos, venezianos, turcos, janízaros, judeus, arménios, tártaros, mogores, abexins, raizbutos, nobins, coraçones, persas, tuparás, gizares, tanocos da Arábia Feliz, malabares, jaus, achéns, moéns, siameses, lusões da ilha Bornéu, chaco-

más, arracões, predins, papuas, celebes, mindanaus, pegus, bramás, chalões, jaquesalões, savadis, tagus, calaminhãs, chaleus, bengalas, guzarates, andaguirés, menancabos, e outros muitos mais a que não soube os nomes.

Estas nações todas se puseram na ordem que lhe foi mandada pelo xemimbrum, mestre do campo, o qual pôs os portugueses na dianteira de todos, que era junto com a porta da cidade por onde o chaubainhá havia de sair, e logo após eles os arménios, e logo os janízaros e os turcos e todos os mais nos lugares que lhe a ele bem pareceu, e com esta ordem chegava esta gente estrangeira, como já disse, até ao dopo de el-rei, onde estava a gente bremá da guarda do campo.

150

de que maneira o chaubainhá se entregou ao rei do bramá, e da grande afronta que os portugueses ali passaram

Sendo já quase uma hora depois do meio-dia, se atirou uma bombarda, ao qual sinal as portas da cidade foram logo abertas, e primeiro que tudo começou a sair a guarda que el-rei no dia antes lhe mandara pôr, que eram quatro mil siões e bramás, todos arcabuzeiros, e alabardeiros, e piqueiros, com mais trezentos elefantes armados, de que era capitão um bramá, tio de el-rei, de nome Mompocasser, bainhá da cidade de Meleitay, no reino do Chaleu. Detrás desta guarda dos elefantes, dez ou doze passos, vinham muitos senhores por quem el-rei o mandou receber, entre

os quais vinham os que se seguem: o chircá de Malacou, com outro a par, de que não soube o nome; estes ambos vinham cada um em seu elefante com jaezes e cadeiras de chaparia de ouro, e colares de pedraria ao pescoço; logo após estes, pela mesma ordem, vinha o bainhá Quendou, senhor de Cosmim, cidade nobre do reino Pegu, e o Mongibray Dacosem; e atrás destes dois, vinham o bainhá Brajá, e o Chaumalacur, e o Nhay Vagaru, e o xemim Ansedá, e o xemim do Catão, e o xemim Guarem, filho do Moncaminau, rei do Jangumá, e o bainhá de lá, e rajá Savady, e o bainhá Chaque, governador do reino, e o Dambambu, senhor de Merguim, e rajá Savady, irmão de el-rei de Berdio, e o bainhá Basoy, e o Coutalanhameidó, e o monteu de Negrais, e o chircá de Coulam. Após estes príncipes e muitos outros de que não soube os nomes, vinha à distância de oito ou dez passos, o rolim de Mounay, Talapoy de dignidade suprema sobre todos os outros sacerdotes do reino, e tido por el-rei em reputação de homem santo, e este só vinha junto do chaubainhá, como padrinho e terceiro entre ele e el-rei de Pegu, passado, a quem este bramá tomara o reino, e mulher do chaubainhá, com quatro filhinhos seus, dois machos e duas fêmeas, de quatro até sete anos de idade. e ao redor destes palanquins vinham trinta ou quarenta mulheres moças fidalgas muito formosas, com os rostos baixos chorando, e muito afrontadas, encostadas todas em outras mulheres que as sustentavam. Estas todas vinham cerradas em roda, de um fio de talagrepos, que entre eles são como capuchos, homens todos já de dias, os quais descalços e com as cabeças descobertas iam rezando por contas, e esforçando estas senhoras e acudindo-lhes com água quando esmoreciam, que era muitas vezes, o qual espectáculo era tão piedoso que não havia homem que não pasmasse de dor e tristeza.

Logo após esta desconsolada companhia, vinha outra guarda de gente a pé, e na regaça de tudo, vinham cerca de quinhentos bramás a cavalo.

A pessoa do chaubainhá vinha em uma elefanta pequena, em sinal de pobreza e desprezo do mundo, conforme à religião em que de novo queria entrar, sem mais outro nenhum fausto, vestido por dó em uma cabaia de veludo preto muito comprida, e rapado de novo de cabeça, barba e sobrancelhas, e ao pescoço uma corda de cairo muito velha, para assim com ela se entregar a el-rei, e no aspecto do rosto vinha tão triste que não havia quem olhasse para ele que pudesse conter as lágrimas; era de idade de sessenta e dois anos, grande de corpo e bem assombrado, os olhos cansados e tristes, a fisionomia grave e severa, e o aspecto de príncipe generoso, o qual logo que chegou ao terreiro de dentro da porta da cidade onde o estava esperando todo o povo de mulheres e crianças e alguns homens velhos, em o vendo da maneira em que vinha, antes que saísse fora, deram todos uma tamanha grita por seis ou sete vezes, que parecia que se fundia a terra, e após isso, lamentações com grandes vozes e prantos, e bofetadas nos rostos, ferindo-se com pedras nas cabeças tanto sem piedade que os mais deles se banhavam no seu próprio sangue, de modo que a horribilidade e a lástima do que ali se via e ouvia, causava tamanha tristeza em toda a gente, que até mesmo os bramás da guarda, gente inimiga e por natureza robusta, choravam como crianças.

Aqui neste passo esmoreceu a Nhay Canató, mulher do chaubainhá, por duas vezes, com todas as mais de que ia cercada, pelo que foi necessário descerem-no a ele da elefanta em que ia, para a consolar e animar, o qual em a vendo deitada no chão como morta, abraçada a todos os seus quatro filhinhos, pôs os joelhos ambos em terra e levantando os olhos ao céu, disse com muitas lágrimas:

— Ó alta potência do divino Deus todo-poderoso, quem poderá compreender o justo juízo de tua divina justiça, que não tendo respeito à inocência destes que nunca pecaram, dás lugar à tua ira que passe adiante daquilo a que nosso

peregrinação peregrinação peregrinação

entendimento não pode chegar? Porém Senhor, Senhor meu, lembre-te quem és, e não quem eu sou.

E com isto, caiu no chão, de focinhos junto de sua mulher, o que causou de novo em todo aquele ajuntamento, que era sem conto outro tão horrível pranto que não sei formar palavras com que declare a grandeza dele. Porém, tornando o chaubainhá em si, pediu água com que borrifou sua mulher, e a fez tornar em seu acordar, e tomando-a nos braços a esteve consolando um bom espaço, com palavras não de gentio que era, mas de homem católico e bem entendido. E depois de se gastar nisto quase meia hora, o tornaram a pôr na elefanta e prosseguiram pela mesma ordem que traziam, o seu triste caminho.

Logo que el-rei saiu fora da porta e abocou pela rua que estava feita pelos estrangeiros, levantando os olhos, ainda que fosse naquele estado, enxergou na entrada dela os setecentos portugueses todos vestidos de festa, com suas couras cortadas, e gorras nas cabeças concertadas com suas plumas, e todos com seus arcabuzes às costas, e João Caeiro no meio deles, vestido de cetim carmesim com um montante dourado nas mãos, fazendo preparar o caminho. O chaubainhá, em pondo os olhos nele e o conheceu, voltando o rosto se deixou cair debruçado sobre o pescoço da elefanta, e não querendo passar adiante, disse com as lágrimas nos olhos aos de que ia cercado:

— Verdadeiramente vos afirmo, irmãos e amigos meus, que por menos dor e afronta tenho de fazer de mim este sacrifício que Deus permitiu por sua justiça, que ver diante de meus olhos gente tão ingrata e tão má como esta! Ou me matem aqui, ou os tirem dali, porque não hei-de passar mais adiante.

E com isto se virou para trás para nos não ver, e para mostrar quão magoado ia de nós, o que bem olhado, quiçá que lhe faltou razão, pelo que atrás fica dito.

O capitão da guarda, vendo a detença que o chaubainhá fazia, e a razão por que não queria passar adiante, e não se sabendo determinar na causa porque ele se queixava dos portugueses, voltou muito rijo no elefante em que andava, sobre João Caeiro, e lhe disse:

— Despeja logo o caminho, porque não é lícito que gente tão má como vós outros, trilhe a terra que pode dar fruto, e perdoe Deus a quem meteu em cabeça a el-rei, que podíeis prestar para alguma coisa. Rapai as barbas para que se engane a gente convosco, e servir-nos-eis de mulheres, por nosso dinheiro.

E começando já os bramás da guarda a se encresparem contra nós, meio arreganhados nos lançaram dali para fora, com assaz de afronta e vitupério nosso. E em verdade afirmo que foi a coisa que mais senti em minha vida, por honra dos meus naturais.

Feito isto, continuou o chaubainhá seu caminho, até que chegaram à tenda de el-rei que estava esperando o chaubainhá com aparato real, acompanhado de muitos senhores, em que entravam quinze bainhás, que são como duques, e outros seis ou sete de títulos ainda maiores e mais honrados que estes.

O chaubainhá, em chegando a ele, se lhe lançou aos pés, e prostrado no chão esteve como pasmado, sem poder pronunciar palavra nenhuma. Aqui lhe acudiu o rolim de Mounay que ia junto com ele, e como era religioso, falou por ele a el-rei, dizendo:

— Vista esta é, senhor, para o teu coração se mover à piedade, ainda que o crime seja qual é, e lembre-te que o ofício mais aceite a Deus, e a que se ele mais inclina com efeitos de misericórdia, é este que agora tens diante de ti, porque imitando-o nesta clemência que os corações de todos estão

desejando, ainda que para isso não abram seus beiços, entende e crê por certo, que te ficará Deus por isso tão obrigado que quando na hora da morte olhar para ti, estenderá sua mão poderosa sobre tua cabeça, para que de todo fiques sem culpa.

E após estas, lhe disse outras muitas palavras que moveram el-rei a lhe perdoar livremente, e assim lho prometeu, de que o rolim e todos os mais senhores que estavam presentes, mostraram muito gosto e lho louvaram muito, parecendo-lhes que assim o faria, como o prometera diante de todos. E porque neste tempo era já quase noite, os despediu, e o triste chaubainhá foi entregue a um capitão bramá, de nome xemim Coumidau, e sua mulher e filhos, com todas as mais mulheres, ao xemim Ansedá, por ter ali sua mulher, e ser honrado e velho, e de quem o rei bramá se fiava muito.

151

como a cidade de martavão foi saqueada e destruída, e da ordem com que levaram a padecer a rainha e outras muitas mulheres

Por ser já quase noite quando se acabou de fazer esta entrega, temendo-se el-rei que a gente do campo entrasse na cidade a tomar o saque dela para si, mandou pôr em todas as portas dela, que eram vinte e quatro, capitães

bramás que as guardassem, e sob pena grave que não consentissem a pessoa nenhuma entrar delas para dentro, até ele prover nisso conforme a promessa que tinha feito à gente estrangeira, a quem tinha prometido dar campo franco. Mas esta sua diligência não foi tanto por este respeito que ele dizia quanto para salvar primeiro o tesouro do chaubainhá. E por esta causa esteve dois dias sem tratar do negócio dos cativos que tinha em seu poder, que foi o tempo que bastou para ele pôr a salvo todo o tesouro. o qual diziam que fora tal que mil homens tiveram bem que fazer em o recolherem.

Passados estes dois dias, se foi el-rei pôr uma manhã, sobre um outeiro que se chamava Beidau, que estava a dois tiros de falcão, e mandando recolher os capitães que guardavam as portas, a triste cidade de Martavão foi entregue à gente do campo, a qual, ao tiro de uma bombarda, que era o sinal derradeiro, arremeteu tão denodadamente a ela que ao entrar das portas se disse que se afogaram mais de trezentas pessoas, porque como a gente era infinita e de nações muito diferentes, e os mais deles sem rei nem lei, e sem temor nem conhecimento de Deus, andavam todos tão cegos e encarniçados na presa, que o que menos aqui se estimava era matarem cem homens por um só cruzado, tanto que por seis ou sete vezes foi necessário acudir el-rei em pessoa a aquietar a revolta e tumulto que havia na cidade.

O saque dela durou três dias e meio, com tanta sede, cobiça e crueldade daqueles feros e inimigos soldados, que de todo ficou despojada, sem ficar coisa nela em que se pudessem pôr os olhos.

El-rei, com uma nova cerimónia de pregões com trombetas, mandou derrubar as casas do chaubainhá, que eram muito nobres e muito ricas, e outras trinta ou quarenta mais, que eram dos principais capitães, com todas as varelas, pagodes

e bralas de toda a cidade, onde a perda dos sumptuosos templos de edifícios, e obra riquíssima, se afirmou, por dito de muitos que passou de dez contos de ouro. E não contente ainda com isto, mandou pôr fogo por mais de cem partes, ao que ficara de pé, o que, por ser em conjunção de vento, se ateou com tanto ímpeto que só naquela primeira noite não ficou coisa que não fosse abrasada, de tal maneira que até os mesmos muros com torres, baluartes e cubelos, arderam em partes até aos alicerces.

E feita assim a esmo a avaliação e a lista desta desventurada vingança, se disse que morreram à fome e a ferro, cento e sessenta mil pessoas, fora quase outras tantas cativas, e foram queimadas cento e quarenta mil casas, e mil e seiscentos templos, nos quais dizem que arderam sessenta mil estátuas de ídolos, a maior parte delas cobertas de ouro, e três mil elefantes que se comeram no cerco, e seis mil peças de artilharia de ferro e de bronze, e cem mil quintais de pimenta, e quase outros tantos de drogas, sândalo, benjoim, lacre, pucho, roçamalha, águila, cânfora, seda e outras muitas sortes de fazenda muito ricas, e sobretudo infinidade de roupas que de toda a parte da Índia ali tinham vindo em mais de cem naus de Cambaia, Achém, Melinde, Ceilão, e de todo o Estreito de Meca, Léquios, e China. E da prata, e ouro, e pedrarias, se não pode ter a certeza, por ser coisa que geralmente se encobre e se nega; sòmente o que este rei bramá tomou para si, em sólido, do tesouro do chaubainhá, se afirmou que passara de cem contos de ouro, dos quais, como já fica dito atrás, el-rei nosso senhor perdeu metade, por nossos pecados, e quiçá pela fraqueza ou inveja de ânimos mal-intencionados.

Logo ao outro dia seguinte depois que a cidade foi saqueada, destruída, abrasada, e posta por terra, apareceram uma manhã sobre o mesmo outeiro onde el-rei estivera, vinte e uma forcas, vinte todas de um teor, e a outra, mais pequena, armada sobre pilares de pedra, e fechada em roda com

grades de pau-preto, e por cima um guarda-pó com grimpas douradas, e cem bramás a cavalo que a guardavam, e por fora uma cerca de valos muito largos com muitas bandeiras pretas salpicadas de gotas de sangue. E como esta novidade prometia de si o que até então ninguém entendeu, nos determinámos seis portugueses a ir ver o que era, e depois de andarmos vendo todas estas oficinas de morte, ouvimos no arraial grande rumor em toda a gente, que algum tanto nos meteu em confusão; e sem podermos acabar de cair no que aquilo podia ser, vimos vir da estância onde el-rei estava, uma grande soma de homens a cavalo, que com lanças nas mãos preparavam uma grande rua e diziam em altas vozes que sob pena de morte ninguém aparecesse com armas, nem lançasse pela boca o conceito do seu coração.

Afastados destes ministros um grande espaço, vinha o xemimbrum, mestre do campo, com cem elefantes armados e muita gente a pé. Após estes, vinham mil e quinhentos bramás a cavalo, postos em quatro ordens de fileiras, de seis em seis a fileira, dos quais era capitão o Talanhagibray, vice-rei do Tangu. Detrás destes, vinha o Chauseró Siammom, com três mil siameses de espingardas e lanças, todos juntos numa pinha, e no meio deles vinha uma grande cópia de mulheres, que segundo se aí disse, eram cento e quarenta, atadas todas a quatro e quatro, acompanhadas de talagrepos de austera vida, que são como entre nós, frades capuchos, que as vinham esforçando naquele transe da morte que haviam então de padecer. Atrás destas, cercada de doze porteiros com maças de prata, vinha a Nhay Canató, filha do rei do Pegu, a que este tirano bramá tinha tomado o reino, e mulher do chaubainhá, com quatro crianças, filhos seus, que homens a cavalo traziam nos braços, e todas as cento e quarenta padecentes eram mulheres e filhas dos principais capitães que o chaubainhá tivera consigo na cidade, nas quais este tirano bramá, a modo de vingança quis executar sua ira e a má inclinação que sempre teve contra as mulheres.

Todas estas padecentes, ou a maior parte delas, eram de idade de dezassete até vinte e cinco anos, e todas muito alvas e muito formosas, com os cabelos como madeixas de ouro, as quais iam tão fracas e tão fora de si que a cada pregão que ouviam, caíam esmorecidas em terra, a que outras mulheres que as levavam sobraçadas, acudiam com esforços de coisas doces, de que as tristes faziam bem pouco caso, porque neste tempo iam tão trespassadas que quase não acudiam ao que os talagrepos lhes iam dizendo, mais que sòmente algumas vezes, ainda que poucas, levantarem as mãos ao céu. Logo após esta princesa, vinham em duas fileiras, sessenta grepos rezando por livros, com os rostos baixos e chorando muitas lágrimas, os quais de quando em quando, com voz entoada a modo de ladainha, diziam:

—Tu que por ti tens o ser de quem és, justifica em ti nossas obras, para que sejam aceites na tua justiça—, a que outros respondiam chorando:

—Assim te praza, Senhor, que seja para que não percamos por nós os ricos dons das tuas promessas.

Atrás destes grepos ia uma procissão de mais de trezentos meninos, nus da cinta para baixo, com velas de cera branca nas mãos, e cordas de cairo aos pescoços, que em outra ladainha muito sentida, iam dizendo:

—Piedoso Senhor, ouve a voz do nosso clamor, e concede perdão a estas tuas cativas, para que gozem com riso alegre as mercês dos teus ricos tesouros.

E assim a este modo iam dizendo outras coisas semelhantes a estas, em favor das padecentes.

Detrás desta procissão, vinha outra guarda de gente a pé, também de bramás, com lanças e flechas, e alguns com arcabuzes. E por derradeiro de tudo, iam outros cem ele-

fantes da guarda como os que iam na dianteira. De modo que a gente que se ocupava tanto no ministério como na guarda e aparato desta justiça, eram dez mil homens a pé e dois mil a cavalo, e duzentos elefantes, fora a gente do povo que não tinha conto, tanto de naturais como de estrangeiros.

152

de que maneira se executou a justiça nas cento e quarenta padecentes, no chaubainhá, na nhay canató, e nos seus quatro filhinhos

Nesta ordem foi caminhando esta triste gente pelo meio do arraial para o lugar onde todos haviam de padecer, ao qual chegaram com assaz de trabalho, porque como eram mulheres fracas de ânimo e de forças, e as mais delas moças e muito delicadas, a cada passo esmoreciam; e chegadas enfim onde estas vinte e duas forcas estavam, os seis porteiros que iam a cavalo, tornaram de novo a lançar o seu pregão, dizendo em vozes muito altas:

— Ouçam e vejam as gentes do mundo a criminosa justiça que manda fazer o Deus vivo, Senhor da verdade, Rei soberano das nossas cabeças, que quer e lhe apraz que morram todas estas cento e quarenta mulheres entregues ao elemento do ar, porque por seu conselho, seus maridos e pais se levantaram com esta cidade, e mataram por vezes nela doze mil bramás do reino Tangu.

E tocando um sino, toda a turbamulta destes ministros e

gente da guarda, dava uma tamanha grita que era coisa medonha de ouvir, e muito para temer.

Querendo já os cruéis algozes dar efeito àquela rigorosa justiça, as miseráveis padecentes com assaz de lágrimas se abraçaram umas às outras, e pondo todas os olhos na Nhay Canató que a este tempo estava como morta, encostada no colo de uma mulher velha, lhe fizeram as mais delas, suas zumbaias, e uma delas, como que falando em nome das mais fracas que o não podiam fazer, lhe disse:

— Senhora, capela de rosas de nossas cabeças, já que como tuas cativas nos embarcamos contigo nestas tristes casas da morte, consola-nos com a vista da tua presença, para que partamos com menos dor, desta carne penosa, a ver o justo juiz da mão poderosa, diante do qual protestamos com lágrimas requerer tua justiça com vingança perpétua da sem-razão deste crime.

A Nhay Canató, olhando para elas com rosto já de morta, lhe respondeu com uma fala tão fraca que apenas se podia ouvir: — Hiche hocão finarato quiai vanzilau maforem hotapir —, que quer dizer: — Não vos partais, irmãs minhas, e ajudar-me-eis a levar estes filhos.

E com isto, tornou a encostar a cabeça no colo da mulher, sem falar mais outra palavra.

E começando os ministros do braço da ira (que assim chamam lá os algozes) a fazer seu ofício nas pobres mulheres, foram todas logo postas nas vinte forcas, sete em cada uma, atadas pelos pés, e as cabeças para baixo, as quais dando grande estaladelas, como quem tinha a morte penosa, o sangue as afogou a todas em menos de uma hora. Os a cavalo fizeram então de novo afastar a gente, que era tanta que não havia quem pudesse romper por ela, e a Nhay Canató foi trazida pelas quatro mulheres em que vinha encostada,

à forca onde havia de ser posta com os seus quatro filhinhos, e dizendo-lhe o rolim de Mounay, que entre eles era tido em reputação de santo, algumas palavras com que a esforçou, pediu ela que lhe dessem uma pouca de água, a qual lhe trouxeram logo, e tomando-a na boca a repartiu com os quatro filhinhos que então tinha nos braços, e beijando-os muitas vezes, lhes disse chorando:

— Ó filhinhos, filhinhos meus, gerados agora de novo no interior da minha alma, quem fora tão bem-aventurada que pudera remir vossas vidas a troco de por isso me darem mil mortes! Eu vos certifico por esta hora de temor e tristeza em que vos eu vejo, e todos me vêem, que assim o aceitaria da mão deste fraco inimigo, com ver a presença do alto Senhor no descanso da sua celeste morada.

E pondo os olhos no algoz, que já a este tempo tinha atado dois dos meninos, lhe disse:

— Rogo-te, amigo meu, que não sejas tão despiedado que queiras que eu veja a morte de meus filhos, porque pecarias gravemente, mas dá-ma a mim primeiro, e ficar-te-ei devendo esta esmola que por Deus te peço.

E tornando de novo a tomar os filhinhos nos braços, depois de lhes dar muitos beijos nos rostos como quem se despedia deles, expirou no colo da mulher sem bulir mais consigo, a que o algoz acudiu com muita pressa e a pendurou na forca à maneira das outras, o que também fez aos quatro filhinhos, pondo-lhe dois de cada parte, de maneira que a triste da mãe ficava no meio. Ao qual lastimoso e crudelíssimo espectáculo se levantou em todo o povo um tamanho tumulto de gritos e vozes que a terra tremia debaixo dos pés, e no campo se levantou um motim com que ele esteve tão revolto e baralhado que a el-rei lhe foi necessário fazer-se forte na sua estância com seis mil bramás a cavalo e trinta mil a pé e ainda assim estava bem cheio de medo do que

sempre receou que houvesse, como haveria de ser se a noite o não estorvara, porque não havia causa que bastasse para aquietar a gente, pois que dos setecentos mil homens que havia no arraial, seiscentos mil eram pegus, de cujo rei aquela rainha fora filha; mas trazia-os este rei tão subjugados e tão cortados do ferro, que não ousavam levantar os olhos.

E desta maneira, com tão baixo e afrontoso género de morte, acabou esta Muhé Canató, filha de el-rei do Pegu, imperador de nove reinos, e mulher do chaubainhá, rei de Martavão, princesa de três contos de ouro, de renda. E o sem ventura de seu marido foi lançado esta mesma noite no mar com uma pedra ao pescoço, com mais outros cinquenta ou sessenta vassalos seus, em que entraram alguns senhores de trinta e quarenta mil cruzados de renda, pais, maridos e irmãos das cento e quarenta mulheres que tanto sem culpa receberam uma tão cruel e afrontosa morte, no conto das quais entraram três criadas desta princesa que o rei bramá, sendo conde, mandara requerer em casamento, de que nem elas nem seus pais então quiseram fazer conta. Mas são sucessos da fortuna e do tempo, que sempre costumaram trazer consigo estas variedades.

153

da desventura que me aconteceu em martavão, e do que o rei bramá fez depois que chegou a pegu

Nove dias se deteve aqui o tirano bramá, depois que fez esta rigorosa justiça, em cada um dos quais sempre fez justiças novas na gente da cidade. E no fim deste tempo se partiu para Pegu, e deixou ali o bainhá Chaque, seu mordomo-mor, para assentar algumas coisas necessárias à quietação do reino, e tornar a fazer de novo o que o fogo consumira, para o que lhe deixou guarnição bastante e levou consigo tudo o que restava do exército, em que levou também o João Caeiro com os setecentos portugueses, sem ficarem ali, deles, mais que só três ou quatro, homens de pouca substância.

Fora estes, ficou também outro, de nome Gonçalo Falcão, homem fidalgo e de bom sangue, o qual entre os gentios se chamava Crisna pacau, que quer dizer «flor das flores», nome entre eles honroso, que o rei do Bramá lhe dera em satisfação de serviço. E porque Pêro de Faria, quando parti de Malaca me dera uma carta para ele, em que lhe pedia que se lá me fosse necessário o seu favor para o negócio a que me mandava, mo não negasse, tanto por ser serviço de el-rei como por lhe fazer a ele mercê, logo que cheguei a Martavão, onde o achei a morar, lhe dei a carta e lhe disse também ao que ia, que era confirmar as pazes antigas que o chaubainhá, por seus embaixadores fizera com Malaca, quando Pêro de Faria da outra vez fora capitão dela, do qual tinha muito conhecimento e que para isso lhe trazia uma carta de grande amizade, com um presente de peças ricas da China.

Este Gonçalo Falcão, quiçá parecendo-lhe que por aqui se confirmaria nas graças do rei do Bramá, para quem no cerco se tinha passado, deixando o chaubainhá a quem antes servia, passados só três dias depois da partida de el-rei, se foi a este seu governador e lhe disse que era eu ali vindo com uma gente do capitão de Malaca para o chaubainhá, em que lhe mandava oferecer muita gente contra o rei do Bramá, por quem a terra então estava, para fazer fortaleza em Martavão e lançar os bramás fora do reino, e outras tantas coisas a este modo, que o governador me mandou logo prender; e depois de me ter posto a bom recato, se foi ao junco em que eu tinha vindo de Malaca, e lançou mão dele, com toda a fazenda que tinha dentro, que valeria mais de cem mil cruzados, e prendeu o necodá, capitão e senhorio do junco, com todos os mais que achou nele, que foram cento e sessenta e quatro pessoas, em que entravam quarenta mercadores ricos malaios e menancabos, mouros e gentios naturais de Malaca, os quais logo assim em breve foram sentenciados na perda das fazendas e que ficassem cativos de el-rei assim como eu, por serem consentidores e encobridores da traição que o capitão de Malaca tratava em segredo com o chaubainhá contra el-rei do Bramá.

E mandando-os meter a todos numa masmorra, lhes mandou dar muitos açoites, de maneira que em cerca de um mês que estiveram presos, morreram, dos cento e sessenta e quatro, ao desamparo e de modorra, e à fome e à sede, cento e dezanove, e aos quarenta e cinco que ficaram, mandou meter numa champana sem vela nem remos, e lançá-los pelo rio abaixo, os quais, assim entregues ao arbítrio da fortuna, foram dar a uma ilha despovoada a que chamavam Pulo Camude, a vinte léguas ao mar desta barra, onde se forneceram de algum mantimento de marisco e frutas do mato, e engenharam uma vela dos panos que traziam vestidos, e

com um par de remos que ali ou acharam feitos ou fizeram, continuaram seu caminho ao longo da costa até Junçalão; e daí em outro poiso, em que gastaram dois meses, foram ter ao rio de Parlés, no reino de Quedá, onde a maior parte deles se consumiu de umas postemas na garganta, à maneira de nascidas de peste, de que a Malaca não foram ter vivos mais que só dois, que contaram a Pêro de Faria todo o sucesso desta triste viagem, e como o pobre de mim ficava já sentenciado à morte, como na verdade ficava, da qual Nosso Senhor me livrou milagrosamente, porque depois que o necodá e os mercadores foram desterrados pela maneira que tenho dito, me passaram logo a outra prisão mais apertada, na qual me tiveram trinta e seis dias, carregado de ferros com assaz de aspereza e crueldade. E procedendo este perro contra mim ordinàriamente com seus libelos, veio pondo neles muitas aleivosias nunca cuidadas, só a fim de me matar e de me roubar, como fizera a todos os outros que vieram no junco, e me fez em juízo perguntas por três vezes em público, a que eu nunca respondi coisa que fosse a propósito, de que ele com todos os mais que estavam presentes, se meteram em muita cólera e disseram que eu o fazia por soberba e por desprezo da justiça, pelo que logo ali em público me deram muitos açoites e pingos de fogo com canudos de lacre, de que ali fiquei quase morto de todo, e assim estive por espaço de mais vinte dias, em que ninguém me julgou a vida. E dizendo eu algumas vezes que para me roubarem a minha fazenda, me assacavam todos aqueles falsos testemunhos, mas que o capitão João Caeiro que estava em Pegu, daria conta disso a el-rei muito cedo, por isto que eu acaso disse já como desesperado e sem saber o que dizia, permitiu Nosso Senhor que fosse livre da morte. Porque estando já este perro para dar execução à sentença que tinha dado contra mim, lhe foram alguns seus amigos à mão, aconselhando-o a que o não fizesse, porque se me matasse, os portugueses todos em Pegu se haviam de queixar dele a el-rei e dizer-lhe que para me roubar cem mil cruzados que trouxera do capitão de

Malaca, me condenara à morte, e ma dera; e que estava claro que el-rei lhe havia de pedir conta de toda esta quantia, e que ainda que na verdade entregasse tudo o que me tinha tomado, se não havia de haver por satisfeito, parecendo-lhe que era muito mais, pelo que podia daqui ficar em tanto descrédito com el-rei que nunca mais entraria em suas graças, e ficariam seus filhos de todo perdidos, com abatimento e desonra muito grande.

O perro do governador bainhá Chaque, receando que pudesse ser isto assim, deixou de ir com sua teima por diante, e processando de novo sobre a sentença que tinha dado, resolveu que me absolvia da pena de morte, mas que perdesse a fazenda e ficasse cativo de el-rei; e logo que fui são das chagas que me fizeram os açoites e os pingos, me levaram a ferros a Pegu, onde como cativo fui entregue a um bramá, tesoureiro de el-rei, de nome Diosoray, que em sua companhia tinha oito portugueses que também por infortúnios nascidos de pecados como os meus, já lá estavam havia seis meses, os quais foram de uma nau de D. Henrique d'Eça, de Cananor, que com o tempo fora ali dar à costa.

E já que até aqui tratei do sucesso da minha viagem a Martavão, e do proveito que dela me resultou por serviço de el-rei nosso senhor, que foi, no fim de tantos trabalhos roubarem-me minha fazenda e ficar cativo, antes que passe mais adiante determino tratar o que passei mais nestes reinos, no decurso de dois anos e meio, que foi o tempo do meu cativeiro, e das terras por onde, por causa de trabalhos e infortúnios que por mim passaram, andei peregrinando, porque assim me pareceu que era necessário para declaração do que vou continuando.

Partindo este rei bramá, da cidade de Martavão, como atrás fica dito, caminhou tanto em suas jornadas, que chegou a Pegu, onde antes de despedir os seus capitães, fez resenha

da gente que tinha, e achou que dos setecentos mil homens com que cercara o chaubainhá, trazia menos oitenta e seis mil. E porque já neste tempo tinha atoardas que o rei do Avá, confederado com os savadis e chaleus, dava entrada ao Siammom (que pelo sertão destes reinos confina a oeste e a oés-noroeste com o calaminhã, imperador da força bruta dos elefantes da terra, como adiante declararei quando tratar dele) para que tomasse as fortalezas do reino Tangu a este bramá, ele como bom capitão e muito prático e astuto nas coisas da guerra, mandou logo primeiro que tudo prover bem de gente e de todo o necessário, as principais quatro forças que tinha, e de que mais se receava. E determinando ir sobre a cidade do Prom, fez deter o exército que tinha junto, e fez de novo grandes apercebimentos por todo o reino, e em cinco meses juntou até novecentos mil homens, com os quais partiu da cidade de Bagou, a que o vulgo chama Pegu, embarcados em doze mil embarcações de remo, das quais duas mil eram serós, laulés, catures e fustas.

E partida esta frota aos nove dias do mês de Março do ano de 1545, pelo rio de Ansedá acima, foi ter a Danaplu onde se esteve reformando de alguns mantimentos de que ia falta. E seguindo daqui sua rota por um grande rio de água doce, de mais de uma légua de largo, a que chamavam Pichau malacou, surgiu à vista do Prom a treze de Abril, e por espias que naquela noite se tomaram, teve por novas que o rei era morto, e que por sua morte lhe sucedera no reino um seu filho moço de treze anos, o qual seu pai, antes de morrer, casara com uma sua cunhada, irmã de sua mulher e tia do mesmo moço, e filha do rei do Avá. E esta, sabendo da vinda do bramá sobre esta cidade do Prom, mandara logo pedir socorro a el-rei seu pai, o qual se afirmava que mandava um seu filho, irmão da rainha, com uma armada em que vinham sessenta mil moéns, e tarés, e chaleus, gente escolhida e muito determinada na guerra, com a qual nova o rei bramá se deu muita pressa, determinando tomar a cidade antes que o socorro viesse. E desembarcando em um campo a que chamavam Meigavotau, duas léguas abaixo da cidade, se esteve nele preparando de tudo o que lhe era necessário, por espaço de cinco dias. E depois de dar ordens sobre o que se havia de fazer, abalou dali um dia antes que amanhecesse, e marchando ao som de infinidade de tambores e pífaros de guerra, chegou à cidade às onze horas do dia, sem até então achar oposição alguma, onde começou logo a assentar o campo por sua ordem costumada; e antes de ser noite, ficou todo fechado em roda com trincheiras e valos muito fortes, e com seis estâncias de artilharia.

154

do que se passou entre a rainha do prom e o rei bramá, e do primeiro assalto que se deu à cidade, e o sucesso dele

Havendo já cinco dias que este rei bramá era chegado, a rainha cercada, que era a que governava por seu marido, o mandou visitar com um rico presente de peças de ouro e pedraria, por um talagrepo religioso de mais de cem anos, e tido entre eles por homem santo, pelo qual lhe escreveu uma carta que dizia assim:

«Poderoso e grande senhor, mais favorecido na casa da fortuna, que todos os reis que habitam na terra, fortaleza forte de grande poder, enchimento dos mares salgados em que

todos os rios pequenos da terra, como a pobre de mim, têm o último descanso de suas correntes, escudo forte de grandes divisas, possuidor de grandes estados, em cuja cadeira teus pés se assentam com o rosto desafrontado, de grande majestade, eu, a Nhay Nivolau, pobre mulher, aia e serva deste órfão menino, te peço com lágrimas, prostrada diante de ti, com aquele acatamento que se te deve como a senhor, que não arranques tua espada contra minha fraqueza, porque sou mulher que me não sei defender, nem sei mais que chorar diante de Deus a sem-razão que se me fizer, a cuja divina natureza é tão próprio socorrer com misericórdia e castigar com justiça, que por muito grandes que sejam os estados do mundo, os trilha debaixo do pé com uma potência tão espantosa que até os moradores da côncava baixa da casa do fumo temem e tremem diante deste Senhor. Por amor do qual, te peço e rogo que me não queiras tomar o meu, pois como sabes, é tão pouco que nem com ele podes ser maior, nem sem ele ficarás menor, mas antes, senhor, usando comigo de piedade, será uma tamanha grandeza na fama de tua pessoa, que até os meninos deixarão de mamar a alvura dos peitos de suas mães, para te darem louvores com os beiços limpos de sua inocência, e todos os naturais e estranhos terão na memória esta esmola que me fizeres, a qual eu mandarei escrever nas sepulturas dos mortos, para que eles e os vivos te gratifiquem por mim isto que com tanta eficácia de minhas entranhas de peço. Ao santo Avenlachim, que para ti, senhor, leva esta carta escrita por minha mão, dei poder e autoridade para em nome deste órfão menino, e meu, assentar contigo todo o concerto que justo for, e te conceder o tributo e pareias que te bem parecerem, contanto que nos deixes possuir nossas casas, para que debaixo do seguro de tua verdade, criemos nossos filhos e colhamos as novidades de nossas lavouras para sustentação dos pobres moradores desta cativa e pobre aldeia, os quais todos, e eu com eles, com humilde acatamento te serviremos naquilo em que a tua vontade nos ocupar.»

Esta carta e embaixada, recebeu o bramá com grande autoridade, fazendo honra ao que a trouxe, tanto por sua idade, como por ser entre eles tido por santo, e lhe concedeu logo no princípio algumas coisas que lhe ele pediu, como fosse tréguas enquanto andasse nestes concertos, e liberdade para os cercados comunicarem com a gente do campo, e outras coisas como estas, de pouca importância. Porém, vendo as condições que esta pobre rainha lhe mandava propor, e as humildes palavras da sua carta, atribuindo todo a medo e a fraqueza, nunca mais quis responder a propósito ao mensageiro, mas antes secretamente mandou fazer alguns assaltos por toda a terra, em gente fraca e desarmada, que confiada em sua pobreza não saíra das choças que tinha pelos matos, na qual estes inimigos cruéis e desumanos fizeram tamanho estrago, sem acharem oposição alguma, que em só cinco dias se disse que mataram catorze mil pessoas, e todas estas, ou a maior parte delas, foram mulheres e crianças e homens velhos que não podiam tomar armas.

E desenganado o rolim que trouxera a carta, das falsas promessas deste tirano, e assaz descontente do pouco respeito que se lhe tivera, lhe pediu licença para se tornar à cidade, a qual lhe ele não negou, e lhe respondeu com palavras, que se entregasse a rainha primeiro, com sua gente, tesouro e reino, e que ele a satisfaria em outra coisa de que ela fosse contente, e que a isto lhe respondesse logo no mesmo dia que para isso lhe dava de espaço sòmente, porque com a sua resposta determinaria no que havia de fazer.

O rolim se despediu logo dele, e se foi à cidade, e deu conta à rainha de tudo o que se passara, e lhe declarou a danada tenção do tirano e a sua pouca verdade, e lhe pôs diante o que em Martavão fizera com o chaubainhá que se lhe entregara sob seguro seu, e como o mandara matar a ele e a sua mulher e a seus filhos, com todos os nobres do reino. Pelo que logo ali assentou a rainha com todos

os do seu conselho, que se defendesse a cidade até que o socorro de seu pai viesse, que não poderia tardar quinze dias, e disto lhes tornou de novo a tomar a todos as menagens.

E com esta determinação, sem fazer mais nenhuma detença, cheia de um espírito assaz animoso e afervorado, proveu logo em todas as coisas que eram importantes à defesa da cidade, esforçando os seus com ânimo varonil e muita prudência; e, repartindo liberalmente com eles o seu tesouro, lhes prometeu também a todos que ao diante lhes satisfaria seus serviços com muitas mercês e honras, com o que todos ficaram muito animados.

O rei bramá, vendo que o rolim não tornara com a resposta no termo que para isso lhe dera, logo ao outro dia tratou de fortificar as estâncias com artilharia dobrada, para com ela bater a cidade toda em roda, e mandou fazer grande soma de escadas para assaltar os muros à escala vista, e com isto mandou lançar pregão que todos, em termo de três dias, estivessem prestes, sob pena de morte.

Chegado este dia determinado para o assalto, que foi aos três de Maio de 1545, el-rei abalou uma hora antes de amanhecer, da sua estância onde estava surto no rio com dois mil serós equipados de gente muito escolhida, e fazendo sinal aos capitães da terra, que já a este tempo estavam prestes, todos juntamente num corpo arremeteram aos muros com tamanho estrondo de gritas e alaridos, que parecia juntar-se o céu com a terra. E chegando os inimigos uns aos outros, se travou entre todos uma tão cruel e tão áspera briga, que em pouco espaço o ar se viu arder todo em fogo, e a terra banhada em sangue, e juntando-se a isto o resplandor das espadas e dos ferros das lanças que por entre as labaredas, de quando em quando reluziam, faziam um tão medonho espectáculo que nós, os portugueses, andávamos como pasmados.

Durou assim esta peleja por espaço de mais de cinco horas, no fim das quais, vendo o tirano bramá que os de dentro se defendiam esforçadamente, e que os seus, em partes, iam já enfraquecendo, saltou em terra com cerca de dez ou doze mil homens, dos melhores da armada, e reforçando com muita presteza as companhias dos que pelejavam, a briga se tornou a travar de novo com tanto ímpeto e esforço de ambas as partes, que parecia que então se começava.

Durou este segundo aperto até se querer já quase cerrar a noite, mas nem isso foi razão para el-rei querer desistir do combate, por mais que os seus o aconselhassem a que se retirasse; antes jurou dormir aquela noite dos muros a dentro, ou mandar cortar as cabeças a quantos capitães não visse feridos, o que foi causa de grande desmancho, porque durante esta contumaz porfia, até que se pôs a lua, que seria às duas horas depois da meia-noite, em que os mandou retirar, se achou, pelo alardo que se fez ao outro dia, que morreram vinte e quatro mil homens, fora mais de trinta mil feridos, de que depois ao desamparo morreu outra grande quantidade, donde veio a haver tanta peste no campo, tanto pela corrupção do ar, como porque a água do rio estava cheia de sangue, e com isso, quase danada, que isso só foi causa de morrerem depois (segundo se disse) mais de oitenta mil homens, em que entraram quinhentos portugueses, a que então se não deu outra sepultura senão a que os abutres e os corvos lhes deram dentro de si, despedaçando-os nos campos e praias por onde jaziam.

155

do mais que sucedeu neste cerco, e dos cruéis castigos que este tirano fez nos que tomou cativos

Vendo o rei bramá quão caro lhe custara este primeiro assalto, não quis aventurar mais a sua gente por esta via, mas mandou fazer um grande entulho de terra e faxina, com mais de dez mil palmeiras que mandou cortar, e veio criando uma serra tão alta que sobrelevava por cima dos muros quase duas braças, na qual mandou assestar oitenta peças grossas de artilharia, e varejando com elas toda a cidade por espaço de nove dias, a maior parte dela ou quase toda foi posta por terra com morte de catorze mil pessoas, de que a pobre rainha ficou de todo quebrada, sem já a este tempo ter consigo mais que só cinco mil homens que pudessem pelejar, porque tudo o mais eram mulheres e crianças, e gente inábil para as armas. Pelo que, havido conselho sobre o remédio deste tamanho aperto, se assentou por parecer dos principais da terra, que se untassem todos com azeite das lâmpadas da capela do Quiai Nivandel, deus das batalhas do campo Vitau, e assim oferecidos em sacrifício acometessem a serra, e ou vencessem ou morressem todos feitos amoucos pela defensa do seu rei, pois era menino, e lhe tinham prestado menagem e feito juramento de lhe serem bons e leais. E assentados todos neste parecer que a rainha e todos houveram então por o melhor e mais acertado para o tempo em que estavam, para mais firmeza disto, fizeram todos entre si um juramento solene de assim o cumprirem. E feito isto, se deu logo ordem do modo que se havia de ter neste negócio, e fizeram capitão desta gente, um tio

da rainha, de nome Manica votau, o qual, juntando logo todos os cinco mil homens que havia na cidade naquela mesma noite, depois de rendido o quarto da modorra, saiu pelas duas portas que estavam mais fronteiras à serra, e a acometeram tão determinadamente que em pouco mais de uma hora o campo se dividiu em mais de cem partes, e a serra foi tomada com as oitenta peças de artilharia, e el-rei ferido, as trincheiras queimadas, os valos, derrubados, e o xemim Brum, general do campo, morto com mais de quinze mil homens, em que entraram seiscentos turcos, e foram tomados quarenta elefantes e outros muitos mortos, e oitocentos bramás cativos, de modo que estes cinco mil amoucos fizeram coisa que cem mil outros homens, por mais esforçados que fossem, parece que fariam muito dificultosamente. E recolhendo-se já uma hora antes da manhã, se não acharam mortos, dos cinco mil, mais que só setecentos.

Deste sucesso se deu o rei bramá por tão afrontado, pondo a culpa dele em alguns dos seus capitães, pela má vigia que em si tiveram, e pelo descuido que se teve na guarda da serra, que logo naquele mesmo dia mandou descabeçar mais de dois mil pegus, que eram os que vigiavam naquele quarto. Após este sucesso, ficou a coisa quieta por espaço de doze dias, em que nos de fora não houve nenhum rebuliço; e neste tempo, um capitão dos quatro principais da cidade, de nome xemim Meleitay, temendo o que geralmente já todos temiam, que era não poderem escapar a este inimigo que os tinha cercado, se carteou secretamente com ele, com a condição de o deixar livremente possuir o seu estado e lhe não tocar em casa de nenhum seu familiar, e o fazer, no reino pegu, xemim de Ansedá, com toda a renda que nele tivera o bainhá de Malacou, que eram trinta mil cruzados, e que lhe entregaria a cidade, dando-lhe entrada nela por uma porta que tinha a seu cargo.

O rei bramá aceitou a combinação, com todas estas condi-

ções, e para penhor de sua verdade lhe mandou um anel rico que tinha no dedo. E no dia aprazado em que isto havia de ser, que foi na véspera de São Bartolomeu, do ano de 1545, às três horas depois da meia-noite, assim se pôs em obra, com aquela ferina e horrenda crueldade que este tirano bramá sempre costumou em todas as coisas desta qualidade. E porque me parece que será processo infinito contar por extenso como este negócio se passou, não direi mais dele senão que a porta foi aberta, a cidade entrada, e a gente dela toda metida à espada, sem se conservar a vida a pessoa nenhuma, e o rei e a rainha cativos, e o tesouro tomado, e todos os edifícios e templos postos por terra, e outras muitas maneiras de crueldades tanto acima das imaginações e dos pensamentos dos homens, que realmente afirmo que eu mesmo, quando em alguma hora me passa pelo pensamento como se passou isto que eu vi por meus olhos, fico de todo fora de mim. Porque como o tirano estava magoado e afrontado do sucesso passado, todos os modos de cruezas usou com esta desventurada gente, para tomar vingança da má fortuna que tivera no começo deste cerco, mas a verdade disto foi por ele ser fraco de ânimo, e de baixo sangue e geração, em que a crueldade e o desejo de vingança costumam ter mais lugar que nos generosos e esforçados, e sobretudo por não ter verdade em nenhuma coisa, e ser por natureza afanchonado e inimicíssimo de mulheres, tendo-as naquele reino e em todos os mais de que era senhor, tão alvas e tão formosas que muito poucos lhes levam vantagem.

Acabada a cruel e sanguinolenta destruição desta triste cidade, o tirano, a modo de triunfo, com muito grande pompa e estado, entrou dentro dela por um lanço de muro que mandou derrubar, e chegando às casas que foram do pobre rei menino, se coroou nelas como rei do Prom, tendo-o sempre enquanto duraram estas cerimónias, posto de joelhos com as mãos levantadas como quem adora a Deus, e de quando em quando lhe faziam abaixar a cabeça até ao chão e beijar-lhe os pés, de que o tirano fingia que se não dava por achado.

E depois disto feito, se veio pôr a uma janela que estava na frontaria de um terreiro, onde lhe trouxeram mais de duas mil crianças mortas que jaziam pelas ruas, e logo ali perante si as mandou fazer em postas muito miúdas, e embrulhá-las em farelos de arroz e em erva, e dá-las a comer aos elefantes. E depois, com outro modo de cerimónia de muitos tangeres e gritas, lhe trouxeram a rainha, mulher do reizinho, que como já se disse, ele era da idade de treze anos e ela de trinta e seis, mulher muito alva e bem assombrada, e tia de seu marido, irmã de sua mãe, e filha do rei do Avá, que é a terra donde os rubis, e as safiras, e as esmeraldas vêm a Pegu, a qual rainha havia três anos que este bramá mandara pedir por mulher a seu pai, segundo então se lá dizia, e ele lha negara, dizendo na resposta que deu ao embaixador, que em muito mais alto ponto trazia sua filha o pensamento, que em ser mulher do xemim do Tangu, que era a geração donde procedia este cruel e fraco tirano, o qual agora, tanto para desprezo por ela e por seu pai, como para se vingar da passada afronta que recebera dele, a mandou ali em público despir nua e dar-lhe muitos açoites, e após isso a mandou levar por toda a cidade, e com grandes gritas e apupadas de gente baixa e desonesta, lhe mandou dar outro tormento, com que a pobre rainha logo expirou; e depois de morta, a mandou atar abraçada ao reizinho seu marido que ainda estava vivo, e cada um com sua pedra ao pescoço os lançaram ambos pelo rio abaixo, que foi um género de crueldade assaz espantoso para quem o via.

E a este modo fez outras muitas cruezas nunca imaginadas. E para dar remate a todas elas, ao outro dia, que foi o de São Bartolomeu, mandou espetar em caluetes todos os nobres que tomaram vivos, que seriam quase trezentos homens, e assim espetados como leitões foram também lançados pelo

rio abaixo. De maneira que fez aqui este tirano, justiças tão novas nestes miseráveis, que nós os portugueses andávamos todos como pasmados.

156

como o rei do bramá foi sobre a cidade de meleitay onde estava o príncipe do avá com trinta mil homens, e do que sucedeu nesta ida

Catorze dias havia já que estas coisas eram passadas, nos quais o tirano se ocupou sempre em fortificar a cidade com grande presteza e cuidado, quando lhe chegou nova certa, pelas espias que nisso trazia, que da cidade do Avá era partida, pelo rio de Queitor abaixo, uma armada de quatrocentos barcos de remo, em que vinham trinta mil homens do Siammom, fora a chusma e a gente da mareação, de que vinha por general um filho do rei do Avá, irmão da pobre rainha, o qual, sendo avisado da perdição da cidade de Prom, e da morte de sua irmã e de seu cunhado, se alojara na fortaleza de Meleitay, que era a dezoito léguas de Prom, pelo rio acima, a qual nova fez no tirano tamanho abalo que lhe foi necessário ir logo em pessoa sobre esta gente, antes que lhe viesse outro socorro que tinha por novas que se estava fazendo prestes, em que vinha o rei do Avá como general de oitenta mil moéns.

E com esta determinação se partiu logo este tirano bramá, em busca desta gente que estava no Meleitay, e levou consigo

um exército de trezentos mil homens: duzentos mil, por terra ao longo do rio, de que ia como capitão o Chaumigrém, seu colaço, e cem mil levou ele em sua companhia, pelo rio, em dois mil serós, e todos, uns e outros, gente muito escolhida.

E chegando à vista do Meleitay, os avás, para mostrarem quanta maior impressão fazia neles a determinação com que ali vieram, que o temor que tinham diante, e receando que os inimigos lhes pudessem tomar a sua armada que tinham no rio, o que para eles seria uma muito grande afronta, lhe puseram o fogo; e determinados todos, com uma brutal ufania, em vingarem a ofensa que era feita ao seu rei, sem porem diante aquilo que naturalmente a carne mais receia, se puseram em campo e se fizeram em quatro batalhas: em três, que eram de dez mil homens cada uma, iam trinta mil moéns, e na outra, que era um pouco mais grossa, ia toda a chusma de remo, dos quatrocentos barcos que tinham queimado. Esta lançaram eles adiante, com a determinação de cansarem os inimigos nela, a qual arremetendo logo a eles, travou com eles uma cruel briga que durou por espaço de uma meia hora, em que a maior parte da chusma foi consumida. Logo após isto, os trinta mil moéns, assim fechados como estavam nas três batalhas, arremeteram contra os inimigos com grandíssimo ímpeto, e como neste tempo, por causa da peleja que tiveram com a chusma, os acharam cansados, a batalha foi entre eles tão cruel e tão desacostumada que para não me deter em particularizar coisa em que parece que pode haver dúvida, não direi desta mais senão que, dos trinta mil moéns, não escaparam mais que só oitocentos, os quais, assim feridos e desbaratados se recolheram ao Meleitay, deixando no campo, dos duzentos mil do rei do Bramá, cento e quinze mil mortos, e os outros quase todos feridos.

Neste tempo, o tirano bramá que vinha pelo rio nos dois mil serós, chegou ao lugar onde fora a peleja, e vendo o

estrago que os moéns nos seus tinham feito, ficou como atónito e fora de si, e desembarcando em terra, pôs logo cerco à fortaleza, com a determinação, como ele dizia, de tomar às mãos, vivos, os oitocentos que estavam nela. Este cerco continuou sete dias, em que os de fora lhe deram cinco assaltos, e os oitocentos se defenderam sempre valorosamente; porém, vendo que era chegada a derradeira hora de suas vidas, e que não podiam sustentar por seu rei a fortaleza, como sempre cuidaram, pelo socorro da gente de reforço que o bramá trouxera na armada, querendo que fosse deles o que fora dos outros, se determinaram como esforçados que eram, a ir morrer ao campo como fizeram seus companheiros, e vingarem suas mortes com as de seus inimigos, visto que dentro se não podiam aproveitar de seus esforços como desejavam, e que a artilharia do bramá os ia consumindo a pouco e pouco.

E com esta determinação saíram uma noite, que acertou de ser muito escura, e de grande cerração e de grande chuva, e dando nas primeiras duas estâncias que estavam mais juntas com a porta do sertão por onde saíram, as despejaram de toda a gente que estava nelas, e seguindo com o seu propósito adiante, como homens já de todo determinados, e cegos de desesperação, ou desejosos de ganharem honra e fama onde deixavam as vidas, fizeram tanto que ao tirano lhe foi necessário lançar-se a nado ao rio para se salvar, e o campo esteve quase de todo desbaratado, e se dividiu em mais de cem partes, com morte de doze mil homens, em que entraram mil e quinhentos bramás, e dois mil estrangeiros de diversas nações, e os outros todos pegus.

Esta peleja duraria pouco mais de um quarto de hora, e não se acabou senão depois que os oitocentos moéns foram de todo consumidos, sem haver nenhum que se quisesse render. E vendo o tirano bramá a peleja acabada e a coisa já de todo quieta, se tornou a recolher ao campo, e juntando outra vez a gente, entrou na fortaleza de Meleitay onde

mandou logo cortar a cabeça ao xemim, dizendo que ele fora a causa daquele desastre que lhe acontecera, porque quem fora tredo ao seu rei, não lhe podia a ele ser muito leal. E este foi o pago que o tirano lhe deu, por lhe entregar a cidade de Prom, mas bem devido, a quem entregou o seu rei e a sua mesma pátria em poder de seus inimigos. E por então não se entendeu em mais que em curar os feridos, de que também houve uma grande quantidade.

157

do que sucedeu a este rei bramá até chegar à cidade do avá, e do que aí mais fez

Toda aquela noite se passou com muito temor e boa vigia, e logo que foi manhã clara se proveu logo primeiro que tudo em se despejar o campo da gente morta, de que todo estava coberto. E feita resenha de toda a cópia de mortos de ambas as partes, que tinha custado esta vinda ao Meleitay, se achou que da parte do bramá eram cento e vinte e oito mil, e do príncipe, filho do rei do Avá, quarenta e dois mil, em que entraram todos os trinta mil moéns do socorro.

Isto feito, o tirano bramá, depois de fortalecer a cidade de Prom e esta fortaleza de Meleitay, e criar de novo outras duas fortalezas à borda do rio, em lugares importantes à segurança daquele reino, se partiu em mil serós ligeiros de remo, pelo rio de Queitor acima, nos quais levou setenta mil homens, com determinação de ir em pessoa espiar o

reino do Avá, e dar de si uma mostra à cidade, para ver com os olhos as forças dela, e de que poder haveria mister para a tomar.

E ao cabo de vinte e oito dias deste caminho, dentro dos quais passou por lugares muito nobres do rei do Chaleu e Jacuçalão, que estavam à borda da água, sem tratar de nenhum deles, chegou a esta cidade do Avá, aos treze dias de Outubro deste mesmo ano de 1545, sobre o porto da qual esteve treze dias sem fazer mais dano que sòmente queimar duas ou três mil embarcações de serviço que achou no porto, e pôr fogo a algumas aldeias que ao redor estavam, o que lhe não custou tão barato que não chegasse a despesa destes assaltos a oito mil dos seus, em que entraram sessenta e dois portugueses, porque já neste tempo em que aqui chegámos, estava tudo muito bem provido, e a cidade, além de ser forte, tanto por sítio como por fortificação, estava guarnecida de vinte mil moéns, dos quais se dizia que havia só cinco dias que eram chegados dos montes de Pondaleu, onde o rei do Avá, com licença do do Siammom, imperador desta monarquia, ficava juntando mais oitenta mil homens para tornar a ganhar o Prom, porque sendo este rei do Avá certificado da desonra e morte de sua filha e de seu genro, como atrás fica dito, e vendo que por si não era poderoso para satisfazer as ofensas e males que este tirano lhe tinha feito, e segurar-se do que temia que ao adiante lhe fizessem, que era tomar-lhe o reino, de que algumas vezes o tinha já ameaçado, foi em pessoa com sua mulher e seus filhos, lançar-se aos pés deste Siammom, e dando-lhe conta dos seus trabalhos e afrontas, e do propósito que levava, por um concerto feito entre ambos se fez seu tributário em seiscentas mil biças cada ano, que da nossa moeda são trezentos mil cruzados, e uma ganta de rubis que é uma medida como canada, para uma jóia de sua mulher, do qual tributo dizem que lhe fez logo pagamento por dez anos, de antemão, fora outras peitas de pedraria muito rica, e baixelas e peças que valeriam mais de dois contos de ouro.

Pelo qual, o Siammom se lhe obrigou a o tomar debaixo do seu amparo, e se pôr em pessoa em campo por ele, todas as vezes que lhe fosse necessário, e o repor no reino do Prom dentro de um ano, para o que lhe deu logo cento e trinta mil homens, os trinta mil do socorro que o bramá tinha morto no Meleitay, e os quinze mil que aqui estavam nesta cidade, e os oitenta mil por que se esperava, de que o mesmo rei do Avá vinha como general.

Pelo que, sendo este tirano avisado de todas estas coisas, temendo ser esta a mais certa ocasião de se perder, que todas as outras que podia recear, se tornou logo a fortificar o Prom com muito maior instância do que até então tinha feito.

Porém, antes que se partisse daquele rio onde estava surto, que seria a uma légua desta cidade do Avá, mandou o bramá o seu tesoureiro, de nome Diosoray (em cujo poder eu atrás já disse que estávamos os oito portugueses cativos), como embaixador ao calaminhã, que é um príncipe de grande poder que habita no âmago deste sertão em muita distância de terra, do qual adiante tratarei um pouco quando vier a dar informação dele, para que por liga e contrato de nova amizade, se fizesse seu irmão em armas, oferecendo-lhe por isso certa quantidade de ouro e pedraria, e rendimentos de algumas terras comarcãs ao seu reino, para que este calaminhã entretivesse com guerra o Simmom no Verão seguinte, para que não pudesse socorrer o rei do Avá, e lhe ficasse a ele mais fácil poder tomar esta cidade, sem receio deste socorro que temia.

Este embaixador partiu daqui embarcado em uma laulé, e doze serós, em que iam trezentos homens de seu serviço, e guarda, fora a chusma de remo, que seriam quase outros tantos, e lhe levou de presente muitas peças ricas de ouro e pedraria, em que entrou um arreio de elefante que se afirmava que valia perto de seiscentos mil cruzados, de modo

que todo o presente diziam que passara de um conto de ouro. E entre algumas mercês que o rei bramá fez nesta ida, a este seu embaixador, uma delas foi dar-lhe nós todos oito, com o que daí por diante ficámos cativos deste tesoureiro, o qual nos vestiu e nos proveu de todo o necessário em muita abastança, e se mostrou muito contente de nos levar consigo, e fez sempre de nós muito mais conta do que de todos os outros que levava em sua companhia.

158

do caminho que fizemos até chegarmos ao pagode de tinagógó

Pareceu-me de razão, e conveniente às coisas de que vou tratando, apartar-me agora um pouco deste tirano bramá, ao qual me tornarei a seu tempo, para tratar do caminho que fizemos daqui para a cidade de Timplão, metrópole deste império calaminhã, que quer dizer senhor do mundo, porque na sua língua, «cala» é senhor, e «minhã» é mundo, e por outra via se intitula também absoluto senhor da força bruta dos elefantes da terra, porque na verdade este o é mais que outro nenhum em todo o universo, como adiante se dirá.

Partido este embaixador daqui do Avá, em Outubro do ano de 1545, fez seu caminho por este rio de Queitor acima, com a proa a oés-sudoeste, e em partes a leste franco por causa das voltas que a descente da água fazia, e por esta variedade de rumos continuámos por nossa rota sete dias, em que chegámos a um esteiro a que chamavam Guampanó,

pelo qual o Robão, que era o nosso piloto, fez seu caminho, para se desviar da terra do Siammom, como levava por regimento de el-rei, e chegámos a uma grande povoação que se chamava Gauteuday, onde este embaixador se deteve três dias, provendo-se de algumas coisas necessárias para a sua viagem.

Partindo daqui, seguimos por este esteiro acima mais onze dias, em todos os quais não achámos nem vimos lugar nenhum que fosse notável, senão sòmente aldeias pequenas de casas de palha, povoadas de gente pobríssima, e nos campos havia infinidade de gado vacum, que segundo parecia não tinha dono, porque matávamos perante os da terra, vinte a trinta cabeças cada dia, sem haver quem nos fosse à mão, nem nos dissesse palavra nenhuma, mas antes em partes no-lo traziam de graça, como que folgando de o matarem.

Saindo deste esteiro de Guampanó, entrámos em um rio muito grande que se chamava Angegumá, de mais de três léguas de largo, e em partes cento e vinte braças de fundo, com revessas tão impetuosas que muitas vezes nos faziam desandar muita parte do caminho. E costeando por ele acima, espaço de mais de sete dias, chegámos a uma cidade pequena e bem cercada, a que chamavam Gumbim, do reino de Jangomá, rodeada, da parte do sertão, em distância de cinco ou seis léguas, de arvoredo de benjoim e de campinas de lacre, o qual desta cidade se leva de veniaga a Martavão, onde se carregam muitas naus dele diversas partes da Índia, para o Estreito de Meca, para Alcocer e Judá. Há também nesta cidade, muita soma de almíscar, muito melhor que o da China, que também se leva para Martavão e Pegu, onde os nossos o vão comprar, para de veniaga o levarem a Narsinga, Orixá e Masulepatão.

As mulheres desta terra são geralmente muito alvas e bem assombradas, vestem panos de seda e algodão, trazem xorcas

de ouro e de prata nos pés, e colares de fuzis grossos ao pescoço. A terra em si é muito abastada de trigos, arrozes, e carnes, e sobretudo abundantíssima de mel, de açúcar, e de cera. Rende esta cidade, com sua comarca, que é de dez léguas em roda, para o rei do Jangomá, sessenta mil alcás de ouro, que são, da nossa moeda, setecentos e vinte mil cruzados.

Daqui costeámos o rio, pela parte do sul, por espaço de mais sete dias, e chegámos a uma grande cidade de nome Catamás, que em nossa linguagem quer dizer «camarão de ouro», do senhorio do Raudivá de Tinlau, filho segundo do Calaminhã, que é como em França o Duque de Orleães. O naugator desta cidade agasalhou bem este embaixador, com muitos refrescos para todos os seus, e lhe deu por novas que o calaminhã estava na cidade de Timplão.

Daqui partimos num domingo pela manhã e ao outro dia à tarde fomos ter a uma fortaleza a que chamavam Campalagor, situada sobre uma ponta de rocha metida no rio a modo de ilheu, cercada de boa cantaria, com três baluartes e duas torres de sete sobrados, dentro dos quais disseram ao embaixador que tinha o calaminhã um grosso tesouro, dos vinte e quatro que estavam repartidos pelo reino, de que a maior parte era em prata, o qual teria de peso seis mil candins, que pela nossa conta são vinte e quatro mil quintais, o qual todo estava em poços debaixo do chão.

Daqui continuámos nosso caminho mais treze dias, vendo ao longo do rio, tanto de uma parte como da outra, muitos lugares muito nobres, que segundo o aparato das mostras de fora, deviam ser, os mais deles, cidades ricas, e tudo o mais eram bosques de grandes arvoredos, em que havia muitas hortas, jardins e pomares, e fora isto, campinas de trigo muito grandes em que pascia grande soma de gado vacum, muitos veados, antas, e badas, e tudo apascentado por homens a cavalo. No rio havia infinidade de embarcações de remo, nas quais se vendiam todas as coisas quantas a terra produz, em grande abundância, das quais Nosso Senhor foi servido de enriquecer a gente destas partes, muito mais que todas as outras que se agora sabem em todo o mundo, ele sabe porquê.

E porque o embaixador adoeceu aqui de um inchaço nos peitos, foi aconselhado a que não passasse diante até não ser são dele, pelo que assentou com alguns dos seus, em se ir curar a uma grande enfermaria que estava dali a doze léguas, adiante, num pagode de nome Tinagógó, que quer dizer «deus de mil deuses», para onde partiu logo, e chegou lá um sábado já quase à noite.

159

do sítio e fábrica deste pagode de tinagógó, e do grande concurso de gente que a ele vem

Desembarcado o embaixador em terra, logo ao outro dia pela manhã foi levado a uma enfermaria de gente nobre, de nome Chipanocão, em que havia quarenta e duas casas muito limpas e muito bem concertadas, em uma das quais o recolheram por mandado do puitaleu, que era como regente daquela enfermaria, onde foi curado e provido tanto de físicos como de tudo o necessário, muito abastadamente; fora isto, os cheiros, os perfumes, a limpeza e concerto dos serviços, as baixelas, as roupas, os manjares, os regalos e os passatempos eram com tanta curiosidade e perfeição, que

até músicas de mulheres muito formosas que tangiam e cantavam muito bem, lhe davam duas vezes cada dia, e em algumas horas lhe apresentavam farsas de grande aparato. E porque não me atrevo a contar por extenso o muito que nisto há para dizer, calarei muitas coisas, de que outros que as soubessem dizer melhor que eu, porventura fariam muito caso.

Passados vinte e oito dias depois que aqui chegámos, em que o embaixador convalesceu de todo, nos partimos para uma cidade a que chamavam Meidur, doze léguas adiante, pelo rio de Angegumá acima. Mas para que não fique em falta com a promessa que atrás fiz, de dar informação deste pagode de Tinagógó, quero agora deixar o embaixador fazer seu caminho, e tornar-me ao pagode, e dizer brevemente alguma coisa das muitas que nele vimos, para que vejamos, eu e os cristãos que são tão descuidados na vida como eu, quão pouco fazemos para nos salvarmos, em comparação com o muito que estes cegos e miseráveis fazem para se perderem. Porque nos vinte e oito dias que o embaixador esteve em cura, nós os nove portugueses e toda a outra gente que ia em sua companhia, andávamos ociosos, nem tínhamos em que gastássemos o tempo, e o gastávamos em diversos modos de desenfadamentos, cada um naquele a que era mais afeiçoado, que para todos se achava ali comodidade. E assim, uns se ocupavam em caças, de que há infinidade nesta terra, principalmente de veados e porcos monteses; outros, em montear tigres, badas, onças, zebras, leões, búfalos, vacas bravas, e outras muitas diversidades de alimárias nunca vistas nem nomeadas cá na Europa, de maneira que os mais fragueiros sempre andavam no mato; outros andavam no campo à caça das marrecas, das adens, e dos patos; outros com falcões e açores, à caça de altanaria; outros nos rios pescando trutas, bogas, bordalos, linguados, azevias, mugens, e outras muitas diversidades de peixes que há em todos os rios deste império. E nós, pela mesma maneira, gastávamos o tempo ora numa coisa, ora noutra, ainda que o mais era

em ver, ouvir e perguntar de leis, pagodes, e sacrifícios que víamos, de grande temor e espanto, dos quais não darei relação de mais que de cinco ou seis sòmente, como já fiz em outros, porque me parece que estes só bastarão para por eles se poderem inferir e entender os outros de que não trato.

Um destes se fez no dia da lua nova de Dezembro, que foi aos nove do mês, e é o dia em que esta gentilidade costuma celebrar uma festa a que a gente desta terra chama Massunterivó, e os japões lhe chamam Forió, e os chins Manejó, e os léquios, champás, e os cauchins, Ampatilor, e os siameses, bramás, pafuás e sacotais lhe chamam Sansaporau, de maneira que ainda que pela diversidade das línguas, os nomes em si sejam diferentes, todos na nossa linguagem querem dizer uma mesma coisa, que é «memória de todos os mortos». A qual festa vimos aqui neste dia celebrar com tantas diferenças de coisas nunca cuidadas, que não me sei determinar por qual delas comece, porque só a imaginação disto, misturada com a cegueira destes miseráveis, em tanto menoscabo de honra de Deus, basta para um homem ficar mudo.

Porque a este lugar concorre neste tempo, inumerável gente de todas as nações daquelas partes, que vem a uma feira que se faz nesta festa, que dura quinze dias, que são os da lua cheia, na qual se vendem quantas coisas a natureza criou no mar e na terra, em tão alto grau de abundância que não há espécie de coisa por si de que não haja dez, doze, quinze, vinte ruas de casas e cabanas, e tendas tão compridas que quase se perdem de vista, povoadas todas de mercadores muito ricos, fora a outra mais gente do povo que não tem conto, a qual toda se aloja ao longo de um grande rio, em um campo raso de mais de duas léguas, todo povoado de arvoredo de diversas maneiras, em que há soutos de nogueiras, e castanheiros, e pinhais, e palmares de cocos

e datiles, de que todos tomam quanto querem, porque tudo isto é do pagode.

O templo deste ídolo é um sumptuosíssimo edifício que está no meio deste campo, em um outeiro redondo que tem mais de meia légua em roda, chanfrado todo a picão em altura de quinze braças, e delas para cima está um muro de cantaria muito alva, de três braças, com seus baluartes, e cubelos, e torres ao nosso modo. Deste muro para dentro, tem um terrapleno que vem ao nível com as ameias, de mais de tiro e meio de largo, que pela mesma maneira do muro, cinge também o outeiro em roda, que ao parecer fica como varanda, onde estão ao comprido cento e sessenta hospedarias, e cada uma delas de mais de trezentas casas térreas muito limpas e bem concertadas, em que se agasalham os peregrinos, fancatões, e daroezes que vêm em cabildas, como ciganos, com seus capitães, de duas, três mil pessoas cada cabilda, umas mais, outras menos, conforme o longe e o perto das terras e dos reinos donde são naturais.

Daqui para cima, é tudo fechado com grande arvoredo de ciprestes e cedros, com muitas fontes de água muito boa, e no mais alto deste outeiro, que será de quase um quarto de légua em roda, estão vinte e quatro mosteiros de templos muito sumptuosos, e ricos, doze de homens e doze de mulheres, que segundo aí nos afirmaram, tinha cada um deles quinhentas pessoas. No meio destes vinte e quatro mosteiros, em um jardim fechado com três ordens de grades de latão, com arcos a cada dez braças, lavrados de marcenaria muito rica, com seus coruchéus em ouro e com muitas campainhas de prata que continuamente estão tangendo com o movimento que faz nelas o ar que lhes dá, estava a capela do ídolo Tinagógó, que é o deus de mil deuses, em uma charola redonda, toda de alto a baixo forrada de pranchas de prata, com muita soma de candeeiros do mesmo. O seu monstruoso vulto (o qual não soubemos se era de ouro, se de pau, se de cobre dourado) estava em pé, com

ambas as mãos levantadas ao céu, e uma coroa rica na cabeça; ao redor dele estavam outros muitos ídolos pequenos, sentados em joelhos olhando para ele como pasmados, e em baixo estavam doze vultos de homens agigantados, feitos de bronze, de trinta e sete palmos de alto, muito feios em grande maneira. Estes, diziam eles que eram os deuses dos doze meses do ano.

Fora desta casa, estavam cento e quarenta gigantes, que postos em duas fileiras a fechavam toda em roda, os quais eram feitos de ferro coado, com suas alabardas nas mãos, como se estivessem de guarda àquele edifício. Entre uns e outros, havia muitos sinos de metal pendurados de tirantes de ferro muito grossos, que estavam lançados de uns ombros aos outros, destes gigantes, o qual edifício visto assim todo por junto mostrava de si um tamanho aparato, que logo em se pondo os olhos nele, se enxergava a grande riqueza e sumptuosidade da sua fábrica.

E deixando agora de parte a mais informação que poderia dar das oficinas deste rico templo, porque a que dei me parece que basta para se entender qual ele era, tratarei aqui um pouco dos sacrifícios que nele vimos, em uma festa a que eles lá chamam Xipatilau, que quer dizer «refrigério dos bons».

160

da grande e sumptuosa procissão que se faz neste pagode, e dos sacrifícios que se fazem nela

Como esta sua festa e esta feira que nela se fazia com tanta concorrência de gente, e diversidade de companhias de peregrinos, como atrás fica dito, durava quinze dias, em que havia muitas diferenças de sacrifícios e cerimónias, não havia nenhum dia em que não houvesse muitas maneiras de coisas muito novas e muito custosas, e muito para ver, e muito mais para contar, uma das quais foi aos cinco da lua, em que se publicaram os jubileus, uma procissão que teria de comprimento, segundo o esmo dos nossos, mais de três léguas, na qual se afirmou, pelo dito de toda a gente, que iam quarenta mil sacerdotes das vinte e quatro seitas que há neste império, dos quais, muitos tinham diferentes dignidades, como eram os grepos, talagrepos, rólins, népois, bicos, sacureus, e chanfarauhós, os quais todos, pelas vestiduras de que iam ornados, e pelas divisas e insígnias que levavam nas mãos, se conheciam quais eram uns e quais eram outros, e, conforme a dignidade que tinham, assim eram reverenciados pelo povo. Porém, estes não iam a pé, como os outros sacerdotes comuns, porque lhes não era lícito naquele dia poderem pôr os pés no chão sem cometerem grande pecado; mas iam nuns palanquins que outros sacerdotes, seus inferiores, levavam aos ombros, vestidos de cetim verde, e suas altirnas de damasco roxo sobraçadas a modo de estolas. No meio das fileiras desta procissão, iam todas as invenções dos sacrifícios, com suas charolas ricas, em que iam os ídolos de que cada um era devoto, com seus con-

frades de amarelo, e com círios nas mãos, e entre o espaço de cada quinze charolas destas, ia um carro triunfal, os quais carros ao todo eram duzentos e vinte e seis. Cada carro destes era de quatro sobrados, e alguns de cinco, com outras tantas rodas por cada banda, em cada um dos quais iam, pelo menos, duzentas pessoas, entre sacerdotes e gente de guarda, e levavam ao pescoço fios de pérolas, e colares ricos de pedraria. Derredor deles, iam muitas caçoilas de cheiros suavíssimos, e meninos em joelhos, com maças de prata aos ombros, e outros com turíbulos nas mãos, que de quando em quando, ao som de certos instrumentos incensavam por três vezes, dizendo em voz triste e sentida: — «Pautixorou numilem forandaché vaticur apolem», que quer dizer: — «Abranda, Senhor, a pena dos mortos, para que te louvem com sono quieto». A que todo o povo, com um tumulto de vozes, respondia:

— Assim te apraza que seja, em todos os dias em que nos mostras o teu sol.

Cada carro destes, por seis cordas muito compridas, forradas de seda, puxavam mais de três mil pessoas, a que por isso era concedida plenária remissão dos pecados, sem restituição de coisa nenhuma. E o modo que tinham, para serem muitos os que puxando por estas cordas, participassem desta absolvição, era pôr um a mão na corda e fechar o punho, e após este, outro, e logo outro e outro, da mesma maneira, e assim continuando até ao cabo, ficava todo o comprimento da corda coberta de punhos cerrados, sem se ver mais outra coisa; e para que outros que ficavam de fora, que eram muitos, ganhassem também o mesmo jubileu e indulgência, ajudavam aqueles que levavam as mãos nas cordas, com lhes porem as suas nos pescoços, e outros faziam o mesmo a estes, de modo que a cada comprimento de cada uma destas cordas, iam seis e sete fileiras, em cada uma das quais iriam mais de quinhentas pessoas.

Por fora de todo o comprimento desta procissão, corriam muitos homens a cavalo, com bastões ferrados nas mãos, bradando muito alto à gente do povo, que era infinita, para que se afastasse, e não desse turvação aos sacerdotes que iam rezando; e às vezes davam tamanhas pancadas que derrubavam três e quatro no chão, e outros muitos iam escalavrados, e que nenhum respondia, nem levantava os olhos sequer.

E desta maneira foi passando esta espantosa procissão por mais de cem ruas que para isso estavam feitas, enramadas de palmeiras e com sebes de murta, com muitos estandartes e bandeiras de seda, e em partes muitos entremeses com mesas postas, em que se dava de comer pelo amor de Deus, a todo o género de gente que o queria, e em algumas partes se davam vestidos e dinheiro, e se faziam reconciliações de inimizades, e quitas de dívidas, e outras obras tão próprias da cristandade, que se elas se fizessem com fé e baptismo por Cristo Nosso Senhor, sem levarem mistura do mundo, a mim me parece que lhe seriam muito aceitas, mas faltou-lhes o melhor, por seus pecados e pelos nossos.

Indo assim toda esta turbamulta de charolas e carros, com espantosos ruídos de tangeres e gritas, e outras muitas diferenças de coisas, saíam de certas casas de madeira, que em partes estavam já feitas para isso, seis, sete, oito, dez homens envoltos com patolas de seda, e suas manilhas de ouro nos braços, aos quais toda a gente se afastava e dava lugar; e fazendo estes por algumas vezes zumbaias ao ídolo que ia em cima no carro, se arremessavam de bruços no chão, e passando as rodas por cima deles, os cortavam em dois pedaços, a que toda a gente com uma grande grita, dizia: — «Pachiló a furão», que quer dizer: — «A minha alma com a tua».

E descendo logo de cima do carro um sacerdote dos que iam nele, com mais dez ou doze sacerdotes consigo, se

chegava àqueles bem-aventurados ou mal-aventurados que jaziam mortos, e juntando os pedaços e as cabeças e as tripas, com tudo o mais que ali estava daqueles desventurados corpos, em umas bandejas muito grandes, o mostravam ao povo, de cima do mais alto sobrado do carro onde ia o ídolo, dizendo num tom muito sentido: — «Rogai, pecadores todos, a Deus, que vos faça dignos de serdes santos como este que agora morreu em sacrifício de cheiro suave», a que todo o povo, prostrado com os rostos no chão, com uma espantosa grita respondia: — «Assim esperamos no deus de mil deuses, que seja!»

E assim, pelo modo destes desventurados, se sacrificaram mais outros muitos, que em cópia, segundo o que aí nos contaram mercadores honrados a que se podia dar crédito, passaram de seiscentos.

Fora estes, vinham também outros, a que eles chamam xixaporaus, que também se sacrificavam diante destes carros, cortando a sua mesma carne tanto sem piedade, que parecia muito fora da natureza humana, e tomando os pedaços da sua carne, que eles cortavam com uns navalhões muito agudos, os metiam em uns arcos como pelouros, e atiravam com eles para o céu, dizendo que os mandavam a Deus de presente pela alma de seu pai, ou filho, ou mulher, ou pela da pessoa por quem aquilo faziam. E no lugar onde caía qualquer destes pedaços, era tanta a gente sobre eles, para os tomarem, que às vezes se sufocavam uns com os outros, porque os tinham por muito grande relíquia; de maneira que andando estes mal-aventurados em pé, envoltos no seu mesmo sangue, e sem narizes, nem orelhas, nem semelhança de homens, caíam mortos no chão, a que os grepos de cima do carro acudiam logo com muita pressa, e cortando-lhes a cabeça, a mostravam ao povo, o qual também com os joelhos postos em terra, e as mãos levantadas, dizia com uma grande grita: — «Chega-nos, Senhor, o tempo em que para te servir, façamos o mesmo.»

Vinham mais outros que também o demónio aqui trazia, por outro modo, os quais pedindo esmola, diziam: — «Minta dremá xixapurha param», que quer dizer: — «Dá-me esmola por Deus, senão matar-me-ei.» E se lha não davam logo muito depressa, metiam por si uns navalhões que traziam nas mãos e se degolavam, ou botavam as tripas fora, e caíam mortos no chão. A estes acudiam também os grepos e lhes cortavam as cabeças, e pela mesma maneira dos outros, as mostravam ao povo, o qual também com grandes gritas as venerava prostrado com os rostos no chão.

Vinham também outros que se chamavam nucamarões, muito feios e mal-assombrados, vestidos de peles de tigres, com umas panelas de cobre debaixo dos braços, cheias de uma certa confeição de urina podre, misturada com esterco de homens, tão peçonhenta e de fedor tão incomportável, que por nenhum modo se podia sofrer nos narizes, e pedindo esmola ao povo diziam: — «Dá-me esmola já nesta hora, senão comerei disto que come o Diabo, e borrifar-te-ei para que fiques maldito como ele», a que logo todos acudiam a lhes darem esmola muito depressa; e se tardava mais um momento do que ele queria, punha a panela à boca, e bebendo um grande trago daquela fedorenta confeição, borrifava com ela a os que queria fazer mal, porque toda a outra gente que os via borrifados, havendo-os já por malditos, saltava neles e lhes dava tão mau trato que os tristes não sabiam parte de si, porque em nenhuma pessoa catava cortesia que o não desonrasse, e lhe desse muitas bofetadas e arrepelões, dizendo que eram excomungados por serem causa de aquele homem santo comer aquela sujidade como os diabos, e ficar sempre fedorento diante de Deus, para não poder ir ao paraíso, nem ninguém o ver mais neste mundo.

E a este modo, há entre esta gente, a que, por outra parte, não falta grande juízo e entendimento em todas as outras coisas, outras muitas de cegueiras e brutalidades tão fora de toda a razão e entendimento humano, que fica sendo um

grandíssimo motivo de dar continuamente infinitas graças a Deus, aquele a quem ele, por sua infinita bondade e misericórdia, quis dar o lume da verdadeira fé, para se salvar com ele.

161

de uns penitentes que vimos em cima na serra deste pagode, e da vida que fazem

Sendo já passados destes quinze dias, nove, fingindo toda esta turbamulta da gente que aqui estava junta, que vinha a serpe tragadora da côncava funda da casa do fumo, que é Lúcifer (como já atrás disse), roubar a cinza dos que morreram no sacrifício passado, para não irem as suas almas ao céu, se levantou em todo este povo uma grita tão espantosa, terrível e medonha para ouvir, que faltam palavras para o encarecer, a qual, acompanhada de infinidade de sinos, tambores, búzios, e sestros, fez um tão desacostumado estrondo que a terra tremia debaixo dos pés, e isto tudo a fim de espantarem o diabo, o qual estrondo durou desde a uma hora depois do meio-dia, até ao outro dia quase manhã clara, na qual noite se gastou infinito número de cera nas luminárias que se fizeram, as quais tomavam tanto espaço de terra quanto a vista podia alcançar, o que tudo parecia então que ardia em fogo, e a razão disto era porque diziam que o Tinagógó, deus de mil deuses, era ido em busca da serpe tragadora para a matar com uma espada que lhe viera do céu.

Passada assim esta noite neste infernal estrondo nunca cuidado, quando a manhã foi clara apareceu todo este outeiro

em que estava este templo, cheio de bandeiras brancas, com a qual vista, o povo, para dar graças a Deus se prostrou todo por terra, mostrando grande alegria e dando-se muitas peças uns aos outros, de alvíssaras pela nova que os sacerdotes lhes davam com as bandeiras brancas que lhes mostravam, porque eram sinal certo de ser a serpe tragadora já morta. E subindo com grande alegria toda esta gente ao outeiro onde estava o templo, por vinte e quatro entradas que havia para ele, foram todos dar os parabéns ao ídolo, pela vitória que a noite passada tivera com a morte da serpe a quem cortara a cabeça. A qual concorrência de gente durou três dias com suas noites, sem em todo este tempo se poder romper por nenhum dos caminhos senão com muito trabalho.

E como os nove portugueses que ali nos achámos, andávamos ociosos, determinámos de nos não ficar coisa por ver deste abuso, e pedimos licença ao embaixador, o qual no-la negou por então, mas nos disse que ao outro dia iríamos com ele, porque se tinha lá na doença passada, o que nos não pesou por podermos ter melhor entrada e vermos mais à nossa vontade o que desejávamos. E depois que o ímpeto da gente deu alguma vazão, que foi aos dois dias deste concurso, nos fomos em sua companhia acima ao templo do Tinagógó, e ainda então com trabalho chegámos ao outeiro onde ele estava fabricado, no qual havia seis ruas muito compridas, cheias todas de balanças penduradas de tirantes de bronze, nas quais se pesava infinita gente, para cumprimento de votos que em adversidades e doenças tinham feito, e para remissão de quantas culpas tinham cometido contra Deus desde que souberam pecar até àquela hora. E segundo o prometimento ou a grandeza da culpa, ou a possibilidade que cada um tinha, assim se pesava. E a coisa que dava por si, era conforme o pecado que tinha cometido. Porque os que se sentiam culpados do pecado da gula e não tinham feito naquele ano abstinência nenhuma, se pesavam a mel, açúcar, ovos, e manteiga, por serem coisas

agradáveis aos sacerdotes de quem haviam de receber a absolvição. E os que se sentiam culpados da sensualidade, se pesavam a algodão, e frouxel, e panha, e roupa, e vinho, e cheiros, porque diziam que estas eram as coisas que serviam para este pecado. Os tíbios e frouxos no amor de Deus, e avarentos no dar das esmolas, se pesavam a dinheiro amoedado de cobre, estanho, e prata, ou a peças de ouro. Os culpados da preguiça, se pesavam a lenha, arroz, carvão. porcos e fruta. O que pecou na inveja, de que se não tira mais fruto que o pesar do bem que Deus quis dar a outrem, o pagava com o confessar pùblicamente, e com lhe darem doze bofetadas no rosto em louvor das doze luas do ano. E o pecado da soberba se pagava a peixe seco, e a vassouras, e bosta de boi, por serem coisas mais baixas que todas. E o que pecou em falar muito em prejuízo do próximo, sem lhe pedir por isso perdão, oferece por si na balança uma vaca, ou um porco, ou carneiro, ou veado. De modo que por esta via se pesava infinidade de gente em todas as balanças que estavam nestas seis ruas, de que os sacerdotes recebiam tão grande quantidade destas esmolas que de cada coisa havia rimas muito grandes.

E o povo mais pobre que não tinha que dar nem que oferecer, em remissão de seus pecados, dava os cabelos da cabeça, que logo ali lhe tosquiavam mais de cem sacerdotes, que todos por ordem estavam para isso sentados em tripeças, com tesouras nas mãos. E também havia muito grandes montes daqueles cabelos, dos quais, outra companhia de mais de mil grepos, todos postos em ordem, faziam cordões, tranças, anéis, e manilhas, que toda a gente comprava para levar para sua casa, como entre nós costumam os romeiros que vêm de Santiago, trazer os brincos de azeviche.

E para que não pareça abusão isto de que trato, afirmo realmente que espantado este nosso embaixador das coisas incríveis que aqui viu, declarando-lhe os grepos a significação

de cada uma delas, e o que rendiam todas estas esmolas, e as mais ofertas que se ofereciam por diversas coisas nos quinze dias deste concurso, lhe afirmaram que sòmente estas coisas que se faziam dos cabelos da gente pobre, lhe importavam passante de cem mil pardaus de ouro, que são noventa mil cruzados da nossa moeda, e por aqui se julgará o muito mais a que todo o resto podia chegar.

Depois que o embaixador se deteve um espaço nestas ruas das balanças, passando mais adiante por todas as estações dos sacrifícios, esmolas, entremeses, bailes, autos, músicas e lutas, chegámos à casa do Tinagógó com assaz de afronta e trabalho, por ser a gente tanta em tanta quantidade que não havia romper por ela, por muito que nisso se trabalhasse; a qual casa era de uma só nave, mas muito comprida, larga, e espaçosa, e muito rica e bem concertada, com infinidade de luminárias de cera, e de candeeiros de prata, de dez torcidas cada um, e muitos cheiros de águila e benjoim.

O ídolo deste Tinagógó, estava quando aqui chegámos, no meio do corpo da casa, em uma rica tribuna como altar, cercado de muitos candeeiros e castiçais de prata, e de meninos vestidos de roxo, que com turíbulos o estavam incensando, ao som de muitos e vários instrumentos musicais quase ao nosso modo, que muitos sacerdotes tangiam não desconcertadamente, ao qual som dançavam também diante dele mulheres muito formosas e ricamente vestidas, às quais o povo dava as esmolas que se ofereciam, e das mãos delas as recebiam os sacerdotes, e as ofereciam diante da tribuna do ídolo com grandes cerimónias de cortesias, deitando-se de vez em quando de bruços no chão.

A estátua deste monstro era de prata em vulto de homem agigantado, de vinte e sete palmos de alto, tinha os cabelos de cafre, e as ventas dos narizes muito disformes, e os beiços grossos, e toda a fisionomia do rosto tristonha e mal

assombrada. Tinha na mão uma bisarma a modo de segure de tanoeiro, mas com cabo muito mais comprido, com a qual diziam os sacerdotes ao povo, que na noite passada matara a serpe tragadora da côncava funda da casa do fumo, por querer roubar a cinza dos sacrificados; a qual serpe tragadora estava no meio da casa diante da tribuna do ídolo, em figura da mais disforme cobra que o entendimento humano pode imaginar, e tão natural, de tal maneira que metia medo, e as carnes tremiam só de a verem, a qual jazia estirada no chão ao comprido, e com a cabeça cortada, e era no colo da grossura de uma pipa, e de oito braças de comprimento, e conquanto estivéssemos vendo e entendêssemos muito bem que era artificial, nem isso bastava para deixar de fazer temor e espanto muito grande a quem a via, por ser, como digo, tão natural em tudo que se não podia julgar senão por coisa viva, e toda a gente se chegava para a picar com uns ferros como agulhas de albarda, e lhe dizia muitas palavras injuriosas em seu desprezo e afronta, chamando-lhe turbacão, maxiranė, való, hapacou, tangamur, cohilousa, que quer dizer soberba, maldita, paiol do inferno, lago profundo de condenação, invejosa dos bens do Senhor, dragão esfaimado no meio da noite; e assim lhe diziam outras muitas injúrias, por umas palavras tão novas e tão próprias aos efeitos da mesma serpente, que nos faziam a todos pasmar. E passando adiante, lançavam numas bacias que estavam ao pé da tribuna, suas esmolas de ouro, prata, anéis, peças de seda, dinheiro amoedado, e panos finos de algodão, de que ali havia uma grande quantidade.

Daqui saímos em companhia do embaixador, e fomos com ele ver as lapas dos penitentes, que pelo bosque abaixo estavam a cerca de um tiro de berço, feitas à mão entre uns penedos de rocha viva numa grande ordem de furnas, coisa que não parecia poder ser feita por mãos de homens, as quais eram, por todas, cento e quarenta e duas, em algumas das quais estavam homens que eles têm por santos, fazendo penitên-

cia com um estranho excesso de austeridade e aspereza de vida. Uns doze que estavam logo à entrada nas primeiras lapas, tinham as vestiduras pretas ao modo dos bonzos do Japão, e seguiam a lei de um ídolo que fora um homem que se chamou Situmpor micay, que deixou por preceito aos seus sequazes que enquanto estivessem vestidos na podridão destes ossos, passassem seus dias em muita aspereza de vida, porque lhes afirmava que só no castigo da carne estava o merecimento do céu, muito mais que em outra coisa nenhuma, e que quanto mais sem piedade se matassem por si, tanto mais largamente lhes havia Deus de dar todos os bens que sempre lhe pedissem.

Estes que aqui vimos, nos disseram que não comiam ordinàriamente mais que só ervas cozidas com feijões torrados, e alguma fruta silvestre, que por um buraco da furna lhes botavam outros sacerdotes como claustrais, que tinham o cuidado de proverem estes penitentes conforme o que mandava a lei que cada um deles seguia. Adiante destes em outras furnas da mesma maneira, vimos outros da seita de outro diabo de nome Angemacur, que estavam em umas covas debaixo do chão, cavadas no maciço da mesma rocha, e eram feitas conforme a opinião destes coitados, os quais sem comerem outra coisa senão moscas, formigas, lacraus, e aranhas, com sumo de umas ervas que nesta nossa terra chamam salgadeiras, meditando todo o dia e toda a noite com os olhos no céu, e ambos os punhos das mãos cerrados em sinal de não quererem nada do mundo, se deixam morrer como bestas, e estes comummente se têm entre eles por mais santos que todos; e por serem tais, depois de mortos os queimam em fogueiras cheirosas de grande custo, e com grande majestade e pompa fúnebre, e com ofertas de peças ricas para lhes edificarem templos sumptuosos, para que os vivos que isto virem, cobicem fazer o mesmo, para alcançarem esta vanglória que o mundo lhes dá sòmente por prémio e satisfação da sua tão excessiva penitência.

Vimos mais outros de outra diabólica seita, inventada por um que se chama Gileu mitray, os quais seguem diversas maneiras na ordem da penitência, e quase que na variedade das opiniões se conformam em parte com os abexins da Etiópia, no reino do Prestes João. Uns destes, para que o seu jejum, pela aspereza com que o fazem, lhes seja mais bem recebido, não comem mais que escarros podres e muito viscosos, e gafanhotos, e pães de galinha. E outros comem postas de sangue coalhado das sangrias dos outros homens, com frutas e ervas amargosas do mato, pelo que ordinàriamente duram muito poucos dias, e são tão disformes na cor e na aparência dos rostos, que metem medo a quem os vê.

Vimos também outros da seita de um que se chamava Godomem, que acaba seus dias por andarem gritando continuamente, e batendo com a mão na boca, pelos montes, de dia e de noite em vozes muito altas, dizendo sem descansarem «Godomem Godomem», até que caem mortos no chão, por não poderem tomar fôlego.

Outros vimos também de outra seita, que se chamavam taxilacões, que morrem ainda muito mais bestialmente que todos estoutros, porque se metem em lapas muito pequenas e muito tapadas, que já para isso têm feitas, ao propósito de sua tenção, e fazendo dentro grandes fumaças de cardos e ramos de trovisco verde, se deixam assim sufocar. De maneira que todos estes, com estas tão várias e tão terríveis asperezas de vida, são mártires do demónio, o qual lhes dá por prémio delas o inferno para sempre. Pelo que, é coisa digna de grandíssima dor e sentimento ver o muito que estes miseráveis fazem para se perderem, e o pouco que os mais dos cristãos fazemos para nos salvarmos.

162

do que passámos e vimos antes de chegarmos à cidade de timplão

Depois de vistas todas estas coisas com assaz espanto de todos, nos partimos deste pagode de Tinagógó, e continuámos nosso caminho por espaço de mais treze dias, em que chegámos a duas muito grandes cidades, situadas à borda do rio, defronte uma da outra à distância de pouco mais de um tiro de pedra, uma de nome Manavedé, e outra Singilapau, e no meio do rio, que aqui já era mais estreito, estava um ilhéu redondo que a natureza ali criara em pedra viva de trinta e seis braças de alto, e mais de um tiro de besta de largo, no meio do qual estava edificado um castelo roqueiro, com nove baluartes e cinco torres. E por fora do terrapleno do muro, era fechado todo em roda com duas ordens de grades de ferro muito grossas, e dos quatro baluartes que estavam fronteiros às duas cidades, corriam duas cadeias de ferro que fechavam em ambas, de maneira que o rio com elas ficava fechado, sem poder entrar por ele coisa nenhuma.

Na cidade destas duas que se chamava Singilapau, saiu o embaixador em terra, onde lhe foi feito muito gasalhado pelo xemim de um que era capitão dela, e proveu a todos os seus com muita abundância de refresco. E partido daqui ao outro dia pela manhã, acompanhado de vinte laulés de remo em que iam mil homens, chegou quase à tarde às tavangrás do reino, que eram dois castelos muito fortes que, de um ao outro, com cinco cadeias de latão muito grossas, fechavam toda a largura do rio, de maneira que nenhuma coisa podia passar por ele.

Aqui chegou um homem num seró ligeiro, e disse ao embaixador que fosse surgir no divão de Campalagrau, que era um dos dois castelos que estava da banda do sul, para mostrar ali a carta que levava do seu rei para o calaminhã, e se ver se vinha na forma ordinária com que se lhe costuma falar, o que o embaixador logo fez; e desembarcando em terra, entrou em uma grande casa onde estavam três homens sentados a uma mesa, acompanhados de outra muita gente nobre, os quais o receberam com gasalhado, e perguntando--lhe o que queria, como homens que não sabiam a que vinha, lhes respondeu ele que era embaixador do rei do Bramá, senhor do Tangu, e trazia uma embaixada para o santo calaminhã, sobre coisas muito importantes a seu estado.

E depois de responder a certas perguntas que por cerimónia lhe fizeram os três principais que estavam à mesa, lhes mostrou a carta, na qual emendaram algumas palavras que vinham fora do estilo em que se lhe costumava falar, e também lhes mostrou o presente que levava, de que todos ficaram muito espantados, principalmente quando viram a cadeira de ouro, a pedraria do elefante, cujo preço e valia, segundo o dito de muitos lapidários, era de quinhentos ou seiscentos mil cruzados, fora outras muitas peças muito ricas que também levava, como já disse.

Depois que o despacharam nesta mesa da primeira tavangrá, nos fomos à outra que estava mais adiante dali uma légua, pelo rio acima, na qual achámos outros homens de muito mor respeito, os quais também com outra nova cerimónia viram a carta e o presente, e puseram em todas as peças uns cordões de retrós encarnado com três mutras de lacre, que foi o remate para a embaixada poder ser recebida pelo calaminhã. E neste mesmo dia chegou um recado de cima da cidade, do Queitor, que era o governador

do reino, em que mandava visitar o embaixador com presentes de muito refresco, tanto de carnes como de frutas, e de outras coisas ao seu modo.

E em todos os nove dias que este embaixador aqui esteve, foi sempre provido muito largamente de todas as coisas, tanto para sua pessoa como para todos os seus, e fora isto teve muitos passatempos de pescarias, caças, banquetes, músicas e farsas representadas por mulheres muito formosas e ricamente vestidas. E nestes mesmos nove dias, nós os portugueses, com licença do embaixador, fomos ver algumas coisas que a gente da terra nos tinha gabado, de edifícios antigos, templos sumptuosos e ricos, quintas, castelos, e casas que estavam ao longo deste rio, feitas de um estranho modo de fortaleza e custo grandíssimo, entre as quais foi uma hospedaria de peregrinos, que tinha o nome de Manicafarão, que em nossa linguagem pròpriamente quer dizer «prisão dos deuses», a qual era uma cerca de mais de uma légua em roda, com doze ruas de arcos de abóbada, em cada uma das quais havia 240 casas, à razão de cento e vinte por banda, que ao todo vem a fazer duas mil e oitocentas e oitenta casas, as quais a este tempo estavam quase todas cheias de peregrinos que de diversas partes aqui concorrem em peregrinação todo o ano continuamente. E dizem eles que por ser deus cativo de gente estrangeira, e não ter liberdade para se poder tornar para sua terra, fica muito mais aceita esta visitação, que todas as outras.

A estes peregrinos que, segundo dizem os naturais da terra, são em todo o ano mais de cem mil pessoas continuamente, se dá de comer e gasalhado todo o tempo que aqui estão, à custa das rendas e das esmolas da casa. E este serviço destes peregrinos era ministrado por quatro mil sacerdotes do mesmo Manicafarão, que com outros muitos residem aqui dentro desta cerca, em cento e vinte casas de religião, onde há também outras tantas de mulheres que servem no mesmo ministério.

O templo desta hospedaria era uma casa muito grande de três naves, a modo das nossas igrejas, no meio da qual estava uma capela redonda, fechada com três ordens de grades de latão muito grossas, com suas aldravas nas portas da mesma maneira, e dentro dela estavam oitenta estátuas de ídolos em vultos de homens e de mulheres, com outra soma de outros mais pequenos deitados no chão, e oitenta sòmente, que eram os maiores, estavam de pé, presos todos por cadeias de ferro, e com colares grossos do mesmo aos pescoços, e alguns com algemas nas mãos, e os pequenos que jaziam no chão como filhos desses maiores, estavam cingidos pelas cintas, de seis em seis, com outras cadeias mais delgadas, e por fora das grades, em duas outras fileiras, de três em três, estavam duzentos e quarenta e quatro gigantes de bronze, de vinte e cinco palmos cada um, com suas alabardas e maças às costas, como que guardando os outros que estavam presos, e todo em cima, em tirantes de ferro que tomavam toda a largura da nave, estava uma muito grande soma de luminárias a modo de candeeiros da Índia, de dez torcidas cada um, os quais eram envernizados, como também eram as paredes da casa e tudo o mais que se via nela, em sinal de tristeza pelo seu cativeiro.

Espantados nós os nove assim disto que tenho contado, como de outras muitas coisas que deixo de contar, e não podendo entender o segredo da prisão destes deuses, perguntámos aos sacerdotes a significação disto que víamos, a que um deles que entre todos parecia de mais autoridade, respondeu:

— Já que como estrangeiros quereis saber o que eu entendo que nunca ouvistes, nem os vossos livros tratarão disso, dir-vos-ei o que isto é, e como se passou na verdade, conforme o que contam as nossas histórias. Agora nesta lua em que estamos, faz sete mil e trezentas e vinte luas (que são seiscentos e dez anos, pela conta das outras nações), que imperando na monarquia dos vinte e sete reinos desta coroa, um santo calaminhã, de nome Xixivarom meleutay,

por diferenças que houve entre ele e o Siammom, imperador dos montes da terra, se juntaram de ambas as partes sessenta e dois reis, os quais postos todos em campo, vieram a ter entre si uma áspera e cruel batalha que durou desde uma hora antes da manhã até dois terços do dia passados, em que morreram de ambas as partes dezasseis laquesás de homens, e cada laquesá tem cem mil. E ficando então a vitória com o nosso calaminhã, com só duzentos e trinta mil dos seus vivos, destruiu toda a terra dos inimigos em tempo de quatro meses de caminho, na qual destruição foi tamanho o estrago da gente que se é verdade o que as nossas histórias contam, como muitos afirmam, nelas se acha que morreram cinquenta laquesás de pessoas. Esta batalha se deu aos nove dias da primeira lua deste tempo que digo, de sete mil e trezentas e vinte no afamado campo vitau, onde lhes apareceu o Quiay Nivandel sentado numa cadeira de pau, o qual ficou daqui com grau de nome mais honroso que todos os outros deuses dos moéns e siões, celebrado por deus das batalhas, tanto que quando se juram coisas incríveis entre as nações que habitam a terra, para se lhes dar crédito a elas, não se diz outra coisa senão pelo santo Quiay Nivandel, deus das batalhas do campo vitau: e em uma grande cidade que se chamava Sorocatão, em que foram mortas quinhentas mil pessoas, se cativaram todos estes deuses que aqui vedes presos, a despeito dos reis que criam neles, e dos sacerdotes que lhes ministravam o cheiro suave de seus sacrifícios. E por respeito desta vitória tão gloriosa, todos estes povos nos ficaram sujeitos com obrigação de párias honrosas à coroa dos que agora governam o ceptro da justiça calaminhã, ainda que tenha custado assaz de sangue e trabalho em sessenta e quatro levantamentos que de então para cá houve em todos estes povos, os quais não podem sofrer verem os seus deuses cativos, porque na verdade é grande afronta para eles, e pelo que fizeram voto de enquanto os não tiraram daqui, não celebrarem festa nenhuma em que se enxergue alegria, nem nos seus templos

e casas de oração se acendeu mais fogo até ao dia de hoje, nem se acenderá enquanto aqui estiverem cativos.

E especulado bem este negócio por alguns dos nossos que eram mais curiosos, se afirma segundo o dito deste grepo e pelo que ali nos jurou em sua verdade, que pela libertação destes ídolos que aqui vimos presos, são mortos por algumas vezes mais de três contos de homens, fora os das batalhas passadas, por onde se pode ver claramente quanto o demónio tem sujeitos estes miseráveis, e por quantas maneiras de despropósitos e desatinos os leva em tanta quantidade ao inferno.

Daqui partimos para outro templo a que chamavam Urpanesendó, de que me escuso de dar relação, por não tratar de matérias desonestas e abomináveis, do qual deixando de parte a excessiva sobejidão do que nele vimos, tanto de riqueza como de tudo o mais, direi sòmente para que serve, que é para todas as mulheres virgens, filhas dos príncipes e senhores do reino, e de toda a outra mais gente nobre, irem ali por voto que de pequenas lhes fazem fazer, sacrificar suas honras, porque sem isto não quer nenhum homem honrado casar com elas, ainda que lhe dêem todo o dinheiro do mundo, por ser entre eles desonra muito grande, o qual torpe e sensual sacrifício se faz com tanta despesa de suas fazendas que há muitos deles em que se gastam de dez mil cruzados para cima, com as ofertas que se fazem a este ídolo Urpanesendó, a quem elas entregam suas honras, o qual está em uma capela redonda, toda coberta de ouro, e é feito todo de prata, e está sentado em uma tribuna a modo de altar, cercado por cima de muitos candeeiros também de prata de seis a sete torcidas cada um. Ao redor desta tribuna estão outros muitos ídolos em vultos de mulheres muito formosas, cobertos de ouro, que com os joelhos no chão e as mãos levantadas o estão venerando, as quais os sacerdotes nos disseram que eram almas santas de algumas moças que ali acabaram as vidas, o que para todos

os parentes delas fora uma grandíssima honra, e que mais estimavam que quantas os reis lhes podem dar.

Tem este maldito ídolo, de renda cada ano, segundo ali nos afirmaram, trezentos mil cruzados, fora as ofertas e peças ricas dos seus abomináveis sacrifícios, que se orçam em muito maior quantidade. Neste diabólico templo estão metidas em religião, em muitas casas que vimos, mais de cinco mil mulheres, mas o que notei é que são todas velhas, sem nenhuma ser moça, e a maior parte delas, muito ricas, as quais todas por suas mortes fazem doação de seus bens a este pagode, e por isso tem ele tanta renda.

Tornámo-nos daqui para a tavangrá onde deixáramos o embaixador, e fomos de caminho ver as cabildas dos jogues que aqui vinham em romaria, pela maneira que atrás tenho dito, que eram de quarenta e seis, de cem, duzentas, trezentas, e quinhentas pessoas cada cabilda, e algumas de muitas mais, que como num arraial estavam todas alojadas ao longo do rio. Em uma destas achámos uma mulher portuguesa, de que ficámos muito mais espantados que de tudo o que ali tínhamos visto, e querendo nós saber dela a razão de tão estranha novidade, nos disse com muitas lágrimas quem era, e o modo como ali viera e se casara com um jogue que peregrinava naquelas cabildas, com quem fora casada 23 anos, e ao presente estava já viúva dele. E porque se não atrevia a viver entre cristãos, continuava naquela desventura até que Deus a levasse a terra onde acabasse seus dias a fazer penitência da vida passada. Mas que embora a víssemos ali daquela maneira, e naqueles trajes do diabo, nunca deixara de ser verdadeira cristã.

Assaz espantados ficámos todos de um caso tão novo como este, e também assaz tristes de vermos o desventurado estado em que estava esta pobre mulher, e lhe dissemos então o que nos pareceu de razão, e o que entendemos, e no fim da prática assentou connosco ir dali a dez dias ter à

cidade de Timplão para vir em nossa companhia para Pegu, e daí se embarcar para Coromandel, e acabar seus dias na povoação do apóstolo S. Tomé. Com este concerto que ela confirmou com juramento, nos despedimos dela, parecendo-nos que sem dúvida não faria outra coisa, para não perder uma tão boa ocasião de se tirar do erro em que andava, e tornar-se a estado em que se pudesse salvar, como era ordenar Nosso Senhor que nos encontrasse naquela terra tão apartada e tão longe do que ela podia cuidar ou esperar. Porém ela em tudo nos faltou, porque nunca mais a vimos, nem soubemos novas dela, por onde parece que ou devia ter algum grande inconveniente com que não pôde tornar, ou andava tão desatinado em seus pecados que por eles não mereceu aproveitar-se desta mercê que Nosso Senhor por sua infinita misericórdia lhe pôs diante.

163

de que maneira este embaixador do rei bramá foi recebido no dia da sua entrada, e da grande majestade e aparato das casas do calaminhã

Passados os nove dias que este embaixador aqui se deteve, que é cerimónia que lhe fizeram por honra da sua embaixada, como é costume daquela terra, o veio buscar da cidade um dos governadores dela, de nome Campanogrém, acompanhado de oitenta serós e laulés, muito bem concertados de equipagem, e de gente muito luzida, com tanta

diversidade de tangeres bárbaros e desconcertados, que quase faziam tremer as carnes, porque os mais deles eram sinos, bacias, tambores, atabales, sestros, cornetas, e búzios, e sobretudo a grita da chusma que parecia coisa de encantamento, ou para melhor dizer, música do inferno, se lá há alguma.

Com este desconcertado estrondo nos partimos para a cidade, que seria dali a pouco mais de uma légua, onde chegámos já quase ao meio-dia, e abordados ao primeiro cais a que chamavam Campalarraja, vimos nele infinidade de gente muito luzida, tanto a pé como a cavalo, e muitos elefantes de peleja muito bem concertados, com cadeiras e castelos guarnecidos de prata, e suas panouras de guerra nos dentes, que os faziam muito temerosos.

Desembarcado o embaixador em terra, o Campanogrém, que era o mandarim que o trazia, o tomou pela mão e sentado em joelhos o entregou ao outro que o estava esperando no cais com grande estado, de nome Patedacão, homem dos principais do governo do reino, e segundo se dizia, de muita renda e vassalos, o qual depois que com uma nova cerimónia de cortesia, se entregou do embaixador e lhe ofereceu um elefante que tinha ao lado de si, concertado com cadeira e jaezes de ouro, mas o embaixador não o quis aceitar, por muito que o mandarim insistisse nisso. E mandando logo trazer outro quase da mesma maneira, lho deu, e para nós os nove portugueses, com mais outros cinquenta ou sessenta bramás, trouxeram cavalos em que todos fomos.

Desta maneira abalámos daqui com grande estrondo de tangeres e gritas, e dezasseis carretas com atabales de prata, e outras tantas de tambores e sinos, e fomos andando por uma grande cópia de ruas muito compridas, das quais nove sòmente eram fechadas com grades de latão, e nas entradas delas, arcos de obra rica, em que havia muitos coruchéus

todos dourados, e sinos de metal muito grandes, que como relógios davam as horas aos quartos do dia, que é por onde o povo ordinàriamente se governa.

Chegados nós com assaz de trabalho, pelo grande concurso de gente que havia pelas ruas, ao primeiro terreiro das casas do calaminhã, que teria de comprimento quase um tiro de berço, e a largura em proporção conveniente, se deleitaram os olhos assaz no que viram nele, porque a este tempo estava (segundo alguns que o viram) com mais de seis mil a cavalo, todos com cobertas de seda e arreios de prata, e os homens todos armados de cossoletes de cobre e de latão, com suas celadas de argentaria, e bandeirinhas nas mãos, e rodelas e adargas nos arções das selas, da qual gente era capitão o queitor da justiça, que é o supremo governador dela sobre todos os ministros do cível e crime, que é jurisdição separada por si, com mero e misto império, de que não há apelação nem agravo.

Chegando o embaixador a ele, que já a este tempo o vinha demandar apeado com os dois mandarins que o traziam, se prostraram todos assim como ia no chão três vezes, que é outra nova cerimónia de cortesia entre eles, a que o queitor não respondeu com mais que sòmente com lhe tocar com a mão na cabeça e dar-lhe um terçado que tinha na cinta, que o embaixador aceitou dele, e o beijou três vezes. O queitor o pôs então junto de si, e deixando os mandarins ambos um pouco atrás, abalaram pelo meio de uma rua de elefantes, que era do comprimento de todo o terreiro, em que haveria mais de mil e quinhentos, e todos ajaezados com castelos e cadeiras ricas de diversas invenções, e muitas cobertas e bandeiras de seda, e ao redor deles muitos homens de alabardas, cuja vista dava de si, mostra de um grande aparato e majestade, por onde todos julgámos ser este príncipe um dos maiores e mais poderosos daquelas partes, tanto em riqueza como em estado.

Chegados nós a uma grande porta que estava entre duas torres muito altas, na qual estavam duzentos homens armados, que em vendo o queitor se puseram todos com os joelhos em terra, entrámos por ela e fomos dar em outro terreiro muito comprido, no qual estava a segunda guarda de el-rei, que eram mil homens de espadas e adargas, armados de armas douradas, com celadas de argentaria de ouro e de prata, e muitas plumas de diversas cores. E passando pelo meio de toda esta gente, chegámos a um grande pátio do recebimento das casas, onde estava um mandarim, tio de el-rei, de nome Monvagaru, homem de mais de setenta anos, acompanhado de gente muito nobre, com muitos capitães e senhores do reino, e em torno dele estavam doze meninos ricamente vestidos, com cadeias de ouro grossas a tiracolo, e maças de prata aos ombros. Este, em o embaixador chegando a ele, lhe tocou na cabeça com um abano que tinha na mão, e lhe disse:

— A tua entrada nesta casa do senhor do mundo, seja tão agradável diante dos seus olhos, como a chuva no campo dos nossos arrozes, porque sendo assim, te concederá o que o teu rei lhe pede.

Daqui subimos por uma grande escada acima, e entrámos em uma sala muito comprida, na qual estavam muitos senhores e capitães e outra muita gente nobre, que em vendo o Monvagaru se levantaram todos em pé, como que conhecendo nele superioridade. Passando esta sala, entrámos em outra casa onde estavam quatro altares muito bem concertados, todos com ídolos de prata, em um dos quais vimos uma mulher como um grande gigante de trinta palmos de alto, com os braços abertos, olhando para o céu, a qual era também de prata e tinha os cabelos de ouro muito compridos, lançados soltos por cima dos ombros. Havia aqui também uma tribuna, em torno da qual estavam trinta gigantes de bronze fundido, com maças douradas às costas, tão feios dos rostos como o próprio Demónio. Passada esta

casa, entrámos em outra muito comprida a modo de corredor, guarnecida de alto a baixo de muitos prateleiros de pau--preto marchetados de marfim, cheios todos de muitas caveiras de homens, todas com letreiros nas testas, de letras de ouro que declaravam os nomes daqueles de quem eram. Ao comprimento de toda esta casa, havia doze tirantes de ferro, dourados, cheios de muitas luminárias de prata de muito custoso feitio, e muitas a modo de turíbulos em que ardiam muitos pivetes de cheiro suavíssimo, e caçoilas de âmbar e calambá. E num altar redondo, fechado com três ordens de grades de prata, estavam treze vultos de reis também de prata, com mitras de ouro nas cabeças, e em cima de cada uma delas estava uma caveira de homem, e em baixo muitos castiçais de prata com velas de cera branca, as quais os meninos tinham o encargo de espevitar, cantando à consonância de outras vozes entoadas por grepos, a modos de ladainha, a que uns aos outros respondiam. Estas treze caveiras que estavam em cima destes vultos, nos disseram os grepos que foram dos treze calaminhãs que antigamente ganharam aquele império a uma gente forasteira de nome roparões, que por armas o tinham usurpado aos naturais donde eles todos descendem, e que as mais caveiras que ali víramos naqueles sagiraves que eram os prateleiros, foram também de capitães que na restituição daquele império, fazendo feitos heróicos, acabaram as vidas honradamente, pelo que era razão que já que a morte lhes tinha tirado o prémio que mereceram por suas obras, lhes não tirasse o mundo a memória que se lhes devia, a qual aos bons e animosos faria inveja com que se lhes acrescentasse o ânimo, e aos fracos e cobardes seria confusão de sua fraqueza.

Passada esta casa, atravessámos por uma comprida ponte a modo de rua, toda com arcos de obra muito rica e custosa, e fechada toda com grades de latão, com suas cimalhas de prata, e escudos de armas com letreiros dourados, os quais em cima nas voltas dos arcos tinham por timbre mapas redondos de prata, de mais de seis palmos em roda, feitos

com grande primor e custo, em que se mostrava um real aparato e majestade. Passando por esta grande rua, no cabo dela chegámos a uma grande casa, a qual neste tempo tinha as portas cerradas, e batendo-se nelas quatro vezes por cerimónia, não respondeu ninguém de dentro, até que tocaram um sino apressadamente outras quatro vezes, ao que acudiu uma mulher de mais de cinquenta anos, acompanhada de seis moças pequenas ricamente vestidas, com suas altirnas de prata sobraçadas ao modo de estolas, e com terçados de chaparia de ouro às costas.

Esta velha perguntou ao Monvagaru o que queria ou porque tangera o sino, e ele lhe respondeu com acatamento que trazia ali um embaixador do rei do Bramá, senhor do Tangu, para tratar ao pé do calaminhã algumas coisas importantes ao seu serviço; da qual resposta, a velha, pela grande autoridade de sua pessoa, mostrou que não fazia caso, de que todos ficámos espantados, por ser o que lhe falava o principal senhor do reino, e tio, segundo se dizia, do calaminhã: e uma das seis moças respondeu ao Monvagaru, pela senhora, e lhe disse:

— Espere esse embaixador e vossa grandeza com todos os mais que vêm com ele, até se saber se é tempo para podermos beijar os pés a esta tribuna do senhor do mundo, e anunciar a seus ouvidos a vinda desse estrangeiro. E conforme a mercê que Nosso Senhor Deus nisso nos quiser fazer, assim se alegrará o seu coração e os nossos com ele.

E entrando para dentro, se tornou a porta a cerrar, e assim esteve por cerimónia, por espaço de três ou quatro credos, no fim dos quais as seis moças pequenas a tornaram a abrir; porém não vimos então a velha que viera primeiro com elas, mas vimos um menino que poderia ser de nove até dez anos, riquissimamente vestido, e com uma hurfangá de ouro na cabeça, que é a modo de mitra, mas fechada toda em roda sem abertura nenhuma, e uma maça de ouro

a modo de ceptro, posta ao ombro, o qual sem fazer caso do Monvagaru nem dos mais senhores que ali estavam, tomou o embaixador só pela mão e lhe disse:

— Aos pés da binaigá do santo calaminhã, ceptro dos reis que governam a terra, foi dada notícia da tua chegada, tão aprazível a suas orelhas que com boca de riso te manda buscar para em sua presença seres ouvido do que o teu rei lhe pede, a quem novamente recebe na guarda de seus irmãos, com amor de filho de suas entranhas, para que fique poderoso sobre seus inimigos.

E metendo-o das portas para dentro, com o Monvagaru sòmente, e com três senhores que vieram com ele, toda a outra gente ficou de fora. O embaixador então vendo-se tão desacompanhado dos seus, olhou três vezes para trás, descontente, ao que parecia no rosto. O que entendendo, o Monvagaru, por quem ali se governava tudo, acenou ao queitor que vinha um pouco atrás dele, que fizesse entrar os estrangeiros sòmente, e abrindo-se outra vez as portas para este efeito, começaram a entrar os bramás e nós os portugueses, e de volta connosco foi tanta a gente que acometeu a entrada, que os porteiros todos, que eram mais de vinte, tiveram assaz de trabalho em fechar as portas, dando muitas pancadas com os bastões que tinham nas mãos, e ferindo alguns homens de muito respeito, sem haver coisa que pudesse deter o ímpeto desta enchente com tamanhas gritas e vozearia que metiam medo.

Entrados nós destas portas para dentro, passámos pelo meio de um grande jardim fabricado com tão estranhas e várias maneiras de coisas aprazíveis aos olhos, que faltam palavras para o encarecer, porque havia nele muitas ruas fechadas com grades de prata, e muitas árvores de cheiros estranhos, das quais nos disseram que eram por natureza tão acomodadas às luas do ano, que todo o tempo têm flor e fruta, e fora isto, tanta diversidade de rosas, e de outras

muitas flores e boninas, que o melhor disto entendo que é dissimulado, pois se não pode dizer o que se passa na verdade.

Pelo meio deste jardim andavam muitas mulheres moças muito formosas e muito bem vestidas, recreando-se em muitos passatempos, tanto de bailes e danças muito concertadas, como de músicas de muita variedade de instrumentos suaves quase ao nosso modo, os quais tangiam com tanto concerto e tão suave harmonia, que não havia ninguém que não tivesse muito gosto de lhe inclinar as orelhas; outras, estavam sentadas, lavrando e fazendo debuxos, e cordões de ouro; outras jogando, e outras colhendo frutas para comerem, e tudo isto com tanto primor e concerto, e com uma quietação tão honesta, grave e severa, que nós os nove íamos como que pasmados.

Saídos deste jardim em que o Monvagaru quis que o embaixador se detivesse algum tempo para ter em Pegu que contar ao seu rei, entrámos numa antessala muito grande, a que chamavam cutamuilau, na qual estavam sentados muitos capitães e senhores, e alguns príncipes de muita renda e de grandes estados, que com certas cerimónias de cortesias receberam este embaixador, mas sem que nenhum deles se tirasse do lugar em que estava. Passada esta casa, chegámos a uma porta onde estavam seis porteiros com maças de prata, e por ela entrámos noutra casa riquíssimamente fabricada, onde estava o calaminhã em um teatro de grande majestade, fechado em roda com três ordens de grades de prata, acompanhado de doze mulheres muito formosas e riquíssimamente vestidas, as quais estavam das grades para dentro sentadas nos degraus da tribuna, tangendo em instrumentos suaves, a que só duas cantavam revezando-se, e em todo o cimo onde sua pessoa estava, estavam doze moças de nove até dez anos cada uma, sentadas em joelhos ao redor dele, com maças pequenas de ouro a modo de ceptros, e uma em pé que o estava abanando, e em baixo, a todo o comprimento da casa estavam muitos homens velhos com mitras de ouro nas cabeças, e vestidos de quimonos e raudivas de cetins e damascos, com guarnições largas de fio de ouro, e com maças de prata aos ombros, os quais todos podiam ser sessenta ou setenta anos, e estes estavam todos encostados ao longo das paredes. E em toda a mais largura da casa, estavam sentadas em alcatifas e tapetes ricos, muitas mulheres moças muito alvas e muito formosas, que segundo o esmo dos nossos, seriam mais de duzentas.

Esta casa, tanto na maravilhosa fábrica dela, como na grande ordem e concerto de tudo o que nela havia, afirmo em verdade que representava uma tão rica, tão honrosa e tão extraordinária majestade, que a todos nos encheu de espanto, de tal maneira que, ao próprio embaixador, tratando algumas vezes disto, ouvimos dizer:

– Se me Deus leva a Pegu, eu não direi nada disto a el-rei, tanto para não o entristecer, como para me não ter em conta de homem que finja coisas a que se não pode dar crédito.

164

de que maneira este embaixador falou ao calaminhã, da resposta que ele lhe deu, e como nesta cidade se pregou antigamente a lei evangélica

Entrando o embaixador nesta casa, como tenho dito, acompanhado dos quatro príncipes que o levavam, se prostrou cinco vezes no chão, sem ousar levantar os olhos para o calaminhã, por acatamento notável que se lhe tem, até que o Monvagaru lhe mandou que passasse adiante. E chegando junto da primeira grade, sempre com o rosto em terra, disse para o calaminhã, em voz alta que todos ouviram:

— As nuvens do ar que recreiam os frutos de que nos mantemos, têm divulgado por toda a monarquia do mundo a grande majestade do teu poderio, pelo que, cobiçando o meu rei, como pérola rica, a tua amizade, se te manda por mim em seu nome, entregar por irmão verdadeiro, e com obediência honrosa por razão de seres tu mais velho e ele mais moço, e como a tal, te manda esta carta, por ser a jóia suprema do seu tesouro, em que seus olhos mais se deleitam por honra e gosto, que em ser senhor dos reis do Avá, com toda a pedraria da serra Faleu, e Jatir, e Pontau.

O calaminhã, com rosto grave e severo, respondeu;

— Eu aceito em mim esta nova amizade, para em tudo satisfazer a teu rei, como a filho novamente nascido de minhas entranhas.

As mulheres então tocaram de novo seus instrumentos como antes faziam, e seis delas dançaram com seis meninos pequenos, por espaço de três ou quatro credos, e após estes dançaram seis meninas muito pequenas com seis homens dos mais velhos que estavam na casa, o que a todos pareceu muito bem. Acabado isto, houve uma comédia representada por doze mulheres muito formosas e muito bem vestidas, na qual veio uma filha de um rei atravessada na boca de um peixe, que depois ali em público perante todos foi engolida pelo mesmo peixe, o que vendo, as doze se foram com muita pressa e muitas lágrimas fugindo para uma ermida que estava ao pé de uma serra, donde tornaram com um ermitão consigo, o qual fazendo ao seu modo grandes orações ao Quiay Patureu, deus do mar, que mandasse lançar aquele peixe na praia para se dar sepultura àquela donzela conforme os altos quilates da sua geração, lhe foi respondido pelo mesmo Quiay Patureu, que convertessem aquelas doze donzelas seu pranto em música suave e agradável a suas orelhas, e que ele mandaria ao mar que lançasse logo o peixe fora, e lho entregaria morto em suas mãos.

E vindo então seis meninos com coroas de ouro nas cabeças, e asas do mesmo, da maneira que entre nós se pintam os anjos, porém nus, sem coisa nenhuma sobre si, se puseram de joelhos diante das doze, e lhes deram três harpas, e três violas, com outros alguns instrumentos musicais, em que entravam duas doçainas, e lhes disseram que o Quiay Patureu lhes mandava do céu da lua aqueles caulanges, para com eles adormentarem os peixes do mar, e serem elas, pela suavidade da sua música, satisfeitas em seu desejo.

As doze tomaram com grande cerimónia de cortesia os instrumentos das mãos dos seis meninos, e os tocaram, e cantaram a eles com uma harmonia tão triste, e com tantas lágrimas, que alguns senhores dos que estavam na casa as derramaram também, e continuando em sua música por espaço de quase meio quarto de hora, viram sair debaixo

do mar o peixe que comera a filha do rei, e assim como que arpoado, pouco a pouco veio morto dar em seco na praia onde as doze da música estavam, e tudo isto tão próprio e tanto ao natural que ninguém o julgava como coisa contrafeita, senão como verdadeira, e fora isto, era feito com grandíssimo fausto e aparato de muita riqueza e perfeição.

Uma das doze, arrancando então uma adaga de pedraria que tinha na cinta, estripou com ela o peixe por uma ilharga, e lhe tirou de dentro a filha do rei, a qual, ao som daquela mesma música foi beijar a mão ao calaminhã, que com grande honra a sentou junto de si. E esta moça se dizia que era sua sobrinha, filha de um seu irmão. E todas as outras doze que representaram a farsa, eram filhas de príncipes e grandes senhores, cujos pais e irmãos ali estavam presentes.

Houve também outras três ou quatro comédias ao modo desta, representadas por mulheres moças muito nobres, com tanto aparato, primor e riqueza, e com tanta perfeição em tudo, que os olhos não desejavam ver mais.

Já sobre a tarde se recolheu o calaminhã para outra casa de dentro, acompanhado pelas mulheres sòmente, e todos os mais vieram com o Monvagaru, o qual trouxe o embaixador pela mão até à derradeira sala e ali se despediu dele, e o entregou ao queitor, que o levou para sua casa onde sempre pousou até se tornar, que foram trinta e dois dias, em todos os quais foi banqueteado pelos principais senhores da corte, com um estranho modo de perfeição e riqueza. E nós, os seus, também fomos muito bem providos de tudo o necessário em muita abundância, e em todos estes dias houve sempre muitos passatempos de pescarias, caças e outros muitos de diversas maneiras, e por toda a cidade, e ao redor dela, vimos alguns edifícios notáveis e templos de pagodes sumptuosíssimos, e de oficinas e obras muito ricas, entre as quais foi um muito mais nobre e sumptuoso

que todos os outros da cidade, de nome Quiay Pimpocau, deus dos enfermos, em que havia grande soma de sacerdotes com hábitos pardos, e suas altirnas de damasco roxo, sobraçadas, como já disse algumas vezes, a modo de estolas, os quais por serem mais sábios que todos os outros das vinte e quatro seitas deste império, trazem uma certa divisa de cordões amarelos, com que andam cingidos, a que o vulgo da gente, por grau supremo da honra nomeia por sigiputões, que quer dizer «homens perfeitos».

A este templo foi o embaixador cinco vezes, tanto a ver coisas de grande admiração como a ouvir a doutrina dos que pregavam, e de tudo o que aqui passou e ouviu, levou um volume de patranhas escritas ao rei do Bramá, que depois em Pegu mandou que se pregasse nos púlpitos de todas as bralas do reino, como ainda hoje se faz, do qual eu trouxe o traslado a este reino, que um florentino me pediu emprestado; e querendo-o eu tornar a haver à mão, mo fez perdidiço, e o levou consigo a Florença, e o deu de presente ao duque da Toscana, o qual me disseram que o mandara imprimir com o título de «Crenças novas da gentilidade do cabo do mundo».

Aqui um dia neste pagode, o embaixador, numa prática que teve com um dos grepos de que era amigo (porque naturalmente todos são bem inclinados, e caridosos no conversar e comunicar com os estrangeiros), lhe perguntou quantos anos havia que o mundo fora criado, ou se tiveram princípio estas coisas que Deus nos mostrava aos olhos claramente, como eram dia, noite, sol, lua, estrelas, e as mais criaturas a que se não sabia por natureza pai nem mãe donde procedessem. A que o grepo, confiado no seu saber mais que os outros que estavam à roda, lhe respondeu que quanto ao mundo e às mais coisas que apontava, a que por natureza se não sabia pai nem mãe, que pai e mãe tinham tido, ainda que não palpáveis e visíveis como as outras coisas, e que o

mundo por si não tivera mais criação que aquela que procedera da vontade do seu criador, a qual ele, em um certo tempo determinado, na sua mente divina manifestara aos moradores do céu que já antes eram; e que segundo o que disso era escrito, havia oitenta e duas mil luas, e que descoberta a terra do lago das águas, criara Deus nela um formoso jardim em que pusera o primeiro homem a que pôs o nome de Adá, com sua mulher Bazagom, aos quais dera por preceito, para os meter em jugo de obediência, que não tocassem na fruta de uma árvore que se chamava hisaforão, porque essa só reservava para si, e comendo dela provariam por castigo desta culpa, o rigor do açoite da sua justiça, a que perpètuamente ficariam obrigados com todos os mais que descendessem deles. E que vendo o grande Lupantó, serpe tragadora da côncava funda da casa do fumo, este preceito a que Deus sujeitara o homem, para lhe dar merecimento no céu, se fora a sua mulher e lhe dissera que comesse e convidasse seu marido porque lhe afirmava que em comendo ficariam ambos, na sabedoria, muito mais excelentes do que Deus os criara, e livres daquela natureza pesada de que os compusera, com o que, num só momento seus corpos entrariam no céu. E que ouvindo a Bazagom, mulher do Adá, isto que lhe dizia o Lupantó, cobiçando esta excelência que lhe ele punha diante, comera da fruta e fizera também comer seu marido, e que pelo gosto do triste bocado ficaram ambos logo sujeitos a pena de morte, e dor, e pobreza. E que vendo Deus a desobediência destes dois primeiros seus criados no mundo, cheio de rigor de justiça os mandara lançar fora do jardim em que os pusera, e confirmara neles as penalidades com que os ameaçara. E que vendo-se o Adá ameaçado com o gosto da morte, temendo que passasse ainda adiante o açoite da divina justiça, passou um espaço de anos em contínuas lágrimas, pelo que lhe mandou Deus dizer que se perseverasse em seu arrependimento quanto de sua parte fosse, lhe prometia perdão de seu erro.

O embaixador, para quem era assaz novo isto que ouvira a este grepo, lhe disse:

— Certo que nunca el-rei meu senhor ouviu coisa como esta que agora me disseste, nem os sacerdotes das nossas bralas tal nos disseram, nem nos põem o prémio de nossas obras em mais que em possuirmos riquezas e saúde nesta vida, porque depois da morte dizem que não há galardão, mas que havemos de acabar todos como as alimárias do mato, tirando as vacas do mar, e que dos bugalhos dos seus olhos saem as pérolas que nele se acham.

A que o grepo, quase vangloriando-se do que tinha dito, respondeu:

— Nem isto de que eu agora te quis tratar, por amizade, te dirá ninguém nesta terra, senão for um grepo muito douto como eu sou.

E olhando com este fumo de presunção para os nove que estávamos detrás do embaixador, nos disse sorrindo-se como ministro do demónio, que era, e cuidando que o teríamos nós na conta em que ele se tinha:

— Já que vós outros, por serdes estrangeiros, careceis da notícia desta verdade, folgaria que me ouvísseis mais vezes, para saberdes como Deus criou estas coisas, e quanto lhe todos devemos pelo benefício desta criação.

Um então dos da nossa companhia, chamado Gaspar de Meireles, querendo-se mostrar nisto mais curioso que os outros, depois de lhe dar em nome de todos, as graças devidas, lhe pediu licença para lhe perguntar algumas coisas que folgaria de saber dele, a que o grepo se abriu muito dizendo que levaria nisso muito gosto, porque do homem discreto e curioso era perguntar para saber, e do ignorante ouvir sem saber responder.

O Gaspar de Meireles lhe perguntou então se depois que Deus criara todas aquelas coisas de que tinha tratado, fizera na terra algumas obras de justiça ou de misericórdia, e ele disse que sim, porque claro estava que nunca no homem deixava de haver culpas para se castigarem, nem em Deus faltara vontade para lhas perdoar. E que multiplicando-se, pela corrupção da natureza, os pecados dos homens no mundo, alagara Deus toda a terra, com mandar às nuvens do céu que chovessem sobre ela, e afogassem toda a coisa viva que nela houvesse, e se salvara sòmente um justo com sua família, que Deus mandara recolher numa grande casa de pau, do qual depois procederam todos os outros que habitam a terra.

O nosso lhe tornou a perguntar se depois deste castigo dera Deus outro algum, e respondeu que, geral, nenhum outro que fosse semelhante a este, mas que em particular castigava contìnuamente a todos, tanto aos reinos e aos povos com guerras e fomes, como aos homens com aflições, trabalhos, e doenças, e sobretudo com pobreza, que era o remate de todos os males. E tornado a perguntar se tinham esperança que Deus em algum tempo se aplacasse, para os homens a poderem também ter de entrarem no céu, disse que o não sabia, mas claro estava, e de fé se podia crer que, assim como Deus era bem infinito, se havia de inclinar aos bens que os homens por seu amor e por seu respeito fizessem na terra. E perguntando-lhe também se ouvira dizer ou achara escrito que depois de passadas aquelas coisas de que tinha tratado, viesse algum homem ao mundo, o qual morrendo morte de Cruz, satisfizesse perfeitamente a Deus, por todos os homens, ou se havia entre eles alguma notícia disto, respondeu:

— Ninguém pode satisfazer perfeitamente a Deus, senão o mesmo Deus, ainda que tenha havido já no mundo homens santos e virtuosos que satisfizeram por si e por alguns seus amigos, como os deuses das nossas varelas, segundo o

que os grepos nos certificam disso. Mas haver um só que satisfizesse por todos, não temos até agora nenhuma notícia disso, nem pode ser criar a terra por si, em pedreira tão baixa, rubi de tão altos quilates. Ainda que já isso se tenha certificado nesta terra antigamente, pelo dito de um homem chamado João, que veio ter a esta cidade, do qual se escreve que era homem santo, e que fora discípulo de outro que se chamava Tomé Modeliar, criado de Deus, que os naturais de Dunclé tinham morto porque pregava pùblicamente que Deus se fizera homem e morrera pelos homens, coisa que nesta terra fez tamanho abalo em toda a gente, que muitos creram ser isto verdade, e outros, à maneira de contrabando, por excitação dos grepos da lei do Quiay Figrau, deus dos átomos do sol, lhe reprovaram o que dizia, pelo que foi desterrado desta cidade para o Savady, reino dos bramás, e daí pelo mesmo caso o foi para a cidade de Digum, onde foi morto, por causa de pregar isto pùblicamente, que era certificar que Deus se fizera homem e se pusera na Cruz pelos homens.

A que o Gaspar de Meireles, e nós todos com ele, dissemos que tudo aquilo que aquele homem aqui pregara, era sem falta a verdadeira verdade, de que o grepo com todos os mais que estavam com ele, fez tamanho caso, que posto em joelhos, com as mãos levantadas e os olhos no céu, disse com muitas lágrimas:

— A ti, Deus e Senhor, de cuja formosura e bondade são testemunhas os céus com as suas estrelas, peço de todo o meu coração, que permitas que em nossos tempos chegue a hora em que as gentes do mundo te dêem graças por tamanha mercê.

Passadas estas coisas, e outras muitas a este modo, de que poderia dar relação, se na minha alçada e engenho coubesse podê-las aqui escrever, o embaixador se despediu

deste grepo com muitas palavras de cortesia, de que não são entre si nada avarentos, porque desta maneira costumam se tratar ordinàriamente uns aos outros.

165

em que se dá larga informação deste império do calaminhã, e alguma do reino de pegu, e dos bramás

Sendo já passado um mês depois que chegámos a esta cidade de Timplão onde então estava a corte, requerendo o embaixador a resposta da sua embaixada, lhe foi concedido falar ao calaminhã, que o recebeu com mostras de bom semblante, e lhe fez gasalhado, e depois de tratar brevemente com ele do negócio a que vinha, o remeteu ao Monvagaru, que era, como já disse, o supremo no governo do reino e nas coisas da guerra, por quem estes despachos ordinàriamente corriam. Este lhe deu a resposta do calaminhã acompanhada de um rico presente, em retorno do que o rei bramá lhe mandara, e lhe escreveu uma carta que dizia assim:

«Braço de claro rubi, novamente pegado por Deus em meu corpo, cuja carne fica pròpriamente em mim como a de qualquer irmão meu, por esta nova liga e amizade que te concedo, eu, o Prechá Guimião, senhor das vinte e sete coroas dos montes da terra, herdadas por legítima sucessão do senhor que punha seus pés na minha cabeça, de vinte e dois meses a esta parte, porque tantos há que de mim se

apartou para não mais me ver, pela santificação em que sua alma agora está posta, gozando a suave quentura dos raios do sol, vi a tua carta às cinco chavecas da oitava lua do ano, a que dei crédito de verdadeiro irmão, e como a tal aceito em mim o partido que me cometes, e me obrigo a te fazer livres as entradas ambas do Savady, para que sem temor da gente siamesa possas ser rei do Avá, como na tua carta me pedes. E quanto às mais condições apontadas de fora, em que o teu embaixador me tocou, eu responderei a elas pelo meu, que logo daqui mandarei para em meu nome concluir com efeito o gosto que mostras de fazeres guerra a teus inimigos.»

Dada esta carta ao embaixador, ele se partiu logo desta corte aos três de Novembro do ano de 1546, acompanhado de alguns senhores que por mandado do calaminhã foram com ele até um lugar a que chamavam Bidor, onde por despedida lhe deram um banquete e algumas peças para a sua pessoa.

Porém, antes que trate do caminho que fizemos daqui para Pegu, onde el-rei do Bramá então residia, me pareceu conveniente e necessário dar informação de algumas coisas que vimos em terra, o que farei com a maior brevidade que puder, como fiz em todas as outras coisas de que tenho tratado, porque se fosse a tratar particularmente de tudo o que vi e passei, tanto neste império como nos mais reinos em que me achei, nesta minha triste e trabalhosa peregrinação, haveria mister de outro volume muito maior que este, e outro saber, habilidade e engenho muito acima do que em mim há, o qual eu conheço por muito baixo e grosseiro, como já muitas vezes tenho dito e confessado. Mas para não ficarem de todo escondidas coisas tão notáveis, direi aquilo que minha rudeza me ensinar.

O reino de Pegu tem de costa cento e quarenta léguas, a qual está em dezasseis graus da banda do sul, e pelo

âmago do sertão ao rumo de leste, tem cento e trinta léguas, por cima do qual está cingido de uma grande faixa de terra de nome Panguassirau, em que habita a nação bramá, que tem oitenta léguas de largo, e duzentas de comprido, cuja monarquia foi antigamente toda um só reino, e agora o não é porque está dividida em treze estados de senhores que se levantaram com eles, matando primeiro o rei com peçonha em um banquete que lhe deram na cidade Chaleu, segundo se conta nas suas histórias. Dos quais treze estados, onze são já senhoreados por outras nações, que por distância de outra maior terra, cingem por cima toda esta corda dos bramás, na qual habitam dois grandes imperadores, um de nome Siammom, e outro este calaminhã, do qual agora determino de tratar sòmente.

O império e senhorio deste príncipe se afirma que tem mais de 300 léguas, tanto de largo como de comprido, em que antigamente houve 27 reinos, porém a língua era toda uma, como ainda agora é. Neste império vimos muitas cidades muito populosas, ricas, abastadas de todos os mantimentos de carnes, pescados dos rios, trigos, legumes, arrozes, hortaliças, vinhos, e frutas, e tudo isto em tanta quantidade que não se pode encarecer quanto é razão. A metrópole de todas estas cidades é esta de Timplão, na qual o mais do tempo reside este imperador calaminhã, com toda a sua corte. Toda ao comprido, está situada ao longo de um grande rio chamado Pituy, frequentado de infinitas embarcações de remo. É toda em roda cercada de dois terraplenos de cantaria muito forte, com suas cavas largas por fora, e em todas as portas tem castelos com torres muito altas, a qual nos afirmaram alguns mercadores a quem o perguntámos, que tinha quatrocentos mil fogos, onde a maior parte de todas as casas é de um até dois sobrados, e algumas delas de muito custo e riqueza, principalmente as dos mercadores e da gente nobre, fora os aposentos dos senhores, que estão separados por si dentro de cercas muito grandes, com terreiros de seus passatempos; e nas entradas deles, arcos ao

modo da China, e com jardins e pomares de muitas árvores, e com tanques de água muito acomodados aos gostos e delícias da vida, a que esta gente é muito inclinada.

Certificaram-nos mais, que dos muros para dentro, e por fora uma légua ao redor desta cidade, havia 2600 casas de seus pagodes, e algumas destas em que nós entrámos eram templos muito sumptuosos, e de obra muito prima e rica, porém os mais deles, na maior parte, são casas pequenas ao modo de ermidas. Seguem estes povos, vinte e quatro seitas de diferentes opiniões, nas quais há tanta variedade e confusão de erros e preceitos diabólicos, principalmente nos sacrifícios de sangue de que usam, que é espanto ouvi-los, quanto mais vê-los, como nós algumas vezes vimos nos dias solenes dos seus terivós. Mas a maior e a mais frequentada seita de todas, é a de um ídolo de que já fiz menção muitas vezes, que se chama Quiay Frigau, deus dos átomos do sol, porque este é o em que crê, e o que adora o calaminhã, e todos os principais senhores do reino, cujos grepos, menigrepos e talagrepos, que são os seus sacerdotes, são também muito mais honrados que todos os outros, e tidos pelo povo em reputação de santos. Os seus maiorais, a que por grau supremo chamam cabisondos, não conhecem mulheres, segundo se deles presume. Mas para efectuarem os seus torpes e sensuais apetites, não lhes faltam invenções diabólicas, mais para se chorarem que para se dar notícia delas, e por isso me pareceu coisa devida e necessária passar por elas com silêncio, porque são totalmente indignas das línguas e das orelhas cristãs.

Vimos também nas feiras ordinárias desta cidade, a que eles chamam chandeuhós, todas as coisas quantas a terra cria, e além disso muito ferro, aço, chumbo, estanho, cobre, latão, salitre, enxofre, azougue, vermelhão, mel, cera, açúcar, lacre, benjoim, seda, roupas de muitas maneiras, pimenta, gengibre, canela, linho, algodão, pedra-ume, tincal, anil, alaqueca, cristal, cânfora, almíscar, marfim, canasistola, ru-

barbo, trevite, escamoneia, azebre, pastel, incenso, pucho, cochonilha, roçamalha, açafrão, cacho, mirra, porcelana riquíssima, ouro, prata, rubis, diamantes, esmeraldas, safiras, e todas as mais coisas a que se pode pôr nome, em tão sobeja quantidade que é mais para se ver que para se contar, porque não deixaria de fazer dúvida.

As mulheres, comummente são muito alvas e muito formosas, mas o que lhes dá maior lustro é serem muito bem inclinadas, castas, caridosas e maviosas. Os sacerdotes comuns de todas as vinte e quatro seitas, de que nesse império há muito grande quantidade, andam vestidos de amarelo, como os rolins de Pegu, com suas altirnas sobraçadas a modo de estolas. Não há moeda de prata nem de ouro, mas por peso de cates, taéis, mazes e conderins, se negoceia toda a mercadoria. A corte deste imperador calaminhã é muito rica, e de gente muito polida. Há nela muitos príncipes e senhores de muita renda e estado. Ele, em si, é muito temido, em grande maneira, e juntamente muito venerado, e traz na sua corte muitos capitães de gente estrangeira, a que dá grossos ordenados.

Afirmaram a este embaixador, que há continuamente nesta cidade onde é a corte, de sessenta mil a cavalo, para cima, e dez mil elefantes. A gente nobre trata-se muito limpa e honradamente, com serviços de baixelas de prata e algumas vezes de ouro, e a gente comum, de porcelana e latão. Vestem cetins, damascos e tafeciras da Pérsia, e nos invernos roupas forradas de martas. Não têm na sua justiça, autor nem réu, nem costumam obrigar por libelo, mas os capitães das quadrilhas satisfazem verbalmente todas as dúvidas do povo miúdo. E se acaso estas dúvidas são entre pessoas de maior qualidade, tratam-se perante religiosos que para isso estão deputados em certas casas, dos quais a modo de apelação vão os negócios ao queitor da justiça, que é o regedor dela, do qual não há apelação nem agravo, por muito grave e importante que o caso seja.

peregrinação peregrinação peregrinação

Tem a monarquia destes vinte e dois reinos, setecentas comarcas, à razão de vinte e seis por reino, em cada uma das quais tem seu capitão, que reside na cidade ou vila que é cabeça da comarca, os quais todos têm o poder igual, nem um na sua comarca tem mais poder que o outro na sua. Cada um destes capitães é obrigado em cada uma das luas, a fazer resenha geral da gente que pelo vagarau lhe é taxada, que são a cada capitania, dois mil a pé e quinhentos a cavalo, e oitenta elefantes de peleja, e destes elefantes, um se intitula com o nome da vila ou da cidade que é cabeça da comarca, de modo que feita a conta por junto, da gente e elefantes destas setecentas capitanias das comarcas, vem a ser um conto e setecentos e cinquenta mil homens, dos quais trezentos e cinquenta mil são a cavalo, e cinquenta e seis mil, elefantes. E por serem eles nesta terra, tantos, em tamanho número, veio este imperador a se intitular senhor da força bruta dos elefantes da terra.

O rendimento dos direitos reais, que lá se chama do preço do ceptro, com todas as minas, chega a vinte contos de ouro, fora os serviços que lhe fazem os príncipes, capitães e senhores, que andam por si separados em outra folha, que também é uma muito grande quantidade, de que por distribuição se reparte com todos, conforme o que cada um merece. Têm nesta terra muita valia as pérolas, o âmbar e o sal, por serem coisas que se criam no mar, que é muito distante desta cidade, mas de todas as outras coisas há nela muito grande abundância. A terra em si é muito sadia e de bons ares, e águas. Quando espirram, fazem o sinal da Cruz como nós, e dizem:

«Quay dó sam rorpy», que quer dizer: «O deus da verdade é três e um.» Pelo que parece, como já atrás fica dito, que teve esta gente alguma notícia da nossa lei evangélica, que é, sòmente, a verdadeira.

166

do caminho que fizemos até à cidade de pavel, e da diversidade de gentes e nações que nela vimos

Partidos nós ao outro dia desta vila de Bidor, seguimos nossa rota por este grande rio de Pituy abaixo, e no mesmo dia fomos dormir a uma abadia da lei do Quiay Jarém, deus dos casados, situada à borda da água, em um descampado de grande arvoredo e de edifícios muito ricos, na qual o embaixador foi bem agasalhado pelo cabisondo e talagrepos dela. E continuando daqui por nossas jornadas mais sete dias, chegámos a uma cidade de nome Pavel, onde estivemos três dias provendo as embarcações do que lhes era necessário, e o embaixador comprou muitas peças ricas e brincos da China que aqui se vendiam muito baratos, em que entrou grande quantidade de almíscar, porcelanas finas, seda, retrós, e peles de arminhos, e outras de outras muitas sortes que nesta terra se gastam nos invernos, por ser fria, as quais fazendas se trazem por dentro do sertão, em cáfilas de elefantes e badas de terras muito distantes, segundo o que aqui nos contaram alguns mercadores, os quais nos disseram que eram de uma província que se chamava Friucaranjá, além da qual habitavam uns povos com quem tinham contínua guerra, que se chamavam calogéns, e fungaus, gentes baças e muito grandes frecheiros, que têm as patas dos pés redondas como bois, mas com dedos e unhas, e tudo o mais como os outros homens, tirando as mãos, que as têm muito cabeludas. Os homens são de natureza cruéis e mal inclinados, e nas costas em

baixo, quase na reigada dos lombos, têm um lombinho como dois punhos, e habitavam em umas serras muito altas e ásperas, que em algumas partes têm covas tão fundas, que em algumas delas por noites de Inverno se ouviram gemidos e vozes muito espantosas.

E além destes povos, havia outros a que chamavam colouhós, e timpates, e bugéns, e outros de terra ainda muito mais apartada, chamados oqueus e magores, os quais se sustentavam de animais silvestres que caçavam e os comiam crus, e de toda a diversidade de animais imundos como são lagartos, e cobras que havia na terra, e que esta caça de animais silvestres faziam cavalgadas em outros animais do tamanho de cavalos, que têm três cornos ou pontas no meio da testa, e os pés e as mãos muito curtos e grossos, e no meio do lombo têm uma ordem de espinhos com que feriam quando se assanhavam, e todo o mais corpo é conchado da cor de um sardão, e no pescoço, em lugar de coma, têm outros espinhos muito mais compridos e grossos que os do lombo, e nos encontros dos ombros têm umas asas curtas como barbatanas de peixe, com que dizem que voam à maneira de salto, 25 e 30 passos, os quais animais diziam que se chamavam bazanas, e que a gente daquela terra fazia neles muitas entradas nas comarcas de outras nações com que tinham contínua guerra, e algumas delas lhes pagavam párias em sal, mais estimado que tudo, por o não haver senão muito longe dali.

Falámos também com outros que se chamavam bumiões, de umas serras muito altas de pedreiras de pedra-ume, e lacre, e pastel para tintas. Desta nação vimos uma cáfila de mais de dois mil bois com suas albardas quase ao nosso modo. Estes eram todos homens grandes, com as barbas e os olhos como chins.

Vimos outra nação de homens muito ruivos, e alguns com algumas sardas, e muito barbaçudos, e tinham as orelhas e

os narizes furados, e nos braços uns rebites de ouro como colchetes, e estes se chamam ginafogaus, e a província de onde eram naturais, Surobasoy, os quais por dentro dos montes dos lauhós, confinam com o lago do Chiammay, e destes uns andam vestidos de peles em cabelo, e outros de peles escudadas, e andam descalços, e com as cabeças sempre descobertas. Estes, nos diziam alguns mercadores, que eram comummente muito ricos, e que não tinham entre si mais que sòmente prata, porém desta muita, em grande quantidade.

Também falámos com outros que se chamam tuparões, gente baça e bem inclinada, mas muito comedores, e em extremo dados às delícias da carne e da gula. Desta gente fomos muito melhor agasalhados que das outras nações, porque os mais dos dias nos banqueteavam. E porque num banquete destes, em que todos os nove nos achámos com o embaixador, um dos nossos, de nome Francisco Temudo, lhes levou vantagem no beber, quase injuriados por isto, e havendo-o como muito grante afronta, fizeram o banquete mais comprido para restaurarem sua honra; porém o português se deu tal manha com vinte deles que então estavam à mesa, que todos ficaram deitados à costa, e ele ficou muito inteiro. E depois que tornaram em seu acordo, o sapitou, que era o capitão deles, em cuja casa se dera o banquete, mandou chamar todos os seus, que seriam de trezentos homens para cima, e pondo o português, por muito que lhe pesasse, em cima de um elefante, o levaram por toda a cidade, acompanhado de infinita gente, com muitos tangeres de trombetas, e tambores, e de outros instrumentos, e o capitão, e o embaixador, e nós com todos os bramás detrás dele a pé com ramos nas mãos, e dois homens a cavalo, que em vozes muito altas iam dizendo:

— Louvai, gentes, com alegria, os raios que procedem do meio do sol, que é o deus que nos cria os nossos arrozes, por vos chegar o tempo em que vísseis em vossa terra um

homem tão santo que bebendo mais que quantos nasceram no mundo, derrubou as principais vinte cabeças da nossa quadrilha, para sua fama ser aumentada em todos os dias.

A que toda a turbamulta de que ia acompanhado, dava uma tamanha grita que metia medo.

E chegando com esta ordem à casa do embaixador onde pousávamos, o desceram com cerimónias de muita honra, e postos em joelhos o entregaram ao embaixador, recomendando-lhe muito que o tivesse dali por diante em conta de santo, ou de filho de algum grande rei, porque não podia deixar de o ser, já que Deus lhe dera tamanho dom de riqueza. E tirando, por todos, um peditório, lhe juntaram logo ali passante de duzentos taéis em barras de prata que lhe deram, por assim ser costume desta nação, e nos dias que aqui mais estivemos, sempre foi visitado com muitos presentes e peças de seda, como oferta que se dava a santo no dia solene da sua invocação. Falámos aqui mais com outros homens brancos, a que chamavam paviléus, muito frecheiros e grandes cavalgadores, vestidos de quimonos de seda como os japões, e que comiam com paus como chins. Disseram-nos estes que a sua terra se chamava Binagorém, que distava desta, duzentas léguas pelo rio acima. Estes traziam de veniaga muito ouro em pó, como o de Menancabo da ilha Samatra, águila, lacre, almíscar, estanho, cobre, seda, e cera, que davam a troco de pimenta, gengibre, sal, e vinhos de arroz. As mulheres destes, que ali vimos, são muito alvas, e tratam-se melhor que todas as outras daquelas partes, e geralmente são bem acondiçoadas e caridosas. E perguntando-lhes nós que lei era a sua, e que Deus adoravam, nos disseram que o seu deus era o sol, e o céu, e as estrelas, porque deles lhes vinham por comunicação santa, os bens que possuíam na terra, e que a alma do homem era o fôlego que se acabava na morte do corpo, e depois andava no ar, de mistura com as nuvens, até que se derretia em água e tornava a morrer na terra, assim como antes fizera

o corpo. E destes desatinos nos disseram outros muitos, que é muito para pasmar ver a confusão e cegueira destes miseráveis, e muito para dar continuamente graças a Deus, aquele a quem ele quis fazer mercê de o livrar delas. Assim, pela variedade de nações incógnitas que aqui vimos, se pode muito bem ver que nesta monarquia do mundo, há ainda muitas terras que não são descobertas nem conhecidas de nós.

167

do mais caminho que fizemos até chegarmos a pegu, onde estava o rei do bramá, e da morte do rolim de mounay

Continuando nosso caminho, desta cidade de Pavel, logo ao outro dia depois que saímos dela, fomos ter a uma aldeia que se chamava Lunçor, cercada em roda, em distância de mais de três léguas, de árvores de benjoim, que daqui se leva em carregação para o reino de Pegu e de Sião. Daqui navegámos por este grande rio abaixo mais nove dias, vendo ao longo dele muitas e muito nobres cidades e povoações de muitas sortes, e chegámos a outro rio a que chamavam Ventrau, pelo qual fizemos nossa viagem até Penauchim, primeiro lugar do reino Jangumá, onde este embaixador registou as embarcações com toda a gente que levava nelas, por ser assim costume daquela terra. E partidos daqui, fomos dormir aos rauditéns, que eram duas fortalezas do príncipe de Pancanor. E dali a cinco dias fomos ter a uma grande cidade de nome Magadaleu, que é

a terra donde o lacre vem ter a Martavão, cujo príncipe, ao tempo que aqui chegámos, deu mostra ao embaixador de uma resenha geral de gente, que fazia contra o rei dos lauhós, com quem estava de guerra, por lhe mandar enjeitar uma filha sua com quem havia três anos que era casado, e se casar com uma manceba de que antes tivera um filho, o qual legitimara, e o fizera herdeiro do reino, tirando o direito dele a um seu neto, filho desta sua filha.

Daqui seguimos nosso caminho por um esteiro a que chamavam Madur, mais cinco dias, e chegámos a uma aldeia de nome Mouchel, primeiro lugar do reino de Pegu, no qual um ladrão muito afamado, de nome Chalagonim, que andava ao assalto com trinta serós bem concertados, e com boa gente, nos acometeu uma noite, e pelejando connosco até quase à manhã, nos tratou de tal maneira que, a nos fazer Deus muita mercê, escapámos da briga com perda de cinco embarcações, das doze que trazíamos, e morte de cento e oitenta da nossa parte, em que entraram dois portugueses, e o embaixador ficou com um braço cortado e com duas frechas de que esteve à morte, e nós com todos os mais muito feridos, e o presente que o calaminhã mandava, que valia mais de cem mil cruzados, foi tomado com outra muita fazenda rica que vinha nas cinco embarcações, e desta maneira chegámos daí a três dias à cidade de Martavão, destroçados e roubados, e com a maior e melhor parte da gente, morta.

O embaixador avisou logo daqui o rei do Bramá, por uma carta sua, e lhe deu conta de tudo o que lhe sucedera, tanto na viagem como neste desastre, e el-rei proveu logo nisso, mandando com muita presteza uma armada de cento e vinte serós com gente muito escolhida, em que foram cem portugueses, a qual foi em busca deste ladrão, e quando lá chegou tinha ele já os trinta serós com que nos acometera, varados em terra, e ele com todos os seus estava metido em

uma fortaleza a qual tinha cheia de muitas presas que tinha feito em muitos povos de todas aquelas comarcas.

Os nossos puseram logo cerco à fortaleza, e no primeiro assalto que lhe deram, a entraram com morte de alguns bramás e de um só português, mas muitos ficaram feridos de frechadas, de que em poucos dias foram sãos, sem perigo nem aleijão de nenhum deles. E entrada a fortaleza, toda a gente dela foi metida à espada, sem se conservar a vida mais que ao ladrão e a cento e vinte homens de sua companhia, os quais trouxeram vivos ao rei do Bramá, o qual na cidade de Pegu mandou a todos lançar aos elefantes, que em pouco espaço os esborracharam e fizeram em muitos pedaços. E nesta ida que se fez sobre este ladrão, sucedeu bem aos portugueses, porque todos vieram de lá muito ricos, em que houve cinco ou seis a que dizem que couberam em parte, de vinte e cinco a trinta mil cruzados, a cada um, e aos pior livrados, dois a três mil.

Depois que o embaixador aqui em Martavão convalesceu das feridas que houvera na briga, se partiu para a cidade de Pegu, onde naquele tempo, como atrás fica dito, o rei do Bramá residia com toda a sua corte, o qual sabendo da sua chegada e da carta que trazia do calaminhã, em que lhe aceitara a liga da sua amizade, o mandou receber pelo chaumigrém, seu colaço e seu cunhado, acompanhado de todos os grandes, e com uma mostra de quatro batalhões de gente estrangeira, em que entravam mil portugueses, de que era capitão um tal António Ferreira, natural de Bragança, homem de grande espírito, e a quem este rei dava doze mil cruzados de partido, fora mercês particulares que montavam quase a outro tanto.

Vendo o rei bramá como Deus nesta nova liga lhe satisfizera o seu desejo, querendo-lhe dar graças por tamanha mercê, mandou fazer por todo o povo muito grandes festas, e nas bralas de suas gentílicas seitas, sacrifícios de fumos chei-

rosos, em que se degolaram mais de mil veados, e porcos, e vacas, que se deram de esmola aos pobres, fora outras obras de caridade, como foram dar-se de vestir a cinco mil pobres, e dar-se liberdade a mais de mil presos, com quita de muito dinheiro. E depois de haver sete dias que duravam estas festas, continuando sempre nelas este fervor, com despesas grandíssimas de todo o povo, e de el-rei e dos senhores, chegou nova certa a esta cidade, que o Aixquendó, rolim de Mounay, dignidade suprema do seu sacerdócio, era falecido, pela qual causa cessou logo tudo de improviso, com mostras no povo, de grande sentimento, e el-rei se recolheu, e os bazares se levantaram, e todas as janelas e portas se fecharam, sem em toda a cidade aparecer coisa viva, e as bralas dos seus pagodes se frequentaram de penitentes, que com contínuas lágrimas faziam em si grandes excessos de diferentes penitências, de que alguns morreram.

El-rei se partiu logo nessa mesma noite para Mounay, que era dali a vinte léguas, por ser necessário achar-se presente a este enterramento, conforme o costume antigo dos reis de Pegu, onde chegou ao outro dia à tarde, e fez dar tanta pressa a tudo o que era necessário para estas exéquias, que no mesmo dia foi tudo preparado e posto em ordem. E sendo quase sol posto tiraram o corpo do defunto da casa onde falecera, para um cadafalso que estava feito no meio de uma grande praça, paramentado todo de veludo branco, e coberto por cima com três dosséis de brocado, e no meio dela uma tribuna de doze degraus com uma essa quase ao nosso modo, guarnecida de muitas peças de ouro e pedraria, e por fora uma grande soma de castiçais e de caçoilas de prata, em que havia muita diversidade de cheiros suavíssimos, por causa da corrupção do corpo que já cheirava mal.

E desta maneira o tiveram toda aquela noite em que houve assaz que fazer, com tamanho rumor e horribilidade de choros e gritas de todo o povo, que faltam palavras para o declarar, porque só de bicos, grepos, menigrepos, gui-

mões, e rolins, que são as ordens e dignidades do seu sacerdócio, se afirmou que passavam de trinta mil os que ali estavam juntos, fora os que vinham a todas as horas. E depois de aparecerem ali algumas invenções de tristeza muito apropriadas ao auto daquele saimento, sendo passadas as duas horas depois da meia-noite, saiu de um templo que se chamava Quiay Figrau, deus dos átomos do sol, uma procissão em que viriam mais de quinhentos meninos nus, cingidos pelas cintas e pelos pescoços com cadeias de ferro, e cordas de cairo, e nas cabeças traziam feixinhos de lenha, e cutelos nas mãos, e vinham cantando em dois coros com tanta tristeza e sentimento que provocavam os ouvintes a derramarem muitas lágrimas, dizendo um deles a modo de prosa:

— Tu que vais gozar dos contentamentos do céu, não nos deixes cativos neste desterro.

A que o outro coro respondia:

— Para que nos alegremos contigo nos bens do Senhor.

E continuando isto a modo de ladainha, diziam outras muitas coisas desta maneira e pelo mesmo tom. E postos todos de joelhos diante do cadafalso onde estava o corpo do defunto, um grepo de mais de cem anos, prostrado no chão com as mãos levantadas, lhe fez uma fala em nome destes meninos, a que outro que estava junto da essa, como que respondendo em nome do defunto, disse:

— Deus, que por sua santa vontade, lhe aprouve formar-se de terra, permitiu que neste dia tornasse a ela, pelo que vos recomendo muito, filhinhos meus, que temais esta hora em que a mão do Senhor nos põe na balança de sua justiça.

A que todos, com uma grande grita de pranto, responderam:

— Ao alto Senhor que no sol vive reinando, praza não ver

ante si nossas obras, para que fiquemos livres da pena de morte.

Idos estes meninos, vieram oito moços de dez até doze anos de idade, vestidos de vestiduras compridas de cetim branco, e xorcas de ouro nos pés, e aos pescoços muitas jóias ricas, e fios de pérolas, e depois que com muitas cerimónias fizeram grandes zumbaias ao defunto, esgrimiram com uns terçados nus que traziam nas mãos, por derredor da essa, como que enxotando o Diabo, dizendo: «Vai-te, maldito, para a côncava funda da casa do fumo, onde com pena perpètuamente morrendo sem acabar de morrer, pagarás com nunca acabar de pagar a rigorosa justiça do alto Senhor.»

E com isto se foram, como que deixando já desafrontado aquele corpo, dos diabos que dali lançaram.

Após estes, vieram seis talagrepos dos principais que havia entre eles, e de mais de oitenta anos cada um, vestidos de damasco roxo, e com altirnas lançadas por cima dos ombros, e sobraçadas a modo de estolas, os quais traziam nas mãos incensários de prata, e diante deles, para ornamento deste auto, vinham doze porteiros com maças de prata. Estes seis sacerdotes, depois que incensaram a essa por quatro vezes, com muitas cerimónias, se prostraram com os rostos em terra, e chorando com muito sentimento, disse um deles como que falando ao morto:

— Se as nuvens do céu fossem capazes de explicar esta dor aos brutos do campo, eles deixariam o seu pasto para nos ajudarem a chorar a tua falta, e o grande desamparo em que todos ficamos, ou te rogariam Senhor que nos embarcasses contigo nessa casa da morte em que todos te vemos, sem nos tu veres, porque não somos dignos de tamanha mercê. Mas para que em ti se console este povo, antes que a cova nos esconda o teu corpo, mostra, Senhor, por figuras da terra, a quieta alegria e o contentamento suave do teu

descanso, para que despertem todos do sono pesado em que o fusco da carne os tem ocupado, e a nós miseráveis nos incitem a te imitarmos e seguirmos tuas pisadas, para que no fim derradeiro do nosso bocejo te vejamos alegre na casa do Sol.

A que todo o povo, com uma espantosa grita respondeu:

«Miday talambá», o que quer dizer: «Isso nos concede, Senhor.»

E tornando os doze porteiros das maças a preparar o caminho com muito trabalho, porque a gente por nenhum caso lhes dava lugar, saíram de uma casa que estava à mão direita do cadafalso, vinte e quatro moços pequenos, riquìssimamente vestidos, e com muitas jóias e cadeias de ouro aos pescoços; e estes, com muitos instrumentos musicais ao seu modo, e postos em duas fileiras, sentados em joelhos diante da essa, tangeram todos estes instrumentos, ao som dos quais cantavam dois daqueles moços sòmente, a que cinco respondiam de quando em quando, o que foi causa de todo o povo derramar tantas lágrimas, e com tanto sentimento, que alguns homens muito honrados e de muito respeito, feriam os rostos e davam por vezes com as cabeças nos degraus da essa. E no espaço que durou esta cerimónia, com outras dez ou doze mais que se ali fizeram, se sacrificaram seis grepos mancebos e gentis-homens, bebendo de um vaso de ouro que estava numa mesa, um licor amarelo tão peçonhento que em o acabando de beber matava logo sùbitamente, os quais por isto que faziam, eram tidos por santos, e por isso eram invejados por todos. E dali donde caíram mortos, os tomaram logo e numa procissão os levaram a queimar, onde foram todos feitos em cinza.

Chegada a manhã, o cadafalso foi desguarnecido das peças mais ricas que estavam nele, e lhe ficaram porém os dosséis com todo o veludo, e guiões, e bandeiras, e outras alfaias

de muita valia, e com muitas cerimónias e grandes gritas, e prantos, e com horrível estrondo de muitos instrumentos que se tocavam, puseram fogo ao cadafalso com tudo o que ficara nele, e regando-se muitas vezes com licores cheirosos, compostos de confeições muito custosas, o corpo, em pequeno espaço foi todo feito em cinza, e enquanto ardia, el-rei com todos os grandes que ali se acharam, lhe ofereceram de esmola muitas peças de ouro, e anéis ricos de rubis, e safiras, e alguns fios de pérolas de muito preço, o qual rico móvel, tão mal empregado, todo o fogo ali consumiu com os ossos e corpo do triste defunto. De maneira que, segundo ali se afirmou, chegou o custo desta pompa fúnebre a passante de cem mil cruzados, fora os vestidos que el-rei e os grandes mandaram dar aos trinta mil sacerdotes, em que se gastaram infinitas corjas de roupa, de que os portugueses ficaram bem aproveitados, porque venderam a sua que trouxeram de Bengala, por aquele preço que pediam por ela, a qual lhes foi logo paga em pães de ouro e e em barras de prata.

168

de que maneira foi eleito o novo rolim de mounay, sumo talagrepo desta gentilidade do reino de pegu

Ao outro dia pela manhã, entre as sete e as oito horas, que foi o termo em que acabou de arrefecer a cinza dos ossos, el-rei em pessoa com todos os grandes do reino, veio àquele lugar onde o corpo fora queimado, em companhia de

uma sumptuosa procissão de todos os grepos do seu sacerdócio, entre os quais vinham cento e trinta com incensários de prata, e catorze com bandejas de ouro nas cabeças, e estes com vestiduras compridas de cetim amarelo, com suas altirnas de veludo verde, sobraçadas, e todos os mais, que seriam de seis até sete mil, vinham vestidos da mesma cor amarela, porém de tafetás e chautares finos, o que, pelo grande número, pareceu coisa de custo.

E chegados ao lugar onde se queimara o rolim, depois de algumas cerimónias gentílicas, feitas e ditas ao seu modo, conforme ao tempo e ao sentimento que todos mostravam, um talagrepo, bramá de nação, tio de el-rei, irmão de seu pai, havido no comum do povo por mais entendido que todos, e que por isso fora escolhido para o sermão daquela hora, se subiu num agrém, que era o púlpito, e depois que no intróito tratou da vida e louvores do morto, com razões e palavras enfeitadas a seu propósito, se afervorou de maneira que, virando-se para el-rei com as lágrimas nos olhos, levantando um pouco a voz, para que fosse bem ouvido, lhe disse:

— Se os reis que no tempo de agora governam, ou para falar mais verdade, tiranizam a terra, cuidassem quão depressa lhes há-de vir esta hora, e com quanto rigor de justiça hão-de ser castigados pela mão poderosa do alto Senhor, pelos crimes e insultos da sua tirânica vida, quiçá que lhes fora melhor padecerem nos campos como os brutos, que usarem de suas vontades tão absolutamente e tanto contra razão, e serem cruéis para as mansas ovelhas, e frouxos no castigo dos males daqueles a que quiseram dar nome de grandes. Que certo se pode haver muito dó daqueles a quem a sua ventura chegou a tão perigoso estado, como vemos que é o dos reis deste tempo, pela dissolução e desenfreamento em que vivem continuamente, sem terem uma só hora de temor nem de vergonha, porque sabei, cegos do mundo, que se fez Deus homens que fossem reis, foi para que fossem

humanos para os homens, ouvissem os homens, satisfizessem os homens, e castigassem os homens, mas não para que, tiranizando, matassem os homens. Porém vós, tristes reis, neste ser reis negais a natureza de que Deus vos formou, e transformais-vos em outra muito diferente, com vos vestirdes todas as horas, de qualquer libré que quereis, porque para uns sois sanguessugas que lhes chupais continuamente as fazendas, e as vidas, sem nunca vos despegardes até lhes terdes chupado todo o sangue, sem lhes ficar gota em todas as veias, e para outros sois leões de bramido terrível, que para rebuço de vossas cobiças, mandais apregoar que quer dar que falar, quem fizer mal, morra por isso, e perca a fazenda, que é o fim de vossas tenções, e para outros que vos são aceitos, e a quem vós, ou o mundo, ou não sei quem, pôs o nome de grandes, sois tão frouxos no castigo de sua soberbas, e tão pródigos nas mercês que lhes fazeis, à custa do despojo dos pobres que deixastes nus e sem pele nem osso, que aos pequenos fica acção de vos acusarem por todas estas coisas diante de Deus, onde tristes de vós não tereis escusa que deis por vossa parte, nem boca para falardes, senão confusão medonha para vos perturbardes.

E por esta maneira disse tantas coisas em favor dos pequenos, e deu tantos brados, e chorou tantas lágrimas por sua causa, que el-rei estava como pasmado e fora de si, e fez isto tanta impressão nele que logo ali mandou chamar o brazagarão, governador de Pegu, e lhe mandou que fosse logo despedir todos os procuradores dos povos do reino que mandara juntar na cidade de Cosmim, para lhes pedir uma grande soma de dinheiro para suprimento da guerra do reino Savady que novamente queria fazer, e jurou pùblicamente na cinza do morto, que enquanto reinasse não lançaria peita a nenhum povo, nem os obrigaria a o servirem por força, como antes fazia, e que dali por diante teria muito particular cuidado em ouvir os pequenos e fazer justiça dos grandes, conforme o merecimento de cada

um, e assim prometeu mais outras muitas coisas muito justas e boas, que para gentio nos confundiu grandemente.

Acabado este sermão, a cinza do morto que já a este tempo estava junta, se repartiu como relíquia pelas catorze bandejas de ouro, das quais el-rei levou uma à cabeça, e os grepos das dignidades maiores levaram as outras. E abalando dali com a mesma procissão com que ali tinham vindo, levaram esta cinza a um templo rico que estava dali a quase um tiro de espera, de nome Quiay Docó, Deus dos afligidos da terra, onde foi lançada em um jazigo raso com o chão, sem fausto nem vaidade nenhuma, por ter assim mandado este Aixquendó, que como disse, era seu supremo rolim sobre todos os grepos, como o papa é entre nós os cristãos, o qual jazigo foi logo cercado de três ordens de grades, duas de prata e uma de latão. E em três tirantes que atravessavam toda a largura da casa, estavam setenta e dois candeeiros de prata, vinte e quatro em cada um, todos de muito custo e valia, e cada um deles de dez a doze torcidas, e todos pendurados por cadeias de prata muito grossas. A cova, das grades para dentro estava rodeada de trinta e seis perfumadores a modo de caçoilas, em que havia cheiros suaves de águila e benjoim de boninas, com outras confeições misturadas com âmbar.

Estas exéquias se acabaram já quase à tarde, pelas muitas cerimónias que nelas houve. E neste se não fez mais que libertar-se uma grande quantidade, e quase inumerável, de passarinhos, que em mais de trezentas gaiolas e corças ali eram trazidos, dizendo que eram almas de defuntos, já passadas desta vida, que naqueles pássaros estavam em depósito esperando o dia em que as haviam de soltar para que livremente pudessem ir acompanhar a alma deste defunto. E o mesmo fizeram também a outra grandíssima quantidade de peixinhos que em viveiros de gamelas cheias de água, por devoção tinham ali trazido, aos quais com outra nova cerimónia deram liberdade, lançando-os no rio, para

que fossem servir a alma daquele defunto. Também se trouxe aqui muito grande quantidade de toda a veação do mato, que foi mais para ver, que tudo o que tenho dito, porém a carne dela se deu de esmola aos pobres do povo, que eram sem conto.

Acabadas estas e outras muitas cerimónias que neste auto se fizeram, el-rei, por ser já quase noite, se recolheu ao seu dopo, que era a sua estância, onde se agasalhava em tendas por sentimento da morte do defunto, o que também fizeram os grandes, com toda a mais gente que era ali junta. E ao outro dia depois de ser manhã clara, mandou el-rei lançar grandes pregões, que toda a pessoa, de qualquer qualidade que fosse, se saísse logo fora da ilha sob pena de morte, e os que fossem sacerdotes se recolhessem em sua oração, sob pena de o que assim não fizesse, ser deposto da dignidade que tivesse, o que logo foi tudo feito com muita presteza.

Despejada a ilha e recolhidos os sacerdotes, noventa que eram deputados para elegerem o que havia de suceder em lugar do defunto, se juntaram todos na casa do guangiparau, para fazerem seu ofício. E porque nos primeiros dois dias, que era o tempo limitado em que se havia de fazer esta eleição, não pôde ela haver efeito, por haver muita diferença nos pareceres, e se darem os votos a diversas pessoas, se assentou por parecer de el-rei, que dos noventa deputados se escolhessem nove definidores, os quais por si sós fizessem esta eleição.

Escolhidos logo estes nove definidores, eles se juntaram todos e se detiveram mais cinco dias, e em todos eles com suas noites houve muitas orações de bonzos, e ofertas, e esmolas, e vestir muitos pobres, e mesas postas a quem quisesse comer, e procissões a seu modo.

E concluindo os nove por conformidade de votos na eleição, saiu eleito um, chamado Manica mouchão, que neste tempo

estava como cabisondo na cidade de Degum, em um pagode a que chamavam Quiay Figrau, deus dos átomos do sol, de que muitas vezes tenho feito menção, homem de sessenta e oito anos, e tido na opinião da gente, por homem prudente, e de boa vida, e muito letrado nas leis e costumes das suas gentílicas seitas, e sobretudo muito caridoso para os pobres, de que el-rei e todos os grandes ficaram muito satisfeitos. E sem fazerem mais detença, despediu logo el-rei o chaumigrém, seu colaço a que então deu o título de coutalanhá, que é irmão de el-rei, para ir mais honrado, o qual se partiu com cem laulés de remo, em que foi a flor da gente bramá, com os nove definidores da eleição, e foi buscar o novamente eleito ao lugar onde estava, donde o trouxeram com muita autoridade e veneração. E chegando dentro de nove dias da sua partida, a um lugar que se chamava Talagá, a cinco léguas desta ilha de Mounay, el-rei em pessoa o foi buscar com todos os grandes da corte, fora outra gente que era quase infinita, em mais de duas mil embarcações de remo. E chegando com todo este aparato ao lugar onde o novo rolim estava, se prostou diante dele, beijando a terra por três vezes, e lhe disse:

— Tu, pérola santa de esmalte roxo no meio do sol, bafeja por inspiração aprazível ao Senhor da potência incriada, sobre minha cabeça, para que não tema na terra o jugo pesado de meus inimigos.

Ao que o rolim, estendendo a mão para que se levantasse, disse:

«Faxy hipanó varite pamor dapou companó, dacorem fapixãopau» — o que quer dizer: «Trabalha, filho meu, por agradarem tuas obras a Deus, e eu orarei contigo por ti.»

E levantando-o do chão onde ainda estava, o sentou junto consigo e lhe pôs a mão na cabeça três vezes, que o rei teve por honra suprema que lhe fazia. E depois de lhe

dizer algumas palavras que lhe não ouvimos, por estarmos pouco longe, o bafejou outras três vezes na cabeça, estando el-rei posto de joelhos, e todo o povo de bruços no chão.

Após isto, abalando daqui com grandes gritas e muito estrondo de sinos e instrumentos sonoros, se embarcou na laulé de el-rei, sentado numa rica cadeira de ouro e pedraria, e el-rei em baixo aos seus pés, por honra grande que o rolim lhe deu, e ao redor dele, um pouco afastados iam doze meninos vestidos de cetim amarelo, com altirnas de brocado, e maças de ouro, como ceptros, nas mãos. E pelos bordos da embarcação, em lugar de remeiros iam todos os senhores do reino, com seus remos dourados às costas, e na popa e proa dois coros de moços, vestidos de carmesim, com muitas maneiras de instrumentos musicais, cantando ao som deles, com muito boas falas, muitos louvores de Deus, dos quais uma só cantiga que os nossos notaram, dizia assim:

— Louvai, meninos de coração limpo, aquele admirável e divino Senhor, porque eu não sou digno, por ser pecador, e se para isso não tiverdes licença, chorem vossos olhos diante de seus pés, e agradar-lhe-eis.

E assim por este modo cantavam outras muitas canções com muito boas falas, ao som dos instrumentos que tangiam, que se fossem cristãos poderiam provocar os ouvintes à devoção.

Chegado este rolim com este sumptuoso aparato à cidade de Martavão, por ser já muito noite não desembarcou logo em terra como estava determinado, mas logo que foi manhã o fez, e porque se não permitia por nenhum modo tocar ele com os pés no chão, pela grandíssima dignidade de sua pessoa, el-rei o desembarcou ao ombro, e assim de colo em colo, por cima dos príncipes e senhores do reino, foi levado ao pagode do Quiay Ponvedé, por ser o maior e mais sumptuoso templo de toda a cidade, no meio do qual

estava um teatro riquissimamente preparado, com toda a armação da casa de cetim amarelo, que significa ornamento sacerdotal.

Aqui, deitando-se, com uma nova cerimónia, num esquife de ouro, fingiu que morria, e fazendo-se sinal de ele ser morto, com três pancadas que se deram num sino, os rolins todos se prostraram de bruços, com os rostos em terra, por espaço de quase meia hora, e o povo neste tempo todo esteve, por sinal de tristeza, com as mãos postas diante dos olhos, dizendo em gritos muito altos:

—Ressuscita, Senhor, em nova vida, este teu santo servo, para que tenhamos quem ore por nós.

E logo o tiraram dali amortalhado em uma veste de cetim amarelo, e o meteram em uma tumba ornada da mesma libré, e com canções tristes e muitas lágrimas, dando três voltas ao redor da casa, o deixaram em uma cova que já para isso estava feita, coberto com um pano de veludo por cima, e cercado em roda, de caveiras de mortos, e lhe rezaram com muitas lágrimas, algumas orações a seu modo, em que el-rei mostrou muito sentimento.

E feito então silêncio no rumor que havia no povo, se deram três pancadas num grande sino, ao qual sinal responderam logo de improviso, quantos sinos havia em toda a cidade, com um tão horrível e tão espantoso estrondo que a terra toda tremia. E depois de ele ser acabado, dois talagrepos, homens muito afamados de doutos nas suas ciências, se subiram em dois agréns, que são os púlpitos, como já disse algumas vezes, os quais estavam concertados e ornamentados com panos de seda e alcatifas ricas, e tratando aos ouvintes daquela cerimónia que se fazia, lhes declararam a significação de cada coisa, e lhes relataram por seus passos a vida e morte do rolim passado, e a eleição deste, e as partes que este tinha para aquele tão

insigne pontificado para que Deus o chamara, e outras muitas coisas de que o povo ficou muito satisfeito.

E dando por despedida outras três pancadas no mesmo sino em que se deram as primeiras, os agréns, assim como estavam ornamentados, foram logo queimados com outra nova cerimónia de que escuso de dar relação, porque me parece desnecessário gastar o tempo nestas gentílicas superfluidades, para as quais basta o que tenho já dito.

Depois de estar tudo isto quieto, e com silêncio, por espaço de cinco ou seis credos, veio de outro templo que estava distante deste, cerca de um tiro de besta, uma muito custosa e rica procissão de meninos, todos vestidos de tafetá branco, em significação de sua limpeza e inocência, com muitas jóias de ouro aos pescoços, e xorcas do mesmo nos pés, e velas de cera branca nas mãos, e nas cabeças capelas de argentaria de retrós de cores e fio de ouro e de prata, com muita soma de pérolas entrelaçadas, e rubis, e safiras.

No meio desta procissão vinha uma rica charola coberta com um pano de ouro que doze meninos destes traziam aos ombros, cercada toda em roda de muitas maças e perfumadores de prata, com cheiros muito suaves. Estes meninos vinham todos tangendo em muita variedade de instrumentos musicais, e cantando louvores de Deus, e pedindo-lhe que ressuscitasse para a nova vida, aquele morto, os quais logo que chegaram onde o rolim estava deitado, descendo os meninos a charola, e tirando-lhe o pano com que vinha coberta, saiu de dentro dela um menino, que ao parecer não podia ser de mais que de três anos até quatro, quando muito, e conquanto viesse nu, se lhe não aparecia da carne coisa nenhuma, porque tudo trazia coberto de ouro e de pedraria, num trajo como cá entre nós se pinta um anjo, com asas de ouro, e ceptro na mão, e uma coroa riquíssima na cabeça, ao qual, em saindo da charola, todo o povo se

prostrou por terra, dizendo todos em altas vozes que faziam tremer as carnes:

— Anjo de Deus, mandado do céu para nossa saúde, quando embora tornares, roga por nós.

El-rei se chegou logo a este menino, e tomando-o nos braços com um acatamento grande, e com um estranho modo de cerimónia, como que mostrando que não era digno de lhe pôr a mão, por ser anjo que vinha do céu, mandado por Deus, o pôs à borda da cova, e tirado o pano de veludo que estava em cima dela, estando todo o povo posto em joelhos, com os olhos no céu, e as mãos levantadas, o menino, depois que seis sacerdotes o incensaram cinco vezes, disse em voz alta como quem falava com o morto:

— A ti, pecador, concebido em pecado na vil miséria e torpeza da carne, manda Deus dizer por mim, a menor formiga da sua despensa, que ressuscites em nova vida aceita a ele, com temeres sempre o castigo da sua mão poderosa, para que no derradeiro bocejo não embiques em ti como os filhos do mundo, e que daí donde jazes morto, te levantes muito depressa, porque já em si te tem confirmado por maior dos maiores nas bralas da terra, e vem após mim, e vem após mim, e vem após mim.

A este tempo tornou el-rei a tomar o menino nos braços, e levantando-se o rolim que estava na cova, como admirado daquela visão, se pôs em joelhos diante do menino que ainda estava nos braços de el-rei, e disse:

— Aceito em mim esta nova mercê da mão do Senhor, conforme o que da sua parte me dizes, e me obrigo a ser até à morte, exemplo de humildade, e o mais pequeno de todos os seus, para que os sapos da terra se não percam na fervura do mundo.

E abaixando-se então o menino, o acabou por sua mão de tirar da cova, donde ainda não estava de todo fora.

A este tempo se deram cinco pancadas em um sino, as quais, em se ouvindo, todo o povo se prostrou por terra, dizendo a altas vozes:

— Bendito sejas, Senhor, por tamanha mercê.

E repicando-se então todos os sinos da cidade, era o estrondo tamanho que não havia quem se pudesse ouvir nem entender; e juntando-se a isto, a infinidade de artilharia que disparou, tanto na terra como no rio, onde estavam as duas mil embarcações, fez o estrondo muito maior, e muito pior de sofrer.

169

da maneira que este rolim foi levado à ilha de mounay, e metido nela, de posse do seu supremo pontificado

O novo rolim foi levado daqui deste lugar em um riquíssimo andor de ouro e pedraria que os principais oito senhores do reino levavam aos ombros, e el-rei diante dele a pé, com um terçado rico às costas, e desta maneira o acompanhou até aos seus mesmos paços, que a este tempo estavam com ornamento pontifical riquíssimamente preparados, nos quais o rolim esteve três dias aposentado, enquanto na ilha de Mounay se aparelhavam algumas coisas necessárias à sua entrada nela.

Nestes dias que esteve nesta cidade de Martavão, houve muitos jogos de invenções muito custosas, que o povo, e os príncipes e senhores fizeram, em duas das quais el-rei entrou em pessoa com aparato riquíssimo e muito grandioso, de que não curo de dar relação, porque confesso que me não atrevo a saber contar na verdade o como se passou.

Chegado o dia em que ele havia de entrar nesta ilha de Mounay (a qual, como já disse, eles têm entre si como entre nós é Roma, e por cabeça do seu diabólico pontificado), a armada dos serós, e lauguás, e laulés, e de toda a mais sorte de embarcações que estavam no rio, que passavam de duas mil, foram postas em ala de duas fileiras, em distância de todo o espaço que há da cidade até à ilha, que pode ser uma légua e meia, e desta maneira ficava a mais formosa rua que se podia dizer, porque todas estas embarcações estavam cobertas de ramos com muitas frutas, e de muitas rosas e flores, e boninas de muitas maneiras, e muitos toldos e estandartes, e bandeiras de seda, com uma inveja tão regozijada em toda a gente, que parece que andavam em competição a ver qual o havia de fazer melhor, para lhe ser outorgado jubileu pleníssimo e absolvição de quantos roubos tivesse feito, sem restituição de coisa nenhuma, e outras larguezas nos nefandos abusos da sua torpe vida, as quais calo por ser matéria indigna das orelhas pias, e conforme às suas diabólicas seitas, e às tenções danadas dos instituidores delas, porque nas licenças e larguezas da carne são tão devassos e dissolutos como todos os outros infiéis e hereges.

Para irem na companhia do rolim, ficaram sòmente trinta laulés de remo, ligeiros, os quais iam todos equipados de senhores e gente nobre. Ele ia em um riquíssimo seró, sentado em uma tribuna de prata com um guarda-pó por cima, de tela de ouro, e el-rei em baixo aos seus pés, por não ser digno de se lhe dar outro lugar; e ao redor dele iam trinta

meninos vestidos de cetim carmesim, em joelhos, com suas maças de prata aos ombros, e doze em pé, com vestiduras de damasco branco e com perfumadores de cheiros suaves nas mãos, e em todo o mais corpo da embarcação iam cerca de duzentos talagrepos de dignidades honrosas, como arcebispos entre nós, no qual número entravam seis ou sete filhos de reis. E porque ia esta embarcação tão cheia de gente que se não podia remar, a levavam à toa quinze laulés, cujos remeiros eram os supremos religiosos das nove seitas deste reino.

Com esta ordem abalou desta cidade de Martavão, duas horas antemanhã, e fez seu caminho pelo meio da rua das embarcações, nas quais havia infinidade de luminárias de muitas e muito diferentes invenções, postas por entre os ramos de que estavam cobertas.

Quando começou a abalar, se fez um sinal com três peças de artilharia, o qual, logo que foi ouvido, foram tantos os repiques dos sinos, e tamanho o estrondo da artilharia que disparava, e de muitas diversidades de bárbaros instrumentos que se tocavam, e da vozearia e gritas da gente, que o mar e a terra parecia que se fundiam.

Chegando ao cais onde havia de desembarcar, o recebeu uma procissão de rolins do ermo, a que eles chamam menigrepos, que são como entre nós os capuchos, aos quais toda esta gentilidade tem muito respeito, por serem tidos, na maneira em que vivem e na regra que professam, por gente de mais abstinência que todos os outros. Estes, que em número podiam ser até seis ou sete mil, vinham todos descalços, e vestidos de esteiras pretas, por desprezo do mundo, com caveiras e ossos de finados nas cabeças, e cordas de cairo grossas aos pescoços, e as testas barradas de lama, com um letreiro que dizia: «Lama, lama, não ponhas os olhos na tua baixeza, mas põe-nos no prémio que Deus tem prometido aos que se desprezam para o servir.»

E chegando ao rolim, que os recebeu afàvelmente, se lhe prostraram todos com os rostos em terra, e depois de estarem assim um pouco, um deles que parecia ser o maioral de todos, pondo os olhos no rolim, lhe disse:

— Praza àquele de cuja mão novamente aceitaste seres na terra cabeça de todos, fazer-te tão bom e tão santo que as tuas obras lhe sejam em tudo tão agradáveis como a simplicidade dos inocentes de tenra idade, que chorando se calam nas tetas das mães.

A que todos os outros responderam com um grande tumulto de vozes:

— Assim permita que seja, o alto Senhor da mão poderosa.

E abalando logo daqui acompanhado desta procissão, que el-rei, por mais honra, ia governando com alguns dos mais principais que para isso chamou, se foi direito ao lugar onde o rolim morto estava enterrado, e chegando à sua sepultura se prostrou sobre ela com o rosto em terra, e depois que derramou muitas lágrimas, com uma voz triste e sentida, disse como que falando com o morto:

— Praza àquele que vive reinando na formosura das suas estrelas, que por prémio de meus trabalhos me faça digno de ser teu escravo, para que na casa do Sol onde tu agora te estás recreando, eu te sirva de vassoura dos pés, porque assim ficarei diamante de tantos quilates, que o mundo todo com todas as suas riquezas se não poderá igualar com o seu preço.

A que os grepos responderam:

«Massirão fatipay», que quer dizer: «Assim lho concede, Senhor.»

E tomando umas contas que foram do morto, que estavam sobre a sepultura, as pôs ao pescoço como relíquia de grande estima, e lhe deu de esmola seis lâmpadas de prata e dois perfumadores, com seis ou sete peças de damasco roxo.

Daqui se recolheu para as suas casas, acompanhado sempre de el-rei, e dos príncipes e senhores do reino, com toda a turbamulta de sacerdotes que ali estavam juntos, onde se despediu geralmente de todos, e de uma janela lhes lançou nas cabeças grãos de arroz, como entre nós se lança água benta, que a gente recebia dele com os joelhos no chão e as mãos levantadas.

Acabada esta cerimónia, que duraria quase três horas, se deram três pancadas num sino, ao qual sinal o rolim se recolheu para dentro, e a gente às embarcações, e naquele dia houve assaz que fazer em despejar a ilha. El-rei se despediu também do rolim, já sobre a tarde, e veio dormir à cidade, e quando ao outro dia foi manhã, se partiu para a cidade de Pegu que estava dali a dezoito léguas, onde chegou ao outro dia com duas horas da noite, sem regozijo nem fausto nenhum, para mostrar sentimento pela morte do rolim passado, de que dizia que fora muito devoto.

170

do que este rei bramá fez depois que chegou à cidade de pegu, e como mandou sobre a cidade savady, e do que aí nos aconteceu aos nove portugueses

Passados vinte dias depois que este rei bramá chegou à cidade de Pegu, vendo que na carta que o embaixador lhe trouxera do calaminhã, lhe dizia ele que por seu embaixador tomaria com ele conclusão na liga que ambos queriam fazer novamente contra o Siammom, e que este se não podia já efectuar naquele Verão, pelo muito que ainda havia que fazer nisso, e que para ir também sobre o reino do Avá, como desejava, não era já tempo, determinou de mandar este seu colaço (a quem, como atrás fica dito, tinha dado o título de seu irmão), sobre a cidade de Savady, que era dali a cento e trinta léguas, contra o nordeste.

E juntando para isso um exército de cento e cinquenta mil homens, em que entravam trinta mil estrangeiros de diversas nações, e cinco mil elefantes, dois mil de peleja e três mil de bagagem e mantimentos, se partiu o chaumigrém desta cidade, embarcado em uma frota de mil e trezentas embarcações de remo, aos cinco dias do mês de Março, e aos catorze chegou à vista do Savady; e surto ao longo de um campo a que chamavam Guampalaor, esteve aí seis dias, esperando pelos cinco mil elefantes que vinham por terra, os quais chegados, abalou logo para a cidade, e pondo-lhe

cerco a acometeu três vezes à escala vista, e de todas se retirou sempre com muita perda dos seus, tanto pela resistência que achou nos de dentro, como por ser o sítio trabalhoso para o arvorar das escadas, porque aquele lugar sobre que estava edificado o muro, era todo piçarra.

E tomando conselho sobre o que daí em diante devia fazer, lhe disseram os seus capitães que a batesse com duas estâncias de artilharia, pelos dois lugares por onde parecia de fora que era mais fraca, porque arrasados ali os dois lanços do muro, lhe ficaria a entrada mais fácil e menos perigosa, o que logo se pôs em obra com muita presteza, e para isto começaram os engenheiros a criar pela banda de fora, dois como que baluartes, sobre um grande entulho de vigas e faxina, e em cinco dias os puseram ambos em tanta altura que sobrelevavam por cima dos muros mais de duas braças, e em cada um deles se assestaram vinte peças grossas de esperas e camelos de marca maior, com que começaram a bater os muros, e derrubaram dois lanços deles. E fora estas peças, havia ali mais de trezentos falcões que atiravam sem cessar, só para matar a gente que andava pelas ruas, os quais lhes fizeram muito dano.

Pelo que, vendo-se os de dentro muito afrontados, e com tanta perda dos seus, se determinaram como homens muito esforçados, a venderem bem suas vidas aos inimigos, e saindo uma antemanhã pelos lanços do muro que a artilharia tinha derrubado, deram nos do campo tanto sem medo que em menos de uma hora o exército do bramá esteve quase de todo desbaratado, e por ser já quase manhã clara, os savadis se recolheram à cidade, deixando mortos oito mil dos inimigos, e em muito breve tempo repararam os dois lanços do muro, caídos, com um contramuro terraplenado de entulho de vigas e terra e faxina, que não havia depois artilharia que o pudesse passar. Pelo que, vendo o chaumigrém quão mal até então lhe tinha sucedido aquele negócio, determinou de fazer guerra aos lugares comarcãos

que estavam mais perto da cidade, e mandando o diossarai, tesoureiro-mor de quem nós os oito portugueses éramos cativos, como coronel de cinco mil homens, lhe disse que fosse sobre um lugar que se chamava Valeutay, donde a cidade muitas vezes era provida de mantimentos, a qual ida lhe sucedeu de maneira que antes que chegasse ao lugar, deram nele cerca de dois mil savadis, e em menos de meia hora, dos cinco mil nenhum ficou que não fosse morto. E nesta revolta, por ser de noite, quis Nosso Senhor que nós, os oito portugueses que aí nos achámos, escapássemos fugindo, porque houvemos por melhor conselho, salvarmos as vidas, que ficarmos mortos no campo como os outros.

Daqui, sem sabermos por onde íamos, cometemos o caminho por cima de uma serra muito agra, e corremos por ela com assaz de trabalho três dias e meio, no fim dos quais fomos dar em umas campinas apauladas, sem caminho nenhum, nem outra companhia mais que muita soma de tigres e cobras, e outras muitas maneiras de animais silvestres que nos meteram em assaz de confusão. Mas como Deus Nosso Senhor, por quem chamávamos continuamente com muitas lágrimas, é o verdadeiro caminho dos desencaminhados, permitiu ele por sua misericórdia que no cabo deste tempo, já sobre a tarde, víssemos um fogo contra a parte do leste, e seguindo nós direitos a ele, fomos amanhecer, junto de um grande povoado à roda de algumas aldeias de gente pobre, segundo as mostras de fora, e não ousando nos descobrirmos, nos embrenhámos aquele dia numa terra alagadiça em que havia muita espadana, onde tivemos muito trabalho por causa das muitas sanguessugas que ali havia, que nos tiraram bem o sangue.

E logo que anoiteceu, seguimos nosso caminho até quase à manhã, em que nos achámos junto de um grande rio, e caminhando ao longo dele, por espaço de mais cinco dias, chegámos ao outro lago muito maior, à borda do qual estava

um templo pequeno, a modo de ermida, com um ermitão muito velho que nos fez gasalhado. Este nos deixou estar aqui aposentados consigo dois dias, nos quais lhe perguntámos por muitas coisas que faziam a nosso propósito, a que ele respondeu tudo o que era verdade, e nos disse que aquela terra em que estávamos, era ainda do rei do Savady, e que aquele lago se chamava Oregantor, que quer dizer «bocejo da noite», e a ermida, Quiay Vogarem, deus do socorro. E perguntando-lhe nós pela significação daquele abuso, nos afirmou pondo a mão sobre um cavalo de arame que estava por ídolo no altar, que segundo tinha lido muitas vezes em um livro que tratava da fundação daquele reino, havia duzentos e trinta e sete anos que sendo aquele lago uma grande cidade, de nome Ocumchaleu, outro rei a que chamavam Avá, a tomara por guerra, e pela vitória deste feito lhe aconselharam os seus sacerdotes por quem se ele governava, que para gratificação de tamanha honra como aquela, lhe era necessário sacrificar ao Quiay Guatur, deus da guerra, por lhe dar aquela vitória, todos os machos pequenos que ali fossem cativos, porque se assim o não fizesse, saberia certo que quando fossem homens lhe haviam de tornar a tomar o reino; e que, temendo o rei o perigo deste ameaço, os mandara juntar todos num certo dia, que entre eles era muito solene, os quais eram oitenta e cinco mil, e metidos todos à espada com grandíssima crueza e efusão de sangue, para ao outro dia serem todos queimados em sacrifício, disse, e assim no-lo afirmou com muitas palavras, que aquela mesma noite tremendo a terra, caiu sobre a cidade tanta quantidade de coriscos e fogo do céu, que ela com tudo quanto nela havia, em cerca de meia hora foi subvertida, no qual castigo da justa justiça de Deus, foi morto o rei com todos os seus, sem escapar nenhum, em que morreram trinta mil sacerdotes, os quais de então para cá se ouviam naquele lago todas as luas novas e cheias, com uns bramidos tão espantosos que a gente pasmava de medo, pela qual causa, de então até agora, aquela terra se despovoara toda à roda, sem haver nela mais que só

oitenta e cinco ermidas, em memória dos oitenta e cinco mil meninos que o rei, sem causa, só pelo conselho dos seus sacerdotes, mandara matar.

171

do que mais passámos neste caminho, e do sucesso que tivemos nele

Nesta ermida passámos os dois dias que disse, bem agasalhados pelo ermitão dela, e ao terceiro dia, logo em sendo manhã nos despedimos dele e nos partimos assaz espantados e cortados de medo do que tínhamos ouvido, e continuámos nosso caminho ao longo do rio todo aquele dia e a noite seguinte. E sendo quase manhã nos achámos junto de um grande canavial de açúcar onde então nos provemos de algumas canas, por não termos outra coisa de que nos pudéssemos sustentar, e caminhando sempre ao longo do rio, o qual tínhamos tomado por roteiro de nossa viagem, porque nos parecia que necessàriamente, ainda que fosse ao longe, havia de fazer seu expediente ao mar, onde esperávamos que Nosso Senhor por alguma via nos deparasse algum remédio de salvação, chegámos no outro dia a uma aldeia que se chamava Pommiseray, onde nos metemos em um espesso mato para não sermos vistos da gente que frequentava aquele caminho.

E sendo passadas duas horas da noite, seguimos por nosso intento, que como já disse, era irmos assim às cegas por aquele rio abaixo até onde a ventura nos guiasse, ou Deus já fosse servido com a nossa morte dar fim a tantos trabalhos quantos continuamente de dia e de noite tínhamos

passado, com muitos estremecimentos e visões de morte que nos atormentavam mais que a mesma morte com que tão abraçados íamos. E ao cabo de dezassete dias que continuávamos esta trabalhosa e triste peregrinação, prouve a Nosso Senhor que por uma noite de grande escuro e cerração de chuveiros, vimos um fogo diante de nós, a pouco mais de um tiro de berço, e receando nós de alguma maneira ser aquilo povoação, nos deixámos estar quedos um grande espaço confusos e indeterminados, até que divisámos que aquele fogo se movia, pelo que assentámos que era embarcação que andava, e não se passou pouco mais de meia hora que ao longo da terra enxergámos vir uma embarcação que trazia em si nove pessoas, as quais emparelhando por junto de nós, se igualaram com a ribanceira da borda do rio, e desembarcaram em terra em uma calheta que a mesma terra fazia, a modo de angra, e ordenaram logo fogo com que começaram a guisar a ceia, e depois de guisada se meteram nela com muitas festas e regozijos, em que gastaram um grande espaço. E sendo já bem fartos de comer e de beber, quis Deus que todos nove, em que vinham três mulheres, adormeceram de maneira que não davam acordo de si.

Vendo nós então o tempo disposto para nos aproveitarmos da mercê que Nosso Senhor nos fazia, nos fomos todos oito muito caladamente à embarcação, que meio envasada na lama estava atada a uma vara, e pondo-a aos ombros a pusemos a nado e nos embarcámos nela com muita pressa, e nos fomos a remo pelo rio abaixo, sem rumor ou rebuliço algum; e como a corrente de água ia a nosso favor e o vento nos servia à popa, fomos amanhecer dali a mais de dez léguas, junto de um pagode a que chamavam Quiay Hinarel, deus dos arrozes, no qual não achámos mais que um só homem e trinta e sete mulheres, de que as mais eram velhas e beatas professas daquele templo, das quais fomos agasalhados com muita caridade, ainda que, segundo parecia,

fosse mais pelo medo que tiveram de nós, que por vontade que tivessem para isso.

E perguntando-lhes nós por algumas coisas particulares que faziam a nosso propósito, nos não souberam dar razão de nenhuma, dizendo que eram mulheres desapegadas, por voto, das coisas do mundo, e que não tinham outra vida senão estarem ali encerradas, rezando contìnuamente ao Quiay Ponvedé, que movia as nuvens do céu, pedindo-lhe que lhes desse água nos campos das suas lavouras, para que lhes não faltasse o arroz.

Aqui gastámos todo aquele dia no concerto da embarcação, e nos provemos também da dispensa destas beatas, de arroz, açúcar, feijões, cebolas, e de alguma chacina, de que elas estavam bem largamente providas. E partindo-nos daqui com uma hora da noite, a remo e à vela, continuámos nosso caminho sete dias inteiros, sem nenhum de nós sair em terra, por nos temermos de algum desastre que levemente nos podia acontecer em qualquer lugar dos que víamos ao longo do rio. Mas como ninguém pode fugir ao que está determinado lá de cima, indo nós assim assaz confusos e receosos do que o entendimento nos apresentava, com muitos sobressaltos cada hora, tanto do que víamos como do que receávamos, quis a nossa triste fortuna que uma antemanhã, passando nós pela boca de um esteiro, nos acometeram treze paraus de ladrões, com tamanho ímpeto e com tantas diferenças de arremessos sobre nós, que em menos de dois credos nos mataram três companheiros, e nós os cinco que escapámos, nos lançámos com muita pressa ao mar, todos envoltos no nosso sangue das feridas que levávamos, de que depois estiveram à morte.

E chegando a terra, nos metemos por dentro do mato, onde estivemos todo aquele dia, lamentando com muitas lágrimas aquela presente desventura, ao cabo de tantas como tínhamos passado. E partindo-nos assim feridos deste lugar, com mais

esperanças de morte que de vida, seguimos nosso caminho por terra, com assaz de trabalho e tão confusos e indeterminados no que então devíamos fazer, que muitas vezes, de pasmados, nos púnhamos a chorar uns com os outros, com bem grande desconsolação, pela confiança que tínhamos de podermos salvar as vidas por alguns meios humanos.

E estando nós neste triste estado, e com dois companheiros, dos cinco que éramos, para morrer, prouve a Nosso Senhor (que ali onde os meios humanos faltam, está sempre mais certo), que acaso passasse por aquele lugar onde nós estávamos, à borda da água, uma embarcação, em que ia uma mulher cristã, de nome Violante, que era casada com um gentio, de quem era aquela embarcação, a qual carregada de algodão ia de veniaga para a cidade de Cosmim. Esta, em nos vendo, deu um grande grito e disse:

— Jesus, isto são cristãos que eu vejo diante de mim?

E mandando muito depressa tomar a vela, veio a remo para onde nós estávamos, e saltando em terra, e o marido com ela (que ainda que fosse gentio, era muito caridoso), nos abraçaram ambos chorando muitas lágrimas, e nos meteram dentro da embarcação, e ela tratou de nos prover de cura para as feridas, e de vestido para nos cobrirmos o melhor que então foi possível, e nos fez outras muitas caridades de boa cristã.

E partindo-nos daqui já fora dos receios passados, quis Nosso Senhor que em cinco dias chagámos à cidade de Cosmim, que é um porto de mar no reino de Pegu, onde em casa desta cristã fomos curados com muito gasalhado e acabámos de convalescer de todo das nossas feridas. E como nas mercês que Deus faz, nunca pode haver falta, ordenou ele que neste tempo estivesse aqui neste porto uma nau de que era senhorio Luís de Montarroyo, que ia para Bengala. E depois de nos despedirmos da nossa hospedeira, e lhe darmos as

devidas graças pelo que dela tínhamos recebido, nos embarcámos com este Luís de Montarroyo, o qual também nos fez muito gasalhado, e nos proveu a todos cinco muito largamente de tudo o que nos era necessário.

E chegando nós ao porto de Chatigão, no reino de Bengala, onde naquele tempo havia muitos portugueses, me embarquei eu logo numa fusta de um tal Fernão Caldeira, que ia para Goa, onde prouve a Nosso Senhor que cheguei a salvamento. E aí achei Pêro de Faria, capitão que fora de Malaca, e que me tinha mandado a Martavão com a embaixada ao chaubainhá, como atrás fica dito, ao qual dei larga conta de tudo o que por mim tinha passado, de que ele se mostrou assaz pesaroso, e me proveu com alguma coisa a que, por sua consciência e por sua nobreza, lhe pareceu que me estava obrigado, pelo muito que eu tinha perdido, por seu respeito. E com isto me tornei logo naquela monção a embarcar para a banda do sul, e tornar de novo a tentar a fortuna pelas partes da China e do Japão, para ver se onde tantas vezes perdera a capa, me poderia desta vez melhorar com outra menos safada que a que então sobre mim trazia.

172

como da índia me fui para a sunda, e do que lá se passou num inverno que aí estive

Embarcando-me eu aqui em Goa, em um junco de Pêro de Faria, que de veniaga ia para a Sunda, cheguei a Malaca no dia em que faleceu Rui Vaz Pereira Marramaque, capitão que era então da fortaleza. E partindo daqui para a Sunda,

em dezassete dias cheguei ao porto de Banta, que é onde comummente os portugueses fazem sua fazenda. E porque neste tempo a terra estava muito falta da pimenta que íamos buscar, nos foi forçoso invernarmos ali aquele ano, com determinação de para o outro seguinte nos irmos para a China.

E havendo já quase dois meses que estávamos neste porto fazendo pacificamente nossas mercancias na terra, veio ter a ela, por mandado de el-rei de Demá, imperador de toda a ilha de Jaoa, Angenia, Bale e Madura, com todas as mais ilhas deste arquipélago, uma mulher que se chamava Nhay Pombaya, dona viúva de quase sessenta anos de idade, a qual vinha de sua parte dar recado ao tagaril, rei da Sunda, que também era seu vassalo como os mais reis desta monarquia, para que pessoalmente, em termo de mês e meio, fosse ter com ele à cidade de Japara, onde então se fazia prestes para ir sobre o reino de Passarvão.

Esta mulher, quando desembarcou neste porto, o rei mesmo em pessoa a foi buscar ao calaluz em que vinha, e a levou com grande fausto para sua casa, e a agasalhou com a rainha sua mulher, e ele se passou para outro aposento longe dali, porque esta era a maior honra que se lhe podia fazer.

E para que se saiba a razão por que este recado veio mais por mulher que por homem, se há-de saber que foi sempre costume antiquíssimo dos reis destes reinos, desde o princípio deles, tratarem as coisas de muita importância, e em que se requer paz e concórdia, por mulheres; e isto não sòmente nos recados particulares que os senhores davam aos vassalos, como foi este agora, mas também nos negócios públicos e gerais que uns reis tratam com os outros, por suas embaixadas. E dão para isto, por razão, que ao género feminino, pela brandura da sua natureza, dera Deus mais afabilidade, e autoridade, e outras partes para se lhe ter mais

respeito que aos homens, porque são secos, e por essa razão menos agradáveis à parte onde se mandam.

Porém, esta mulher que cada um destes reis costuma mandar às coisas de qualidade que digo, dizem eles que há-de ter as partes que lhes a eles parece que se requerem para ela poder fazer bem feito o negócio que se lhe encomenda; dizem que não há-de ser solteira, porque por estar nesse estado perderá o ser de quem é, se sair fora de casa, porque dizem que, assim como por ser formosa contenta a todos, assim também por esta mesma causa poderá ser motivo mais de desinquietação nas coisas em que se requer concerto, que de as trazer ao fim da paz e concórdia que se pretende. Dizem mais que há-de ser casada de legítimo matrimónio, ou ao menos que há-de ser viúva de seu marido legítimo; e se pariu de seu marido, há-de provar por documento como criou a seu peito todos os filhos que houve dele, porque a que pariu e não criou os filhos, podendo-o fazer, dizem que fica mais pròpriamente sendo mãe de deleitação, como qualquer corrupta e desonesta, que mãe verdadeira do seu próprio filho. E guarda-se este costume tão estreitamente entre a gente nobre desta terra, que se alguma mulher pare, e por algum impedimento lícito que tenha, não pode criar o filho a seus peitos, é-lhe tão necessário para sua honra, tirar disso um documento, como se fora outra coisa muito mais grave e de muito maior importância. E se sendo moça, acerta de ficar viúva, para maior fineza de sua virtude se há-de meter em religião, para que pareça que não casou tanto para os gostos que daí podia esperar, quanto para ter filhos, conforme à limpeza e honestidade com que Deus no paraíso da terra juntou os primeiros dois casados. E para que o seu matrimónio seja de todo limpo e conforme à lei de Deus, dizem que depois que se sentir pejada, não há-de ter mais comunicação com seu marido, porque já então não será juntamente puro e honesto, senão sensual e sujo. E têm para isto mais outras

condições que aqui não digo, porque entendo que será prolixidade deter-me em coisas que me parecem escusadas.

A Nhay Pombaya que trouxe o recado ao rei da Sunda que eu atrás disse, depois que negociou com ele o a que vinha, se partiu logo desta cidade de Banta, e el-rei se fez prestes, com muita brevidade, e se partiu com uma armada de trinta calaluzes, e dez jurupangos, bem apercebida de mantimentos e munições, nos quais barcos iam sete mil homens de peleja, fora a chusma do remo, e iam nesta companhia quarenta portugueses, dos quarenta e seis que então aí nos achámos, porque por isso nos fez muitas vantagens em nossas fazendas, e confessou pùblicamente que levava gosto nisso, por onde não houve razão com que nos pudéssemos escusar.

173

como o pangueirão de pate, imperador de jaoa, foi com um grosso exército contra o rei de passarvão, e do que fez depois que lá chegou

Partido este rei da Sunda, deste porto de Banta, aos cinco dias do mês de Janeiro do ano de 1546, chegou aos dezanove à cidade de Japara, onde o rei de Demá, imperador desta ilha jaoa então se estava fazendo prestes com um exército de oitocentos mil homens, o qual sabendo da vinda deste rei da Sunda, que era seu cunhado e seu vassalo, o mandou receber à embarcação, por el-rei de Pana-

ruca, almirante da frota, o qual levou consigo cento e sessenta calaluzes de remo e noventa lancharas de lusões da ilha Bornéu, e com toda esta companhia o trouxe onde el-rei estava, do qual foi muito bem recebido e com honras muito avantajadas a todos os outros.

Passados catorze dias depois que chegámos a esta cidade de Japara, o rei de Demá se partiu na via do reino de Passarvão, embarcado em uma frota de dois mil e setecentos barcos, em que entravam mil juncos de alto bordo, e tudo o mais eram navios de remo, e aos onze dias de Fevereiro chegou ao rio de Hicanduré, que é na entrada da barra. E vendo o rei de Panaruca, almirante da frota, que os navios grossos não podiam ir surgir à cidade que estava dali a duas léguas, por respeito dos alfaques e bancos de areia que havia em algumas partes do rio, mandou desembarcar toda a gente dos navios grossos em terra, e os navios de remo foram ancorar no surgidouro da cidade, para queimarem as embarcações que em cima no porto estivessem. E assim o fizeram, na qual armada foi o pangeirão, imperador em pessoa, acompanhado de todos os grandes do reino.

O rei da Sunda, seu cunhado, que era general do campo. abalou por terra com a maior parte da gente, e depois de serem todos chegados ao lugar onde se havia de assentar o campo, que era defronte dos muros, se entendeu primeiro que tudo, na fortificação dele, e em ordenarem as estâncias para a artilharia com que se haviam de bater os lugares mais acomodados a seu propósito, no qual trabalho se gastou a maior parte do dia.

E passando aquela noite com muitas festas e regozijos, e com boa vigia, logo que foi manhã clara cada capitão se aplicou ao que convinha à sua obrigação, não cessando todos de trabalhar no que pelos engenheiros lhes era mandado, de maneira que neste segundo dia, toda a cidade ficou cercada em roda, de valos muito altos, com seus terraplenos fortificados com vigas muito fortes, sobre que assestaram muitas peças grossas, em que entraram algumas águias e leões de metal que os turcos e achéns lhe fundiram, da qual fundição fora mestre um renegado, algarvio de nação, que pelo nome de infiel que então tinha, se chamava Coje Geinal, e o que teve antes, quando era cristão, calo por honra da sua geração, porque não era de baixo sangue.

Os de dentro da cidade, advertindo-se do descuido que tinha passado por eles, em consentirem que os inimigos trabalhassem dois dias inteiros na fortificação do seu arraial pacificamente, e sem haver quem lhes fosse à mão, havendo aquilo por uma grande afronta sua, pediram ao seu rei que lhes desse licença para naquela noite seguinte os apalparem, porque de crer era que gente cansada e trabalhada, não podia ser muito senhora das armas, nem lhes poderia mostrar o rosto direito naquele primeiro ímpeto.

O rei que então era senhor deste reino de Passarvão, era mancebo e dotado de partes que o faziam ser muito benquisto e amado dos seus, porque segundo se dizia dele, era muito liberal e nada tirano, era bem inclinado para os pequenos do povo, e grandemente amigo dos pobres, e das viúvas, e tão largo para elas que, se lhe davam conta das suas necessidades, as socorria logo e lhes fazia mais mercê do que lhe pediam. E fora estas excelências, tinha outras algumas tão conformes com os desejos dos homens, que não havia nenhum que não aventurasse por ele mil vezes a vida, se tantas lhe fosse necessário; e juntamente com isto, tinha ali consigo toda a flor do seu reino, e todos gente manceba e muito escolhida, fora muitos forasteiros a que também fazia grossas mercês, e muitos favores e honras acompanhadas de boas palavras, que são os meios por onde se ganham as vontades dos pequenos e dos grandes, e se fazem de mansas ovelhas, bravos leões; e o contrário disto abate os ânimos de maneira que algumas vezes acontece, de bravos leões fazer mansas e tímidas ovelhas. Este rei, pondo

esta licença que os seus lhe pediam, no parecer dos mais velhos e prudentes que tinha consigo, depois que se alterou largamente sobre o sucesso que podia ter este negócio, se concluiu por parecer de todos que quando a fortuna de todo lhe fosse contrária nesta saída que queriam fazer contra os seus inimigos, ainda tomariam isso por menos mal e menos afronta sua, que verem seu rei cercado por uma gente tão baixa e tão vil, que, contra toda a razão e justiça, os queria por força obrigar a deixarem a fé em que seus pais os criaram, e aceitarem outra que ela novamente tinha tomado, por conselho e incitação de farazes, que não punham a salvação em mais que em lavar as partes traseiras, não comer porco, e casar com sete mulheres, pelo que estava claro e bem entendido da gente discreta, que Deus era muito seu inimigo, e os não havia de ajudar em coisa que cometessem, pois com tanta ofensa sua, sob cor de religião, e com razões mal concertadas, queriam que forçosamente seu rei fosse mouro e seu vassalo.

E assim a este modo deram outras muitas razões que a el-rei e a todos os que estavam presentes, quadraram tanto, que todos a uma voz disseram:

— Tão próprio e tão devido é, ao bom e leal vassalo, morrer por seu rei, como à mulher virtuosa manter castidade ao marido que Deus lhe deu, pelo que não convém dilatar-se uma coisa tão importante, senão em mostrarmos todos em geral, e cada um em particular, no efeito desta saída, o amor que temos ao nosso bom rei, e o que ele deve ter ao sangue dos que melhor pelejarem, porque isto sòmente queremos nós deixar por herança a nossos filhos.

E com isto ficou determinado que saíssem aquela noite contra os inimigos.

174

como da cidade saíram doze mil amoucos, e do que fizeram contra os inimigos

Sendo passadas as duas horas depois da meia-noite, como o alvoroço desta saída era geral em todos os da cidade, não deu ele lugar a esperarem que fossem chamados, mas antes do tempo que el-rei lhes limitara, se juntaram no passeivão das casas reais, que é um grande terreiro onde os naturais da terra costumam fazer suas feiras e suas festas notáveis nos dias insignes das invocações dos seus pagodes.

El-rei, contente assaz de ver neles tanto fervor e tanto ânimo, entre todos os setenta mil que então havia na cidade, escolheu sòmente doze mil para que fossem neste feito, e os repartiu em quatro bandeiras de três mil cada uma, das quais foi como general um tio de el-rei, irmão de sua mãe, chamado Quiay Panaricão, homem que por experiência tinha já mostrado ser muito para este feito, e que também levava a seu cargo a primeira bandeira; da segunda, ia como capitão outro mandarim principal que se chamava Quiay Ansedá; da terceira, um estrangeiro, champá de nação, natural da ilha Bornéu, de nome Necodá Solor; e da quarta, outro a que chamavam Pambacalhujo; todos muito bons capitães, e muito esforçados e práticos na guerra.

E sendo já todos prestes, el-rei lhes fez outra fala de novo, em que brevemente lhes tornou a trazer à memória a confiança que neles tinha para aquele feito, e lhes certificou que em cada um deles lhe ia o seu coração, e dentro dele

lhe ficavam os de todos os quatro capitães, e juntamente os de todos os irmãos seus e leais vassalos que com eles iam.

Após isto, para os animar mais e os confirmar no seu amor, tomou um copo de ouro e a todos deu de beber por sua mão, e aos que não deu, pediu por isso muitos perdões, com as quais palavras e mostras de amor do seu rei, ficaram todos tão animados que, sem esperarem mais, se untaram os mais deles, com minhamundi, que é uma certa confeição de azeite cheiroso com que esta gente em tais casos como estes, costuma se untar para remate de toda a determinação que levam, de morrer, e a estes que se untam desta maneira, chama o vulgar da gente, amoucos.

Chegada a hora em que estava determinado que saíssem, se abriram quatro portas de doze que havia na cidade, por cada uma das quais saiu um dos quatro capitães, com a sua companhia, mandando diante, para espiarem o campo, seis ourobalões dos mais esforçados ambarrajas que el-rei tinha consigo, a que deu novos títulos de nomes honrosos, acompanhados de muitas e grandes mercês, que é o que costuma dar ânimo aos fracos, a acrescentá-lo aos ousados. Os quatro capitães se foram logo nas costas dos seis espias que levavam diante, e se foram juntar todos num lugar certo, por onde haviam de acometer os inimigos, e dando de súbito no corpo da gente, com o ímpeto que lhes ensinava a determinação que levavam, pelejaram tão esforçadamente que em menos de uma hora que a força da briga durou, os doze mil passarvões deixaram mortos no campo, mais de trinta mil dos inimigos, fora os feridos, que foram em muito maior quantidade, de que depois morreram muitos, e foram cativos três reis, e oito pates, que são como duques; e o rei da Sunda, com quem íamos os quarenta portugueses, escapou com três lançadas, em cuja defesa morreram catorze deles, e os mais foram muito feridos, e o arraial esteve numa tamanha confusão que quase esteve de todo perdido, e o pangueirão de Pate, imperador de Demá, foi atravessado

com um zarguncho e esteve no rio meio afogado, sem haver quem lhe pudesse valer, donde se pode entender quanta força tem uma surpresa destas com gente descuidada, porque primeiro que estes entrassem em si, e os capitães pusessem a gente em ordem, estiveram por duas vezes postos de todo em desbarato.

Logo que foi manhã, em que se pôde bem ver a verdade deste negócio, os passarvões se recolheram à cidade muito a seu salvo, sem perderem dos seus, mais que só novecentos, e dois ou três mil feridos, o qual bem afortunado sucesso criou depois nos cercados uma tal ufania e confiança, que isso foi causa de lhes acontecerem depois alguns desastres.

175

como o rei de passarvão, com dez mil conjurados, saiu fora contra os inimigos, da peleja que teve com eles, e do sucesso dela

Grandemente ficou sentido e enojado, el-rei de Demá, com o desastre deste dia, tanto pela afronta que recebera dos de dentro, e perda dos seus, como por ver quão mal lhe sucedera o princípio deste cerco, e deu por isso algumas vezes alguns remoques, e outras vezes repreensões claras ao nosso rei da Sunda, porque sendo ele general do campo, pusera tão má vigia nele, e a ele sòmente punha a culpa da muita desordem que houvera em todos. E depois de se prover no remédio dos feridos, e em despejar o campo, dos

mortos, mandou chamar a conselho todos os reis, sanguis de Pates, e capitães, tanto do mar como da terra, e lhes disse que ele tinha feito voto solene, e jurado num moçafo de Mafamede, que é o livro da sua lei, não deixar perder aquele cerco até pôr a cidade por terra, ainda que por isso perdesse todo o seu estado, pelo que lhes jurava a eles também que se algum por razão alguma lho contrariasse, ainda que lhes parecesse o contrário disto que lhes dizia, o havia de mandar matar; o que gerou em todos os circunstantes um tamanho medo, que nenhum deles ousou o contradizer, mas antes em tudo lhe louvaram aquela sua determinação.

E com isto, mandou com muita presteza fortificar de novo o arraial, com cavas e valos, e muitos baluartes de pedra ensossa, guarnecida por dentro de seus terraplenos, e lhes mandou pôr muita artilharia de bronze, com o que o campo ficou muito mais forte que a mesma cidade, pelo que os de dentro diziam muitas vezes de noite aos de fora que vigiavam, que na fortaleza do seu arraial se enxergava quão fracos de ânimo eles eram, pois em vez de virem cercar seus inimigos como homens esforçados, se cercavam a si mesmo como mulheres fracas; que tornassem para suas casas, e fiassem nas rocas, e lhes seria mais proveitoso, já que não prestavam para outra coisa. E com estas afrontas e outras muitas a este modo, lhes davam continuamente muitas matracas, de que os de fora se haviam por muito afrontados.

Durando este cerco quase três meses contínuos, dentro do qual tempo se deram cinco baterias de artilharia, e três assaltos à escala vista, com mais de mil escadas, sempre os de dentro se defenderam com muito ânimo, como homens muito esforçados, fortificando-se por dentro, nos lugares caídos, com contramuros que faziam da madeira que tiravam das casas, de maneira que todo aquele grande poder do pangueirão, que era, como atrás disse, de oitocentos

mil homens, ainda que agora, pela perda passada, estivesse já algum tanto diminuída, nunca os pôde tomar.

Pelo que, vendo o engenheiro principal do campo, que era um renegado, maiorquino de nação, que este negócio não sucedia tanto ao saber de el-rei como lhe tinha metido em cabeça, determinou de o levar por outra via diferente, e criou de novo uma grande serra feita de entulho de terra e faxina, fortificada com seis ordens de vigas, e veio chegando com ela tanto para a cidade, que em nove dias sobrelevou por cima do muro quase uma braça, na qual serra assestou quarenta peças de artilharia grossa, e outra maior soma de falcões e berços, com que começou a varejar por cima toda a cidade, o que aos de dentro fazia muito dano.

El-rei, entendendo que esta invenção era o meio mais certo que podia haver para sua perdição, assentou com dez mil conjurados que para isto se lhe ofereceram, a que por título honroso pôs o nome de tigres do mundo, acometerem esta serra, o que logo quiseram pôr em obra, e el-rei, para os mais animar, quis ir como seu capitão, ainda que o peso todo deste negócio se governasse pelos quatro panaricões da saída primeira.

E dando uma manhã quase sol saído, no rosto desta força onde toda a artilharia estava assestada, a acometeram tanto sem medo que em cerca de dois ou três credos, a maior parte deles se pôs em cima, e acometendo logo os inimigos, que seriam mais de trinta mil, os desbarataram a todos em menos de um quarto de hora.

O pangueirão de Pate, vendo o desbarato dos seus, acudiu ele em pessoa, com um peso de gente, e cometendo subir à serra, com vinte mil amoucos que trazia diante, os passarvões, por quem ela então estava, lha defenderam tão esforçadamente, que quase faltam palavras para o declarar.

E durando assim esta sanguinolenta briga quase até à tarde, o passarvão, que então já tinha perdida a maior parte dos seus, se retirou para dentro dos muros sobre que a serra encostava, mas primeiro lhe mandou pôr fogo por seis ou sete partes, o qual ateado nos barris das munições de que nela havia ainda uma grande quantidade, em pouco espaço foi em tanto crescimento, que a mais de tiro de besta não havia quem o pudesse esperar, de maneira que ele só foi bastante para apartar então estes inimigos, e o impedimento que tiveram para não poderem chegar mais uns aos outros, o que foi causa de a cidade escapar por esta vez, do perigo em que esteve. Mas não custou isto tão barato aos passarvões, que dos dez mil da conjuração não ficassem no alto da serra, seis mil. E do pangueirão se afirmou que morreram mais de quarenta mil, no conto dos quais entraram três mil estrangeiros de diversas nações, de que a maior parte foram achéns, turcos, e malabares, e doze pates, cinco reis, e outra soma de capitães e gente muito nobre.

76

como acaso se tomou aqui um português gentio, e da conta que nos ele deu de si

Toda aquela triste noite se passou com assaz de prantos, gritas e lamentações de ambas as partes, porque em cada uma delas houve muito que sentir, e em toda ela não houve quem pudesse ter algum repouso, porque todos, tanto os de dentro como os de fora, a gastaram quase toda em curarem os feridos, e lançarem os mortos ao rio.

Ao outro dia, logo que foi manhã, vendo o pangueirão de Pate quão mal até então lhe tinha sucedido esta sua empresa, e não bastando isso para querer de algum modo desistir dela, como por alguns dos seus foi aconselhado, mandou outra vez aparelhar toda a gente, para dar um assalto à cidade, parecendo-lhe que já os cercados não podiam ter forças para lha defenderem, pois tinham já a maior parte dos muros rasos com o chão, as munições todas gastas, muita gente morta, e o rei, segundo se dizia, muito ferido.

E para se certificar mais disto, mandou pôr alguma gente em cilada, em certos passos por onde teve novas que os comarcãos haviam de passar com ovos, e galinhas, e outras coisas que levavam à cidade para os doentes. Estes que ele mandou para este efeito, vieram aquela mesma noite ao arraial já quase manhã, e trouxeram nove homens presos, entre os quais vinha um português; e depois que oito foram despedaçados com tratos, prepararam o português (que acertou a ser o derradeiro) para lhe fazerem o mesmo, o qual, parecendo-lhe que pela confissão de quem era, poderia ser livre, ao primeiro trato disse gritando, que era português, o qual até então não sabia nada de nós, nem nós o conhecíamos como tal.

O nosso rei da Sunda, quando isto ouviu, fez cessar os tratos e nos mandou logo chamar para ver se era verdade o que aquele homem dizia, e seis de nós, os que menos feridos estávamos, fomos logo ter com ele à sua estância, onde chegámos com assaz de afronta e de trabalho, e, vendo o homem, nos pareceu à primeira vista que era português, e prostrando-nos todos aos pés de el-rei, lhe pedimos que nos quisesse dar aquele homem, pondo-lhe diante as razões que havia para nos fazer aquela mercê, pois era português como nós; e ele no-lo concedeu levemente, pelo que de novo nos prostrámos todos por terra e lhe beijámos os pés. Dali trouxemos este homem connosco ao lugar onde os nossos companheiros jaziam feridos, e lhe perguntá-

mos se na verdade era português, porque tal vinha o triste, que nem pela fala o podíamos bem conhecer. E ele, depois que de todo acabou de entrar em si, chorando muita quantidade de lágrimas, nos disse:

— Eu, senhores e irmãos meus, sou cristão, ainda que no trajo vo-lo não pareça, e português de pai e mãe, natural de Penamacor, e chamam-me Nuno Rodrigues Taborda, e vim do reino na armada do marechal, no ano de 1513, na nau *S. João*, de que era capitão Rui Dias Pereira; e por eu ser um homem honrado, e que de mim dei sempre mostras disso, Afonso de Albuquerque, que Deus tenha na glória, me fez mercê da capitania de um bergantim, de quatro que ainda sòmente havia na Índia, naquele tempo, e me achei com ele na tomada de Goa, e de Malaca, e o ajudei a fazer Calecute, e Ormuz, e me achei presente em todos os feitos honrosos que se fizeram tanto em seu tempo, como no de Lopo Soares, e no de Diogo Lopes de Sequeira, e dos outros governadores até D. Henrique de Meneses, que sucedeu por morte do Vice-rei D. Vasco da Gama, que no princípio da sua governança proveu a Francisco de Sá, de uma armada de doze barcos, em que levava 300 homens para fazer fortaleza em Sunda, pelo receio que então se tinha dos castelhanos que naquele tempo continuavam até Maluco, pela nova viagem que o Magalhães descobrira, na qual armada eu vim como capitão em um bergantim a que chamavam *S. Jorge*, com vinte e seis homens muito esforçados. Partimos da barra de Bintão, quando Pêro Mascarenhas o destruiu, e sendo tanto avante como a ilha de Língua, nos deu um tempo tão forte que não o podendo pairar, nos foi forçoso arribarmos à Jaoa, onde dos sete navios de remo que éramos, se perderam seis, dos quais foi um o meu, por meus pecados, porque vim dar à costa aqui nesta terra em que agora estamos, há já vinte e três anos, sem de todos os que vínhamos no bergantim, escaparem mais que só três companheiros, dos quais eu só agora sou vivo, e prouvera a Deus Nosso Senhor que antes fora morto, porque sendo

eu por muitas vezes acometido por estes gentios a que quisesse seguir suas opiniões, o não quis fazer, durante muito tempo. Mas como a carne é fraca, e a fome é grande, e a pobreza muito maior, e a esperança da liberdade era perdida, a distância do mesmo tempo e os meus pecados foram causa de condescender a seus rogos, por onde o pai deste rei me favoreceu sempre. E porque eu ontem fui chamado de um lugar em que vivia, para vir curar dois homens nobres, dos principais desta terra, quis Nosso Senhor que me tomassem estes perros, para o eu ficar sendo menos, pelo que Nosso Senhor seja bendito para todo o sempre.

Tão espantados ficámos todos disto que este homem nos disse, quanto o requeria a novidade de tão estranho caso. E consolando-o então como nós soubemos, e com as palavras que nos pareceram necessárias para o tempo em que estávamos, lhe dissemos se se queria ir connosco para a Sunda porque daí se iria para Malaca, onde prazeria a Nosso Senhor que acabasse a vida cristãmente, e em seu serviço, a que ele respondeu que sim, porque nunca outra coisa desejara mais que essa. E logo o prouvemos de outro vestido mais cristão que o que trazia, e o tivemos ali sempre connosco, enquanto durou o cerco.

177

como el-rei de demá foi morto por um estranho caso, e do que sucedeu depois da sua morte

Tornando agora ao propósito de que íamos tratando, sendo o pangueirão de Pate, rei de Demá, informado pelos inimigos que os seus tomaram, do fraco estado em que a cidade estava, e da muita gente que lhe era morta, e que as munições eram todas gastas, e que el-rei estava muito ferido, se lhe acendeu muito mais o desejo de dar à cidade o assalto que tinha assentado, e determinou de o dar à escala vista, e com muito maior força que o primeiro, para o que, no arraial se fizeram logo grandes apercebimentos, e se lançaram pregões por porteiros de maças de prata, a cavalo, os quais depois de se tangerem muitas trombetas, diziam em vozes altas:

— O pangueirão de Pate, o senhor das terras que cercam os mares pela potência do que tudo criou, descobrindo em geral a todos os ouvintes o segredo do seu peito, vos manda dizer que de hoje a nove dias estejais todos prestes, com ânimos de tigres, e com forças dobradas para um assalto que determina dar à cidade, e promete liberalmente muitas mercês, tanto de dinheiro como de nomes honrosos, aos primeiros cinco que arvorarem o guião no muro dos inimigos, ou fizerem feitos agradáveis à sua vontade; e os que isto não cumprirem conforme ao que se espera, morrerão por justiça, sem se lhes ter nenhum respeito.

O qual pregão e ameaços fizeram em todo o arraial tamanho abalo, e causaram tamanho medo, que os capitães começa-

ram logo a se aperceber de tudo o que lhes era necessário para o assalto, sem levantarem mão nem de dia nem de noite, com tamanho estrondo de tangeres, apupos, e gritas, que era coisa de espanto.

E, sendo já destes nove dias, passados sete, estando o pangueirão uma manhã em conselho com os principais senhores do exército, sobre o modo que se havia de ter no dar deste combate, como, quando, por onde, e em que tempo havia de ser, e outras coisas necessárias, dizem que houve entre todos, grandes debates, por haver muita diversidade nos pareceres, pelo que o pangueirão quis tomar os votos de todos, por escrito.

Neste meio tempo, pediu a um moço pequeno, seu pajem, que estava junto dele, o bétere, que são umas certas folhas como de tanchagem, que eles costumam comer continuamente, porque lhes faz bom bafo e purga as humidades do estômago, e parece que quando o pediu ao moço, ele o não ouviu, e este moço seria de doze até treze anos, e aponto-lhe a idade porque me pareceu necessário para o que hei-de dizer. E tornando o pangueirão a continuar com a prática em que estava, se lhe secou a boca com a cólera, e tornou a pedir o bétere, que o moço tinha numa boceta de ouro, o que também aquela segunda vez não ouviu, porque estava então com o sentido no que uns e outros falavam; e tornando el-rei pela terceira vez a pedir o bétere, um dos senhores que estava junto do moço, lhe puxou pelo vestido, e lhe acenou a que desse o bétere a el-rei, o que ele logo fez, e pondo-se de joelhos diante dele lhe ofereceu a boceta que tinha nas mãos, de que el-rei tomou duas ou três folhas como antes costumava, e tocando-lhe levemente e sem paixão com os dedos na cabeça, lhe disse:

— És surdo, ou não ouves?

E tornou a continuar com a prática em que estava.

Esta nação dos jaos é a mais opiniática de todas quantas há na terra, e sobretudo muito atraiçoada e desconfiada, e tem por cume de todas as desonras e injúrias que se lhe podem fazer, tocarem-lhe na cabeça, por onde aquele moço, logo que el-rei lhe tocou com os dedos da maneira que disse, havendo que era aquilo um notável desprezo com que ficava desonrado, esteve impando um espaço, sem ninguém fazer caso do que el-rei lhe fizera, nem atentar nisso, por fim do qual se determinou em se satisfazer daquela injúria que el-rei lhe fizera, e puxando de uma faquinha que por brinco trazia na cinta, a meteu em el-rei pelo meio da teta esquerda, de que logo caiu morto, sem dizer mais que sòmente «Quita mate»: «Ai que me matou», com a qual novidade foi tamanha a revolta dos senhores que estavam presentes, que não me atrevo a poder declará-la. E depois de se aquietarem algum tanto, se proveu primeiro que tudo, na cura de el-rei, a qual lhe não aproveitou, por ser a ferida pelo coração, de que não viveu mais que duas horas. O moço foi logo preso e metido a tormento, por algumas suspeitas que se tiveram; porém ele não confessou nada, nem disse mais senão que fizera aquilo porque lhe viera à vontade, pelo co que el-rei lhe dera na cabeça, em seu desprezo, como se fazia a qualquer cão que ladrava de noite pela rua, sendo ele filho do pate Pandor, senhor de Surobaiá. Porém o moço foi espetado vivo em um caloete de razoável grossura, que lhe meteram pelo sexo e lhe saiu pelo toutiço, e o mesmo se fez também a seu pai, e a três irmãos seus, e a sessenta e dois seus parentes, de maneira que de toda a sua geração não ficou a quem se conservasse a vida, a qual justiça tão sobejamente cruel e rigorosa, foi causa de haver muito grandes levantamentos em toda a Jaoa, e ilhas de Bale, Timor, e Madura, que são estados muito grandes, em que há vice-reis que distintamente os governam com poder de mero e misto império, pela ordem antiga de seus gentílicos costumes.

Acabada de fazer esta justiça, se deu logo ordem do que

se faria do corpo de el-rei, sobre o que, entre todos, houve grandes debates, dizendo por uma parte que se o deixassem ali enterrado, era tanto como ficar cativo em poder dos passarvões, e por outra, que se o levassem a Demá, onde tinha o seu jazigo, de necessidade que se havia de corromper antes que lá chegasse, e que enterrando-o assim podre e corrupto, não podia sua alma ir ao paraíso, conforme a lei de Mafamede, em que novamente morrera.

E consultando todos entre si, sobre o melhor talho que se podia dar a isto, vieram por fim a se resolver no que um dos nossos portugueses lhes aconselhou, o qual conselho foi de tanto proveito ao português que o deu, que lhe montou a mais de dez mil cruzados que os senhores ali logo lhe deram de esmola, pelo serviço que então fizera ao defunto, e o português não disse mais senão que o metessem em uma arca cheia de cânfora e de cal, e o enterrassem em um junco grande que fosse cheio de terra. E ainda que a coisa fosse tão fácil, foi boa ventura do português parecer--lhes a eles bem. E desta maneira foi o corpo de el-rei até Demá, sem corrupção nem cheiro mau nenhum.

178

do que mais sucedeu até este exército ser embarcado, e de uma grande discórdia que em demá houve entre dois homens principais da cidade, e do desventurado sucesso que teve

Logo que o corpo de el-rei foi levado ao junco onde o enterraram, o nosso rei da Sunda, general do campo, mandou logo embarcar a artilharia e munições, e pôr a recato toda a recâmara de el-rei, e todo o tesouro que estava nas tendas, e conquanto isto se fizesse com toda a pressa e silêncio que convinha, nem isso bastou para os inimigos deixarem de sentir o que eles faziam. E saindo então o próprio rei em pessoa com só três mil da conjuração passada, que por voto solene se untaram todos com minhamundi para amoucos, deram nos inimigos que a este tempo andavam ocupados a despejar o campo, e os trataram de maneira que em espaço de meia hora, que durou a força da peleja, ficaram derrubados no campo doze mil homens, e dois reis e cinco pates cativos, com mais trezentos turcos, e abexins, e achéns, e o seu caciz Moulana dignidade suprema na seita mafomética, e por cujo conselho o pangueirão ali tinha vindo, e foram queimadas quatrocentas embarcações que neste tempo estavam abicadas em terra, em que estavam os feridos, de maneira que todo o campo esteve quase perdido. E tornando-se a recolher a seu salvo, sem perder mais que só quatrocentos dos seus, os deixou embarcar no mesmo dia, que foi a nove de Março, os quais depois de

embarcados com toda a pressa possível, se partiram logo para a cidade de Demá, levando consigo o corpo do pangueirão, onde, chegado, foi recebido de todo o povo com grandes gritas e prantos que geralmente se fizeram por ele.

E logo ao outro dia se fez resenha de toda a gente, para se saber a que era morta, e se achou que faltavam cento e trinta mil homens, e dos passarvões se disse que faltaram sòmente vinte e cinco mil, porque nunca estas coisas custam tão pouco, por mais baratas que a ventura as venda, que os campos não fiquem tintos do sangue dos vencedores, quanto mais dos vencidos, a quem estas coisas costumam sempre ser muito mais custosas.

Neste mesmo dia se tratou de fazerem pangueirão, que, como já algumas vezes tenho dito, é dignidade imperial sobre todos os pates e reis daquele grande arquipélago a que os escritores chins, tártaros, japões e léquios nomeiam por «Rate na quem dau», que quer dizer «Pestana do mundo», como se pode ver num mapa, se for verdadeiro na graduação das alturas.

E como então, do morto não ficou legítimo sucessor que herdasse esta coroa, determinaram que se fizesse por eleição, para o que logo, por consentimento de todos, se elegeram dezasseis homens como cabeças de todo o povo, os quais entre si elegeriam o pangueirão. Estes se recolheram todos numa casa, e fazendo aquietar a cidade, estiveram juntos sete dias, sem em todos eles se determinarem no que havia de ser eleito, porque como eram oito os oponentes, e estes eram os principais senhores do reino, houve entre os eleitores muitas diferenças de pareceres, porque como os mais deles, ou quase todos, eram parentes, ou parentes dos parentes destes oito, cada um deles trabalhava para fazer pangueirão aquele que lhe a ele mais cumpria.

Pelo que, vendo a gente do povo e os soldados da armada esta tamanha tardança, parecendo-lhes que este negócio não

teria já conclusão, nem haveria justiça que os castigasse, se começaram a desavergonhar com tamanha soltura e atrevimento, e a roubar os mercadores que estavam no porto, tanto naturais como estrangeiros, que só em quatro dias se afirmou que tomaram cem juncos, onde mataram mais de cinco mil homens, a que o rei de Panaruca, e príncipe de Balambuão, que era almirante do mar daquele império, acudiu com muita pressa, e dos delinquentes que se acharam naquele flagrante com o fruto nas mãos, mandou uma manhã enforcar oitenta ao longo da praia, para terror dos que os vissem.

O Quiay Ansedá, pate de Cherbom, que era governador da cidade, e muito poderoso nela, vendo o que o rei de Panaruca tinha feito, e parecendo-lhe que o fizera em seu desprezo, pois não tivera respeito ao cargo que ele tinha, o tomou tão a mal, e ficou tão desconfiado, que juntando logo a si, seis ou sete mil homens, deu nas casas onde pousava o rei da Panaruca, e o quisera prender por isso, mas o Panaruca lhe resistiu com os que então tinha consigo, e teve com ele, segundo se disse, muitos cumprimentos e justificações, que o Quiay Ansedá não sòmente lhe não quis aceitar, mas entrando-lhe por força em casa, lhe matou trinta ou quarenta dos seus, ao qual ruído se juntou tanta gente que era coisa de espanto, porque como ambos eram grandes senhores, e muito aparentados, e um era almirante da frota, e outro governador da cidade, teceu o demónio esta discórdia entre ambos, de tal maneira que se a noite se não metesse no meio, o que fez apartar a briga, por sem dúvida tenho que ali haveriam de acabar quase todos.

Porém, não se acabou por aqui a desventura daquele negócio, porque vendo a gente da armada (que ainda a este tempo seriam mais de seiscentos mil homens), que o rei de Panaruca, seu almirante, fora afrontado pelo Quiay Ansedá, governador da cidade, querendo-se satisfazer de tamanha injúria, se desembarcaram todos em terra naquela mesma

noite, sem o Panaruca ser poderoso para lho estorvar, conquanto nisso trabalhasse quanto pôde, e dando nas casas do Quilay Ansedá, o mataram com mais de dez mil homens que tinha consigo, e não contentes com isto, deram em toda a cidade por dez ou doze partes, e começando a matar e a saquear tudo o que achavam, a trataram de tal maneira que em só três dias que durou o saque, não ficou nela coisa em que se pudesse pôr os olhos, com uma união de gritos e choros tão espantosos que ao juízo dos homens parecia que se fundia a terra, por fim do que, para não gastar nisto mais palavras, a coisa parou em o fogo a consumir de maneira que até aos alicerces, tudo foi abrasado, em que se afirmou que arderam mais de cem mil casas, e se meteram à espada trezentas mil pessoas, e se cativaram quase outras tantas, que se levaram de veniaga para diversas partes, e se roubou infinidades de fazendas muito ricas, de que só em prata e ouro se afirmou que passara de quarenta contos de ouro, e os mortos e cativos, em quinhentas mil pessoas. E este foi o fim que teve o mau conselho de um rei moço, criado entre mancebos, e governado por sua vontade, sem ter quem lha contradissesse.

179

de tudo o mais que sucedeu até nos partirmos para o porto da sunda, e daí para a china, e da desavença que nesta viagem tivemos

Passados os três dias que durou esta tão cruel e tão espantosa revolta, logo tudo ficou pacífico e posto em quietação, e temendo então os principais daquele motim, que logo que fosse eleito o pangueirão, recebessem eles o castigo que mereciam por tão grave crime, se fizeram logo todos à vela, antes de se verem em perigo, e se partiram na mesma armada em que estavam embarcados, sem o rei da Panaruca, seu almirante, ser poderoso para lho tolher, antes esteve por duas vezes em risco de se perder, por isso, com alguns poucos que tinha da sua parte. E assim, em só dois dias se despejou o porto de todos os dois mil barcos que nele estavam, sem ficarem nele mais que alguns jurupangos de mercadores, ficando a terra toda abrasada e consumida.

Pelo que, juntando-se esses poucos senhores que ainda havia, assentaram passar à cidade de Japara, a cinco léguas dali para a costa do mar mediterrâneo, e logo o puserem em obra, onde passados depois de sossegar o tumulto da gente plebeia, que ainda então era sem conto, se concluiu no eleger do pangueirão, o qual vocábulo pròpriamente quer dizer imperador, e logo foi eleito um pate Sidaio, príncipe de Surubaiá, que não foi nenhum dos oito oponentes, porque assim pareceu necessário para o bem comum e quietação da terra, de que o povo todo ficou muito satisfeito, e logo o man-

daram buscar pelo Panaruca a um lugar dali a doze léguas, onde ele então estava, a que chamavam Pisamanes, o qual veio dali a nove dias, acompanhado de mais de duzentos mil homens embarcados em mil e quinhentos calaluzes, e jurupangos, onde foi recebido de todo o povo, com mostras de muita alegria, e foi logo coroado com todas as cerimónias costumadas, por pangueirão de toda a Jaoa, e Bale, e Madura, que é uma muito grande monarquia de gente, poder e riqueza.

E após isto, se passou logo a Demá, com fundamento de a tornar a edificar de novo, e pô-la no estado em que antes estava, onde a primeira coisa em que entendeu foi em castigar os que se achasse que foram culpados no saque da cidade, e entre uma tamanha multidão deles, não se acharam já mais que cinco mil sòmente, porque os outros todos eram já fugidos para diversas partes, e a todos estes desventurados, em quatro dias que esta execução durou, se deram dois géneros de mortes sòmente: uns espetavam vivos em caluetes, e outros queimaram nas mesmas embarcações em que foram tomados, de modo que não houve dia, destes quatro, em que não morresse muito grande quantidade deles, de que todos os portugueses que aí nos achámos, andávamos como pasmados.

E como então toda a terra andava revolta sem haver quietação em coisa nenhuma, pedimos licença ao rei da Sunda para nos irmos para o porto de Banta onde estava o nosso junco, pois a monção da China era já chegada, e era tempo de fazermos nossa viagem, a qual nos ele deu muito levemente, e nos fez quita dos direitos de nossas fazendas, e nos deu cem cruzados a cada um, e aos catorze que morreram na guerra, deu a cada um, trezentos para seus herdeiros, que nós tivemos então por esmola honrosa e de príncipe bem inclinado e largo de condição, e de que todos ficámos muito contentes. Com isto nos fomos logo ao porto de Banta, onde nos detivemos doze dias, acabando de nos aviar para fa-

zermos nossa viagem, e nos partimos para a China, em companhia de outros quatro navios que para lá iam, e levámos connosco o João Rodrigues, que era o português gentio de atrás fiz menção que achámos em Passarvão, o qual era brâmane de um pagode de nome Quiay Nacorel, e ele se chamava «Guaxitau facalem», que quer dizer «Conselho de santo».

Este João Rodrigues, depois que chegou à China, se embarcou para Malaca, onde foi de novo reconciliado à nossa santa fé católica, e se lhe deu por penitência que servisse no hospital dos incuráveis um ano, e ele o fez, no fim do qual tempo acabou sua vida, com mostras de bom e verdadeiro cristão, por onde me parece que poderemos crer que Nosso Senhor houve misericórdia com sua alma, pois ao cabo de tantos anos de infiel, o guardou para vir morrer em seu serviço, pelo que ele seja louvado para todo o sempre.

Chegados todos os cinco navios que partimos da Sunda, ao porto do Chincheu, onde naquele tempo os portugueses faziam seus tratos, estivemos nele três meses e meio, com assaz de trabalho e risco de nossas pessoas, por andar a terra então toda revolta, e os povos amotinados, e com grandes armadas por toda a costa, por causa dos muitos roubos que os japões corsários tinham feito nela, de maneira que não havia quietação para se poder fazer fazenda, nem os mercadores ousavam sair de suas casas, pelo que, constrangidos nós pela necessidade, nos passámos ao porto de Chabaque, onde achámos surtos na barra, cento e vinte juncos, os quais depois que tiveram connosco alguma briga, nos tomaram, dos cinco navios, três, em que morreram quatrocentas pessoas cristãs, de que oitenta e dois foram portugueses.

Os outros dois navios que milagrosamente escapámos, nos fizemos na volta do mar, e não podendo mais ferrar a terra por causa dos ventos lestes, que todo aquele mês nos cursaram, nos foi forçoso irmos demandar a costa da Jaoa, bem

contra nossa vontade. E havendo já vinte e seis dias que trabalhosamente velejávamos por nossa rota, houvemos vista de uma ilha a que chamavam Pulo Condor, a qual nos distava em altura de oito graus e um terço, a noroeste-sueste com a barra do reino Camboja, e sendo já quase tanto avante como ela, nos deu um tempo do sul, de tormenta de ventos tão impetuosa que de todo estivemos perdidos; e vindo correndo com ele em árvore seca, vimos a ilha de Língua, onde a tormenta nos assaltou a oés-sudoeste, com um vento tão rijo de escarcéu e mares cruzados, que por nenhum modo nos podíamos aproveitar de barco nenhum. E receosos nós das restingas e baixos que nos demoravam por proa, pairámos com o navio de mar em través, até que depois de um grande espaço, nos abriu pela sobrequilha da popa, com nove palmos de água na primeira coberta, pelo que, vendo nós a morte já tão abraçada connosco, nos foi forçoso cortarmos ambos os mastros e alijarmos toda a fazenda ao mar, com o que o junco ficou algum tanto mais desafogado.

E vindo assim ao som do mar o que restava do dia, e alguma parte da noite, permitiu Deus Nosso Senhor, pela inteireza de sua divina justiça, que, sem sabermos como, nem vermos coisa nenhuma, varássemos por cima de uma restinga de pedras, na qual o junco se fez em quatro pedaços, com morte de sessenta e duas pessoas. E como este desventurado sucesso nos tirou de todo o sentido e as forças, nenhum de nós houve que se lembrasse de procurar meio nenhum de sua salvação, como fizeram os chins que levávamos no junco como marinheiros, que foram tão industriosos que antes que fosse manhã, tinham feito uma jangada dos pedaços de paus e das tábuas que puderam haver às mãos, e com as cordas das velas as ataram de maneira que quarenta estavam em cima, bem à vontade; e como este tempo era aquele pelo qual se disse: «nem o pai pelo filho, nem o filho pelo pai», cada um procurava por si só, sem lhe lembrar outra nenhuma coisa, tanto chins marinheiros como escravos nossos, tanto que pedindo Martim Esteves, capitão e senhorio

do junco, aos seus próprios moços que estavam na jangada, que o quisessem recolher consigo, lhe responderam que por nenhum caso podia ser; o que, chegando às orelhas de um dos da nossa companhia, de nome Rui de Moura, não podendo sofrer a ingratidão e descortesia com que já todos nos tratavam, se ergueu em pé do lugar onde jazia assaz ferido, e nos fez a todos uma breve prática, em que nos disse que nos lembrássemos quão afrontosa e aborrecida era a covardia, e que víssemos quão necessário nos era para nossa salvação trabalhar para tomarmos aquela jangada, e outras muitas palavras a este modo, as quais, de tal maneira nos aviventaram os espíritos, que determinados todos num propósito com um novo esforço que nos então deu a honra e a necessidade, remetemos vinte e oito portugueses, que éramos, todos num corpo aos quarenta chins que já então estavam na jangada, nós com nossas espadas, e eles com as machadinhas que tinham nas mãos, e nos baralhámos uns com os outros, de maneira que em espaço de três ou quatro credos, os quarenta chins foram todos mortos, e dos vinte e oito portugueses, dezasseis, e doze escaparam assaz feridos, de que ao outro dia morreram quatro, coisa certo nunca cuidada nem imaginada e em que se pode ver claramente a miséria da vida humana, porque havendo menos de doze horas que nos abraçávamos todos, e nos tratávamos com tanto amor que morreríamos todos uns pelos outros, nos trouxeram nossos pecados e tamanho extremo de necessidade, que sobre quatro pedaços de pau, atados com duas cordas, nos matámos todos uns aos outros tanto sem piedade como se fôramos inimigos mortais ou outra coisa ainda pior. Mas também parece que em parte nos desculpa ser a necessidade tamanha, que nos forçou a fazermos desatino.

180

do que nos sucedeu depois que nos partimos desta restinga

Depois que ficámos senhores desta triste jangada, à custa de tanto sangue, tanto nosso como dos chins, nos metemos nela trinta e oito pessoas, das quais doze eram portugueses e os mais, moços nossos, e alguns meninos filhos de portugueses; e os mais de nós íamos muito feridos, de que depois nos morreram quase todos, e por sermos muitos e a jangada muito pequena, íamos nela metidos na água até ao pescoço. Contudo, desta maneira nos desamarrámos desta triste restinga, um sábado, dia de Natal do ano de 1547, e com um só pedaço de colcha nos fomos ao som do mar para onde a água nos queria levar, sem termos outra agulha nem outra guia senão sòmente a esperança que levávamos em Deus Nosso Senhor, por quem continuamente chamávamos com assaz de suspiros e gritos, envoltos em muita quantidade de lágrimas.

Desta maneira navegámos quatro dias, sem em todos eles comermos coisa alguma, e quando veio o quinto, pela manhã, forçou-nos a necessidade a comermos de um cafre que nos morreu, com o qual nos sustentámos mais cinco dias, que eram nove da nossa viagem, e em outros quatro dias que nos durou ainda mais este trabalho, não comemos outra coisa senão os limos que achámos na babugem da água, porque determinámos de nos deixarmos antes morrer, que comermos de algum português, de quatro que nos morreram. E indo nós desta maneira que digo, prouve a Nosso Senhor, por sua misericórdia, que ao dia de reis vimos terra, a qual vista e o alvoroço dela, nos causou uma tão mortal alegria, que só essa bastou para que, dos quinze que ainda

íamos vivos, morrerem logo sùbitamente quatro de que dois foram portugueses, de maneira que das trinta e oito pessoas que nos embarcámos na jangada, não escapámos mais que onze, sete portugueses e quatro moços nossos.

Chegados enfim a terra, saímos em uma praça que nela se fazia, a modo de angra, onde depois de darmos infinitas graças a Nosso Senhor, por nos livrar dos perigos do mar, esperando nele que também nos livraria dos da terra que tínhamos por diante, nos prouvemos de algum marisco que achámos pelos penedos. E vendo que a terra era deserta de gente, e muito povoada de elefantes e de tigres, nos subimos em umas árvores silvestres para nelas escaparmos, por então, à grande multidão destes e de outros animais que ali tínhamos visto. E quando nos pareceu que podíamos caminhar com menos perigo, nos tornámos a juntar e nos metemos pela espessura do mato, andando de uma parte para a outra, com muitos gritos e prantos, sem sabermos atinar com coisa que pudesse ser meio de nossa salvação.

Porém, a divina misericórdia que nunca aparta os olhos dos necessitados e miseráveis da terra, ordenou então que por um esteiro de água doce que de dentro do mato vinha demandar o mar, víssemos vir uma barcaça carregada de madeira e de lenha, em que vinham nove negros jaus, e papuas, os quais em nos vendo, parecendo-lhes que nós éramos diabos (como eles depois nos confessaram), se lançaram todos na água, e deixaram a embarcação erma, sem ficar nela pessoa nenhuma. Mas depois que entenderam que éramos gente perdida, se seguraram e ficaram quietos no sobressalto que primeiro tiveram. Então se chegaram a nós, e nos perguntaram por muitas coisas particulares, a que naturalmente são muito inclinados, às quais respondemos conforme toda a verdade, e lhes pedimos pelo amor de Deus que nos quisessem levar consigo para qualquer povoação que quisesem, e lá nos vendessem como seus cativos, a gente que nos levasse a Malaca, porque éramos mercadores e

lá lhes dariam muito dinheiro por nós, ou fazenda quanta quisessem.

E como essa nação jaoa é grandissimamente cobiçosa, como lhes tratámos de seu interesse, conhecendo também em nós a nossa miséria e desesperação, nos foram dando de si mais alguma coisa, com outras palavras já mais bem concertadas, mais favoráveis, e de mais esperança para nós, de nos fazerem o que lhes pedíamos. Porém isto foi até que tomaram a embarcação que tinham deixado, porque logo que se viram dentro dela, se puseram ao largo, e dando mostras de quererem partir sem nos tomarem, nos disseram que para eles serem certos de ser verdade o que dizíamos, era necessário que primeiro que tudo lhes entregássemos as armas que tínhamos, porque de outra maneira nos não haviam de tomar, ainda que nos vissem ser comidos pelos leões, pelo que, constrangidos da extrema necessidade em que nos víamos, e da desesperação de não termos outro nenhum remédio, nos foi forçoso fazer-lhes a vontade em tudo quanto quiseram. E chegando-se com a barcaça mais um pouco a nós, nos disseram que a um e um nos botássemos a nado, pois não tinham manchua que nos fosse tomar, o que também determinámos de fazer, e dois moços e um português se lançaram logo a nado para pegarem uma corda que nos tinham lançado por popa de barcaça, mas antes que chegassem a ela, foram comidos por três lagartos muito grandes, sem de todos três aparecer mais que sòmente o sangue, de de que todo o rio ficou tinto, do qual sucesso os oito que estávamos à borda do rio ficámos tão pasmados de medo, que por um grande espaço, nenhum de nós tornou em seu acordo, de que os perros não houveram nenhum dó de nós, mas antes batendo as palmas, diziam gritando com grandes risadas:

— Bem-aventurados aqueles três, que sem dor acabaram seus dias.

E vendo que os mais que ficávamos meio atolados na vasa, não tínhamos força para nos podermos tirar dela, saltaram cinco deles em terra e nos ataram pelos buchos dos braços, e a rasto nos levaram até junto da barcaça, que já a este tempo estava bem chegada a terra, e nos meteram dentro com assaz de vitupérios, afrontas, e mau tratamento.

E fazendo-se à vela, nos levaram a uma aldeia que estava dali a doze léguas, de nome Cherbom, onde nos venderam a todos os oito, seis portugueses e um moço chim, e outro cafre, por treze pardaus, que da nossa moeda são três mil e novecentos réis, a um mercador gentio da ilha das Celebes, em cujo poder estivemos vinte e seis dias, e nos tratou muito bem, tanto de comer como de vestido, e depois nos vendeu a el-rei de Calapa, por dezoito mil réis, o qual rei usou connosco de tanta magnificência que livremente nos mandou para o porto da Sunda, onde estavam três naus de portugueses, de que era capitão-mor um tal Jerónimo Gomes Sarmento, que a todos nos fez muito gasalhado, e nos proveu largamente de tudo o necessário, até que se partiu para a China.

181

como deste porto de sunda fui ter a sião, donde em companhia de outros portugueses, fui com el-rei à guerra do chiammay, e do sucesso dela

Havendo quase um mês que estávamos neste porto da Sunda, bem providos dos portugueses, como então era já chegada a monção da China, as três naus se partiram para o Chincheu, sem aí na terra ficarem mais portugueses que só dois, que num junco de Patane se foram com suas fazendas para Sião, em companhia dos quais me foi forçoso ir eu também, porque me quiseram eles fazer o gasto da tornada, e me prometeram me fazerem lá algum empréstimo com que de novo tornasse a tentar a fortuna, a ver se por importunação me podia melhorar com ela.

Partidos nós daqui, dentro de vinte e seis dias chegámos à cidade de Odiá, que é a metrópole deste império Sornau, a que o vulgo daquelas partes chama Sião, onde fomos bem recebidos e agasalhados pelos portugueses que aí na terra achámos. E havendo pouco mais de um mês que estava nesta cidade esperando pela monção da China, para ir para o Japão, em companhia de outros seis ou sete portugueses que para lá iam, com cem cruzados de emprego que os dois com quem viera de Sunda me tinham emprestado, chegou nova certa a el-rei de Sião, que então estava nesta cidade de Odiá com toda a sua corte, que o rei do Chimay, con-

federado com os timocouhós, com os laus, e com os guéus (que são quatro nações de gentes que contra o nordeste senhoreiam a parte deste sertão, por cima do Capimper, e Passiloco, e são todos senhores absolutos sem darem obediência a ninguém, muito ricos e poderosos, e de grandes estados) tinham posto cerco à cidade de Quitirvão, e morto o oiá capimper, fronteiro-mor daquela raia, com mais de trinta mil homens.

A qual nova fez em el-rei tamanho abalo que sem esperar por coisa alguma, se passou logo naquele mesmo dia à outra banda do rio, e sem querer se aposentar em casa nenhuma, se pôs no campo em tendas, para que todos os outros fizessem o mesmo, e mandou lançar pregões por toda a cidade, que todo o homem que por aleijão ou velhice, não tivesse escusa de ir com ele a esta guerra, se fizesse prestes, em termo de doze dias que por isto lhe dava de espaço sòmente, sob pena de morrer queimado com infâmia perpétua a todos os seus descendentes, e fora estas penas, pôs outras muito graves, tão espantosas e medonhas de ouvir que a gente tremia de medo. E aos estrangeiros de qualquer nação que fossem, que estivessem em sua terra, não escusava também desta pena, ou se fossem embora do seu reino em termo de três dias, de maneira que todos andavam como pasmados sem se saberem dar a conselho, nem determinar-se no que deviam fazer; e aos portugueses, a quem sempre nesta terra se teve mais respeito, mandou rogar pelo combracalão, governador do reino, que voluntàriamente, por quem eles eram, o quisessem acompanhar nesta jornada, porque desejava muito lhes entregar a guarda de sua pessoa, por ter reconhecido neles que eram mais para isso que todos os outros. Assim que eficácia deste recado que vinha acompanhado de muitas e largas promessas, e de esperanças de grandes pagas, mercês, e honras e sobretudo de dar licença para se fazerem igrejas no seu reino, nos obrigou de tal maneira que, de cento e trinta portugueses que então aí estávamos, cento e vinte aceitámos ir com ele.

Passados os doze dias do termo, el-rei se partiu com um exército de quatrocentos mil homens, em que entravam setenta mil estrangeiros de diversas nações, embarcados em três mil serós, e laulés, e jangás, e aos nove dias da sua viagem chegou a uma vila que estava na arraia, de nome Suropisém, a doze léguas da cidade de Quitirão que os inimigos tinham cercada, onde se deteve mais sete dias, esperando por quatro elefantes que lhe vinham por terra, dentro do qual tempo teve novas que a cidade estava em grande aperto, tanto pela banda do rio que os inimigos tinham tomado com duas mil embarcações, como pela da terra, na qual havia uma grande soma de gente, de que o número se não sabia ao certo, mas que pelo que se via dela, se esmava em trezentos mil homens, de que se afirmava que quarenta mil eram a cavalo, mas que não tinham elefantes, com a qual nova el-rei se deu muita pressa, e fazendo resenha geral de toda a sua gente, se achou com quinhentos mil homens, porque muitos se lhe vieram juntando pelo caminho depois que partiu, e com quatro mil elefantes, e duzentas carretas de artilharia de campo. E com este exército se abalou deste lugar de Suropisém, e fez seu caminho para Quitirão, tomando as jornadas de só quatro léguas por dia, e ao terceiro dia chegou a um vale a que chamavam Siputay, a légua e meia donde os inimigos estavam. E posta em ordenança toda esta cópia de gente e elefantes, pelos mestres do campo, que eram dois turcos e um português de nome Domingos de Seixas, seguiu seu caminho para Quitirão, onde chegou antes que o sol saísse. E como neste tempo os inimigos estavam já prestes, e sabiam por suas espias o poder e determinação que trazia este rei de Sião, o esperaram no campo, confiados nos quarenta mil a cavalo que tinham.

E logo que houveram vista dele, se moveram fechados em doze batalhas de quinze mil homens cada uma, todos muito luzidos e bem concertados, e dando logo a sua dianteira, em que vinham os quarenta mil cavalos, na dianteira deste

rei de Sião, em que vinham setenta mil a pé, em menos de um quarto de hora a desbaratou com morte de três príncipes que nela iam. El-rei de Sião, vendo o desbarato dos seus, lhe foi forçoso, como prudente, não seguir a ordem que primeiro trazia, mas fazendo-se num corpo, com os setenta mil estrangeiros e quatro mil elefantes, deu com tanto ímpeto no campo dos inimigos, que logo neste primeiro encontro o rompeu e desbaratou de todo, com morte de infinita gente, porque como a sua força principal estava nos cavalos, logo que os elefantes deram neles, juntamente com a muita arcabuzaria da gente estrangeira, e a artilharia das duzentas carretas, os consumiram a todos em menos de meia hora, e como estes foram desbaratados, todos os mais se começaram logo a retirar.

El-rei de Sião, seguindo a vitória, os foi levando até junto do rio, onde o inimigo, de todos os que escaparam formou um esquadrão de novo, em que havia mais de cem mil homens, entre sãos e feridos, os quais à sombra da sua armada estiveram, aquele dia, fechados todos num corpo, o que el-rei receou a cometer, pelo favor que tinham das suas duas mil embarcações, em que também havia grande quantidade de gente; porém, logo que a noite se cerrou, os inimigos marcharam em seu passo cheio, ao longo do rio, levando a armada por costas, para caminharem assim mais a seu salvo, o que ao rei de Sião não pesou nada, porque tinha a maior parte da sua gente muito ferida, a que de necessidade se haveria de socorrer com a cura, como logo socorreu, em que se gastou a maior parte do dia e da noite seguinte.

182

do mais que este rei de sião fez até se tornar para o seu reino, onde a rainha sua mulher o matou com peçonha

Este rei de Sião, depois que houve esta gloriosa vitória, entendeu logo com muita presteza na fortificação da cidade, e em tudo o mais que era necessário para a segurança dela. E mandando fazer alardo da gente que tinha, para saber a que perdera na batalha, achou que lhe faltavam só cinquenta mil homens, de que a maior parte era a canalha que, constrangida pelo rigor dos pregões, ia forçada e sem armas defensivas; e dos inimigos, se soube ao outro dia que morreram cento e trinta mil. E logo que os seus feridos convalesceram, pondo aos lugares daquela frontaria a guarda que lhe pareceu necessária, foi aconselhado pelos seus a que fosse fazer guerra ao reino de Guibém, que distava dali quinze léguas adiante, para a parte do norte, porque a rainha dele dera entrada ao rei do Chimmay, por suas terras, e fora em consentimento dos males passados, e da morte do oiá capimper, e dos trinta mil que morreram com ele.

E parecendo a el-rei bem este conselho, se partiu desta cidade com um campo de quatrocentos mil homens, e foi demandar um lugar desta rainha, que se chamava Fumbacor, que fàcilmente foi tomado e posto por terra, e os moradores dele metidos todos à espada, sem a nenhum se conservar a vida. E daqui seguiu adiante por suas jornadas até uma cidade chamada Guitor, metrópole deste reino Guibém, onde a rainha então estava, a qual era viúva, e governava o reino

por um seu filho moço de nove anos, e lhe pôs cerco à cidade.

A rainha, por se não poder atrever a resistir ao poder de el-rei de Sião, se fez por concerto sua tributária em cinco mil turmas de prata cada ano, que fazem em nossa moeda setenta mil cruzados, e lhe fez logo pagamento de cinco anos, de antemão, e fora isto lhe entregou o reizinho seu filho como seu vassalo, o qual el-rei levou consigo para Sião. E com isto levantou o cerco e passou adiante, contra o nordeste, para a cidade de Taisirão, onde teve por novas que o rei do Chimmay estava já desfeito da liga passada.

E havendo seis dias que já caminhava pela terra dos inimigos, saqueando quantos lugares achava, sem querer que se conservasse a vida a macho nenhum, chegou ao lago de Singuapamor, a que o comum da gente chama do Chimmay, no qual se deteve vinte e seis dias, nos quais tomou doze lugares muito nobres e ricos, e bem cercados de muros e cavas, com seus baluartes ao nosso modo, mas tudo de tijolo e de taipa, sem haver coisa nenhuma de pedra e cal, por se não costumar naquelas partes, nem artilharia, mais que sòmente berços e mosquetes de bronze.

E porque já neste tempo era entrada de inverno, e havia alguns chuveiros, e a gente começava a adoecer, el-rei se foi retirando para a cidade de Quitirão, onde se deteve mais vinte e três dias, nos quais a acabou de fortificar de muros e cavas muito largas e fundas. E depois de tudo ser provido, e ela posta no estado em que convinha para a sua defesa, se partiu para Sião, embarcado nas três mil embarcações em que viera. E em nove dias chegou à cidade de Odiá, principal de todo o seu reino, e onde o mais do tempo residia com toda a corte, na qual se lhe fez um muito custoso recebimento de diversas invenções em que o povo gastou muito de sua fazenda, que duraram por tempo de catorze dias, conforme os estatutos das suas gentílicas seitas.

E porque a rainha sua mulher, nestes cinco meses que ele esteve ausente, lhe tinha cometido adultério com um seu comprador que se chamava Uquumchenirá, do qual a este tempo em que el-rei aqui chegou, era já prenhe de quatro meses, receosa do que era razão que se receasse, determinou, para se salvar do perigo em que estava, matar seu marido com peçonha, e, sem fazer mais detença lha deu logo em uma porcelana de leite, de que não viveu mais que só cinco dias, no qual espaço de tempo proveu por seu testamento algumas coisas do reino, e satisfez as obrigações dos estrangeiros que o tinham servido nesta guerra do Chimmay, donde tinha vindo havia menos de vinte dias.

E tratando neste seu testamento, dos portugueses que fomos com ele a esta guerra, primeiro que de todos os outros, pôs nele uma verba que dizia assim:

«E aos cento e vinte portugueses que com lealdade vigiaram sempre na guarda de minha pessoa, darão meio ano do tributo da rainha de Guibém, e liberdade em minhas alfândegas, por tempo de três anos, sem lhes levarem coisa alguma por suas fazendas, e seus sacerdotes poderão publicar nas cidades e vilas de todo o meu reino, a lei que professam, do Deus feito homem para salvação dos nascidos, como algumas vezes me têm afirmado.»

E assim disse mais outras muitas coisas a este modo, muito dignas de serem aqui declaradas, que por agora não declaro porque adiante espero o fazer mais largamente. E também pediu a todos os grandes que então se acharam ali presentes, que para sua consolação lhe levantassem logo seu filho mais velho como rei, o que logo se fez com muita brevidade. E depois de ser jurado por todos os oiás, e conchalis, e monteus, que são dignidades supremas sobre todas as outras do reino, o mostraram de uma janela à multidão do povo que estava em baixo no terreiro, perante o qual lhe puseram uma rica coroa de ouro, a modo de mitra,

na cabeça, e uma espada nua na mão direita, e umas balanças na esquerda, por ser este o seu costume antigo naquele auto.

E posto o oiá Passiloco, que era o mais supremo do reino, em joelhos diante dele, lhe disse quase chorando, em voz alta para que todos o ouvissem:

— A ti, menino santo de tenra idade, cuja ditosa e alta estrela foi seres eleito no céu para governares este império Sornau que Deus te manda entregar por mim, teu vassalo, o entrego agora com juramento de sempre o teres debaixo da obediência da sua divina vontade, com guardares igualmente justiça a todos os povos, sem haver aceitação de pessoas, entre alto nem baixo, por onde se diga que não cumpres com o que juraste neste santo auto, porque torcendo tu por respeitos humanos o que a razão justifica diante do justo Senhor, serás por isso gravemente punido na côncava funda da casa do fumo, lago ardente de fedor espantoso, onde os maus e danados choram continuamente, com tristeza de noite escura em suas entranhas. E para que te obrigues a isto a que este cargo que sobre ti tomaste te está obrigando, dize «xamxaimpom» — (que é como entre nós dizer Ámen).

A que o menino, chorando, disse: «Xamxaimpom» — o que causou em todo o povo um horribilíssimo pranto que durou por um grande espaço. E fazendo aquietar o tumulto da gente, prosseguiu o mesmo em sua prática, dizendo:

— E esta espada que se te mete nua na mão, como ceptro que te dá poder na terra para subjugares os rebeldes, também quer dizer que estás por ela obrigado a sustentares com tua verdade os pequenos e fracos, para que os inchados do poder mundano os não emborquem com o assopro de sua soberba, que ante o Senhor é tão aborrecido como a boca do que blasfema do inocente menino que nunca pecou. E para que em tudo satisfaças ao esmalte formoso das estrelas do

céu, que é o Deus perfeito, e justo, e bom, com potência admirável sobre todo o criado, dize «xamxaimpom».

A que ele respondeu dizendo por duas vezes, chorando, «Maxinau, maxinau» — «Assim o prometo, assim o prometo».

E discorrendo o mesmo Passiloco por outras coisas a este modo, em que o menino por sete vezes respondeu «Xamxaimpom», se acabou esta cerimónia da sua coroação. Mas a derradeira parte dela foi vir ainda um talagrepo de dignidade suprema sobre todo o seu sacerdócio, de nome Quiay Ponvedé, o qual diziam que era de idade de mais de cem anos, e prostrando-se aos pés do menino lhe deu juramento numa charana de ouro, cheia de arroz, e com isto o recolheram para dentro, por a brevidade do tempo não sofrer mais dilação, tanto porque já o rei seu pai começava a entrar no artigo da morte, como pelo pranto do povo ser tão geral em todos, que em todo o lugar e pessoa se não via então outra coisa senão lágrimas e suspiros.

183

da triste morte deste rei de sião, e de algumas coisas ilustres que ele fez em sua vida

Passado desta maneira aquele dia, e a noite seguinte, ao outro dia às oito horas da manhã o triste rei acabou de expirar de todo, em presença da maior parte dos senhores do reino, pela qual causa em todo o povo se fez um tamanho sentimento de choros e gritas, que parecia coisa alheia de todo o uso e razão natural. E como ele era bom rei,

caridoso em dar esmolas, grandioso e liberal em fazer mercês, largo em galardoar os seviços, piedoso e brando para todos, e sobretudo muito inteiro em fazer justiça e castigar os delinquentes, manifestavam os seus tanto disto nas lamentações e prantos que faziam, que se tudo o que eles diziam era verdade, pode-se cuidar que foi o melhor rei gentio que jamais houve naquela terra, e no seu tempo, em qualquer outra parte do mundo, do qual não ousarei afirmar o que os seus nestes seus prantos diziam, porque o não vi, e por isso não direi o que era, mas por algumas coisas que no meu tempo se passaram, não duvidarei de ser assim, das quais contarei aqui três ou quatro sòmente, das muitas que lhe vi fazer, do ano de 1540 até ao de 1545, em que continuei por mercancia a vir a este reino.

A primeira, foi que no ano de 1540, sendo Pêro de Faria, capitão de Malaca, lhe escreveu El-rei D. João III, de gloriosa memória, uma carta em que lhe mandava e recomendava muito que trabalhasse todo o possível para resgatar Domingos de Seixas, que estava cativo em Sião, havia vinte e três anos, por ser assim muito necessário ao serviço de Deus e ao seu, por ser informado que por ele, mais que por outrem alguém, poderia saber a verdadeira certeza das coisas daquele reino de que tantas grandezas lhe contavam, e que, efectuando-se o seu resgate, o mandasse logo à Índia, ao Vice-rei D. Garcia, a quem já tinha escrito sobre ele, para que nas naus daquele ano lho mandasse a este reino.

Pêro de Faria, vendo a eficácia e o encarecimento com que el-rei lho recomendava, mandou a Sião como embaixador um tal Francisco de Castro, homem nobre e rico, para tratar o resgate deste Domingos de Seixas, e de outros dezasseis portugueses que também lá estavam cativos.

Este Francisco de Castro foi ter à cidade de Odiá, no tempo em que eu estava nela, onde foi muito bem recebido pelo

rei do Sião, e lhe deu a carta que levava para ele, o qual depois de a ler e de lhe perguntar por algumas coisas novas e de curiosidade, lhe deu logo ali a resposta (o que ele não costumava fazer a outro nenhum embaixador), que foi esta:

— Quanto ao Domingos de Seixas que o capitão de Malaca me mandou pedir, apontando-me o muito gosto que el-rei de Portugal terá se lho mandar, o mesmo me fica a mim de lho conceder, e daqui lho hei por dado, com todos os mais que ele, lá onde está, traz consigo.

De que o Francisco Castro lhe deu as graças prostrando-se três vezes com a cabeça no chão, como se lhe costuma fazer, por ser rei mais supremo que todos os outros. E logo que se chegou o tempo de se poder partir o Francisco de Castro para Malaca, mandou vir o Domingos de Seixas da cidade de Guntaleu, onde então estava como fronteiro-mor daquela raia, com trinta mil homens de pé, e cinco mil a cavalo, e dezoito mil cruzados cada ano, de partido, e em sua companhia fez também vir os dezasseis portugueses que com ele andavam, e os entregou todos ao Francisco de Castro, o qual de novo lhe tornou a dar as graças pela mercê que lhe fazia. E despedindo-se dele o Domingos de Seixas e os companheiros, lhes mandou dar mil turmas de prata, que são doze mil cruzados da nossa moeda, e lhes pediu ainda muitos perdões por lhes dar tão pouco.

Outra vez, no ano de 1545, sendo Simão de Melo capitão da mesma fortaleza de Malaca, vindo um tal Luís de Montarroio, da China para Patane, acertou por acaso fortuito de vento travessão, de dar com uma nau sua à costa, no porto de Chatir, abaixo de Lugor cinco léguas, onde pelo xabandar da terra lhe foi tomada toda a fazenda que o mar lançou fora, e ele foi preso com todos os mais que se salvaram, que foram vinte e quatro portugueses, e cinquenta moços e crianças pequenas, que ao todo eram setenta e quatro

pessoas cristãs, e a fazenda que se salvou da nau, montou a quinze mil cruzados. E a razão que para isto deu o xabandar, foi que tudo era pelo seu costume antigo do reino, o que sabido por alguns portugueses que naquele tempo estavam na cidade, aos quais o Luís de Montarroio, por uma carta, dera conta desta sua desventura, depois de lhe mandarem à prisão onde estava algum vestido de que tinha muita necessidade, ordenaram entre si de fazerem todos uma odiá (que é um presente) de peças ricas, que valesse mil cruzados, e com ela falarem a el-rei no dia do elefante branco, que vinha dali a dez dias, no qual, por ser festa solene, costumava fazer muitas esmolas a todos os que lhas pediam, e muitas mercês aos seus.

Chegado este solene dia, a que eles chamam «Oniday pileu», que quer dizer «alegria dos bons», os portugueses todos, que seriam sessenta ou setenta, se puseram num certo passo de uma rua, das nove por onde el-rei havia de passar com grande aparato e majestade, e logo que ele emparelhou com eles, se prostraram todos por terra, ao modo siamês, e relatando-lhe um deles, que foi eleito para isso, todo o caso do Luís de Montarroio e dos companheiros, como se passara, lhe pediu de esmola a soltura daqueles perdidos, sem lhe tratar da fazenda que o xabandar tinha tomada, por se não atrever a tanto, nem lhe parecer razão.

El-rei, entendendo o que os nossos lhe pediam, e vendo as lágrimas que alguns dos nossos derramavam, mandou parar o elefante branco em que então ia, e pondo os olhos em todos, e nas peças que alguns tinham nas mãos, entendendo que lhas ofereciam, lhes disse:

— Isto que me dais, eu vo-lo hei por recebido, e vo-lo agradeço, porém este dia não é de eu tomar nada, senão de fazer mercês, pelo que vos rogo muito pelo amor do vosso Deus, de quem sou muito servidor, e serei sempre, que repartais estas peças pelos que entre vós forem mais pobres,

porque melhor vos será ganhardes com elas o prémio desta esmola que por seu amor derdes, que o que vos eu posso dar por elas, que ante os seus olhos sou um bichinho muito pequeno. E quanto a estes cativos que me pedis, a mim me apraz vos fazer esmola deles, para que livremente se possam ir para Malaca, e mando que se lhes torne toda a fazenda que eles disserem que lhes tomaram, porque as coisas que se fazem por Deus quando com lágrimas se pedem, por ele, hão-de ser feitas com muito mais largueza do que aquela com que as pedem os necessitados.

A que os portugueses se lhe prostraram todos por terra.

E ao outro dia lhes mandou logo passar um formão para em termo de dez dias o xabandar mandar trazer à cidade os cativos com tudo o que lhes tinha tomado, o que logo se pôs em obra, muito inteiramente. E esta fazenda que se salvou da nau, montou a passante de quinze mil cruzados, como atrás já disse, dos quais el-rei lhes fez mercê; e toda a mais que vinha na nau, se perdeu com ela na tormenta. Dali a dois ou três meses, neste mesmo ano de 1545, sendo--lhe muito necessário a este rei de Sião, acudir a uma entrada que o rei dos tuparahós lhe vinha fazendo pela parte do Passiloco, destruindo e saqueando alguns lugares mais fracos daquela raia, com propósito de vir cercar as fortalezas de Xivau e Lantor, das quais dependia toda a segurança daquele estado, determinou ir ele em pessoa a este negócio, e para isto mandou pelo reino vinte coronéis a juntar uma certa quantidade de gente, aos quais mandou que em termo de vinte dias viessem com ela àquela cidade de Odiá, donde determinava partir, e lhes pôs a todos gravíssimas penas, que não escusassem nenhum homem que pudesse pelejar, tirando os doentes, ou os pobres, ou os de setenta anos para cima, e a cada um destes coronéis foi assinalada a comarca em que havia de ir juntar a sua gente.

A um destes, de nome Quiay Raudivá, homem nobre e

esforçado, e de quem el-rei se servia muitas vezes, coube ir à comarca de Banchá, na qual os mais dos homens são muito ricos, tanto de dinheiro como de fazenda, e na maior parte dados às delícias e regalos do corpo, e gastam sempre o mais do tempo em banquetes, e jogos, e outras muitas agradáveis à vida. E querendo-os o Quiay Raudivá constranger a irem a esta guerra como lhes era mandado, eles o tomaram muito mal, e o houveram por um jugo assaz pesado e contrário do trato e largueza com que viviam, pelo que, juntando-se os mais ricos que havia na terra, assentaram de se livrarem desta ida, por meio de uma grossa peita de muito dinheiro, o qual entre si logo juntaram e levaram ao coronel.

E como em todas as partes o dinheiro é tão poderoso que tudo arromba, e nada se lhe defende, o coronel Raudivá se inclinou de tal maneira ao muito que estes homens lhe deram, que todos ficaram em suas casas, pelo que lhe foi forçoso meter em seu lugar todos os doentes, aleijados, pobres, e velhos, quantos achou pela terra, sem respeito ao que, por el-rei, lhe fora mandado. E chegando com esta gente desta maneira a Odiá, deu sua vista com ela a el-rei, como faziam todos os outros coronéis com a sua.

El-rei, quando viu, de uma janela onde estava, uns homens tão velhos, e tão pobremente vestidos, e muitos deles doentes, sem entre todos ver um só em que pudesse pôr os olhos, mandou vir perante si quatro que viu numa fileira, todos muito velhos e pelo parecer deles, doentes. E perguntando-lhes pela idade que tinham, e de que eram doentes, e por que causa vinham tão pobremente vestidos, eles todos quatro, como por uma só boca, lhe contaram todo o negócio como se passara em Banchá, de que el-rei ficou assaz colérico; e mandando logo vir perante si o Quiay Raudivá, depois que em público o afrontou com palavras, o mandou atar de pés e de mãos, e mandando derreter cinco turmas de prata, lhas

mandou lançar pela boca abaixo, diante de si, de que logo morreu. E depois que o viu morto, lhe disse:

— Se cinco turmas bastaram para te matar, como te parecia que te não matariam cinco mil que tomaste, de peita, para escusares os covardes de Banchá? Deus te perdoe tua cobiça, e a mim o pouco castigo que te dei por ela.

E logo dali, sem esperar mais um momento, mandou a casa do morto, e lhe trouxeram as cinco mil turmas que tinha tomado de peita, e as mandou perante si repartir por todos aqueles velhos, e doentes, e pobres, que o Raudivá trouxera, que seriam mais de três mil, e o dinheiro das cinco mil turmas montava a sessenta mil cruzados da nossa moeda, e os mandou para suas casas, recomendando-lhes que lhe rogassem a Deus pela vida. E aos escusos que peitaram as cinco mil turmas, mandou-os vestir como mulheres e os degredou para uma ilha que se chamava Pulo catão, e lhes mandou tomar as fazendas como a fracos, para as repartir pelos que melhor pelejassem naquela guerra.

E porque viu que um português, de cento e sessenta que então levou consigo, ficara um pouco mais atrás, num acometimento que os nossos fizeram, em que ganharam a principal força que os inimigos tinham tomada, na cidade de Lantor, lhe mandou que se tornasse para Sião, pois não era como os outros que com ele ficavam, e que enquanto aí estivesse, não saísse fora de casa, nem se chamasse mais português, sob pena de lhe mandar, por isso, rapar a barba, como aos cavaleiros escusos de Banchá, pois na covardia era tal como eles; e a todos os mais que, como disse, eram cento e sessenta, pelo honroso feito que lhes viu fazer, mandou dobrar o soldo três vezes, e quitar os direitos de suas fazendas, e lhes deu licença que pudessem em qualquer lugar do seu reino fazer igrejas, em que o nome do Deus português fosse adorado, porque claro estava que era muito melhor que todos os outros.

E por estas coisas e por outras muitas desta maneira que poderia contar, se vê claramente quão grandioso e bem inclinado, por natureza, era este príncipe, ainda que fosse gentio.

184

como o corpo de el-rei foi queimado, e a cinza levada a um pagode, e de outras novidades que sucederam neste reino

Grandíssima foi a dor e o sentimento que todos os grandes do reino mostraram pelo seu bom rei que diante de si viam morto, e infinitas as lágrimas que por isso derramaram; porém, depois que uma coisa e outra teve termo, se juntaram todos os sacerdotes daquela cidade, que segundo se disse, foram vinte mil, e tratando com os principais do reino, do enterramento daquele corpo e das cerimónias com que se haviam de fazer as suas exéquias, se ordenou que fosse logo queimado antes que a peçonha de que morrera, lhe causasse algum mau cheiro, porque se o viesse a ter, não podia a sua alma por nenhum modo ser salva, conforme o que sobre isso era escrito. Pelo que se fez logo juntar com muita pressa, uma grande fogueira de sândalo, águila, calambá, e benjoim, e se lhe pôs o fogo, com outra nova cerimónia, onde o corpo de defunto foi queimado, com um lamentável pranto de todo o povo, e a cinza dele foi metida em uma caixa de prata, e a embarcaram em uma rica laulé a que chamavam «a cabizonda», a qual levavam, à toa, quarenta serós equipados de talagrepos, que são as supremas dignidades do seu gentílico sacerdócio, e fora isto ia acom-

panhada de uma grande multidão de outras embarcações, em que ia infinidade de gente, e detrás de todas elas iam cem barcaças grandes, carregadas de diversas figuras de ídolos em vultos de cobras, lagartos, leões, tigres, sapos, serpentes, morcegos, patos, bodes, cães, elefantes, abutres, gatos, minhotos, corvos, e de outros muitos animais, as quais figuras eram feitas tanto ao natural que todas pareciam vivas. E todos os vultos destes ídolos iam, por dó, cobertos de peças de seda conforme as cores de cada um, os quais eram tantos em tanta quantidade, que segundo o esmo dos que o viram, se afirmou que se gastaram mais de cinco mil peças de seda no dó com que esta multidão de diabos ia coberta.

Noutra embarcação muito grande ia o rei de todos estes ídolos, a que eles chamam serpe tragadora da côncava funda da casa do fumo, em figura de uma monstruosíssima cobra, da grossura de mais de uma pipa, enroscada em nove voltas que estendidas parece que viriam a ser de comprimento de mais de cem palmos, e o colo levantado ao alto. Dos olhos e da boca, e dos peitos desta cobra, saíam grandes espadanas de fogo artificial, que a faziam tão medonha e tão mal assombrada que as carnes tremiam de olharem para ela.

Num teatro, de altura, ao parecer, de quase três braças, muito dourado e rico, ia um menino muito formoso, de quatro até cinco anos de idade, todo coberto de fios de pérolas, e de cadeias e braceletes de rica pedraria, com umas asas e cabeleira de fio de ouro, assim como cá entre nós se pintam os anjos, e com um rico terçado na mão, dando a entender com esta invenção, que era anjo do céu mandado por Deus a prender toda aquela multidão de diabos, para não assaltarem a alma de el-rei antes que chegasse ao aposento que na glória lhe estava aparelhado, por prémio das boas obras que neste mundo fizera.

Com esta ordem chegaram as embarcações todas a terra,

a um pagode que se chamava Quiay Pontar, onde depois que foi enterrada a arca de prata em que iam as cinzas do corpo de el-rei, tirando o menino fora, se pôs o fogo a toda aquela multidão de ídolos, assim como iam nas barcaças, com um tamanho estrondo de grita, brados, apupos, tiros de artilharia e espingardaria, tanger de sinos, bacias, cornos, búzios, e com outras muitas maneiras de diferentes dissonâncias, que faziam tremer as carnes; a qual cerimónia não duraria mais que uma hora sòmente, porque como todas estas figuras eram feitas de palha, e nas embarcações ia muita soma de breu e resina para este efeito, fez isto em muito breve espaço levantar um tamanho e tão espantoso fogo que quase parecia um retrato do inferno, e as embarcações com tudo o que estava nelas ficou tudo consumido.

Acabado isto com outras muitas invenções de coisas muito naturais e custosas que não escrevo por me parecerem supérfluas, toda esta multidão de gente veio para a cidade e se recolheu cada um em sua casa, onde todos estiveram com todas as portas e janelas fechadas, com o que as praças e as ruas ficaram de todo desertas por tempo de dez dias, sem em todos eles aparecer coisa viva, senão sòmente a gente pobre que de noite com muitas lamentações pedia sua esmola.

Passados os dez dias deste encerramento, as varelas e pagodes, e bralas, que são os seus templos, amanheceram todos ornados de insígnias de alegria, com muitos toldos, estandartes, e bandeiras de seda, e com mesas ricas em que havia muitos cheiros. E apareceram por todas as ruas, homens a cavalo, que ao som de instrumentos suaves diziam chorando em vozes muito altas:

— Ouvi, ouvi, desconsolados moradores deste reino siame, o que se vos notifica da parte de Deus, e com corações humildes e limpos louvai todos o seu santo nome, por quão justas são as coisas do seu divino juízo, e saí alegres de

vossos encerramentos, cantando louvores de sua bondade, pois lhe aprouve dar-vos rei novo, temente a ele e amigo dos pobres.

Após este pregão, se tocaram muitos instrumentos que homens a cavalo, vestidos de cetim branco, iam tangendo com muito concerto e suavidade; ao que todos os ouvintes, prostrados com os rostos por terra, e as mãos levantadas, como que davam graças a Deus, e em vozes muito altas respondiam chorando:

— Procuradores fazemos os anjos do céu, para por nós louvarem o Senhor continuamente.

E saindo então todos das casas com muitos bailos e festas, se iam oferecer ao templo do Quiay Fanarel, deus dos alegres, com ofertas de cheiros suaves, e os mais pobres com galinhas, e frutas, e arroz para os sacerdotes comerem.

E neste mesmo dia deu o rei novo, vista de si por toda a cidade com grande aparato, pela qual causa se fizeram grandes alegrias em todo o povo. E porquanto o rei fosse menino de nove anos sòmente, ordenaram os vinte e quatro bracalões do governo, que a rainha sua mãe fosse tutora e sua aia, e presidente sobre todos os que governavam. Correndo este negócio assim desta forma, por tempo de quatro meses e meio em que tudo esteve quieto, e sem alvoroço nem alteração alguma, a rainha veio a parir um filho do seu comprador, a qual, afrontada pela má presunção que se tinha dela, assentou consigo satisfazer o seu desejo, que era casar-se com o pai deste novo filho, pelo grande amor que lhe tinha, e para isto determinou matar o reizinho que era seu filho legítimo, para trespassar a herança ao adulterino.

E depois de inventar para efeito disto, muitas diferenças de maldades nunca ouvidas, nem imaginadas, de que aqui não trato porque hei medo de as contar, enfim veio a fingir

que o grande amor que tinha ao reizinho seu filho, lhe fazia ter grandes ciúmes da sua vida. E um dia, tendo juntos todos os do seu conselho, lhes disse que já que não tinha mais que aquela só pérola encastoada no seu coração, não queria que por algum desastre se lhe viesse a desarreigar do peito onde a trazia metida, pelo que lhe parecia bem, tanto para se ela aquietar destes receios, como pelos males que o descuido em semelhantes casos costumava causar, que houvesse guarda no paço, e na pessoa de el-rei.

Este negócio foi logo tratado no conselho, e como a causa em si não parecia mal, lhe foi concedida. A rainha, vendo que lhe ia sucedendo bem o seu desígnio, buscou logo para isto a gente mais conveniente ao seu danado propósito, e em quem ela tinha mais confiança, e fez uma guarda de dois mil homens a pé, e de quinhentos a cavalo, fora a ordinária da casa, que era de seiscentos cauchins e léquios, da qual fez capitão um primo daquele de quem tinha parido, chamado Tileubacus, para com o favor deste, ficar mais senhora do que pretendia e poder melhor efectuar o seu desejo.

E confiada nesta grande força que já tinha por si, começou a se vingar de alguns grandes do reino, porque sabia que a não tinham na conta que ela queria. E os primeiros de que lançou mão, foram dois dos deputados daquele governo, que se chamavam Pinamonteu e Comprinvão, afirmando deles que se carteavam com o rei do Chimmay, para por suas terras lhe darem entrada no reino, e sob cor de justiça, os mandou matar a ambos e confiscar-lhes os estados, um dos quais deu ao seu amigo, e o outro a um seu cunhado, que segundo se dizia, fora ferreiro.

E porque a execução desta justiça foi feita com sobeja pressa e sem prova nenhuma, foi repreendida pela maior parte dos senhores do reino, trazendo-lhe à memória o merecimento dos mortos, e as qualidades de suas pessoas, e a nobreza e antiguidade do seu real sangue, o qual por linha

directa descendia dos reis de Sião. Porém ela nenhum caso fez disto, antes fingindo logo ao outro dia que estava mal disposta, renunciou no conselho à presidência que ela ali tinha, no Ucunchenirat, que era o seu amigo, para que assim pudesse ficar sendo senhor sobre todos os outros, e distribuir livremente as coisas do reino por aqueles que quisessem ser da sua parte, e assim pudesse mais a seu salvo, usurpar o ceptro daquela coroa e fazer-se senhor absoluto do império Sornau, que rendia doze contos de ouro, fora o que podia dar, que era quase outro tanto.

De maneira que ela pôs tanto da sua parte, para fazer o seu amigo rei, e casar-se com ele, e fazer o filho que havia entre ambos, sucessor da coroa deste império Sornau, que dentro de oito meses que a fortuna lhe foi favorável, com as esperanças que tinha de mais longe cumprir seu desejo, matou todos os senhores do reino e lhes confiscou os estados, e bens, e tesouros para sua pessoa, de que fazia mercê a outros que novamente criava para os ter da sua parte.

E como o reizinho era o principal impedimento disto que ela pretendia, nem este escapou a esta sua desatinada fúria, porque também o matou com peçonha.

E feito isto, se casou com o Ucunchenirat, que fora seu comprador, e o fez levantar como rei nesta cidade, aos onze dias de Novembro do ano de 1545. E aos dois dias de Janeiro do ano seguinte de 1546, foram ambos mortos pelo oiá Passiloco e pelo rei de Camboja, em um certo banquete que estes príncipes deram em um templo a que chamavam Quiay Figrau, deus dos átomos do sol, cuja invocação se celebrava naquele dia. E pela morte tanto destes dois, como de todos os mais da sua parte, que também mataram com eles, ficou tudo quieto, pacífico e sem prejuízo dos povos do reino, ainda que ficasse sem nobreza nenhuma da que costumava haver nele, porque já a este tempo toda era morta, pelos sucessos e modos de que atrás tenho tratado.

185

como o rei do bramá empreendeu tomar este reino sião, e do que passou até chegar à cidade de odiá

Porquanto neste tempo, depois da morte desta má rainha e do seu amigo, ficasse este império sem herdeiro nem sucessor a que por linha directa pertencesse a coroa dele, ordenaram estes dois senhores, o oiá Passiloco e o rei de Camboja (que neste tempo não era ainda mais que duque) com mais outros quatro ou cinco que ainda havia dos leais, que fosse rei um religioso chamado Pretiem, porque era irmão bastardo do rei morto, marido que fora daquela má rainha, o qual havia trinta anos que estava metido em religião, com talagrepo de um pagode a que chamavam Quiay Mitreu.

E assentados neste parecer, o oiá Passiloco o foi buscar logo ao outro dia seguinte, e o trouxe consigo, o qual entrou na cidade aos sete de Janeiro, e aos nove foi levantado como rei, com uma nova cerimónia de honra e estado assaz grandioso, de que não curo aqui de dar conta, por me parecer escusado e algum tanto prolixo, e por ter algumas vezes tratado de algumas coisas semelhantes a estas.

E deixando também de parte tudo o que mais sucedeu neste reino siame, direi sòmente o em que pararam estas coisas todas, que aos curiosos cuido que não deixará de dar gosto.

Sendo informado o rei do Bramá, que neste tempo reinava tirânicamente em Pegu, do triste estado em que estava este

império Sornau, e como todos os grandes dele eram mortos por causa dos sucessos atrás contados, e que o novo rei era homem religioso, sem ter nenhum conhecimento das coisas da guerra, nem prática alguma das armas, e de sua natureza pusilânime, e sobretudo muito tirano e malquisto do povo, tomando conselho com os seus na cidade de Anapleu onde então residia, sobre esta tão importante empresa, lhe disseram todos que por nenhum caso a deixasse, visto ser aquele um reino dos melhores do mundo, tanto em riqueza como em abundância de todas as coisas, e o favor que então tinha do tempo e da conjunção, lho estavam prometendo tão barato que, segundo parecia, não lhe podia custar mais tomá-lo, que o rendimento de um ano, por muito que quisesse despender dos seus tesouros, e que tomando-o, ficava sendo ele monarca dos imperadores do mundo, e com a honra daquele supremo título de senhor do elefante branco, pela qual causa necessàriamente lhe haviam de obedecer todos os dezassete reis do Capimper que nele professavam as leis das suas verdades; e por suas terras, e com suas ajudas, podia passar em dez ou doze dias à China, onde se tinha por certo que estava aquela grande cidade de Pequim, pérola sem preço em todo o mundo, e sobre a qual o grande tártaro, e o siammom, e o calaminhã, tantas vezes se tinham posto em campo com grossíssimos exércitos.

Ouvindo o rei do Bramá todas estas razões e outras muitas que os seus lhe deram neste conselho, pondo-lhe sempre em todas, diante, o interesse, que é uma força a que ninguém se defende, se determinou em tomar esta empresa que os seus lhe aconselhavam. E para efeito disto, se passou a Martavão, onde em tempo de dois meses e meio juntou um campo de oitocentos mil homens, em que havia cem mil estrangeiros, dos quais mil eram portugueses, de que era capitão Diogo Soares de Albergaria que por alcunha se chamava «o Galego», o qual fora deste reino para a Índia, no ano de 1538, na armada em que foi o Vice-rei D. Garcia de Noronha, na nau *Junco* de que era capitão João de Se-

púlveda, de Évora, que ia provido em capitão de Sofala, o qual Diogo Soares, já neste tempo, que foi no ano de 1548, tinha deste rei bramá duzentos mil cruzados de renda, com título de seu irmão e governador do reino de Pegu.

El-rei se partiu desta cidade de Martavão, um dia de Pascoela, aos sete dias do mês de Abril do ano de 1548, com este campo de oitocentos mil homens, dos quais só quarenta mil eram a cavalo e todos os mais a pé, em que entravam sessenta mil arcabuzeiros, e levava cinco mil elefantes de dente, que são os com que nestas partes se peleja, e quase outros tantos em que ia a bagagem, e mil peças de artilharia que, a revezes, levavam quatro mil juntas de búfalos e badas, fora outras tantas de bois, em que iam os mantimentos. E desta maneira caminhou tanto até que entrou pela terra de el-rei de Sião. E havendo já cinco dias que caminhava por ela, chegou a uma fortaleza a que chamavam Tapurau, em que havia perto de dois mil vizinhos, de que era capitão um mogor, de nome Coge Tarão, homem esforçado e muito ardiloso na guerra.

E pondo-lhe o rei bramá, cerco, lhe deu três assaltos à escala vista, acometendo-a toda em roda com muitas escadas que já para isso trazia, e não a podendo entrar daquela vez, pela grande resistência que achou nos de dentro, se foi retirando para a parte do rio onde por conselho de Diogo Soares, que era general do campo e por quem se ele governava, a bateu com quarenta peças de artilharia grossa, de que a maior parte atirava ferro coado, e derrubando-lhe um lanço de muro de doze braças, a acometeu com dez mil estrangeiros, em que entravam muitos turcos, abexins, mouros, malabares, e os mais achéns, jaus, e malaios, e, travando-se entre uns e outros uma áspera briga, em espaço de quase meia hora, os de dentro, que eram seis mil siames, foram todos consumidos, sem nenhum deles se querer entregar, e o bramá perdeu, dos seus, quase três mil, de que mostrou sentimento. E para se satisfazer deste dano, mandou meter

à espada todas as mulheres, o que pareceu uma muito grande crueldade.

E partindo-se daqui para a cidade do Sacotay, que estava dali a nove léguas, desejoso de se satisfazer nela mais à sua vontade, chegou à vista dela um sábado quase sol-posto, e se alojou ao longo do rio Leibrau (que é um dos três que saem do lago do Chiammay, do qual já atrás tenho feito menção), com o propósito de fazer por aquela parte seu caminho para a cidade de Odiá, que é a metrópole do império Sornau, onde tinha por novas que o novo rei então estava, e que se fazia prestes para pelejar com ele no campo; com a qual nova, o rei bramá foi aconselhado a que por nenhum caso se detivesse em lugar nenhum, tanto para não gastar o tempo, como para se não desfazer do poder que levava, visto estar já toda a terra amotinada, e as forças que se pretendiam tomar, tão fortificadas, que seria possivel deter-se tanto nelas e custarem-lhe tão caro que quando chegasse a Odiá, levaria a maior parte da gente consumida e os mantimentos de todo gastos.

O que, parecendo bem a el-rei, se partiu logo ao outro dia, e fez seu caminho por matos muito espessos, em que os setenta mil gastadores que também levava, passaram assaz de trabalho em lhe aparelhar as estradas. E chegando a um lugar a que chamavam Tilau, que é nas costas de Juncalão, para a parte do sudoeste, junto do reino Quedá, a cento e quarenta léguas de Malaca, tomou a cidade de Juropisão, cujo capitão lha entregou a partido; e levando já daqui guias que sabiam a terra, em mais nove dias de caminho chegou à vista da cidade de Odiá, sobre a qual assentou seu campo e o cercou de trincheiras e valos muito fortes.

186

como el-rei do bramá deu o primeiro assalto a esta cidade de odiá, e do sucesso dele

Havendo já cinco dias que el-rei do Bramá era chegado a esta cidade, em todos eles houve assaz de trabalho, tanto no preparar das trincheiras e valos, como em prover às mais coisas necessárias a este cerco, e em todo este tempo, nunca os de dentro fizeram de si nenhum movimento. O que vendo o general do campo Diogo Soares, e a pouca conta que os siames faziam de tamanho poder como ali era vindo, não sabendo a que o atribuísse, determinou de efectuar o para que ali era vindo, e para isto, da maior parte da gente estrangeira, que podiam ser oitenta mil homens, fez dois esquadrões separados por si, em cada um dos quais havia oito batalhas de cinco mil homens cada um. E com eles se foi marchando ao som dos seus instrumentos, para as duas pontas que a cidade fazia para a banda do sul, por lhe parecer entrada por ali mais fácil.

E arremetendo uma hora antemanhã (que foi aos dezanove dias de Junho, do mesmo ano de 1548) com todo este poder, aos muros, lhes arvoraram mais de mil escadas. E subindo por elas acima, os de dentro lhes resistiram com tanto esforço que em menos de meia hora, de uns e outros morreram mais de dez mil.

El-rei, que este tempo andava esforçando os seus, vendo o mau sucesso daquele acometimento, mandou retirar estes

e de novo tornou a acometer o muro com a força dos cinco mil elefantes da guerra que trazia, postos em vinte companhias, de duzentos e cinquenta cada companhia, nos quais iam vinte moéns, e chaleus, gente muito escolhida, e que tem as pagas dobradas. E dando essa força bruta assim toda junta, em todo o comprimento do muro, que seria mais de três tiros de besta, o acometeu com um ímpeto tão espantoso que quase faltam palavras para o encarecerem, porque como todos levavam castelos de que atiravam mosquetes, e lagartixas de bronze, e muita quantidade de espingardões de dez, doze palmos de comprimento, fez esta munição de fogo tamanho estrago nos defensores, que em menos de três credos a maior parte deles foi derrubada em baixo, e pondo os elefantes as trombas nos padeses que serviam de ameias, com que os de dentro se emparedavam, os desfizeram a todos de tal maneira que nenhum deles ficou inteiro, pela qual causa o muro ficou tão desamparado desta defesa que fazia aos seus, que nenhum deles ousava tornar a subir acima, com o que a entrada ficou mais fácil aos de fora, os quais vendo este bom sucesso, querendo-se aproveitar da ocasião que tinham presente, tornaram a arvorar as escadas que tinham deixado, e subiram por elas acima sem contradição alguma, e arvoraram no muro com grande estrondo de gritas, uma grande soma de guiões e bandeiras, em sinal de vitória.

E querendo-se os turcos mostrar nisto mais à parte que os outros todos, pediram de mercê a el-rei que lhes desse a dianteira, a qual lhes ele deu levemente, por conselho de Diogo Soares, que, desejoso de os ver apoucados, lhes dava sempre estes lugares mais perigosos. Eles contentes e assaz ufanos por esta mercê ser feita a eles mais que a outra nenhuma nação, das muitas que havia naquele arraial, se determinaram em sair com sua honra daquilo que tinham pedido a el-rei. E formando um esquadrão de mil e duzentos, em que entravam alguns abexins, e janízaros, subiram com grande grita pelas escadas acima, ao muro que já

neste tempo estava, como disse, pelo rei do Bramá, e tinha muita gente em cima. E estes turcos, ou por mais atrevidos ou por mais mofinos, correndo pelo lanço do muro adiante, se desceram por um baluarte abaixo ao terreiro de dentro, com fundamento de abrirem uma porta que nele estava, por onde el-rei entrasse, para que com verdade pudessem dizer que eles só foram os que lhe deram a cidade principal do reino Sião, e ganhassem o prémio que daí se esperava, porque el-rei tinha já antes prometido dar a quem lhe desse esta cidade, mil biças de ouro, que na valia da nossa moeda são quinhentos mil cruzados.

Sendo os turcos descidos todos em baixo no terreiro, ordenaram de quebrar as portas com duas vigas ferradas que já para isso levavam, e estando ocupados no efectuar desta obra, confiados em que eles só haviam de ser os que ganhassem as mil biças de ouro que el-rei tinha prometido a quem lhe abrisse as portas, deram neles três mil jaus amoucos, tão determinadamente que em pouco mais de três credos, nem um só turco ficou em pé, e não contentes com isto, subindo logo acima ao muro com aquele fervor com que estavam, como todos iam encarniçados e cheios do sangue dos turcos que deixavam mortos, deram na gente do bramá que estava em cima, tanto sem medo que nenhum ousou lhes mostrar o rosto direito, de maneira que os que melhor então se livraram, foram os que se arremessaram em baixo.

Não foi isto parte para que o rei bramá quisesse então desistir daquele assalto, mas querendo-o intentar de novo, parecendo-lhe que os elefantes por si só bastavam para lhe fazer livre aquela entrada, se foi outra vez chegando para o muro.

Ao rebate disto, o oiá Passiloco, capitão general da cidade, acudiu com muita pressa para aquela parte, acompanhado de quinze mil homens que trazia consigo, de que a maior

parte eram lusões, bornéus, e champás, com alguma mistura de menancabos, e mandou abrir as portas por onde o bramá pretendia fazer a entrada, e lhe mandou dizer que ele tinha ouvido que sua alteza prometera dar mil biças de ouro a quem lhe abrisse aquelas portas, e que ele lhas tinha já abertas, que podia entrar cada vez que quisesse, contanto que cumprisse com ele a sua palavra, como rei grandioso que era, com lhe mandar as mil biças, porque estava esperando ali por elas para as receber.

O rei bramá, entendendo a zombaria deste recado, não lhe quis responder, mostrando que não fazia caso do oiá Passiloco, e mandou apertar o assalto com muita fúria, pelo que a briga se acendeu entre uns e outros de tal maneira que era coisa medonha de ver, e com este ímpeto e força durou mais de três horas, no qual tempo as portas ambas foram quebradas, e a cidade por duas vezes entrada, o que vendo o novo rei de Sião, e havendo que já tudo estava quase perdido, acudiu muito depressa com toda a gente que tinha consigo, que seriam quase trinta mil homens, dos melhores que havia em toda a cidade, com cuja vinda se acendeu a briga muito mais do que antes era, por outro espaço de mais de meia hora, da qual confesso que não me atrevo a saber dizer como se passou, porque pela terra corriam rios de sangue, o ar ardia em fogo vivo, a grita e a revolta era tamanha que a terra parecia que se fundia, o desentoamento e a dissonância dos bárbaros instrumentos, dos apupos, dos sinos, dos tambores e sestros, o estrondo da artilharia e espingardaria, os urros do cinco mil elefantes, metiam tamanho medo que quase faziam perder o sentido, e o terreiro da banda de dentro da cidade (que já estava pelo bramá) coberto todo de corpos mortos, e com rios de sangue por todas as partes, era um tão horrendo espectáculo que só a vista dele nos trazia tão pasmados que andávamos como fora de nós.

Porém, vendo então Diogo Soares o terreiro outra vez per-

dido, e muita parte dos elefantes feridos, e os outros tão amedrontados pela artilharia, que já por nenhum caso queriam tornar ao muro, e a melhor gente daquela com que acometera esta entrada, já toda morta, e o sol ser já quase posto, se chegou a el-rei e lhe pediu que se retirasse para fora do muro, o que ele carregadamente lhe concedeu por o ver muito ferido, tanto ele como os mais dos portugueses que estavam com ele, porém com determinação de logo ao outro dia tornar a entender no que por então deixava.

187

como se deu o derradeiro assalto, e o sucesso dele

Recolhido el-rei para a sua estância, se achou ferido de uma frechada que houvera na briga daquele dia, que até então com o fervor não tinha sentido, pelo que não pôde haver efeito a determinação que tinha, de dar ao outro dia outro assalto, porque lhe foi forçoso estar doze dias na cama. Porém, passados dezassete dias, dentro dos quais ele foi são de todo, tentou logo tornar a prosseguir seu intento e efectuar o que tinha determinado, que era não levantar aquele cerco enquanto não fosse senhor da cidade, ainda que nisso se aventurasse a perder a vida e o estado, e lhe deu logo outro assalto quase ao mesmo modo do primeiro, do qual também se retirou com muita perda da sua gente, com o que se acendeu mais nele o furor, e se lhe acrescentou a contumácia, sem o espantarem os muitos que já tinha perdido, dos seus, e com isso deu mais outros cinco assaltos também à escala vista, com uma muito grande quantidade de escadas, e muitos ardis de guerra que um grego engenheiro cada dia lhe inventava, mas de todos se

retirou sempre com perda de muitos dos seus, de que mostrava andar muito enfadado, remocando por algumas vezes ter-se arrependido disto que empreendera.

Neste tempo, havendo já quatro meses e meio que durava este cerco, mandou fazer resenha geral da sua gente, e achou que tinha perdido cento e quarenta mil homens, de que a maior parte fora de doença. E vendo o estado em que estava, determinou por fim de tudo dar outro assalto por outra maneira nova, que era já o oitavo de todo este cerco, e tudo isto fez por parecer dos seus, os quais aconselharam que assaltasse a cidade de noite, apontando-lhe para isso algumas razões com que a este tempo lhe ficaria o assalto menos perigoso e a subida dos muros mais fácil. E com esta determinação mandou logo com muita pressa fazer prestes tudo o que era necessário para o efeito disto, e em dezassete dias foram feitos vinte e cinco castelos de vigas muito fortes, armado cada um deles sobre vinte e seis rodas de ferro, com mais de cem molinetes que laboravam por baixo, pelo que ficava fácil o movimento de tamanho peso; e cada um destes castelos era de dez braças de largo, e treze de comprido, e cinco de alto, forrados de muitas sobre-vigas guarnecidas de pastas de chumbo, os quais todos iam cheios de lenha, e cada um deles, na face dianteira levava seis cadeias de ferro muito compridas, por respeito do fogo. Por estes castelos atiravam os gastadores, ao som de muitos tambores e sinos, cujo espantoso e mal concertado estrondo fazia tremer as carnes.

E numa sexta-feira à meia-noite escura, chuvosa, e mal assombrada, o rei bramá mandou disparar por três vezes toda a artilharia do campo, que, como cuido que já disse, eram cento e sessenta peças grossas, de que a maior parte lançava ferro coado, e outra muito miúda de falcões, berços, cães, e mosquetes, que passavam de mil e quinhentas, a qual disparando três vezes toda juntamente, fez um tão horrendo e medonho terramoto, que com verdade me pa-

rece que posso dizer que só no inferno pode haver coisa semelhante a esta, mas na terra não, porque por muito que o entendimento disto imagine, fica sendo nada em comparação com o que realmente se passou, porque neste tempo não sòmente atiravam estas peças de artilharia grossa e miúda que tenho dito, mas juntamente com ela disparavam também todos os tiros de fogo quantos havia, de dentro e de fora, de qualquer qualidade que fossem, que seriam quase cem mil, por todos, porque este bramá, como já disse, tinha sessenta mil espingardeiros, e na cidade havia mais de trinta mil, fora sete ou oito mil falcões, e berços, e roqueiros de ferro.

Pois ver, como digo, tudo isto disparar por espaço de mais de três horas contínuas, juntamente com os trovões, com os relâmpagos e com a tempestade da noite, era coisa nunca vista, nem ouvida, nem lida, nem imaginada, e quase para se não crer, de maneira que toda a gente andava neste tempo como fora de si, uns arremessando-se com os peitos em terra, outros metendo-se em covas, outros escondendo-se por detrás das paredes, outros em poços, outros em tanques, e outros mergulhados no rio com receio da multidão dos pelouros que eram tão bastos que algumas vezes se quebravam no ar uns contra os outros.

Na maior força desta bravíssima, horrendíssima, e ardentíssima tormenta, se deu fogo aos vinte e cinco castelos, que já a este tempo estavam chegados ao muro, com o que, a braveza deste elemento, ajudada pela força do vento, que então era grande, pegando na grande soma de barris de alcatrão que achou junto consigo, causou de novo um tão espantoso inferno (que este nome se lhe pode pôr sòmente, porque não há coisa na terra com que com razão se possa comparar), que até os que estavam de fora pasmavam de medo, quanto mais aqueles a quem era forçoso esperar a força dele. E com isto se travou por todas as partes cruel e sanguinolenta briga.

Os de fora intentaram logo subir por força pelas escadas acima; porém os de dentro, que não estavam menos apercebidos de todas as coisas, lho defenderam com um tamanho esforço que quase todos, tanto uns como outros, estiveram algumas vezes de todo perdidos. Porque como a gente se renovava muitas vezes em ambas as partes, e a contumácia do rei bramá era grandíssima, andando ele mesmo em pessoa no meio dos seus animando-os com muitas palavras e com promessas de muitas mercês, a coisa foi em tanto crescimento que, por não me atrever a dizer ao menos parte do que aqui se passou, deixo ao entendimento de cada um imaginar o que podia ser.

Passadas mais de quatro horas depois da meia-noite, sendo então já os castelos de todo queimados e rasos com o chão, com um brasido tão bravo que a tiro de pedra não havia quem o pudesse suportar, o rei bramá mandou retirar os seus, a requerimento dos capitães da gente estrangeira, por terem todos a maior parte dela ferida, na cura da qual houve bem que fazer todo o dia seguinte e parte da noite.

188

como o rei bramá levantou este cerco, por novas que lhe vieram de um levantamento que houvera no reino de pegu, e do que sobre isso fez

Vendo este rei bramá que nem as baterias da artilharia que tinha dado à cidade, nem os assaltos à escala vista, com tanta força de gente, nem aquela invenção dos castelos acompanhados de tantos artifícios de fogo, em que ele tivera tamanha confiança, lhe tinham aproveitado para ele efectuar o que tanto desejara, desejoso ainda de não desistir desta empresa que tinha entre as mãos, chamou a conselho geral todos os capitães, e bainhás, e príncipes, e senhores que havia no exército, e propondo perante todos o seu intento e desejo, lhes pediu que lhe dessem nisso seus pareceres.

E depois de ser o negócio bem consultado e altercado entre eles, por fim vieram todos a concluir que por nenhum caso se desistisse do cerco, visto ser aquela empresa a mais honrosa e a mais proveitosa de quantas então se lhe pudessem oferecer, e o muito cabedal que se tinha metido nela, e que se continuasse com os assaltos, sem se levantar mão deles até de todo se destruírem os inimigos, porque claro estava, segundo o que deles tinham sabido, que não tinham já poder que bastasse para resistir a qualquer pequena força que se lhes fizesse.

El-rei, assaz contente com o que eles nisto assentaram,

por quão conforme era com o seu desejo, lho agradeceu muito, e lhes fez de novo muitas mercês de dinheiro, e lhes jurou ali que se tomasse a cidade, os faria a todos senhores do reino, com títulos de muita honra, acompanhados de grandes rendas e estados.

Tomada esta resolução, se tratou logo do modo com que se isto havia de fazer, e por conselho de Diogo Soares e do engenheiro, se assentou que se viesse criando uma serra de grandes entulhos de terra e faxina que sobrelevasse por cima dos muros, e que dela, com toda a artilharia se batessem as partes principais da cidade, pois só nelas estava a defesa dos inimigos, para o que, com muita presteza se deu logo todo o aviamento necessário. E trabalhando nesta obra os sessenta mil gastadores que havia no campo, em doze dias puseram esta serra no estado que convinha ao intento de el-rei.

E tendo já assestadas nela quarenta peças de artilharia grossa, numa trincheira de doze bastiões ao modo turquesco, para ao outro dia se bater a cidade, chegou um correio com cartas a el-rei, do Chauseró, senhor de Mouchão, em que lhe dizia que no reino de Pegu se levantara o xemindó e matara quinze mil bramás, e tomara as principais forças dele, a qual nova fez em el-rei tamanho abalo, que logo, sem fazer mais nenhuma detença levantou o cerco e se retirou para uma ribeira a que chamavam Pacarou, na qual não se deteve mais que aquela noite e o outro dia seguinte, em que recolheu a artilharia e as munições. E fazendo pôr o fogo a todas as trincheiras e estâncias do arraial, se partiu para a cidade de Martavão, uma terça-feira, aos cinco dias de Outubro de ano de 1548; e caminhando apressadamente por suas jornadas, em dezassete dias chegou a ela, onde mais largamente foi informado pelo Chalagonim, seu capitão, de tudo o que era passado no reino, e do modo que o xemindó tivera em se fazer rei e tomar-lhe o tesouro, com morte dos quinze mil bramás; e

nas cidades de Digum, Surião, Dalá, até Danaplu, tinha alojados quinhentos mil homens, com tenção de lhe impedir, com eles, a entrada no reino, com a qual nova o rei bramá se achou muito embaraçado, e, parafusando consigo no modo que teria para remediar esta desventura que tinha por diante, se deixou estar ali em Martavão mais alguns dias, esperando pelo restante da sua gente que vinha atrás, com o propósito de logo que chegasse, ir buscar este inimigo e averiguar-se com ele, em batalha campal. E em só doze dias aqui se deteve, lhe fugiram, de quatrocentos mil homens que aqui tinha consigo, cento e vinte mil, porque como todos eram pegus, e todos desejavam se verem livres da sujeição dos bramás, e o xemindó, novo rei, era pegu como eles e, de condição, muito grandioso e liberal em lhes fazer muitas mercês, fora as pagas ordinárias dos seus soldos, e além disto era manso e afável para os seus, e tão bem inclinado e largo para todos, que nenhuma coisa lhe pediam que logo a não concedesse, com isto tinha ganho tanto as vontades de todos, que nenhum havia que se não passasse para ele.

E temendo o rei bramá que esta falta que agora tinha da sua gente, fosse cada dia mais em crescimento, foi aconselhado pelos seus a que não se detivesse ali mais um só dia, porque entendido estava que quanto mais ali esperasse, tanto mais se lhe havia de diminuir o poder que tinha, pois a maior parte da sua gente, ou quase toda, era pegua, que lhe havia de ser muito pouco fiel.

A el-rei lhe pareceu bem este conselho, e se partiu logo para Pegu, onde teve por novas que o xemindó o estava esperando, o qual, sendo avisado da vinda de el-rei, também se fez prestes para o esperar, e chegados à vista um do outro, assentaram ambos os seus arraiais num campo muito grande a que chamavam Machão, a duas léguas da cidade de Pegu, o xemindó com seiscentos mil homens, e o bramá com trezentos e cinquenta mil.

Ao outro dia pela manhã, pondo-se estes dois exércitos na ordenança que convinha para a tenção de um e do outro, vieram a juntar-se uma quinta-feira, aos vinte e seis dias do mês de Novembro do mesmo ano de 1548, às seis horas da manhã. E vindo a rompimento de batalha, ela foi pelejada tanto sem medo de ambas as partes, que por espaço de pouco mais de três horas, o exército do xemindó foi desbaratado, com morte de trezentos mil dos seus, e ele fugiu com seis a cavalo para uma fortaleza a que chamavam Batelor, na qual, em uma só hora que nela esteve, se proveu de uma pequena embarcação, em que naquela noite fugiu pelo rio de Ansedá acima.

Porém deixemo-lo agora ir, que a seu tempo tornaremos a ele, e tornemo-nos ao bramá, que estava assaz contente com a vitória que alcançara, o qual logo ao outro dia pela manhã veio marchando para a cidade de Pegu, que estava dali a duas léguas, como atrás disse, a qual se lhe entregou com lhe ficarem salvas as vidas e as fazendas dos moradores, onde logo proveu em curar a gente ferida. E os que morreram na batalha, da parte do rei bramá, foram sessenta mil homens, nos quais entraram duzentos e oitenta portugueses, e todos os mais ficaram muito feridos.

189

da muita fertilidade do reino sião, e de outras particularidades dele

Porquanto até agora tratasse do sucesso que teve esta ida do rei do Bramá, ao reino de Sião, e do levantamento do reino de Pegu, parece-me que não virá fora de propósito tratar aqui, ainda que brevemente, do sítio, grandeza, abas-

tança, riqueza, e fertilidade que vi neste reino de Sião e império Sornau, e quanto mais proveitoso nos fora tê-lo antes senhoreado, que tudo quanto temos na Índia, e com muito menos custo do que até agora nos tem feito.

Este reino, como se pode ver no mapa, tem por sua graduação quase setecentas léguas de costa, e cento e sessenta na largura do sertão. A maior parte dele é de terras muito baixas, em que há muitas campinas lavradas, e rios de água doce, e por isso é muito fértil e abastada de mantimentos e de carnes. Nas partes altas tem arvoredos espessos de muita madeira de angelim, de que se podem fazer milhares de navios de toda a sorte. Têm muitas minas de prata, ferro, aço, chumbo, estanho, salitre, e enxofre. Tem também muita seda, águila, benjoim, lacre, anil, roupas de algodão, rubis, safiras, e ouro, e disto tudo muito grande quantidade. Nos matos da costa tem muito brasil, e pau-preto, de que todos os anos se carregam mais de cem juncos para a China, Ainão, Léquios, Camboja, e Champá, e têm mais muita cera, mel, e açúcar. Rendiam ordinàriamente neste reino, os direitos reais, cada ano doze contos de ouro, fora os serviços que lhe faziam os senhores dele, que também é outra muito grande quantidade. Têm na jurisdição dos seus senhorios, duas mil e seiscentas povoações a que eles chamam produm, que são como entre nós cidades e vilas, não tratando de aldeias pequenas, porque dessas não fazem caso, e a maior parte de todos estes povos não têm defesa nenhuma, mais que sòmente trincheiras de madeira, por onde muito fàcilmente os poderia senhorear qualquer pequena força que os acometesse. Os habitadores de todas estas povoações, além de por natureza serem gente muito fraca, não costumam ter armas defensivas.

A costa deste reino bebe em ambos os mares de norte e de sul, no da Índia por Junçalão e Tanauçarim, e no da China por Mopolocota, Cuy, Lugor, Chintabu, e Berdio. A metrópole de todo este império é esta cidade de Odiá,

peregrinação peregrinação peregrinação

de que até agora tenho tratado, e esta só é cercada de muros de taipa, e tijolos, e adobes. Afirmam alguns que tem dentro de si quatrocentos mil fogos, dos quais cem mil são de nações estrangeiras de muito diversas partes do mundo, porque como este reino é muito rico em si, e de grandíssimo trato para todas as províncias e ilhas da Jaoa, Balle, Madura, Anvenio, Bornéu, e Solor, não há ano em que não naveguem de mil juncos para cima, fora outros navios pequenos, de que todos os rios e portos estão sempre ocupados.

O rei, por inclinação de sua natureza, não é nada tirano. As alfândegas de todo o reino, são dedicadas por esmola a certos pagodes, por onde ficam sendo muito baratos os direitos que se pagam nelas, porque como eles não podem ter dinheiro, não pedem aos mercadores mais que aquilo que eles de boamente lhes querem dar, a modo de esmola. Têm doze seitas gentílicas, como os pegus. O rei se chama, por título supremo, Prechau saleu, que em nossa linguagem quer dizer «membro santo de Deus». Não dá mostra de si ao povo, mais que só duas vezes no ano, mas de ambas o faz com muito grande majestade, tanto de riqueza, como de poder e grandeza. E conquanto seja este que digo, reconhece superioridade por via de vassalagem e tributo ao rei da China, para que com isso possa mandar os seus juncos ao porto de Comhay, onde fazem suas fazendas.

Há mais neste reino muita pimenta, gengibre, canela, cânfora, pedra-ume, canafistula, tamarinho, e cardamomo, em muito grande quantidade, de maneira que bem se pode dizer e afirmar com verdade o que já naquelas partes ouvi muitas vezes, que é este um dos melhores reinos que há em todo o mundo, e o mais fácil de tomar e de sustentar que outra qualquer província, por pequena que seja. E realmente afirmo que de coisas que vi nesta cidade de Odiá sòmente, poderia ainda contar muitas mais particularidades do que contei de todo o reino, mas deixo de o fazer para não

causar aos que isto lerem, a mágoa que eu tenho de ver o muito que por nossos pecados, nesta parte perdemos, e o muito que poderíamos ganhar.

190

do que mais sucedeu no reino de pegu, até à morte do rei bramá, e depois dela

Tornando agora à história de que ia tratando: depois que o rei bramá houve em Pegu aquela grande vitória contra o xemindó, como atrás fica contado, com que ficou em posse pacífica de todo o reino, a primeira coisa em que entendeu, foi em castigar os culpados no levantamento passado, em que cortou as cabeças a uma grande quantidade de homens nobres, e capitães, e senhores, e lhes confiscou todos os bens para a coroa, com o que, de ouro e prata sòmente, se afirmou que houvera passante de dez contos de ouro, fora a muita pedraria e baixelas ricas; onde, como então geralmente se dizia, pagaram muitos pelo pecado de um só.

E continuando el-rei cada dia mais nestas crueldades e sem justiças que nuns e noutros executava, ao cabo de dois meses e meio em que se ocupava nisto, foi certificado que a cidade de Martavão estava levantada, com morte de dois mil bramás, e o Chalagonim, capitão dela, se declarara pelo xemindó.

Mas para que a causa deste levantamento fique entendida pelos curiosos, antes que vá mais por diante, não deixarei

de dizer brevemente que este xemindó foi um religioso, pegu de nação, homem de geração nobre, e segundo alguns deles afirmavam, muito parente do rei passado que este bramá tinha morto havia doze anos, como atrás fica dito, o qual xemindó se nomeava antes por seu próprio nome Xoripam say, era de idade de quarenta e cinco anos, e de grandes espíritos, e tido na opinião de toda a gente como homem santo, e era muito douto nos estatutos e preceitos das suas gentílicas seitas; e com isto, tinha muitas partes boas que o faziam ser tão agradável aos ouvintes, nos sermões que fazia, que quando se subia no púlpito toda a gente se prostrava por terra, dizendo a cada palavra que ele soltava: «Pitarul axinão davocó Quiay Ampaleu», que quer dizer: «Certo que Deus é o que fala por ti.»

Vendo-se pois este xemindó tão acreditado com o povo, estimulado pelo seu natural esforço e pela ocasião que tinha presente, determinou de tentar sua fortuna, e ver até onde podia chegar com ela. E assim, no tempo em que o rei bramá foi sobre o reino de Sião e pôs cerco à cidade de Odiá, como atrás fica dito, pregando o xemindó então na varela do Conquiay de Pegu, que é como Sé de todas as outras, a um grande concurso de gente, lhe tratou com muitas palavras, da perdição daquele reino, da morte do seu rei natural, e dos grandes insultos, cruéis mortes, e outros muitos males que os bramás tinham feito naquela nação pegua, com tanto desacatamento e ofensa de Deus que até as casas ricas, instituídas com as esmolas dos bons para templos de seu louvor, eram já por eles todas assoladas e postas por terra. E as que estavam mais bem tratadas, umas lhes serviam de estrebarias, e outras de monturos, e de lugares de suas imundícies. E prosseguindo a este modo esta prática, disse tantas coisas, deu tantos suspiros, e chorou tantas lágrimas, com o que fez tanta impressão no povo, que todo assim junto como estava o jurou logo ali como seu rei natural, e o nomeou como nome supremo sobre todos os outros, por xemindó, chamando-se ele antes, Xoripansay.

Este, vendo-se levantado como rei, a primeira coisa que fez foi com aquele ímpeto e fervor do povo, dar nas casas do rei bramá, onde estavam cinco mil bramás, e os meteu a todos à espada, sem a nenhum deles conservar a vida. E o mesmo fez depois a todos os outros que estavam alojados pelos lugares importantes do reino. E com isto houve também à mão o tesouro de el-rei, que não era pequeno. Assim que, quantos bramás havia no reino, que eram quinze mil, foram todos mortos, fora as mulheres de todos estes. E as forças que estavam por eles, foram tomadas e postas por terra, e em termo de só vinte e três dias, o reino ficou todo pelo xemindó, e ele juntou quinhentos mil homens para pelejar como campo do rei bramá, quando acudisse a este levantamento, donde sucedeu o que atrás deixo contado.

E porque me pareceu que isto basta para declaração do que vou contando, me torno ao meu propósito.

Sendo (como eu já disse) este rei bramá avisado do levantamento da cidade de Martavão, proveu logo com toda a presteza em mandar vir todos os senhores do reino, com a gente que cada um tinha de sua obrigação, e para isso lhes deu só quinze dias de termo, porque a necessidade não sofria maior demora, e ele logo ao outro dia se partiu aforrado desta cidade de Pegu, para que os seus fizessem o mesmo, e se foi alojar em uma vila a que chamavam Mouchão, com fundamento de se deter ali todos os quinze dias de termo.

E havendo já seis ou sete que ali estava, foi avisado que o xemim de Satão, que era um capitão de uma cidade deste nome, que estava dali a cinco léguas, mandara em segredo uma grande soma de ouro ao xemindó, e lhe fizera menagem daquela cidade, com a qual nova o rei bramá ficou algum tanto embaraçado. E cuidando consigo no meio que teria para atalhar aquele mal que se lhe aparelhava, mandou chamar o xemim de Satão, que então estava na cidade de

que era capitão, com o propósito de lhe mandar cortar a cabeça, o qual, deitando-se na cama e fingindo que estava doente, lhe respondeu que quando se pudesse levantar, ele iria logo; e suspeitando, como homem culpado, para que era mandado chamar, deu conta desse negócio a dez ou doze irmãos e parentes seus que ali tinha consigo, os quais assentaram todos que pois não havia outro meio mais certo de se salvarem, que matarem el-rei, que logo sem mais detença o pusessem por obra. E juntando logo todos com muito segredo e pressa todos os seus apaniguados, sem lhes declararem para que era aquela junta, juntaram também outra alguma gente que trouxeram a si, com muitas promessas que lhes fizeram, e de todos juntos fizeram uma companhia de seiscentos homens.

E tendo por novas que el-rei estava então aposentado nas casas de um pagode, deram nelas com muito ímpeto, em que a fortuna os favoreceu de tal maneira que o acharam ocupado em uma necessária, onde o mataram logo muito a seu salvo, e se foram retirando todos juntos para um terreiro que estava fora, no qual, porque já a este tempo havia alvoroço na gente da guarda, e a traição era sentida pelos que vigiavam, tiveram uma grande briga por espaço de quase meia hora, em que morreram de ambas as partes, oitocentos homens, de que a maior parte foram bramás.

E retirando-se o xemim de Satão, com cerca de quatrocentos dos seus, se foi marchando para um lugar grande a que chamavam Poutel, onde logo veio para ele toda a gente daquela comarca, a qual sabendo da morte do rei bramá, a quem todos tinham grandíssimo ódio, formou um grosso corpo de cinco mil homens, e se saiu em busca de três mil bramás que o rei ali trouxera consigo, os quais já a este tempo andavam espalhados por muitas partes, como pasmados e fora de si, pelo que fàcilmente foram todos mortos naquele mesmo dia, sem a nenhum se conservar a vida, entre os quais foram também mortos oitenta portugueses, de trezen-

tos que Diogo Soares ali tinha consigo, o qual com os mais que ficaram vivos, se entregaram a partido, por não terem outro remédio, e se lhes outorgou a vida, com condição e juramento que lhes deram, que dali por diante serviriam lealmente o xemim de Satão como a seu próprio rei.

Passados nove dias depois deste levantamento, vendo-se este levantado favorecido pela fortuna, e com muita gente que já lhe tinha acudido de toda aquela comarca, que em cópia se dizia que passaria de trinta mil homens, se levantou como rei de Pegu, prometendo fazer muitas mercês aos que o seguissem até que de todo ganhasse o reino e lançasse os bramás fora dele.

E com isto se recolheu para uma fortaleza a que chamavam Tagalá, com determinação de se fazer nela forte, pelo temor que tinha da gente por quem o rei morto estava esperando, de que já havia novas que era abalada da cidade de Pegu.

De entre aqueles bramás que o xemim de Satão tinha morto, escapou acaso um, o qual, ainda que muito ferido se lançou ao rio, e passando a nado à outra parte, caminhou sem parar toda aquela noite e a outra seguinte, com medo dos pegus, e ao terceiro dia chegou a um campo a que chamavam Coutasarém, a pouco de mais de uma légua da cidade, no qual já achou o Chaumigrém, colaço de el-rei, alojado com um exército de cento e oitenta mil homens, dos quais só trinta mil eram bramás, e todos os mais eram pegus, e estava já de caminho para se partir quando quebrasse a força da calma, que poderia ser dali a duas horas, e lhe deu conta da morte de el-rei, e de tudo o mais que era passado.

O Chaumigrém, ainda que ficasse assaz sobressaltado com aquela nova, todavia a dissimulou por então, com tanto esforço e prudência que ninguém enxergou nele turbação alguma, mas vestindo-se com umas vestiduras ricas de cetim carmesim, bordadas de ouro, e com um colar de pedraria

ao pescoço, mandou chamar todos os capitães e senhores daquele exército, e com semblante alegre lhes disse:

—Este homem que agora vistes vir tão apressado, me trouxe esta carta de el-rei, meu senhor e vosso, que tenho na mão, e ainda que nela me dê algumas repreensões pelo descuido de nossa tardança, espero em Deus que muito cedo lhe hei-de dar razão dela, e sua alteza nos ficará devendo a todos o serviço que nisso lhe fizemos. E também me avisa que tem por nova muito certa que o xemindó reforça o campo, com determinação de vir sobre Cosmim e Dalá, e senhorear, pelo rio de Digum e Meydó, toda a comarca de Danaplu até Ansedá, pelo que me manda que com toda a brevidade proveja logo estes lugares mais importantes, com força bastante para resistir ao inimigo, e que olhe que se não perca nada por meu descuido, porque me não há-de receber desculpa nenhuma.

Pelo que me parece bem e muito necessário ao seu serviço, que vós, senhor xemim brum, vos vades logo sem esperardes mais um momento, meter com a vossa gente dentro de Dalá, e vosso cunhado o bainhá Quem, com os seus quinze mil homens, em Digum, e o capitão Gibray, e o Mompocasser com trinta mil em Ansedá e Danaplu, e o Ciguancão, com vinte mil homens, desde Xará até Malacou, e o Quiay Brazagarão com os seus irmãos, cunhados, e mais parentes, vá como fronteiro-mor sobre todos, com um campo de cinquenta mil homens, para com eles e com sua pessoa prover os lugares que tiverem necessidade. E disto que de sua parte vos certifico e requeiro, se faça assento em que todos assinemos, porque eu não quero que a minha cabeça só pague a vossa inadvertência ou o vosso descuido.

E estes capitães todos lhe obedeceram logo, e sem mais detença se partiram dali todos, cada um para onde lhe fora mandado. E com este ardil tão sagaz e tão dissimulado, despediu de si todos os cento e cinquenta mil pegus, em

espaço de pouco mais de três horas, por se temer que se lhes chegasse a nova da morte de el-rei, dessem nos trinta mil bramás que ali tinha consigo, dos quais sabia certo que não haviam de deixar nenhum com vida.

E logo que a noite se cerrou, voltando sobre a cidade que podia ser dali a pouco mais de uma légua, recolheu muito depressa todo o tesouro do rei morto, que se afirmou que passava de trinta contos de ouro, fora a pedraria que não tinha preço, e as mulheres e filhos da gente bramá, e as armas e munições que pôde levar. E a tudo o mais que havia nos armazéns, mandou pôr o fogo, e fez rebentar toda a artilharia miúda, e a grossa a que não pôde fazer o mesmo, mandou cravar, e matou toda a força bruta de sete mil elefantes que havia na terra, sem deixar vivos mais que só dois mil em que levava toda a sua bagagem, e as munições, e o tesouro; e tudo o mais foi consumido pelo fogo, de tal maneira que nem dos paços em que havia casas cobertas de ouro, nem da ribeira com os armazéns e terecenas, em que havia duas mil embarcações de remo varadas em terra, ficou coisa que não fosse feita em cinza.

E feito isto, se partiu com muita pressa uma hora antemanhã, e seguiu seu caminho para o Tangu, que era a sua própria pátria donde tinham saído havia catorze anos, a conquistar este reino pegu, e distava dali, pelo sertão dentro, cento e sessenta léguas. E como o medo costuma dar asas aos pés, este os fez caminhar com tanta pressa que em quinze dias chegaram ao lugar para onde iam.

Passados dois dias disto que tenho contado, souberam os cento e cinquenta mil pegus que o rei bramá era morto, e como eram inimicíssimos desta nação, fazendo-se os cento e vinte mil num corpo, voltaram muito depressa em busca dos trinta mil bramás, e quando chegaram à cidade havia três dias que eram partidos. E seguindo-os com toda a pressa, que puderam, chegaram até um lugar a que chamavam Guinacoutel, a quarenta léguas adiante, onde acharam novas que havia cinco dias que eram passados; pelo que, desesperando de efectuarem seu desejo, que era fazê-los a todos em postas, se tornaram para donde tinham partido.

E tomando conselho sobre o que fariam de si, assentaram que pois não havia rei natural, e a terra estava já despejada da gente bramá, se passassem para o xemim de Satão, e assim o fizeram logo, o qual os recebeu com muito alvoroço e contentamento, e lhes prometeu muitas mercês e muitas honras, e acrescentamentos no reino logo que o tempo desse de si mais quietação. E com isto se partiu logo para a cidade de Pegu, onde dos moradores dela foi recebido com triunfo de rei, e coroado como tal, na varela do Conquay, que é como Sé de todas as outras.

191

do que sucedeu no tempo deste rei xemim de satão, e de um caso abominável que aconteceu a diogo soares

Havendo já três meses e nove dias que este tirano xemim estava pacífico rei nesta cidade e reino de Pegu, e sem receio nem contradição de pessoa alguma, começou a distribuir indevidamente, e a fazer mercê a quem queria, dos bens que eram da coroa, donde resultaram grandes escândalos, que foram causa de haverem muitas brigas e discordâncias entre muitos senhores, os quais, por esta razão e pouca justiça que o tirano tinha no que fazia, se foram para di-

versas terras e reinos estranhos, e outros se passaram para o xemindó, o qual já neste tempo começava a ter algum certo nome, porque depois de fugido da batalha passada, com seis a cavalo, como atrás disse, foi ter ao reino de Ansedá, onde pela eficácia dos seus sermões, e pela autoridade de sua pessoa, atraiu a si uma grande quantidade de gente; e com o favor e ajuda destes senhores que se passaram para ele, juntou um corpo de sessenta mil homens, com os quais se foi chegando para o Meidó, onde dos naturais da terra foi bem recebido.

E deixando agora de tratar do mais que aqui nesta terra fez em quatro meses que nela esteve, de que se tratará a seu tempo, me passarei a um estranho caso que nestes breves dias aconteceu nesta cidade, para que se saiba em que parou a prosperidade do grande Diogo Soares, governador que foi deste reino Pegu, e o galardão que o mundo por fim costuma dar a todos os que o servem e que se fiam nele, por mais boas venturas que lhes mostre no começo.

Havia nesta cidade de Pegu um mercador chamado Mambogoá, homem rico e de nome na terra, o qual em tempo do rei bramá passado, quando Diogo Soares estava na maior força do seu mando e valia, com título de irmão de el-rei, e supremo em todo o governo sobre todos os príncipes e senhores do reino, veio a tratar de casar uma filha que tinha, com um mancebo, filho de outro mercador honrado e também muito rico, que se chamava Manicamandarim. E concertados os pais dos noivos nos dotes que ambos deram a seus filhos, que segundo diziam, foram trezentos mil cruzados, vindo o dia das bodas, se celebraram com muitas festas e grandíssimo fausto de riquezas e honras, a que foi junta grande parte da gente nobre desta cidade.

E acertando neste mesmo dia, já quase sol-posto, a vir Diogo Soares de casa de el-rei, com muita gente de que

sempre andava acompanhado, tanto a pé como a cavalo, passou pela porta do Mambogoá, pai da noiva, e ouvindo as grandes festas e regozijos que havia na casa, perguntou o que aquilo era, e lhe foi respondido que casava Mambogoá a sua filha. Ele então, detendo o elefante em que ia, lhe mandou dizer que para bem lhe fosse aquele casamento, e que Deus os deixasse viver e lograr muitos anos, e outras palavras a este modo, e lhe fez de si muitos oferecimentos para o que dele lhe cumprisse. De que o velho, pai da noiva, se houve por tão grande e honrado que não sabendo com que pagasse tamanha honra, pois a dignidade e grandeza da pessoa que lha fazia era quase tamanha como a do próprio rei, desejoso de satisfazer em parte o que em todo não podia, tomou a filha pela mão, acompanhada de muitas mulheres nobres, e veio com ela até à porta da rua onde estava o Diogo Soares. E depois de se lhe prostrar por terra com um muito grande acatamento, lhe deu por seu modo as graças daquela mercê e honra que lhe fizera; e tirando a moça, por mandado de seu pai, um anel rico que tinha no dedo, lho deu com os joelhos em terra, ao que o Diogo Soares, em vez de lhe guardar o decoro que se lhe devia em lei de nobreza e de amizade, como era de condição sensual e desonesto, estendendo a mão, depois de lhe tomar o anel, pegou rijamente nela, dizendo:

— Nunca Deus queira que moça tão formosa como vós, se empregue em outrem senão em mim.

O pobre velho do pai, vendo pegar tão rijo na filha, e com um insulto tão afrontoso, levantando as mãos e com os joelhos em terra, lhe disse chorando:

— Peço-te, senhor, por reverência do grande Deus que adoras, concebido no ventre da Virgem sem mácula de pecado algum, como confesso e creio, segundo o que dele tenho sabido e ouvido, que me não tomes minha filha, porque morrerei de paixão; e se quiseres o dote que lhe dei,

com tudo o mais que me fica em casa, e a mim por cativo, eu to darei logo, contanto que me deixes minha filha ser mulher de seu marido, porque não tenho já outro bem neste mundo, nem o quero enquanto viver.

E com isto, pegou na filha.

Diogo Soares, vendo que o triste do velho, todo banhado em lágrimas, pegava na sua filha sem lhe responder a ele palavra, disse bradando para o capitão da sua guarda, que era um turco:

– Mata, mata este perro.

E arremetendo o turco com um terçado para o matar, o coitado do velho lhe fugiu e deixou a filha toda escabelada nas mãos do Diogo Soares. E porque também o mancebo, esposa da moça, pegou nela chorando, o mataram logo ali a ele, e a seu pai, com outros seis ou sete parentes seus. Já neste tempo a grita das mulheres que estavam na casa era tamanha que metia medo, e a terra e os ares tremiam, ou para dizer melhor, clamavam a Deus do pouco temor da sua justiça, com que se fez este tamanho insulto e desatino.

E perdoe-se-me não contar por extenso as particularidades que houve neste feio caso, porque o faço por honra do nome português. Basta dizer que a moça se estrangulou com um cordão que trazia cingido, antes que o sensual Galego a pudesse ter consigo, de que ele disse depois algumas vezes, em prática, que mais lhe pesara não a conversar, do que se arrependera de a tomar.

Deste dia em que isto se passou, a quatro anos, nunca ninguém viu o pai desta moça fora de sua casa, mas para mostrar o seu grande sentimento, vestido com um pedaço de esteira rota, pedia esmola aos seus mesmos escravos, de que comia, debruçado com o rosto no chão. E assim com

muitas lágrimas continuou sempre até que viu tempo e conjunção para pedir justiça, a qual pediu desta maneira: vendo ele que já então no reino havia outro rei, outros governadores, e outra justiça (que são mudanças que o tempo costuma fazer em todas as partes e em todas as coisas), saiu de sua casa com aqueles pobres vestidos com que andava, e com uma grossa corda ao pescoço, e com uma barba muito branca e já a este tempo tão comprida que lhe dava abaixo dos peitos, e se foi a um templo que estava no meio de uma grande praça, de nome Quiay Fintareu, deus dos afligidos, e tomando o ídolo do altar onde estava, se saiu com ele nos braços à rua, e depois de lhe fazer todas as zumbaias com todas as cerimónias costumadas ao modo gentílico, bradando por três vezes em vozes muito altas, para que o ouvisse todo aquele concurso de gente que então ali estava, disse chorando:

– Ó gentes, gentes, que com corações limpos e quietos professais a verdade deste deus da aflição que em minhas mãos vedes, saí como raios por noite chuvosa, a bradar com vozes e gritos tão altos que rompam o céu, para que a orelha piedosa do alto Senhor se incline a ouvir nossos gemidos, e saiba por eles a razão que temos para lhe pedir justiça deste estrangeiro maldito que nunca devia ter nascido, usurpador de nossas fazendas e desonrador de nossas gerações. E o que comigo não acompanhar este deus que tenho nas mãos, a chorar e gemer um crime tão abominável, a serpe tragadora da côncava funda da casa do fumo lhe consuma os seus dias, e lhe despedace as suas carnes no meio da noite.

As quais palavras fizeram nos ouvintes tamanho espanto e tamanha impressão, que em menos de um quarto de hora se juntaram ali com ele mais de cinquenta mil pessoas, com tamanho furor e desejo de vingança, que parecia coisa fora de toda a razão; e aumentando cada vez mais a gente, se foram dali direitos à casa de el-rei, com um ruído de

vozes tamanho que as carnes tremiam com medo, e chegando desta maneira ao terreiro dos paços reais, deram por seis ou sete vezes uma grande grita, dizendo:

— Sai, rei, de lá de dentro onde estás, a ouvir a voz do teu Deus, que pela boca deste pobre povo te pede justiça.

El-rei, ouvindo aquelas vozes e gritas, chegou a uma janela, e espantado daquela tamanha novidade lhes perguntou o que queriam, a que todos a uma voz responderam com brados tão altos que parecia que rompiam o céu:

— Justiça, justiça de um maldito infiel, que para nos roubar nossas fazendas, nos matou nossos pais, filhos, irmãos e parentes.

E perguntando-lhes quem era aquele, lhe responderam:

— É um maldito ladrão, traiçoeiro em suas obras como a maldita serpente que derrubou no deleitoso prado o primeiro homem que Deus criou.

El-rei, ouvindo estas palavras, tapou as orelhas a modo de espanto muito grande, e lhes disse:

— E é possível que haja aí coisa semelhante a isso que agora dissestes?

A que eles todos tornaram a responder:

— Este sòmente o é, mais que quantos nasceram na terra, pelo que tem da sua maldita inclinação e natureza. Pelo que, em nome deste deus da aflição, te pedimos que as suas veias sejam tão vazias de sangue, quão cheio está o inferno das suas más obras.

El-rei se virou então para os que estavam junto dele, e lhes disse:

— Que vos parece que devo fazer neste novo e estranho caso?

A que todos lhe responderam:

— Se tu, senhor, duvidares do que este deus da aflição te vem pedir, também ele duvidará de te sustentar na dignidade em que estás posto.

E tornando-se então el-rei a virar para o tumulto da gente que estava em baixo no terreiro, lhes disse que se fossem para a praça do bazar, e que aí lho mandaria entregar, para eles fazerem dele o que lhe pediam. E com isto, despedindo logo o chircá da justiça, que era o supremo nela, acima de todos os outros, lhe disse que de sua parte fosse chamar Diogo Soares, e o entregasse atado àquele povo, para que fizesse justiça nele à sua vontade, porque temia muito que se não fizesse esta justiça, a faria Deus dele.

192

do mais que se passou neste caso de diogo soares

O chircá da justiça se foi logo a casa de Diogo Soares, e lhe disse que el-rei o mandava chamar, o qual em vendo o chircá, ficou tão sobressaltado e tão fora de si que por um grande espaço lhe não pôde responder, como homem que de todo perdera o sentido. Porém depois que passou a força daquele sobressalto, e ele tornou em seu acordo,

lhe disse que lhe pedia muito que o quisesse por então escusar de ir com ele, porque se achava com grande dor de cabeça, e que lhe daria por isso quarenta biças de ouro, a que o chircá respondeu:

— Muito pouco me dás para eu tomar sobre mim tamanha dor de cabeça como essa que dizes que tens. Por isso crê que hás-de ir comigo ou por bem ou por mal, já que me obrigas a te falar a verdade.

Vendo Diogo Soares que não havia remédio para se escusar da sua ida, quis levar consigo seis ou sete criados seus, mas nem isso lhe consentiu o chircá, dizendo:

— Eu não faço mais que o que el-rei me manda, cuja vontade é ires tu só, e não irem sete, porque o tempo em que costumavas andar tão acompanhado como eu te vi muitas vezes, já passou, e já se acabou no dia em que morreu o tirano bramá, que era o cano por onde tu te encheste de tamanha soberba, como parece, pelas tuas feias obras de que hoje te estão acusando diante de Deus.

E tomando-o pela mão, o levou sempre junto consigo, fechado no meio de uma companhia de mais de trezentos homens, o que a todos nos fez ficar assaz confusos.

E caminhando assim com ele de rua em rua, chegou ao passeivão do bazar, que é a principal praça onde se vendem todas as coisas, onde veio acaso dar com ele, de rosto, Baltasar Soares, seu filho, que vinha de casa de um mercador onde aquela manhã seu pai o tinha mandado arrecadar um pouco de dinheiro que lhe deviam, o qual vendo assim levar o seu pai, se apeou rijo do cavalo em que ia e lançando-se aos seus pés lhe disse chorando:

— Que coisa é esta, senhor, ou porque vos levam desta maneira?

A que ele respondeu:

— Pergunta-o aos meus pecados, que eles to dirão, porque te afirmo filho meu, que vou já de maneira que tudo me parece sonho.

E abraçando-se ambos, estiveram assim por um grande espaço, chorando um com o outro, até que o chircá mandou ao Baltasar Soares que se afastasse, porém ele o não fez, porque se não podia despegar de seu pai; mas os ministros o tiraram dali à força, e lhe deram um tamanho empurrão que o feriram na cabeça, e sobre isso lhe deram muitas pancadas, de que o pai caiu com um vágado esmorecido no chão, e pedindo uma pouca de água, lha não deram, ao que ele depois que tornou em si, levantando as mãos ao céu, disse com muitas lágrimas:

— Si iniquitates observaveris Domine, Domine quis sustinebit? Mas confiado eu, meu eterno Deus, no preço infinito do teu precioso sangue que por mim derramaste na Cruz, poderei dizer muito afoitamente: Misericordias Domini in alternum cantabo.

E chegando com grande aflição à vista de um pagode onde el-rei o mandava levar, dizem que quando viu tanta gente, que pasmou, e depois que esteve assim um pouco suspenso, olhando para um português que lhe consentiram que fosse com ele para o animar e esforçar na fé, lhe disse:

— Jesus! Todos estes me acusaram diante de el-rei?

A que o chircá respondeu:

— Não é este o tempo de te lembrares disso, pois és discreto e entendes qual é a condição do povo desconcertado que sempre segue o mal, a que naturalmente se inclina.

A que Diogo Soares chorando disse:

— Bem o vejo e bem entendo que este seu desconcerto procede de meus pecados.

— Pois sabe — lhe tornou o chircá — que este é o pago que eles e o mundo costumam dar aos que na vida foram tão esquecidos do temor da justiça divina, como tu foste, e praza a Deus que te dê graças para que neste pequeno espaço de vida te arrependas do que fizeste, e quiçá te valerá mais do que te valeu o muito ouro que agora cá deixas por herança a quem porventura te manda matar.

Aqui pôs Diogo Soares os joelhos no chão e os olhos no céu, e com muitas lágrimas disse:

— Senhor Jesus Cristo, pelas dores da tua sagrada paixão te peço que permitas, meu Deus, por quem és, que pela acusação destes cem mil cães esfaimados se satisfaça em mim o castigo da tua divina justiça, para que se não perca o muito que na salvação da minha alma, de tua parte puseste sem to eu merecer.

E subindo pelas escadas do terreiro acima, me afirmou este português que ia com ele, que a cada degrau beijava o chão e nomeava o nome de Jesus três vezes. Logo que chegou ao cimo, o Mambogoá, que tinha o ídolo nos braços, incitando o povo com brados muito altos, lhe disse:

— O que, por honra deste deus de aflição que tenho em meus braços, não apedrejar esta serpente maldita, os miolos de seus filhos se consumam no meio da noite, para que bramindo por pena de tamanho pecado, se justifique neles a direita justiça do alto Senhor.

Após as quais palavras, foram tantas as pedradas sobre o padecente Diogo Soares, que em menos de um credo ficou

soterrado debaixo de uma infinidade de pedras e seixos, os quais se arremessavam com tanto desatino que muitos dos que as atiravam, ficavam também escalavrados.

E dali a uma hora tiraram o pobre de Diogo Soares de baixo das pedras, com outro tumulto de gritos e vozearias, e o fizeram em muitos pedaços que os moços, com a cabeça e com as tripas, traziam arrastando pelas ruas, a que toda a gente dava esmola como a uma obra muito pia e muito santa.

El-rei, mandando-lhe logo dar na casa para lhe tomarem a fazenda, foi tamanha a desordem, pela cobiça que levavam aqueles cães esfaimados, que nem telhas lhe deixaram nos telhados, e por se não achar quanto se presumia que tinha, meteram a tormento todos os escravos e criados seus, com tamanho excesso de crueldade que ali ficaram mortos trinta e oito, em que entraram sete portugueses que inocentemente padeceram pela coisa de que não sabiam parte.

E em todo este despojo se não acharam mais que só seiscentas biças de ouro, que são trezentos mil cruzados, sem mais outra coisa alguma senão peças ricas e móvel de casa; mas pedraria, nenhuma. Por onde se afirmou que Diogo Soares a este tempo a tinha já toda enterrada, de que nunca se pôde saber parte, por mais exames que sobre isso se fizessem. Porém, segundo depois soube pelo dito de homens que algumas vezes lha viram no tempo em que ele estava em sua prosperidade, se afirma que, pelos preços dali da terra, valia mais de três contos de ouro.

E desta maneira acabou o grande Diogo Soares que a fortuna tanto tinha levantado naquele reino de Pegu, que chegou a ter título de irmão de el-rei, que é ali o mais alto e supremo de todos, com duzentos mil cruzados de renda, e a ser capitão geral de oitocentos mil homens, e governador supremo sobre todos os outros dos catorze reinos que en-

tão senhoreava o rei do Bramá. Mas esta é a condição de os bens mundanos, principalmente dos mal adquiridos, serem sempre meio e caminho de desventuras.

193

como o xemindó veio sobre o xemim de satão, e o que daí sucedeu

Tornando agora ao xemindó de que há já muito se não trata: crescendo cada dia mais neste tirano e cobiçoso rei xemim de Satão, as crueldades e as tiranias que usava com todo o género de gente, matando e roubando todos os dias toda a sorte de homem que lhe parecia que tinha dinheiro ou coisa de que se pudesse lançar mão, veio isto a tanto crescimento que se afirmou que em só sete meses que pacìficamente possuiu este reino Pegu, matara seis mil mercadores e homens ricos, fora senhores antigos que, a modo de morgados, possuíam os bens da coroa. Pela qual causa era já tão malquisto de toda a gente, que a maior parte dos que trazia consigo lhe fugiram para o xemindó, o qual neste tempo já tinha por si as cidades de Meidó, Dalá, e Coulão, até aos confins de Xará, das quais abalou a cercar este tirano com um exército de duzentos mil homens e cinco mil elefantes.

E chegando à vista da cidade de Pegu onde ele então residia com toda a sua corte, a cercou toda em roda, de trincheiras e valos muito fortes, e lhe deu alguns assaltos, mas não a pôde entrar tão fàcilmente como lhe pareceu, pela grande resistência que achou nos de dentro. Pelo que, mudando o

conselho, como discreto que era, assentou manhosamente tréguas com o tirano, por vinte dias, com algumas condições, das quais foi uma que, se no termo destes vinte dias lhe desse mil biças de ouro, que eram quinhentos mil cruzados, desistiria da pretensão e direito que tinha no reino, e tudo isto manhosamente, porque entendeu que por esta via o renderia mais a seu salvo.

Começando a correr o tempo das tréguas, ficou tudo quieto de uma parte e da outra, e os de dentro com os de fora se começaram a comunicar mìsticamente, e nestes dias desta quietação, quando vinham as duas horas antemanhã se tocavam na parte do xemindó muitos instrumentos suaves ao seu modo, ao som dos quais toda a gente da cidade acudia aos muros a ver o que aquilo era. Os de fora então fazendo calar os instrumentos, se dava um pregão com uma voz muito triste e sentida, por um sacerdote tido na opinião de todos por homem santo, o qual dizia:

— Ó gentes, gentes, a quem a natureza deu orelhas para ouvir, ouvi a voz deste capitão santo xemindó, espelho claro por quem Deus vos manda restituir na liberdade primeira de vosso descanso, o qual a todos assim como estais vos admoesta e manda da parte do Quiay Nivandel, deus das batalhas do campo Vitau, que ninguém levante mão contra ele, nem contra este santo ajuntamento zelador do povo pegu, e irmão, no sangue, do mais pequeno de todos os pobres, sob pena que o que for contra este exército dos servos de deus, ou for em consentimento de se lhe fazer algum mal, será por isso maldito, e feio, e negro como os filhos da noite que na baba irosa da sua peçonha dão bramidos de raiva cruel, tragados pelas ardentes gengivas do dragão da discórdia, a quem o verdadeiro senhor de todos os deuses amaldiçoou perpètuamente. E aos bem-aventurados que obedecerem a este pregão, com obediência de santa irmandade, se lhes outorga perpétua paz nesta vida, acompanhada de muitos bens e de muitas riquezas, e depois da

morte sua alma será tão limpa e agradável a Deus como as dos santos que passaram bailando nas réstias do sol, para o descanso do Senhor poderoso.

E tornando-se após este pregão, a tocar de novo aquela vozearia de instrumentos, era tamanho o estrondo e o medo que isto fazia aos ouvintes, e tamanha a impressão que lhes fez nos corações, que em só sete noites que isto continuou, se passaram para o arraial do xemindó, passante de sessenta mil pessoas, porque tanto crédito davam todos àquilo que ouviam, como se lho dissesse um anjo que viesse do céu.

Mas vendo este tirano rei cercado, que estes pregões lhe eram tão prejudiciais que eles podiam vir a ser a sua total destruição, quebrou as tréguas aos doze dias, e tomando conselho com os seus sobre o que nisto se devia fazer, lhe aconselharam que por nenhum modo se deixasse estar cercado, porque segundo a gente estava já amotinada, em menos de dez dias lhe havia de fugir toda. Pelo que, o melhor e mais acertado conselho era pelejar com o xemindó, em campo antes que se ele fizesse mais poderoso. E determinado neste parecer, se fez logo prestes para o pôr em obra, e daí a dois dias, uma antemanhã, saiu por cinco portas com oitenta mil homens que ainda então tinha consigo, e arremetendo aos inimigos com grande fúria, e grandes estrondos de vozes e gritas, eles, que não estavam descuidados, os vieram receber com muito esforço, e entre todos se travou uma briga tão cruel, e pelejada com tanta vontade que em espaço de pouco mais de hora e meia que a maior força dela durou, morreram de ambas as partes passante de quarenta mil homens, no fim do qual tempo o xemim de Satão, novo rei, foi derrubado do elefante em que andava, por uma arcabuzada que lhe deu um português de nome Gonçalo Neto, natural de Setúbal, pela qual causa a mais gente se acabou de render, e a cidade se entregou a partido de lhe ficarem a todos salvas as vidas e as fazendas. E o xemindó entrou logo dentro dela, e no mesmo dia se coroou como rei de Pegu na varela grande, um sábado, aos vinte e três dias de Fevereiro do ano de 1551.

E ao Gonçalo Neto, pelo que fizera, mandou dar vinte biças de ouro, que são dez mil cruzados, e aos mais portugueses que eram oitenta, deu cinco mil cruzados, e lhes fez muitas honras, e deu muitas liberdades na terra, e lhes quitou por três anos todos os direitos de suas fazendas, o que depois se lhes guardou muito inteiramente.

194

do que fez o xemindó depois de ser coroado como rei de pegu, e como o chaumigrém, colaço de el-rei do bramá, veio sobre ele com um grande exército, e do sucesso que teve

Vendo-se o xemindó coroado rei em Pegu, e senhor pacífico de todo o reino, entrou em diferentes pensamentos dos que tivera o xemim de Satão quando se viu no mesmo estado, porque este xemindó, a coisa em que primeira e principalmente entendeu, foi em trabalhar todo o possível para conservar a república em paz e justiça, com uma tamanha quietação e inteireza que nenhum grande ousava levantar os olhos para nenhum pequeno, por muito pequeno que este fosse. E em tudo o mais que tocava ao governo do reino, guardava uma tamanha virtude e verdade, que os es-

trangeiros que então ali se acharam, se espantavam muito, porque considerando bem, a paz, quietação e conformidade de todo o povo, era para causar espanto.

Correndo assim este reino neste ditoso estado, por espaço de três anos e meio, sendo informado o Chaumigrém, colaço do rei bramá que o xemim de Satão matou, como atrás fica dito, que pelos levantamentos e guerras que depois da sua vinda houvera em Pegu, era morta a principal gente do reino, e que o ximindó que nele então reinava, estava muito falto de todas as coisas necessárias para a defesa dele, determinou tentar de novo a mesma empresa em que, antes, pelo sucesso da morte do seu rei, se tinha perdido.

E para isto juntou com seu soldo um grosso campo de gente estrangeira de diversas nações, a que pagava a tincal de ouro por mês, que da nossa moeda são cinco cruzados. E aos nove dias de Março do ano de 1552, abalou do Tangu, que era a sua pátria, com um exército de trezentos mil homens, de que cinquenta mil sòmente eram bramás, e todos os mais eram moéns, chaleus, calaminhãs, savadis, pancrus e avás; assim, destas seis nações era a maior de toda esta gente, que habita pelos rumos de leste e lés-nordeste, o sertão destes reinos, em distância de mais de quinhentas léguas, como se pode ver num mapa, se a sua graduação estiver verdadeira.

O novo rei de Pegu, xemindó, tendo novas certas deste poder que vinha sobre ele, se fez prestes para lhe sair ao encontro, com o propósito de lhe dar batalha, e para isto juntou nesta cidade onde estava, um grosso campo de novecentos mil homens, porém tudo gente pegua, que de natureza é fraca, e por muito menos que toda a outra de que tenho tratado. E uma terça-feira, aos quatro dias de Abril, ao meio-dia, sendo avisado que o campo dos inimigos estava alojado ao longo do rio de Meleitay, a doze léguas dali, se deu tanta pressa que naquele mesmo dia e

seguinte, toda a gente foi posta em ordenança, porque como já há mais tempo estava prestes e exercitada por seus capitães, não houve muito que fazer em a juntarem; e ao outro dia às nove horas se abalou todo este poder, e marchando ao som de infinitos instrumentos de guerra, não muito apressado, se foi alojar aquela noite dali a duas léguas, junto do rio de Pontareu, donde não quis passar mais adiante, e ao outro dia à tarde, uma hora antes do sol-posto, o bramá Chaumigrém lhe veio ali dar vista de si, com uma ala de gente tão grossa que ocupava quase légua e meia, em que havia setenta mil a cavalo, e duzentos e trinta mil a pé, e seis mil elefantes de peleja, fora quase outros tantos em que vinha a bagagem e os mantimentos. E porque já neste tempo era quase noite, se alojou ao longo da serra, para ficar assim mais seguro.

Aquela noite se passou com boa vigia, e grandes estrondos de vozearias e gritas de ambas as partes, e quando ao outro dia amanheceu, que foi um sábado, aos sete dias do mês de Abril do ano de 1552, às cinco horas da manhã, estes dois exércitos vieram-se chegando para junto do rio, com diferentes determinações: o bramá, para passar a vau e pôr-se da outra banda do rio, num alto que a terra fazia junto de uma ribeira, e o xemindó para lho impedir, sobre a qual requesta houve algumas escaramuças em que morreram de ambas as partes, mas não que passassem de quinhentas pessoas, e com isto se gastou a maior parte daquele dia todo. Porém o Chaumigrém ganhou o lugar que pretendia, e nele se deixou estar toda aquela noite com boa vigia e com grandes luminárias de fogo. E logo que ao outro dia foi manhã clara, o xemindó, rei dos pegus, apresentou batalha aos da parte contrária, os quais lha não recusaram, e travando-se uns com os outros com a fúria que o cruel ódio traz consigo, as duas dianteiras, em que vinha a principal gente de ambos os exércitos, se trataram de tal maneira que em pouco mais de meia hora o campo todo ficou assaz acompanhado de corpos, com o que os pegus

começaram a mostrar fraqueza. Vendo então o xemindó que os seus, por estarem muito feridos, iam perdendo muito do campo, os socorreu com um corpo de três mil elefantes, com que deu nos setenta mil a cavalo tanto sem medo que os bramás tornaram a perder tudo o que tinham ganho. Mas o Chaumigrém, como mais prático na guerra, entendendo como então se podia ganhar, fingiu que se lhe ia retirando, a modo de vencido, o que o xemindó não entendeu, mas como desejoso da vitória, esforçando os seus, foi seguindo a alcance por espaço de quase meio quarto de légua. Porém o bramá tornou então a voltar com toda a sua gente, e deu nele com grandíssimo ímpeto e com uma grita tão espantosa que não sòmente fez tremer os homens, mas também a terra e todos os outros elementos, com o que a peleja se tornou a renovar de tal maneira que em muito pequeno espaço o ar se viu ardendo em fogo e a terra alagada em sangue, porque os capitães e senhores pegus, vendo o seu rei tão metido na força da batalha, e com mostras já de vencido, abalaram sem ordem nenhuma para o socorrerem, o que o Panousaray, irmão do bramá, também fez com quarenta mil homens e dois mil elefantes, com o qual encontro a sanguinolenta briga se acendeu de tal maneira que não há palavras com que na verdade se possa contar, e por isso não direi mais senão que sendo pouco mais de meia hora de sol, o campo dos novecentos mil pegus foi de todo roto, com morte, segundo aí se disse, de quatrocentos mil deles, e todos os mais ou a maior parte deles, assaz feridos; e o xemindó, por conselho dos seus, desapareceu de entre eles.

E ficando então o campo pelo Chaumigrém, ele, naquele pequeno espaço que ainda restava do dia, se coroou como rei de Pegu, com as mesmas insígnias reais de estoque, coroa e ceptro, que foram do rei bramá que o xemim de Satão matara. E porque já a este tempo era quase noite, se não entendeu em mais que na cura dos feridos e na vigia do campo.

195

de um grosso motim que houve no campo deste novo rei bramá, e da causa por que se levantou, e do sucesso dele

Logo que ao outro dia foi manhã clara, todos os vencedores soldados, tanto os sãos como os feridos, se ocuparam ne despojo dos mortos, de que muitos ficaram bem ricos e com grandíssima quantidade de peças de ouro e de pedraria, porque é costume desta gentilidade, como cuido que já tenho dito, levarem todos consigo à guerra todas as riquezas quantas possuem.

E depois que os soldados ficaram nesta parte bem satisfeitos, o novo rei deste mísero reino abalou dali do lugar daquela vitória para a cidade de Pegu, que estava dali a pouco mais de três léguas. E não querendo entrar nela aquele mesmo dia, por alguns respeitos que aqui se declararam, se alojou à vista dela, em distância de pouco mais de meia légua, em um campo a que chamavam Sunday patir, onde depois de alojado proveu na guarda das vinte e quatro portas, mandando pôr a cada uma delas, um capitão bramá com quinhentos a cavalo, e aqui se deteve cinco dias, sem acabar de se resolver a entrar na cidade, pelo receio que tinha do saque que os estrangeiros lhe requeriam, e a que lhes ele estava obrigado por um concerto que no Tangu fizera com eles; e como é costume ordinário da gente da guerra que vive por seu soldo, não ter respeito a outra coisa mais que ao interesse que espera, vendo estas seis nações

esta demora de el-rei em entrar na cidade, que elas muito mais sofriam, vieram três delas a se amotinar, por conselho de um português que andava com eles, de nome Cristóvão Sarmento, natural de Bragança, homem de espíritos altivos, e muito bom capitão e esforçado de sua pessoa. O qual motim foi em tanto crescimento que ao rei do Bramá, para se não perder de todo, lhe foi forçoso retirar-se para um pagode de grandes oficinas, onde se fez forte com os seus bramás até ao outro dia às nove horas, em que o negócio, por meio de tréguas teve um pouco de quietação, na qual el-rei lhes descobriu sua tenção, dizendo em altas vozes, de cima do muro, para que todos o ouvissem:

— Muito esforçados capitães e amigos meus, ainda que não muito conformes na paz que no Tangu me jurastes, mandei-vos chamar a este santo jazigo dos mortos, para nele com juramento solene vos descobrir minha tenção, da qual aqui de joelhos, e com as mãos levantadas ao céu, tomo como testemunho o Quiay Nivandel, deus das batalhas do campo Vitau, e lhe peço que entre vós e mim seja juiz deste caso, e me tolha a boca se vos mentir no que vos digo. Muito bem me lembro da promessa que vos fiz no Tangu acerca do saque desta desinquieta cidade, tanto por cuidar que o vosso esforço fosse ministro da minha vingança, como para satisfazer a vossa cobiça, a que sei que sois muito inclinados, pela qual promessa, de que vos dei como penhor a minha verdade, confesso que estou muito obrigado a cumprir nisto a minha palavra. Mas quando me ponho a considerar nos inconvenientes que para isso tenho, e na estreita conta que disso hei-de dar diante da direita e rigorosa justiça do alto senhor, vos confesso que temo muito tomar sobre mim um tamanho peso, pela qual causa a mesma razão me está dizendo que fique antes em falta com os homens, que em ódio com Deus, pois não é justo que paguem os inocentes pelo que devem os culpados, dos quais eu estou já bem satisfeito com a morte que se lhes deu na batalha passada, da qual vós todos fostes ministros.

Pelo que vos peço a todos, como a filhos de minhas entranhas, que havendo respeito a esta minha boa tenção, não queirais atiçar este fogo em que minha alma se há-de queimar, pois vedes quão justo é o que peço e quão injusto será negardes-mo. E para que de todo não fiqueis sem a vossa paga, eu contribuirei em tudo o que vos a vós parecer razão, e vos satisfarei parte desta falta, com minha fazenda, pessoa, reino, e estado.

Vendo os capitães destas três nações amotinadas, a justificação de el-rei e as promessas que lhes fazia, se lhe renderam todos e lhe prometeram estar pelo que ele quisesse. Contudo, lhe pediam que se lembrasse do que os soldados daqui pretendiam, que era necessário ter-se conta com eles, ao que el-rei lhes respondeu que tinham razão e que em tudo se conformaria com o que lhes a eles bem parecesse. E para se escusarem diferenças, se resolveram todos a tomar juízes neste caso, para o qual os do motim quiseram por sua parte que houvesse três juízes, e el-rei apontou pela sua, que houvesse outros três, que por todos haviam de ser seis, porém que destes seis, três haviam de ser religiosos, e os outros três de nações estrangeiras, para que assim ficasse o juízo mais sem suspeita.

Determinado isto assim entre todos, se concertaram logo em que os três juízes religiosos fossem três menigrepos de um pagode a que chamavam Quiay Hifaron, deus da pobreza, e nos outros três juízes de nações estrangeiras se ordenou que se lançassem sortes entre el-rei e os amotinados, sobre qual deles escolheria um ou dois por sua parte, e prouve a Nosso Senhor que coube a el-rei escolher os dois, porque ele, por permissão divina os escolheu ambos portugueses, dos cento e oitenta que então estavam na cidade, um dos quais foi Gonçalo Pacheco, feitor do lacre de el-rei nosso senhor, homem fidalgo nobre e de muito boa consciência, e o outro um mercador honrado de nome Nuno Fernandes Teixeira, que este rei conhecia do tempo do rei passado, e

que dele era tido em muito boa conta. E os capitães do motim escolheram também logo outro estrangeiro que eu não soube quem era.

E concertado isto desta maneira, se mandaram logo chamar os juízes louvados para efectuarem este negócio, porque temeu el-rei bulir-se dali sem ele ficar primeiro concluído, para que assim os pudesse despedir a todos pacìficamente antes que entrasse na cidade, porque receou que se eles lá entrassem lhe não mantivessem a verdade. E para isto, aquela mesma noite à meia-noite mandou el-rei um bramá a cavalo ao bairro onde pousavam os portugueses, os quais estavam com tanto receio do saque e da morte de todos, como os mesmos pegus.

Chegado o bramá à cidade, e perguntando em voz alta (por ser assim seu costume quando vem da parte do rei) onde vivia o capitão dos portugueses, o levaram a sua casa, sem saber o que podia ser isto. E posto o bramá ante ele, lhe disse:

— É tão próprio à natureza do alto Senhor que criou o firmamento de todos os céus, fazer homens bons para remédio de males, como do adversário dragão criar em seu peito espíritos de motim inquieto para estorvar a paz que nos conserva em sua lei. Um mau homem da nação de vós outros, botando uma faísca do seu infernal peito, bafejada pela fornalha da maldita discórdia, amotinou três nações estrangeiras de chaloéns, meleitais, e savadis, no campo de el-rei meu senhor, de que foi causa a maldade e a cobiça do amotinador e dos amotinados, e o mal que daí resultou chegou a tanto que o campo esteve quase de todo perdido, com morte de três mil bramás, e a pessoa real se viu posta em tanto trabalho e perigo que lhe foi necessário retirar-se para um forte, no qual esteve três dias; e ainda agora fica nele sem ousar se fiar em nenhuma nação estrangeira. E para remédio desta desinquietação, quis Deus, que é pai

de santa concórdia, inspirar no peito de el-rei que sofresse este mal como prudente, para que assim se pacificasse o tumulto e a revolta destas três inquietas nações que habitam no agro das serras dos moéns, aos quais Deus maldiga entre todas as gentes. E para efeito desta paz e quietação se fez um concerto entre el-rei e os capitães dos amotinados, jurado de ambas as partes, que el-rei para livrar esta cidade do saque que era prometido aos soldados, lhes daria de sua fazenda, o que seis homens, juízes deputados para esta causa, determinassem por sua sentença, dos quais quatro já lá estão, e para a cópia dos seus ser cheia, não faltam mais que tu e outro português que el-rei escolheu por sua parte, cujo nome vem escrito nesta carta, pela qual serás certificado disto que te digo.

E logo lhe meteu na mão uma carta que trazia do rei bramá, a qual Gonçalo Pacheco tomou de joelhos, e a pôs na cabeça com umas cerimónias exteriores de tanta cortesia, que o bramá ficou muito satisfeito e disse:

— Bem sabia el-rei meu senhor, quem tu és, pois te escolheu por juiz da sua honra e da sua fazenda.

Gonçalo Pacheco leu logo a carta perante todos os portugueses, que a ouviram em pé, com os barretes nas mãos, a qual dizia assim:

Amigo capitão Gonçalo Pacheco, pérola roxa ante meus olhos, tão virtuoso no sossego da vida como o mais santo menigrepo que vive no mato, eu, o antigo Chaumigrém, novo rei dos catorze estados da terra, que por morte do santo rei meu senhor, Deus agora me entregou, te envio o riso da minha boca, com te fazer tão agradável a mim como àqueles que nos dias de festa sento comigo à minha mesa: pressupus em minha vontade, pelo que de ti tinha sabido, seres juiz neste caso para que te mando chamar, e o meu grande amigo Nuno Fernandes Teixeira, pão de ouro limpo,

de muitos quilates, pelo que cumpre virdes logo ambos ter comigo para se efectuar isto que de vós, sobre todos, confiei. E do que mais toca ao seguro de vossas pessoas, pelo receio que sei que tereis da revolta passada, por esta jurada no peito de minha verdade, como rei ungido por Deus, vos hei por seguros como todos os mais da vossa nação e crentes no Deus da vossa verdade.»

Lida esta carta com grande espanto dos que a ouvimos, assentámos todos que vinha do céu, por permissão divina, para nossa quietação e segurança de nossas vidas, de que até então estávamos bem duvidosos.

Gonçalo Pacheco e Nuno Fernandes, com mais outros dez portugueses que para isto foram eleitos, ordenaram logo um presente de muitas peças ricas para levarem a el-rei; e aquela mesma noite se foram em companhia do bramá que trouxera a carta, uma hora antemanhã, porque o tempo e a pressa de el-rei não sofriam nenhuma demora.

196

da sentença que deram os seus juízes neste caso, e da entrada do chaumigrém na cidade de pegu

Gonçalo Pacheco e Nuno Fernandes, com os mais portugueses, chegaram ao arraial já com uma hora de sol, e el-rei os mandou receber por Gibraidão sedá, senhor do Meidó, um dos principais capitães bramás que ali tinha

consigo e de quem muito se fiava, o qual vinha acompanhado de mais de cem a cavalo, com seis porteiros de maças. Este os tomou consigo e os levou ao pagode onde el-rei estava recolhido, o qual os recebeu a todos com muito gasalhado, e ao Gonçalo Pacheco e ao Nuno Fernandes fez muito sobejas honras. E depois de praticar com eles em algumas coisas de seu gosto, lhes tornou a resumir de novo o importante caso para que os mandara chamar, e lhes recomendou muito que se inclinassem mais ao respeito dos capitães que ao seu, porque lhes afirmava que levaria nisso muito gosto, e lhes disse outras palavras a este modo. E daqui os mandou logo levar pelo mesmo bramá a uma tenda onde já os outros quatro deputados estavam esperando por eles, com o tesoureiro-mor e dois escrivães.

E depois que fizeram aquietar todo o rumor que fazia a gente que estava de fora, se começou a tratar do negócio para que ali foram juntos, sobre o qual houve diversos pareceres, em que se gastou a maior parte do dia, mas enfim todos seis vieram a concluir que ainda que por uma parte, el-rei, pela promessa que no Tangu fizera àquelas nações estrangeiras, de lhes dar o saque dos lugares que se tomassem por guerra, lhes estava muito obrigado a cumprir com elas sem falta nenhuma, todavia visto também por outra parte, como aquela promessa era grande e notável prejuízo de inocentes, pelo que, se ela se cumprisse e pusesse em efeito, Deus seria muito ofendido, julgavam por sentença que el-rei, pela promessa que fizera, pagasse a todos mil biças de ouro da sua fazenda, de peso, a contentamento dos capitães de cada nação, e que eles logo em recebendo o dinheiro se passassem à outra banda do rio e se fossem livremente para suas terras, mas que também se lhes pagasse a todos o que antes do motim lhes era devido, e se lhes desse mantimento a todos bastante para vinte dias.

Publicada esta sentença, foi aceite de ambas as partes com grande contentamento, e el-rei mandou que se cumprisse

logo, e, para mais superabundância, depois de lhes ser entregue toda a cópia do dinheiro, fez outras mercês por fora a todos os capitães e oficiais das companhias, com o que todos se houveram por muito satisfeitos.

Desta maneira se despediram estas três nações do motim, porque el-rei nunca mais se quis fiar delas, nem servir-se delas, porém também ordenou que não fosse a gente toda junta, mas que fosse repartida em cabildas, de mil homens cada cabilda, para que assim caminhassem mais sem suspeita, e com menos força para poderem roubar os povos por onde passassem. E desta forma se partiram logo ao outro dia seguinte.

A Gonçalo Pacheco e a Nuno Fernandes Teixeira, por serem os seus dois juízes nesta sentença, mandou el-rei dar dez biças de ouro, com o que as espórtulas e o presente que lhe levaram, ficou tudo bem pago, fora uma licença escrita com sua letra, para que todos os portugueses se pudessem ir livremente para a Índia, cada vez que quisessem, sem pagarem direito nenhum de suas fazendas, o que eles estimaram mais que quanto dinheiro se lhes pudesse dar, porque havia já três anos que, à maneira de retidos, nos detinham os reis passados naquela terra, com vexações e tiranias muito grandes, correndo algumas vezes muito risco de nossas vidas por causa dos sucessos de que atrás tenho tratado.

E logo nessa mesma tarde se lançaram muitos pregões por homens a cavalo, em que se notificou que ao outro dia havia el-rei de entrar na cidade pacìficamente, pela grande mercê que pela sua real condição, com grande custo de sua fazenda lhe tinha feito, e com ameaços de cruéis mortes aos que contra isto fossem.

Logo ao outro dia seguinte, às nove horas, abalou daquele pagode onde estivera recolhido, e às dez chegou à cidade,

e entrando por uma porta a que chamavam Sabambainhá, foi nela recebido por um ajuntamento a modo de procissão, de cinco mil sacerdotes de todas as doze seitas que há neste reino, por um dos quais, chamado cabizondo, lhe foi feita uma fala cujo intróito dizia assim:

– Bendito e louvado seja aquele Senhor que com verdade se deve conhecer de todos como senhor, de cujas obras santas feitas por suas divinas mãos, nos estão dando testemunho a claridade do dia e a pintura da noite, com todas as mais magnificências da sua misericórdia, obradas em nós; o qual, pelos efeitos da sua potência infinita agradáveis a ele, foi servido de te constituir na terra sobre todos os reis que a governam; e pois temos para nós seres tu este seu mimoso, te pedimos senhor, que nossas culpas e erros passados te não lembrem mais de hoje por diante, para que este teu triste povo fique consolado com esta promessa que por tua real condição agora lhe fizeres.

E também os cinco mil grepos, prostrados todos por terra, e com as mãos alevantadas, lhe pediram isto mesmo, com um espantoso tumulto de vozes, dizendo:

– Concede, senhor e rei nosso, paz e perdão a todos os povos deste teu reino pegu, para que os não perturbe o medo de suas culpas que diante de ti confessam pùblicamente.

E el-rei lhes respondeu que lhe aprazia, e assim lho jurava pela cabeça do santo Quiay Nivandel, deus das batalhas do campo Vitau. Com a qual promessa o povo todo se prostrou com os rostos por terra, e disse:

– Prospere-te Deus, por termo sem conto, na vitória de teus inimigos, para que ponhas teus pés sobre suas cabeças.

E tocando-se então com mostras de muita alegria, muitos instrumentos ao seu modo, ainda que barbaríssimos e mal

concertados, lhe pôs este grepo cabizondo na cabeça uma rica coroa de ouro e pedraria, a modo de mitra, com a qual entrou na cidade com grandíssimo aparato e triunfo, levando diante de si todo o despojo dos elefantes e carretas, e a estátua do vencido xemindó, presa por uma grossa cadeia de ferro, e quarenta bandeiras de rastos, e ele ia em cima de um poderoso elefante com jaezes de ouro, e quarenta porteiros de maças, e todos os senhores e capitães a pé com seus traçados de chaparia de ouro rica aos ombros, e uma guarda de seis mil acobertados, e três mil elefantes de peleja com seus castelos de diversas invenções, fora outra muita gente que o seguia a pé e a cavalo, que não tinha conto.

197

como foi achado o xemindó, e trazido ao rei bramá, e do que se passou com ele

Depois de haver vinte e seis dias que este rei bramá estava nesta cidade de Pegu pacificamente, entendeu logo primeiro que tudo em se apoderar das principais forças do reino, que ainda a este tempo estavam pelo xemindó, sem saberem da sua derrota. E despedindo para isto alguns capitães, escreveu aos povos muitas cartas de amor em que lhes chamava algumas vezes «filhos da minha alma», dando-lhes por elas perdão do passado, e prometendo com juramento solene que dali por diante os sustentaria a todos em paz e quietação, e lhes faria sempre justiça em tudo, sem lhes lançar nunca peita, nem lhes fazer outra opressão alguma, mas antes em tudo lhes faria novas mercês como aos pró-

prios bramás que o serviam na guerra. E com isto lhes dizia outras muitas palavras muito acomodadas ao tempo e ao que lhe a ele cumpria, acreditadas pelos naturais da cidade com cartas que também lhes escreveram, em que lhes relataram largamente as franquezas e mercês que el-rei fizera a todos.

A qual coisa, acompanhada do que a fama já por todas as partes tinha divulgado, foi de tamanho efeito que as forças todas se lhe entregaram e se meteram debaixo da sua obediência, e o mesmo fizeram todas as mais vilas, cidades, estados, e províncias que havia no reino. O qual senhorio, que este bramá com nova conquista agora tornou a ganhar, cuido eu que é o melhor e mais abastado e rico de ouro, prata, e pedraria, que se poderá achar em muita parte do mundo.

Acabadas assim estas coisas tanto em favor do bramá, mandou ele logo com muita presteza por todas as partes muita gente a cavalo em busca do xemindó, que como se disse, escapara ferido da batalha passada, o qual foi tão mofino que foi reconhecido num lugar que se chamava Fancleu, a uma légua da cidade Potém, que divide a raia do reino Arracão, e foi trazido com grande alvoroço por um homem baixo a este rei bramá, que por isso o fez senhor de trinta mil cruzados de renda. E mandando-o vir logo perante si, assim preso como vinha, com o colar de ferro ao pescoço e com as algemas nas mãos, lhe disse a modo de desprezo:

— Que venhas em boa hora, rei de Pegu, e bem podes beijar este chão, porque te afirmo que já nele pus os pés, e por aqui verás quanto teu amigo sou, pois te dou esta honra que tu nunca imaginaste.

A que o xemindó não respondeu palavra nenhuma. E tor-

nando el-rei a motejar do triste xemindó que estava diante dele, debruçado no chão, lhe disse:

– Que é isso? Pasmaste de me veres a mim, ou de te veres a ti em tamanha honra? Ou como não respondes ao que te pergunto?

A que o xemindó, já de afrontado, ou de estar fora de si, respondeu:

– Se as nuvens do céu, e o sol, e a lua, e as mais criaturas incapazes da fala que Deus, para serviço dos homens criou, para pintura formosa do firmamento, as quais nos encobrem os ricos tesouros da sua potência, pudessem por natureza, no zunido terrível dos seus espantosos trovões, declarar aos que agora me vêem da maneira que eu me vejo diante de ti, a grande aflição que a minha alma padece, eles responderiam por mim e mostrariam as causas que tenho para ser mudo neste lugar a que meus pecados me trouxeram. E como tu, disto que eu digo não podes ser o juiz, pois és a parte que me acusa e o ministro da execução do teu desejo, hei por escusado responder por mim, como faria diante daquele benigno senhor que, por muito culpado que eu fosse, se condoeria de uma só lágrima que lhe chorasse.

E após isto, caindo em terra de bruços, pediu por duas vezes uma pouca de água, ao qual o rei bramá, para o magoar mais, mandou que lhe dessem uma sua filha, do mesmo xemindó, que tinha cativa, a quem diziam que o pai queria grandíssimo bem, e a tinha já neste tempo do seu desbarato, esposada com o príncipe de Nautir, filho do rei do Avá. Esta moça, em vendo seu pai da maneira que estava debruçado no chão, dizem que se lhe lançou aos pés, e abraçando-o, depois de o beijar três vezes na face, lhe disse banhada em lágrimas:

– Ó pai e senhor, e rei meu, peço-vos pelo muito que sempre vos quis e me quisestes, que me leveis assim como estou em braços convosco, para que neste amargoso transe tenhais quem vos console com um púcaro de água, já que o mundo, por pecados meus vos negou o respeito que se vos devia.

A que o pai, acometendo algumas vezes o responder, dizem que nunca pôde, porque o grande amor que lhe tinha, lhe impedia a fala, e caindo outra vez de bruços no chão onde então já estava sentado, esteve esmorecido por um grande espaço, pelo que movidos à compaixão dele alguns daqueles senhores que estavam presentes, se lhes arrasaram os olhos de água, o que vendo o bramá, e que estes senhores eram pegus, que antes foram vassalos deste xemindó, desconfiando de suas lealdades lhes mandou logo ali cortar as cabeças, dizendo com semblante irado:

– Já que tanto vos doeis desse vosso rei xemindó, ide adiante a lhe fazer as pousadas prestes, e lá vos pagará esse amor que lhe tendes.

E crescendo-lhe com isto mais a cólera, mandou também logo ali matar a moça em cima de seu pai, porque a viu abraçada a ele, crueldade decerto mais que brutal e mais que ferina, que quer ainda impedir os afectos da natureza. E não querendo também mais ver o xemindó, o mandou dali levar a uma estreita prisão, onde com boa guarda esteve aquela noite.

198

da maneira com que tiraram a padecer o xemindó, e da morte que lhe deram

Logo que ao outro dia foi manhã clara, se deram por toda a cidade grandes pregões para que todo o povo se achasse presente à morte deste desventurado xemindó, rei que fora de Pegu. E a razão por que o bramá isto fez, foi para que vendo-o eles morto, acabassem de desesperar de todo de o poderem ainda em algum tempo ter como rei, como todos geralmente desejavam e faziam prognósticos, porque ele era natural e o bramá estrangeiro, e temiam grandemente que pudesse este bramá, com o tempo, vir a ser tal como fora o passado que o xemim de Satão matara, o qual enquanto reinou foi inimicíssimo desta nação pegua, e usou com ela uma tão desacostumada crueldade, que nunca passou dia em que não mandasse matar e degolar de quinhentos para cima, e às vezes quatro e cinco mil, e isto por casos muito leves, e que por justiça, se fosse verdadeira, não mereciam pena nenhuma.

Sendo já quase dez horas, pouco mais ou menos, tiraram o triste xemindó da masmorra em que estava, desta maneira: vinham logo adiante, como preparadores das ruas por onde havia de passar, quarenta a cavalo com suas lanças nas mãos, e outros tantos atrás com espadas nuas nas mãos, bradando em vozes muito altas para que a gente, que era sem conto, fizesse caminho; após estes, vinha uma companhia de homens armados, que segundo o esmo dos que os viram, passariam de mil e quinhentos, todos arcabuzeiros e com os morrões acesos; após estes (a que eles chamavam

tixe lacauhós, o que quer dizer «preparadores da ira do rei»), vinham cem elefantes armados com seus castelos, cobertos de toldos de seda, os quais todos por ordem de cinco em cada fileira, faziam trinta e duas fileiras; detrás destes, pela mesma ordem de cinco em cada fileira, vinham quinze a cavalo com bandeiras pretas tintas de sangue, que com vozes muito altas, a modo de pregão, diziam:

— Ouçam as gentes miseráveis, cativas de fome, a quem a aflição da fortuna continuamente persegue, o bramido da potência do braço da ira, executado naqueles que ofenderam o seu rei, para que lhes fique na memória o espanto da pena que por isso lhes dão.

E detrás destes vinham outros quinze pela mesma maneira, vestidos numa certa maneira de vestiduras vermelhas, que nas mostras de fora os faziam assaz medonhos e mal assombrados, os quais ao som de cinco pancadas que davam três sinos muito depressa, diziam em vozes altas com tons tão tristes que faziam chorar os ouvintes:

—Esta rigorosa justiça manda fazer o deus vivo, senhor da verdade, de cujo santo corpo são pés os cabelos de nossas cabeças, que manda que morra Xeri xemindó, por usurpador dos estados do grão rei bramá, senhor de Tangu.

Aos quais pregões respondia a turbamulta da gente que ia adiante, com uma braveza de vozes tão altas que metiam medo, dizendo: «Faxio turque panau acontamidó», que quer dizer: «Morra, sem se ter piedade do que tal cometeu.»

Detrás destes ia uma companhia de quinhentos bramás a cavalo. E detrás de todos vinha outra companhia de gente a pé, com espadas nuas e rodelas, e alguns com cossoletes e saias de malha, no meio dos quais vinha o padecente escanchado num magro sendeiro, em osso, e nas ancas o algoz, que o trazia sobraçado por cima dos ombros. O miserável

padecente vinha vestido tão pobremente que as carnes de todo o corpo lhe apareciam, e por profundíssimo desprezo de sua pessoa, trazia na cabeça uma coroa de palha como barça de urinol, guarnecida toda por fora de cascas de mexilhões enfiadas em linhas azuis, e no pescoço por cima do colar de ferro com que vinha preso, trazia uma grande quantidade de réstias de cebolas. Mas conquanto viesse desta maneira, e trouxesse a figura do rosto quase mortal, não deixava de mostrar no aspecto dos olhos que de quando em quando levantava, o ser de rei, com uma brandura tão severa no rosto, que fazia chorar toda a pessoa; e em torno desta guarda de que vinha cercado, ia outra de mais de mil a cavalo, entremeados com muitos elefantes armados.

E passando assim pelas principais doze ruas da cidade, em que havia gente infinita, chegou já por derradeiro a uma a que chamavam Sabambainhá, que era aquela por onde ele saíra (como eu atrás disse) havia vinte e oito dias sòmente, quando se foi haver em campo com este bramá. A qual saída fez então o xemindó com uma pompa e um estado tão grandioso e rico que, segundo o dito de todos os que o viram, de que eu também fui um, devia ser uma das maiores coisas daquela qualidade que se viram em qualquer parte, da qual de propósito não quis dar relação, ou por não me atrever a poder contar como se passou na verdade, ou por recear que se o contasse pudesse fazer alguma dúvida na verdade das coisas que conto.

Porém, como eu vi por meus olhos ambos estes sucessos, ainda que encobrisse a grandeza do primeiro, quis declarar a miséria do segundo, para que nestas tamanhas diferenças sucedidas em tão poucos dias, entenda a gente quão pouco caso há-de fazer das prosperidades da terra e de todos os bens que dá a inconstante e mentirosa fortuna.

Passando o triste padecente por esta rua do Sambabainhá, chegou a um certo passo onde estava o nosso capitão Gonçalo Pacheco com mais de cem portugueses em sua companhia, entre os quais estava um que era homem de baixo sangue e de entendimento muito mais baixo, o qual parece, segundo ele dizia, que fora roubado havia dois anos, no tempo em que este padecente reinava, e fazendo-lhe ele queixume dos culpados no furto, não fora ouvido como ele quisera. Este agora, magoado ainda disto, parecendo-lhe que se vingava em soltar palavras néscias e desnecessárias, logo que o padecente emparelhou com o lugar onde estava Gonçalo Pacheco com todos os mais portugueses, disse com vozes muito altas que todos ouviram:

— Ó ladrão xemindó, lembras-te quando te fui fazer queixume dos que me roubaram minha fazenda, de que me não fizeste justiça? Pois agora pagarás o que tuas obras merecem, porque ainda hoje hei-de cear um pedaço dessa tua carne, para o que hei-de convidar dois cães que tenho.

O triste padecente, ouvindo estas palavras deste homem desatinado, pôs os olhos no céu, e depois de estar um pouco como pensativo, se virou para ele com rosto severo e lhe disse:

— Rogo-te, amigo, pela bondade do Deus em que crês, que me perdoes isso que dizes que te fiz, e lembra-te que não é de cristão, em passo tão trabalhoso como este em que agora vou, trazeres-me à memória coisas da vida passada, que a ti não restauram a perda que dizes, e a mim dão muita dor e perturbação.

Gonçalo Pacheco, ouvindo o que este homem disse, lhe bradou que se calasse, e ele o fez logo, e o xemindó com semblante grave deu a entender que lho agradecia, com o que mostrou que ficava mais quieto, e parece que para lhe agradecer também isto com palavras, já que com outra coisa não podia, lhe disse:

— Não quisera agora mais, se Deus fosse servido, que uma hora de vida, para confessar a excelência da fé em que vós outros credes, que, segundo tenho ouvido algumas vezes, só o vosso Deus é o verdadeiro, e todos os outros mentirosos.

O que ouvindo, o algoz lhe deu uma tamanha bofetada que o sangue lhe rebentou pelos narizes, e acudindo o pobre padecente com as mãos assim debruçado como ia, lhe disse:

— Deixa-me, irmão, aproveitar este sangue, para que te não falte em que frijas a carne.

E caminhando daqui para diante na ordem com que vinha, chegou ao lugar onde se havia de fazer a justiça, e já a este tempo tão mortal que quase não dava acordo de nada. E subindo em um grande cadafalso que para isto já ali estava feito, o chircá da justiça, de cima de um como que púlpito, em vozes muito altas lhe leu a sentença, cuja forma se continha em muito poucas palavras que diziam assim:

«Manda o Deus vivo de nossas cabeças, senhor da coroa dos reis do avá, que morra o falso xemindó, por amotinador dos povos da terra, e mortal inimigo da nação bramá.»

E batendo neste passo rijo com a mão, lhe cortou o algoz a cabeça de um só golpe, o qual depois que a mostrou a toda a gente, que era sem conto, lhe fez o corpo em oito quartos, fora as tripas e as mais partes de dentro, que separadas por si se puseram noutra parte; e cobrindo tudo com um pano amarelo que entre eles é dó, esteve assim até quase ao sol-posto, em que o queimaram da maneira que logo se dirá.

da restituição que este rei bramá fez ao morto xemindó, do reino que lhe tomara, e da maneira como ele foi enterrado

Os oito quartos que se fizeram do corpo do xemindó, estiveram pùblicamente até às três horas depois do meio-dia, à vista de todo o povo que ali se juntara infinito, tanto pela pena que lhe fora imposta, como por os seus sacerdotes lhe terem concedido axiparão, que é o seu jubileu pleníssimo, sem restituição de furto nenhum.

E neste tempo, depois de se aquietar o tumulto e a vozearia da gente com pregões que sobre isso se lançaram por homens a cavalo, ameaçando-os com penas gravíssimas, se deram por cinco vezes quinze pancadas num sino, ao qual sinal saíram de dentro de uma casa de madeira que estava cinco ou seis passos afastada do cadafalso, doze homens com vestiduras pretas salpicadas de sangue, e com os rostos cobertos, e todos com suas maças de prata aos ombros, e atrás destes, outros doze sacerdotes que eles chamam talagrepos, de que algumas vezes disse que são dignidades supremas naquela gentilidade, e tidos pelo povo em reputação de homens santos; após estes, veio o xemim Pocasser, tio do rei do Bramá, homem ao que parecia no rosto, de mais de cem anos, e este também coberto de insígnias tristes, e cercado de doze meninos pequenos ricamente vestidos, com seus terçados de chaparia aos ombros, o qual depois que com muitas cerimónias se debruçou no chão três vezes, a modo de acatamento grandíssimo, disse chorando, como que falando com o defunto:

—Ó carne santa, de preço mais grave que todos os reis do Avá, pérola branca de tantos quilates quantos átomos se vêem nos raios do Sol, posto por Deus no cume da honra, com ceptro de mando nos exércitos da potência dos reis, eu, a menor formiga da tua despensa, aposentado em grande abundância nos esquecidos de tuas migalhas, e tão dessemelhante por baixeza diante de ti, que de muito pequeno quase me não enxergo, te peço senhor da minha cabeça, pelo fresco prado em que tua alma agora se recreia, que me ouças com as tuas magoadas orelhas, o que a minha boca te diz em público, para que fiques satisfeito da sem-razão que na terra se usou contigo.

O Oretanau Chaumigrém, teu irmão príncipe de Savady e do Tangu, te manda pedir por mim, teu escravo, que antes que desta vida te partas, lhe queiras perdoar o passado, se por isso te deu algum desgosto, e que logo nesta hora mandes tomar posse de todo o reino, porque ele to larga todo sem haver nele falta alguma, e que protesta por mim, seu vassalo, na renunciação que te faz dele, não ter encargo de coisa alguma, e as queixas que por isso lá deres dele no céu não serem ouvidas diante de Deus, e que por pena do desgosto que dele tiveste, aceita ficar no desterro desta vida como capitão e olheiro deste teu reino de Pegu, do qual te faz menagem, com juramento de fazer sempre na terra o que de lá do céu lhe mandares, contanto que do rendimento dele lhe faças esmola para sua sustentação, porque de outra maneira bem sabe que o não pode licitamente possuir, nem os menigrepos o consentiriam, nem na hora da morte o absolveriam de tamanho pecado.

A que um dos sacerdotes que estavam presentes, que parecia ser de mais autoridade que todos os outros, respondeu como que falando em nome do defunto:

—Já que, filho meu, confessas teus erros passados, de que

neste público ajuntamento me pediste perdão, digo-te que do coração te perdoo e me apraz te deixar neste reino como pastor desse meu gado, contanto que me não quebres a fé desse juramento, o que seria pecado tão grave como se agora me pusesses a mão sem licença do céu.

E todo o povo lhe respondeu então com uma espantosa voz de alegria: «Midau cutarão, dapanó dapanó», que quer dizer: «Assim lho concede, meu Senhor, meu Senhor.»

Após isto, subindo-se este sacerdote no agrém, que era o púlpito, disse ao povo:

—Dai-me de alvíssaras parte das lágrimas dos vossos olhos, para minha alma comer, por tão boa nova como esta que vos agora trago, que já o nosso rei Chaumigrém fica na terra por vontade de Deus, sem haver encargo para ninguém, de alguma restituição, pelo que todos vos deveis alegrar como bons e leais.

A que todo o concurso da gente fez tamanhas mostras de alegria, que batendo as palmas a modo de quem dá graças, diziam com bramidos terríveis: «Exirau opatu»—«Louvado sejas, Senhor.»

Acabado isto, os sacerdotes com este fervor tomaram logo as partes do despedaçado corpo do morto rei, e as levaram com grande veneração ao terreiro de baixo, onde estava uma fogueira de sândalos, águila e benjoim, coisa que parecia de grande custo, e pondo-lhe em cima o corpo morto, com as tripas e tudo o mais que de dentro dele se tirara, lhe puseram três sacerdotes o fogo, e com uma estranha cerimónia lhe fizeram muitos sacrifícios, de que a maior parte foi de carneiros degolados.

O corpo ardeu toda aquela noite até ao outro dia pela manhã, e a cinza dele se pôs em uma caixa de prata, em que

foi levada com um solene ajuntamento de mais de dez mil sacerdotes, a um templo a que chamavam Quiay Lacasá, deus de mil deuses, onde foi enterrada em uma rica charola como capela, toda coberta de ouro.

E este foi o fim que teve este grande e poderoso xemindó, rei de Pegu, tão venerado nos dois anos e meio que reinou, quanto cuido que o não foi outro nenhum monarca. Mas este é o mundo.

200

como deste reino de pegu me embarquei para malaca, e daí para o japão, e de um estranho caso que aí sucedeu

A morte daquele bom rei de Sião, e o adultério daquela má rainha sua mulher, de que atrás dei larga conta, foram a raiz e o princípio de tantas discórdias e de tantas e tão cruéis guerras quantas houve nestes dois reinos de Pegu e de Sião, as quais duraram três anos e meio, com tanto custo tanto de sangue como de fazenda, como se tem visto no que até agora tenho contado, cujo fim foi ficar o Chaumigrém, rei do Bramá, senhor absoluto do reino de Pegu. Porém agora não tratarei mais dele, e daqui por diante direi o que sucedeu noutras partes até ao tempo em que este mesmo Chaumigrém, rei de Bramá, tornou sobre o reino de Sião, com um tão grosso exército de gente, quanto outro rei nenhum nunca juntou na Índia, que foi de um conto e setecentos mil homens, e dezasseis mil elefantes,

nove mil de bagagem e sete mil de peleja. A qual empresa, segundo me depois disseram, nos custou a nós, da nossa parte, duzentos e oitenta portugueses, em que entraram dois frades de São Domingos que então andavam lá pregando.

Mas agora me quero tornar ao meu propósito, de que há já muito me apartei.

Depois que estas revoltas que atrás disse, foram todas quietas, Gonçalo Pacheco se despediu desta cidade de Pegu com todos os mais portugueses que nela estávamos, os quais este novo rei tinha libertado da maneira que atrás fica dito, mandando-lhes entregar livremente suas fazendas, e fazendo-lhes outras muitas mercês tanto de honras como de liberdades, e nos embarcámos todos os cento e sessenta portugueses em cinco naus que neste tempo estavam no porto de Cosmim, cidade das principais deste reino, e nelas nos espalhámos como peregrinos que fomos na Índia, por diversas partes, onde a cada um lhe parecia que poderia fazer melhor seu proveito.

Eu, com outros 26 companheiros, nos fomos para Malaca, onde depois que chegámos me detive eu um mês sòmente, e me tornei a embarcar para o Japão, com um tal Jorge Álvares, natural de Freixo-de-Espada-à-Cinta, que em uma nau de Simão de Melo, capitão da fortaleza, ia para lá de veniaga. E havendo já 26 dias que velejávamos por nossa rota, com monção tendente de ventos bonançosos, houvemos vista de uma ilha a que chamavam Tanixumá, a nove léguas ao sul da primeira ponta da terra do Japão. E pondo a proa a ela, fomos ao outro dia surgir ao meio da angra, que é o surgidouro da cidade Guanxiró, onde o nautaquim, príncipe dela, por sua curiosidade e por ver coisa nova que nunca ali vira, veio logo a nosso bordo, e espantado do aparato e do velame da nau, por ser a primeira que fora àquela terra, mostrou que folgava muito com a nossa vinda, e nos pediu por algumas vezes que quisésse-

mos aí fazer fazenda com ele, de que o Jorge Álvares e os mercadores se escusaram por causa de não ser o porto seguro para a nau, se lhe sobreviesse qualquer temporal.

E partindo-nos daqui ao outro dia seguinte, para o reino do Bungo, que distava dali para diante cem léguas para o norte, prouve a Nosso Senhor que aos cinco dias da nossa viagem surgimos no porto da cidade Fucheu, na qual, do rei e da gente da terra fomos bem recebidos, e com muito favor e franqueza nos direitos de nossas fazendas. E muito mais houvera de ser ainda, se por nossos pecados o não matasse, neste breve tempo que aqui estivemos, um seu vassalo de nome Fucarandono, príncipe poderoso e senhor de muitos vassalos, de muita renda e de grande estado, o qual desastrado caso foi desta maneira:

Andava na corte deste rei de Bungo, no tempo que aqui chegámos, um mancebo de nome Axirandono, sobrinho de el-rei de Arimá, o qual por agravos que tivera de el-rei seu tio, havia já mais de um ano que viera para esta corte, e fazia então já fundamento de não tornar mais à sua terra. Mas sucedendo por sua boa fortuna, falecer neste meio tempo el-rei seu tio, sem haver quem sucedesse no reino, o declarou a ele por seu herdeiro. O Fucarandono, de quem há pouco fiz menção, vendo quanto este príncipe lhe armava para o casar com uma filha que tinha, pediu a el-rei de mercê que lhe quisesse ser terceiro nisto, e tratar este casamento, o que lhe ele concedeu levemente. E para isto convidou el-rei um dia o príncipe para se ir desenfadar a um bosque dali a duas léguas, onde tinha muita caça e outros desenfadamentos, a que diziam que ele era muito inclinado, e o levou consigo, e lá lhe falou no casamento, e lhe mostrou que levaria muito em gosto lho ele não negar. E o príncipe lho outorgou de boa vontade, de que el-rei se mostrou grandemente satisfeito. E mandando logo ao outro dia chamar o Fucarandono à cidade, lhe disse o que tinha feito para o casamento de sua filha com o rei de

Arimá, pelo que lhe era necessário ir-lhe logo dar as graças, e granjeá-lo dali por diante como a filho mimoso, para o fazer mais conforme a si, pois nisso, tanto ele como sua filha ganhavam tanto, porque lhe afirmava em verdade de rei que muitas vezes o cobiçara para genro.

O Fucarandono se lançou aos pés de el-rei, e lhos beijou com palavras convenientes à obrigação em que lhe estava por tamanha mercê e honra como aquela que por seu meio Deus lhe tinha feito. E dali se foi logo para sua casa, onde com grande alvoroço e contentamento deu conta do que se passava, à sua mulher e a seus filhos e parentes, de que todos ficaram muito alegres, e se deram por isso muitas alvíssaras uns aos outros, como entre eles se costuma em desposórios tão honrados como estes. A mão da noiva, que neste gosto mostrava ter a maior parte, se foi muito contente a uma câmara onde a filha estava bordando com outras moças nobres de seu serviço, e a trouxe pela mão à sala onde o pai estava com todo aquele ajuntamento de irmãos, e tios, e parentes seus, e todos lhe deram os parabéns de tamanha honra, e lhe falaram por alteza, como a rainha que já era, do reino de Arimá. E desta maneira se passou aquele alegre dia em festas e banquetes, e visitações de senhoras, em que houve muitas dádivas de peças ricas.

Mas como o bem ou o mal dos negócios desta qualidade, está mais no que depois se segue, que no que neles se começa, a estes bons e alegres princípios destes desposórios, se seguiram depois tamanhos males e desventuras, que vieram a ser quase iguais àqueles de Sião de que atrás tenho contado.

E digo isto porque assim o posso afirmar com verdade, pois ambos estes sucessos vi com meus olhos, e em ambos me achei presente com assaz de perigo meu.

Aquele dia todo se gastou em visitações dos nobres do reino, e neste geral contentamento só a noiva estava descontente, porque era em extremo afeiçoada a um certo mancebo fidalgo, filho de um a quem chamavam Groge Arum, que é como barão entre nós, mas muito diferente no ser, no estado e na valia, do Fucarandono pai da noiva. Pelo que, constrangida ela pelo amor que lhe tinha, logo que foi noite lhe mandou dizer pela secretária destes seus negócios, que logo em todo o caso a viesse tirar de casa de seu pai, antes que fizesse de si algum desatino.

O mancebo, que também não estava livre desta afeição, veio ter com ela ao lugar onde costumava lhe falar, e ela o importunou de maneira que a ele lhe foi forçoso tirá-la logo de casa de seu pai, e dali a foi meter num mosteiro de que era abadessa uma sua tia dele, onde esteve encerrada nove dias, sem se saber parte de coisa nenhuma.

Ao outro dia pela manhã cedo, a aia que tinha cuidado nela, a foi buscar ao lugar onde a deixara a noite antes, e não a achando nele, entrou na câmara de sua mãe, parecendo-lhe que por ser dia de festa se estaria lá enfeitando, ou outra coisa desta maneira, e como também a não achou lá, se tornou à câmara onde ela dormia, onde viu uma janela que dava para um jardim, aberta, e um lençol feito em tiras, pendurado da grade, e uma alparca sua em baixo no chão, e imaginando o que podia ser, ficou de todo fora de si, e sem esperar mais, foi logo dar rebate a sua mãe, que ainda neste tempo jazia na cama. Ela, sobressaltada com esta nova, se levantou logo com muita pressa, e buscando com muita diligência todas as casas das mulheres, onde lhe pareceu que podia estar, a não achou, de que dizem que ficou tão pasmada que sùbitamente caiu no chão com um acidente de que logo morreu.

O Fucarandono que ainda até então não sabia parte do que se passava, ouvindo a grita e a revolta das mulheres,

acudiu muito depressa a saber o que era, e sendo certificado da fugida de sua filha, mandou logo recado a alguns seus parentes, os quais espantados da novidade daquele triste sucesso, e não esperado, vieram logo ter com ele, e tratando todos entre si, do que então se devia fazer naquele negócio, assentaram levá-lo com todo o extremo de rigor quanto fosse possível, e começando logo nas mulheres que em casa havia, de cento que eram, não ficou então nenhuma que não fosse degolada, e as principais delas feitas em quartos, com achaque de serem sabedoras daquela fugida.

E lançando uns e outros, vários juízes onde a moça poderia estar, lhes pareceu bem a todos não se fazer nisto mais diligência alguma, sem se dar primeiro conta a el-rei do que se passava, o que logo puseram em obra, e lhe pediram muito que mandasse revistar certas casas que lhe eles apontaram, de que el-rei se escusou, tanto para não afrontar os senhores delas, como por recear o motim que este desmancho podia causar.

O Fucarandono, agravado de el-rei porque lhe não fizera o que lhe pedira, se tornou para sua casa com os seus parentes, e assentou com eles de por si só fazer tudo o que neste caso lhe parecesse que era sua honra; porque de gente fraca e que podia pouco, era o requerer por justiça o que por si não podia efectuar.

E como estes japões são muito mais ambiciosos de honra, que todas as outras nações do mundo, determinou este levar em tudo ao cabo o seu intento, sem pôr diante inconveniente nenhum que se lhe oferecesse. E para isto deu rebate a quantos parentes seus havia na corte, os quais se juntaram todos com ele aquela noite, e dando-lhes conta desta sua determinação, todos lha aprovaram e a houveram por boa. E sem se deterem mais, deram logo nas casas daqueles onde lhes pareceu que podia estar a moça escondida, os quais já a este tempo também estavam providos

de gente, pelo receio que tinham do que podia ser, onde a revolta e a desventura foram de maneira que nesta pequena parte que ficava por passar, da noite, se mataram, entre uns e outros, passante de doze mil pessoas.

A este desmancho acudiu já por derradeiro el-rei em pessoa, com a guarda que tinha consigo, a ver se os podia pôr em paz; porém a coisa andava tão acesa, e a ele o trataram de tal maneira que, depois de o desacatarem algumas vezes, se foi a voltar a fúria toda contra ele, e lhe mataram tantos dos seus que lhe foi forçoso ir-se retirando já com muito pouco para as suas casas. Porém nem isso já então lhe aproveitou, porque até lá o seguiram e nelas o acabaram de matar, e a toda a gente que nelas havia, que, segundo se afirmou, passaram de quinze mil pessoas, em que entraram vinte e seis portugueses, de quarenta que se acharam com ele.

E não contentes ainda estes ministros de Satanás com este tamanho desmancho, e com o mal que tinham feito, deram também nas casas da rainha, que então jazia doente na cama, e ali a mataram com três filhas suas, e mais de quinhentas mulheres. E com a fúria e desatino, puseram fogo à cidade por seis ou sete partes, o qual, ajudado pelo vento que então soprava com muita força, se ateou de tal maneira que em menos de duas horas a maior parte dela foi toda queimada. E nós os dezassete portugueses que escapámos, nos recolhemos à nau com muito trabalho, na qual milagrosamente nos salvámos com largarmos as amarras e fugirmos para o mar.

Logo que a manhã foi clara, os alevantados todos, que neste tempo seriam ainda mais de dez mil, depois de roubarem toda a cidade, se dividiram em duas batalhas e se foram retirando para um alto a que chamavam Canafamá, no qual se fizeram fortes com tenção de fazerem rei que os governasse, porque já neste tempo o Fucarandono era

morto de uma lançada que lhe atravessou a garganta, e assim todos os mais seus parentes, que foram os que deram princípio a este diabólico levantamento.

201

do que fez o príncipe, filho de el-rei, tendo novas da morte de seu pai

Naquele mesmo dia se deu rebate de tudo o que era passado, ao príncipe, filho de el-rei, que naquele tempo estava na sua fortaleza de Osquy, a sete léguas da cidade Fucheu, o qual, assaz sobressaltado com esta nova, depois que lamentou a morte de seu pai, se quisera vir logo meter na cidade com alguns privados seus que então sòmente tinha consigo. Porém o Fingeindono, seu aio, lho não consentiu, pondo-lhe diante muitas razões que havia para o não fazer até se não saberem os termos em que aquele negócio então estava, porque de crer era que quem se determinara a matar o seu pai, não recearia matá-lo também a ele, pois tinha ainda poder para isso, e ele então para se defender não tinha nenhum; mas que com toda a presteza juntasse logo toda a mais gente que lhe fosse possível, porque com ela sujeitaria e castigaria seus inimigos.

Ao príncipe pareceu bem este conselho, e depois de prover no mais necessário, conforme o tempo em que estava, mandou tocar o búzio à chara Japão, com todos os mais que tinha ali consigo, com o que a terra toda foi tão revolta que faltam palavras para o encarecer. E para que isto se entenda melhor, há-de-se saber que por lei ou costume

antigo deste reino Japão, todo o morador de qualquer lugar que seja, do maior ao mais pequeno, é obrigado a ter em sua casa um búzio, o qual, sob gravíssimas penas nenhum tocará senão só em uma de quatro coisas, as quais são: ruído de brigas, fogo, ladrões, e caso de traição. E logo no tocar do búzio se sabe para que se toca, porque para brigas se toca uma vez sòmente; para fogo se toca duas; para ladrões, três; e para caso de traição, se toca quatro vezes. E logo que o primeiro tocar o búzio, todos os outros que o ouvirem são obrigados a tocarem logo os seus, sob pena de morte, e da maneira que o primeiro toca, tocam também todos os outros, para que se saiba distintamente o que é, e não haja aí confusão. E porque este sinal da traição não é tão ordinário como os outros que costumam acontecer muitas vezes, quando acaso acontece tocar-se, faz tamanho espanto na gente, que sem fazerem um só momento de detença, largam todos tudo e vão correndo ao lugar onde se tocou o primeiro búzio, e desta maneira corre este rumor com tanta pressa que dentro de uma hora se apelidam mais de vinte lugares em roda.

Tornando pois agora ao que ia dizendo, logo que o príncipe proveu neste negócio, por esta via, com mostras de grandíssimo ânimo e de bom capitão, se recolheu para uma casa de religiosos que estava no meio do bosque, na qual se encerrou três dias, e tornou de novo a lamentar a morte de seu pai e mãe, e irmãs, com muitas lágrimas e tristeza, no fim do qual tempo, por ser já muita a gente que era junta, se desencerrou para prover no que convinha à segurança do seu reino e ao castigo dos culpados, aos quais logo mandou tomar os estados, e assolar as casas com pregões tão espantosos que tremiam as carnes de os ouvir.

Passados sete dias depois que aconteceu este triste caso, porque então havia já ali muita gente junta, e aquela terra era falta de mantimentos, foi aconselhado o príncipe a que fizesse o que pretendia, antes que os dez mil do motim

se espalhassem por diversas partes, e ele se partiu deste lugar de Osquy para a cidade, com um grosso campo de gente muito luzida e bem armada, o qual foi esmado em cento e trinta mil homens, de que dezassete mil eram a cavalo, e os mais a pé, e todos gente para qualquer grande feito.

E chegando à cidade, foi bem recebido de todo o povo, mais com mostras de muita tristeza e sentimento pela morte de seu pai, e não se quis logo ir às casas reais, mas assim de caminho como ia, se foi descer ao pagode onde seu pai estava enterrado, no qual lhe celebrou as exéquias com um fausto e uma pompa fúnebre de muito custo, ao seu modo, que duraram aquelas duas noites seguintes, com infinidade de luminárias, onde por fim de tudo lhe foi mostrada a roupa que seu pai trazia vestida quando o mataram, ensopada ainda em sangue, sobre a qual ele fez juramento de não perdoar a nenhum dos culpados, ainda que mil vezes se fizessem bonzos, e queimar por essa causa todos os templos onde fossem achados, se cuidassem de os tomar como seus valhacoutos.

Ao quarto dia da sua entrada, foi alevantado por rei, com pouco fausto e cerimónia por razão da sua tristeza, e logo dali abalou com cento e sessenta mil homens, para o lugar onde os culpados estavam recolhidos, sobre os quais se pôs de cerco, e fechou a serra toda em roda para que não pudessem fugir, onde os teve postos em muito aperto por espaço de nove dias. E vendo eles que não tinham mantimento nem esperança de socorro algum, houveram por melhor partido morrerem no campo como esforçados, que estarem cercados como cobardes. E determinados todos neste parecer, desceram do cume da serra onde estavam, por quatro partes, uma noite chuvosa e de grande escuro, e dando no campo de el-rei, que já a este tempo estava todo posto em ordenança por aviso que disto teve, a briga se travou entre eles de tal maneira, e com tanto ódio e ímpeto de ambas

as partes, que durando até às duas horas do dia, enfim se veio a averiguar com ficarem no campo trinta e sete mil mortos, em que entraram todos os dez mil alevantados, sem nenhum deles se querer salvar, o que alguns poderiam fazer; das quais mortes el-rei se mostrou muito sentido, e recolhendo-se logo para a cidade, a primeira coisa em que proveu foi na cura dos feridos, em que houve assaz de detença, por serem, segundo se disse, mais de outros trinta mil, de que depois ainda morreu uma grande quantidade.

202

como nos passámos desta cidade fucheu para o porto de hiamangó, e do que nele nos aconteceu

Acabada esta revolta com tanto custo de todas as partes, como a terra ficou toda assolada, e os mercadores eram todos fugidos, e el-rei estava com determinação de se sair da cidade, nós os poucos portugueses que ainda aí estávamos (porque como o tempo nos deu lugar, nos tornámos a surgir no porto da cidade), desconfiados de podermos aí estar seguros, e de termos quem nos comprasse nossas fazendas, nos fizemos à vela e nos passámos a outro porto dali a noventa léguas, que se chamava Hiamangó, na baía de Canguexumá, onde estivemos dois meses e meio sem podermos vender coisa nenhuma, porque toda a terra estava tão cheia de mercadorias da China, que se perdia, do próprio, mais de duas partes, porque não havia porto, nem enseada, nem angra em toda esta ilha do Japão onde não estivessem surtos trinta a quarenta juncos, e em algumas

partes mais de cem, como foi em Minató, Tanorá, Fiunguá, Facatá, Anguné, Ubra e Canguexumá. De maneira que naquele ano foram da China ao Japão, de veniaga, passante de duas mil embarcações, e era a fazenda tanta e tão barata que o pico de seda que naquele tempo se comprava na China por cem taéis, se vendia no Japão por vinte e cinco, vinte e oito, e o mais a trinta, e ainda com muita dificuldade, e todas as mais sortes de fazendas tinham nos seus preços esta mesma baixa, pelo que ficámos de todo perdidos sem sabermos determinar o que fizéssemos de nós.

Mas como Deus Nosso Senhor, com seus ocultos juízos ordena todas as coisas suavemente por uns meios que nos embaraçam o entendimento, permitiu ele pela razão que ele só entende, que com a lua nova de Dezembro, que foi aos cinco dias do mês, sobreviesse uma tão grande tempestade de chuveiros e vento, que destas embarcações todas, nenhuma ficou que não desse à costa, de maneira que se achou que chegara a perda que fez esta tormenta, a mil e novecentos e setenta e dois juncos, em que entraram vinte e seis de portugueses, em que morreram quinhentos deles, fora mais de mil pessoas cristãs, e se perderam oitocentos mil cruzados de emprego da China. E dos chins se afirmou que além das mil e novecentas e trinta embarcações, se perderam passante de dez contos, e cento e sessenta mil pessoas. Deste tão copioso e tão miserável naufrágio, se não salvaram mais que dez ou doze embarcações, das quais uma foi a em que eu vinha, e ainda essas milagrosamente, as quais depois venderam suas fazendas a como quiseram.

Nós, depois de termos feito nosso emprego, e estarmos prestes para nos partirmos, nos quisemos fazer à vela um Dia de Reis pela manhã, e ainda que por uma parte bem contentes, porque fizemos aqui tanto proveito que todos íamos ricos, todavia por outra assaz tristes, por vermos que fora à custa de tantas vidas e de tantas fazendas, tanto dos nossos naturais como dos estrangeiros.

E estando nós já com as amarras levantadas, e o traquete dado para seguirmos nossa viagem, se nos quebraram sùbitamente as ostagas da vela grande, e vindo a verga abaixo, se fez nos alcatrates da nau em quatro pedaços, por onde nos foi forçoso tornarmos a surgir, e mandarmos o batel a terra a buscar uma entena, e carpinteiros que no-la emparelhassem, e com isso mandámos um presente de peita ao capitão do lugar, para que nos desse com brevidade aviamento do necessário, e ele no-lo deu tão bom que naquele mesmo dia se tornou a nau a pôr no primeiro estado, e ainda melhor do que estava.

E tornando nós outra vez a levantar a amarra para nos fazermos à vela, nos quebrou pelo ourique da âncora onde estava talingada, e porque nos não ficara na nau mais que outra sòmente, nos foi forçoso trabalharmos todo o possível para a não deixarmos, pela muita necessidade que tínhamos dela; e para isto mandámos a terra buscar mergulhadores, os quais por dez cruzados que lhes deram, foram logo de mergulho onde estava a âncora, que era a vinte e seis braças de fundo, e lá lhe guarneceram um calabrete com que com o cabrestante a guindámos acima, ainda que fosse com assaz de trabalho, no qual todos andámos ocupados, e se gastou nele a maior parte da noite. E quando a manhã clareou, nos pusemos de verga de alto para partirmos. E sendo a nau já do todo levada, com o traquete mareado e a vela grande desferida, se nos acalmou o vento sùbitamente, com o que a corrente da água, que era muito grande, nos lançou junto de um morro onde nos vimos de todo perdidos, sem nos aproveitar todo o nosso trabalho nem toda a nossa diligência, pelo que nos socorremos do melhor e mais certo remédio, que foi chamarmos com muita insistência pela Virgem Nossa Senhora, com cujo favor nos salvámos daquele perigo.

No meio deste trabalho e medo com que todos andávamos, vimos descer de cima do morro, a grande pressa, dois

homens a cavalo, os quais nos capearam com uma toalha, e nos bradaram rijo que os tomássemos; e como a novidade do caso pôs em desejo saber o que aquilo era, se mandou logo a manchua a terra bem equipada, e porque naquela noite me tinha fugido um moço meu, com outros três, cuidando eu que podia aquilo ser algum recado dele, pedi a Jorge Álvares, capitão da nau, que me mandasse na manchua, e ele me mandou com outros dois companheiros comigo. E chegando nós à praia onde os dois a cavalo já estavam, um deles que parecia ser o mais honrado, me disse:

—Porque o tempo, senhor, não sofre muita demora, porque me temo de muita gente que vem atrás de mim, te peço pela bondade do teu Deus, que sem pores diante dúvida ou inconveniente algum, me recolhas contigo.

Com as quais palavras eu fiquei tão embaraçado que me não soube determinar no que fizesse, mas porque dantes tinha eu já visto aquele homem por duas vezes naquele lugar de Hiamangó, em companhia de alguns mercadores, me movi a tomá-lo, e depois que os meti dentro da manchua, a ele e ao seu companheiro, apareceram catorze a cavalo que vinham após ele, os quais chegando com grande grita à praia onde eu estava, me disseram:

—Dá cá esse tredo, senão matar-te-emos.

E logo após estes, vieram outros nove, de maneira que se juntaram ali vinte e três a cavalo, sem homem nenhum a pé.

Eu, receoso do que podia ser, me afastei para o mar um bom tiro de besta, e de lá lhes perguntei o que queriam, e eles me responderam:

—Se levares esse japão (sem fazerem conta do seu compa-

nheiro), sabe que mil cabeças de outros tais como tu hão-de pagar o que agora fazes.

Às quais palavras eu lhes não quis responder, e vindo com eles ambos a bordo, os meti dentro da nau, ainda que foi com assaz de trabalho, onde ambos foram bem providos pelo capitão e pelos portugueses que ali estavam, de tudo o que lhes era necessário para uma tão longa viagem.

E se me eu detive agora a particularizar as miudezas destes trabalhos, foi pelo sucesso que eles tiveram, de que espero tratar lá adiante, para que claramente se vejam os meios por onde Nosso Senhor ordena ser louvado, como adiante se verá por este homem japão, cujo nome era Angiró.

203

de uma grossa armada que o rei do achém neste tempo mandou sobre malaca, e do que nisso fez o padre mestre francisco xavier, reitor da companhia de jesus nas partes da índia

Partidos nós daqui deste rio de Hiamangó, e enseada de Canguexumá, aos 16 dias de Janeiro do ano de 1547, quis Nosso Senhor que em catorze dias de boa monção chegámos ao Chincheu, um dos célebres e ricos portos do reino

da China, sobre o qual à entrada do rio então estava um famoso corsário, de nome Chepocheca, com quatrocentos barcos grossos, e sessenta vancões de remo, na qual frota tinha sessenta mil homens, de que só vinte mil eram de serviço dos navios, e os mais de peleja, e toda esta grande cópia de gente sustentava de soldos e mantimentos, com as presas que fazia no mar.

E temendo nós então acometer a entrada do rio, porque estava por todas as partes tomado por este corsário, corremos avante até Lamau, onde nos provemos de alguns mantimentos que nos bastaram até chegarmos a Malaca, onde achámos o padre mestre Francisco Xavier, reitor universal da Companhia de Jesus nas partes da Índia, que havia poucos dias que chegara de Maluco, com grande nome de santo na voz de todo o povo, por milagres que lhe lá viram fazer, ou, por mais acertado, que Nosso Senhor por ele fizera. O qual, tendo novas deste japão que trazíamos connosco, nos foi logo buscar a Jorge Álvares e a mim, a casa de um tal Cosme Rodrigues, aí casado, onde ambos pousávamos.

E depois que gastou connosco um pedaço do dia em perguntas curiosas, fundadas todas num vivo zelo da honra de Deus, e tomar de nós as informações do que pretendia, ou do que mostrava que desejava saber de nós, lhe dissemos, sem sabermos das novas que ele já tinha disso, que ali na nau trazíamos dois japões, um dos quais, que parecia ser homem de conta, era muito discreto e muito entendido nas leis e seitas de todo o Japão, que sua reverência folgaria de ouvir. Ele mostrou alvoroçar-se tanto com isto, que nós, por isto que nele vimos, nos fomos à nau e trouxemos o japão ao hospital onde ele pousava, o qual o recolheu então consigo e o levou dali para a Índia, para onde estava de caminho. E depois que chegou a Goa, o fez lá cristão e lhe pôs o nome de Paulo de Santa Fé, o qual em pouco tempo soube ler e escrever, e toda a doutrina

cristã, conforme a determinação deste bem-aventurado padre, que era que logo que viesse aquela monção de Abril, ir denunciar ao barbarismo desta ilha Japão, Cristo, filho de Deus vivo, posto na Cruz por pecadores, como ele costumava dizer, e levar este homem consigo para seu intérprete, como depois levou, e ao seu companheiro que também com ele juntamente se fez cristão, a quem o padre pôs o nome João, os quais ambos lhe foram lá depois muito fiéis em tudo o que cumpriu ao serviço de Deus, e por cuja causa o Paulo de Santa Fé depois foi desterrado para a China, onde foi morto por uns ladrões, como adiante declararei quando falar deste desterro.

Partido este santo padre daqui de Malaca, para na Índia efectuar com o governador esta ida ao Japão, Simão de Melo, que então, como já disse, era capitão da fortaleza, escreveu dele o que naquelas partes de Maluco fizera para aumento da nossa santa fé, e as maravilhas que Deus Nosso Senhor por ele obrara. E entre algumas coisas de que deu conta ao governador D. João de Castro, foi testemunhar de vista o que por espírito profético este santo padre disse, estando pregando na Sé de Malaca, acerca do milagre a que o vulgo da gente lá chamava dos achéns.

E para que se saiba o que isto foi, me pareceu necessário contá-lo do começo, o qual foi desta maneira: uma quarta-feira, nove de Outubro do ano de 1547, às duas horas depois da meia-noite, chegou ao porto onde as nossas naus estavam surtas, uma grossa armada do rei do Achém, de setenta lancharas, e fustas, e galeotas de remo, na qual vinham embarcados cinco mil homens de bailéu, a que nós chamamos de peleja, fora a chusma do remo, e lançando parte da gente em terra, se foram logo, por ser a noite muito escura, acometer a cidade, com fundamento de abalroarem a trincheira com uma soma de escadas que para isso traziam; e porque a acharam a muito bom recato, permitiu Deus que não houve efeito o seu intento.

A outra parte da gente que ficou na armada, deu neste mesmo tempo na ilha das naus e pôs fogo a seis ou sete navios que estavam no porto, em que entrou uma nau grande de el-rei nosso senhor, que havia cinco dias chegara de Banda, carregada de noz e maça, a qual de todo esteve tomada. Ia a este tempo a revolta, e a grita da gente era tamanha que não havia quem se entendesse nem se soubesse dar a conselho, porque como estes inimigos chegaram de súbito sem serem sentidos, e a noite era escura e muito chuvosa, e os repiques e gritas soavam em muitas partes, causou isto em todos os nossos uma confusão tão desordenada que ninguém se sabia determinar.

Depois de esta revolta durar um grande espaço, chegaram uns três balões que Simão de Melo tinha mandado a saber o que aquilo era, os quais certificaram serem achéns. Neste tempo, começando já a clarear a manhã, se enxergou da fortaleza uma grande quantidade de barcos de remo, com muitas bandeiras e estandartes de seda, e mandando-lhes o capitão atirar com algumas peças grossas para os assombrar, eles assim como estavam em uma ala fechados, se foram retirando para a ponta da ilha de Upe, que estaria dali a pouco mais de um terço de légua, onde sobre o remo esperaram até quase à noite, com estrondos de gritas muito grandes, como quem ganhou alguma grande vitória.

Aconteceu por desdita que, neste tempo, ao mar deles andava pescando um parau nosso, em que estavam sete homens da terra, que nela tinham mulheres e filhos. Os inimigos, logo que o viram, mandaram a ele os seus balões que traziam muito bem equipados, os quais em breve espaço o tomaram e lho trouxeram, e a todos os sete que vinham nele, mandaram cortar os narizes e as orelhas, e a alguns jarretar pelos artelhos como por desprezo, e desta maneira os mandaram com uma carta para o capitão, escrita com o sangue dos mesmos tristes que a traziam, a qual dizia assim:

«Biyayá Sora, filho de Seribiyayá, pracamá de rajá, que em bocetas de ouro traz guardado para sua honra o riso do grande sultão Alaradim, castiçal com pivetes de cheiro da santa casa de Meca, rei do Achém e da terra de ambos os mares, te faço saber para que assim o digas ao teu rei, que neste seu mar em que estou descansado, assombrando com meu bramido essa sua fortaleza, hei-de estar pescando a seu despeito e por muito que lhe pese, o tempo que me vier à vontade, e por testemunhas disto que digo, tomo a terra e as gentes que nela habitam, com todos os mais elementos até ao céu da lua, e lhes certifico a todos, com palavras ditas pela minha boca, que o teu rei fica vencido e sem honra nenhuma, e as suas bandeiras derrubadas no chão, para jamais as poder levantar sem a licença de quem o venceu, pelo que metida a sua cabeça sob o pé do meu rei, como senhor que a todos subjuga, fica de hoje em diante por seu escravo. E para te fazer confessar ser verdade isto que digo, eu te desafio daqui donde estou, se por sua parte mo quiseres contradizer.»

Esta carta vinha assinada pelos capitães da frota, como coisa que se fizera por conselho de todos, e chegando estes sete coitados sem narizes e sem orelhas, à cidade, foram logo levados à fortaleza ao capitão, assim ensanguentados e disformes como vinham, e lhe deram a carta que traziam, a qual se leu logo ali pùblicamente perante toda a gente, de que o capitão com alguns seus aceitos esteve zombando com alguns ditos cortesãos e galantes.

Neste tempo chegou o padre Francisco Xavier, que vinha de Nossa Senhora do Outeiro, de dizer Missa como sempre costumava, e o capitão se levantou de pé, e saiu a o receber a dois ou três passos donde estava sentado, e lhe disse sorrindo, como quem não fazia caso da carta:

— Que conselho me dará vossa reverência neste desafio?

peregrinação peregrinação peregrinação

Parece-me que o hei-de remeter à mor alçada como juiz que em causa crime apela por parte da justiça.

O padre lhe respondeu:

— O meu parecer é, já que mo vossa mercê pergunta, que não havia de passar isto tanto por graça, que se não fizesse algum modo de armada se fosse possível, que ao menos lhes fosse ladrando nas costas, para que não cuidassem estes mouros de nós que de todo estamos tão desapercebidos que lhes não possamos fazer algum nojo, se outra vez cá tornarem.

A que o capitão lhe disse:

— Muito bem me parece isso, se por alguma via pudesse ser, mas bem vê vossa reverência da maneira que nós estamos, que é com quatro pedaços de fustas podres, em que não há já conserto, e dado que o houvesse, se gastaria nele muito mais tempo que em as fazer de novo.

E o padre lhe tornou:

— Se a causa não está em mais que no conserto das fustas, eu quero para honra de Deus e de el-rei nosso senhor, tomar esse conserto delas à minha conta, e ir, se for necessário, em companhia desses servos de Cristo e irmãos meus, a pelejar com esses inimigos da Cruz.

O que ouvindo os que estavam presentes, que era uma quantidade de gente muito nobre, todos juntamente responderam:

— Se vossa reverência isso fizer, que há aí que dizer? porque assaz bem judeu será o cristão que se escusar a ir em jornada tão santa.

E com isto se levantou em todo o povo um modo de motim santo, com um fervor tão animoso e tão determinado em Deus, que de todos se julgou como coisa sobrenatural.

O capitão, que estava então sentado à porta da fortaleza, se pôs logo em pé, assaz contente de ver o ânimo e o fervor santo de toda a gente, e tomando o padre pela mão se foi à ribeira onde viu a armada que estava varada, e achou sete fustas e um catur pequeno, e ali mandou logo chamar o feitor Duarte Barreto, e lhe disse que com toda a pressa mandasse dar o necessário para se consertarem estes navios, e ele lhe respondeu que na feitoria não havia nem um só prego, nem breu, nem estopa, nem um só palmo de pano para velas, nem outra coisa nenhuma das que eram necessárias para se fazer o que sua mercê mandava, de que o capitão mostrou ficar assaz triste, e a gente toda muito mais.

O padre então levantando os olhos, e convidando com a sua boa sombra todos os circunstantes a os porem nele, lhes disse:

— Ora sus, irmãos e senhores meus, não vos entristeçais, porque vos afirmo que Deus Nosso Senhor é connosco, e de sua parte vos requeiro que nenhum se negue a ir nesta santa jornada, porque ele nos manda que assim o façamos. E quanto ao inconveniente que o feitor põe, da falta do necessário para o conserto da armada, não há-de isso ser bastante para nos fazer tornar atrás do nosso propósito.

E com isto pôs os olhos em sete dos que estavam à roda, que todos eram capitães e senhorios de naus suas, e homens ricos e honrados, e nomeando a cada um deles por seu nome, se chegou a um deles, e com muitos abraços e a boca cheia de riso, lhe disse:

— Irmão meu, cumpre à honra de Nosso Senhor Jesus Cristo, que vós, como servo seu, tomeis a vosso cargo consertardes aquela fusta que ali está (assinalando a cada um a sua), com a maior brevidade que for possível, porque também cumpre

muito ao seu serviço. E quanto ao prémio do vosso trabalho, eu vos fico que ele vos seja pago a cem por um.

E desta maneira os correu a todos sete, recomendando a cada um deles o conserto de sua fusta, o que eles todos aceitaram com um fervor e um zelo tão santo que ali se disse claramente que era isto mais obra de Deus que dos homens. E cada um destes sete se encarregou logo da fusta que o padre lhe assinalara, e na mesma hora, sem fazerem mais detença, começaram todos a pôr mãos à obra. E era tamanho neles o fervor e a inveja santa, que andavam em despique a ver qual faria melhor e mais depressa, e foi a coisa de maneira que o que parecia impossível fazer-se num mês, ainda que lhes sobejasse tudo, se fez em termo de só cinco dias, porque em cada uma das fustas trabalhavam mais de cem homens.

Enquanto esta armada se estava aparelhando, o capitão da fortaleza, Simão de Melo, declarou como capitão desta empresa, Francisco de Eça, seu cunhado, e o padre mestre Francisco se determinou totalmente em ir nesta jornada. E entendendo os irmãos da misericórdia esta determinação do padre, se juntaram com todos os casados que havia na fortaleza, e levando consigo o mesmo D. Francisco de Eça, se foram todos juntos a ele, e lhe fizeram um requerimento em que lhe pediram da parte de Deus que já que aquela fortaleza estava tão só, a não quisesse desamparar com a sua ausência, porque se assim fosse, protestavam todos de irem também com ele, com o qual requerimento o padre ficou algum tanto embaraçado, segundo se nele enxergou, porque a sua nobre condição e grande caridade lhe estavam pedindo condescender com estes dois extremos diferentes, o que não podia ser.

E havendo sobre isto conselho, em que houve diversos pareceres e muitas razões de ambas as partes, enfim o mesmo D. Francisco de Eça, capitão-mor da armada, por

entender que era assim necessário, tornou a pedir ao padre que fizesse a vontade àquele povo, visto o bom zelo com que todos lhe pediam aquilo e lhe faziam aquele requerimento, o que o padre lhe concedeu. E depois que se determinou em ficar na terra, os consolou a todos com uma breve prática espiritual, encarecendo nela a muita razão que uns e outros tinham de porem as vidas por um tão bom Deus, que para os remir se pôs numa Cruz, como todos tínhamos por fé e confessávamos, escarnecido, desprezado, açoitado, coroado de espinhos, e por fim de tudo crucificado num duro pau, para nos crucificar a nós no seu doce amor, e esmaltar nossas almas com o seu sangue sem preço, com o que justificava o nosso pouco merecimento diante do Padre Eterno. E a este modo disse outras muitas coisas com o seu fervor e devoção costumada, com o que fez tamanha impressão em toda a gente, que os capitães e os soldados que iam na armada protestaram logo ali de, juntos todos numa conformidade cristã, morrerem pela fé de Nosso Senhor Jesus Cristo.

204

do que aconteceu à nossa armada, estando para partir, e de duas fustas que chegaram de novo à fortaleza

Sendo já passados oito dias em que na gente continuou este fervor santo, a nossa armada foi de todo prestes e aparelhada do necessário, e posta a pique para se partir ao outro dia, a qual era de sete fustas e um catur pequeno para ser-

vir de recados, em que iam cento e oitenta bons soldados, cujos capitães eram D. Francisco de Eça, e D. Jorge de Eça, seu irmão, e Diogo Pereira, e Afonso Gentil, e Belchior de Sequeira, e João Soares, e Gomes Barreto; e o capitão do catur era André Toscano, juiz dos órfãos, e aí casado em Malaca.

Ao outro dia, estando já todos embarcados e prestes para se partirem, em o capitão-mor D. Francisco de Eça desferindo a vela com grande regozijo e grita de todos, a sua fusta soçobrou, sem se salvar dela então mais que a gente, e ainda essa com muito trabalho, de que todo o povo ficou tão confuso e triste, e os da armada com ânimos tão caídos, que parecia gente pasmada.

Este mau sucesso foi causa de se desmandarem alguns na língua, e falarem mais solto do que era razão, atribuindo esta ida a pura indústria do demónio, em ofensa grave de Deus, dando como autores deste mal o capitão e o padre mestre Francisco, e dizendo que eles totalmente mandavam entregar aquela fraca armada aos achéns, de que estava certo que não havia de escapar homem vivo, por serem as nossas fustas sete, e as do inimigo sessenta, e os nossos cento e oitenta homens, e o inimigo cinco mil; e esta desproporção lhes dava tanto crédito ao que diziam, que o comum da gente concordava com eles, sem o capitão nem a justiça serem o bastante para os fazer calar, por muito que nisso se trabalhasse.

O capitão Simão de Melo e o capitão-mor da armada, D. Francisco de Eça, afrontados desta diabólica união, mandaram muito depressa chamar o padre a Nossa Senhora do Outeiro, onde então estava dizendo Missa, e indo o mensageiro muito depressa, o achou no passo de *Domine non sum dignus*, com o Senhor nas mãos, e não se sabendo determinar no que faria, se deixou estar ali até que ele acabou de comungar, e então se chegou a ele; e em abrindo a

boca para lhe dar o recado, o padre lhe acenou com a mão para que não falasse ou o não perturbasse, e foi para diante com a Missa, sem mostrar turvação alguma.

E depois que se despediu do altar, disse ao homem, sem até então lhe ter dito nada:

— Ide, meu irmão, e dizei ao capitão que logo vou, e que se não agaste sua mercê por coisa nenhuma, porque nas maiores pressas está o Senhor.

E entrando para a sacristia, tirou a vestimenta e veio se pôr de joelhos diante do altar, e, fazendo oração à imagem que estava nele, lhe ouviram dizer com um grande suspiro:

— Ó Jesus Cristo, amores de mi anima, põe Senhor meu os olhos em ti e no esmalte de tuas preciosas chagas, e nelas verás o muito a que a tua divina majestade por nós quis obrigar-se, pois Deus meu e Senhor meu, que te posso eu miserável pedir já agora, que tu por quem és nos não concedas, para remédio de nossa aflição?

E acabando estas breves palavras que disse com muitas lágrimas, veio para baixo para a fortaleza, onde achou o capitão e toda a gente muito tristes, e em pressa de desalagarem a fusta, para salvarem a artilharia, com algumas armas que ainda se acharam; e logo que viu o padre, dando seis ou sete passos o veio receber, e quase afrontado da soltura e da união do povo, lhe disse:

— Que é isto, padre meu? Ouça vossa reverência o que diz esta gente e desculpe-me para com ela, já que não sou poderoso para lhe tapar as bocas.

O padre, com rosto severo e semblante alegre, lhe respondeu mansamente:

— Valha-me Deus! E com tão pouca coisa se agasta vossa

mercê? Não seja assim, tenhamos firme fé no Senhor e em sua omnipotência, porque ele terá cuidado de remediar nossas faltas.

E abraçando com isto todos os capitães e soldados, os esteve animando com exemplos santos da Sagrada Escritura, e lhes recomendou muito a firmeza primeira do seu bom propósito. E com isto se foi em companhia do capitão para a porta da fortaleza, que seria dali a quinze ou vinte passos, onde se sentaram, e depois de se praticar no sucesso da fusta que se alagara, e da falta que ela fazia, que por ser a melhor de toda a frota, se embarcava nela o capitão-mor, quis Simão de Melo, por lhe parecer que com isso taparia a boca aos praguentos, na culpa que lhe punham em mandar por conselho do padre aquela tão pequena armada a acometer uma frota tão grossa, que se tomasse a resolução daquilo em que então se praticava, pelos pareceres dos que ali estavam presentes; e fazendo-se assento do voto de cada um, por Baltasar Ribeiro, escrivão da alfândega e da feitoria, em presença de todos os oficiais da justiça e da fazenda, se assentou que era temeridade o que se cometia, fundando todas as razões e causas que para isso davam, naquele desastre, dizendo que viera aquilo por permissão divina, porque quis Deus atalhar outro mal muito maior como se haveria de seguir, se o intento do capitão e do padre fosse por diante. Porém, quando vieram a tomar nisto os pareceres do capitão-mor e dos mais capitães e soldados que iam na armada, disseram todos que ainda que vissem a morte diante dos olhos, se não haviam de desdizer do que tinham prometido a Deus, e que assim o tornavam de novo a prometer e jurar, porque tanto montavam seis fustas como sete, pois a cópia da gente toda ia nas seis.

E com isto deram de mão ao assento que o escrivão fazia, o que ao capitão, segundo se disse, não pesou muito, pela honra que esperava que ganhassem naquela ida, tanto em geral todos os da fortaleza, como em particular seus cunha-

dos, D. Francisco de Eça, que ia como capitão-mor da armada, e D. Jorge, seu irmão, que ia como seu sucessor naquele cargo.

O padre mestre Francisco, vendo a firmeza e bom propósito dos capitães e dos soldados, lho louvou muito, e entre algumas palavras que em prática lhes disse, foi que tivessem todos muita confiança em Deus Nosso Senhor, porque em lugar daquela fusta perdida, ele lhes traria ali muito cedo duas, e que disso fossem todos muito certos, porque assim havia de ser sem falta nenhuma naquele mesmo dia.

E todos os que estavam presentes lhe deram muito crédito, pelo que ouviam dele; porém não faltaram também alguns que com palavras retorcidas, nascidas de ânimos incrédulos, davam a entender que aquilo era invenção com que o padre os queria consolar, pela tristeza que neles via, pelo mau sucesso.

Com isto se recolheu Simão de Melo para dentro, e levou consigo o capitão-mor e os outros capitães da armada, e os convidou para jantar, e o padre se recolheu também ao hospital a curar os pobres, como tinha por costume. E sendo já sobre a tarde, como todos tinham os olhos no que ele tinha dito, ainda que com diferentes ânimos, conforme a fé que cada um tinha, uma hora antes do sol-posto, pouco mais ou menos, se deu rebate de cima do outeiro de Nossa Senhora, que para a parte do norte apareciam duas velas latinas, com a qual nova foi tamanho o alvoroço no povo, que era coisa de espanto. O capitão Simão de Melo mandou logo lá um balão equipado a saber o que era, o qual trouxe recado que eram duas fustas em que iam sessenta portugueses, de uma das quais era capitão Diogo Soares, o Galego, e da outra Baltasar Soares, seu filho, as quais ambas vinham de Patane, com determinação de passarem de largo para Pegu, para onde levavam sua rota.

Disto se deu logo rebate ao padre que já então estava em Nossa Senhora, o qual saiu muito alegre fora da ermida para ver o que era, e topando com o capitão que a grande pressa o ia buscar para lhe dar os agradecimentos pelo bom prognóstico, lhe disse:

— Vá vossa mercê fazer oração a Nossa Senhora, e mande-me logo equipar o balão, porque quero ir falar com Diogo Soares antes que passe de largo, já que leva a determinação que dizem.

O capitão lhe mandou logo fazer prestes o balão, e mandou que o alcaide do mar o acompanhasse, e ele se partiu logo, e chegou às fustas com uma hora de noite, e o Diogo Soares o recebeu com grandíssima festa e alegria. E dando-lhe conta do que se passava, lhe pediu muito por amor de Deus Nosso Senhor e pelas suas chagas, que para honra sua quisesse acompanhar D. Francisco de Eça nesta romaria, porque de lá poderia ir mais à sua vontade para onde quisesse. E Diogo Soares lhe respondeu que ele vinha com determinação de não parar em Malaca, para lhe não fazerem pagar direitos daquela pouca fazenda que levava, já que não tinha outra coisa de que se sustentasse a si e àqueles soldados, mas que pois sua reverência lho pedia com tanta eficácia de palavras tão santas, e tanto para se temer a desobediência a elas, visto ser, como dizia, puro zelo da lei de Deus, de cuja parte o requeria, ele era muito contente de lho conceder. Porém, já que ficando ele ali, lhe era necessário tornar a arribar ao porto para se aperceber das munições necessárias para a peleja, que sua reverência lhe havia de trazer um assinado do capitão e dos oficiais da alfândega, para o não obrigarem a pagar direitos do que levava, porque de outra maneira, se sua reverência não mandasse o contrário, não havia de entrar no porto, o que o padre lhe agradeceu muito, e se lhe obrigou a lhe fazer tudo quanto ele quisesse, e muito mais se fosse necessário. E com isto se despediu dele já quase meia-noite.

Porém, antes que passe mais para diante, me pareceu que era necessário fazer aqui esta declaração para satisfazer os curiosos e não fazer dúvida aos que lerem: este Diogo Soares, o Galego, de que aqui se trata agora, é o mesmo de quem eu deixo atrás dito que fora morto em Pegu por mandado do xemim de Satão; porém este sucesso que agora vou contando, foi muito tempo antes da sua morte, e se eu tratei dela antes deste sucesso, foi porque assim me foi forçoso para a ordem da história que ia contando.

205

do mais que se passou com diogo soares, e de como partiu a armada, e do que lhe aconteceu até chegar ao rio de parlés

Chegado o padre mestre Francisco à fortaleza onde Simão de Melo o estava esperando, lhe deu conta do que tinha acabado com Diogo Soares, pelo que era necessário mandar--lhe sua mercê a provisão que ele pedia, e o capitão lha mandou logo passar sem detença nenhuma, e a todos pareceu bem que lha levasse o capitão-mor D. Francisco, para mais abastança e satisfação de Diogo Soares, e ele se partiu logo com ela, e, sendo manhã clara, Diogo Soares veio surgir ao porto com mostras de muita alegria, e desembarcando em terra achou o capitão que o estava esperando, onde foi muito bem recebido, tanto dele como de todo o povo. Dali se foram à igreja maior, que agora é a Sé, e nela ouviram Missa pelo padre Francisco, que nesta

ida sempre se mostrou a principal parte, a qual acabada, se foram logo todos sentar à porta da fortaleza, onde por um espaço grande trataram do que convinha para esta ida, das coisas que eram necessárias para a peleja que esperavam ter com os inimigos, no que logo se proveu com toda a diligência possível.

Passados mais quatro dias em que a armada acabou de se fazer prestes de todo, o capitão-mor D. Francisco de Eça se embarcou na fusta de D. Jorge, seu irmão, porque a sua ficou alagada sem se lhe poder dar remédio, e assim os nossos barcos foram todas as oito fustas e um catur pequeno, em que iam duzentos e trinta homens, todos soldados muito escolhidos.

Esta armada se partiu do porto de Malaca uma sexta-feira, a vinte e cinco de Outubro do ano de 1547, e velejando todos por sua rota, em quatro dias chegaram a Pulo Sambilão, a sessenta léguas donde tinham partido. E porque o regimento que D. Francisco levava, se não estendia a mais que até ali sòmente, não ousou passar mais adiante, e ali se deixou estar por alguns dias, sem em toda a costa acharem pessoa nem embarcação que lhes soubesse dizer onde os inimigos eram lançados, sòmente se suspeitava que seriam já no Achém, para onde se presumia que levavam sua rota.

Posto este negócio em conselho, houve nele muito diferentes pareceres, e muito contrários uns dos outros, e por fim de tudo o capitão-mor se resolveu a não arredar do regimento que levava, o qual era que não passasse dali. E fazendo-se logo na volta de Malaca, ordenou Nosso Senhor que com aquela conjunção da lua, lhe dessem de improviso ventos noroestes que lhe eram pela proa, com o que estiveram amarrados vinte e três dias, sem poderem surdir um só passo avante. E como a armada não levava mantimentos para mais que para um só mês, e eles tinham

já gasto trinta e seis dias de sua viagem, e neste tempo já não tinham coisa nenhuma para comer, lhes foi forçoso irem-no buscar a Junçalão, ou a Tanauçarim, que eram portos muito distantes daquele lugar, para a costa do reino Pegu, e com esta determinação se abalaram donde estavam e começaram a fazer seu caminho, indo todos bem enfadados destes sucessos. Mas prouve a Nosso Senhor, autor de todos os bens, que deu o tempo com eles na costa de Quedá, e entrando no rio Parlés, com fundamento de fazerem nele aguada e seguirem adiante por sua rota, viram de noite passar um parau de pescadores ao longo da terra, e o capitão-mor o mandou buscar para saber dele onde era a aguada. Trazido o parau a bordo, ele fez gasalhado aos que vinham nele, de que eles ficaram contentes, e perguntadas uma a uma algumas particularidades necessárias, responderam todos que a terra estava toda deserta, e o rei era fugido para Patane, por causa de uma grossa armada que havia mês e meio ali estava de assento com cinco mil achéns, fazendo uma fortaleza e esperando as naus dos portugueses que viessem de Bengala para Malaca, com fundamento, como eles diziam, de a nenhum cristão conservarem a vida; e também descobriram outras muitas coisas necessárias ao nosso propósito, de que o capitão-mor ficou tão contente que se vestiu de festa e mandou embandeirar toda a armada. E chamados os capitães a conselho, se praticou no negócio, e o parecer de todos foi que se mandassem logo três balões equipados pelo rio acima até à povoação onde os inimigos estavam, que era dali a doze léguas, e trabalhassem por saber a certeza de tudo isto, e, sabida, se tornassem logo à armada para se determinar o modo que se havia de ter na peleja, e que entretanto se fizessem todos prestes para o que tinham por diante, e não perdessem da memória o que o padre mestre Francisco lhes recomendara, que era interiormente trazerem sempre Cristo crucificado em suas almas, e no exterior mostrarem prazer e alegria com bom esforço, para que com estas mostras de fora se animassem os fracos que iam ao remo. E o capitão-

-mor proveu com toda a brevidade em tudo o que era necessário, e mandou que toda a artilharia da armada se disparasse, e se embandeirassem as fustas, e se fizessem folias, e não houvesse regras nos mantimentos, o que tudo se cumpriu muito inteiramente.

E sendo prestes os três balões de todo o necessário, com remeiros escolhidos e bem peitados, o capitão-mor mandou no primeiro como capitão dos outros, Diogo Soares, no segundo Baltasar Soares, seu filho, e no terceiro João Álvares de Magalhães, e cada capitão destes levava dois soldados do mesmo teor.

Partidos os balões pelo rio acima, quis sua ventura que tendo andado cinco ou seis léguas, foram dar de rosto com quatro balões dos inimigos, e antes que uns e outros se acabassem de pôr em ordem, os nossos lhes tomaram três dos seus, e o outro se salvou à força de remo. E porque os três balões que os nossos tomaram, eram muito melhores que os em que iam, se passaram para eles, e aos que deixaram puseram o fogo, e se tornaram logo para a nossa armada com grande alvoroço por este bom prognóstico, e o capitão-mor os recebeu com muita festa e alegria.

Dos inimigos que vinham nestes balões que os nossos tomaram, escaparam sòmente seis achéns vivos, que os nossos trouxeram consigo, os quais perguntados pelo que relevava, não responderam outra coisa senão dizerem todos com uma contumácia muito emperrada: «Mate mate quita fadulé», que quer dizer: «Matai-nos matai-nos, que não nos importa nada isso»; pelo que foi necessário metê-los a tormento, e os começaram a açoitar e pingar tanto sem piedade que dois deles morreram logo, e os outros dois, atados de pés e de mãos foram lançados ao rio. E querendo-se fazer o mesmo aos dois que ficavam vivos, eles com grandes brados pediram ao capitão-mor que os não matassem, porque eles juravam confessar toda a verdade.

O capitão-mor mandou que cessasse o castigo, e eles disseram que havia já quarenta e dois dias que aquela terra estava por sua, onde tinham morto duas mil pessoas, e quase outras tantas cativas, fora o despojo de pimenta e drogas, e outras sortes de fazendas de que já tinham mandado ao rei do Achém uma grande quantidade.

E porque num dos capítulos do regimento que o seu capitão-mor trazia, lhe mandava el-rei que ali naquele rio esperasse as naus que de Bengala e de outras partes viessem para Malaca, e as tomassem todas, sem conservar a vida a português nenhum, nem a homem que fosse cristão, se detivera ali tanto, e tinha determinado esperar ainda mais um mês, até que de todo a monção fosse gasta; e que quando ouviram o som da nossa artilharia lhes pareceu que as naus eram já chegadas, pelo que toda a armada se ficava fazendo prestes com grande pressa para os virem buscar, pelo que sem dúvida nenhuma ao outro dia viriam ali ter.

O capitão-mor D. Francisco, com esta informação que teve, se fez logo prestes como convinha para receber os hóspedes que esperava, trazendo sempre alguns balões de espia, que iam e vinham sem descansarem.

Ao outro dia, que era domingo, às nove horas, os nossos balões vieram fugindo muito apressados, dizendo com vozes muito altas: — «Prestes, prestes, prestes, com o nome de Jesus, que aqui temos os inimigos!» — com o qual rebate houve grande rebuliço em toda a armada. O capitão-mor, armado com uma coura de lâminas de cetim carmesim, com cravação dourada, e com um montante nas mãos, se meteu em uma manchua bem equipada, e correu todos os navios, animando todos os capitães e soldados, e com a boca cheia de riso e mostras de grandíssimo esforço os nomeava por irmãos e senhores, e lhes trazia à memória quem eram, e o que lhes recomendava o padre mestre Francisco que por eles estava orando continuamente a Nosso Senhor, cujas lágrimas e orações haviam de ser ouvidas e muito aceites diante de Deus, pois ele era tão santo como todos sabiam, pelo que a todos lhes era necessário trabalharem todo o possível para levarem bom nome diante dele, pois aquela armada e os soldados dela se chamavam do nome de Jesus, que era o nome que o bem-aventurado padre lhes pusera quando partiram, e outras coisas a este modo, muito necessárias ao tempo e à conjunção dele, as quais todas se ouviram com muita alegria, protestando todos com grandes vozes de sem falta nenhuma morrerem por Cristo como verdadeiros cristãos que eram.

E recolhido o capitão-mor à sua fusta, quase que não era ainda bem dentro quando se descobriu a armada dos inimigos, os quais com uma espantosa grita, e com um grandíssimo estrondo de diversos instrumentos, vinham pelo rio abaixo, concertados na ordem que se segue.

206

da cruel batalha que os nossos tiveram com os achéns no rio de parlés, e do sucesso dela

Na dianteira desta armada dos inimigos vinham três galeotas de turcos, em companhia da lanchara em que vinha o Biyayá Sora, capitão-mor da armada, que se intitulava rei de Pèdir, e após estas quatro vinham nove fileiras, de seis cada fileira, de modo que os barcos de remo que vinham na armada eram, por todos, cinquenta e oito, porque os mais eram lancharas e fustas que atiravam cameletes pela

proa, e outra artilharia miúda de que todos vinham muito bem providos. E como o ímpeto da água vinha em seu favor, e os navios vinham bem equipados e de voga arrancada, ao som de muitos instrumentos de guerra, isto, juntamente com as gritas da chusma, acompanhadas de uma grande quantidade de arcabuzaria, causava um tamanho terror e um tão desacostumado espanto, que as carnes tremiam de medo.

E desta maneira, logo que a dianteira dos inimigos descobriu a ponta de um cotovelo que a terra fazia da banda do sul, detrás da qual os nossos estavam também já prestes para os receber, a primeira fileira das três galeotas dos turcos, e a lanchara em que vinha o Biyayá Sora, arremeteu à nossa ala dianteira em que estava o capitão-mor com duas fustas, a sua no meio, e de uma parte Diogo Soares, e da outra Gomes Barreto, fidalgo do Duque de Bragança, e antecipando-se os inimigos um pouco no atirar da artilharia, prouve a Nosso Senhor que nos não fez nenhum dano, e a briga se travou logo entre ambas as dianteiras, em que os capitães-mores se encontraram ambos; e pelejando uns com os outros com muito esforço e tanto sem piedade quanto requeria o ódio com que pelejavam, quis Deus que da fusta de João Soares se fez um tiro de camelo, o qual se empregou tão bem que a lanchara em que vinha o Biyayá foi logo metida no fundo, com morte de mais de cem mouros.

As três galeotas, querendo com muita pressa acudir aos que andavam na água, e principalmente para tomarem o seu capitão-mor, para que se não afogasse, se embaraçaram todas três de tal maneira que a segunda ala, com o peso da corrente veio cair sobre elas, e após esta logo a outra, e assim todas as mais, de maneira que embaraçadas umas com as outras, fizeram um ajuntamento confuso que ocupava toda a largura do rio, sobre o que a nossa artilharia toda empregou tão bem três surriadas, que nenhum tiro foi

debalde, com o que lhe meteram nove lancharas no fundo, e as outras quase todas ficaram destroçadas, porque os mais dos nossos tiros eram rocas de pedras. Vendo os nossos aquele bom sucesso, e como Deus lhes ordenava tudo em seu favor, cobraram tanto ânimo e esforço que chamando pelo nome de Jesus arremeteram a eles tanto sem medo, que quatro fustas nossas abalroaram seis das suas, e lançando-lhes após isto muita quantidade de panelas de pólvora, e de pedradas, fora muita soma de espingardas que atiravam continuamente sem nunca cessarem, o fervor desta honrosa briga foi tamanho que em só meia hora foram mortos, destes inimigos, quase dois mil. A sua chusma, com isto cobrou tamanho medo que se lançou toda ao rio, porém a corrente e o peso da água, que era muito grande, os afogou quase a todos em muito pequeno espaço de tempo. O que vendo os outros que ainda ficavam vivos, e como este negócio lhes sucedia cada vez pior, depois de pelejarem esforçadamente um bom espaço, conhecendo já claramente sua perdição, e que os nossos os matavam a todos com as espingardas, o que eles já não podiam fazer, nem aproveitar-se da sua artilharia, e sobretudo estar a parte deles queimados com a muita soma das panelas de pólvora, lhes foi forçoso, ou lhes pareceu melhor meio de sua salvação, entregarem-se antes à água do rio, que a quem os tratava tão mal como os nossos; e lançando-se todos ao rio, como já então iam muito feridos, e queimados, e cansados da briga, e por isso tão quebrados das forças que apenas podiam bulir os braços, todos logo se afogaram sem nenhum deles escapar vivo, com o que os nossos ficaram de todo desafrontados deles. E dando muitas graças e muitos louvores a Nosso Senhor, pelo bom sucesso desta tão gloriosa vitória, se apoderaram de toda a armada, que eram quarenta e seis barcos, fora os nove que no começo da briga se meteram no fundo, sem escaparem mais que só três, em que se salvou o Biyayá Sora, e segundo se disse, ferido de uma arcabuzada, de que esteve à morte.

Nesta armada se acharam trezentas peças de artilharia, de que a maior parte eram falcões e berços, em que entravam sessenta e duas com as armas de el-rei nosso senhor, que eles em outro tempo nos tinham tomado, e se acharam mais oitocentas espingardas e uma grandíssima quantidade de zargunchos, lanças, terçados, arcos turquescos com muitas flechas, crises, e azagaias guarnecidas de ouro, de que alguns dos nossos houveram bom quinhão.

O capitão-mor mandou logo fazer resenha da sua gente, e se acharam mortos, dos nossos, vinte e seis, dos quais cinco só foram portugueses, e os mais foram escravos e marinheiros que nas fustas iam ao remo, e feridos foram cento e cinquenta, de que setenta foram portugueses, dos quais depois faleceram três, e cinco ficaram aleijados.

A fama desta tão gloriosa e honrada vitória correu logo por toda aquela terra, com o que o rei de Parlés, que a este tempo estava fugido no mato com medo destes inimigos, juntou como pôde cerca de quinhentos dos seus, e deu na trincheira que lhe tinham tomado, onde estavam todas as presas que tinham feito, em guarda das quais tinham deixado os doentes, que seriam até duzentos, e matando-os a todos, sem conservarem a vida a nenhum deles, tornaram a ganhar o despojo, em que entraram dois mil dos seus que estavam cativos, mas tudo mulheres e crianças, e outra gente pobre.

Isto feito, o rei veio logo visitar D. Francisco, e lhe deu os parabéns da vitória, levantando por isso muitas vezes as mãos ao céu, e prometendo com juramento solene ao seu modo, ser dali por diante vassalo de el-rei nosso senhor, com tributo de dois cates de ouro cada ano, que são quinhentos cruzados, e que lhe prometia tão pouco porque a sua pouca possibilidade não podia abranger a mais, de que se fez assento, em que assinou o rei com alguns dos seus.

D. Francisco se fez logo prestes para se tornar para Malaca, e vendo que não tinha gente com que pudesse marear tantos barcos, lhes mandou pôr fogo, e não trouxe consigo mais que só vinte e cinco, em que entraram catorze fustas e as três galeotas em que vieram os sessenta turcos, que todos morreram na peleja.

Depois disto se tomou também um parau em que vinham quinze achéns, os quais metidos a tormento confessaram que na briga foram mortos, com a gente que se afogara, passante de quatro mil homens, de que a maior parte foi gente limpa e criados do rei do Achém, e quinhentos deles eram ourobalões de manilha de ouro, que são fidalgos, e morreram sessenta turcos e vinte gregos e janízaros que havia poucos dias que em duas naus eram vindos de Judá a Pàcem.

207

do que se passou em malaca, enquanto não houve novas desta nossa armada, e do que o padre francisco dela disse, estando um domingo pregando

Agora me cumpre deixar a armada, e tratar um pouco neste lugar do que se passou em Malaca depois da partida desta nossa armada, para que se veja por que meios Nosso Senhor é servido de acreditar os seus servos na terra, para confusão da gente mundana, fria, e pouco firme na fé e confiança que se deve ter a este Senhor que quis morrer para nos dar a vida.

Costumava este santo padre mestre Francisco pregar ordinàriamente duas vezes na semana, às sextas-feiras na misericórdia, e aos domingos na igreja maior que agora é a Sé, o qual em todos os dois meses contínuos, que foi o tempo que os nossos levaram, desde que partiram de Malaca até que tornaram, sempre depois do sermão acabado, recomendava que dissessem um pater-noster e uma ave-maria a Nosso Senhor Jesus Cristo, para que ele tivesse por bem dar vitória aos nossos irmãos que eram idos na armada a pelejar com aqueles inimigos da nossa santa fé, para que por esta vitória o seu santo nome fosse conhecido em toda a terra. O qual pater-noster a gente sempre disse por espaço de quinze ou vinte dias, em que naturalmente lhe pareceu que isto poderia ter efeito, mas quando passou deste termo, vendo que por nenhuma via se souberam mais novas da armada, assentaram consigo que sem falta nenhuma os achéns a tinham tomado.

E o que lhes deu ainda maior motivo para cuidarem que era isto assim, foi um rumor de novas falsas que os mouros naquele dia lançaram por toda a terra, dizendo que uma lanchara que viera de Salangor, falando com outra que ia para Bintão, lhe dissera que um tal dia, junto da barra de Pera, encontrando-se os inimigos com os nossos, os desbarataram e lhes tomaram toda a armada, e, sem conservarem a vida a nenhum homem, levaram as fustas para o Achém. E assim deste modo embrulharam uma meada, urdida por estes ministros de Satanás, de tantas mentiras, que o capitão nunca pôde, por mais que trabalhasse, vedar este falso rumor, de modo que ou de arrependido do que fizera, ou de enfadado disto que se dizia pùblicamente, já não ousava sair tantas vezes de casa como costumava. Porém os praguentos, como de tudo fazem matéria de seus pensamentos, notando também isto nele, acabaram de confirmar que totalmente era verdade o que se dizia. E foi isto em tanto crescimento que o rei do Jantana, filho que fora do antigo rei de Malaca, que então residia em An-

draguiré, porto seu na ilha Samatra, sendo avisado disto que entre nós se dizia, veio logo com uma frota de trezentos barcos se meter no rio Muhar, a seis léguas da nossa fortaleza, donde despediu alguns balões de remo por toda a costa a saber a certeza disto que soava, com tenção de logo que tivesse nova certa de ser verdade isto que ele assaz desejava, se meter logo em Malaca, o que segundo a causa então estava de si prometendo, parece que poderia fazer muito fàcilmente, e com custo de muito pouco sangue. E para maior dissimulação deste seu pensamento, mandou visitar o capitão, e lhe escreveu uma carta que dizia assim:

«Esforçado senhor capitão: estando eu na crescença da lua em Andraguiré, com esta armada prestes para mandar sobre el-rei de Patane, por algumas razões que me moveram a o castigar, de que tu já terás alguma notícia, fui certificado das cruéis mortes que os achéns deram aos teus, de que tive tanta dor em meu coração como se todos fossem meus filhos, e porque sempre desejei mostrar a el-rei de Portugal, meu irmão, o amor entranhável que lhe tenho, logo que soube esta triste nova, esquecendo-me da vingança que pretendia de meus inimigos, vim me meter aqui neste rio, para dele, como bom amigo te socorrer com minhas forças, e gente, e armada, pelo que te peço muito, e da parte do teu rei, meu irmão, te requeiro que me dês licença para em seu favor e ajuda ir surgir neste porto, antes que os inimigos a teu despeito o façam, como sou informado que o querem fazer. Sepetu de raja, meu ourobalão, te dirá por palavras o sobejo amor com que desejo agradar em tudo a el-rei de Portugal, meu irmão, e como seu verdadeiro amigo estou aqui esperando por tua resposta, com a qual porei logo em efeito isto que desejo fazer por ele.»

O capitão, depois que leu a carta, fingindo que não entendeu a sua danada tenção, lhe respondeu com as graças necessárias aos oferecimentos que ele fazia, encobrindo em tudo suas faltas, e mostrando que ao presente não havia mister

socorro nenhum, porque de tudo estava muito bem provido. De maneira que com estes cumprimentos dissimulados de um e do outro, esteve este inimigo metido aqui a braços connosco vinte e três dias, dando-nos em todos eles bem em que cuidar; até que vieram os seus balões do reino de Quedá onde os mandara a saber novas, os quais o certificaram da vitória que Deus nos dera, de que ficou tão magoado que, de nojo, mandou matar o primeiro que lhe deu a nova, e sem esperar ali mais, se partiu logo para Bintão, fingindo que ia mal disposto de febres, pelo que em Malaca se fizeram muitas procissões, dando graças a Deus Nosso Senhor por nos querer desafrontar deste inimigo.

Tornando ao padre mestre Francisco: continuando ele sempre como atrás disse, a pedir no fim de todos os seus sermões, um pater-noster e uma ave-maria pela vitória dos nossos que dali eram partidos, os ouvintes os disseram todo o tempo que lhes pareceu que os podiam aproveitar, que foram quinze ou vinte dias, mas quando passou este limite que eles tinham posto para o efeito deste negócio, e de todo começaram a desconfiar de poderem os nossos ser vivos, tanto pelas falsas novas que os mouros tinham espalhado, como pelo muito tempo que havia que eram partidos, sem até então se ter nenhum recado deles, houveram, pela fraqueza da sua fé, que aquela recomendação do padre era mais para cumprimento, que por lhe parecer que era ainda necessária, pelo que todos, ou quase todos, quando lhe ouviam isto se acotovelavam uns aos outros com risinhos e palavras retorcidas, dizendo: — «Bofé, padre, muito melhor fora esse paster-noster por suas almas, que por essa vitória que dizeis, e de que Deus a vós e ao capitão há-de pedir estreita conta, por serdes ambos causa de suas mortes.» — Outros, por modo de zombaria, diziam: — «Desses e dos ungidos há aí tão poucos que não há nenhuns.» — Outros diziam também: — «Se os vós alguma hora virdes, bem vos podeis benzer deles.» — E outros diziam outras coisas assim a este modo, motejando do padre, de que depois andaram assaz corridos, e alguns dos mais discretos se acharam bem alcançados.

E a um domingo, aos seis dias de Dezembro do mesmo ano, pregando este bem-aventurado padre à Missa do dia, como sempre costumava, indo já no cabo do sermão se virou para o Crucifixo que estava em cima do arco da capela, e falando com ele com umas devotíssimas palavras, envoltas em muitas lágrimas, de que todos os ouvintes estavam pasmados, propôs por figuras toda a batalha dos nossos como se passava, e lhe pediu com grande eficácia que se lembrasse dos seus, porque ainda que fossem pecadores, e muito pecadores, todavia professavam, como fiéis que eram, o seu santo nome, com protestação contínua de viverem e morrerem na sua santa fé católica; e em muitos passos apertando os punhos das mãos, com um fervor impetuoso e o rosto abrasado, dizia:

— «Ó Jesus Cristo, amores de mi anima, pelas dores da tua sagrada paixão, nos não desampares.»

E a este modo, outras muitas palavras de que não sou bem lembrado, no fim das quais, inclinando a cabeça sobre o púlpito, como quem descansava daquele trabalho, esteve quedo cerca de dois ou três credos, e tornando-a a levantar, com rosto alegre e bem assombrado, disse aos que estavam presentes: — «Dizei um pater-noster e uma ave-maria, pela vitória que Deus Nosso Senhor agora deu aos nossos, contra os inimigos da sua santa fé» — com o que em toda a igreja houve muito rumor de devoção e de lágrimas.

E dali a seis dias, que foi logo à sexta-feira seguinte, já quase sol-posto, chegou um balão que fora dos inimigos, muito bem equipado, em que vinha um soldado de nome Manuel Godinho a pedir alvíssaras ao capitão, desta vitória, o qual relatando em público todo o decurso e o sucesso dela, disse que fora no domingo antes das dez

horas do dia, que pela conta se achou que fora na própria hora em que o padre o disse no púlpito, pelo que sem dúvida tiveram todos para si, e o confessaram pùblicamente, que Deus Nosso Senhor lho revelara em espírito, como já se vira em outras coisas que logo ali se contaram perante todos, que ele fizera e dissera, das quais uma foi que depois de partido de Maluco, estando um dia em Amboyno, que era dali a sessenta léguas, dizendo Missa, depois de ter dito o Credo, antes que entrasse no prefácio, disse aos que estavam na igreja:

—Dizei um pater-noster e uma ave-maria pela alma de nosso irmão João de Araújo, que agora partiu desta vida.»

E chegando dali a quinze dias as naus que ficaram à carga do cravo, entre algumas novas que se deram, foi uma que era falecido um tal Gonçalo de Araújo (porque assim me parece que se chamava) e que fora no próprio dia e hora em que o padre o dissera na estação de Amboyno.

E outras muitas maravilhas fez Nosso Senhor, por este bem-aventurado padre, de que eu vi algumas, e outras ouvi, de que agora não faço menção porque adiante espero tratar de algumas delas.

208

como o padre mestre francisco foi de malaca para o japão, e do que lá se passou

Depois de passada esta gloriosa batalha em que Deus Nosso Senhor quis acreditar este seu bem-aventurado servo, tanto com o que na armada fez primeiro, como com o que dela depois disse, para confusão e arrependimento dos maldizentes, por meio dos quais o inimigo infernal tanto trabalhou para o desacreditar, ele se partiu desta cidade de Malaca para a Índia, naquele Dezembro seguinte do mesmo ano de 1547, com determinação de pôr em efeito a sua ida ao Japão, e levou consigo o Angiró, que depois de cristão se chamou Paulo de Santa Fé, como já disse.

Naquele ano se não pôde aviar para o efeito do que desejava, por causa das obrigações do seu ofício, que era reitor universal dos colégios da Índia, da Companhia de Jesus, e pela morte do Vice-Rei D. João de Castro, que faleceu em Goa no Junho seguinte, do ano de 1548. Porém Garcia de Sá que lhe sucedeu na governança, o despachou no Abril do outro ano de 1549, com provisões, para D. Pedro da Silva que então era capitão de Malaca, lhe dar lá embarcação para onde Deus o encaminhasse.

Com este despacho chegou o padre a Malaca no derradeiro dia de Maio do mesmo ano de 49, e se deteve aí alguns dias pelo mau aviamento que se lhe deu, mas enfim depois de passar aí em Malaca muitos trabalhos, se embarcou em dia de São João do mesmo ano, ao sol-posto, em um junco pequeno de um chim a quem chamavam o necodá ladrão, e

ao outro dia pela manhã se fez à vela e se partiu, na qual viagem também passou assaz de trabalho, de que me escuso de dar relação porque me parece desnecessário escrever isto tão miùdamente, nem farei mais que tocar brevemente o que for mais importante a meu intento, conforme a pouca possibilidade do meu fraco engenho.

O padre chegou em dia da Assunção de Nossa Senhora, que é aos quinze dias do mês de Agosto, ao porto de Canguexumá, no Japão, que era a pátria deste Paulo de Santa Fé, onde foi bem recebido de todo o povo, e muito melhor do rei, porque este lhe fez muito mais festas que todos, acompanhadas de muitas e grandes honras, e mostrou que levava muito gosto do bom propósito com que entrava no seu reino. E todo o tempo que o padre ali esteve, que foi quase um ano, sempre el-rei lhe fez muitos favores, dos quais os bonzos, que são os seus sacerdotes, se houveram por muito afrontados, e por muitas vezes lhe foram à mão, pela larga licença que dera para em sua terra se pregar uma lei que tanto contrariava as suas. Ao que el-rei um dia já de muito enfadado deles, lhes respondeu:

— Se a sua lei vos contraria as vossas, contrariem-lhe as vossas a sua, contanto que eu seja o juiz dessa causa, porque eu não hei-de consentir que a vossa cólera o escandalize, porque é estrangeiro que se fiou em minha verdade.»

Com a qual resposta, os bonzos todos se escandalizaram grandemente.

Mas como o intento deste bem-aventurado padre foi sempre aumentar o santo nome de Cristo entre a gente mais nobre, por lhe parecer que daí resultaria mais fàcilmente a conversão do povo miúdo, determinou de se passar dali a alguns dias, ao reino de Firando, que era adiante para o norte, cem léguas, como fez quando lhe pareceu tempo. E na companhia de oitocentas almas que com a sua doutrina ali

convertera, deixou o Paulo de Santa Fé, o qual perseverou em as doutrinar por espaço de mais cinco meses que ali esteve com eles, no fim dos quais, por se ver muito afrontado pelos bonzos, se embarcou para a China, onde foi morto por uns ladrões que no reino de Liampó andavam ao assalto.

Os oitocentos cristãos que ali havia, ainda que ficassem sem o padre, nem outro irmão que os doutrinasse, permitiu Nosso Senhor que todos se conservaram de maneira na fé com a doutrina que o padre lhes deixou escrita, que em sete anos que estiveram ali sós sem serem visitados, nenhum deles tornou àtrás do seu santo propósito.

Passados pouco mais de vinte dias depois que o padre chegou ao reino de Firando, lhe pareceu bem apalpar toda a gentilidade, para ver qual terra acharia mais acomodada a seu intento. Tinha ele então consigo o padre Cosme de Torres, castelhano de nação, que pela via de Panamá, sendo soldado, fora ter a Maluco em uma armada que o vice-rei da nova Espanha lá mandara no ano de 1544, o qual por incitação e conselho do padre mestre Francisco, depois em Goa se meteu na Companhia, e depois o levou como seu companheiro, e a outro irmão leigo também castelhano, natural da cidade de Córdova, que se chamava João Fernandes, homem muito humilde e muito virtuoso.

Este padre Cosme de Torres deixou agora o padre mestre Francisco neste reino e cidade de Firando, e acompanhado destoutro padre João Fernandes se partiu para a cidade de Miocó, que é no mais oriental de toda a ilha do Japão, porque foi informado que aí residia de assento o seu cubuncamá, que é o supremo no seu sacerdócio, e com ele outras três dignidades que se intitulam reis, das quais cada uma por si distintamente entende no governo da justiça, e da guerra, e no bem da república, no qual caminho passou muitos e grandes trabalhos, pela aspereza tanto das serra-

nias como do tempo em que foi, que era já no Inverno, e em clima de quarenta graus, onde os frios, as chuvas, e os ventos são de maneira que não há quem os possa sofrer, e ele ia muito falto do que era necessário, tanto para isto como para sustentar a vida, e em alguns passos que estavam pelos caminhos, em que os estrangeiros não podiam passar sem pagarem um certo tributo, ele porque não levava com que o pagasse, passava por homem a pé de algum homem nobre que no caminho se lhe oferecia, pelo que lhe era necessário, para poder passar a salvo, aturar o andar da cavalgadura daquele a quem acompanhava.

Chegado enfim a esta insigne cidade Miocó, metrópole de toda aquela monarquia da nação japoa, se não viu como quisera, com este cubuncamá, por lhe pedirem por isso cem mil caixas, que eram seiscentos cruzados, de que se ele por algumas vezes mostrou muito magoado de os não ter para efectuar isto que tanto desejava.

Assim que em toda esta terra não fez nenhum fruto, tanto pelas guerras e dissensões que naquele tempo tinham uns povos com os outros (que é coisa que entre eles há ordinàriamente), como por outros muitos inconvenientes largos de contar, donde se conhece claramente que tamanho pesar o inimigo da Cruz recebia disto que este servo de Deus pretendia fazer nesta terra.

E vendo o padre o pouco fruto que fazia nela, para não gastar o tempo debalde, se passou desta cidade do Miocó para a do Sicay, que era dali a dezoito léguas, e ali se tornou a embarcar para o reino de Firando, onde deixara o padre Cosme de Torres, no qual se deteve mais alguns dias, porém estes não os gastou a descansar dos trabalhos passados, mas a se oferecer a outros maiores de novo. No fim deste tempo se passou ao reino de Omanguché onde converteu passante de 3000 almas, em pouco mais de um ano que esteve na cidade, que foi até 5 de Setembro do

ano de 1551, porque então tendo novas que ao reino do Bungo era chegada uma nau portuguesa, mandou logo lá por terra, que eram 60 léguas, um cristão de nome Mateus, com uma carta ao capitão e mercadores dela, que dizia assim:

«O amor e graça de Jesus Cristo, nosso verdadeiro Deus e Senhor, faça por sua misericórdia contínua morada em suas almas, ámen. Por algumas cartas de aviso que vieram dessa cidade, tiveram os mercadores desta recado da boa chegada de v. mercês, mas porque esta nova me não pareceu tão verdadeira como em meu coração desejo, determinei de mandar saber por esse cristão, a certeza dela, pelo que lhes peço muito que me mandem dizer donde vêm, e de que porto partiram, e em que tempo determinam tornar para a China, porque queria, se Deus Nosso Senhor for disso servido, trabalhar o possível para passar este ano à Índia; e de si me escrevam por seus nomes, o da nau, o do capitão dela, e toda a mais certeza da paz e da quietação de Malaca, e se aparelhem, com furtarem aos negócios um pedaço de tempo, para examinarem suas consciências porque esta é a fazenda em que o ganho está mais certo que na seda da China, por muito que nela se dobre o dinheiro, porque eu determino, se Deus Nosso Senhor for servido, estar lá logo com eles, logo que vir seu recado. Cristo Jesus, por quem é, nos tenha a todos na sua mão, e nos conserve nesta vida por graça no seu santo serviço, ámen. Desta cidade de Omanguché, no 1 de Setembro de 1551. Irmão em Cristo, de vossas mercês, Francisco.»

O mensageiro com esta carta chegou onde nós estávamos, e de todos foi tão bem recebido como era razão, e lhe responderam logo por seis ou sete vias, tanto o capitão como os mercadores, em que lhe deram muitas novas da Índia e de Malaca, e que eles determinavam de se partirem dali a um mês para a China com a sua nau, onde ficavam três à carga, que em Janeiro haviam de ir para Goa, em

uma das quais estava o seu amigo Diogo Pereira, com quem sua reverência iria muito à sua vontade.

Com esta resposta despediram logo o cristão que lhes trouxe a carta, o qual ia bem contente pelo muito que lhe deram, e pelo bom gasalhado com que foi tratado os dias que ali esteve, e em cinco dias de caminho chegou à cidade de Omanguché, onde o padre pela certeza da nau, e pelas cartas que lhe trouxe, o recebeu com grande alvoroço e dali a três dias se partiu para a cidade do Fuchéu, que é a metrópole do reino do Bungo, onde nesta nau que tenho dito, que era de Duarte da Gama, estávamos então trinta portugueses fazendo nossas fazendas. E um sábado chegaram a nós três japões cristãos que vinham em sua companhia, pelos quais o capitão Duarte da Gama soube que o padre ficava dali a duas léguas, em um lugar a que chamavam Pinlaxau, com dor de cabeça, e os pés inchados das 60 léguas de caminho que até ali tinha andado, e que lhes parecia, segundo vinha mal disposto, que havia mister alguns dias para se curar e poder acabar o caminho, ou uma cavalgadura em que viesse, se a quisesse aceitar.

209

como este bem-aventurado padre chegou ao porto de finge onde estava a nossa nau, e do que se passou até ir ver el-rei do bungo à cidade fuchéu

Sabendo Duarte da Gama, capitão da nau, que o padre estava naquela aldeia de Pinlaxau, tão mal disposto como os japões lhe tinham dito, mandou logo recado aos portugueses que então estavam de assento na cidade vendendo suas fazendas, que era a uma légua do porto onde a nau estava surta, os quais vieram logo com grande alvoroço, e praticando no que sobre isto fariam, se assentou que o fossem buscar ao lugar onde ficara doente, o que logo puseram em obra. E tendo nós andado pouco mais de um quarto de légua, o encontrámos, que vinha já a caminho em companhia de dois cristãos que havia menos de um mês se tinham convertido à Fé, homens fidalgos principais daquele reino, aos quais por este respeito de se fazerem cristãos, el-rei de Omanguché tinha tomado dois mil taéis que tinham de renda, que são três mil cruzados.

E como todos íamos vestidos de festa, e em bons cavalos, quando o encontrámos da maneira que vinha, ficámos muito confusos por o vermos vir a pé, com um fardel às costas, em que trazia todo o necessário para dizer Missa, que estes dois cristãos, a reveses, lhe ajudavam a levar, coisa que por certo nos confundiu e entristeceu muito. E não

querendo ele aceitar nenhuma cavalgadura, nos foi forçoso acompanhá-lo a pé, e bem contra a sua vontade, de que os dois cristãos ficaram muito edificados.

Chegados ao rio de Finge onde a nau estava surta, foi recebido nela com todas as mostras de alegria quantas se lhe puderam fazer, e se lhe disparou a artilharia toda por quatro vezes, em que se atiraram sessenta e três tiros de berços, e falcões, e camelos, e todos, ou os mais, com pelouros e rocas, os quais por causa das concavidades que havia nas serras, fizeram um grandíssimo estrondo.

El-rei, que neste tempo estava na cidade, quando ouviu aquele estrondo tamanho, espantado de coisa tão desacostumada, e parecendo-lhe que pelejávamos com alguma armada de ladrões, de que já havia rebates na cidade, mandou logo a grande pressa um homem fidalgo a saber o que aquilo era, o qual chegando a Duarte da Gama lhe deu um recado da parte de el-rei, e lhe fez alguns oferecimentos convenientes ao tempo. Duarte da Gama lhe respondeu com a cortesia devida ao recado e aos oferecimentos que lhe fizera, e lhe disse que festejávamos a chegada do padre, por ser homem santo e a quem el-rei de Portugal tinha muito respeito. O fidalgo, tão espantado disto que ouvira como do mais que tinha visto, lhe tornou dizendo:

— Vou confuso no que hei-de dizer a el-rei, porque os nossos bonzos lhe têm certificado que este homem não é santo como vós outros dizeis, mas que por vezes o viram falar com os demónios com quem tinha parceria, e que por feitiçaria obrava algumas maravilhas de que os ignorantes se espantavam, e que era pobre, e tão pobre que até os piolhos de que andava coberto, haviam nojo de lhe comerem a carne, pelo que temo que desta vez percam eles o crédito com el-rei, para nunca mais os ver nem ouvir, porque homem por quem vós tanto fazeis, e a quem com tanta honra festejais dessa maneira, de crer é que na verdade é o que vós dizeis, e não o que eles quiseram persuadir a el-rei.

Os portugueses se tornaram a ratificar no que tinham dito e certificado de novo naquilo que ele já tinha entendido, e o informaram de toda a verdade, de que ele foi muito espantado, e se tornou logo, e chegando à cidade deu conta a el-rei do que se passava, e lhe disse que a nossa artilharia que ouvira, fora para festejarmos a chegada do padre, com a qual estávamos todos tão contentes como se tivéramos a nau carregada de prata, pelo que estava claro ser tudo mentira quanto os bonzos tinham dito dele; e que afirmava a sua alteza que era homem de rosto tão grave que ninguém o veria que lhe não tivesse muito acatamento.

A que el-rei respondeu:

— Têm razão no que fazem, e tu muita nisso que presumes dele.

E mandou logo visitar o padre por um moço fidalgo muito seu parente, pelo qual lhe escreveu uma carta que dizia assim:

«Padre bonzo do Chém achicogim, a tua boa-vinda à minha terra seja tão agradável ao teu Deus, quanto lhe satisfaz o louvor dos seus santos. Por Quamsio nafama, que mandei a essa nau, fui certificado da tua chegada de Omanguché a Finge, de que fiquei tão contente quanto todos os meus de mim te dirão, pelo que te rogo muito, já que me Deus não fez digno de te poder mandar, que para satisfazeres este meu desejo com que minha alma te ama, me queiras bater antes que venha a manhã, ao postigo da casa em que te espero, ou me mandes que eu te importune sem esquivança de brados, com pedir de joelhos, prostrados por terra ao teu Deus, que eu confesso ser Deus de todos os deuses, e o melhor dos melhores, que vive nos céus, que

pelos gemidos da tua doutrina manifeste aos inchados do tempo quanto com pobreza lhes agrada a tua santa vida, para que a cegueira dos filhos de nossa carne se não engane com as falsas promessas do mundo; e de tua saúde me manda dizer, para que durma contente no repouso da noite até que os galos me espertem, e digam que vens a caminho.»

Este moço que trouxe esta carta veio em uma funé de remo, do tamanho de uma boa galeota, acompanhado de trinta mancebos, e um homem muito velho por seu aio, de nome Pomindono, irmão bastardo de el-rei de Minato, o qual se despediu do padre e dos mais portugueses que então estávamos todos com ele, e quando se tornou a embarcar na funé em que viera, a nau lhe fez salva de quinze tiros de artilharia, de que o moço ficou assaz contente e ufano. E olhando para o aio que estava junto dele, lhe disse:

— Grande deve ser o Deus desta gente, e os seus segredos muito ocultos a nós, pois permite que a homem tão pobre como os bonzos afirmam a el-rei que este é, lhe obedeçam as naus dos ricos, e suas bombardas manifestem com bramidos tão grandes, que o Senhor se satisfaz com mercadoria tão baixa e tão desprezada na opinião dos que vivem na terra, que parece pecado grave só o pensamento que nisso se ocupa.

A que o velho respondeu:

— Bem pode ser que haja este a veniaga de sua pobreza por tão agradável ao Deus que serve, que em a seguir por seu respeito fique muito mais rico que os ricos do mundo, ainda que os nossos bonzos digam tão ousadamente o contrário disto a quem os ouve.

Chegado o moço à cidade, se foi logo a el-rei, e com o gosto que levava pela muita honra que se lhe fizera por respeito do padre, lhe disse:

— Convém que vossa alteza não fale com este homem da maneira que os bonzos lhe disseram, porque lhe afirmo que será grande pecado, nem tenha vossa alteza para si que é pobre, porque o capitão com todos os mercadores me disseram que se ele quisesse a nau assim como estava, lha dariam logo sem falta nenhuma.

A que el-rei respondeu:

— Estou confuso disso que dizes, e muito mais do que os bonzos me disseram, mas eu te prometo que eu os terei daqui por diante na conta que eles merecem.

Ao outro dia, logo que foi manhã clara, o capitão Duarte da Gama, com todos os mercadores e os mais portugueses que vinham na nau, se puseram em conselho sobre o modo que se havia de ter nesta primeira vista que o padre havia de ter com el-rei, e por todos foi assentado que para honra de Deus ele fosse com o maior aparato que pudesse ser, porque com isso ficariam os bonzos por mentirosos no que tinham dito dele, porque claro estava que da maneira que o vissem tratado, nessa conta o teriam, e por isso entre gente que não conhecia a Deus, era muito necessário ser isto como eles diziam. E ainda que esta resolução fosse em parte contra o parecer do padre, todavia pelas razões que se deram, lhe foi a ele forçoso condescender com os pareceres dos mais.

Com isto nos fizemos logo todos prestes no batel, o melhor que cada um então pôde, e nos partimos para a cidade embarcados no batel da nau, e em duas manchuas com seus toldos e bandeiras de seda, e com trombetas e flautas que de quando em quando alternadamente iam tangendo, a qual novidade causou tamanho espanto na gente da terra, que já quando chegámos ao cais não havia podermos desembarcar, por nenhuma maneira. Aqui chegou o Quamsy andono, capitão da Canafama, por mandado de el-rei, e trouxe umas

andas em que o padre fosse, as quais ele não quis aceitar por nosso respeito, e daqui abalou a pé para o paço acompanhado de muita gente nobre e dos trinta portugueses todos, com mais de outros tantos moços nossos muito bem tratados, e com cadeias de ouro ao pescoço.

O padre levava uma loba de chamalote preto sem águas, com uma sobrepeliz em cima, e uma estola de veludo verde com seu savastro de brocado; o capitão ia com uma cana na mão como porteiro-mor, e cinco dos mais honrados e e ricos, e de melhor nome, levavam certas peças nas mãos como criados seus: um levava um livro metido num saco de cetim branco, outro umas chinelas de veludo preto que entre nós se acharam, outro uma cana de bengala com um castão de ouro, outro um retábulo de Nossa Senhora num envoltório de damasco roxo, outro um sombreiro de pé pequeno; e assim com esta ordem e com este aparato passámos pelas principais nove ruas da cidade, onde havia tanta quantidade de gente que até por cima dos telhados tudo era cheio.

210

das honras que el-rei de bungo fez ao padre mestre francisco, neste primeiro dia que se viu com ele

Com esta ordem que digo, chegámos ao primeiro terreiro das casas de el-rei, onde estava o Fingeindono, capitão da guarda do paço, com seiscentos homens de arcos, e lanças, e terçados bem guarnecidos, o que se julgou por estado de rei grandioso.

E passando nós pelo meio de toda esta gente, entrámos numa varanda muito comprida, onde os cinco que atrás disse que levavam as peças, postos de joelhos as ofereceram ao padre, de que os senhores que estavam presentes fizeram tamanho espanto que diziam uns para os outros:

— Vão-se enforcar os nossos bonzos, e não apareçam mais diante da gente, porque este homem não é o que eles disseram a el-rei, senão coisa vinda da parte de Deus, para confusão dos invejosos.

Passada esta varanda, chegámos a uma grande casa em que havia muita gente nobre, com altirnas de cetim e de damascos de muitas cores, com seus terçados de chaparia de ouro, na qual estava um menino de seis até sete anos de idade, que um velho tinha pela mão, o qual em chegando ao padre, lhe disse:

— Tua boa entrada nesta casa de el-rei meu senhor, seja a ti e a ele tão agradável como a água que Deus manda do céu quando a lavoura dos nossos arrozes lha pede. Entra seguro, e com isto alegre, porque te afirmo em lei de verdade que todos os bons te querem grande bem, e os maus se entristecem como noite chuvosa de grande escuro.

E respondendo-lhe o padre por seu modo a estas palavras com outras semelhantes, o menino se calou, e depois que ouviu tudo o que lhe disse, lhe tornou dizendo:

— Grande deve ser a tua ventura, pois vieste do cabo do mundo a ser infamado com nome de pobre em terras alheias, e muito maior sem comparação a bondade de Deus a quem esta confusa opinião do mundo agrada, de que os nossos bonzos todos estão tão alheios que com juramentos afirmam, pùblicamente, que nem mulheres nem pobres podem ser salvos por nenhum modo.

A que o padre respondeu:

— Permitirá o Senhor que vive reinando em cima nos céus, tirar-lhes a nuvem que têm sobre os olhos, e então conhecerão o erro da sua cegueira; e quando Deus lhes der este lume, então lhes dará a graça para se desdizerem dessa opinião falsa que seguem.

E indo assim este menino praticando com o padre, em coisas altas e de muita substância, de que todos íamos assaz espantados, pela pouca idade que tinha, ao que parecia, entrámos noutra casa em que estava uma grande soma de moços, filhos dos senhores do reino, os quais em vendo o padre se levantaram todos de pé e depois de fazerem seus gromenares, pondo por três vezes a cabeça no chão, o que é entre eles uma tamanha cortesia, que a não faz senão o filho ao pai, ou o vassalo a seu rei ou a seu senhor, lhe disseram dois deles como que falando em nome dos outros:

— Tua boa-vinda, padre bonzo santo, seja tão agradável a el-rei nosso senhor, como o riso do menino mimoso para a mãe que o recreia no seu peito, porque te juramos pelos cabelos de nossas cabeças, que até as paredes que vês com teus olhos, nos mandam que festejemos tua entrada, para glória do Deus de quem em Omanguché disseste tantas maravilhas quantas cá temos ouvido.

E fazendo todos mostra de o querer acompanhar, o menino que o levava pela mão lhes acenou que se tornassem a sentar. Daqui entrámos em uma varanda muito comprida que corria ao longo de umas laranjeiras, e passando por ela fomos dar noutra casa do tamanho das duas primeiras, na qual estava o Farandono, irmão de el-rei, que depois sucedeu como rei de Omanguché, a quem o padre fez um grande acatamento, ao qual ele também respondeu com as mesmas cortesias, dizendo:

— Certifico-te, padre bonzo, que hoje é o dia do prazer desta casa, e em que el-rei meu senhor se há como mais rico que se tivera os trinta e dois tesouros da prata da China. A tua vinda a ela, seja tanto para seu gosto e honra tua, quanta tu pretendes como remate de teus desejos.

O menino que o levava consigo, lho entregou então a ele, e se deixou ficar um pouco atrás, o qual novo modo de cortesia nos pareceu muito bem. Daqui entrámos noutra casa onde estavam muitos senhores do reino que também lhe fizeram muito grandes honras, e aqui se deteve um pouco de pé praticando com ele, até que de dentro de outra casa veio recado que entrasse. E entrando logo com a maior parte daqueles senhores de que estava acompanhado, chegou a uma muito rica casa onde el-rei já estava de pé, que em vendo o padre o saiu a receber, cinco ou seis passos fora do lugar onde estivera sentado.

O padre se lhe quis inclinar aos pés, mas ele o não consentiu, antes o elevou nos braços e lhe fez por três vezes o gromenare, que é (como atrás disse) cortesia de filho a pai, ou de vassalo a senhor, de que todos os senhores que estavam presentes, ficaram muito espantados, e nós muito mais; e tomando-o pela mão, o seu irmão, que até ali o trouxera consigo, se deixou ficar um pouco atrás, e sentando-se no estrado, sentou o padre igualmente consigo, e a seu irmão mais abaixo um pouco, e aos portugueses defronte junto dos senhores do reino que aí estavam, onde se fizeram alguns cumprimentos de parte a parte, em que el-rei se mostrou ao padre muito amigo, e o padre lhe respondeu por palavras tão agradáveis ao seu modo, que olhando ele para seu irmão e para os mais senhores que estavam na casa, disse em voz alta, que todos o ouviram:

— Quem pudesse perguntar a Deus o por onde isto caminha? ou qual é a causa por que permitiu haver em nós tamanha cegueira, ou neste homem tamanha ousadia? porque por uma

parte vemos nós agora por nossos olhos o que dele geralmente todos dizem, e provar ele o que diz com umas palavras que não têm contradição, e tão próprias a toda a razão natural, que quem bem considerar nesta maravilha se confundirá, e a não negará, mas antes, se tiver bom juízo confessará ser verdade. E por outra parte vemos os nossos bonzos tão embaraçados na nossa verdade, e tão desvairados naquilo que pregam, que hoje dizem uma coisa e amanhã outra, de maneira que toda a sua doutrina para homens de juízo claro é confusão, e em partes dúvida de salvação.

Um bonzo que estava presente, corrido disto que el-rei dizia, lhe respondeu:

—Não é isso matéria em que vossa alteza se possa resolver tão depressa, pois não estudou em Fiancima, e se tem alguma dúvida, pergunte-a, ou pergunte-ma a mim, e eu lha declararei, e então verá quão verdadeiro é o que pregamos, e quão bem empregado o que por isso nos dão.

A que el-rei lhe tornou:

—Pois o tu sabes, di-lo, e calar-me-ei.

O Faxiandono então lhe propôs suas razões, e a primeira delas foi que quanto aos bonzos serem santos, não havia que duvidar, pois viviam toda a vida em religião agradável a Deus, e gastavam a maior parte da noite a rezar pelos que lhes deixavam o seu, e guardavam perpétua castidade, e não comiam peixe fresco, e curavam os doentes, e ensinavam aos filhos dos homens os bons costumes, e pacificavam os reis em suas discórdias para que os povos vivam quietos, davam chuchimiacós recambiados por letra para o céu, para lá todos os mortos serem ricos e terem muito de seu, e sustentavam de noite com suas esmolas as almas dos que chorando lhes pediam conselho nas aflições e trabalhos que padeciam por serem pobres, e tinham graus nos colé-

gios do Bandou, confirmados pelos cubucamás e groxós do Miacó, e sobretudo eram muito amigos do Sol, das estrelas e dos santos do céu para falarem sempre de noite com eles, e tê-los muitas vezes nos braços, e a este modo disse outros muitos desatinos, em alguns dos quais falou a el-rei com tanta cólera que por quatro vezes lhe chamou froxidehusa, que quer dizer pecador cego, sem olhos.

El-rei ficou tão corrido do que este bonzo lhe disse, e do desconcerto das palavras com que lho disse, que olhando duas ou três vezes para seu irmão, lhe acenou que o fizesse calar, o que o Facharandono (que assim se chama o irmão de el-rei) logo fez, e fazendo erguer o bonzo donde estava sentado, lhe disse el-rei:

—Segundo temos ouvido na prova e na justificação que quiseste dar da tua santidade, não ta queremos negar, mas também te confesso que a soberba das tuas desenfreadas palavras nos escandalizou de maneira que ousarei jurar, a meu salvo, que mais parte tem o inferno em ti, do que tu tens nos céus onde Deus tem sua habitação.

A que o bonzo lhe respondeu:

—Tempo virá em que me eu não quererei servir dos homens, e nem eles, nem tu, nem todos os reis que agora governam serão dignos de me tocarem.

El-rei, sorrindo-se da soberba do bonzo, olhou para o padre, como que lhe dizendo: «Que te parece?» E ele para o aplacar, lhe respondeu:

—Deixe Vossa Alteza isso para outro dia em que o bonzo esteja mais desagastado.

A que el-rei tornou:

—Tens razão no que me dizes, e eu muito pouca em o ouvir.

E mandando-o levantar, lhe disse:

— Quando houveres de falar de Deus, não te justifiques com Deus, que pecarás gravemente, mas com paciência por amor dele purga-te da cólera que trazes contigo, e ouvir-te-emos.

A que o bonzo, como afrontado, virando-se para os que estavam presentes, disse: «Hiacatá passiram figiancor passinau», que quer dizer: «Rei que tal diz, fogo do céu o abrase.» E levantando-se com muita pressa, sem nenhum modo de cortesia, se foi rosnando pela porta fora, de que os senhores todos ficaram zombando, e dizendo algumas galanterias a seu modo, com o que el-rei se abrandou e ficou de todo fora da cólera que tinha tomado, e se riu com gosto por seis ou sete vezes.

Após isto, porque eram já horas, lhe trouxeram de comer, e pediu ao padre que quisesse jantar com ele, de que ele se escusou por três vezes com muita cortesia, dizendo que não tinha necessidade, a que el-rei respondeu:

— Muito bem sei que não deves ter fome, pois dizes que não tens necessidade de comer, mas também entendo que já saberás (se és japão como nós), que é este oferecimento entre os reis o mais certo sinal de amor que se lhes pode mostrar, e porque te eu tenho nessa conta, me hei por muito honrado em te convidar.

A que o padre, fazendo mostra de lhe querer beijar o terçado que tinha na cinta, a modo de lhe dar graças, como entre eles se costuma, lhe disse:

— Deus Nosso Senhor, por cujo respeito me isso fazes, te comunique de lá do céu tanto da sua graça que por ela mereças professar a sua lei, como verdadeiro servo seu, para que no fim de teus dias mereças possuí-lo.

A que el-rei lhe tornou:

— Concedo nisso que por mim lhe pedes, contanto que tu e eu estejamos ambos juntos para praticarmos nestas coisas que agora passamos.

E oferecendo-lhe com a boca cheia de riso o prato de arroz que tinha diante de si, lhe tornou de novo a rogar que comesse, e o padre o fez logo, pelo que nós todos, tanto o capitão como os mais portugueses nos pusemos com os joelhos em terra, por aquela grande honra que pùblicamente, e a despeito dos bonzos, fazia ao padre, sem embargo de lho eles terem mexericado.

211

como despedindo-se o padre, de el-rei, para se embarcar para a china, o detiveram mais alguns dias, e de algumas disputas que teve com os bonzos

Quarenta e seis dias eram passados depois que este bem-aventurado padre entrou nesta cidade Fuchéu, metrópole, como já disse, do reino do Bungo na ilha de Japão, nos quais sempre entendeu tanto de propósito na conversão das almas, sem tratar de outra nenhuma coisa, que de maravilha português nenhum podia ter dele uma só hora, só se fosse à noite em práticas espirituais, e nas manhãs nas confissões. E estranhando-lhe algumas vezes isto alguns dos seus mais familiares, dizendo-lhe que parecia aquilo algum tanto esquivança, lhes respondeu um dia:

— Peço-vos, irmãos meus em Cristo Nosso Senhor, que nunca ao jantar espereis por mim, nem me tenhais nessa parte em conta de vivo para me agasalhardes, porque vos afirmo em boa verdade que receberei disso muito grande desgosto, porque sabei que o banquete em que mais me deleito, e de que tenho mais gosto, é ver render-se uma a quem a remiu, e confessar pela boca o que hoje confessou Saquay girão, principal bonzo de Canafama, o qual depois de conceder o que antes negava, se pôs de joelhos com as mãos levantadas, no meio da praça que estava cheia de gente, e perante todos disse chorando: «A ti, Eterno Jesus Cristo, Filho de Deus, se rende a minha alma, e confesso aqui com a boca o que tenho fixo em meu coração, pelo que requeiro a todos quantos me ouvem, que digam às gentes com quem falarem, que me perdoem por quantas vezes lhes preguei como verdade o que agora estou vendo e entendo que é falsidade e mentira.» E sabei certo, irmãos, que esta santa confissão deste novo servo de Deus e irmão nosso, fez tanto abalo em todo o povo, que se eu hoje quisesse, se baptizariam mais de quinhentas pessoas; mas convém tratar este negócio com muita prudência, e não lho fazer tão leve por causa dos bonzos, que lhes aconselham que já que se hão-de perder com se fazerem cristãos, que me peçam por isso muito dinheiro. E isto porque lhes parece que não lho dando eu, posso, por ser pobre e não ter que lhes dar, perder o crédito que lhes eles dizem que têm nas palavras que me ouvem, mas o Senhor proverá com sua misericórdia neste impedimento que o astuto inimigo da Cruz lhes procura.

El-rei, em todo este tempo o conversou tão estreitamente e lhe deu tanto de si, que enquanto aqui esteve, nenhum bonzo teve nunca entrada com ele, antes envergonhado com a confusão das torpezas em que eles, sob a cor de virtude o tinham instituído, deu de mão a muitos vícios que tinha, de que o primeiro foi lançar de si um moço muito seu aceito, com quem tinha a nefanda conversação sensual,

E sendo também antes, por preceito que os diabólicos bonzos lhe impunham, avarentíssimo para os pobres, veio depois, movido pelo que este servo de Deus lhe pregava, a ser tão liberal para eles, que quase se lhe podia pôr nome de pródigo. E mandou também, sob gravíssimas penas, que dali por diante nenhuma mulher pudesse matar criança que parisse, o que dantes, na maior parte delas, pelo mesmo preceito e persuasão dos bonzos, era muito ordinário. E assim defendeu mais duas ou três coisas da mesma maneira destas, dizendo aos seus muitas vezes em público que no rosto do padre, como em um espelho claro, estava envergonhando e confundindo do que até então tinha seguido por conselho dos bonzos, pelo que nos pareceu sempre, segundo o muito disto que nele víamos, que haveria pouco que fazer em se ele converter à Fé, se este bem-aventurado o conversara mais tempo. Mas como a tenção de el-rei estava posta em fito muito diferente desta facilidade em que o nosso juízo muitas vezes se embaraça, não houve efeito este negócio de sua conversão, até ao dia de hoje, mas o segredo disto só Deus o entende, que os homens nem suspeitá-lo podem.

Sendo entretanto chegado o tempo da nossa embarcação, e estando a nau já prestes para se partir, o capitão Duarte da Gama e os mais portugueses, em companhia do padre, nos fomos uma manhã despedir de el-rei, e dar-lhe as graças pelo bom tratamento que nos fizera em sua terra, o qual depois de nos receber a todos com semblante alegre e bem assombrado, nos disse:

— Confesso-vos que me fica mágoa no meu coração porque não posso ser cada um de vós outros, pela inveja que vos tenho da companhia que levais convosco, de que eu fico tão órfão quanto a minha alma me está cá chorando, porque temo muito que o não hei-de ver mais nesta terra.

A que o padre depois de lhe dar as graças pelo amor que lhe mostrava, respondeu que se Deus lhe desse vida, ele

tornaria muito cedo a ver sua alteza, o que el-rei lhe agradeceu muito.

No meio desta prática e doutras que o padre teve com ele, lhe tornou de novo a trazer à memória algumas coisas importantes à sua salvação, em que antes lhe tinha tocado, e lhe pediu muito que lhe lembrasse quão breves eram os dias do homem, e quanto em braços trazíamos sempre a morte connosco, e que lhe afirmava que sem falta nenhuma seria condenado para sempre todo o que não morresse cristão, e que com o ser verdadeiramente, e perseverar até ao fim em sua graça, seria acção justa do mesmo Jesus Cristo, o aceitar por filho seu, e o justificar com o preço infinito do seu precioso sangue, diante do Padre Eterno.

E a este modo lhe foi discorrendo por esta matéria, no que tocava à sua salvação, coisas tão espantosas de ouvir, que a el-rei se lhe arrasaram por duas vezes os olhos de água, o que a todos nos confundiu muito, e de que os seus que estavam com ele, fizeram grande caso.

Já a este tempo os bonzos, como ministros que eram do demónio, andavam urdindo o que aprenderam dele, vendo que nas práticas passadas que o padre tivera com eles, os confundira e envergonhara a todos, com razões a que não souberam dar resposta, pelo que o povo os começava a ter em menos conta que dantes, do que eles se davam por muito afrontados, e chamavam por muitas vezes a este servo de Deus, Inocosém, cão fedorento, e mais pobre que todos os pobres, piolhoso, e que comia percevejos e carne humana da gente morta que desenterrava de noite. E que aquelas palavras com que os embaraçava, eram mais por pura feitiçaria e arte do demónio, que por virtude ou saber que tivesse. E que el-rei, pelo favor que lhe dava, e pela sobeja honra que lhe fazia, havia de ser queimado pelo fogo, e perder o reino, porque assim o tinham já determinado todos os quatro Fatoquis (que quer dizer deuses de crença).

Xaca, Amida, Gizom e Canom. E a este modo diziam outras muitas pragas a el-rei e ao povo, por consentirem o padre na terra, que era medo ouvi-los, de que nós os portugueses todos andávamos assaz amedrontados; mas valeu-nos termos sempre el-rei de nossa parte, o qual, depois de Deus, foi causa de os bonzos não ousarem se determinar no que entre si traziam combinado, que era, segundo depois soubemos, ordenarem um ruído fictício em que matassem o padre e a nós todos com ele.

Quando viram que por esta via não podiam efectuar seu intento, parecendo-lhes que o podiam fazer por via de disputa, e de tal maneira que o padre ficasse de todo desacreditado, determinaram para isto, de se valerem de um grande bonzo que eles tinham, que era o cume de toda a sua ciência, o qual estava como maioral em um templo dali a doze léguas, de nome Miay gimá. E com esta determinação lhe foram pedir muito que quisesse acudir pela honra dos deuses.

Ele, parecendo-lhe que seria grande honra e crédito seu vencer aquele por quem tantos foram vencidos, acudiu logo com muita pressa, acompanhado de outros seis ou sete tais como ele, de que se quis ajudar, e chegou à cidade ao tempo em que o padre, como disse, estava em casa de el-rei com o nosso capitão e com os outros portugueses, despedindo-nos dele para no outro dia nos fazermos à vela.

Desejoso o bonzo de se lhe não ir das mãos a presa que tinha por muito certa, confiado no seu saber, porque tinha grau de tudo nos colégios de Fiancima, onde se dizia que ele estivera trinta anos como lente de primeira em uma faculdade que eles entre si têm por suprema, como entre nós a sagrada teologia, chegando ao paço a este tempo que digo, mandou dizer a el-rei, por um dos bonzos que vinham com ele, que estava ali o Fucarandono, porque assim se chamava ele, de que el-rei ficou carregado e com sem-

blante triste, por lhe parecer que pela sua muita ciência podia embaraçar o padre, com o que ficaria perdendo a honra que tinha ganho com os outros.

O padre, entendendo isto em el-rei, lhe pediu muito por mercê que o mandasse entrar, o que lhe el-rei enfim veio a conceder muito pesadamente.

Entrado o bonzo e feito seu devido acatamento, lhe perguntou el-rei o que queria, a que ele respondeu que vinha ver o padre do Chenchico, para se despedir dele antes que se fosse; e isto com uma presunção tão soberba e inchada, que logo nela parecia ser verdadeiro ministro de quem o mandava. E chegando-se para o padre que o agasalhou junto de si, depois de ter com ele algumas palavras de cumprimentos, de que ordinàriamente costumam ser muito liberais, perguntou ao padre se o conhecia, e ele lhe respondeu que não porque nunca o vira, de que o bonzo, a modo de escárnio fez muita festa, e disse para os seis de que vinha acompanhado:

—Bem pouco há que fazer neste, já que me não conhece, comprando e vendendo noventa ou cem vezes, pelo que parece que não responderá muito a propósito ao mais que se lhe perguntar.

E tornando a falar com o padre, lhe disse:

— Tens ainda daquela fazenda que me vendeste em Frenojama?

A que o padre tornou:

— Não respondo a coisa que não entendo, por isso aclara-te mais no que dizes, e então te responderei a propósito, porque se eu nunca fui mercador, nem sei onde é Frenojama, nem falei nunca contigo, como te havia de vender fazenda?

— Esquecer-te-á — lhe tornou o bonzo —, pelo que me parece que deves ter ruim memória.

A que o padre respondeu:

— Já que me a mim esquece, di-lo tu, pois és mais lembrado, e olha que estás diante de el-rei.

O bonzo então muito confiado, e com aspecto soberbo lhe disse:

— Agora faz mil e quinhentos anos que me vendeste cem picos de seda, em que ganhei bom dinheiro.

O padre com muita severidade e brandura pôs os olhos em el-rei e lhe pediu licença para responder, e el-rei lhe disse que folgaria muito com isso. Ele então, depois de lhe fazer a cortesia devida, se virou para o bonzo e lhe perguntou de quantos anos era, a que ele respondeu que de cinquenta e dois.

— Ora pois — lhe tornou o padre — se tu não és de mais que de cinquenta e dois anos, como é possível haver mil e quinhentos anos que foste mercador, e me compraste fazenda? E se também o Japão não há mais de seiscentos anos que é povoado, como pode ser haver mil e quinhentos anos que eras mercador em Frenojama, que naquele tempo, segundo parece, devia ser terra deserta?

— Dir-to-ei — disse o bonzo —, e verás quanto mais sabemos das coisas passadas que tu das presentes. Há-de saber, pois o não sabes, que o mundo nunca teve princípio, nem os homens que dele nasceram poderão ter fim, mais que sòmente acabarem estes corpos em que andamos, no derradeiro bocejo, para deles a natureza nos passar de novo a outros melhores, como se vê claro quando tornamos a nascer de nossas mães, ora em machos ora em fêmeas, segundo a conjunção da lua em que nos parem. E depois que

somos cá nascidos no mundo, fazemos por vários sucessos estas mudanças, a que a morte nos tem sujeitos por parte da natureza fraca de que somos compostos; e quem tem boa memória sempre lhe fica lembrando o que fez e passou nos outros espaços da vida primeira.

O padre, respondendo-lhe a este seu falso argumento, lho desfez por três vezes, com palavras e razões tão claras e evidentes, e por comparações tão próprias e naturais que o bonzo ficou confuso, as quais aqui não ponho para escusar prolixidade, mas principalmente porque não cabem no estreito vaso do meu engenho. Porém o bonzo, com todas elas se não desceu da sua falsa opinião, para não ficar tido em menos conta e reputação, da em que lhe parecia que todos o tinham. E correndo adiante com seus argumentos, para mostrar a el-rei e aos outros ouvintes, quão douto era nas coisas das suas leis, e sustentando por parte dos bonzos o que o padre lhe contradizia, lhe perguntou, fazendo disto grande caso, porque tolhia o uso nefando aos japões.

A esta segunda pergunta, lhe respondeu também o padre com razões tão claras e tão vivas (as quais também não cabem na minha alçada) que el-rei ficou muito satisfeito, e o bonzo confuso, mas tão contumaz e emperrado na sua brutalidade, que por nenhuma maneira quis condescender na razão que lhe dessem, por muito clara que fosse, até que os senhores todos que estavam presentes lhe disseram:

— Se tu vens para pelejar, vai-te ao reino de Omanguché, que está agora em guerra, e lá acharás com quem quebres a cabeça, porque nós, Deus seja louvado, estamos cá todos em paz; porém se vens para argumentar ou sustentar ou negar, seja por palavras mansas e quietas como vês que faz este bonzo estrangeiro, que te não responde a mais que àquilo para que tu lhe dás licença, e se assim o fizeres,

ouvir-te-á sua alteza, e se não, jantará, porque se vão já fazendo horas.

A isto, que disse um daqueles senhores que ali estavam, respondeu o bonzo com palavras tão mal concertadas que el-rei, de afrontado, o mandou levantar e lançar pela porta fora, jurando-lhe que se não fora bonzo, lhe houvera de mandar cortar a cabeça.

212

do que este bem-aventurado padre passou com os portugueses acerca da embarcação, e da segunda disputa que teve com o bonzo fucarandono

Esta aspereza com que el-rei tratou o Fucarandono, fez que todos os bonzos se amotinassem contra ele e contra todos os senhores do reino, por haverem que o fizera em desprezo das suas leis, e por isso fecharam os templos todos da cidade, sem quererem ministrar ao povo nenhum sacrifício, nem aceitar dele esmolas nenhumas, pelo que foi necessário a el-rei tratar isto com muita prudência, para aquietar a união e motim da gente baixa, que já começava a se desenfrear, sem respeito nem vergonha alguma.

Pelo que, receosos nós os portugueses que por isto nos pudesse acontecer o de que sempre nos tememos, nos embarcámos ao outro dia, um pouco mais depressa do que era

razão, e requeremos também ao padre que fizesse o mesmo, pois ali não havia já que fazer, de que ele por então se escusou.

E tratando entre si todos os que estavam na nau, sobre esta escusa do padre, se assentou que o próprio capitão Duarte da Gama o fosse em pessoa logo buscar a terra antes que acontecesse algum desastre, o que assim se fez. Ao que ele respondeu:

— Ó irmão meu, quem fora tão bem-aventurado que pudera merecer a Deus Nosso Senhor vir sobre ele esse desastre de que vos receais! Mas muito bem sei que não sou digno de tamanha mercê, e quanto a me embarcar tão depressa como esses senhores me pedem e vossa mercê também me aconselha, não me cumpre agora fazê-lo, porque será escândalo muito grande para estes novamente convertidos à Fé, e dar motivo e ocasião, por meu mau exemplo, de eles poderem lançar mão daquilo que o demónio por seus sequazes lhes procura. E já que vossa mercê entende de mim esta verdade, pode se ir muito embora com todos essoutros senhores, pois por seus fretes lhes está tão obrigado, porque também eu o estou muito mais e mais a um Deus tão misericordioso que para me salvar morreu pregado em uma Cruz.

Com este desengano se tornou o capitão para a nau, tão confuso da eficácia com que ouvira estas palavras a este bem-aventurado, acompanhadas de algumas lágrimas, que depois de contar aos portugueses o que se passava, lhes disse que quanto à obrigação que lhes tinha de lhes, por os seus fretes, os tornar ao porto de Cantão donde partira, que aí lhes entregava e largava a nau com toda a fazenda, para fazerem de tudo o que quisessem, porque ele protestava de se tornar a terra e não desamparar o padre por nenhum caso.

Este santo propósito do capitão pareceu muito bem a todos os mercadores, e lhe concederam todo o tempo que para isso lhe fosse necessário. E concertados todos neste santo propósito, se tornou a pôr a nau no pouso onde antes estivera, de que o padre ficou muito consolado e satisfeito, e os cristãos animados, e os bonzos confusos e magoados, por verem que a pobreza que o padre seguia e que eles caluniavam tanto, era mais por respeito do serviço de Deus, que por falta do necessário, como eles diziam.

E porque sabiam muito bem que já el-rei estava certificado desta verdade, e que o padre determinara esperar todos os contrastes e inconvenientes que lhe eles pusessem ao que ele dizia e pregava, tornaram a concluir todos entre si que todavia a disputa deste Fucarandono com ele fosse por diante.

E dando logo conta disto a el-rei, lho concedeu com certas condições bem contrárias às que eles punham, que a primeira foi que não haviam de bradar alto, nem falar descortesias; a segunda, que haviam de condescender com o que aos ouvintes parecesse razão; a terceira, que se haviam de acomodar ao que depois da disputa se determinasse por mais votos; a quarta, que não impediriam por si nem por outrem, os que se quisessem fazer cristãos; a quinta, que nas matérias de que se argumentasse, quando quisessem negar ou provar, haveria juízes que o determinariam; a sexta, que condescenderiam naquilo que por razões naturais se provasse, e a que o juízo dos homens se sujeitasse. O que todos eles contrariaram, dizendo que não era honra sua sujeitarem-se à determinação de juízes árbitros que não fossem bonzos como eles. El-rei, todavia, insistiu no que lhes tinha apontado, por lhe parecer razão, e eles lho concederam muito pesadamente, por mais não poderem.

Logo ao outro dia veio o Fucarandono tundo de Miaygimá, acompanhado de mais três mil bonzos que para esta disputa

se juntaram; porém el-rei não quis que deles todos entrassem mais que só quatro, dizendo que o fazia para evitar união, e também porque não era honra sua deles, virem três mil contra um só.

E mandando logo recado ao padre, a quem já de mais longe tinha avisado disto, o capitão e os portugueses todos o acompanharam com muito maior fausto que o do primeiro dia em que se viu com el-rei, e os mais honrados e ricos lhe serviram de criados com acatamento grandíssimo, pondo a tudo os joelhos em terra, e tendo sempre nas mãos as gorras, que eram guarnecidas de pérolas e de muitas cadeias de ouro; da qual vista com tanta riqueza, tanta honra, e tanto fausto, o Fucarandono e os outros bonzos se honra, e por muito afrontados, e se enxergou neles grandíssima dor, e grandíssimo espanto do que viam, porém el-rei e todos os senhores que estavam na casa mostraram ter muito gosto disso, e diziam uns para os outros, a modo de remoque contra os bonzos:

— Assim fossem meus filhos pobres como este o é, e dissessem deles quanto quisessem, porque a verdade todos a temos diante dos olhos, e a mentira dos que o contrário disseram, é boa testemunha de suas invejas.

El-rei, lançando as orelhas ao que os senhores diziam, sorrindo-se lhes disse, em nosso favor:

— A mim me certificaram os bonzos, com juramento, que em vendo eu este padre, vomitaria de nojo, o que eu então cri, pela autoridade dos que mo disseram, mas daqui por diante haverei que suas verdades podem ser tais como esta das quais palavras e passatempos que el-rei teve alto, e perante todos, com estes senhores, as quais pareciam ditas a modo de escárnio e zombaria, ficou o Fucarandono tão corrido, e os outros bonzos que estavam com ele, que não ousavam levantar os olhos, e tamanha foi a inveja disto em

todos eles, que virando-se o Fucarandono para um dos quatro que estava mais perto dele, lhe disse manso:

— Pelo que meus olhos agora têm visto, e minhas orelhas ouvido, a mim me parece que nos iremos daqui hoje com a honra dessoutro dia, e quiçá que mais afrontados um bom pedaço.

Quando o padre entrou da maneira que disse, na casa onde el-rei estava, acompanhado de muitos senhores e gente nobre, ele o agasalhou junto de si com honras avantajadas a todos os outros, e quase iguais às que fazia a seu irmão, e depois de ter com ele alguma prática, e fazer aquietar a casa, disse ao Fucarandono que dissesse por parte dos bonzos que razão tinham para se não receber no Japão aquela nova lei que aquele padre estrangeiro vinha pregar aos moradores daquela cidade.

O bonzo, algum tanto já mais brando e mais refreado na sua soberba, ou contrafazendo a sua vil progénie e o baixo sangue donde diziam que descendia, lhe respondeu que porque era lei inimicíssima e contrária a todas as suas, e desonra pública dos servos de Deus que lhe tinham feito voto de religião e nela o tinham servido com limpeza de vida, vedando com novos preceitos aquilo que os cubucamás passados lhes tinham concedido, e afirmando pùblicamente em todos os ajuntamentos onde se achava, que só naquilo que ele lhes pregava e dizia, estava a salvação dos homens, e não em outra coisa nenhuma, e que os santos Fatoquins, Xaca, Amida, Gizom e Canom estavam em pena perpétua na côncava funda da casa do fumo, entregues por direito juízo da divina justiça à serpe tragadora da morada da noite, pelo que lhe parecia que por razão de zelo santo, eram todos obrigados a evitar este mal de que tantos procediam.

El-rei disse então ao padre que respondesse a esta queixa que era geral, tanto deste como dos outros. A que o padre,

pondo os olhos no céu, com as mãos levantadas, disse que mandasse sua alteza ao tundo Fucarandono, que apontasse particularmente as razões que tinham, ele e os outros bonzos, para se queixarem do que ele dizia, e então lhes responderia a cada uma delas por si, e que o que sua alteza nisso julgasse, com todos os mais que ali estavam presentes, isso ficasse determinado, sem o bonzo nem ele contradizerem mais o que eles determinassem. O que a el-rei pareceu bem, e assim mandou que se fizesse. E tornando de novo a pôr silêncio nos ouvintes, o bonzo lhe disse qual era a causa por que dizia mal dos seus deuses. A que o padre respondeu que por serem indignos daquele venerável nome que os ignorantes lhes punham, o qual não competia por lei de razão e de verdade senão sòmente ao altíssimo Senhor que formara os céus e a terra, cuja omnipotência e incompreensíveis maravilhas o nosso entendimento não era capaz de adivinhar, quanto mais entender, e que por este pouco que os nossos olhos nos mostravam dele, se julgaria ser ele o verdadeiro Deus, e não Xaca, nem Amida, nem Gizom, nem Canom, que não foram mais que homens muito ricos, como as suas escrituras contavam deles.

A esta resposta, disseram todos:

—Parece que tem razão no que diz.

E querendo o bonzo tornar a replicar no que tinha arguido, lhe disse el-rei que tratasse doutra coisa, porque aquela já estava concluída na opinião dos ouvintes, de que ele não ficou nada contente. E prosseguindo por seu intento adiante, perguntou ao padre porque vedava passarem os bonzos letras de câmbio para o céu, pois por elas as almas lá eram ricas, e sem isso eram pobres, sem nenhum remédio para poderem buscar sua vida; a que o padre respondeu que a riqueza dos que iam ao céu, não consistia nos cochumiacós que por modo de tirania os bonzos cá lhes davam, senão nas obras que com fé nesta vida faziam, e que esta

fé, pela qual juntamente com a caridade, se merecia irem ao céu, era aquela que lhes ele pregava, que se chamava lei cristã, e que o dador desta fé santa e desta lei cristã, fora Jesus Cristo, Filho de Deus, que neste mundo se fizera homem e padecera morte de Cruz, para remir todos os pecadores que baptizados guardassem seus mandamentos e perseverassem na sua santa fé até ao fim de suas vidas; a qual fé limpa, santa, e perfeita, não era tão avarenta que fizesse excepção de pessoas, como eles diziam, porque não impossibilitava às mulheres terem salvação, por ser género mais fraco por natureza, nem punha o remédio que elas nisto podiam ter, no muito que lhes a eles dessem por isso, como lhes eles davam a entender, por onde estava claro que as suas leis eram fundadas mais no interesse dos que a pregavam, que na verdade do Deus que criara os céus e a terra, e obrara por si, para a salvação tanto das mulheres como dos homens, o que eles algumas vezes lhe tinham ouvido.

A isto respondeu el-rei:

—Tem muita razão no que diz.

E todos os mais que estavam com ele disseram o mesmo, de que o bonzo Fucarandono e os outros quatro ficaram assaz confusos e envergonhados, mas ainda tão contumazes como dantes, nos seus erros. E ainda que me tenham ouvido dizer algumas vezes que esta nação japoa é a mais sujeita à razão que todos os outros gentios daquelas partes, todavia os seus bonzos, por uma natural ufania e presunção que têm de saberem mais que os outros, tomam muito em caso de honra desdizerem-se do que uma vez disseram, ou condescenderem em argumentos que toquem em seu crédito, ainda que por isso aventurem mil vezes a vida.

213

de tudo o mais que o padre passou com estes bonzos, até se embarcar para a china

Não se acabaram por aqui as disputas do nosso santo padre com o bonzo Fucarandono, porque juntando ele a si outros seis em que tinha confiança, o vieram buscar muitas vezes, e lhe propunham muitas questões, nas quais arguiam sempre muitas coisas de novo contra a verdade que o padre lhes pregava, e duraram elas por espaço de mais cinco dias, nos quais el-rei sempre assistiu em pessoa, tanto por folgar de os ouvir por via de curiosidade, como pelo seguro que de sua palavra tinha dado ao padre, a primeira vez que se viu com ele nesta cidade Fuchéu, como atrás fica dito.

E neste tempo os bonzos todos, a fim de o embaraçarem, ou de o desacreditarem lhe perguntaram por coisas que o entendimento humano nunca imaginou, e ao lado destas, por outras tão semples e tão fáceis que qualquer pessoa lhes poderia responder com pouco trabalho. E algumas vezes tratavam também de matérias altas e de muito peso, em que houve muitas altercações de ambas as partes, das quais assim como me ajudar e minha rudeza, direi sòmente três ou quatro que me pareceram de mais substância, porque as outras tenho por escusado tratar delas. E para isto nos pedia muitas vezes o nosso santo padre que o ajudássemos com nossas orações, porque nos certificava que tinha muita necessidade delas, tanto pela fraqueza do seu engenho, como porque entendia que falava o demónio naqueles seus ministros, perturbadores da lei do Senhor.

Depois que os bonzos lhe propuseram alguns argumentos, lhe quiseram provar por diabólica filosofia, que Deus era inimicíssimo de todos os pobres, dizendo que pois lhes negava os bens que dava aos ricos, sinal era que os não amava. Esta falsa proposição lhes contrariou o padre, com razões tão claras, tão aparentes e tão verdadeiras, que os bonzos, ainda que lhe replicassem duas vezes, todavia como a verdade não tem resposta que tenha eficácia, lhes foi forçoso, apesar da sua natural ufania e presunção, condescenderem com o que lhes disse o padre.

Derrubado este, se pôs logo outro em campo, e chegando-se ao padre lhe disse que não tinha necessidade de vir do cabo do mundo, a meter em cabeça à gente que na lei que pregava, nem em nenhuma outra se podia homem humano salvar, porque como aí havia dois paraísos, o da terra e o do céu, dos quais um só necessàriamente se havia de gozar, por preceito de Deus, um para o trabalho e outro para descanso, estava claro que o paraíso do homem era o da terra, pois todos os nascidos, cada um por sua via, se gloriavam no descanso dela: os reis, por potência e mando em toda a monarquia; os grandes, que vêm logo após ele, como são os príncipes, capitães, poderosos e ricos, na sem justiça que usavam com os mais pequenos; e a gente baixa, nas deleitações e regalos da vida. De maneira que todos e cada um por si eram juízes desta sentença que contra eles se havia de dar, e que as bestas e os bois, porque nesta vida passaram seus dias em aflições e trabalhos, lhes ficava direito para possuírem o céu que o homem por inclinação e efeito de pecado quis enjeitar. E assim a este modo propôs outras muitas razões tão bestiais e tão desatinadas como estas, que também o padre lhe contrariou muito fàcilmente.

Disseram mais que não negavam que Deus como poderoso criara todas as coisas quantas havia no mundo para serviço do homem, mas que as que destas depois procederam, ficaram, pela sujeição que têm ao pecado, tão imperfeitas

em sua natureza, que de serem amargosas, duras e bravas, não tinham em si substância nenhuma, pelo que foi necessário, para se elas reduzirem à perfeição do seu primeiro ser, nascer Amida de todas elas, a qual diziam que nascera oitocentas vezes, para dar ser perfeito a oitocentas espécies de coisas que havia no mundo. Porque se assim não fosse, como na verdade fora, segundo por suas escrituras estava certificado, já não haveria gente, nem mundo, nem coisa alguma de quantas nasceram nele; por onde parecia razão que os homens dessem tantos louvores a Amida por esta conservação, como a Deus pelo benefício da criação.

Este argumento e falsa filosofia lhes desfez o padre com poucas palavras, por ser a matéria em si clara e de muito pouca substância; porém as razões que o padre lhes deu foram tais que el-rei e todos os mais ouvintes ficaram muito satisfeitos com elas. E como esta parceria de todos estes sete bonzos era negociada pelo infernal inimigo, pai de toda a discórdia, neste mesmo tempo vieram eles a se desconcertar entre si de tal maneira, e a terem uns com os outros tamanhas diferenças, que por três ou quatro vezes houveram de vir às bofetadas perante el-rei, com o que ele se agastou muito, e lhes disse que as coisas de Deus não se haviam de disputar com punhadas, senão com favor e zelo fundado em mansidão, porque no espírito manso se agasalhava Deus para dormir seu sono quieto.

E levantando-se com isto, se foi com alguns daqueles senhores de que estava acompanhado, a ver uns jogos à casa da rainha, e os bonzos se foram cada um para sua parte, e o padre com o capitão e os mais portugueses se foram para a casa dos cristãos, onde dormiram naquela noite.

Ao outro dia à tarde, el-rei em pessoa, fingindo que passava por acaso pela rua, mandou dizer ao padre se queria ir ver o seu jardim, onde tinha por nova que estava a caça já

esperando por ele, e que se armasse bem, porque quiçá ainda hoje derrubaria um par de minhotos daqueles sete que ontem lhe tinham querido arrancar os olhos. O padre, entendendo a metáfora, saiu logo à rua onde el-rei o estava esperando de pé, com só três ou quatro privados seus consigo, e tomando-o pela mão, e os portugueses um pouco atrás afastados, o levou com muita honra por todas as ruas até sua casa, onde os bonzos já estavam com muita soma de gente nobre, e depois que se sentou e fez aquietar a casa, os bonzos tornaram de novo a mover outras questões sobre a matéria do dia antes, e mostraram um grande papel cheio de respostas, o qual el-rei não quis ver, dizendo:

— O que já se julgou uma vez, não se pode julgar duas, como vós quereis. Por isso falai em outra coisa, porque este padre está já embarcado para se partir, e o capitão não vos deve tanto, por parentesco ou por amizade, que por vosso respeito queira perder sua viagem, e por isso lograi-vos dele estes dois dias que aqui cá há-de estar, se vos aprouver, ou vos tornai para Miaygimá, donde viestes.

A que eles responderam que assim o fariam como sua alteza lhes mandava; porém já que se ali se achavam, lhes desse licença para praticarem um pouco com o padre em coisas boas que desejavam saber dele, em que não havia de haver porfia nenhuma, porque já todos vinham apostados a isso. El-rei lhes outorgou licença de boa vontade, e lhes rogou muito que assim o fizessem. Eles então chegando-se para o padre, lhe pediram perdão do passado e lhe perguntaram muitas coisas curiosas e boas, que el-rei folgou muito de ouvir, entre as quais uma foi que se a Deus, por seu saber infinito, tudo é presente, tanto o passado como o futuro, como não viu na criação dos anjos o desmancho que Lúcifer, por si e com os outros havia de fazer em ofensa sua, por onde fosse necessário, por razão da sua divina justiça, serem condenados a pena perpétua? E se o viu (como era de crer que houvesse visto), como se não moveu sua infinita

misericórdia a atalhar a um mal de que depois tantos sucederam em ofensa sua? E se também o não viu para ficar desculpado, era logo falso o que desta matéria anunciava dele à gente.

O padre, depois de estar um pouco a modo de pensativo com esta pergunta dos bonzos, lhes declarou largamente a verdade disto, o que eles por vezes contrariaram com umas razões tão agudas, que o padre virando-se para Duarte da Gama, que estava um pouco detrás dele, lhe disse:

— Note vossa mercê bem o que ouve, e verá que isto que estes falam, não vem deles, senão do mesmo demónio que os ensina, mas confio em Deus Nosso Senhor que ele responderá por mim.

E depois que sobre esta matéria houve algumas altercações em que se fez alguma detença, porque os bonzos não queriam condescender nas razões que lhes davam, el-rei se quis fazer nisso terceiro, e lhes disse:

— Eu, segundo o que tenho alcançado do que até agora se praticou nesta matéria, entendo que o padre tem razão no que diz, mas que a vós outros vos falta fé para reconhecerdes esta verdade, porque se a tivésseis, não o contradiríeis, e já que vos ela falta para isto, ajudai-vos da razão como homens, e não ladreis como cães todo o dia, com uma pertinácia tão obstinada e cheia de cólera que a baba vos corre dos beiços como gosos danados que mordem a gente.

A que os senhores todos que ali estavam, aprovando o que el-rei dizia, deram uma grande risada, de que os sete bonzos se queixaram muito e disseram para el-rei como consentia sua alteza quererem ser todos reis em sua presença?

A isto acudiu o padre, e se meteu no meio, e com sua intercessão tornou a coisa a ficar quieta como dantes, e os bonzos

foram com suas perguntas por diante, por espaço de mais de quatro horas, em matérias altas, como homens a que todavia se não pode negar que têm por natureza melhor entendimento que os outros gentios daquelas partes, por onde parece que será nestes de mais fruto, e por isso mais bem empregada, a diligência que se puser para os converter à fé, que nos chingalás de Comorim e de Ceilão, mas nem por isso digo que nestoutros é mal empregada, senão muito bem.

Desejoso ainda o Fucarandono, como mais douto que os outros, levar a sua avante com perguntas que embaraçassem o padre, lhe veio arguindo de novo por que razão punha nomes torpes ao Criador de todas as coisas, e aos santos que no céu assistiam em louvor seu, infamando-o de mentiroso, pois ele, como todos criam, era Deus de toda a verdade?

E para que entenda donde nasceu a este, dizer isto, se há-de saber que na língua do Japão se chama à mentira, diusa; e porque o padre, quando pregava, dizia que aquela lei que ele vinha anunciar, era a verdadeira lei de Deus, o qual nome, eles, pela grosseria da sua língua, não podiam pronunciar tão claro como nós, e para dizerem Deus, diziam dius, daqui veio que estes servos do diabo tomaram motivo de dizerem aos seus que o padre era demónio em carne, que vinha infamar a Deus pondo-lhe nome de mentiroso. Mas com a resposta que o padre lhes deu a este argumento, ficaram os ouvintes muito satisfeitos, e disseram todos a uma voz: «Sitá, sitá», que quer dizer: «Já, já», como que dizendo: «Já caímos no que dizes.»

E para que também se saiba a razão por que lhe este bonzo disse que punha nomes torpes aos santos, foi porque tinha o padre por costume, quando acabava de dizer Missa, rezar com todos uma ladainha para rogar a Nosso Senhor pela aumentação da fé católica, e nesta ladainha dizia sempre,

como nele se costuma: *Sancte Petre ora pro nobis, Sancte Paule ora pro nobis*, e assim dos mais santos. E porque também este vocábulo santi na língua japoa é torpe e infame, daqui veio arguir este ao padre que punha maus nomes aos santos. Mas logo lhe declarou a verdade do que naquilo se passava, que el-rei gostou muito de entender, e dali por diante mandou o padre que se não dissesse mais *sancte*, mas sim *beate Petre, beate Paule*, e assim aos outros santos, porque já dantes tinham os bonzos todos perante el-rei feito peçonha disto.

E prosseguindo ainda adiante com seus argumentos, não com zelo de se converterem, nem de perguntarem para saberem, mas sòmente a fim de caluniarem a lei de Deus, e perturbarem este seu servo, lhes disseram que se Deus, que é sabedoria infinita, via que aquela obra que fazia em criar o homem, havia de ser ocasião grande de ofensa sua, por que razão não levantou a mão, dela, como parecia claro que seria melhor, para escusar o que depois sucedeu; a que também o padre satisfez com razões tão claras e tão suficientes quanto bastaram para os confundir nisto, como tinha feito em todas as outras coisas.

E das respostas que se lhes deram, tanto a isto como a tudo o mais de que tenho tratado, não digo aqui nada, pela fraqueza do meu engenho que já muitas vezes tenho confessado, e também porque vejo que não é da minha faculdade meter a mão nas matérias desta qualidade; basta que foram as respostas sempre tais que todos os circunstantes ficaram muito satisfeitos com elas. Contudo os bonzos não deixaram de gastar duas e três horas nas réplicas que lhe traziam, mas enfim condescendendo nesta derradeira, muito contra sua vontade, tornaram ainda a dizer que já que Deus, depois que Adão fora derrubado pela serpente, determina mandar seu filho ao mundo para remir os descendentes do mesmo Adão, por que causa se não dera tanta pressa quanta pedia a necessidade? Que se ele porventura dizia que a razão disto

fora para mostrar aos homens a gravidade do pecado, não era razão bastante para ele ficar sem culpa pelo descuido de tamanha tardança.

A isto lhes respondeu o padre da maneira que costumava, porém nesta questão arguiram coisas muito diferentes, e estiveram tão duros em condescender nas razões que lhes davam, que el-rei, de enfadado da pertinácia com que negavam tudo o que o padre lhes dizia, se ergueu de pé, dizendo:

— Os que hão-de argumentar sobre lei tão fundada em toda a razão, como esta é, não hão-de estar tão fora dela como vós outros vindes.

E tomando o padre pela mão, acompanhado de todos os grandes que estavam com ele, o levou até à casa dos cristãos, onde pousava, de que todos os bonzos receberam grandíssimo desgosto, e ficaram muito envergonhados, e diziam pùblicamente e em altas vozes que fogo do céu viesse sobre el-rei, pois se enganava tão fàcilmente com um feiticeiro, vadio, sem nome.

214

da grande tormenta que passámos, indo do japão para a china, e como fomos livres dela por orações deste servo de deus

Ao outro dia pela manhã, depois que o nosso santo padre com todos os portugueses se despediu de el-rei, o qual nesta despedida lhe fez as honras e o gasalhado que sempre costumara, nos fomos a embarcar e nos partimos desta cidade Fuchéu, velejámos por nossa rota à vista de terra até uma ilha de el-rei de Minacó, chamada Meleitor, e atravessando daqui com ventos de monção tendente, continuámos nosso caminho por espaço de sete dias, no fim dos quais o tempo, com a conjunção da lua nova, nos saltou ao sul, e ameaçando-nos com chuveiros e mostras de inverno, veio em tamanho crescimento que nos foi forçoso arribar enfim de roda com a proa ao rumo de nor-nordeste por mar incógnito e nunca navegado por nação nenhuma, sem sabermos por onde íamos, entregues de todo ao arbítrio da fortuna e do tempo, com uma tão brava e tão excessiva tormenta, qual os homens nunca imaginaram, que nos durou cinco dias. E como em todos eles nunca vimos o sol, para o piloto saber por que altura caminhava, só pela sua fraca estimativa, sem conta de graus nem de minutos, pouco mais ou menos foi demandar a paragem das ilhas dos papuas, celebes e mindanaus, que distavam dali seiscentas léguas.

No segundo dia desta tormenta, já sobre a tarde, foi crescendo o mar de escarcéu com vagas tão altas que o ímpeto da nau as não podia romper, pelo que se assentou, por parecer dos oficiais, que as obras do chapitéu e dos castelos de avante se àrrasassem até ao andar do convés, para que assim pudesse a nau ficar mais afrontada, e obedecer aos lanços do leme.

Feito isto com toda a presteza possível, porque todos, sem ficar nenhum, se ocuparam neste trabalho, se entendeu logo em se segurar o batel, o qual com assaz de trabalho foi atracado a bordo, e lhe guarneceram logo um cabo de duas amarras de cairo novo. E porque já quando esta obra se acabou, a cerração da noite era muito grande, não foi possível recolher-se à nau a gente que estava nele, pelo que foi forçoso ficarem aquela noite lá todos, que foram quinze, de que cinco eram portugueses, e os outros escravos e marinheiros.

Em todos estes trabalhos e infortúnios nos acompanhou sempre este bem-aventurado padre, tanto de noite como de dia, por uma parte trabalhando por sua pessoa como cada um dos outros, e por outra animando e consolando a todos, de maneira que depois de Deus, ele só era o capitão que nos esforçava e nos dava alento para de todo nos não rendermos ao trabalho e nos entregarmos de todo à ventura, como alguns quiseram fazer algumas vezes, se ele não fosse.

Sendo já quase meia-noite, os quinze que iam no batel deram uma grande grita de «Senhor Deus misericórdia», e acudindo toda a gente na nau a saber o que aquilo era, viram ao horizonte do mar o batel ir atravessado, porque se lhe quebraram os bragueiros ambos com que estava amarrado. O capitão, com a dor daquele desastre, sem consideração alguma nem atentar no que fazia, mandou arribar a nau pela esteira do batel, parecendo-lhe que o poderia salvar, mas como ela era má de governo, e acudia devagar ao leme por causa da pouca vela de que era ajudada, ficou atravessada entre duas vagas, onde a encapelou uma grande

serra por cima da popa, e lhe lançou no convés tamanho peso de água, que de todo a teve soçobrada, a que a gente com uma grande grita que rompia o ar, chamou com muita instância por Nossa Senhora que lhe valesse.

A isto acudiu o padre muito depressa, que neste tempo estava posto de joelhos debruçado sobre uma caixa na câmara do capitão, e vendo a nau da maneira que estava, e nós pelas amuradas uns sobre os outros, escalavrados os mais deles, das capoeiras do convés, levantando as mãos ao céu, disse alto:

— Ó Jesus Cristo, amores de mi anima, vale-nos, Senhor, pelas cinco chagas que por nós padeceste na árvore da vera Cruz!

E logo naquele breve instante milagrosamente a nau tornou a surdir sobre a vaga do mar, e acudindo logo com muita pressa a marear a moneta que ia guarnecida por papa-figo ao pé do traquete, prouve a Nosso Senhor que ficou direita, e logo mareada em popa, e o batel desapareceu de todo pela esteira da nau, de que todos ficaram chorando e rezando pelas almas dos que iam nele.

Desta maneira corremos tudo o que restava da noite, com assaz de trabalho, e quando foi manhã clara, em todo o mar quanto alcançava a vista da gávea, não aparecia coisa nenhuma mais que sòmente o escarcéu da tormenta que rebentava em flor. E sendo passado pouco mais de meia hora de dia, o padre que então estava recolhido na câmara do capitão, veio ao chapitéu onde estavam o mestre e o piloto com mais seis ou sete portugueses, e depois de dar a todos os bons-dias com semblante alegre e quieto, perguntou se aparecia o batel, e lhe foi respondido que não; e rogando ao mestre que quisesse mandar um marinheiro à gávea para que visse se aparecia lá de cima, um dos que ali estavam

lhe disse que apareceria quando se perdesse outro, a que o padre, pesando-lhe o que ouvira, respondeu:

— Ó irmão Pêro Velho (que assim se chamava ele), muito pequena fé é essa que tendes! E como? Haveis vós porventura que pode ser alguma coisa impossível a Deus Nosso Senhor? Pois eu confio nele e na sacratíssima Virgem Maria sua Mãe, a quem por ele tenho prometido três Missas na sua bendita casa do Outeiro, em Malaca, que há-de permitir que aquelas almas que vão nele se não percam — de que o Pêro Velho ficou corrido e não falou mais palavra nenhuma.

O mestre então para satisfazer melhor ao rogo do padre, ele em pessoa com outro marinheiro se foram à gávea, e vigiando de lá de cima por espaço de quase meia hora, disseram que em todo o mar quanto lhes alcançava a vista, não aparecia coisa nenhuma, e o padre lhes respondeu:

— Ora descei-vos, que não há já que fazer.

E chamando-me então para o chapitéu onde ele estava, e ao parecer de todos bem triste, me disse se lhe queria mandar aquentar uma pouca de água para beber, porque trazia o estômago muito desconsolado, a que eu por meus pecados não satisfiz, por não haver fogão na nau, porque se tinha lançado ao mar no dia antes, quando se alijou o convés no princípio da tormenta. E queixando-se-me ele então que andava muito esvaído da cabeça, e com vágados que lhe acudiam de quando em quando, lhe respondi eu:

— Não é de mais andar vossa reverência dessa maneira, pois há três noites que não dorme, e quiçá que nem comeria bocado, porque assim me disse um moço de Duarte da Gama.

A que ele respondeu:

— Certifico-vos que hei dó dele, por quão desconsolado o

vejo, porque esta noite depois que se perdeu o batel, nunca deixou de chorar por seu sobrinho Afonso Calvo, que vai nele com os mais companheiros.

Eu então, porque vi o padre bocejar muitas vezes, lhe disse:

— Vá-se vossa reverência encostar um pouco ali naquele meu camarote, e quiçá que repousará — o que ele aceitou, dizendo que fosse pelo amor de Deus, e que me pedia muito que mandasse ao meu china que lhe fechasse a porta, e se não fosse dali, para que quando o chamasse lha abrisse. E isto podia ser das seis até às sete horas da manhã, pouco mais ou menos, e recolhido no camarote esteve nele todo o dia até quase sol-posto. E acertando eu neste comenos de chamar o china que estava à porta, da banda de fora, para que me desse um púcaro de água, lhe perguntei se dormia ainda o padre, e ele me respondeu:

— Nunca dormiu, mas está de joelhos chorando de bruços sobre o catre.

E eu lhe disse então que se tornasse a sentar à porta, e que acudisse quando chamasse.

Desta maneira esteve o padre recolhido na sua oração até quase sol-posto, e então se saiu do camarote e se foi acima ao chapitéu onde os portugueses todos estavam sentados no chão por causa dos grandes pendores e balanços que dava a nau; e depois de os saudar a todos, perguntou ao piloto se aparecia o batel, e ele lhe respondeu que por razão natural era impossível deixar de estar perdido, com mares tão grossos como aqueles, e que pressuposto que Deus milagrosamente o quisesse salvar, nos ficava já a mais de cinquenta léguas. A que o padre lhe tornou:

— Assim parece naturalmente, mas folgaria eu, piloto, já que se nisso não perde nada, que por amor de Deus quisésseis ir à gávea, ou mandar lá algum marinheiro que de lá de cima vigie todo o mar, para que ao menos nos não fique isto por fazer.

peregrinação peregrinação peregrinação

E o piloto lhe disse que ele iria lá de boa vontade. E subindo acima, e o mestre com ele, mais para satisfazerem o desejo que viam no padre, que por lhes parecer que podiam ver alguma coisa, como parecia que estava em razão, se detiveram lá um grande espaço, e enfim afirmaram que em todo o mar não viam coisa nenhuma, de que o padre, ao parecer de todos, ficou assaz triste. E encostando a cabeça no prepau do chapitéu, esteve assim com aquela tristeza um pouco impando como que a querer chorar, e já por derradeiro, abrindo a boca e tomando fôlego, como quem desabafava daquela tristeza que tinha, e levantando as mãos ao céu, disse com lágrimas:

— Jesus Cristo, meu verdadeiro Deus e Senhor, peço-te pelas dores da tua sacratíssima morte e paixão, que hajas misericórdia de nós, e nos salves as almas dos fiéis que vão naquele batel.

E tornando com isto a reclinar a cabeça sobre o prepau a que estava encostado, se deixou assim estar como que a dormir, cerca de dois a três credos, quando um menino que estava sentado na enxárcia, começou a gritar dizendo: «Milagre, milagre, que eis aqui o nosso batel.»

A esta voz arremeteu toda a gente assim como estava, à parte de bombordo onde o menino gritava, e viu vir o batel afastado da nau cerca de um tiro de espingarda pouco mais ou menos, e espantados todos de tão novo e desacostumado caso, choravam uns com os outros como crianças, de maneira que não havia quem se pudesse ouvir em toda a nau, com os urros da gente.

Todos arremeteram então ao padre para se lhe lançarem aos pés, porém ele o não consentiu, e se recolheu para a

câmara do capitão e se fechou por dentro para que ninguém lhe falasse.

Os companheiros que vinham no batel foram logo recolhidos dentro da nau, com aquele gosto e alvoroço que todos podem entender, e por isso então deixo agora de contar aqui as particularidades deste recebimento, porque são elas mais para se cuidarem que para se escreverem.

Passado assim aquele pequeno espaço em que a noite se cerrou de todo, que podia ser de pouco mais de meia hora, mandou o padre por um menino chamar o piloto e lhe disse que louvasse a Deus Nosso Senhor, de quem eram aquelas obras, e mandasse fazer logo a nau prestes porque aquele contraste não duraria muito. E satisfazendo-se com toda a presteza possível, e com muita devoção, ao que o padre mandara, prouve a Nosso Senhor que logo de improviso, antes que a verga grande estivesse em cima e as velas fossem mareadas, a tormenta acalmou de todo e nos assaltou o vento norte, com o qual por monção tendente seguimos nossa viagem com bem de alegria e contentamento de todos; e este milagre que contei, aconteceu a dezassete de Dezembro de 1551.

215

dos vários casos que aconteceram a este bem-aventurado padre até chegar à china, e da maneira da sua morte

Correndo nós daqui desta paragem onde Deus Nosso Senhor, por sua misericórdia e pelas orações deste bem-aventurado padre nos quis fazer esta tão milagrosa mercê, em treze dias de nossa viagem lhe aprouve que chegássemos ao reino da China, e surtos no porto de Sanchão onde naquele tempo se fazia o nosso trato, já quando aí chegámos, por causa de ser muito tarde, não achámos mais que só uma nau, de que era capitão Diogo Pereira, e esta já de verga de alto para se partir ao outro dia para Malaca, na qual o padre se embarcou, porque a de Duarte da Gama, em que viera do Japão, lhe era necessário ir invernar a Sião, por vir aberta pela roda de proa, do grande trabalho que passara na tormenta que atrás tenho contado, e lá se consertar e prover de muitas coisas de que tinha necessidade.

Nesta viagem que o padre fez da China para Malaca, em companhia de Diogo Pereira que era muito seu amigo, lhe deu conta dos termos em que ficavam as coisas da cristandade no Japão, e quão importante lhe era a ele trabalhar todo o possível para ver se podia ter entrada na China, tanto para lá divulgar e dar notícia àquela gentilidade, da lei de Cristo Nosso Senhor, como para acabar de tomar conclusão com os bonzos do reino de Omanguché, os quais vendo-se confundidos com as práticas e disputas que tivera com eles acerca da Fé, lhe responderam já por derradeiro

que como da China lhes vieram aquelas leis que eles pregavam, e que havia seiscentos anos que tinham aprovadas por boas, se não desdiziam por nenhum caso senão quando soubessem que ele convencera os chins com as próprias razões com que a eles fizera confessar ser esta lei boa e verdadeira, e ser para ouvir o que ele pregava.

E por esta razão, desejoso este servo de Deus, pelo grande zelo que tinha da sua honra e da sua fé, de lhe não ficar isto por fazer, tanto para acabar de tomar conclusão com uns, como para dar notícia desta verdade aos outros, se partiu para a Índia com o pensamento de dar conta de todas estas coisas ao vice-rei, e lhe pedir que o ajudasse com todos os meios possíveis para o efeito desta sua determinação.

Este negócio pôs o padre em prática perante os mais entendidos que iam na nau, e lhes pediu nele seus pareceres, por serem homens que desta monarquia da China tinham muito conhecimento e experiência, e eles lhe responderam que por nenhum caso era possível ter o padre entrada na China para aquele efeito, senão com o vice-rei da Índia mandar lá um embaixador em nome de el-rei nosso senhor, para mais autoridade, e com um grande presente, oferecendo-lhe sua amizade nova, com palavras formadas ao modo com que se lhe costuma falar.

E porque para tamanha coisa como esta, havia mister muita fábrica e um presente de peças muito ricas, se duvidou querer o vice-rei fazê-lo, de que o padre mostrou sentimento, por lhe parecer que era aquilo verdade, e porque também ponderava os inconvenientes que o tempo e os trabalhos do Estado da Índia para isso podiam trazer.

Sobre este negócio se praticou naquela viagem por muitas vezes, e o Diogo Pereira se ofereceu para tomar a cargo, por serviço de Deus e pela amizade que tinha com o padre,

metê-lo na China à custa de sua fazenda, e fazer toda a despesa que fosse necessária, tanto do presente como de tudo o mais, o que o padre aceitou dele e lhe prometeu por isso satisfação de el-rei nosso senhor.

Chegados com esta determinação a Malaca, o padre se embarcou logo dali para a Índia, e Diogo Pereira ficou com a nau em Malaca para ir à Sunda carregar de pimenta, e mandou em companhia do padre um tal Francisco de Caminha, seu feitor, com trinta mil cruzados em almíscar e seda para comprar deles todo o necessário. Chegado o padre a Goa, deu conta desta sua determinação ao Vice-Rei D. Afonso de Noronha, o qual lhe louvou muito este seu bom e santo propósito, e se lhe ofereceu para o ajudar nele com tudo o que fosse possível. Ele contente assaz com esta boa resposta do vice-rei, se aviou o mais depressa que pôde, de tudo o que lhe era necessário; e dando-lhe o vice-rei provisões para Diogo Pereira ir nesta santa jornada como embaixador a el-rei da China, cometidas a D. Álvaro de Ataíde que então estava por capitão da fortaleza, se tornou a Malaca. Porém o capitão lhe não quis guardar as provisões, porque ao tempo que o padre chegou, estava muito de quebra com Diogo Pereira, por lhe não emprestar dez mil cruzados que lhe pedira. E trabalhando o padre todo o possível para soldar com sua virtude esta quebra e esta discórdia, nunca jamais pôde, porque como ela estava fundada em ódio e cobiça, e o demónio era o que atiçava este fogo, em vinte e seis dias em que sobre isso se fizeram algumas diligências, nunca o capitão quis condescender no que o padre pedia, nem dar licença para que Diogo Pereira o levasse à China, como da Índia vinha ordenado, com um grandíssimo gasto já feito, dando em tudo novos entendimentos às provisões do vice-rei, e dizendo a modo de escárnio, que aquele Diogo Pereira que sua senhoria dizia, era um fidalgo que ficava em Portugal e não aquele que o padre apresentava, que fora ontem criado de D. Gonçalo Coutinho e não tinha partes para ir como embaixador

a um tamanho monarca como era o rei da China. Pelo que alguns homens honrados, movidos do zelo da honra de Deus, vendo que este negócio caminhava sempre para pior, sem o capitão querer fazer nenhuma razão de si, nem ter respeito ao que se lhe punha diante, se juntaram todos uma manhã e lhe foram pedir que não quisesse tomar sobre si uma coisa que tanto tocava em detrimento da honra de Deus, porque lhe seria tomada disso muito estreita conta na outra vida, e que olhasse também a união com que o povo todo clamava dele, por tolher, a um homem tão santo como aquele, ir pregar a lei de Cristo àquela gentilidade, por meio do qual parecia que queria Nosso Senhor abrir uma porta ao seu Evangelho, para salvação de tantas almas; ao que dizem que respondeu que já era velho para lhe darem conselhos, que se o padre queria tomar esse trabalho por Deus, que se fosse ao Brasil ou a Manamotapa, que eram terras onde também havia gentios como na China, porque tinha jurado que enquanto ele fosse capitão, não havia Diogo Pereira de ir à China, nem como mercador nem como embaixador, e que lhe tomasse Deus disso conta, porque ele lha daria quando lha pedisse, porque aquela ida que Diogo Pereira queria fazer à sombra do padre para trazer cem mil cruzados da China, era mais pròpriamente sua, pelos serviços do conde almirante seu pai, que de um criado de D. Gonçalo Coutinho, a quem o padre, sem ter razão, queria sustentar em coisa tão mal feita; e com isto os despediu.

O veador da fazenda, e o feitor, e os oficiais da alfândega, vendo quão fora de propósito ele respondera a estes homens, lhe foram todos uma manhã, por parte de el-rei fazer um requerimento, dizendo que naquela alfândega estava um regimento dos governadores passados, em que mandavam expressamente que por nenhum caso que fosse, se tolhesse a viagem a nenhuma nau que quisesse ir para fora, obrigando-se a tornar aí a pagar os direitos, e que Diogo Pereira lhes tinha feito um requerimento que ali traziam por escrito, em que se obrigava a dar a el-rei, só dos direitos da-

quela nau, trinta mil cruzados para as necessidades daquela fortaleza, dos quais logo dava metade, e para a outra metade fiadores depositários para quando tornasse, pelo que requeriam a sua mercê que lhe não tolhesse a viagem, porque tolhendo-a sem haver causa, como não havia, eles protestavam por parte de el-rei, de os haver sua alteza pela fazenda dele, capitão.

A que ele respondeu que se Diogo Pereira se obrigava a dar a el-rei pelos direitos da sua nau, trinta mil cruzados, como eles diziam, que também ele se obrigava por aquele requerimento que lhe faziam, a lhes dar a todos, trinta mil pancadas com o cabo daquela chuça. E arremetendo a um cabide para o fazer, eles se acolheram bem depressa. E desta maneira se passaram vinte e seis dias depois da nossa chegada, sem haver coisa que pudesse abrandar esta contumácia do capitão, antes usou com o padre de alguns termos mais ásperos do que era razão, e muito alheios do que se devia à sua autoridade e à sua virtude.

Vendo-se este servo de Deus tão vexado e afrontado com nomes infames, sofreu tudo isto com muita paciência, sem se lhe ouvir nunca outra palavra mais que sòmente pondo os olhos no céu, dizer — «Ó bendito Jesus Cristo!» — com tanta veemência como lhe saía da alma, e algumas vezes não sem muitas lágrimas. E assim se dizia pùblicamente em Malaca que se o padre desejava (como se presumia dele) padecer martírio por Deus, que bem mártir fora naquela perseguição. E em verdade afirmo que quando me ponho a cuidar no que vi por meus olhos, das grandes honras que el-rei do Bungo, sendo gentio, fez no Japão a este padre, só por lhe dizerem que dava notícia da lei de Deus, como atrás fica dito, e o que depois vi em Malaca, fico pasmado, e assim creio que o ficaria todo o homem cristão que visse um e outro.

E sem embargo de tudo isto, o padre se embarcou nesta

mesma nau para a China, mas bem diferente do que haveria de ir, se fosse com Diogo Pereira; mas ele ficou em Malaca, e a nau foi toda por conta do capitão e dos seus apaniguados, e com o capitão posto por sua mão, e o padre foi íngreme, sem autoridade nenhuma, às esmolas do contramestre, e sem levar outra coisa mais do que só uma loba que levava vestida. Mas como seu intento foi sempre padecer entre infiéis, pela confissão da verdade que lhes pregava, não punha de sua parte coisa que pudesse fazer a isso dúvida ou impedimento algum. E assim se quis embarcar à disposição do que o tempo lá desse de si.

Estando a nau já de todo prestes para pastir, o contramestre lhe mandou às duas horas depois da meia-noite, dizer por um moço seu sobrinho, a Nossa Senhora do Outeiro onde então estava, que sua reverência se embarcasse logo naquela manchua que ali lhe mandava, porque a nau se queria fazer à vela. O padre, em tendo este recado se saiu logo com este moço pela mão, e com mais outros dois seus devotos que o acompanharam até onde a nau estava, que era junto da fortaleza; e um destes dois, que era o vigário João Soares, que depois esteve neste reino na vila da Covilhã, vendo-o embarcar com assaz de tristeza e melancolia, despedindo-se dele lhe disse:

— Devia vossa reverência, já que se embarca para tão longe, falar a D. Álvaro, sequer para tapar as bocas aos seus apaniguados, que dizem que diz ele que sentiu vossa reverência isto como na carne.

A que ele, estando já quase com um pé na manchua, respondeu:

— Prouvera a Deus, padre meu, que fora eu tal que sentira isto por honra de Deus, como era razão, mas nenhuma imperfeição foi a causa disso. E quanto a falar a D. Álvaro, como me dizeis, já não pode ser, nem já nesta vida nos

veremos mais ele e eu. Porém ver-nos-emos no vale de Josafat, no dia da tremenda majestade, quando Jesus Cristo, Filho de Deus e Senhor nosso, vier julgar os vivos e os mortos, diante do qual estaremos ele e eu a juízo, e lhe será tomada conta da razão que teve para me tolher ir pregar a infiéis, Cristo, Filho de Deus posto na Cruz por pecadores. E assim vos afirmo que muito cedo, em começo de castigo deste pecado, terá alguns trabalhos na honra, na fazenda, e na vida; e quanto ao da sua alma, Jesus Cristo, Deus Nosso Senhor, haja misericórdia dela.

E pondo os olhos na porta principal da igreja que tinha defronte, se pôs em joelhos e levantando as mãos como que orando por ele, disse com um tamanho ímpeto de lágrimas que lhe impediam a fala:

— Ó Jesus Cristo, amores de mi anima, pelas dores da tua santíssima morte e paixão, te peço Deus meu, que ponhas os olhos no que por nós continuamente apresentas diante do Padre Eterno, quando lhe mostras as tuas preciosas chagas; e o que por elas para nós mereceste, isso concedas para salvação da alma de D. Álvaro, para que encaminhado pela via da tua misericórdia, seja perdoada diante de ti.

E debruçando-se com o rosto no chão, esteve assim um pouco sem se lhe ouvir mais outra coisa. Depois que se levantou, descalçou as botas e as bateu em cima de uma pedra, como que lhes sacudindo o pó. E embarcando-se na manchua, se despediu dos dois que o acompanharam, com tantas lágrimas que o padre vigário João Soares, também chorando lhe disse:

— Como? Esta apartação é para sempre, ou porque nos deixa vossa reverência tão desconsolados? Pois eu espero em Deus Nosso Senhor, que muito cedo o hei-de tornar a ver nesta terra com muito descanso.

E ele lhe respondeu:

— Assim prazerá à sua divina misericórdia.

E com isto se foi embarcar, e partindo a nau aquela madrugada do porto de Malaca, em vinte e três dias de viagem foi surgir no porto de Sanchão, que é uma ilha a vinte e seis léguas da cidade de Cantão, onde naquele tempo se fazia o trato com a gente da terra.

Passados alguns dias depois de a nau estar surta, e os mercadores entenderem em fazer as suas fazendas, e estar tudo pacífico, e a mercancia corrente, desejando este servo de Deus efectuar em parte o que não pudera no todo, tratou com um mercador chim dos honrados do porto, que se chamava Chepocheca, que quando se fosse, o quisesse levar à cidade, e ainda que nisso houvesse alguns inconvenientes de vários pareceres dos portugueses, por verem que ia assim tão desatado e sem coisa que pudesse dar autoridade ao que dissesse, todavia depois de bem praticada uma coisa e outra, se assentou com este mercador por esta maneira: que o padre lhe desse duzentos taéis, que são trezentos cruzados da nossa moeda, e que havia de ir dali da nau até à cidade sempre com os olhos tapados, para que se acaso acontecesse que por ele ser estrangeiro, a justiça entendesse nele, como estava certo que havia de ser, e pondo-o a tormento lhe dissessem que confessasse quem o ali trouxera, ele o não soubesse dizer, nem conhecesse quem o ali trouxera, porque se temia que, se fosse descoberto, lhe mandassem por isso cortar a cabeça, o que o padre aceitou com todos estes partidos, sem pôr diante receio de coissa alguma, nem o espantarem os medos que todos geralmente lhe punham, por estar entendido dele quão desejoso estava de receber martírio por Deus Nosso Senhor.

Porém, como o mesmo Deus, cujos segredos ninguém pode

adivinhar, não era servido que ele entrasse na China, e a razão porquê, ele só a sabe, o desviou por uns meios que naturalmente pareciam tão justos como o são todas as suas coisas, os quais foram confessar este gentio Chepocheca que ele estava muito satisfeito do interesse que lhe davam por esta ida, porém que o seu coração lhe dizia que tal não fizesse, porque lhe havia de custar a vida a ele e a todos os seus filhos. Com isto se deixou o padre ficar dentro da nau, sem dar efeito a esta santa obra que tanto desejava. E como ele já então andava mal disposto de febres e de câmaras de sangue, juntando-se a isto a melancolia e desgosto que tomara, veio a doença a se assenhorear tanto dele, que crescendo cada dia mais, veio a cair na cama com fastio muito grande, de que esteve muito mal tratado por espaço de catorze dias, no fim dos quais, conhecendo que a sua enfermidade era mortal, pediu que o levassem a terra onde logo o levaram, e o puseram em uma pobre cabana que ali se engenhou, coberta de ervas e de ramos, na qual esteve dezassete dias, e segundo me contaram três homens que se acharam com ele, bem falto do necessário, tanto por cuidarem alguns que agradavam a quem lhes parecia que lhes não havia de pesar com isso, como também, ao que eu cuido, porque quis Nosso Senhor mostrar neste desamparo que permitiu que este seu servo tivesse na terra nesta hora, quão conforme este seu trânsito era aos dos outros de quem temos por fé que agora reinam com ele no céu.

Passados estes dezassete dias que digo, e ao que parecia, com assaz pena e desconsolação sua exterior, conhecendo ele em espírito, e pela fraqueza da carne em que estava, que a sua se vinha já chegando, se despediu de todos com muitas lágrimas, certificando-lhes que estava já de caminho, pelo que lhes pedia que lhe rogassem todos a Deus pela alma, porque tinha disso muita necessidade. E mandando com isto a um moço que tinha cuidado dele, que lhe fechasse a porta porque o rumor da gente lhe fazia turvação.

esteve assim mais dois dias, sem já a este tempo poder levar coisa nenhuma, no fim dos quais, tomando um crucifixo nas mãos, pôs os olhos fitos nele, sem se lhe ouvir mais que só de quando em quando, a modo de suspiro, «Jesus da minha alma». No cabo de tudo isto, não podendo já pronunciar palavra nenhuma, lhe viram os que estavam com ele, segundo todos contaram, pùblicamente chorar algumas lágrimas com um ímpeto algum tanto mais esforçado, e sempre com os olhos no crucifixo, até que de todo deu a alma a Deus, que foi a um sábado, aos dois dias de Dezembro do ano de 1552, à meia-noite, cuja morte foi assaz sentida e chorada de todos quantos ali se acharam presentes.

216

da maneira que foi enterrado este defunto, e trazido a malaca, e daí à índia

Procurando-se logo o enterramento deste bem-aventurado corpo, se pôs em ordem todo o necessário, o melhor que então pôde ser, conforme à disposição da terra em que estavam, e ao domingo à tarde, duas horas depois da véspera, o levaram ao lugar onde a cova estava feita, que poderia ser a pouco mais de um tiro de pedra acima da praia, na qual foi enterrado com grande sentimento de todos, principalmente dos mais virtuosos e tementes a Deus; porém não faltaram alguns em quem este sentimento se não enxergou por fora, e se por dentro o tinham ou não, Deus o sabe, ele que os julgue, que sabe a verdade das coisas e as razões delas. Mas o que soube pùblicamente foi

que dali a quinze dias, escrevendo um homem que por sua honra não nomeio, uma carta a D. Álvaro, em um vancão que partiu da China para Malaca, num dos capítulos dela lhe disse assim secamente: «Cá morreu mestre Francisco, mas na sua morte não fez milagre, e cá jaz enterrado nesta praia de Sanchão, com os mais que na nau faleceram, e quando nos embora formos, o levaremos se estiver para isso, para que não digam os praguentos de Malaca que não somos cristãos como eles.»

Passados depois disto, três meses e cinco dias, estando já a nau de verga de alto para partir, os portugueses se foram a terra e mandaram abrir a cova em que fora enterrado o santo defunto, com tenção de lhe levarem os ossos para Malaca, se estivessem para isso, e acharam-lhe o corpo todo inteiro sem corrupção nem falta alguma, tanto que nem na mortalha nem na sobrepeliz que tinha vestida acharam defeito nem nódoa, mas ambos tão limpos e tão alvos como se naquela hora os ensaboassem, e com um cheiro suavíssimo, o que em todos causou tamanha admiração que confundidos alguns com o que viam seus olhos, deram em si muitas bofetadas pelo que antes tinham dito, e diziam pùblicamente com muitas lágrimas: «Oh, mal-aventurados aqueles que para comprazerem ao diabo, quiseram ser ministros seus na vexação que se te fez em Malaca, sendo tu tão puro servo de Deus como agora aqui vemos, e pùblicamente de ti confessamos, e mal-aventurados de nós que muitas vezes te negámos nossas esmolas, entendendo quão falto estavas do necessário para sustentação da tua santa vida. Vá-se enforcar o mundo e suas mentiras, enforque-se Malaca e suas promessas, que por derradeiro tu só bem-aventurado és o que acertaste, em servires a Deus tanto de verdade quanto todos agora, em que nos pese, para mais nossa confusão nossa, de ti confessamos.

E assim a este modo derramando muitas lágrimas e ferindo-se nos rostos, lamentavam seu erro passado, de que

Nosse Senhor pelos rogos deste seu servo haveria misericórdia.

O santo corpo foi metido em uma caixa que pela medida dele ali logo se fez, e o levaram à mesma nau em que veio, na qual foi até Malaca num camarote do piloto, onde depois que chegou, ao outro dia às dez horas, o provedor da misericórdia, com toda a irmandade, e o vigário, e todos os clérigos da igreja maior, acompanhados de toda a gente da terra, salvo do capitão e dos seus aceitos, o foram buscar à nau e o levaram à ermida de Nossa Senhora do Outeiro, que era a casa onde naquela terra sempre na vida fizera sua habitação, e donde havia nove meses e vinte e dois dias que se embarcara para a China. Nesta ermida foi enterrado com muita dor e sentimento de todos, e aí esteve mais nove meses, que foi dos dezassete dias de Março até onze do Dezembro seguinte, de 1553.

Neste dia foi desenterrado este corpo e metido em outra caixa que Diogo Pereira lhe mandara fazer, forrada de damasco, coberta por cima com um pano de brocado, e daqui desta ermida de Nossa Senhora do Outeiro foi levado em procissão, acompanhado de muita gente nobre, até o meterem em um batel que já estava prestes, bem concertado com alcatifas ricas, com toldo de seda, no qual foi levado a uma nau de um tal Lopo de Noronha que estava para partir para a Índia, e o embarcaram nela, e foram com ele dois irmãos da Companhia de Jesus, um chamado Pêro de Alcáçovas e outro João de Távora, que depois esteve no colégio de Évora, os quais o acompanharam até à Índia, no qual caminho, que é de distância de quinhentas léguas, se viram alguns milagres evidentes, segundo todos os que na nau vinham depois testemunharam em Goa ao Vice-Rei D. Afonso de Noronha, dos quais me escuso de dar relação por serem muito notórios a toda a gente, e para não gastar o tempo em escrever o que sei que outros já escreveram.

217

como este santo defunto foi desembarcado da nau em que viera de malaca, e do aparato com que chegou ao cais de goa

A nau em que ia este santo corpo chegou a Cochim aos treze dias de Fevereiro do ano de 1554, e porque já nestes tempos os ventos noroestes cursavam por monções tendentes ao longo da costa, e a nau com todas as mais que vinham de Malaca, em sua conserva, por o vento ser ponteiro, não podiam surdir avante mais que uma légua ou duas por dia, bordejando às voltas com muito trabalho, se assentou por parecer de todos os pilotos, que o capitão mandasse recado ao colégio de S. Paulo de Goa, para que os padres prouvessem de alguma embarcação de remo em que levassem aquele santo corpo, pois a nau não podia ir ter a Goa senão de 25 de Março em diante, que era o tempo em que naquele ano cabia a semana santa; e porque nela celebrava a igreja sagrada a memória da paixão do Filho de Deus, não se podia então fazer este recebimento com a pompa e aparato que todos requeriam.

O mesmo Lopo de Noronha, capitão da nau, quis ser o que levasse este recado, o qual se partiu logo, e chegando a Goa ao colégio de S. Paulo, deu conta ao padre mestre Belchior, reitor universal naquelas partes, da Companhia de Jesus, e se tornou logo para a nau.

O padre reitor consultou isto com os mais padres do colégio,

e entre todos foi assente que o mesmo padre reitor fosse logo em pessoa dar conta disto ao vice-rei, e lhe pedisse um catur bem equipado, o que assim se fez, e o vice-rei lhe deu logo um de que era capitão um tal Simão Galego que então estava na cama muito doente: mas em seu lugar se lhe ofereceu um devoto do santo defunto, do que o vice-rei mostrou levar muito gosto.

O padre mestre Belchior, com três irmãos e quatro meninos órfãos dos do colégio, se embarcou no catur e se partiu de Goa uma segunda-feira pela manhã, e à quarta logo seguinte encontrou a nau junto da barra de Batecalá, com mais outras sete que estavam em calmaria à vista umas das outras, sem poderem surdir avante. A nau, conhecendo o catur, porque ia enramado e com mostras de festa, fez também o mesmo. Chegando o catur a bordo da nau, o padre reitor com toda a mais Companhia, entrou logo nela, e levava os meninos órfãos diante com capelas nas cabeças e ramos nas mãos, cantando *Gloria in excelsis Deo*, etc., e outras muitas cantigas em louvor de Deus, e depois que todos foram dentro, e bem recebidos do capitão e da mais companhia, o irmão que trazia a seu cargo este santo defunto, tomou o padre reitor pela mão, e com uma vela acesa o levou abaixo à câmara onde ele estava, e o mostrou ao padre e a todos os que vinham com ele, os quais em o vendo se puseram todos de joelhos, e com muitas lágrimas lhe beijaram os pés, e depois de estarem com os olhos nele um grande espaço, o meteram no catur cantando-lhe o salmo *Benedictus Dominus Deus Israel*, a que os circunstantes ajudavam com não menos lágrimas que as dos padres. E desamarrado de bordo onde todos ficaram dando mostras da devoção que lhe tinham, a nau, com todas as sete que estavam à roda, ao desamarrar do catur lhe fizeram uma espantosa salva de artilharia, de que os gentios estavam pasmados, acudindo a todas as praias a ver o que aquilo era.

Partido o catur daqui da barra de Ancolá, que era cinco

léguas abaixo de Batecalá, para Goa, chegou à quinta-feira às onze horas da noite a Nossa Senhora de Rebandar, que é a meia légua de Goa, onde foi desembarcado este corpo e levado à igreja, e posto junto do altar-mor, com muitas tochas e círios acesos, e o padre mestre Belchior, que já então o trazia a seu cargo, o mandou logo fazer saber ao vice-rei, por lho ele assim ter pedido, e mandou também aos padres do seu colégio que logo que fosse manhã o viessem esperar todos ao cais, porque até às oito horas estaria aí. Depois que o padre reitor proveu em tudo o que lhe pareceu que então era necessário, e tomou um pequeno tempo de repouso, disse Missa muito de madrugada, à qual se juntou toda a gente que aí ao redor morava, tanto portugueses como da terra. Neste tempo, começando já a clarear o dia, vieram da cidade seis embarcações em que vinham quarenta ou cinquenta homens que em vida deste defunto foram muito seus devotos, os quais todos traziam tochas novas nas mãos, e os seus moços, círios. Estes, entrando todos na igreja se prostraram diante da tumba ou caixa onde ele estava, e o reverenciaram com muitas lágrimas, e quando o sol começou a sair abalaram para a cidade, e no caminho estava Diogo Pereira em um batel com muita gente, com tochas e círios acesos, que em o catur perpassando por eles, se prostraram todos com os rostos no chão. E logo atrás nesta mesma ordem estavam mais outras dez ou doze embarcações de remo, em que iriam cento e cinquenta portugueses da China e de Malaca, gente toda muito limpa e rica, e estes, como digo, todos com tochas e círios acesos, e os seus moços, que seriam mais de trezentos, com velas grandes como brandões, o qual autorizado e cristão aparato causava muita devoção em todos os que o viam.

218

do recebimento que se fez em goa a este santo defunto, e do mais que aí sucedeu

Chegado este catur em que vinha este santo corpo ao cais da cidade onde havia de desembarcar, achou já nele o vice-rei que o estava esperando com seu estado de porteiros com maças de prata, acompanhado de toda a fidalguia da Índia, com outra tamanha quantidade de gente do povo, que quatro alcaides tinham bem que fazer em preparar o caminho. Estavam já ali também o cabido da Sé, e o provedor e irmãos da Misericórdia, todos com suas vestes e círios brancos nas mãos, e uma tumba com um pano de brocado novo, com suas franjas e guarnições de ouro, na qual não foi levado porque pareceu melhor que fosse na em que viera de Malaca.

Os padres e irmãos da Companhia de Jesus, que eram muitos, chegaram ao catur que já a este tempo estava bem atracado a terra, e lançando mão da tumba que estava em cima do toldo, apareceu um crucifixo muito devoto, que uma grande quantidade de meninos órfãos do colégio tinha coberto, e começando um deles a entoar o salmo *Benedictus Dominus Deus Israel,* responderam todos os mais juntamente, com uma grita de muito boas falas bem concertadas, tão devota e espantosa que os cabelos se arrepiaram a todos os que a ouviram, e as lágrimas e soluços foram tão gerais em todo aquele inumerável e cristão ajuntamento, que só a vista daquilo bastava para todo o pecador se converter muito de verdade.

Deste cais abalou toda esta gente, posta em uma procissão muito bem concertada, e o santo corpo ia detrás, metido na tumba em que viera de Malaca, com um grande pano de brocado por cima, e alguns turíbulos de prata que o iam incensando por ambas as partes com cheiros suavíssimos, e a tumba da Misericórdia ia adiante, à dextra.

De maneira que este enterramento se fez este dia, com tanto custo e aparato por honra de Deus e deste seu servo, que os gentios e os mouros da terra metiam os dedos nas bocas para mostrarem o grande espanto que tinham, como é seu costume. E entrando assim pela porta da cidade, foi pela rua direita, a qual a este tempo estava toda de alto a baixo ricamente concertada, com muitas alcatifas e panos de seda, e as janelas muito preparadas e cheias de mulheres e filhas de todos os nobres, e por baixo às portas muitas invenções de perfumes e cheiros suaves. E não sòmente esta rua, mas todas as outras por onde passou até ao colégio de S. Paulo, onde foi levado, estavam desta maneira, e ainda que o dia fosse sexta-feira de S. Lázaro, estava o colégio de festa, com frontais de brocado em todos os altares, e lâmpadas, e castiçais, e cruzes de prata, e tudo o mais que se via era correspondente a isto.

Chegado assim à igreja, se pôs em depósito junto do altar-mor, da parte do Evangelho, onde se disse Missa solene com um pontifical de brocado, oficiada com muito boas falas e com muitos instrumentos musicais conformes à solenidade de tamanha festa. E por ser muito tarde e a gente estar muito desejosa de ver o santo defunto, não houve pregação. Acabada a Missa, se mostrou o santo corpo a todo o povo, que o reverenciou com assaz de lágrimas, e porque a gente, como digo, era muita, e cada um procurava o ver de mais perto, o ímpeto e a força da muita gente foi de maneira que as grades da capela, embora fossem muito grossas, foram feitas em muitos pedaços.

Vendo os padres que este tumulto ia crescendo cada vez mais, e que se lhe não podia dar vasão, tornaram a cobrir a tumba, dizendo que à tarde o veriam mais à sua vontade, e com isto se recolheram todos; porém depois se mostrou algumas vezes, e em algumas delas, por o concurso da gente ser muito grande, houve muitas gritas e uniões, tanto de mulheres como de crianças, que estiveram em risco de se sufocarem.

Neste mesmo dia à tarde, chegou a esta cidade de Goa um português de nome António Ferreira, casado em Malaca, com um presente de peças ricas para o vice-rei, que lhe mandava do Japão el-rei do Bungo, com uma carta que dizia assim:

«Ilustre e majestade muito rica, senhor vice-rei dos limites da Índia, leão espantoso nas ondas do mar, por força de naus e de bombardas grossas, eu, Yacatá andono, rei do Bungo, de Facatá, de Omanguché, e da terra de ambos os mares, senhor dos Reis pequenos das ilhas da Tosa, Xemenaxeque, e Miaygimá, te faço saber por esta minha carta, que ouvindo eu em dias passados o padre Francisco Chenchicogim praticar da nova lei do criador de todas as coisas, que às gentes de Omanguché andava pregando, lhe prometi em segredo fechado em meu coração, que tornando ele a este meu reino, tomaria dele o nome e água do santo baptismo, ainda que a novidade de tamanho abalo me pusesse em discórdia com meus vassalos; e ele prometeu também que dando-lhe Deus vida, tornaria muito cedo. Porque esta sua tardança se estendeu mais do que minha esperança cuidava, quis lá mandar este homem a saber dele e de vossa senhoria a causa que lhe impede a sua vinda. Pelo que, senhor, lhe peço que em todo o caso, por si e por mim lhe rogue, já que os reis da terra o não podem mandar, que venha logo nesta primeira monção, porque a sua vinda a este meu reino será de muito serviço de Deus e nova amizade com o grande Rei de Portugal, para que

esta minha terra com a sua seja em amor fixo uma só coisa, e os seus vassalos sejam franqueados em todos os portos e ricos onde surgirem, como no vosso Cochim onde estais.

E vossa senhoria me mande que por amizade sirva a seu rei, porque o farei tão depressa como a volta que o Sol dá da manhã à noite. António Ferreira lhe dará umas armas com que venci os reis de Fiungá e Xemenaxeque, e vestido nelas como no dia em que lhes dei batalha, obedeço como a meu irmão mais velho, a esse invencível Rei do cabo do mundo, senhor dos tesouros do grande Portugal.»

Esta carta mostrou o Vice-Rei D. Afonso ao padre reitor mestre Belchior, e lhe disse qual era a causa por que se não partia logo para o Japão, a efectuar uma coisa de tanto serviço de Deus, e levava consigo todo o colégio de S. Paulo de Goa?

O padre lhe deu muitas graças pela mercê que lhe fazia naquilo, e lhe disse que pois sua senhoria assim lho aconselhava e mandava, que ele se ia logo fazer prestes para se partir naquela monção. E o vice-rei lho louvou e lho agradeceu muito, por entender que era uma coisa de muito serviço de Nosso Senhor.

219

como o padre mestre belchior partiu da índia para o japão, e a causa por que não passou de malaca, e do que nela sucedeu neste tempo

Passados mais catorze dias, que foi aos dezasseis de Abril do ano de 1554, o padre reitor mestre Belchior se partiu para Malaca em uma nau em que ia D. António de Noronha, filho de D. Garcia de Noronha, vice-rei que fora da Índia, a tomar posse da capitania daquela fortaleza, porque o vice-rei mandava prender D. Álvaro de Ataíde, capitão dela, por lhe não obedecer ás suas provisões, e por outras culpas que tinha dele, das quais tenho por escusado tratar aqui particularmente, porque não fazem a meu propósito.

O novo capitão D. António chegou a Malaca aos cinco dias do mês de Junho, na qual foi bem recebido e levado à igreja com procissão de *Te Deum laudamus,* onde se disse Missa e houve pregação. E depois que saiu da igreja, que seria quase às onze horas, o licenciado Gaspar Jorge, ouvidor-geral da Índia, que ia fazer esta diligência, mandando tocar um sino fez juntar o povo todo e lhe mostrou as provisões que levava do vice-rei, e após isso, tirando uns apontamentos que levava de fora, fez por eles muitas perguntas a D. Álvaro, de que se fazia termo por dois escrivães, nos quais ambos assinavam com o ouvidor e capitão, em que houve muita detença.

E no fim destas perguntas, D. Álvaro foi deposto da capitania, e preso, e toda a sua fazenda confiscada, e o mesmo se fez de todos os da sua parcialidade, que o favoreceram na prisão do Gamboa, veador da fazenda, e no romper das provisões do vice-rei, e nos outros desmanchos que neste caso se fizeram. E tudo isto se fez com tanto rigor e tão excessivo, que os mais dos homens fugiram para os mouros; com o que a fortaleza ficou tão só e despejada que esteve em risco de se perder, se o novo capitão D. António não prouvera nisso com muita prudência, dando a todos perdão geral, e ainda assim vinham de muito má vontade. Porque, como por causa destes insultos e de outros que D. Álvaro tinha cometido, depuseram Malaca de ser como antes era, e a câmara e o governo dela foi todo desfeito com pregões feios e vergonhosos, causou a novidade disto tamanho espanto e terror em todos os moradores dela, que largando, como digo, as casas e as fazendas, se passavam todos para os mouros.

De maneira que nestas afrontas e em outras muitas que se fizeram a D. Álvaro, se viu bem claro quão verdadeira saiu a profecia do padre mestre Francisco, quando disse ao vigário João Soares que cedo se veria cercado de vexações e de trabalhos na honra, na fazenda, e na vida, porque quanto à sua morte, coisa é muito sabida que faleceu ele neste reino, andando-se livrando, sob fiança, de algumas culpas de que foi acusado pelos procuradores de el-rei, e a causa da sua morte foi uma grande postema que lhe nasceu no pescoço, com a qual veio a se corromper todo por dentro, de tal maneira e com um fedor tão insuportável, que não havia quem ousasse chegar a ele. E já daqui por diante não tratarei mais dele, basta que foi a sua morte muito apressada, juízos são de Deus, que só ele entende.

Estas revoltas e excessos da justiça com que a terra andava toda amotinada, foram causa que o padre mestre Belchior, com os mais da sua Companhia, não pudesse aquele ano

passar ao Japão, como tinha determinado, pelo que lhe foi forçoso invernar aqui em Malaca até ao Abril seguinte de 1555, que foram dez meses.

Neste tempo, continuando o ouvidor Gaspar Jorge as rigorosas execuções que cada dia fazia nuns e noutros, deu motivo de muito escândalo em toda a terra, e não contente com isso, confiado nas largas provisões que o vice-rei lhe dera, se quis intrometer na jurisdição do capitão D. António, e se apoderou tanto dela que ao capitão lhe não ficava mais que só o nome, e ser um olheiro da fortaleza, o qual ainda que ele o sentisse muito, todavia o começou a ir soportando com muito sofrimento. Porém correndo estas demasias e solturas do ouvidor por mais de quatro meses, em que houve muitos desgostos, de que aqui não trato particularmente por ser processo infinito, vendo um dia o D. António o tempo disposto para efectuar o que já dantes parece que tinha determinado, o prendeu uma sexta na fortaleza, onde por alguns que já para isso estavam prestes, foi metido em uma casa, e ali segundo se disse, foi despido e atado com uma corda, de pés e mãos, e depois de bem açoitado e pingado com umas torcidas de azeite, de que esteve para morrer, lhe lançaram uns grilhões nos pés, e umas algemas nas mãos, e um colar ao pescoço, e lhe depenaram todas as barbas sem lhe ficar um só cabelo no rosto, e lhe fizeram outras coisas a este modo, segundo se então disse pùblicamente, de maneira que o pobre licenciado Gaspar Jorge, ouvidor-geral da Índia, provedor-mor dos defuntos e dos órfãos, veador da fazenda de Malaca e das partes do sul, por el-rei nosso senhor, foi por D. António tratado desta maneira, se é verdade o que se disse.

E vinda a monção, assim preso em ferros foi mandado à Índia com uma feia devassa que se tirou dele, a qual os letrados da relação de Goa depois anularam e mandaram tirar outra de novo a Malaca; e ao D. António, pelo que

fizera, mandou o Vice-Rei D. Pedro Mascarenhas, que já a este tempo governava o Estado da Índia, vir preso para estar a juízo com o Gaspar Jorge, e dar razão do que lhe fizera. O qual D. António veio logo à Índia, onde andando-se livrando deste feito, lhe mandaram na relação que dentro de três dias contrariasse um feio libelo com que o Gaspar Jorge veio contra ele; e porque o D. António naturalmente era contrário destes termos judiciais de réplicas e tréplicas, com que se dizia que os desembargadores o queriam enfadar, parece (segundo então disseram os praguentos, porque eu não o vi, nem o sei de certo) que não quis gastar em responder ao libelo todos os três dias que lhe foram dados de termo, mas dentro de vinte e quatro horas deu com o Gaspar Jorge em parte donde nunca mais se levantou, e segundo também se disse, com um bom bocado que lhe deram num banquete, por onde este negócio cessou de todo, e o D. António por sentença foi solto e livre, e que tornasse a servir a sua capitania, para onde se partiu logo dali a um mês. Porém chegado a Malaca e metido de posse, não durou mais nela que só dois meses e meio, no fim dos quais faleceu de câmaras de sangue. E desta maneira se acabaram de averiguar todas as discórdias e enfadamentos que a triste Malaca teve naquele tempo.

220

como partimos de malaca para o japão, e do que passámos até chegarmos à ilha de champeiló, na cochinchina, e do que nela vimos

Chegada a monção para o padre mestre Belchior poder prosseguir sua viagem, nos partimos de Malaca no primeiro dia de Abril do ano de 1555, embarcados em uma caravela de el-rei nosso senhor, que D. António, capitão da fortaleza, deu ao padre, por uma provisão que levava do vice-rei. E aos três dias da nossa viagem chegámos a uma ilha a que chamavam Pulo pisão, já quase na boca do estreito de Singapura, onde o piloto, por ser novo naquela carreira, varou enfunado na vela, por cima de uma restinga de pedras, com o que todos estivemos perdidos sem nenhum remédio, pelo que foi forçoso, por conselho de todos, ir o padre mestre Belchior em uma manchua pedir socorro de batel e marinheiros a um tal Luís de Almeida que havia duas horas que em um navio tinha passado avante, e estava surto dali a duas léguas por respeito do vento que lhe era contrário; na qual ida e distância de caminho, o padre com dois irmãos e eu que com ele íamos, correndo assaz de risco e trabalho, porque como a terra toda estava de guerra, porque era do rei do Jantana, neto que fora de el-rei de Malaca, muito nosso inimigo, os seus balões e lancharas que andavam aí da armada, nos vieram sempre ladrando com fundamento de nos abalroarem, mas permitiu Nosso Senhor que o não pudessem fazer.

Chegados nós enfim ao navio com assaz de afronta e medo, o capitão dele nos proveu de batel e marinheiros, no qual nos tornámos à caravela com toda a pressa possível para lhe socorrermos a necessidade em que a deixáramos. E chegando a ela no outro dia, prouve a Nosso Senhor que a achámos livre daquele trabalho, mas com fazer muita água pela roda de proa, que depois se lhe tomou em Patane, onde chegámos dali a sete dias. E eu com outros dois, desembarquei em terra e fui ver el-rei, e dar-lhe uma carta do capitão de Malaca, o qual nos recebeu com muito gasalhado, e lendo a carta do capitão, por ela entendeu que a tenção com que ali vínhamos era para comprarmos mantimentos e nos provermos de algumas coisas que não trazíamos de Malaca, e prosseguirmos nossa viagem à China, e daí ao Japão, para o padre com os mais que levava consigo pregarem lá a lei cristã àqueles gentios, pelo que el-rei depois de estar um pouco pensativo, sorrindo-se para os seus, lhes disse:

— Quanto melhor fora a estes, já que se aventuram a tantos trabalhos, irem à China fazer-se ricos, que pregarem patranhas a reinos estranhos.

E chamando o xabandar, que estava defronte dele, lhe disse:

— Tudo o que estes homens requeiram, lhes faze, por amor do capitão de Malaca que mos recomenda aqui muito, e lembre-te que não mando as coisas mais que uma só vez.

Despedidos nós de el-rei, contentes do bom gasalhado que nele achámos, se entendeu logo em se comprar tudo o necessário, tanto de mantimentos como de tudo o mais de que vínhamos faltos, e dentro de oito dias nos prouvemos de tudo em muita abastança.

E partidos deste porto de Patane, corremos dois dias com ventos suestes e monção tendente ao longo da costa de

Lugor e Sião, e atravessando da barra de Cuy para irmos demandar Pulo Cambim, e daí as ilhas de Cantão, com fundamento de esperarmos aí a conjunção da lua nova, nos sobreveio um temporal de ventos oés-sudoestes (que são os que ordinàriamente reinam nesta costa o mais do ano) tão tempestuoso que de todo estivemos perdidos, pelo que nos foi forçoso arribarmos outra vez à costa do Malaio, e chegando a uma ilha que se chama Pulo timão, também nela corremos assaz de perigos, tanto de tormenta como de traições da gente da terra.

Depois de haver cinco dias que aqui éramos chegados, e estarmos sem água nem mantimento algum porque tudo tínhamos alijado ao mar, prouve a Nosso Senhor que vieram uma manhã ter connosco três naus de portugueses que vinham da Sunda, com a vinda dos quais nos houvemos por remidos em nossos trabalhos. O padre mestre Belchior praticou logo com os capitães delas sobre o que faria de si, e por parecer de todos foi assente que mandasse a caravela em que vinha, para Malaca, por não ser embarcação suficiente para tão longa viagem como era dali ao Japão, o que se fez assim, e o padre se embarcou com um tal Francisco Toscano, homem rico e honrado, que lhe fez o gasto em toda a viagem e muita parte do tempo que esteve na China, a ele e a toda a Companhia que levava consigo.

Desta ilha de Pulo timão nos fizemos à vela uma sexta-feira, aos sete dias de Junho do mesmo ano de 1555, e atravessando a terra firme do reino Champá, velejámos ao longo da costa com ventos galernos de monção tendente, e em doze dias mais fomos surgir em uma ilha a que chamavam Pulo Champeiló, na enseada da Cochinchina, onde fizemos nossa aguada em uma muito fresca ribeira que descia do cume da serra, por entre uma grande penedia junto da qual em uma laje muito alta estava esculpida uma Cruz muito formosa, com as quatro letras do título, e abaixo do pé

cerca de quatro dedos, estava em algarismos «era de 1518», e umas seis letras que breves diziam «Duarte Coelho».

Desta ribeira, para a parte do sul cerca de dois tiros de besta, em umas árvores que corriam ao longo da praia, estavam sessenta e dois homens enforcados, fora outros muitos que jaziam no chão já meio comidos, coisa que parecia ser feita há alguns seis ou sete dias; em outra árvore estava uma bandeira grande com umas letras chinas que diziam «Todo o navio ou junco que aqui vier, faça muito depressa a sua aguada e vá-se logo, com tempo ou sem tempo, sob pena de padecer por justiça, como estes miseráveis a quem o furor do braço da ira da potência do filho do Sol abrangeu» — à qual novidade se não soube dar então nenhum entendimento, mas que suspeitar-se que chegaria aqui alguma armada de chins, e achando estes coitados, roubaram-nos como ordinàriamente costumam fazer, e sob a cor de justiça fizeram-lhes isto que vimos.

221

como desta ilha de champeiló fomos ter à de sanchão, e daí a lampacau, e dá-se conta de dois casos desastrados que aconteceram na china a duas povoações de portugueses

Partidos nós desta ilha de Champeiló, fomos demandar as ilhas de Cantão, e aos cinco dias de nossa viagem, prouve a Nosso Senhor que chegássemos a Sanchão, que era a ilha onde fora enterrado o padre mestre Francisco, como atrás tenho dito. Ao outro dia pela manhã, toda a gente da frota desembarcou em terra e nos fomos todos em procissão ao lugar do jazigo do santo padre, o qual achámos já todo coberto de ervas e de mato, sem aparecer dele mais que só as pontas das cruzes de que estava cercado; porém logo por todos foi limpo e preparado com muita devoção, e após isso fechado com umas grades de pau fortes, e por fora se fez mais outra estacada, e todo o chão ao redor foi muito limpo e aplainado, e toda esta obra em roda estava cercada de muito bons valos, à entrada dos quais estava uma Cruz muito alta e muito formosa.

Depois que isto foi preparado da maneira que então parecia que convinha, o padre mestre Belchior disse Missa de festa, cantada, que os meninos órfãos e alguns homens dextros no canto oficiaram com muito boas falas, e com ornamentos de brocado, e com castiçais e lâmpadas de prata, em que houve sermão breve apropriado à solenidade que

se festejava, em que se tratou da vida e trabalhos do santo defunto, e do grande zelo que sempre tivera da honra de Deus, e da aumentação da sua santa fé, e da salvação das almas, e do santo propósito com que entrara naquele reino da China, onde Nosso Senhor fora servido de o chamar para a sua glória, o qual sermão foi ouvido de todos com muita devoção, e não sem algumas lágrimas.

Ao outro dia pela manhã nos partimos desta ilha de Sanchão, e ao sol-posto chegámos a outra ilha que está mais adiante seis léguas para o norte, chamada Lampacau, onde naquele tempo os portugueses faziam sua veniaga com os chins, e aí se fez sempre até ao ano de 1557, em que os mandarins de Cantão, a requerimento dos mercadores da terra, nos deram este porto de Macau, onde agora se faz, no qual sendo antes ilha deserta, fizeram os nossos uma nobre povoação de casas de três a quatro mil cruzados, e com igreja matriz em que há vigário e beneficiados, e tem capitão e ouvidor e oficiais de justiça, e tão confiados e seguros estão nela, com cuidarem que é nossa, como se ela estivera situada na mais segura parte de Portugal. Mas queira Nosso Senhor, pela sua infinita bondade e misericórdia, que esta sua segurança seja mais certa e de mais dura do que foi a de Liampó, que foi outra povoação de portugueses de que atrás fiz larga menção, avante desta duzentas léguas para o norte, a qual pelo desmancho de um português, em muito breve espaço de tempo foi de todo destruída e posta por terra, na qual desventura me eu achei presente, e nela houve uma inestimável perda, tanto de gente como de fazenda, porque tinha esta povoação três mil vizinhos, de que mil e duzentos eram portugueses, e os mais gente cristã de diversas nações, e segundo se afirmou por dito de muitos que bem o sabiam, passava o trato dos portugueses, de três contos de ouro, de que a maior parte era em prata do Japão, que havia dois anos que se descobrira, e que dobrava o dinheiro três e quatro vezes, em qualquer fazenda que para lá se levava.

Nesta povoação havia capitão que residia na terra, fora os particulares das naus da carreira que iam e vinham, havia ouvidor, juízes, vereadores, provedor-mor dos defuntos e dos órfãos, almotacéis, escrivão da câmara, quadrilheiros, rendeiros, e todos os mais ofícios da república, e quatro tabeliães das notas, e seis do judicial, por cada um dos quais ofícios se dava de compra três mil cruzados, e outros ainda de muito maior preço. Havia aqui trezentos casados com mulheres portuguesas e mestiças, havia dois hospitais e casa de Misericórdia em que se despendiam cada ano mais de trinta mil cruzados, e a câmara tinha seis mil de renda. De maneira que se dizia geralmente que era a mais nobre, rica, e abastada povoação, de quantas havia em toda a Índia, e do seu tamanho em toda a Ásia, e quando os escrivães passavam alguns precatórios para Malaca, ou os tabeliães faziam algumas escrituras, diziam:

«Nesta muito nobre e sempre leal cidade de Liampó, por el-rei nosso senhor.»

E já que me cai agora tanto a propósito, não quero passar sem dar conta de como e porque se perdeu esta tão insigne e tão rica povoação, que foi desta maneira:

Havia ali um homem honrado e de boa geração, chamado Lançarote Pereira, natural de Ponte de Lima. Este, diziam que dera uns mil cruzados em ruins fazendas, fiados, a uns chins, homens de pouco crédito, os quais se lhe levantaram com a fazenda sem lhe mais darem o retorno dela, nem ele ter mais novas deles, pelo que, querendo-se ele satisfazer desta perda nos que dela não tinham culpa, juntou para isso uns quinze ou vinte portugueses ociosos e de má consciência, e quiçá de pior siso, e deu uma noite em uma aldeia dali a duas léguas, a que chamavam Xipatom, e roubou nela dez ou doze lavradores que aí viviam, e lhes tomou a todos as mulheres e filhos, com morte de treze

pessoas, sem razão nem causa alguma justa que para isso tivesse.

O rebate deste tamanho insulto se deu logo ao outro dia por toda aquela comarca, e os moradores dela se foram queixar disso ao chumbim da justiça, e tirando-se devassa do que se passava, o escreveram por petição de clamor do povo, a que eles chamam macalixau, ao chaém do governo, que é o vice-rei daquele reino, o qual mandou logo um aitau, que é como almirante entre nós, com uma armada de trezentos juncos, e oitenta vancões de remo, em que iam sessenta mil homens, que se fez prestes em dezassete dias, a qual armada, dando uma manhã nesta desventurada povoação dos portugueses, a coisa foi de maneira que certifico em verdade que não acho em mim cabedal nem de engenho nem de palavras para contar por extenso o que ali se passou; imagine-o o bom entendimento, porque direi sòmente como testemunha de vista, que em menos de cinco horas que durou este horrendo e espantoso castigo da mão de Deus, e da potência da sua divina justiça, não ficou coisa a que se pudesse pôr nome, porque tudo ficou abrasado e posto por terra, com morte de doze mil pessoas cristãs, em que entraram oitocentos portugueses, os quais foram todos queimados vivos em trinta e cinco naus, e quarenta e dois juncos, e em prata, pimenta, sândalo, cravo, maça, noz, e outras muitas sortes de fazendas se disse que se perderam dois contos e meio de ouro. E de todos estes males e desventuras foi causa a má consciência e pouco siso de um português cobiçoso. E deste mal nos sucedeu ainda outro não pequeno, o qual foi ficarmos tão desacreditados na terra, que não havia quem nos quisesse ver, dizendo que éramos nós uns demónios em carne humana, gerados por maldição da ira de Deus, para castigo dos pecadores. E isto aconteceu no ano de 1542, governando o Estado da Índia, Martim Afonso de Sousa, e sendo capitão de Malaca, Rui Vaz Pereira Marramaque.

Logo dali a dois anos, querendo os portugueses tornar a fazer sua habitação em outro porto que se chamava Chincheu, no mesmo reino da China, cem léguas abaixo deste de Liampó, para terem nele seus tratos e mercancias, os mercadores da terra pelo muito proveito que disso lhes vinha, insistiram com os mandarins, por peitas muito grossas que para isso lhes deram, que dissimuladamente o consentissem. Aqui correu o negócio do trato entre nós e os da terra quietamente, por tempo de quase dois anos e meio, pouco mais ou menos, até que de Malaca, por mandado de Simão de Melo, capitão da fortaleza, veio aí ter outro quase do mesmo estofo do Lançarote Pereira, que se chamava Aires Botelho de Sousa, o qual trazia provisão do capitão Simão de Melo para ser capitão-mor daquele porto do Chincheu, e provedor dos defuntos, o qual, segundo se dizia, vinha tão desejoso de ser rico que lhe assacavam que lançava mão de tudo, sem ter respeito a coisa alguma.

Neste tempo acertou de vir ali ter um estrangeiro, arménio de nação, o qual de todos era julgado por muito bom cristão. Tinha este homem de seu, como dez ou doze mil cruzados, e por ser estrangeiro e cristão como nós, se atirou de um junco de mouros em que vinha, e se passou para uma nau de um português de nome Luís Montarroio. E havendo já cerca de seis ou sete meses que vivia aqui entre nós pacificamente, favorecido e agasalhado de todos, por ser, como digo, muito bom homem e bom cristão, veio a adoecer de febres de que morreu. E fazendo testamento, declarou que era casado e que tinha sua mulher e filhos em um lugar da Arménia a que chamavam Gaborém, e que dos doze mil cruzados que tinha de seu, deixava à santa Misericórdia de Malaca, dois mil, com certas declarações de Missas por sua alma, e o mais pedia ao provedor e irmãos da casa, que o tivessem em depósito em seu poder, até o fazerem entregar a seus filhos, a quem mandava que se dessem; e sendo caso que seus filhos estivessem mortos, deixava a Misericórdia por sua herdeira universal.

Logo que este cristão foi enterrado, o Aires Botelho de Sousa, provedor dos defuntos, lhe arrecadou toda a fazenda, sem fazer inventário ou outra alguma diligência, dizendo que era necessário mandarem-se requerer os herdeiros lá na Arménia onde estavam, que era dali a mais de duas mil léguas, a ver se tinham alguns embargos, para serem ouvidos de sua justiça. No mesmo tempo vieram ali ter dois mercadores chins que traziam três mil cruzados em seda, peças de damasco, porcelanas, e almíscar, os quais se deviam ao arménio defunto. Estes arrecadou também o provedor, e juntamente com isso, dizendo que toda a mais fazenda que ficava aos chins era também do arménio defunto, dizem que lhes tomou uns oito mil cruzados, e lhes disse que fossem a Goa requerer sua justiça perante o provedor-mor, porque ele não podia deixar de fazer o que fazia, porque era obrigado a isso, por razão do seu ofício.

De maneira que para não gastar muitas razões em contar o que sobre isto se passou, os dois mercadores se tornaram para suas casas sem levarem coisa nenhuma do que trouxeram, onde se foram logo ambos com mulheres e filhos lançar aos pés do chaém, e lhe relataram por uma petição todo este caso como se passara, e lhe disseram mais, que éramos nós gente sem temor nenhum da justiça de Deus. O chaém, querendo logo satisfazer a estes mercadores, e a outros que já também antes disto se lhe queixaram de nós, mandou apregoar que nenhuma pessoa comunicasse connosco dali por diante, sob pena de morte. E como isto foi causa de totalíssimamente se nos secar tudo, a falta dos mantimentos veio entre nós a ser tamanha que o que antes se comprava por um vintém, se não achava depois por um cruzado, pelo que foi necessário ir-se buscar por algumas aldeias que estavam aí ao redor, sobre o que houve grandes desmanchos, donde nasceu levantar-se a terra toda contra nós, com tamanho ódio e fúria que daí a dezasseis dias veio uma armada de cento e vinte juncos muito grandes, a qual por nossos pecados nos tratou de tal ma-

neira que de treze naus que estavam no porto, nenhuma ficou que não fosse queimada, e de quinhentos portugueses que na terra havia, só trinta escaparam, sem coisa que valesse um só real.

Assim que destes dois tristes sucessos que tenho contado, venho a inferir que parece que as nossas coisas que agora correm na China, e a quietação e confiança com que tratamos com ela, havendo que estas pazes que ela tem connosco, são firmes e seguras, não durarão mais que enquanto nossos pecados não ordenarem que haja algum motivo como os passados, para se ela levantar contra nós, o que Nosso Senhor não permita, pela sua infinita misericórdia.

Agora tornando ao propósito de que me apartei:

Chegados nós ao porto de Lampacau, como atrás dizia, surgimos nele com todas as três naus em que viéramos, e depois de nós não tardou muito que viessem surgir no mesmo porto outras cinco naus. E porque as fazendas da terra não corriam então como antes costumavam, não houve naquela monção nau alguma que fosse para o Japão, pelo que foi forçoso invernarmos outro ano aqui neste porto, com determinação de no Maio seguinte, que era dali a dez meses, seguirmos nossa viagem como levávamos determinado.

222

de umas novas que vieram a esta ilha, de um estranho caso que aconteceu pela terra dentro

Entendendo o padre mestre Belchior que já naquele ano não podia passar ao Japão, tanto por ser gasta a monção, como por outros alguns inconvenientes que para isso havia, ordenou logo fazer em terra um recolhimento em que se agasalhasse com mais a companhia que levava consigo, e também um modo de igreja em que se pudessem celebrar os ofícios divinos e frequentarem-se os sacramentos necessários à salvação dos homens, o que logo se pôs em obra. E neste tempo que aqui estivemos, não estiveram ociosos o padre mestre Belchior, nem os da sua Companhia, antes não deixaram sempre de fazer fruto nas almas, tanto com a muita frequentação que sempre houve das confissões, como com soltar dois portugueses que havia cinco anos que estavam presos na cadeia da cidade de Cantão, cuja soltura custou mais de dois mil e quinhentos cruzados, que se tiraram de esmolas pelos fiéis cristãos.

E havendo já seis meses e meio que aqui estávamos, aos dezanove dias do mês de Fevereiro do ano de 1556, veio nova certa a esta cidade de Cantão, que aos três dias do mesmo mês e ano, se subvertera a província de Sansy, por esta maneira:

No primeiro dia de Fevereiro tremeu a terra das onze da noite até à uma, e ao outro logo seguinte, da meia-noite até às duas horas, e ao outro, da uma até às três, com um grande e espantosíssimo estrondo de coriscos, e tempestade;

e rebentando toda a terra em borbulhões de água, que do centro dela parecia que vinha fervendo, se subverteu sùbitamente em distância de sessenta léguas em roda, sem de toda a gente se salvar mais que só um menino de sete anos, que por espanto se levou a el-rei da China. A qual nova quando chegou à cidade de Cantão, causou em todos os moradores dela um grandíssimo temor e espanto. E havendo os nossos por impossível ser isto verdade, se determinaram uns catorze, de sessenta que então aí nos achámos, a o ir ver, e logo o puseram em obra, os quais quando tornaram, afirmaram a nova por muito certa, e se tirou disso um documento público de catorze testemunhas de vista, todas concordantes, e todos os portugueses, o qual documento Francisco Toscano mandou a este reino a el-rei D. João III que santa glória haja, por um clérigo de nome Diogo Reinel, que foi um dos catorze que o viram, pelo qual caso se fizeram nesta cidade de Cantão, em todo o povo, estranhos modos de penitência, e ainda que fossem gentios, nos confundiram a todos os que os vimos, com sermos cristãos, porque o primeiro dia que a nova chegou, se deram às duas horas depois do meio-dia, pregões por todas as ruas principais da cidade, que seis homens a cavalo, cobertos de vestiduras muito compridas de dó, com assaz triste e lamentável som lançavam, dizendo:

— Ó gentes miseráveis que contìnuamente ofendeis o Senhor, ouvi o triste caso de grave dor e sentimento que no bramido choroso de nossas vozes agora ouvireis. Sabei que por pecados de todos nós outros, brandiu Deus a espada da sua divina justiça sobre o povo de Cuy e Sansy, subvertendo com água e fogo e coriscos do céu toda a província do seu anchacilado, sem dela se salvar mais que um só menino que se levou ao filho do Sol.

E dando-se com isto três pancadas em um sino, toda a gente se prostrava por terra, dizendo com uma horrendíssima

grita «Xipató varocay», que quer dizer «Justo é Deus no que faz.»

E recolhendo-se logo todo o povo a suas casas, a cidade esteve cinco dias tão deserta que pessoa viva não aparecia por ela, de que todos os portugueses que nos ali achámos, andávamos como pasmados, porque em nenhuma rua se via pessoa com quem pudesse falar. Passado este termo dos cinco dias, o chaém com os anchacis do governo, e com toda a gente do povo (digo homens sòmente, porque as mulheres têm eles para si que não são capazes de Deus as ouvir, pela desobediência do primeiro pecado que Eva cometeu), rodeando com uma espantosa procissão as principais ruas de toda a cidade, com clamores que rompiam o céu, diziam os seus sacerdotes, que seriam mais de cinco mil:

— Ó admirável e piedoso Senhor, não nos tomes conta de nossas maldades, porque ficaremos mudos diante de ti — a que todo o povo com outra espantosa grita, respondia: «Xaputey danacó fanarguy paleu», que quer dizer: «Confessamos, Senhor, nossos erros diante de ti.» E assim prosseguindo os seus clamores chegaram a um sumptuoso templo a que chamavam Nacapirau, que eles têm por rainha dos céus, como eu atrás disse algumas vezes. E daqui foram no outro dia a outro de nome Uzangué nabor, deus da justiça. E por esta maneira continuaram catorze dias, nos quais se fizeram geralmente muitas esmolas, e se soltaram muitos presos e se fizeram muitos sacrifícios de fumos cheirosos de águila e benjoim, e alguns outros de sangue, em que se degolaram muitas vacas, veados, e porcos, que por esmola se deram aos pobres.

E assim em todo o mais tempo que aqui estivemos, que seriam quase três meses, se continuaram outras muitas obras pias de muito custo, que se ajudadas da Fé de Cristo, se fizessem por amor dele, creio que lhe seriam muito aceitas. Afirmou-se também por dito geral de todos, que nestes

três dias em que isto aconteceu em Sansy, chovera sempre sangue na cidade de Pequim onde el-rei da China então residia, pela qual causa a maior parte dela se despejou, e ele fugiu para Nanquim, onde também se disse que mandara fazer muito grandes esmolas, e libertar infinidade de presos, no qual conto permitiu Deus que foram uns cinco portugueses que havia mais de vinte anos que estavam presos na cidade de Pocasser, os quais aqui em Cantão onde vieram ter, nos contaram muito grandes coisas, entre as quais nos afirmaram que passaram as esmolas que el-rei fez por este caso, de seiscentos mil cruzados, fora templos muito sumptuosos que edificou para aplacar a ira de Deus, em que entrou um que se fez nesta cidade, de nome Hifaticau, «amor de Deus», casa muito sumptuosa e de grande majestade.

223

como chegámos ao reino do bungo, e do que lá passámos com el-rei

Chegada a monção em que podíamos fazer nossa viagem, nos partimos desta ilha Lampacau, aos 7 de Maio do ano de 1556, embarcados em uma nau de que era capitão e senhorio D. Francisco Mascarenhas, de alcunha «O palha», que aquele ano aí residira por capitão-mor. E continuando por nossa rota, por tempo de catorze dias, houvemos vista das primeiras ilhas que estão em altura de 35 graus, que por graduação ficam a oés-noroeste da de Tanixumá; o piloto então conhecendo a má navegação que levava, se fez na volta do sudoeste, a demandar a ponta da serra de Minató, e aferrando a costa de Tanorá, velejámos sempre ao longo dela até ao porto de Fiungá.

E porque as agulhas aqui neste clima nordestearam, e as águas corriam ao norte, perdeu o piloto toda a estimativa da navegação, de maneira que já quando conheceu seu erro, ainda que por natureza marinhática o não quisesse confessar, tínhamos deixado o porto para onde íamos, sessenta léguas abaixo, pelo que com assaz de trabalho, por nos ficarem os ventos ponteiros, o tornámos a tomar dali a quinze dias, e com muito enfadamento e risco de nossas fazendas e vidas, porque toda aquela costa estava levantada contra o rei do Bungo, nosso amigo, e contra os habitadores dela, por serem muito amigos da lei do Senhor, que os nossos padres lá anunciam.

Surtos nós pela misericórdia de Deus na baía da cidade Fuchéu, de que já atrás fiz menção muitas vezes, que é a metrópole do reino do Bungo, e onde agora floresce a principal cristandade de todo o Japão, se assentou por parecer dos mais, que fosse eu à fortaleza de Osquy, onde tivemos por novas que el-rei então estava, e ainda que eu algum tanto receasse esta ida, porque a terra a este tempo estava levantada, todavia me foi forçoso aceitá-la, por mo pedirem todos geralmente com muita eficácia.

E fazendo-me logo prestes com mais quatro companheiros que levei comigo, depois que recebi um presente que D. Francisco, capitão da nau, mandava a el-rei, que valeria quinhentos cruzados, me parti da nau, e desembarcando no cais da cidade me fui a casa do Quansio andono, almirante do mar e capitão de Canafama, o qual me recebeu com mostras de muito gasalhado, que algum tanto me aliviou do receio que levava.

E dando-lhe eu conta do a que ia, lhe pedi que me mandasse prover de cavalos e gente que me levasse onde el-rei estava, o que ele logo fez muito mais largamente do que lhe eu pedia.

Partido eu da cidade, cheguei ao outro dia às nove horas a um lugar a que chamavam Fingau, que seria a um quarto de légua da fortaleza de Osquy, donde por um dos japões que levava comigo, mandei dizer ao Osquim dono, capitão dela, como eu era ali chegado, e que trazia uma embaixada do vice-rei da Índia para sua alteza, pelo que lhe pedia me mandasse dizer quando queria que lhe falasse; a que ele me respondeu logo por um seu filho, que a minha vinda com a de todos os meus companheiros fosse muito boa, e que já tinha mandado recado a el-rei, à ilha do Xeque, para onde fora antemanhã, com muita gente, a matar um grande peixe a que não sabia o nome, que do centro do mar ali viera ter com outra grande soma de peixes pequenos, e que por o ter cercado já num esteiro, lhe parecia que não poderia vir senão de noite, mas que do que sua alteza lhe respondesse, me mandaria logo recado, mas que entretanto descansasse noutras casas melhores em que me mandava aposentar, onde seria provido de tudo o necessário, porque toda aquela terra era tanto de el-rei de Portugal como Malaca, Cochim e Goa.

E um homem seu que já vinha para isso, nos agasalhou logo em um pagode a que chamavam Amidanxó, onde dos bonzos dele fomos banqueteados esplêndidamente. El-rei, logo que teve aviso de eu ser chegado, despediu logo daquela ilha onde estava no cerco daquele peixe, três funés de remo, e nelas um seu camareiro muito seu privado, que se chamava Oretandono, o qual já sobre a tarde chegou ao lugar onde eu estava, e indo logo ter comigo, depois que por palavras me disse o a que el-rei o mandara, tirou do seio uma carta sua, e beijando-a com as cerimónias e cortesias que entre eles se costumam, ma deu, a qual dizia assim:

«Estando eu agora ocupado num trabalho de muito meu gosto, soube da tua boa chegada a esse lugar onde estás com os mais companheiros que vêm contigo, de que tive

tamanho contentamento que te certifico que se não tivera jurado me não ir daqui até matar um grande peixe que tenho cercado, que muito depressa por minha pessoa te fora logo buscar, pelo que te rogo como bom amigo que já que por esta causa não posso ir, venhas tu logo nessa embarcação que te lá mando, porque com tu vires, e eu matar este peixe, será meu gosto perfeito.»

Vendo eu esta carta, me embarquei logo com todos os meus companheiros na funé em que vinha o Oretandono, e os moços com o presente nas outras duas, e por serem todas muito ligeiras e bem equipadas, em pouco mais de uma hora chegámos à ilha que estava dali a duas léguas e meia. E chegámos a ela ao tempo em que el-rei, com mais de duzentos homens todos com suas fisgas andavam em batéis atrás de uma grande baleia que na volta de um grandíssimo cardume de peixe, ali viera ter, o qual nome de baleia e o mesmo peixe em si, foi então entre eles muito novo e muito estranho, porque nunca tinham visto outro tal naquela terra.

Depois que foi morta e trazida fora à praia, foi o prazer de el-rei tamanho que a todos os pescadores que ali se acharam, libertou de um certo tributo que antes pagavam, e lhes deu nomes novos de homens nobres, e a alguns fidalgos que ali estavam, aceitos dele, acrescentou os ordenados que tinham, e aos guesos, que são como moços de câmara, mandou dar mil taéis de prata, e a mim me recebeu com a boca muito cheia de riso, e me perguntou miùdamente por muitas particularidades, a que eu respondi acrescentando muitas coisas que me perguntava, por me parecer que era assim necessário à reputação da nação portuguesa, e à conta em que até então naquela terra nos tinham, porque todos então tinham para si que só o rei de Portugal era o que com verdade se podia chamar monarca do mundo, tanto em terras, como em poder e tesouro, e por esta causa se faz naquela terra tanto caso da nossa amizade.

Acabado isto, se partiu logo desta ilha do Xeque para Osquy, e chegou a sua casa já com uma hora de noite, onde foi recebido de todos os seus com muita festa e regozijo ao seu modo, e lhe deram os parabéns de tão honroso feito como fora o daquela baleia, atribuindo a ele só o que os outros fizeram, que este prejudicial vício da adulação é tão natural das cortes e das casas dos príncipes, que até entre o barbarismo da gentilidade lhe não faltou seu lugar.

Despedindo estão el-rei toda a gente que o acompanhava, ceou recolhido com sua mulher e seus filhos, e não quis que homem nenhum por então o servisse, porque o banquete era à conta da rainha; porém ali nos mandou chamar a todos cinco, a casa de um seu tesoureiro onde já estávamos aposentados, e nos rogou que por amor dele quiséssemos perante ele comer com a mão, assim como fazíamos em nossa terra, porque folgaria a rainha de nos ver. E mandando-nos logo preparar a mesa muito abastada de iguarias muito limpas e bem guisadas, e servidas por mulheres muito formosas, nós nos entregámos todos no que nos punham diante, bem à nossa vontade; porém os ditos e galantarias que as damas nos diziam, e as zombarias que faziam de nós quando nos viram comer com a mão, foram de muito mor gosto para el-rei e para a rainha, que quantos autos lhes poderiam apresentar, porque como toda esta gente costuma comer com dois paus, como já por vezes tenho dito, tem por muito grande sujidade fazê-lo com a mão, como nós costumamos.

Então uma filha de el-rei, moça já de catorze até quinze anos, e muito formosa, pediu licença a sua mãe para uma certa farsa que seis ou sete queriam fazer sobre a matéria de que se tratava, e a rainha com consentimento de el-rei lha concedeu. Entrando então elas para dentro de outra casa, se detiveram um pequeno espaço, e as que ficaram fora se desenfadaram entretanto bem à nossa custa,

com muitas graças e zombarias, de que todos estávamos bem corridos, pelo menos os quatro, por serem mais novéis e não entenderem a língua, porque eu já em Tanixumá tinha visto outra farsa que se teve com portugueses, semelhante a esta, e por algumas vezes as tinha visto também noutras partes.

Estando nós no meio desta afronta, porém sofrendo já melhor a zombaria pelo gosto que víamos que el-rei e a rainha tinham dela, saiu de dentro a princesa muito formosa em trajo de mercador, com um terçado de chaparia de ouro na cinta, e tudo o mais muito apropriado ao que representava, e pondo-se de joelhos diante de el-rei seu pai, com o acatamento devido, lhe disse:

— Poderoso rei e senhor, ainda que este meu atrevimento seja digno de grande castigo, pela desigualdade que Deus quis que houvesse entre vossa alteza e minha baixeza, a necessidade em que me vejo me faz não pôr diante este inconveniente de que me poderia temer, porque como eu sou já velho e tenho muitos filhos, de quatro mulheres com que fui casado, e em minha quantidade muito pobre, desejando como pai que sou, os deixar amparados, pedi por meus amigos que me ajudassem com seus empréstimos, que alguns me concederam, e fazendo eu emprego numa certa fazenda que por meus pecados não pude vender em todo o Japão, determinei de a trocar por qualquer coisa que me dessem por ela. E queixando-me eu disto a alguns meus amigos no Miacó donde venho, me certificaram que só vossa alteza me podia nisto agora ser bom, pelo que, senhor, lhe peço que havendo respeito a estas cãs e a esta velhice, e a ter eu muitos filhos e muita pobreza, me queira valer em meu desespero, porque nisto que lhe peço, a mim fará grande esmola, e aos chenchicos que agora vieram nesta nau grande mercê, porque esta minha mercadoria lhes serve a eles mais que a outrem ninguém, pelo grande aleijão em que se vêem continuamente.

Enquanto durou esta prática, el-rei e a rainha se não podiam ter com riso, vendo que aquele mercador tão velho, com tantas cãs, tantos filhos, e tanta necessidade, era a princesa sua filha muito moça e muito formosa. El-rei, contudo, detendo o riso um pouco, lhe respondeu com muita gravidade que mandasse trazer a amostra da fazenda que trazia, e que se fosse coisa que nos servisse, ele nos rogaria que lha comprássemos; a que ela, fazendo uma grande mesura, se tornou a recolher para dentro.

Nós até então estávamos tão embaraçados com o que víamos, que não sabíamos determinar o que seria. As mulheres que estavam na casa, que seriam mais de sessenta, sem haver ali outro homem mais que nós os cinco companheiros sòmente, se começaram a confranger todas, e a acotovelar-se umas às outras, e a fazer entre si algum rumor com um riso baixo e calado; porém aquietando-se logo este, o mercador tornou a sair de dentro com as amostras da fazenda, as quais traziam seis moças muito ricamente vestidas, em trajos de homens mercadores, com seus terçados e adagas de ouro na cinta, e de aspectos graves e autorizados, porque todas eram filhas dos principais senhores do reino, que a princesa escolhera para a ajudarem nesta farsa que quis representar a el-rei e à rainha.

Estas seis traziam aos ombros cada uma seu envoltório de tafetá verde, e fingindo todos seis serem filhos daquele mercador, vinham passando numa dança ao seu modo, muito bem concertada, ao som de duas harpas e uma viola de arco, e de quando em quando diziam em trovas com falas muito suaves e muito para folgar de ouvir: «Alto e rico senhor da riqueza, por quem és, te lembra da nossa pobreza. Somos miseráveis em terra estrangeira, desprezados da gente por nossa orfandade, com desprezos e grandes afrontas, pelo que, senhor, te pedimos que por quem és, te lembres da nossa pobreza.» E assim a este modo, que na sua língua eram trovas muito bem feitas, disseram mais

outras duas ou três, repetindo sempre no fim de cada uma delas, «por quem és, te lembra da nossa pobreza». Acabada a dança e a música, se puseram todos de joelhos diante de el-rei, e depois que o mercador com outra prática muito bem concertada lhe deu as graças da mercê que lhe queria fazer, de lhe fazer vender aquela fazenda, os seis desembrulharam os envoltórios que traziam, e deixaram cair na casa uma grande soma de braços de pau, como os que cá se oferecem a Santo Amaro, dizendo o mercador com muita graça e com palavras muito discretas que pois a natureza dos nossos pecados nos sujeitara a nós outros a miséria tão suja, que necessàriamente as nossas mãos haviam sempre de andar fedendo ao peixe ou à carne, ou ao mais que comíamos com elas, nos servia muito aquela mercadoria, porque enquanto nos servissem umas mãos, se lavariam as outras.

A qual coisa el-rei e a rainha festejaram com muito riso, e nós todos cinco estávamos tão corridos que entendendo-o el-rei, nos pediu muitos perdões dizendo que para que a princesa sua filha visse que tamanho bem ele queria aos portugueses, lhe dera aquele pequeno passatempo, de que nós sòmente como irmãos seus fôramos participantes. A que nós respondemos que Deus Nosso Senhor pagasse por nós a sua alteza aquela honra e mercê que nos fazia, que nós confessávamos como muito grande, e assim o publicaríamos por todo o mundo, enquanto vivêssemos. O que ele, e a rainha, e a princesa vestida ainda em trajos de mercador nos agradeceram com muitas palavras ao seu modo. E a princesa nos disse:

— Pois se o vosso Deus me quisesse tomar por sua criada, ainda lhe eu faria outras farsas muito melhores e de mais seu gosto que esta, mas eu confio que ele se não esqueça de mim.

A que nós todos postos de joelhos, e beijando-lhe o quimono que tinha vestido, respondemos que assim o esperá-

vamos dele, e que fazendo-se ela cristã a havíamos de ver rainha de Portugal, de que a rainha sua mãe e ela se riram muito. E despedindo-nos por então de el-rei, nos tornámos à casa onde estávamos aposentados, e quando foi manhã nos mandou logo chamar, e se informou miùdamente da vinda dos padres, da tenção do vice-rei, da carta, da nau, das mercadorias que trazia, e de outras muitas particularidades em que se gastaram mais de quatro horas, e me despediu dizendo que dali a seis dias se havia de ir para a cidade, e que lá lhe daria a carta e se veria com o padre, e responderia a tudo.

224

da maneira como el-rei do bungo recebeu a embaixada do vice-rei da índia

Passados os seis dias, el-rei se abalou da fortaleza de Osquy para a cidade Fuchéu, acompanhado de muita e muito nobre gente em que entrava uma guarda de seiscentos homens a pé e duzentos a cavalo, que mostravam grande majestade, onde chegado, todo o povo o recebeu com muitas festas e muitos regozijos, e farsas e invenções ao seu modo, muito custosas.

Ele se foi aposentar em uns paços que aí tinha muito nobres e muito sumptuosos. Logo ao outro dia me mandou chamar e me disse que lhe levasse a carta do vice-rei, porque a outra coisa não viera senão a isso, e que depois que a visse, falaria com o padre mestre Belchior no que mais relevasse.

Eu me tornei logo para casa, e me fiz prestes de tudo o que convinha, e logo que foram as duas horas depois do meio-dia, el-rei me mandou buscar pelo quansio nafama, capitão da cidade, com mais quatro homens dos principais da corte, os quais acompanhados de muita gente me levaram ao paço, porém eles e eu com os quarenta portugueses íamos a pé, por ser assim seu costume, e todas as ruas por onde passámos estavam muito limpas e bem concertadas, e com tanta quantidade de gente que os nautarões, que eram porteiros com bastões ferrados, tinham assaz que fazer em nos fazerem o caminho. As peças do presente levavam três portugueses a cavalo, e um pouco atrás deles iam outros dois ginetes muito formosos com cobertas e armas como de justa.

Chegando nós ao primeiro terreiro do paço, achámos nele el-rei que estava em um bailéu ou cadafalso que para isso se mandara fazer, acompanhado de todos os nobres do reino, e entre eles os embaixadores de reinos estranhos, um de el-rei dos Léquios, outro do Cauchim e ilha de Tosa, e outro do cubucamá, imperador do Miocó. E por fora quanto tomava toda a grandeza do terreiro, estavam passante de mil arcabuzeiros, e quatrocentos homens de bons cavalos acobertados, e fora estes a gente do povo que, como digo, não tinha conto. Chegado eu com os quarenta portugueses que iam comigo, ao bailéu onde el-rei estava, lhe fizemos todos as cerimónias e cortesias que em tal auto se lhe costumam fazer. E eu, chegando-me a ele lhe dei a carta que levava do vice-rei, a qual ele, posto em pé, me tomou da mão, e tornando-se a sentar a deu a um seu quansio gritau, que é como secretário, e este a leu em voz alta para que todos a ouvissem.

E depois de lida, me perguntou perante os três embaixadores e os príncipes de que estava acompanhado, por algumas coisas que por curiosidade quis saber desta nossa Europa, uma das quais foi quantos homens armados, de

todas as armas, e em cavalos acobertados como aqueles, punha el-rei de Portugal em campo. E eu, receando mentir--lhe, confesso que me embaracei na resposta, o que vendo, um dos meus companheiros que estava junto de mim, tomando a mão, lhe respondeu que cento até cento e vinte mil, de que o rei ficou muito espantado, e eu muito mais. El-rei então parece que gostando das grandiosas respostas que este português lhe dava, instou com ele em perguntas mais de meia hora, ficando ele e todos os que estavam presentes, assaz maravilhados de tamanhas grandezas. E disse para os seus:

— Certifico-vos em lei de verdade que nenhuma coisa folgava agora mais de ver, que a monarquia desta grande terra de que tamanhas grandezas tenho ouvido, tanto de tesouros como de multidão de navios no mar, porque com isso viveria em minha vida sempre muito contente.

E despedindo-me ele então, e aos outros que vinham comigo, me disse:

— Quando te parecer bem, podes dizer ao padre que me venha ver, porque aqui me achará prestes para o ouvir, e a todos os mais que trouxer consigo.

225

como o padre mestre belchior se viu com el-rei do bungo, e do que se passou com ele, e da resposta que el-rei me deu da embaixada que lhe levei

Recolhido eu para a casa onde pousava, dei conta ao padre Belchior, do gasalhado com que el-rei me recebera, e de tudo o mais que se passara com ele, e de quão alvoroçado estava para o ver, pelo que me parecia bem, já que ali estavam todos os portugueses juntos e vestidos de festa, que o devia ir logo ver, o que lhe a ele pareceu bem, e aos outros padres que aí estavam. E aparelhando-se de algumas coisas exteriores necessárias à reputação de sua pessoa, abalou da igreja acompanhado dos quarenta portugueses, todos muito bem vestidos com seus colares e cadeias de ouro grossas a tiracolo, e quatro meninos órfãos com lobas e chapéus de tafetá branco, com cruzes de seda nos peitos, e o irmão João Fernandes para intérprete do que se havia de falar.

Chegando ao primeiro terreiro das casas de el-rei, o estavam já ali esperando alguns senhores, os quais com muitas cortesias e mostras de amor o meteram em uma casa onde el-rei estava já esperando por ele, o qual com semblante alegre o tomou pela mão e lhe disse:

— Crê de mim, padre estrangeiro, que só a este dia posso com verdade chamar meu, pelo grande gosto que tenho de te ver diante de meus olhos, porque me parece que vejo

o padre Francisco santo a quem eu queria como à minha própria pessoa.

E entrando com ele para outra casa que estava mais adiante e ricamente preparada, o sentou junto de si; e aos quatro meninos, por ser coisa nova e nunca vista naquela terra, fez também muito gasalhado.

O padre lhe deu as graças conforme as muitas e grandes honras que dele recebia, da maneira que entre eles se costuma, que o irmão João Fernandes já lhe tinha ensinado. E após isso lhe tratou logo do principal intento da sua vinda, que era mandá-lo o vice-rei para o servir e mostrar-lhe o caminho certo da sua salvação, que lhe el-rei com os meneios do rosto e com a inclinação da cabeça, mostrou que agradecia. E discorrendo o padre adiante por uma santa prática a modo de sermão, que já para isso levava estudada, lhe foi tratando nela de tudo o que convinha. A que el-rei respondeu:

—Não sei com que palavras te encareça, padre bem-aventurado, o muito gosto que tenho de te ver nesta casa, e assim tudo o mais que minhas orelhas te têm ouvido, a que agora não respondo por estar o tempo da maneira que terás sabido, pelo que te rogo muito que já que te Deus aqui trouxe, queiras descansar do trabalho que por seu serviço tens levado. E quanto ao que o vice-rei me escreve acerca do que lhe escrevi por António Ferreira, ainda agora me não desdigo, porém o tempo agora ao presente está de maneira que temo muito que, se meus vassalos virem em mim alguma mudança, lhes pareça bem o conselho dos bonzos, tanto mais que bem sei que já pelos padres que aqui estão, deves ter sabido quão arriscado estou nesta terra, pelo que aconteceu nos alevantamentos passados, em que corri tanto perigo quanto outro homem nenhum correu, pelo que me foi necessário, para segurar minha pessoa, matar uma manhã treze senhores, os principais do reino, com dezasseis

mil da sua consulta e conjuração, fora quase outros tantos que desterrei e me fugiram. Mas se Deus nalguma hora me der o que minha alma lhe pede, não será muito condescender com o que o vice-rei na sua carta me aconselha.

O padre lhe tornou que muito satisfeito estava do seu bom propósito, mas que se lembrasse que a vida não estava na mão dos homens, pois todos eram mortais, e que se ele acertasse de morrer antes de o efectuar, onde iria a sua alma?

A que ele sorrindo-se, disse:

—Deus o sabe.

Vendo o padre que el-rei por então lhe não respondia com mais que com boas palavras e bons ditos, sem querer tomar conclusão no que tanto lhe importava, dissimulou com ele e lhe falou noutra coisa de que enxergou nele que tinha mais gosto. E passando assim com o padre um grande pedaço da noite em perguntas de coisas novas, a que era muito afeiçoado, o despediu com palavras honrosas e bem concertadas, pondo-lhe a esperança de se fazer cristão um pouco ao longe, de que a causa ficou por então bem entendida por todos.

Ao outro dia, às duas horas depois da tarde, o padre se tornou a ver com el-rei, e deixando de parte o muito gasalhado que lhe fez, como costumou sempre, no mais de que se tratava com ele nunca falou a propósito, mas tornando-se dali da cidade para a sua fortaleza de Osquy, lhe mandou dizer que se ficasse em boa hora, e que lhe rogava que não deixasse de o ver dali a alguns dias, porque gostava muito de falar das grandezas de Deus, e da perfeição da sua lei.

Passados mais dois meses e meio em que el-rei neste caso não deu mais de si que sòmente algumas esperanças, acom-

panhadas às vezes de algumas desculpas que ao padre não satisfizeram, lhe pareceu bem ao padre tornar-se para a Índia, tanto para cumprir com a obrigação do seu cargo, como por outras razões que para isso o moveram. Juntou-se também a isto, vir-lhe uma carta, pela via de Firando, que um tal Guilherme Pereira lhe trouxe de Malaca, pela qual teve novas que viera um seu irmão deste reino, de nome João Nunes, por patriarca do Preste João, o que também fez nele um grande abalo, por lhe parecer que indo com ele, faria lá na Etiópia muito mais fruto que ali, onde estava já desenganado de que por então se perdia o tempo e o trabalho. Porém este seu bom intento também não teve efeito, por ser o império do Preste João naquele tempo senhoreado por el-rei de Zeila, com favor do turco, e se recolher com poucos dos seus às serras de Tigremahom, onde morreu de peçonha que os mouros lhe deram. E sucedendo-lhe nesse pouco que ainda lhe ficara do império, o seu filho mais velho que se chamava David, fez patriarca um tal Alexandrino que fora seu mestre, o qual era cismático, e tão contumaz nos seus erros, que pregava pùblicamente que só ele naquela lei que seguia, era o verdadeiro cristão, e não o Sumo Pontífice; e desta maneira se passaram os cinco anos das governanças de Francisco Barreto e de D. Constantino, em que nenhuma destas coisas teve efeito, e os padres irmãos morreram ambos, um em Goa e outro em Cochim, sem até agora mais se efectuar coisa que tocasse à salvação dos abexins, nem creio que se efectuará se Deus Nosso Senhor milagrosamente o não ordenar, pelo mau vizinho que temos no turco, naquele estreito de Meca.

Eu, vendo na cidade Fuchéu andar o negócio dos padres nestes termos, e o padre Belchior já quase embarcado de todo na nau, me fui a Osquy ver com el-rei, e lhe pedi a resposta da carta que lhe trouxera do vice-rei, a qual me ele deu logo porque a tinha já feita, e por retorno do presente, lhe mandou umas armas ricas, e dois terçados de

ouro, e cem abanos léquios, a qual carta que era feita por ele, dizia assim:

«Senhor vice-rei da majestade honrosa, sentado no trono dos que fazem justiça por poderio de ceptro, eu, Yaretandono, rei do Bungo, lhe faço saber que a esta minha cidade Fuchéu veio a mim de seu mandado, Fernão Mendes Pinto com uma carta de sua real senhoria, e um presente de armas e de outras peças muito agradáveis à minha tenção, que muito estimei por serem da terra do cabo do mundo, de nome Chenchicogim, onde por poderio de armas muito grossas, e exércitos de gentes de diversas nações, reina o leão coroado do grande Portugal, por cujo servidor e vassalo me dou de hoje em diante, com lealdade de amigo tão verdadeiro e doce como o cantar da sereia na tormenta do mar, pelo que lhe peço por mercê, que enquanto o sol não discrepar do efeito para que Deus o criou, nem a água do mar deixar de subir e descer pelas praias da terra, se não esqueça desta homenagem que por ele mando fazer ao seu Rei e irmão meu mais velho, por cujo respeito esta minha obediência fique, como confio que sempre será, e essas armas que lhe mando, tomará por sinal e prenda de minha verdade, como entre nós, os reis do Japão, se costuma. Desta minha fortaleza de Osquy, aos nove mamocos da terceira lua dos trinta e sete anos de minha idade.»

Com esta carta e presente me tornei à nau que estava surta dali a duas léguas, no porto de Xeque, onde achei já embarcado o padre mestre Belchior com todos os mais da sua Companhia, e daí nos partimos ao outro dia, que foi a 14 de Novembro do ano de 1556.

226

do que passei depois que partimos deste porto de xeque até chegar à índia, e daí a este reino

Velejando nós deste porto do Xeque por nossa rota, com ventos nortes de monção tendente, chegámos a Lampacau aos quatro de Dezembro, onde achámos seis naus portuguesas, de que era capitão-mor um mercador que se chamava Francisco Martins, feitor de Francisco Barreto que então governava o Estado da Índia por sucessão de D. Pedro Mascarenhas. E porque já a este tempo a monção da Índia era já quase gasta, não fez aqui o nosso capitão D. Francisco Mascarenhas mais detença que enquanto se proveu de mantimentos para a viagem.

Deste porto de Lampacau partimos na primeira oitava do Natal, e chegámos a Goa aos dezassete de Fevereiro, onde logo dei conta a Francisco Barreto da carta que trazia do rei do Japão, e ele me mandou que lha levasse ao outro dia, e eu lha levei com as armas, e terçados, e com as mais peças do presente que levava.

Ele depois que esteve vendo tudo muito devagar, me disse:

— Certifico-vos em toda a verdade que tanto prezo estas armas e peças que me agora trouxeste, como a própria governança da Índia, porque com elas e com esta carta de el-rei do Japão, espero agradar tanto a el-rei nosso senhor que, depois de Deus, elas me livrem do castelo de Lisboa, onde os mais dos que governamos este Estado vamos desembarcar, por nossos pecados.

E em satisfação deste trabalho e dos gastos que tinha feito de minha fazenda, me fez muitos oferecimentos que eu por então lhe não quis aceitar, mas justifiquei perante ele, por documentos e testemunhas de vista, quantas vezes por serviço de el-rei nosso senhor, eu fora cativo e minha fazenda roubada, parecendo-me que isso só bastaria para que nesta minha pátria se não negasse o que por meus serviços eu cuidei que me era devido.

Ele me mandou passar um documento de todas estas coisas, e juntou a ele as mais certidões que lhe apresentei, e me deu uma carta para sua alteza, com o que me fez tão certo sobejar-me cá a satisfação destes serviços, que confiado eu nestas esperanças e na razão tão clara que eu então cuidava que tinha por minha parte, me embarquei para este reino, tão contente e tão ufano com os papéis que trazia, que tinha para mim que aquele era o melhor cabedal que trazia de meu, porque estava persuadido que me não tardaria mais a mercê, que enquanto a não requeresse.

Prouve a Nosso Senhor que cheguei a salvamento à cidade de Lisboa, aos vinte e dois de Setembro do ano de 1558, governando então este reino a rainha Dona Catarina, nossa senhora que santa glória haja, a quem dei a carta que lhe trazia do governador da Índia, e lhe relatei por palavras tudo o que me pareceu que fazia a bem do meu negócio. Ela me remeteu ao oficial que então tinha a cargo tratar destes negócios, o qual com boas palavras e melhores esperanças, que eu então tinha por muito certas, pelo que me ele dizia, me teve os tristes papéis quatro anos e meio, no fim dos quais não tirei outro fruto senão os trabalhos e pesadumes que passei no requerimento, que não sei se diga que me foram mais pesados que quantos passei no decurso do tempo atrás.

E vendo eu quão pouco me fundiam tanto os trabalhos e serviços passados, como o requerimento presente, determi-

nei de me recolher com essa miséria que trouxera comigo, adquirida por meio de muitos trabalhos e infortúnios, e que era o resto do que tinha gasto em serviço deste reino, e deixar o feito à justiça divina, o que logo pus em obra, pesando-me ainda por que o não fizera mais cedo, porque se assim o fizesse, quiçá me pouparia nisso um bom pedaço de fazenda.

E nisto vieram a parar meus serviços de vinte e um anos, nos quais fui treze vezes cativo e dezasseis vendido, por causa dos desventurados sucessos que atrás no decurso desta minha tão longa peregrinação, largamente deixo contados.

Mas ainda que isto seja assim, não deixo de entender que ficar eu sem a satisfação que pretendia por tantos trabalhos e por tantos serviços, procedeu mais da providência divina que o permitiu assim por meus pecados, que de descuido ou falta alguma que houvesse em quem por ordem do céu tinha a seu cargo satisfazer-me, porque como eu em todos os reis deste reino (que são a fonte limpa donde emanam as satisfações, ainda que às vezes por canos mais afeiçoados que arrazoados) enxerguei sempre um zelo santo e agradecido, e um desejo larguíssimo e grandioso, não sòmente para galardoar a quem os serve, mas também para fazer muitas mercês ainda a quem os não serve, daqui se entende claramente que se eu e os outros tão desamparados como eu ficámos sem a satisfação dos nossos serviços, foi sòmente por culpa dos canos e não da fonte, ou antes, foi ordem da justiça divina, em que não pode haver erro, a qual dispõe todas as coisas como lhe melhor parece, e como a nós mais nos cumpre. Pelo que eu dou muitas graças ao Rei do céu, que quis que por esta via se cumprisse em mim a sua divina vontade, e não me queixo dos reis da terra, pois eu não mereci mais, por meus grandes pecados.

assinaturas de fernão mendes pinto
arquivos da santa casa da misericórdia, almada

peregrinação

______________ *fim*

FERNÃO MENDES PINTO

peregrinação

EDIÇÕES AFRODITE
fernando ribeiro de mello

peregrinação

glossário

acondiçoada — disposta.

adarga — espécie de escudo formado de várias chapas ou placas de couro.

aderência — protecção.

afanchonado — com modos de fanchono.

águia — peça de artilharia.

alardo — resenha de gente de guerra.

alcá — moeda ou peso de ouro, então do valor de 12 cruzados.

alcatrate — certa peça que cobre a borda dos navios antigos de madeira.

angelim — árvore da Índia e do Brasil, de madeira boa para construções.

apelidar — chamar em socorro.

apercebida — apetrechada.

apertado — avarento.

arção — peça de madeira, em arco, que faz parte da sela.

b

bainhá — título, entre alguns povos da Índia sínica.
banda (de porcos) — vara de porcos.
bétere — planta sarmentosa de que os orientais mascam as folhas com certa mistura. O mesmo que bétel ou bétele.
biça — peso de ouro, que valia 500 cruzados.
binaigá — tribuna ou sólio em certo reino oriental.
bragueiro — cabo ou corda com que se prende, liga ou segura qualquer coisa.
busano — gusano, verme.

c

cabilda — tribo, bando, quadrilha.
cacho — extracto de madeira.
caluete — pau aguçado numa das extremidades, que se introduz à força pelo ânus, a fim de empalar qualquer pessoa. Castigo usado em todo o Oriente e nos países muçulmanos.
câmara de sangue — diarreia sanguínea.
camelete — peça de artilharia.
canafístula — nome de planta faseolácea.
candim — peso equivalente a quatro quintais.
capoeira (capoeira de convés) — cobertura.
cardamomo — planta amomácea.
castelo — Superstrutura no convés de certa embarcação.
catur — pequena embarcação de vela, existente na China, outrora.
caulanges — instrumentos de música.
charana — vaso, como travessa, para nele se servir qualquer iguaria.
chautar — fazenda fina de seda.
chaveca — dia, hora do dia.
chircá — juiz superior.
chisangués — espécie de superior, prior ou vigário.
co — pancada leve com a mão.
coado — pálido.
cochonilha — substância corante fornecida pelo insecto com este nome.
conderim — peso equivalente a 1/20 do maz.
contínuo (de) — continuamente.
corça — espécie de gaiola de vime, verga ou outra sorte de tecido de hastes vegetais secas.
cossolete — espécie de couraça leve de metal.
cuchimiacó — assinado, vale, espécie de letra.

d

datil — tâmara.
desapercebido — desprevenido.
devassa — relatório.
divão — tesouro público.

e

entena (náut.) — verga comprida presa obliquamente ao mastro.
escamonear — embezerrar.
esgarrão (tempo) — ventos contrários e violentos, que fazem os navios desviarem-se das carreiras que devem seguir.
esquecimento — marca, cicatriz.
estipêndio — paga, esmola.
estopadas de ovos — porção de estopas embebidas em ovos.

f

facharão — espécie de peregrino.
fancatão — fidalgo, personagem distinta.
fragueirice — rudeza.
frouxel — macieza.
funce — funé — embarcação pequena de remo, no Japão.

g

galernos (ventos) — ventos moderados do noroeste.
gomia — adaga, espada curta, direita, forte, de um ou dois gumes e ponta.
gromenare — cumprimento, saudação própria de filho a pai, saudação japonesa.
gualdrapa — grande aba de um casaco.

h

hurfangá — espécie de mitra, ou touca usada na Índia.

i

inclinado (bem) — bondoso.
íngreme — só, sem auxílio.

j

japões — japoneses.
jatemar — certa árvore de boa madeira.
jogue — fanático da India, que se entrega à prática de penitências absurdas.

l

lagartixa (lagartixa de bronze) — pequeno canhão.
larim — moeda proveniente da cidade de Lará no Golfo Pérsico, e então de valor de 50 a 60 réis.
lauguá — embarcação pequena de remo.
loba de chamalote — veste roçagante de lã.
logo — já.

m

maça — (antigo) — especiaria.
malavindos — zangados.
matraca (dar) — dar vaias, dirigir insultos.
merceeiro — pessoa a quem se dava casa, com obrigações de rezar pelos defuntos, pedir saúde para outrem, etc.
minhoto — ave.
moçafo — livro ou volume do Alcorão.
molinete — carretel.
moneta — vela pequena.
mutra — selo, sinete, ou a impressão dele.

n

necessária — retrete, latrina.
nojo — dor, luto.
novamente — pela primeira vez.

O

olheiro — guardião.
ostaga (náut.) — cabo para arriar ou içar as vergas da gávea.
ourique, ou ourinque — cabo que prende a âncora e a bóia.

P

pudês — espécie de escudo.
panha — vegetal que dá uns casulos de felpa muito alva e fina.
panouras — espadas grandes que se colocavam nas trombas dos elefantes.
parcel — região marítima com pequena profundidade; escolho, recife.
pareias — o mesmo que párias.
párias — tributo de reconhecimento ou vassalagem.
passeivão — terreiro ou pátio de casa ou palácio.
patola — chapa ou faixa de seda; tecido com lavores.
peita — tributo que antigamente pagavam os que não eram fidalgos.
piçarra — cascalho, terra miúda.
pico — antigo peso da China.
pivetes — pequenos rolos de droga aromática, a que se deita fogo para perfumar.
poitão — madeira de árvore com este nome.
postema — abcesso, ou mal grave.
prateleiro — prateleira com ossos de finados. O mesmo que sagirave.
precatório — espécie de carta de um juiz a outro juiz para efeitos de cumprimento de certas diligências judiciais.
prepau (náut.) — pau junto do mastro, que atravessa as escoteiras da *gávea*.
pucho — raiz de certa planta medicinal que se encontra em algumas regiões da Ásia Central.

r

ramal (de contas) — colar.
raudiva — trajo de cetim ou seda, espécie de cambaia ou quimono.
restinga — baixo de areia, no mar.
revessas — correntes contrárias de um rio.
roçamalha — droga proveniente de uma espécie de árvore da Ásia Menor.
rolim — dignidade suprema do seu sacerdócio.

s

sagirave — ver prateleiro.
saligues — paus tostados.
savastro — adorno.
segure — ferramenta com que os tanoeiros preparam as aduelas.
seró — embarcação pequena de remo.
siame — o mesmo que siamês.
sobejidão — fartura.
sói (se sói) — se costuma.
surdir — seguir.

T

taficira — tecido de seda da India.
talabarte — cinturão, boldrié.
talingada — atada.
tamarindo — árvore leguminosa.
tanchagem — plantas vivazes, usadas em medicina.
tanga — moeda asiática que valia pouco mais ou menos 52 réis.
terivó — festa, sacrifício, festividade.
traquete — a maior vela do mastro ou proa.
trevite — droga medicinal usada pelos médicos orientais.
turma — espécie de peso ou moeda que valia mais ou menos 20 cruzados.
turvação — perturbação.

V

vagarau — espécie de chefe superior militar.
varela — templo, pagode.
veação — caça grossa.

X

xivalém — capitão, chefe.

Z

zorreiras — ronceiras, vagarosas.

peregrinação

comentários

a «peregrinação» e a crítica cultural indirecta

Ho Padre Mestre Belchior me mandou q̃ assi de minha vida como de algũas cosas q̃ ca tenho vistas lhe escrevesse mui largo. Eu o farei não como devo senão como entẽder.

Carta / 1554

De uma maneira geral a historiografia de raiz ibérica sofre de uma incapacidade que dir-se-ia congenital. Herdeira de longos séculos de hagiografismo, só por excepção ultrapassa o estádio apologético. *E o pior não é esse panegirismo agressivo ou inconsciente, mas a perfeita boa consciência que nele se respira. Que se trate de História pròpriamente dita ou de História da Cultura, as obras mais representativas nesses domínios parece terem por único fim mostrar a excelência, senão a* unicidade *enquanto valor incomparável, do «objecto» de que se ocupam. Essa necessidade de exaltação, ou de simples afirmação da existência com valor exemplar, é típico de uma Cultura complexada. Ou antes, que assim se tornou, pois o mais insólito não é verificar esse apologetismo mas o facto de que ele se exerce sobre épocas ou obras que não tiveram necessidade dele.*

O racionalismo historiográfico é uma chaga demasiado funda e larga para sarar em pouco tempo. A nova geração de historiadores e críticos da cultura começa apenas a sair de um labirinto que se confunde com as voltas e reviravoltas do itinerário histórico do espírito hispânico. Mas no que diz respeito às gerações anteriores, a obra de um Menendez Pidal sobre Las Casas, ou a do historiador das Descobertas Jaime Cortesão, oferecem-nos amostras arquétipos de histo-

riografia apologética. Claro está, uma tal empresa não tem a ingenuidade de se apresentar como tal, o que a tornaria então realmente «inocente», como no tempo dos cronistas alcobacences. Pelo contrário, apresenta-se até inspirada pelos altos ideais do liberalismo ou do progressismo, se a consideramos sob o ângulo ideológico, ou obediente às regras comuns da investigação «objectiva» se a consideramos sob o ponto de vista do método. É por isso que a surpresa — e até o escândalo — é de monta ao darmo-nos conta que se trata afinal de uma apologia cultural hiper-nacionalista sob cobertura de «objectividade».

Este agressivo intróito pareceu-nos necessário para bem situar a interpretação (uma entre outras, aliás raras) e os juízos de valor de que a famigérrima crónica de aventuras e viagens de Fernão Mendes Pinto é ocasião sob a pluma de Jaime Cortesão. O título do volume em que o estudo sobre A Peregrinação se inclui é já todo um programa. Intitula-se: O humanismo universalista dos portugueses, e pode, só por si, definir o sentido de toda a empresa historiográfica de Jaime Cortesão. Nenhuma página saiu da sua pena, cujo objectivo não fosse o de mostrar que os portugueses ou o Português, e eles só (pois mesmo os «nuestros hermanos» são pecadores a seus olhos...) foram os actores, os portadores, os sujeitos da única verdadeira forma do humanismo cultural e civilizacional da história moderna. Segundo Jaime Cortesão um tal humanismo articula-se segundo duas vertentes: comportamento democrático no plano das relações humanas e atitude franciscana no plano da visão do mundo e em particular no da religiosidade. Em apoio da sua tese, com uma constância nunca desmentida, antes reforçada à medida que a ameaça sobre o Império Colonial português se precisava, Jaime Corteesão refaz toda a história da Cultura Portuguesa, servindo-se de exemplos privilegiados. Não é nosso propósito, aqui, examinar essa historiografia nacionalista e romântica, subjectivamente motivada por uma inspiração de grande nobreza, mas ver como Jaime Cortesão procede a respeito de um desses exemplos privilegiados.

Escolhendo A Peregrinação para explorar a sua concepção do «Humanismo universalista português», Jaime Cortesão não escolheu apenas um entre tais exemplos, mas o mais privilegiado de todos. A narrativa das aventuras de Mendes Pinto destaca-se, com efeito, suficientemente — embora talvez não tanto como se diz — do conjunto imenso das narrações portuguesas de viagens, para merecer a sua inclusão no horizonte tradicional da literatura.

De uma maneira geral, ou pelo fundo ou pela forma, a maioria dessa massa de narrações suscitadas pelas Descobertas e suas consequências, não tem autêntico sujeito. A objectividade ou objectivismo do relato, o seu confessado utilitarismo reenviam esses escritos para a categoria dos relatórios e, no melhor dos casos, do jornalismo mais ou menos etnográfico. A matéria desenrola-se diante de um observador que é uma testemunha, senão neutra, mais ou menos passiva. É bem raro que a consciência do narrador integre esta matéria — muitas vezes de uma riqueza extraordinária — em horizonte diverso do já definido há muito como crónica e sem a vantagem desta que a sabia inscrever numa esfera heráldica, exemplarista, dando-lhe assim uma espécie de universalidade simbólica. Ora, não é o caso da Peregrinação.

A obra de F. M. Pinto é uma obra pessoal, não só porque o autor é a personagem com a plena consciência disso, mas porque toda a narrativa é atravessada por uma intenção evidente, embora sujeita a discussão, como veremos. É essa intenção que eleva a matéria de facto prodigiosa (mas nem mais, nem talvez tanto como as de um Marco Pólo ou de Cabeza de Vaca) a uma significação cultural, além da especìficamente literária, à qual as qualidades for-

mais bastam para lhe dar esse direito. F. M. Pinto é talvez o único (entre os portugueses) nessa legião de viajantes ou aventureiros a ter consciência de ter vivido não só uma aventura no sentido vital do termo, pois quase todos a tiveram, mas uma aventura num sentido, por assim dizer, já «literário», quer dizer, uma experiência que no momento mesmo em que é vivida (e ainda mais recriada) se revela como algo de fabuloso e irreal. F. M. Pinto teve a tal ponto esse sentimento que ao longo de toda A Peregrinação volve sem cessar, como no «leit motif», o sarcasmo ferido a respeito daqueles que ficaram em casa, confinados no seu horizonte natal, e estão dispostos a tomar este relato por um tecido de fábulas ou de mentiras, o que de facto virá a suceder.

Uma comparação com Bernal Diaz del Castillo mostra-nos ao vivo o que separa uma crónica, das mais vivas e vividas que se podem ler e incidindo igualmente sobre acontecimentos mais fabulosos ainda que os da China e do Pegu, e a narrativa de A Peregrinação que nós não podemos quase ler senão na óptica de um romance, como bem viu António José Saraiva. Para Bernal Diaz a vista — ou visão — de Tenochtitlan (México) provoca-lhe um assombro maravilhado, talvez superior ao que provocam em F. M. Pinto as riquezas e estranhezas da China misteriosa, mas Bernal Diaz tradu-lo reenviando-o aos livros de cavalaria. Ele mesmo, bom realista espanhol, não se toma por cavaleiro, se assim se pode dizer a respeito de quem militarmente o não era. Com F. M. Pinto nós temos a experiência inversa, tal como os leitores a ressentem diante das suas páginas: o assombro, o espanto maravilhado, são bem menos, aquele objectivo, materializado nos palácios, templos ou costumes fascinantes e estranhos, que o espanto de si mesmo no meio e no centro do que é assombroso. A presença do narrador é total — mesmo quando conta, como de um outro que porventura o era, as aventuras de António de Faria. Mas o que

mais importa é talvez a qualidade dela. Não é, está bem de ver, num personagem de que se chega a evocar a essência «pícara», a do cavaleiro, com o que tal comporta de missão simbólica, mas é a de peregrino para quem todos os lugares e todos os acontecimentos são — na sua realidade escrita — ocasião de prova e de provação.

Esta Peregrinação — que como todas as grandes obras encontrou o título que a resume — é realmente uma peregrinação, como a de Bunyan, mas carnal, violenta, triste, cruel, viva, terrestre-celeste e não celeste. Nada justifica que se não tomem à letra os propósitos do autor de contar a sua vida aventurosa não só para salvar a sua memória terrestre cheia de maravilhas e horrores, mas para salvar uma alma para quem esta peregrinação foi uma sucessão miraculosa de quedas e salvações.

O seu temperamento e porventura as suas ideias não lhe permitiram continuar na Companhia de Jesus onde, para lá do meio da vida, um momento de paixão, frequente ao tempo, o atirara, mas a necessidade de salvação, ou, se se prefere, de justificação através da sua verdade — verdade quase sempre atroz — explica mais do que qualquer outra intenção o relato estranho da Peregrinação. A obediência, como o observa com justeza Jaime Cortesão, não era o seu forte. Mas no confinamento dos seus derradeiros anos, numa pátria decaída, longe do teatro do seu destino, sem dúvida mais irreal e enigmático ainda sob o céu limitado de Almada, o aventureiro-místico toma a pena para se flagelar e salvar. A flagelação, com o seu gosto equívoco, seria já um começo de salvação.

A Peregrinação não é uma sátira, é um penitencial. Mas não só dele, do «coitado de si», mas duma acção imperial oscilando sem cessar entre a fascinação infernal e omnipresente do ouro e o esplendor inverso e raro do único gesto

que a negava e de que Mendes Pinto sentiu por instantes a incomparável grandeza.

O aventureiro-penitente conserva ainda aos nossos olhos o enigmático recorte que o distingue dos arrependidos sem envergadura que regressam a uma devoção tão conformista e conformada como a antiga vida. Fernão Mendes Pinto, sob a máscara do «pobre de mim» era uma alma forte, amiga dos extremos. Não é daqueles a quem o ideal de um retiro tranquilo ou de uma confissão em regra baste para apaziguar a tormenta em que a sua vida foi embalada. Uma vez na vida sabemos que se lançou aos pés do padre--mestre Belchior e outra que chorou lágrimas de fogo junto do cadáver de Francisco Xavier. Este aventureiro sem frio nos olhos nem na alma não dobra o joelho senão diante de maior do que ele, e tal é para Mendes Pinto «o homem de Deus». Diante de um Francisco Xavier ou de algum dos seus companheiros em que lhe foi dado tocar o sinal dessa verdade, dessa grandeza, desse excesso que marcam igualmente, mesmo com sinal oposto, a sua própria vida, Mendes Pinto volve-se «penitente». Não é um hipócrita, não toma por bom metal sonante a contrafacção viva que de ordinário lhe apresentavam como sendo a Religião. Ele é e ele sabe-se pecador, *mas não está disposto a receber lições de outros pecadores que nem têm como ele a consciência sempre desperta do contraste entre a lei do Cristo e o seu cumprimento.*

É esta configuração do seu espírito que permite ler numa óptica abusivamente moderna certas passagens da sua obra e ver nela não só uma intenção heterodoxa *como até não se sabe que espírito crítico no sentido relativista que faria dele um precursor de Montesquieu e de Voltaire. F. M. Pinto é talvez* heterodoxo *em relação à boa consciência espiritual comum à generalidade do catolicismo do seu tempo, mas não o é diante da sua* verdade *tal como a podia contemplar*

em figura de gente sob os traços do «servo de Deus», Francisco. Nem é por outro motivo que o nome do Santo — a não supor um manuseamento de toda a trama do relato — figura na portada da Peregrinação. *Essa referência é o segundo e luminoso pólo que orienta os dois propósitos que a tecem e escamoteando-o os comentadores mutilam a obra tal como existe. Sem essa referência é na verdade, se não plausível, ao menos tentador, ler a* Peregrinação *como se lêem as aventuras de Guzman de Alfarache. O título da* Peregrinação *é* duplo *e esquecê-lo é adulterar a intenção que nele se exprime:* «Peregrinaçam de Fernam Mendes Pinto. Em que da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio e ouvio no reyno da China, no da Tartaria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no do Pegu, no de Martavão, e em muytos outros muytos reynos e senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Ocidente ha muyto pouca ou nenhũa noticia... E no fim della trata brevemente de algũas cosas, e da morte do Santo Padre mestre Francisco Xavier, unica luz y resplandor daquellas partes do Oriente e Reytor nellas universal da Companhia de Iesus.» *Apagar esta* única luz e resplendor daquelas partes do Oriente *é perder a que o autor (ou alguém por ele) nos oferece de graça e o texto não desmente, por uma outra que não é, sem dúvida, mais que a dos nossos preconceitos de espíritos críticos modernos, num sentido em que M. Pinto o não foi, e certamente o não podia ser.*

Contudo, é esta luz extramoderna, que os exegetas nos oferecem, ao ver na Peregrinação *uma atitude que segundo eles se encontraria na mesma linha ilustrada mais tarde pelos Bayle, os Montesquieu, os Voltaire, os Volney, ao descobrir na «matéria do Oriente» ocasião para pôr a Cultura Ocidental, sobretudo enquanto* cultura cristã, *em contradição consigo mesmo. Ou ainda melhor, pois disto já muita gente se havia apercebido: seria a denúncia radical*

da mesma Cultura enquanto cultura mais alta, mais avançada, política, social e até materialmente. Para isso F. M. Pinto ter-se-ia servido, como eles, mas antes de todos, daquilo a que Jaime Cortesão chama a crítica indirecta[1], *quer dizer, por pessoa ou civilização interposta. Aliás, procedendo assim, Mendes Pinto teria sido não só o precursor desse famoso* relativismo *cultural ilustrado por Montesquieu e Voltaire mas também o exemplar acabado do famigerado* humanismo universalita português. *Entenda-se por isso a aptidão única de se despossuir da sua particularidade para existir sem complexos com todas as raças e culturas que o destino ou ele mesmo puseram no seu caminho. Jaime Cortesão nem cuida até de saber se esse tal* relativismo *com que ele gratifica Mendes Pinto é compatível com o famoso* humanismo universalista. *Apresenta-no-los a par «ad majorem gloriam portugalorum». Assim ganhamos nos dois tabuleiros: somos os mais lúcidos dos europeus, ao ter consciência antes dos outros de que somos* casos culturais *e ao mesmo tempo somos os mais* universalistas *por sermos os mais aptos a perder o nosso estatuto de singularidade e a convertermo--nos em* não importa quem, *chineses na China, índios no Brasil, mandingas na Guiné. Através dos Portugueses — e tal é a única ideia de Jaime Cortesão — a barreira das* raças e dos povos *(sobretudo das «raças»...) cai e Portugal assume a sua figura mítica de Mediador universal, de Menino-Jesus--entre-as-nações.*

Quem não se alegrará com tão fulgurante destino? Como todas as mitologias, aquela de que Jaime Cortesão é o mais alto representante (e que tem em Agostinho da Silva a sua tradução mística) não se constituiu sem «razões». Entendemos por isso não só as subjectivas que se enraízam na nossa história e nas relações mais ou menos esquizofrénicas que nós entretemos com ela, mas as objectivas *sem as quais as primeiras não passariam de elocubrações e subprodutos da patologia nacionalista. Na realidade, os Portugueses desempenharam esse papel* mediador *com uma amplitude e quase* sob *a forma de «emprego nacional» numa época crucial da humanidade e é natural que ficassem marcados por ele. Não o desempenharam menos venezianos, maiorquinos, malteses e mais tarde franceses, holandeses, ingleses, quer dizer a Europa conquistadora e comerciante de que fomos durante cem anos ferro-de-lança com os espanhóis e nostálgicos sobreviventes. A única questão é a de saber se esse papel teve sòmente não só o carácter* positivo *que Jaime Cortesão lhe atribui sem pestanejar e se essa positividade é de tal natureza que permita que nos atribuamos a título colectivo e privado um* humanismo universalista *cuja primeira consequência seria justamente a de nos estabelecer numa excelência e num particularismo que nos excluiria desse místico universalismo...*

A Peregrinação *lida na sua literalidade e totalidade é realmente um texto-chave e uma contribuição capital para a nossa imagologia. Mais precioso que esse «humanismo universalista» que nós exprimiríamos por direito divino e não se vê em que consista — é de outra natureza a atitude de Jean de Lévy, de Las Casas, de Acosta, de Sahagun? — é o seu desbordamento de humanidade, a curiosidade e o apetite infatigáveis de riqueza e coisas novas, o à-vontade aventuroso que nem aventura é, como o não eram os de Valdívia, de Cabeza de Vaca, de Orellana ou dos missionários ou agentes mais ou menos secretos que desde Marco Pólo começaram a cruzar e a humanizar um planeta que mal sabia que o era. A sua aceitação e compreensão do mais insólito ou estranho é prodigiosa, mas não é única. Cada europeu que então, e já antes, ia em demanda de terras*

[1] *A. José Saraiva emprega a mesma expressão. A quem pertence? De resto as duas interpretações (A. J. S. e C.) sobrepõem-se.*

longínquas parecia disposto a aceitar o inverosímil que sob outras formas já aceitava em casa. A ductilidade desses homens de aventura, negócio ou missão é imensa. O preconceito nacional e ainda menos o vício embrutecedor do nacionalismo mal existiam. No Oriente a única qualidade que os portugueses reivindicam e que os marca, como aos outros europeus, é a de cristãos. Na Peregrinação os limites da tolerância acabam, como nos Lusíadas, logo que se fala de mouros. O «cristão» é o antimouro e vice-versa. Mendes Pinto partilha esta opção, o que já limita muito o tal «humanismo universalista» de Jaime Cortesão. Mas o maior contra-senso na exegese da Peregrinação e na leitura desse «humanismo» que não há que negar embora sem lhe atribuir uma especificidade e um sentido que não tem nem podia ter, é o de supor que tal universalismo resulta de não sei que atitude crítica em relação ao próprio Cristianismo. Em suma, que a lucidez e a célebre crítica indirecta seriam pré-voltairianamente as de alguém que assume uma consciência satírica em relação aos valores e crenças que estruturam a visão católica do mundo. Não há absurdo maior. O único universalismo (anteriormente ao racionalista que nunca foi de nossa lavra) que habita gente tão diversa como um Las Casas, um Oviedo, Diogo do Couto, Mendes Pinto ou Ercilla é o do mesmo Cristianismo. É ele que se institui então em má-consciência de uma civilização que começa a afastar-se concretamente de um ideal de vida ainda pouco dominado pelo dinheiro. O Cristianismo do século XVI é um cristianismo que «foge» da Europa onde já não é viável senão como contrafacção ou contradição insanável, para tentar «nova vida» nos sertões do Brasil, no Peru, no Oriente, na África. A dupla linha da Companhia materializa essa ruptura: educadores da Europa colonizadora e defensores dos índios colonizados e votados ao extermínio... Tomado a sério, o Cristianismo era a perpétua e intolerável «crítica» do que a nova civilização de que nós

éramos os arautos pouco conscientes representava. O Ocidente começou desde então a viver em dois planos [2]: o D. Quijote é a expressão imortal desta divisão que é menos eterna do que histórica. A vida e a obra de Mendes Pinto estão entrançadas na mesma contradição brutal e invisível para os seus actores: de um lado o Ouro do outro o Cristo. O que há de genial e perturbador na Peregrinação é a espécie de inocência prodigiosa com que o autor vive e relembra a sua errada vida de representante típico da nova idade do proveito, do proveito rápido. Mas foi muito comum na Península. Encontramos-lhe o rasto até Calderon: inúmeros heróis, como na vida, que um golpe da fortuna precipita de súbito de uma vida de abominações ardentes em não menos ardentes conversões. D. João está entre eles. É um convertido à força.

Num cenário de mais vastas proporções, com mudanças à vista, sem cessar balançado entre «a miséria e o fulgor» do Oriente, em meio de costumes, leis, religiões que parecem criticar-se uns aos outros, tal como D. João entre os múltiplos amores e infinitas seduções, o homem Mendes Pinto sucumbe e sucumbe com uma espécie de frenesi que se assemelha a uma salvação. Mas não é um cínico, nem um libertino: não é, para nossa felicidade, um «homem de ideias». É um homem de experiência, um observador magistral, um coração endurecido mas sensível, com boa dose de complacência por si mesmo, mas a quem o instinto da verdade ou da simples veracidade não abandonam. Para a encontrar ou para a recobrar a seu modo, para «mudar de vida» extraindo dela o gostoso e envenenado suco que só

---

[2] J. Cortesão antevê a questão na parte final do seu ensaio que introduz tópicos pouco harmonizáveis com a sua tese central.

ela possui, escreverá A Peregrinação. *A sua, bem entendido, mas também a nossa, de portugueses, confrontados com a miragem do Oriente sem poder esquecer o Ocidente pelo qual a buscámos.*

Nice, 1 de Março de 1971

EDUARDO LOURENÇO

marginais

Pedem-me: um depoimento sobre a Peregrinação *de Fernão Mendes Pinto. Abro, no primeiro volume da (excelente) versão de Maria Alberta Menéres, as páginas que reconstituem a «peregrinação de Fernão Mendes Pinto», segundo o Visconde de Lagos. Sigo com o olhar, e, depois, perdido, estonteado, com a ponta da lapiseira — itinerários, seguros, inseguros. No ano passado, neste mês de Março, estava eu em Aix-en-Provence, a trinta e tal quilómetros de Marselha.*

Sinto a desvantagem.

Não será isso que impedirá esta nova partida: peregrinar, indeciso, por entre palavras. Mas o prazer da leitura, a descoberta sempre encantada de pequenas frases suspensas («quando veio o outro dia, pela manhã, dois da conta dos nove amanheceram mortos, um de nome Nuno Delgado, e outro André Borges...» ou «Mas já, senhor meu, que eu de casa de meu pai até aqui te vim buscar, vem tu daí donde estás a esta embarcação onde eu já não estou, porque só em te ver me posso eu ver, mas com me não veres na escuridão desta noite, não sei se na brancura da manhã me poderás enxergar entre os vivos»), mas tal prazer, dizia eu, logo é travado pela dificuldade da tarefa que me foi pedida: falar da Peregrinação *em poucas páginas, dar uma*

notícia correcta do alvoroço e da emoção que do seu conhecimento resultam, é trabalho arriscado, porque o essencial, as linhas profundas, os motivos centrais, tudo isso foi já exemplarmente enunciado por outros, e tentar ir mais além exigiria outro espaço e outro tempo de leitura. Os esquemas preliminares de abordagem do texto foram já definidos, e só uma nova análise minuciosa e ponderada estaria apta a alterar a generalidade desses pontos de vista: seria preciso fazer uma aproximação estatística do vocabulário, desmontar as estruturas sintácticas, enveredar pela enunciação das articulações narrativas e pelas regras da sua combinatória.

A simples indicação de tal programa basta para fazer avultar os perigos da empresa e os cuidados de que ela se deverá revestir.

Talvez seja útil fazer um balanço de um certo saber provisório que neste momento se considera adquirido (António José Saraiva, por exemplo):

1. *Carácter picaresco; desenho de um anti-herói; sentido crítico desta atitude.*

2. *Quase total diluição do sujeito da enunciação no sujeito do enunciado.*

3. *António de Faria será Fernão Mendes Pinto? — hipótese que me ficou duma primeira leitura adolescente da versão organizada por Aquilino Ribeiro.*

4. *Visão (premeditadamente?) ingénua dos acontecimentos; crítica severa (involuntária?) do comportamento dos portugueses.*

5. *Utilização do exótico como instrumento de crítica social. A descrição exótica é levada a um extremo tal que se converte em proposta de utopia — utopia política, social, religiosa.*

6. *Concepção (algo implícita) de um Deus que se situa acima da pluralidade das religiões e dos rituais.*

7. *Riqueza psicológica das figuras.*

8. *A descrição é feita dum ponto de vista utilitário. A paisagem não chega a existir como paisagem, contemplação despreocupada. Os elementos descritivos fazem parte duma manobra prática muito concreta, e com interesses definidos.*

9. *Obsessão numérica.*

10. *Exagero, desmesura, mentira: «Mentes? Minto».*

11. *Grande apuro na arte de narrar episódios breves.*

12. *Sentido teatral das situações.*

Aqui será necessário parar. Haveria ainda um certo número de considerações estilísticas a fazer (estrutura da frase, técnicas de adjectivação, articulação dos vários planos narrativos, tipos de imagens, comparações e metáforas, etc.). Mas entramos aqui numa fase particularmente penosa da análise: o texto aparece-nos como uma extensa superfície lisa que se desenvolve por um processo de autodinamismo cuja extensão e força poderiam ser ilimitadas. O texto promove-se como uma gigantesca máquina de produzir palavras e, aí, lugares, gentes e dramas. O narrador conta, mas conta em transbordantes descrições apenas o essencial do essencial, esquecendo ou deixando de lado o que poderia ser o pormenor, ou ainda o pormenor do pormenor. O narrador resume. Assim, lemos: «De maneira que, para evitar a proli xidade e não me deter nas particularidades deste caso, digo

que...». Nestes saltos da narrativa, sentimos abrir-se um súbito espaço do ilimitado. O que nos recorda (aproximar Fernão Mendes Pinto e Borges é o gesto mais natural deste mundo) a observação que, segundo Jorge Luís Borges, Letizia Alvarez de Toledo fez à sua Biblioteca de Babel: «Bastaria, em última instância, um só volume, de formato vulgar, impresso em corpo nove ou em corpo dez, e compreendendo um número infinito de folhas cada vez mais finas. (Cavalieri, no começo de séc. XVII, via em cada corpo sólido a sobreposição de um número infinito de planos.) A manipulação deste vade-mécum não seria fácil: cada folha aparente desdobrar-se-ia noutras; a inconcebível página central não teria reverso».

O livro de Fernão Mendes Pinto dá-nos esta experiência vertiginosa da proliferação: cada acontecimento é um nó de múltiplos acontecimentos que se vão tecendo num espaço infinito. O liso tecido do texto aparece-nos agora rasgado por inúmeras fendas. Experiência do interminável.

Tentemos uma hipótese forte, excessiva, insuportável, para abrir mais radicalmente o texto. E se o texto tivesse um certo vazio nuclear, uma certa omissão irradiante? Se houvesse, nesta proliferação de coisas ditas e reditas, um não--dito, um inter-dito, que, nesse lugar determinante e excêntrico, as projectasse, as movesse, as trabalhasse em configuração de texto?

O que impressiona na obra de Fernão Mendes Pinto é a aceleração dos acontecimentos, como se da acumulação de acções resultasse uma certa neutralização dos efeitos espectaculares ou trágicos que seriam de esperar: num só período, há naufrágios, mortes, crimes, prisões, suplícios, leilões, roubos e choros. Poderíamos supor que qualquer destes eventos justificaria a demora de muitas palavras, mas a cadeia do discurso, encadeando-nos, força-nos a prosseguir infatigàvelmente. A violência e o excesso desta prosa surgem-nos no ritmo oral e veloz: como se fugisse. Falava como se fugisse. Assim contava.

Observe-se que há uma não-história, rigorosamente contornada, na origem de todas as histórias, tantas, da Peregrinação: *«A tenção deste meu tio não teve o sucesso que ele imaginava, antes o teve muito diferente, porque havendo ano e meio, pouco mais ou menos, que eu estava ao serviço desta senhora, me sucedeu um caso que pôs a vida em tanto risco que para a poder salvar me vi forçado a sair naquela mesma hora de casa, fugindo com a maior pressa que pude. E indo eu assim tão desatinado com o grande medo que me levava que não sabia por onde ia, como quem vira a morte diante dos olhos e a cada passo cuidava que a tinha comigo, fui ter ao cais de pedra onde achei uma caravela de Alfama que ia com cavalos e fato de um fidalgo para Setúbal, onde naquele tempo estava El-Rei D. João III, que santa glória haja, com toda a corte, por causa da peste que então havia em muitos lugares do Reino: nesta caravela me embarquei eu, e ela partiu logo.»*

Embarque, partida: a pressa de contar. Tentemos a hipótese forte: «como quem vira a morte diante dos olhos e a cada passo cuidava que a tinha comigo» — será a omissão do sexual (na sua relação com o sujeito da enunciação), será a figura inaugural da castração, morte primeira que nenhuma violência apaga?

A análise da Peregrinação *é feita muitas vezes em termos de verdade ou de mentira. Concede-se, aceita-se a grande margem de fantasia que existe no texto de Fernão Mendes Pinto. Mas verifica-se que se trata de um livro com enorme valor documental (ele é a outra face duma certa sublimação histórica) e pode-se muitas vezes encontrar a referência*

efectiva a que corresponde a narração de determinada aventura.

Suponho que a questão não está em encontrar a verdade do texto na sua adequação (ou inadequação) à realidade. Interessa-nos tentar o movimento oposto, e ver até que ponto o texto se define pelo seu excesso em relação à realidade, mas que esse excesso não é margem de fantasia, mas afirmação de uma distância irredutível: da realidade do texto.

Essa afirmação é certamente um dos eixos que explicam o prazer da nossa leitura. Não é só a alegria de vermos grandes acções a multiplicarem-se perante a nossa inacção de leitores, acções que se situam no outro hemisfério da nossa existência, acções que apenas se formaram, em constelações insistentes, no universo do nosso imaginário: corsários e templos, sangue e comércio, tesouros e suplícios. Todo esse mundo que nos é radicalmente estranho e alheio se agita com uma energia surpreendente. Mas é também o saborear dum tecido verbal que se empolga na própria diversificação do seu vocabulário, até ao limite em que as palavras não representam já coisa alguma, mas agem, interagem no espaço do texto: «Pérola santa congelada na ostra maior do mais fundo das águas; estrela esmaltada de raios de fogo; madeixa de cabelos dourados entretecida em capela de rosas, cujos pés de tua grandeza se aposentam no principal de nossas cabeças como rubi de jóia sem preço...». É todo um Oriente verbal que vai emergindo,

«Orient, Orient vainqueur, toi qui n'as qu'une valeur de symbole, dispose de moi, Orient de colère et de perles! Aussi bien que dans la coulée d'une phrase que dans le vent mystérieux d'un jazz, accorde-moi de reconnaître tes moyens dans les prochaines Révolutions. Toi qui es l'image rayonnante de ma dépossession, Orient, bel oiseau de proie et d'innocense, je t'implore du fond du royaume des ombres! Inspire-toi, que je sois celui qui n'a plus d'ombre.» (André Breton.)

O texto de Fernão Mendes Pinto parte deste princípio: a realidade é escassa. É preciso recolher o que no dinamismo criador da linguagem nos surge como excesso dela: a realidade é o que se move nas linhas do desejo, é o inacessível Império da China: «E enfim, por não me deter em particularizar todas as coisas que aqui se acham nesta cidade, porque será não poder dar fim a esta história, *direi sòmente* que não há aí coisa de quantas na terra se possam pedir nem desejar que nestas embarcações se não achem *por este tempo, em muito maior quantidade do que tenho dito.»*

As linhas do desejo, margens do texto. Brecht: «Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. / Mas ninguém diz violentas / As margens que o comprimem.»

EDUARDO PRADO COELHO

Peregrinação aos lugares selectos

Que seria do ocidente sem Portugal? E que seria da literatura ocidental sem mestres da envergadura de Fernão Mendes Pinto, humanista distinto, missionário dedicado à nobre causa de levar a doutrina de Cristo às distântes paragens? A tarefa que, no nosso século, Malraux e Pearl Buck se impuseram ao tentar aproximar os hemisférios, tal tarefa foi, no século de ouro, a do grande navegador e pacificador, auxiliado pela isenta administração portuguesa e pela veneranda Companhia, por sua vez auxiliada pelas riquezas doadas por Fernão Mendes Pinto.

Ora foram jesuítas regressados da China em 1729 quem em Roma contaria a Montesquieu as ciclópicas proezas orientais por nós orientadas, as quais iriam inflamar as imaginações infelizmente subversivas dos escritores da época. Voltaire levou a heresia ao ponto de traduzir a versão latina dum Catecismo Chinês, do renegado jesuíta P. Fouquet, e de afirmar no seu nada filosófico «Dicionário Filosófico» que a constituição da China é a melhor do mundo, exagero evidentemente plagiado do nosso vagamundo e hoje ainda partilhado por parte da menos esclarecida juventude lusíada (da juventude estrangeira nem falemos, corrompida como está pela nefasta trindade: droga, sexo, livrepensamento).

Ora seria possível que Voltaire (ateu fanático mas informado) não conhecesse a Peregrinação, vertida que foi para inglês em 1625, para francês em 1628, para holandês em 1671, para alemão em 1747, tudo línguas que Voltaire entendia decerto, uma vez que viveu em Inglaterra de 1726 a 28, esteve em Berlim primeiro em 1743, depois de 1750 a 53, enfim se instalou no palácio do eleitor palatino de Schwetzingen em 1758? Se Voltaire não conhecera o nosso magno livro, como se lembraria de escrever sistemáticos romances e contos de viagem, Bildungsromane em que anos de aprendizagem se confundem com anos de viagem?

Que dizer do (por antífrase) Divino Marquês, que nas extensas aventuras de «Aline e Valcour» deixou bem clara a maior homenagem já prestada por qualquer estrangeiro aos lusos lúcidos heróis do Ultramar? Que dizer da astúcia do destino (que Hegel designa pela sibilina List) ditando ao celerado autor (Sade) uma obra «escrita na Bastilha um ano antes da revolução de França» e em que vemos a jovem Léonore, pela honrada ajuda de Dom Gaspar, português das colónias de Zanguébar (aliás Zanzibar) e sobrinho do cônsul português em Alexandria, sair salva e sã da perversa cidade, passar ao reino do Monomotapa e daí até Tété (aliás Tete) onde se negociava «a reunião desta colónia com a de Benguelé por meio de terras e de um estabelecimento no reino de Butua. O Gabinete de Lisboa, sempre ocupado por este plano, proposto pelo conde de Souza, não cessava de excitar as duas colónias a juntar-se»... Esqueçamos a imagem doentiamente erótica do autor, para destacarmos o louvável facto de um francês estar assim a par das questões portuguesas de além-mar e de além-disso demonstrar a inteireza dos portugueses que aí lutam e trabucam, de que é excelente exemplo Dom Gaspar. Já a mesma rectidão nem sempre a encontramos em Lisboa, onde Léonore, partida de Benguelé (aliás Benguela) sete semanas antes, chega a bom porto graças à

eficiência dos transportes trágico-marítimos portugueses. Aqui a espera o pior, só um milagre lhe permitindo sair «intacta das mãos dum jovem português, dum velho alcaide de Lisboa, dos quatro maiores debochados desta cidade»...

Outra personagem do mesmo romance, Sainville, marido apaixonado da honesta Léonore, rende rasgado preito à velha capacidade de adaptação (digo: de aculturação) dos portugueses. Ei-lo que por sua vez vai parar ao «reino de Butua, habitado por antropófagos», onde «os Portugueses não tinham ainda penetrado, apesar do desejo que tinham de conquistá-lo, para estabelecer aí o fio de comunicação entre a sua colónia de Benguelé e a que têm em Zimbaoé, perto do Zanguebar e do Monomotapa... o reino de Butua... estendia-se por um lado, para o sul, até à fronteira dos Hotentotes... ao norte... até ao reino de Monoemugui; toca os montes Lupata, para oriente, e confina, a ocidente, com os Jagas; tudo isto, numa extensão tão considerável como Portugal... Os Portugueses desejam ser donos deste reino, a fim de que as suas colónias possam dar-se a mão duma à outra costa, e que nada, de Moçambique a Benguelé, possa parar o seu comércio». E quem encontra Sainville no tenebroso reino? Um português, Sarmiento, «exilado da costa de África por malversações nas minas de diamantes do Rio-Janeiro, de que era intendente», agora prisioneiro do príncipe Ben Mâacoro e encarregado de delicada incumbência: «De todas as partes deste reino... chegam cada mês tributos de mulheres para o monarca» e Sarmiento, conhecedor do assunto como bom português, é o inspector, censor e selector do harém. Pois mesmo encarregado de suspeito trabalho e convertido embora aos hábitos poligâmico-pederásticos do lugar, o nosso Sarmiento não se esquecia de rezar antes das refeições, aliás antropófagas, o seu «Bénédicité» «(pois a superstição não abandona nunca um Português)». Pelo que Sainville, num instante de exaltada irreflexão, o acusa de que «nem nesta mistura de

superstição e crime, quiseste disfarçar a tua nação» e conclui, errónea-injustamente, que «te teria conhecido sem que te nomeasses». Quando Sainville se recusa a comer carne humana, Sarmiento, «o Europeu canibalizado», defende-se sàbiamente: «Em Lisboa talvez eu tivesse feito como tu. Em Butua faço como os negros...».

Não é de estranhar que a inveja das grandes potências pelo (V?) Império Português tenha visto com maus olhos a justiça que nos é feita pelo Marquês, e assim o livro foi pela corte real de Paris condenado à destruição em 1815. O que vale é que a tais injúrias estamos habituados. O futuro se encarregará de pôr o mundo ao nosso lado. «Em Butua faço como os negros...» Eis a lição de Fernão Mendes, claramente escutada pelo Marquês ao longo das viagens fora e dentro de si mesmo. Eis a célebre plurirracial razão que nos assiste, portugueses!

Por hoje aqui paramos, prometendo em próximas peregrinações levar avante estes Lugares Selectos. Mas convém não esquecer: que seria de Montesquieu, de Sade, de Voltaire, de muitos outros contadores de viagens, sem o imenso exemplo de Fernão Mendes? Que seria, repito, sem nós o ocidente, que decadente ou não, sempre será o ocidente, que tentado ou não por regiões remotas, será sempre ocidente?

ALMEIDA FARIA

um monumento de realismo histórico

O testemunho de leitura da Peregrinação, *que procuraremos destacar nas considerações que se seguem, não tem naturalmente a pretensão de abarcar as numerosíssimas e tão ricas facetas literárias, humanas, sociais, ideológicas e mesmo económicas que a obra fornece.*

Procurará ùnicamente tomar um feixe de aspectos ligados ao significado central de informação e esclarecimento histórico acerca das sociedades do Extremo Oriente por meados do Século de Quinhentos e sobretudo da sociedade portuguesa da mesma altura. Efectivamente, embora quase todos os duzentos e vinte seis capítulos da Peregrinação *sejam dedicados à descrição de aspectos ou de acontecimentos passados na Península Indochinesa, na Tailândia (Sião), na Índia, na China, no Japão e em outras terras desta parte do mundo que o autor calcorriou em condições tão difíceis, o certo é que, através do prisma de visão de FERNÃO MENDES PINTO, da sua acção pessoal ou doutros portugueses, fossem mercadores, soldados, marinheiros, corsários, ou fossem administradores dos enclaves portugueses — quase sempre, aliás, «doublés» de aventureiros —, é bem mais aquilo que se capta acerca da sociedade nacional do que a propósito das nações orientais. Mas isto não quer dizer que escasseiem informações acerca destes povos; apesar da névoa*

de lendas, dos lapsos de memória do narrador, da utilização que ele faz com frequência dos personagens locais, para transmitir as suas observações críticas ou as suas intenções apologéticas, não há dúvida que muito se recolhe para o conhecimento das sociedades orientais de meados do século XVI.

Ora é precisamente sopesando todos estes aspectos que afirmamos constituir a Peregrinação um monumento de realismo histórico.

Tal qualificação não ignora evidentemente as suas circunstâncias sociais, políticas e ambientais, nem tão-pouco a ideologia do autor que inevitàvelmente se encontra sempre presente; semelhante condicionalismo concorre exactamente para tornar a Peregrinação a cristalização viva duma realidade histórica. Embora escrita de memória entre quarenta a vinte anos depois dos sucessos que descreve, com todas as consequências que isso comporta, como sucede com os sucessivos erros de datas, por vezes a introdução na narrativa de personagens isolados ou até de certas massas humanas que o autor nos dera como mortas alguns capítulos antes, fornece um extraordinário quadro das condições económicas, políticas, humanas e ideológicas da expansão ultramarina portuguesa do segundo para o terceiro quartel do século XVI, quando entrara já em acentuada crise [1].

[1] Os erros acima referidos, como é compreensível, são mais abundantes na indicação do dia da semana a que corresponde a data que assinala ou, já mais raramente, quanto a meses do ano e inclusive quanto ao ano preciso a que se reporta a narrativa. — Vejam-se por exemplo os capítulos 4, 12, 21, 39, 71, 79, 87, 100, 114, 123, 126, 184, 185, 188, 194, etc. E não faltam também, além doutros aspectos menores, uma ou outra indicação geográfica errada, como acontece no capítulo 88, não falando já nos exageros quantitativos (que encontramos a cada passo tanto a propósito de riquezas em ouro, prata e pedrarias, como nos volumes dos exércitos em movimento nessas paragens...).

A despeito de grande parte das suas descrições quanto à riqueza (ou pobreza) de cada região que ia percorrendo, da sua história remota ou próxima, de seus hábitos, costumes, religiões, vida social, e tantos, tantos outros aspectos resultarem por seu turno de narrações que lhe eram feitas (o que de resto em regra FERNÃO MENDES PINTO não omite); não obstante abundarem transcrições de discursos e de cartas (em certos casos com uma extensão nada pequena) de dezenas de personagens os mais variados, que, como é óbvio, o autor dificilmente poderia reproduzir com fidelidade volvidos tantos anos; posto que FERNÃO MENDES PINTO não hesite em transpor com frequência para as falas dos seus personagens, dos lugares e categorias mais diversas, as suas próprias maneiras de ver; pese embora a todas estas e por certo várias outras observações semelhantes que se poderiam fazer, a Peregrinação ergue-se diante de nós como um indiscutível monumento de realismo histórico.

Para o mostrar não vamos fazer a exegese crítica da obra a fim de sublinhar a verdade das referências a acontecimentos, pessoas, locais e ocasiões em que esses eventos se passaram ou esses indivíduos agiram, tarefa que cabe — e tem sido efectuada — por eruditos dedicados a este trabalho sem dúvida de interesse.

Colocamo-nos em vez disso no ângulo global do enquadramento histórico deste testemunho monumental duma época e da sua mentalidade, da sua psicologia colectiva, dum humanismo torturado e dum anti-humanismo implacável e brutal, para extrair algumas ilações de significado tanto geral como sistemático dentro dessa generalidade. É esta óptica que nos permite afirmar um realismo histórico perpassando por estas centenas de páginas. E é assim, em primeiro lugar, porque ao longo do texto FERNÃO MENDES PINTO legou-nos um grande afresco da actividade mercantil portuguesa no Extremo Oriente, bem como, subsidiàriamente,

da que era realizada pelas populações autóctones; marginalmente põe-nos ainda em contacto com as condições concretas em que os portugueses realizavam então o seu proselitismo religioso.

O que ressalta sob o aspecto mercantil é a sua realização alimentada por uma sede de lucro fácil e rápido, não se recuando perante quaisquer iniciativas mas revelando-se ao mesmo tempo altamente aleatório, sujeito a tudo perder-se quando parecia muito estar ganho, fosse pela fragilidade das condições de navegação, fosse pelas lutas duma concorrência armada implacável tão bem representada por piratas, corsários e príncipes locais ambiciosos. É por tudo isto que o comércio quinhentista no Extremo Oriente se não pode desligar dum aventureirismo «à outrance» manifestando-se em lutas selvagens e desumanas em que tanto eram pródigos portugueses como grande parte dos indivíduos das diversas etnias das nações desta região do mundo.

Em segundo lugar, porque do cadinho em que se misturaram a consciência social, a ideologia, a mentalidade do autor com o mundo que foi encontrar, aquela fundamentalmente resultante da sociedade portuguesa da primeira metade do século XVI *em que se formou (recordemos que ele nasceu por volta de 1510 e embarcou para a Índia na armada de cinco naus que largou de Lisboa em 11 de Março de 1537, tendo regressado ao ponto de partida em 22 de Setembro de 1558) posta em contacto através dum aventureirismo mercantil com sociedades muito diferentes, desse cadinho saltou aquilo que a tal propósito a* Peregrinação *nos patenteia: Um simplicismo psicológico e ideológico (que aliás segregava por certo uma autodefesa para sofrimentos repetidos e terríveis, ao fim dos quais as suas vítimas nada recebiam contra o sangue e lágrimas que perdiam) revelador duma situação histórica bem específica. Com efeito, se por um lado o autor logo nas primeiras páginas declara que*

passara trabalhos pela fé, algumas linhas adiante esclarece que foi a miséria em que vivia que o levou à decisão de ir tentar fortuna no Extremo Oriente, o que se vê de resto em cada passo da narrativa, onde se repete como umas das suas principais preocupações saber qual a riqueza da terra onde chegava e como o impressionavam quer as riquezas fabulosas e lendárias de que lhe davam conta, quer os próprios ritos e crenças religiosos mais estranhos que se lhe deparavam... [2]

Os evidentes exagero que MENDES PINTO aceita acriticamente e transmite sem a menor hesitação, especialmente quando quantifica riquezas e rendimentos senhoriais das terras e reinos por onde ia passando, ou a grandeza dos exércitos em luta, as mortandades de batalhas, chacinas e repressões, são outro testemunho impressivo da simplicidade psicológica e mental dos mercadores, marinheiros e aventureiros portugueses quinhentistas, não representando por certo caso único o do próprio autor.

Este simplicismo mais ressalta quando repetidas vezes nos fala de exércitos de centenas de milhares de homens (chega a falar num exército de 1 800 000 homens do rei da Tartária — capítulo 112 — e das perdas fabulosas que sofreu — 450 000 homens, 300 000 cavalos, além de 300 000 soldados das suas hostes que teriam desertado para o lado dos chineses, um exemplo entre muitos); ou quando, aqui e ali, narra os empenhamentos bélicos em que os portugueses se envolveram, muitas vezes com a sua participação, porque então a escala é trazida para o verosímil; basta recordar a di-

[2] Aliás, na carta que MENDES PINTO, então irmão da Companhia de Jesus, enviou aos irmãos em Lisboa a 5 de Dezembro de 1554, confessa a pequenez das suas ambições materiais — sentir-se-ia feliz se pudesse regressar a Montemor com 9000 ou 10 000 cruzados...

mensão das forças em presença no importante combate em que interveio para defesa de Malaca, contra a «grossa armada» que o rei do Achém enviara ao assalto deste entreposto português: compunham-na... 5000 combatentes em 60 fustas, opondo-lhes os portugueses, que viriam a triunfar, 9 fustas e 1 catur em que iriam umas escassas centenas de combatentes de que se perderam 26, entre os quais 5 portugueses [3]. E graças a esta magnífica vitória salvou-se Malaca.

Mas ao sublinhar estes aspectos psicológicos e mentais do aventureiro quinhentista português de que MENDES PINTO deixou um testemunho palpitante, em que a par da sua fragilidade humana, dos seus sofrimentos e medos as aventuras renovam-se sempre, impulsionado pela mola dum enriquecimento rápido sempre protelado, não é menos importante a faceta crítica em relação à sua própria sociedade. Este aspecto que não tem passado desapercebido aos estudiosos da Peregrinação é realmente revelador; por seu turno os processos de que o autor se socorre para os transmitir, defendendo-se da repressão (aliás não seria também por isso que só quis a publicação da obra depois da sua morte?), não são menos reveladores dessa realidade histórica portuguesa. A crítica à conduta anticristã dos salteadores portugueses, à contradição entre a sua acção e a moral que professavam, aparece repetidas vezes pela boca de «gentios», de personagens locais que increpam as violências dos portugueses; também as injustiças de reis e poderosos, da falta de recompensa para com os humildes que os

[3] *Para o documentar basta ler as respectivas passagens nos capítulos 41, 42, 57, 76, 77, 122, 140, 148 e 198, sem querermos ser exaustivos nesta referência. Conforme observou JAIME CORTESÃO, na diatribe que o autor põe na boca duma criança de 12 a 13 anos.... até aparece o ataque aos príncipes tiranos que reinam na terra... (reporta-se ao capítulo 55) — In* Fernão Mendes Pinto, *Volume VI das obras completas, páginas 168-169.*

servem e contra as injustiças sociais, transcorrem claramente quer do elogio da visão mítica e lendária da organização social chinesa, segundo FERNÃO MENDES PINTO, como, bem mais directamente, das considerações pessoais que coloca na boca ou nos escritos de personalidades locais.

Mas destes e de tantos outros aspectos que se poderiam mencionar, um aspecto geral sobressai, em que se manifesta com toda a clareza o realismo histórico que a Peregrinação espelha com uma evidência que tem tanto de terrível como de trágico.

Para lá das manifestações particulares desse quadro histórico objectivo que a obra nos transmite, como sucede com a peculiaridade ética reveladora da frouxidão da função repressiva do crime pela moral cristã dos portugueses quinhentistas, que só invocavam a fé nos momentos em que a sua vida ou a sua fazenda perigavam, mas nunca quando assaltavam, roubavam, chacinavam, como ressalta de tantas e tantas descrições das aventuras do nosso autor, sem excluir até a pouca eficácia da acção dum vulto moral como S. Francisco Xavier entre alguns destes aventureiros, para além de tudo isso o centro do testemunho histórico que importa colher diz respeito à trágica especificidade da essência humana histórica destes nossos antepassados!

Demonstrando que essa essência humana não é exterior à história, põe a nu a medida em que um condicionalismo socio-económico, ideológico e ético duma época criou uma tragédia de tamanha dimensão humana individual, FERNÃO MENDES PINTO é um exemplo e um símbolo.

Foi «treze vezes cativo, 16 vezes vendido» (declara o autor no primeiro e no último capítulo [4]) durante os vinte e um

[4] *«treze vezes cativo e dezassete cativo» consta do primeiro capítulo; do último, «treze vezes cativo e dezasseis vezes vendido».*

anos das suas aventuras. Mas isto dá uma pálida ideia dos seus sofrimentos, tais como resultam da narração que se espalha pelos duzentos e vinte e seis capítulos: cativeiros que somados atingem mais de dois ou três anos; durante algumas dessas prisões torturado (açoitado, passando fome e sede, acorrentado); tendo naufragado pelo menos umas oito vezes; tomando parte em pelo menos uns nove combates importantes e vertendo o seu sangue em alguns deles; sofrendo muitos outros padecimentos, sem excluir as pelejas em que se chegou a ver envolvido com compatriotas e companheiros de cativeiro, em resultado do desespero e sofrimentos (como o conflito violentíssimo entre eles surgido a propósito duma discussão tão fútil como aquela em que se meteram no sentido de saber qual das famílias dos Fonsecas ou dos Madureiras tinha melhor trato na corte do rei de Portugal...), este homem sem descanso (e como ele por certo milhares doutros ao longo do século XVI*), tremendo de medo em ocasiões de perigo mas lançando-se sempre na tentativa de refazer os seus lucros em aventuras dificílimas, é um exemplo que chega até nós a traços vivos e impressionantes da tragédia histórica destas gerações de portugueses!*

Fazer justiça a estas gerações é compreender isto mesmo, para se colher a lição das condições objectivas que explicam uma tão grande tragédia, em ordem a que se não possa reproduzir em qualquer escala que seja!

Fazer justiça a estes antepassados não é enaltecer irracionalmente a sua acção através duma posição de chauvinismo histórico inadmissível nos nossos dias. Nem tão-pouco, embora com a atenuante de sadia reacção contra as tendências absurdas desse chauvinismo, cair no irracionalismo contrário, ficando-se incapacitado para colher crítica e objectivamente a lição que, por detrás das lendas e absurdos, das utopias e erros espalhados pela Peregrinação, *se erguem não obstante como uma realidade indestrutível duma tão trágica dimensão histórica.*

Sim, eis aqui a grande lição que a leitura descomprometida, a leitura que consiga banir as diversões ideológicas que alimentam a sociedade de ontem e de hoje, nos fornece. Que colhamos as lições desta enorme tragédia humana; duma tragédia terrível, pelos ingentes sacrifícios, dores, sangue e insultos à dignidade elementar do homem (mesmo do homem datado, da época em que isto se passava) originada pelo entrecruzar de circunstâncias históricas que atiraram tantos portugueses para a aventura do Extremo Oriente; mas aventura terrível não só na dimensão dos que viveram e sofreram no seu sangue, na sua carne e no espírito essa tragédia. Terrível ainda pelos sacrifícios históricos que originou ao povo português no seu conjunto. Foi positiva na medida em que contribuiu poderosamente para se atingir uma etapa superior de desenvolvimento da humanidade, tanto quanto a mundialização das relações mercantis acelerou o surto do capitalismo, que por seu turno trouxe na fase ascendente um colossal enriquecimento material do homem, ou criando condições para a generalização posterior desse enriquecimento. Tratou-se porém dum avanço que a sociedade portuguesa pagou muito caro e que homens como FERNÃO MENDES PINTO pagaram por um preço exorbitante!

Sofrendo anos e anos a fio o viver medonho das suas aventuras para regressar — aqueles que conseguiam regressar — tão miseráveis de riquezas materiais como partiram e sòmente mais ricos por certo de desilusões e de amarguras, como pàlidamente MENDES PINTO nos diz nas últimas linhas da sua obra, eis um cruel destino histórico.

É à leitura comovida desta tragédia que actualmente o leitor consciente deverá proceder, colhendo a grande lição central

da realidade histórica que o autor legou às gerações futuras, uma lição objectivamente crítica, despida de qualquer chauvinismo ou antichauvinismo irracional e simples — a leitura humana e humanista, a única verdadeiramente patriótica porque racionalmente alicerçada.

ARMANDO CASTRO

uma verdade que ainda mexe

1

Muitos anos depois, Fernão Mendes Pinto lançou-se na mais fantástica peregrinação da sua vida! Não se tratava já de enfrentar os muitos e terríveis perigos de uma vida recheada de incidentes. Tratava-se de sacudir a memória; tratava-se de alquimicar o real vivido em imaginação viva; tratava-se da mais perigosa das aventuras: enfrentar o vazio com um discurso, vencer os obstáculos e a aridez das palavras, conferir ao rumor obscuro a imediata limpidez do significante.

2

Não se tratava de copiar outra vez o que já estava copiado nas rugas da biografia. Tratava-se efectivamente de criar (inventar por e nas palavras).

Isto, meus amigos, ainda hoje os nossos neo-realistas não percebem — ou, se percebem, não praticam, ou praticam como se vê. Mendes Pinto é assim um escritor moderno, moderníssimo: se nele algumas das palavras perderam o uso por causa dos hábitos sociais (linguísticos) dos vindouros, não se perdeu nele o uso sábio (criativo, original) das pa-

lavras. É ler aquele português e apreciar gulosamente (eròticamente, já agora) os mais belos planos-sequência de toda a lusa linguagem!

3

Creio que na sua peregrinação pelo discurso fora não ocorreu a Mendes Pinto fazer o que os escolásticos chamam estilo. Digamos que ele queria fazer história, contando aquelas histórias todas e tão esdrúxulas. Também por isso Fernão Mendes Pinto é um escritor moderno: nas tintas para os ademanes palacianos da linguagem (o pronto-a-vestir literato, no leviano e oportunista decurso das modas), marca com nervo e sonho o tempo e o lugar exacto do homem vivo, isto é: garante o bilhete de identidade da época e o passaporte para a história.

4

Dizem ou disseram os doutores realistos que o livro de Mendes Pinto não passa de uma exageração, de uma megalomania, de um acervo de aldrabices! Logo, não goza de verdade histórica!

Olhem que rica descoberta!

Vir aqui discutir se é verdade ou mentira o que Mendes Pinto narra como acontecimentos experimentados é vir discutir de novo o velho sexo dos anjos.

Claro que nem tem discussão: é verdade pura e simples! Estou a ver o escriba Mendes Pinto com a pena na mão a ofender o vazio da folha: o instante é grave («é sempre a vida que se arrisca quando se afirma» — António Maria Lisboa), grave de mais para nele caber uma simples questão de fac-símile da tal realidadezinha sem-tirar-nem-pôr

que os realistos tanto se esforçam por definir, encaixotar, legislar, impor única.

Então não havia de ser verdade? Então o discurso de Mendes Pinto não é em si mesmo autónomo, dispensando pois muito bem todos os efes e erres dessa tal coisa chata e amorfa que é a realidade dos doutores realistos?

A Peregrinação, meus amigos, é tão verdade que ainda mexe!

5

Ele há muitas e desvairadas formas de se viajar: porém, na literatura e assim ou assado, com ou sem recurso das viagens digamos físicas ou psíquicas efectuadas (as viagens do Fernão de Magalhães ou do Fernando Pessoa, do Jack London ou do Henri Michaux, de barco ou de L. S. D.), viaja-se realmente pelo espaço da folha a preencher. Já o disse atrás: é uma viagem tormentosa, poucos saem dela com vida. Não que se negue a capacidade aventureira, a audácia, a rica experiência acumulada de muito viajante: porém, não chega. A viagem chegou ali e parou. Daí encontrarem-se a pontapé livros de viagens que são menos que pó em seus caixões literários. Os viajantes talvez até nem fossem maus, como andarilhos. O discurso é que não andava.

Ora o discurso (a viagem) de Mendes Pinto é um discurso dinâmico.

Das razões escolares de tal dinamismo venha um linguista e fale. Tem matéria de sobra. Por mim, que sou leitor sem lápis na mão e para mais preguiçoso (há mais vidas), sempre direi que não me custa nada mergulhar naquelas frases longas e abundantes das mais variadas descrições (os tais planos-sequência) que imprimem à Peregrinação um ritmo

tenso e permanente. Quero dizer: no quentinho de estar a ler um clássico (dedico esta frase a Luiz Pacheco) envolvo-me sem fastio naquela ondulação rítmica, naquela grave e lenta respiração melódica, viajo também no seu discurso naïf e extravagante, de certo modo contido e superlativo, refaço-o e refaço-me como refaço a vida — montagem que julgo caótica mas sei-sinto ordenada de planos-sequência recheados de tudo quanto há, sem esquecer a memória dos espaços percorridos e a imaginação dos espaços a habitar. Afinal, esta constante proposta para a viagem de quem vive.

6

Pelo trajecto do seu discurso (se quiserem: da sua fala *— que é sempre coisa viva e* neste *momento), Mendes Pinto botou seu contributo, sua impressão digital, sua mensagem, seu veredicto na história, não diluindo (antes reforçando, carregando no significativo, inventando para o exemplar) os contrastes morais e sociais da época. Também neles me revejo, eu que sou outro e de outro tempo português.*

A história é assim: um discurso que viaja.

Por isso vem até mim a peregrinação de Fernão Mendes Pinto.

Em trânsito, estou sempre muito agradecido aos excessivamente poetas!

VITOR SILVA TAVARES

a «peregrinação» e a aventura do ocidente

Sou daqueles que muito admiram Mendes Pinto. Viajei pela Ásia mais largamente do que ele, de avião, bem entendido, e, graças ao Buda, sem ter conhecido os sofrimentos e infortunosas aventuras que ele narra na sua Peregrinação. *Aventuras várias tenho experimentado, e algumas tão estranhas que me tornam crível as extraordinárias narrações deste famoso peregrino. Mendes Pinto teve a pouca sorte de ter escrito num país de historicistas, e por isso a preocupação de verificar a veracidade dos seus relatos cedo surgiu, tendo frequentemente prevalecido sobre a verdadeira intenção e qualidade da obra, que é apenas de fazer a narração das mais aventurosas viagens e da mais variada e incerta vida até hoje contada.*

Como já havia feito Marco Pólo, Mendes Pinto não se contenta em contar os altos e baixos da sua vida de pirata, escravo, mercador, soldado, marinheiro, jesuíta, mendigo, embaixador e nababo, descreve as gentes, os costumes, religiões, acontecimentos dos países por onde divagou e até a sua flora e melhor ainda a sua fauna. Peregrinou pelo Oriente vinte e um anos, tendo partido para ali quando contava vinte e oito apenas. Só uma dúzia de anos depois de ter regressado a Portugal, de casar e assentar o espírito escreveu a Peregrinação.

Quanto teria sido escrito de notas, quanto de memória e de recordações falíveis, é impossível determinar. Nem mesmo é possível saber quanto a Censura e os jesuítas fizeram de cortes e alterações no texto que chegou até nós.

Nestas circunstâncias, a mim que não sou historiador, parece-me bem relativo o interesse daqueles que entre nós e no estrangeiro se têm minuciosamente preocupado em descobrir falhas e incoerências neste admirável livro de viagens. É querer impor-lhe uma qualidade histórica que o autor lhe não quis atribuir. A forma natural e despretensiosa com que tece a narração, numa linguagem imaginativa, cheia de cor e vivacidade, deveria afastar dos comentadores a preocupação da verificação histórica. A declaração de intenção de Mendes Pinto parece sincera: «esta rude e tosca escritura, que por herança deixo a meus filhos (porque só para eles é minha intenção escrevê-la) para que eles vejam nela estes meus trabalhos e perigos da vida que passei no discurso de vinte e um anos, em que fui treze vezes cativo e dezassete vendido nas partes da Índia, Etiópia, Arábia Feliz, China, Tartária, Macassar, Samatra e muitas outras Províncias daquele Oriental Arquipélago dos confins da Ásia»... Escrito muitos anos depois dos acontecimentos, é natural que haja inexactidões, sobretudo de datas e de lugares; baseadas muitas narrativas em mera outiva, é inevitável que haja erros e referências falsas, tanto mais que a vida errante do autor não lhe permitia consultar documentos ou arquivos que porventura existissem e muito menos aprender suficientemente as línguas para a leitura deles.

A mim, no entanto, o que me espanta é que, apesar daquelas deficiências exista um tão rico fundo genuíno de coisas reais e verdadeiras na narração deste irrequieto viajante. Por exemplo, foi feito por A. R. Wood um estudo erudito acerca dos acontecimentos do Sião narrados por Mendes Pinto (Selected Articles from the Siam Society Journal, vol. VII, 1959, Bangkok). As datas de Mendes Pinto estão todas erradas, de uns meses a dois ou três anos. Alguns nomes de reis não conferem, mas na maioria, embora difiram na grafia, soam semelhantes e são reconhecíveis.

O mesmo acontece com detalhes das descrições de Mendes Pinto quanto ao Japão. Sobre o nome do Senhor de Tanegashima, ilha onde primeiro desembarcaram os portugueses, «Nantoquim» (no capítulo 134 da primeira edição aparece seis vezes escrito com A e três com O, números que variam nas edições posteriores, segundo os eruditos que com tais migalhas se prendem) surgiu grande discussão entre estudiosos japoneses. Foi publicado um artigo na conceituada revista japonesa Chuo Koron de Março de 1928, por Wakaki Hayashi, publicado um artigo de Yoshitomo Okamoto e Abranches Pinto no Boletim da Sociedade Luso Japonesa de Junho de 1929, e ainda o livro Nanto Yokodem, de Tokihiko Nishimura a discutir o nome do senhor feudal que recebeu os portugueses. Todos confirmaram o nome Nantoquim, que é a verdadeira transliteração da escrita Kanji que dá a leitura «Tokitaka». Isto aparece confirmado pelo livro de Tokomo Michikami, Seihan Yashi, que já fora publicado em 1761. Mais uma vez se provou que Mendes Pinto tinha razão: Nantoquim está certo.

Não é porém meu propósito garantir aqui a veracidade de Mendes Pinto. Estou convencido de que no natural desejo de narrar a verdade humana das suas aventuras, se insere frequentemente a imaginação de um artista cheio de vivacidade e fantasia, amando a cor, a variedade, o inesperado do exotismo, o inebriante encanto de tudo que é desconhecido, o espanto do perigo, e no final se recolhe para reflectir na experiência vivida, no mistério do destino, na instabilidade da condição humana. «O que há de mais precioso na vida é a sua incerteza», escreveu o asceta japonês Kenko Yoshida. Mendes Pinto era da mesma opinião,

e é com calor que conta os vaivéns da sua vida mais fantástica ainda do que o livro que a descreve.

Eu creio que a verdade rigorosa prejudica um contar de aventuras; a verdade dos eruditos mata a fantasia, gela aquele ardor e loucura iluminada que abre à larga visão os grandes livros.

Existe uma verdade acima da verdade da narração histórica, aquela verdade que toca o fundo da condição humana. Isto explica que o número de historiadores cujo nome se lembra seja muito menor do que o dos grandes romancistas. A história viva e verdadeira do nosso século dezanove está mais em Eça do que em Oliveira Martins. Um dos livros mais belamente escritos sobre o Japão é o de Nikos Kazantzaki, apesar de enormidades como essa de afirmar que os portugueses cozeram os japoneses vivos em caldeirões de água a ferver, confusão evidente com o facto contrário de os japoneses terem lançado missionários portugueses vivos na água fervente dos vulcões.

Conheço grande parte da Ásia de Mendes Pinto. Alguma dela ainda a encontrei medieval e parecida àquela que descreve. Mendes Pinto, como muitos portugueses dos grandes tempos de Portugal, mostra-se fascinado pela Ásia. É o primeiro europeu a pintar vastas extensões da Ásia, humana e viva, com o conhecimento directo dos costumes, dos modos floridos de falar, das palavras raras, das cerimónias brilhantes, da opulência e da miséria, das maiores maravilhas do mundo ao lado das vulgaridades mais vis. A sua sensibilidade é vibrante e comunicativa, a sua observação aguda. Como escreveu já no fim da vida, o julgamento moral acompanha, a reflexão pondera a lição das experiências mais estranhas, da mais intensa vida vivida por um escritor.

A grandeza de Portugal fez-se na Ásia. Fez-se e sente-se hoje ainda. Nunca me senti tão profundamente português como na vasta confusão das grandes cidades asiáticas ou na austeridade pura das serras transmontanas. Na balbúrdia asiática, berrante de cores e exotismo, Mendes Pinto sentia mais a força das suas raízes lusíadas. A grandeza de Portugal na Ásia consiste na formidável obra de ter ligado, pela primeira vez na história, directamente, as civilizações do Oriente e do Ocidente. Repete-se hoje em todas as línguas que o maior problema do nosso tempo está na aproximação entre o Ocidente e o Oriente, e que aí está a salvação da nossa civilização.

Foi o Ocidente que foi ao Oriente levar-lhe os seus conhecimentos, descobertas e inquietações. Houve neste empreendimento sede de oiro, idealismo, rasgos de audácia, gosto de aventura, ânsia do desconhecido. Até hoje, não conheço livro onde palpite mais viva e humana a maior aventura do Ocidente — a maior aventura histórica do homem — do que na Peregrinação de Mendes Pinto.

ARMANDO MARTINS JANEIRA